



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA

JÉSSICA DOS ANJOS JANUARIO

**TRAJETÓRIAS ESPORTIVAS DAS MESTRES INTERNACIONAIS FEMININAS
BRASILEIRAS DE XADREZ: ENTRE A REPRODUÇÃO E A NÃO-REPRODUÇÃO**

Campinas

2024

JÉSSICA DOS ANJOS JANUARIO

**TRAJETÓRIAS ESPORTIVAS DAS MESTRES INTERNACIONAIS FEMININAS
BRASILEIRAS DE XADREZ: ENTRE A REPRODUÇÃO E A NÃO-REPRODUÇÃO**

Tese apresentada à Faculdade de Educação Física da
Universidade Estadual de Campinas como parte dos requisitos
exigidos para a obtenção do título de Doutora em Educação
Física na área de concentração Educação Física e Sociedade.

Orientador: Prof. Dr. Sérgio Settani Giglio

Coorientadora: Prof.^a Dr.^a Sílvia Cristina Franco Amaral

ESTE TRABALHO CORRESPONDE À VERSÃO
FINAL DA TESE DEFENDIDA PELA ALUNA
JÉSSICA DOS ANJOS JANUARIO E ORIENTADA
PELO PROF. DR. SÉRGIO SETTANI GIGLIO.

**Campinas
(2024)**

FICHA CATALOGRÁFICA

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca da Faculdade de Educação Física
Andréia da Silva Manzato - CRB 8/7292

Januário, Jéssica dos Anjos, 1992-
J268t Trajetórias esportivas das Mestres Internacionais Femininas brasileiras de xadrez : entre a reprodução e a não-reprodução / Jéssica dos Anjos Januário. – Campinas, SP : [s.n.], 2024.

Orientador: Sérgio Settani Giglio.
Coorientador: Sílvia Cristina Franco Amaral.
Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física.

1. Bourdieu, Pierre, 1930-2002. 2. Patrimônio cultural. 3. Xadrez. 4. Gênero. I. Giglio, Sérgio Settani. II. Amaral, Sílvia Cristina Franco. III. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação Física. IV. Título.

Informações Complementares

Título em outro idioma: Sporting trajectories of Brazilian Women's International Chess Masters : between reproduction and non-reproduction

Palavras-chave em inglês:

Bourdieu, Pierre, 1930-2002

Cultural property

Chess

Gender

Área de concentração: Educação Física e Sociedade

Titulação: Doutora em Educação Física

Banca examinadora:

Sérgio Settani Giglio [Orientador]

Wanderley Marchi Júnior

Débora Cristina Piotto

Juliano de Souza

Michel Nicolau Netto

Data de defesa: 24-05-2024

Programa de Pós-Graduação: Educação Física

Identificação e informações acadêmicas do(a) aluno(a)

- ORCID do autor: <https://orcid.org/0000-0002-6789-2520>

- Currículo Lattes do autor: <https://lattes.cnpq.br/7003098601091530>

FOLHA DE APROVAÇÃO

Banca examinadora da tese de doutorado:

Prof. Dr.: Wanderley Marchi Júnior

Instituição: Universidade Federal do Paraná (UFPR)

Prof.^a Dr.^a: Débora Cristina Piotto

Instituição: Universidade de São Paulo (USP)

Prof. Dr.: Juliano de Souza

Instituição: Universidade Estadual de Maringá (UEM)

Prof. Dr.: Michel Nicolau Netto

Instituição: Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)

Orientador:

Prof. Dr.: Sérgio Settani Giglio

Instituição: Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)

A ata da defesa com as respectivas assinaturas dos membros encontra-se no SIGA/Sistema de Fluxo de Dissertação/Tese e na Secretaria do Programa da Unidade.

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, pela vida e contínuos (re)nasceres

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. Sérgio Settani Giglio, meu orientador, e à Prof.^a Dr.^a Sílvia Cristina Franco Amaral, minha coorientadora, pelo acolhimento que tornou possível o findar da etapa de encerramento desta tese de doutorado. Por terem acreditado em mim e depositado confiança neste trabalho em equipe denso em tão pouco tempo, o meu muito obrigada.

Ao Prof. Dr. Renato Francisco Rodrigues Marques, meu orientador durante a etapa inicial deste doutorado, por ter me proporcionado o ingresso no programa e influência indelével em vários aspectos que conformaram a pesquisadora que sou hoje.

Ao Prof. Dr. Wanderley Marchi Júnior, Prof.^a Dr.^a Débora Cristina Piotto, Prof. Dr. Juliano de Souza e Prof. Dr. Michel Nicolau Netto, banca examinadora titular desta tese, não só pelos olhares e apontamentos que em muito subsidiaram este texto, mas por terem me acompanhado desde longa data com a disponibilidade e gentileza que lhes são praxe.

Aos colegas de Grupo de Estudos em Bourdieu (GEBU) pelos sempre instigantes encontros, sejam eles presenciais ou virtuais, que me proporcionaram uma nova perspectiva sobre o autor que tanto nos é caro. Aprendo, me formo e compartilho na convivência com vocês.

Aos colegas de Grupo de Estudos sobre Sucesso e Fracasso Escolar (GESSFE) pelas sempre animadas e engajadas reuniões. Perpassar o elo educacional com um coletivo tão comprometido tem sido sinônimo do acúmulo de memórias alegres e amizades de longa data.

Aos colegas do Grupo de Estudos e Pesquisa em Aspectos Socioculturais e Pedagógicos do Esporte (GEPESPE-RP) por serem base sedimentada da minha formação e pela continuidade do contato que extrapola os limites institucionais.

Às companheiras da Liga Brasileira de Xadrez Feminino (LBXF), em especial às pertencentes ao Núcleo de Pesquisa e Estudos Acadêmicos (NPEA), pelo coletivo potente e promissor na produção e divulgação de investigações relacionadas ao xadrez de mulheres.

Ao Rafael, amigo do campo enxadrístico e biológico que, tal qual no mestrado, me auxiliou de forma competente na confecção dos heredogramas sociais esboçados.

À Flávia, Giulia e Juliana pela amizade em tempos felizes e de dissabores que fazem parte deste trajeto. Ao Vitor e novamente à Flávia por compartilharem as viagens de Ribeirão Preto (SP) à Barão Geraldo (SP) que nos possibilitaram o curso de disciplinas, o acúmulo de novas experiências e o fortalecimento de vínculos entre nós.

À Juliana e ao Henrique pela gentil oferta de morada que me acolheu tantas vezes nas idas e vindas para a universidade e pelas reflexões sociológicas nestas ocasiões despertadas.

Às *Woman International Master (WIM)* brasileiras que generosamente comigo compartilharam as suas histórias de vida. Espero que este texto retribua um pouco da honra que foi para mim entrevistá-las, bem como as auxilie a mais adequadamente compreender a si mesmas. Em vocês, me inspiro!

À Universidade Virtual do Estado de São Paulo (UNIVESP) pelo fomento econômico ao longo de dois anos com o qual pude contar enquanto bolsista.

EPÍGRAFE

*“[...] Ou, se preferirmos, sem dúvidas
só teremos a chance de contribuir com
a ciência do poder se nos recursarmos
a fazer da ciência um instrumento de poder,
e primeiramente no universo da ciência [...].”*

(Pierre Bourdieu)

RESUMO

O esporte é um fenômeno sociocultural e, como tal, integra-se e transforma-se de acordo com a cultura e os costumes da sociedade em que se insere. Nela se estrutura, também a estruturando e, por ela, é estruturado. Na configuração contemporânea, assume elasticidade semântica e formas heterogêneas de manifestação. Interage com diversos campos sociais e constitui, ele próprio, o espaço relativamente autônomo em que concorrem normas, regras e capitais próprios do campo esportivo. Neste, por sua vez, se insere o subcampo esportivo do xadrez. No espaço de disputas do qual pertence esta prática, essencialmente meritocrático e cujo “dom” ou “talento” recebe quase sempre uma concepção substancialista, as relações entre a origem social dos indivíduos e a sua trajetória no esporte encontram-se, usualmente, ignoradas. Neste sentido, a posição e os trunfos anteriormente adquiridos pelos agentes, sobretudo o cultural, propiciariam o acúmulo de uma herança decisiva para o alcance do sucesso esportivo. Ao concretizar uma série de mecanismos de seleção e de classificação, o esporte – sobretudo em alto rendimento – efetuará, assim, a distinção entre os detentores do capital herdado e aqueles que não o possuem, reforçando diferenças culturais, sociais e econômicas relativas aos processos educacionais reprodutores desta herança. Deste modo, desvelar como se originam e constituem as disposições nas trajetórias esportivas da elite de atletas femininas brasileiras de xadrez faz-se questão relevante entre o alto rendimento desta modalidade. O objetivo deste estudo é investigar a origem e a constituição de disposições nas trajetórias esportivas da elite de atletas femininas brasileiras de xadrez. O referencial teórico-metodológico utilizado consiste na apropriação crítica da obra do sociólogo francês *Pierre Bourdieu*. A abordagem qualitativa de pesquisa é utilizada a fim de identificar e analisar em profundidade tal problemática. O grupo de participantes é composto pelas *Woman International Master (WIM)*, sendo este o título mais alto conquistado entre as enxadristas femininas brasileiras e, portanto, o delineamento considerado de alto rendimento nesta modalidade. Os dados foram produzidos por meio de entrevistas retrospectivas semiestruturadas e analisados por meio da Análise Temática Reflexiva. Enquanto principais resultados, tem-se que a elite de atletas femininas brasileiras de xadrez apresentou trajetórias esportivas estreitamente relacionadas com a sua origem social e constituição de disposições, operando o fenômeno das estratégias de reprodução e da não-reprodução da estrutura de distribuição principalmente do capital cultural pelo qual tiveram acesso por meio de distintas vias de transmissão, quer sejam elas hereditárias ou não. Entre os principais condicionantes das trajetórias analisadas, aponta-se a ambição, o mimetismo, a presença de modelos relacionados às socializações primárias e secundárias, as condições socioeconômicas, os afetos, o papel do meio e, por fim, a função do indivíduo. Em que os pese, não obstante é preciso lembrar que a maioria das participantes desta pesquisa é de herdeiras. A raridade das exceções ou de quem transitou ascendentemente entre as classes atesta a força da reprodução.

Palavras-chave: *Pierre Bourdieu*. Herança Cultural. Xadrez. Gênero.

ABSTRACT

Sport is a sociocultural phenomenon that integrates and transforms according to the customs of the society in which it operates. It both structures and is structured by society. In its contemporary configuration, it takes on various forms of manifestation. The sports field is a space where norms, rules, and capital specific to sports compete. It interacts with various social fields and constitutes a relatively autonomous space. The sports subfield of chess is included in this. In the realm of disputes related to meritocratic practices, the relationship between an individual's social background and their success in sports is often overlooked. It is important to consider how an individual's position and cultural assets can contribute to their ability to achieve success in sports. In the realm of disputes related to meritocratic practices, the relationship between an individual's social background and their success in sports is often overlooked. By implementing selection and classification mechanisms, particularly in high-performance sports, a distinction can be made between those who have inherited capital and those who have not. This reinforces cultural, social, and economic differences related to educational processes, making it more difficult for those without inherited capital to succeed. It is important to avoid perpetuating this cycle of inequality. Therefore, understanding the origins and development of the dispositions in the sporting trajectories of elite Brazilian female chess athletes is a crucial matter for the high performance of this sport. The aim of this study is to examine the development and composition of dispositions in the athletic careers of elite female chess players in Brazil. The theoretical and methodological framework utilized involves a critical analysis of the work of French sociologist *Pierre Bourdieu*. A qualitative research approach is employed to thoroughly investigate and analyze this issue. The participants in this study were *Woman International Masters (WIMs)*, the highest title achieved among Brazilian female chess players and considered to have high performance in this modality. The data were collected through semi-structured retrospective interviews and analyzed using Reflexive Thematic Analysis. The main results indicate that the elite Brazilian female chess athletes' sporting trajectories are closely related to their social origin and the formation of their dispositions. This operates through the phenomenon of reproduction strategies and non-reproduction of the distribution structure, mainly of cultural capital, to which they had access through different routes of transmission, whether hereditary or not. The analyzed trajectories are influenced by various factors, including ambition, mimicry, models from primary and secondary socialization, socioeconomic conditions, affections, the environment, and the individual's role. It is important to note that the majority of participants in this research are heirs. This rarity of exceptions or upward mobility between classes highlights the strength of social reproduction.

Keywords: *Pierre Bourdieu*. Cultural heritage. Chess. Gender.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	13
1. INTRODUÇÃO	17
2. MÉTODO.....	24
2.1. Delineamento teórico-metodológico.....	24
2.2. Grupo de participantes	25
2.3. Produção dos dados.....	26
2.4. Análise dos dados.....	29
2.4.1. Da Análise Temática à Análise Temática Reflexiva	29
2.4.1.1. Por onde seguir? A escolha entre as decisões disponíveis.....	35
2.4.1.2. Realizando: um guia passo-a-passo das fases	40
2.4.1.3. Potenciais armadilhas a serem evitadas em seu uso	49
2.4.1.4. O que faz uma boa análise?	52
3. REFERENCIAL TEÓRICO	54
3.1. <i>Pierre Bourdieu</i> : uma abordagem teórico-metodológica.....	54
3.2. A constituição do campo do esporte e do subcampo esportivo do xadrez.....	82
3.3. O gênero enquanto categoria analítica das desiguais relações de poder.....	119
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO	146
4.1. Tabelas socioeconômicas relativas às participantes e suas famílias	146
4.2. Heredogramas genealógicos sobre a incidência do xadrez.....	150
4.3. Sínteses das histórias de vida.....	154
4.3.1. WIM 1: entre pausas, vozes embargadas, dores, lutos e uma denúncia de assédio, a constatação de que “é difícil ser mulher, ser uma atleta é bem complicado”	154
4.3.2. WIM 2: a interdependência das instâncias socializadoras da escola e do projeto social na construção do <i>habitus</i> enxadrístico.....	159
4.3.3. WIM 3: o privilégio de uma estrutura familiar com a “força e o amor” possíveis quando se tem um pai como treinador	165
4.3.4. WIM 4: do volume de investimentos familiares aos anos ininterruptos como a melhor do país	173
4.3.5. WIM 5: a irmã mais nova de um fratria deveras vitoriosa.....	181
4.3.6. WIM 6: dos esforços e sacrifícios de uma rápida ascensão a uma recordista com suas ambivalentes contrapartidas.....	186

4.3.7.	WIM 7: sucessões de acasos, coincidências, dádivas ou conspirações?.....	195
4.3.8.	WIM 8: “abençoada pela capacidade inata do talento”	209
4.3.9.	WIM 9: a pioneira na obtenção do título entre as entrevistadas	216
4.3.10.	WIM 10: a atual ranqueada número um brasileira e a era enxadrística pós-pandêmica.....	219
4.4.	Eixos temáticos	227
4.4.1.	Indicadores sociodemográficos.....	228
4.4.2.	Tomadas de posição	239
4.4.3.	Invertendo as probabilidades	250
5.	CONCLUSÕES	261
	REFERÊNCIAS.....	269
	APÊNDICES	281
	Apêndice A – Roteiro de entrevista.....	281
	Apêndice B – Termo de consentimento livre e esclarecido.....	285
	Apêndice C – Íntegra da entrevista (WIM 1).....	290
	Apêndice D – Íntegra da entrevista (WIM 2)	316
	Apêndice E – Íntegra da entrevista (WIM 3).....	343
	Apêndice F – Íntegra da entrevista (WIM 4).....	376
	Apêndice G – Íntegra da entrevista (WIM 5)	405
	Apêndice H – Íntegra da entrevista (WIM 6)	429
	Apêndice I – Íntegra da entrevista (WIM 7).....	461
	Apêndice J – Íntegra da entrevista (WIM 8).....	532
	Apêndice K – Íntegra da entrevista (WIM 9)	561
	Apêndice L – Íntegra da entrevista (WIM 10).....	582
	ANEXOS.....	609
	Anexo A – Parecer consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP).....	609

APRESENTAÇÃO

A presente tese de doutorado tem um sentido que não se encerra em si, mas é um prolongamento de mim. Da minha história, das minhas experiências, das minhas vivências. E, assim sendo, é desejável que um pouco desta trajetória seja contada nas linhas que se seguem dado o entrelaçamento que ela possui com o texto porvindouro.

A minha iniciação ao universo cultural e esportivo ocorreu desde tenra idade, por meio dos meus pais, em uma casa situada no bairro mais próximo à Universidade de São Paulo (USP) – *Campus* Ribeirão Preto (SP) em que morávamos. Nela, o meu pai e ex-jogador de futsal, me introduzia aos jogos de bolas com os pés enquanto a minha mãe, por outro lado, me incentivava nas raias da piscina contidas nas aulas de natação e nas aulas de piano cujo instrumento tivemos a oportunidade de adquirir alguns anos depois. Em espaços outros como a escola e o programa de iniciação esportiva da prefeitura da cidade, também experimentei o treinamento sistematizado de modalidades como o basquete, o handebol, o judô e o tênis de mesa. Com todos estes estímulos, a competitividade afluía em meu ser não só no sistema esportivo, mas também no escolar. Desde muito cedo eu concorri à Olimpíadas de Ciências, Física e Matemática, sendo que em muitas delas eu obtive algum êxito ou tipo de premiação.

O maior dos flertes culturais e esportivos, entretanto, a mim se apresentou aos 10 anos de idade por intermédio da minha mãe, a qual havia assistido na televisão uma matéria que versava sobre os benefícios da prática do xadrez para o cérebro infantil. A partir de então, por meio de um singelo jogo de tabuleiro e peças que ela adquirira para praticarmos, desvendamos juntas aquele conjunto de indumentário com diferentes movimentações que a nós se apresentava. Juntas, nos apropriamos pouco a pouco do arsenal de regras contido na caixa de jogo, o qual nos proporcionava novas descobertas a cada partida que jogávamos. O placar entre nós? Sempre equilibrado, com ora uma vitória para ela, ora uma para mim. Mais do que isto, também momentos de convívio, afetividade e estreitar de laços entre mãe e filha.

Com o tempo e adentrar na adolescência, o gosto pelo xadrez adquiriu formações de prática em que eu impunha certa seriedade. Foram vários os finais de

semana que eu preferia estudar os livros que o meu treinador de um clube privado da cidade recomendava do que, por exemplo, socializar com meus pares. O encantamento pela prática se mantinha e, com ele, vieram os primeiros êxitos na categoria feminina de competições a nível municipal, regional e estadual. Neste decurso, ocorrera o convite para representar a prestigiosa equipe da cidade de Ribeirão Preto (SP), a qual foi tantas vezes campeã dos Jogos Regionais e Jogos Abertos do Interior. Nestas disputas, fiz amizades pelas quais nutro imenso carinho e, com muitas, cultivo o contato até os dias presentes.

Pela proximidade da minha moradia e pelo fato de os meus pais trabalharem no Hospital das Clínicas (HC) da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto (FMRP) da Universidade de São Paulo (USP), instituição cujo prédio se situa bem ao lado do *campus*, a minha única tentativa e escolha de ingresso no Ensino Superior ocorreu na recém-criada Escola de Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto (EEFERP). Afinal, como uma extensão da minha casa, eu já frequentava a pista de corrida, os museus e o próprio hospital universitários antes mesmo de desejar este *locus*. Adentrando a universidade, agora, como aluna, tive as primeiras oportunidades de estagiar e lecionar xadrez no âmbito privado de ensino, bem como também alguns iniciais entraves em pesquisar a modalidade (esportiva?) nas diferentes áreas de investigação ali presentes. Foi só apenas o pleito de três projetos de Iniciação Científica (IC) cursados nas áreas de Maturação, Crescimento Motor e Gestão do Esporte, um período de intercâmbio na Faculdade de Motricidade Humana (FMH) em Lisboa (POR) e o meu retorno que, enfim e como uma luz no final de um túnel, o Prof. Dr. Renato Francisco Rodrigues Marques e o Grupo de Estudos e Pesquisa em Aspectos Socioculturais e Pedagógicos do Esporte (GEPEspe-RP) possibilitaram os caminhos para que empiricamente eu pudesse estudar o xadrez enquanto esporte. Um adendo importante a se fazer aqui é que este trajeto, para nós inicial, já havia sido percorrido pelo Prof. Dr. Wanderley Marchi Júnior e Prof. Dr. Juliano de Souza que juntos, delineavam os primeiros contornos do subcampo esportivo do xadrez, imprescindível ferramenta teórico-metodológica utilizada desde a minha monografia até a presente tese de doutorado.

Terminando o meu curso de graduação estudando xadrez, mais especificamente a trajetória esportiva de Grandes Mestres (GMs) brasileiros, titulação máxima concedida pela Federação Internacional de Xadrez (FIDE) aos enxadristas de alto

rendimento, por entrevistas disponibilizadas via fonte secundária de dados, o ingresso no mestrado ocorreu sob a mesma orientação porém, desta vez, no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto (FFCLRP) da mesma universidade. Como professora de xadrez, explorar as nuances educacionais do fenômeno esportivo contribuiu em muito para o meu fazer docente, sobretudo para a desnaturalização de concepções um tanto quanto substancialistas e meritocráticas que assolavam o meu início de carreira. Foi também durante este período que conheci o Grupo de Estudos sobre Sucesso e Fracasso Escolar (GESSFE), liderado pela Prof.^a Dr.^a Débora Cristina Piotto, com reuniões que me mostravam que a educação e os saberes sociológicos são também atos intrinsecamente políticos, despertando o meu olhar para as facetas de investigação das desigualdades sociais. Ademais, o mestrado representou a oportunidade de entrevistar toda a grande maestria pessoalmente, viajando todo o país com o objetivo de investigar os processos de transmissão e apropriação da herança cultural e suas formas de manifestação nas disposições relacionadas à prática do xadrez ao longo de suas trajetórias esportivas.

O ingresso no doutorado, agora na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), representou o meu retorno para a área por meio da entrada na Faculdade de Educação Física (FEF). Com um *campus* mais plural e heterogêneo, para além de uma maior presença das Ciências Humanas, foi neste contexto que entrei em contato com o Grupo de Estudos em Bourdieu (GEBU), liderado pelo Prof. Dr. Michel Nicolau Netto. Nele, contei com uma maneira um tanto quanto mais inventiva de estudos do autor, bem como a possibilidade de aprendizados ímpares com pessoas que, em sua maioria, advieram de uma bagagem já sociológica. O percurso doutoral iniciou sob a orientação do Prof. Dr. Renato Francisco Rodrigues Marques e, por um hiato, terminou com a supervisão do Prof. Dr. Sérgio Settani Giglio e Prof.^a Dr.^a Sílvia Cristina Franco Amaral. Com a coincidente entrada na Liga Brasileira de Xadrez Feminino (LBXF), os rumos da tese se enveredaram para o objetivo de investigar a origem e a constituição de disposições nas trajetórias esportivas da elite de atletas femininas brasileiras de xadrez. Se até então a elite absoluta da modalidade era constituída, em sua maioria, por herdeiros culturais, como desvendar o universo de mulheres, no qual me incluo, desta prática?

Encerro esta apresentação como quem ainda considera que há a muito a se tornar ou, em outras palavras, compreendendo que o doutorado não é o final do caminho. É meio, é ligação, é intermédio, é elo. É mais uma aprendizagem que, entre outras, nos forma. E, como tal, termina apenas no findar da vida. Arrisco eu, continuando na memória de quem este texto lê. Afinal, como bem discorre *João Guimarães Rosa* em *“Grande Sertão: Veredas”*, “[...] o real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia [...]”. Se é assim, é no fazer do trajeto que a minha trajetória, acadêmica e pessoal, continua!

1. INTRODUÇÃO

O esporte é um fenômeno sociocultural que se manifesta de forma plural, heterogênea e polissêmica na sociedade contemporânea (MARQUES; ALMEIDA; GUTIERREZ, 2007; MARQUES; GUTIERREZ; ALMEIDA, 2008; MARQUES, 2015b). O campo social que o perpassa constitui-se a partir das relações de força que, entre conflitos e consensos, delineiam espaços de posições em que concorrem estruturas e agentes entre suas relativamente autônomas normas, regras e bens (BOURDIEU, 1983) frente à sociedade.

Dentre as práticas que caracterizam e configuram o universo esportivo está o xadrez, o qual remonta seu pertencimento a esta esfera à própria emergência do campo social do esporte durante a transição do século XIX para o XX (SOUZA; STAREPRAVO; MARCHI JÚNIOR, 2011). Fruto de um processo em movimento e fundamentado em uma perspectiva de longo prazo (MARCHI JÚNIOR; SOUZA; STAREPRAVO, 2010), sua esportivização não se trata de uma questão apriorística e meramente conceitual (MARQUES, 2015b), mas de um percurso estabelecido por sua história estrutural relativamente autônoma (SOUZA; STAREPRAVO; MARCHI JÚNIOR, 2011).

A lógica específica do subcampo enxadrístico é legatária ao esporte no que se refere às relações entre a modalidade, seus ambientes e sentidos (MARQUES; GUTIERREZ; ALMEIDA, 2008). Sendo o esporte – e por extensão, o xadrez – aquilo que se faz com ele, um dos desdobramentos possíveis entre a associação destas três esferas é a manifestação de alto rendimento desta prática. Pautada em princípios como a alta seletividade, a meritocracia e a restrição, este segmento se distingue ao passo em que dissimula o seu direito de entrada e estabelece fronteiras entre os eleitos e aqueles que, destituídos dos ritos de consagração e legitimação disseminados pelo sistema (BOURDIEU, 2008a), não conservam os limites constitutivos e propriedades que conformam a ordem de sua elite.

No subespaço enxadrístico, a classificação de grupos mais favorecidos conta com a outorga de títulos honoríficos que, por seu turno, atuam como ritos de instituição capazes de consagrar e legitimar a diferença, “fazendo-a existir enquanto diferença

social, conhecida e reconhecida pelo agente investido e pelos demais” (BOURDIEU, 2008a, p. 99). Vitalícias, tais honrarias concedem a estima, cortesia e respeito a quem as detém, tornando possível “com que alguns mantenham sua posição ou se conservem à distância enquanto outros se mantêm em seu lugar e se contentam com o que são, a serem o que têm de ser, privando-os assim da própria privação” (BOURDIEU, 2008a, p. 103). No enxadrismo, é a Federação Internacional de Xadrez (FIDE¹) a instituição que controla em âmbito mundial a concessão oficial de certificações e orienta a existência de regras sistematizadas, atributo determinante da contextualização do esporte enquanto atividade cultural e da racionalidade com que o incorporam seus indivíduos (MARQUES, 2015b).

Fundada em 20 de julho de 1924 em Paris, capital da França, a associação foi uma das primeiras de sua categoria ao lado de órgãos reguladores de modalidades esportivas como o críquete, a natação e o automobilismo. Reconhecida desde 1999 pelo Comitê Olímpico Internacional (COI) como uma organização esportiva global, a federação conta com 190 países afiliados por meio de suas entidades nacionais de xadrez e dezenas de milhões de jogadores em todos os continentes sob o lema “*gens una sumus*”, expressão latina que denota “somos uma única família” (FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE XADREZ, 2023).

A despeito desta máxima, ainda que o conjunto de pessoas adeptas à instituição possa ser considerado sob uma pretensa unidade, sua linhagem é heterogênea no que concerne às diferentes classes conformadas pelas oficiais e vitalícias titulações. No tocante ao grupo social de atletas, as graduações são clivadas por uma classificação que se distingue entre absoluta, a qual admite a concorrência entre homens e mulheres e feminina, cuja posse se restringe somente a estas últimas. São títulos absolutos, em ordem ascendente de sua relevância: *Candidate Master (CM)*, *FIDE Master (FM)*, *International Master (IM)* e *Grandmaster (GM)*. São títulos femininos, em crescente progressão: *Woman Candidate Master (WCM)*, *Woman FIDE Master (WFM)*, *Woman International Master (WIM)* e *Woman Grandmaster (WGM)* (FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE XADREZ, 2023).

¹ Acrônimo do francês *Fédération Internationale des Échecs*.

Siglas que precedem o próprio nome e sobrenome de enxadristas, tais certificações são alcançadas por meio da participação em competições oficiais regidas pela federação internacional da modalidade. Nelas, para cada uma das graduações, requer-se a obtenção de pontuações específicas no *ranking* oficial de atletas e normas de desempenho ou de títulos, as quais são proporcionalmente sempre mais exigentes para a categoria absoluta em detrimento dos investimentos ao alçar certificações análogas no certame feminino. Se colocadas em relação, considerando-se apenas o critério de pontos exigidos na listagem internacional, são necessários 2200 pontos para *Candidate Master (CM)* e 2000 pontos para *Woman Candidate Master (WCM)*; 2300 pontos para *FIDE Master (FM)* e 2100 pontos para *Woman FIDE Master (WFM)*; 2400 pontos para *International Master (IM)* e 2200 pontos para *Woman International Master (WIM)*; 2500 pontos para *Grandmaster (GM)* e 2300 pontos para *Woman Grandmaster (WGM)*.

Posto isto, a obtenção da grande maestria por homens e mulheres enxadristas pode ser compreendida como a representação máxima do alcance de titulações que simbolizam o mais alto rendimento e distinção nesta modalidade. De modo a ilustrar a raridade desta conquista, dados das estatísticas brasileiras disponibilizadas pela Federação Internacional de Xadrez (2023) demonstram que do universo de 23.147 atletas pelos quais têm-se o registro ao longo de toda a história, apenas 15 enxadristas brasileiros, todos eles homens, atingiram este feito. Mais do que números, no entanto, cada um destes indivíduos carrega consigo uma história, trama esta de ações e relações envolta por condições subjetivas e objetivas a serem exploradas e que os constituem enquanto seletos grupo a ser investigado.

A trajetória esportiva de Grandes Mestres brasileiros tem sido considerada objeto de estudo de recentes investigações na intersecção de perspectivas de análise nas áreas da Educação Física, Educação e Sociologia (JANUÁRIO, 2014; 2017). Entre seus aspectos socioculturais, a relação entre a origem social e o desempenho destes indivíduos tem se mostrado demarcada pela herança cultural familiar (BOURDIEU; PASSERON, 2014), acúmulo difuso e precoce de um repertório simbólico promissor em relação ao alcance de percursos prolongados e de relativo sucesso em determinado espaço social. O vislumbre dos processos de transmissão e apropriação deste patrimônio e suas formas de manifestação nas disposições relacionadas à prática do xadrez traz, enquanto evidências, graus distintos de bens que não se fazem sempre unos, tampouco

advindos de uma unificante influência transmissora e com ações unívocas sobre aquele que os herdam. Ao invés disso, os indícios demonstram que as condições sociais vivenciadas pela família, os modos com que as mediações de sua transmissão se deram e o sentido com que cada um dos indivíduos a incorporou foram fatores que, dentre outros, variaram a tonalidade econômica, social e cultural de propriedades distintas de posses acumuladas por este grupo social (JANUÁRIO, 2014; 2017).

Considerando o contexto brasileiro, no entanto, mesmo entre o grupo de mais alto grau de distinção no que concerne aos enxadristas do país, uma exceção à regra pôde ser verificada a partir do indivíduo de mais recente entrada a este grupo. Com disposições predominantemente originárias pela via escolar de aquisição, a conformação de seus trunfos contrariou a tônica da marca indelével da socialização primária familiar carregada, até então, por uma maioria de herdeiros (JANUÁRIO, 2017). Tal indicativo, por suposto, contribui para a elaboração de indagações acerca de como se originariam e constituiriam as disposições de grupos sociais distintos com outras titulações para além da grande maestria e de categorias diferentes daquela absoluta considerada, ao exemplo do feminino. Afinal, entre dominantes e dominados, quais regras se colocam na ascendência deste jogo? Por que uns, não outros e, principalmente, a ausência de outras?

Considerando que a trajetória se inscreve de forma relacional à estrutura do campo e ao sistema de disposições dos agentes (BOURDIEU, 2008b), faz-se importante atentar, a partir do exposto, a possíveis regularidades e irregularidades do subcampo enxadrístico no que se refere às conformações dos patrimônios que acumulam seus agentes em termos de como se apresentam as suas mais distintas hierarquias. Colocando em xeque os seus próprios sistemas de classificações, bem como questionando-se sobre possíveis heterogeneidades no que tange à influência das disposições nas supostas homogêneas titulações outorgadas por este *lócus*, faz-se questão central deste estudo: como se originam e constituem as disposições nas trajetórias esportivas da elite de atletas femininas brasileiras de xadrez?

Neste sentido, o objetivo geral desta pesquisa é investigar a origem e a constituição de disposições nas trajetórias esportivas da elite de atletas femininas brasileiras de xadrez. Como objetivos específicos, tem-se: a) analisar a relação entre a influência das condições sociais e as escolhas, valores e formas específicas de socialização presentes na trajetória esportiva de jogadoras pertencentes ao mais alto

rendimento do xadrez brasileiro; b) explorar os processos sociais pelos quais a transmissão e apropriação das disposições relacionadas à prática do xadrez feminino se originaram e constituíram ao longo da trajetória esportiva; c) delinear os grupos de referências e as variadas modalidades de socialização decorrentes da interação de cada uma das jogadoras com estruturas sociais e agentes detentores da cultura esportiva própria da modalidade do xadrez; d) identificar categorias de análise que expressem ambas as particularidades e generalizações possíveis dentre as histórias de vida analisadas, compreendendo-as no alternar de leituras que privilegiem ora a sua singularidade e completude, ora o estabelecimento de possíveis relações que possam delinear entre si; e) oferecer subsídios teóricos-metodológicos que contribuam para a compreensão dos processos sociais pelos quais os desempenhos de alto rendimento se originam e constituem-se no campo esportivo brasileiro, elegendo o subcampo do xadrez em seu âmbito feminino como caso representativo da heterogeneidade própria do fenômeno esportivo expressa na contemporaneidade do contexto brasileiro.

A relevância deste projeto de pesquisa ocorre em uma perspectiva de explicitar os aspectos socioculturais e pedagógicos que permeiam a origem e a constituição das disposições nas trajetórias esportivas da elite de atletas femininas de xadrez brasileiras. Intenciona, assim, reflexões que possam nortear o desenvolvimento deste campo quanto ao desvelar da trama de relações entre as condições sociais e as ações pertinentes aos indivíduos no esporte. No cenário brasileiro, destarte, são irrisórias as concepções que se distanciam do apelo ao “dom” e “talento” predestinados como explicações naturalizadoras no que tange à obtenção do alto rendimento por uma atleta (GIGLIO et al., 2008; MARQUES; JANUÁRIO, 2018). Por sua vez, concepções que sejam abrangentes e considerem a dialética entre as estruturas sociais e os processos de interação pelos quais constituem-se as disposições acumuladas por meio de processos de socialização esportivos são, ainda, insuficientes entre as produções acadêmicas que se ocupam deste fenômeno.

A partir da mudança deste paradigma, tornam-se imperativas questões como: a) o que pode ser considerado um desempenho de sucesso no xadrez?; b) quais as relações possíveis entre as condições sociais vivenciadas pelos agentes e as suas ações enquanto indivíduos delas relativamente autônomos?; c) ao que se sujeita uma ideologia meritocrática no subcampo social esportivo enxadrístico?; d) quais são os principais

agentes e ambientes que compõem a mediação da prática esportiva?; e) quais são as implicações relacionadas ao gênero engendradas na participação feminina de uma modalidade, como o xadrez, cuja reserva se faz historicamente masculina?

Acredita-se, assim, que tais frentes de questões serão contribuições relevantes às grandes áreas da Educação Física, do Esporte e de campos correlatos cuja intersecção com este fenômeno pode se dar, ao exemplo das grandes áreas da Educação e Sociologia. A originalidade deste estudo, por sua vez, assenta-se na investigação de uma prática esportiva pertencente a um polo dominante do espaço social cuja distribuição de titulações é desigual entre as categoriais absoluto e feminino, bem como por meio de uma abordagem que considera a dialética entre o contexto e o agente na conformação de trajetórias de vida. Para viabilizá-lo, as seções foram organizadas em: 1. *Introdução*; 2. *Método* e, dentro dele, 2.1. *Delineamento teórico-metodológico*, 2.2. *Grupo de participantes*; 2.3. *Produção dos dados* e 2.4. *Análise dos dados*, sendo esta dividida em 2.4.1. *Da Análise Temática à Análise Temática Reflexiva* e, dentro dela, 2.4.1.1. *Por onde seguir? A escolha entre as decisões disponíveis*; 2.4.1.2. *Realizando: um guia passo-a-passo das fases*; 2.4.1.3. *Potenciais armadilhas a serem evitadas em seu uso* e 2.4.1.4. *O que faz uma boa análise?*. Para além, contou com 3. *Referencial teórico* e, nele incluso, 3.1. *Pierre Bourdieu: uma abordagem teórico metodológica*; 3.2. *A constituição do campo do esporte e do subcampo esportivo do xadrez* e 3.3. *O gênero enquanto categoria analítica das desiguais relações de poder*. Adicionalmente, tem-se 4. *Resultados e discussão* e, em seu interior, sínteses historiográficas como 4.1. *WIM 1: entre pausas, vozes embargadas, dores, lutos e uma denúncia de assédio, a constatação de que “é difícil ser mulher, ser uma atleta é bem complicado”*; 4.2. *WIM 2: a interdependência das instâncias socializadoras da escola e do projeto social na construção do habitus enxadrístico*; 4.3. *WIM 3: o privilégio de uma estrutura familiar forte com a “força e o amor” possíveis quando se tem um pai como treinador*; 4.4. *WIM 4: do volume de investimentos familiares aos anos ininterruptos como a melhor do país*; 4.5. *WIM 5: a irmã mais nova de uma fratria deveras vitoriosa*; 4.6. *WIM 6: dos esforços e sacrifícios de uma rápida ascensão à uma recordista com suas ambivalentes contrapartidas*; 4.7. *WIM 7: sucessões de acasos, coincidências, dádivas ou conspirações?*; 4.8. *WIM 8: “abençoada pela capacidade inata do talento”*; 4.9. *WIM 9: a pioneira na obtenção do título entre as entrevistadas* e 4.10. *WIM 10: a atual*

ranqueada número um brasileira e a era enxadrística pós-pandêmica. Em complemento, 5. O triunfo de ser uma Mestre Internacional Feminina de xadrez: trajetórias esportivas prolongadas até o alto rendimento com os eixos temáticos 5.1. A origem social e o rendimento esportivo feminino prolongado no xadrez; 5.2. A idade de início e a ordem na fratria: antiguidade e posição do capital; 5.3. A conversão de capitais entre o sistema de ensino e o sistema esportivo; 5.4. A mediação de saberes relativos ao xadrez a partir do ato pedagógico; 5.5. O clube de xadrez enquanto lócus privilegiado de prática da modalidade; 5.6. A ressignificação da concepção hegemônica de maternidade no esporte; 5.7. O revés no percurso: o caso da confederação nacional; 5.8. As disposições para a mobilidade de internacionalização e seus lucros; 5.9. Percepções sobre a influência do talento ao longo da trajetória esportiva e 5.10. Questões de gênero manifestadas no subcampo esportivo do xadrez. Complementarmente, 6. Conclusões, Referências, Anexos, nele incluso Anexo A – Parecer consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) e, por fim, Apêndices, dentro dele, Apêndice A – Roteiro de entrevista; Apêndice B – Termo de consentimento livre e esclarecido; Apêndice C – Íntegra da entrevista (WIM 1); Apêndice D – Íntegra da entrevista (WIM 2); Apêndice E – Íntegra da entrevista (WIM 3); Apêndice F – Íntegra da entrevista (WIM 4); Apêndice G – Íntegra da entrevista (WIM 5); Apêndice H – Íntegra da entrevista (WIM 6); Apêndice I – Íntegra da entrevista (WIM 7); Apêndice J – Íntegra da entrevista (WIM 8); Apêndice K – Íntegra da entrevista (WIM 9) e Apêndice L – Íntegra da entrevista (WIM 10).

2. MÉTODO

2.1. Delineamento teórico-metodológico

Compreendendo os procedimentos metodológicos como indissociavelmente teóricos ao longo de todo o percurso que envolve o fazer científico, o qual transcende a mera deliberação pelo uso de um conjunto de técnicas incoerentes aos objetos empíricos enfrentados pelo(a) pesquisador(a), este estudo se propõe a um pressuposto epistemológico amparado por uma abordagem sociológica e qualitativa de pesquisa. Neste itinerário, assim, intenta-se contar com os fundamentos da reflexividade reflexa *bourdieusiana* (BOURDIEU, 2012b; DEER, 2018) em resgate à pertinência de sua análise para a temática central aqui tratada. Já a opção por uma abordagem qualitativa de estudo, por sua vez, tem por finalidade identificar e analisar com profundidade o espaço social ao qual propõe-se a investigar, bem como proporcionar a produção de temas que possam subsidiar a leitura e compreensão da análise.

A abordagem qualitativa oferece uma rica e atraente interpretação no que se refere ao mundo real, às experiências e perspectivas humanas, requerendo uma análise sistemática, não obstante baseada em diferentes premissas (BRAUN; CLARKE, 2014; BRAUN; CLARKE; RANCE, 2014). De acordo com Braun e Clarke (2019a), ela versa sobre significar e criar estes significados, considerando-os sempre vinculados a um contexto, posicionados e situados. A análise de dados qualitativa, isto posto, diz respeito a contar histórias, a interpretar e a criar, se afastando de processos como a descoberta e o encontro da verdade alocada no interior ou fora dos dados. Ao encontro disto estão Marques e Graeff (2022, p. 116), os quais sugerem que, entre outros objetivos, um de seus intentos está em “compreender o significado de eventos, fenômenos, experiências e ações em um ambiente específico para seus interlocutores, de maneira que os componentes se relacionam para formar o todo”. O produto final de análise, assim, se faz a partir de uma imersão profunda e prolongada de considerações e reflexões, algo que é ativo e generativo. Neste prolongamento, é possível dizer que pesquisadores(as) qualitativos(as) estão sempre pensando, refletindo, aprendendo e se envolvendo – não sendo atingido um ponto onde não há nada mais a se aprender. Como bem recorda Braun e Clarke (2019, p. 592), neste percurso, “se está na jornada da viagem, e não aterrissando nela!”.

2.2. Grupo de participantes

Representativas do mais alto rendimento conquistado por uma atleta no âmbito do xadrez brasileiro e detendo, assim, princípios de diferenciação expressos pelo maior volume e estrutura globais de capitais em relação às outras posições ocupadas neste espaço (BOURDIEU, 1996c), o grupo de participantes deste estudo é composto pela elite de atletas femininas de xadrez brasileiras, cujo título denomina-se *Woman International Master (WIM)*. A quantidade de 10 atletas² foi definida pelo cumprimento dos parâmetros elencados a seguir, sendo estes considerados os critérios de escolha: a) possuir, durante o período de realização desta pesquisa (2018 a 2024), o título de *Woman International Master (WIM)*; b) apresentar nacionalidade de origem brasileira; c) obter o aceite do termo de consentimento livre e esclarecido próprio das condições deste estudo.

Tabela 1 – Enxadristas de nacionalidade brasileira com titulação internacional

Titulação	Absoluto (N)	Pontuação	Titulação	Feminino (N)	Pontuação
<i>Grandmaster (GM)</i>	15	2500	<i>Woman Grandmaster (WGM)</i>	0	2300
<i>International Master (IM)</i>	32	2400	<i>Woman International Master (WIM)</i>	12	2200
<i>FIDE Master (FM)</i>	113	2300	<i>Woman FIDE Master (WFM)</i>	13	2100
<i>Candidate Master (CM)</i>	51	2200	<i>Woman Candidate Master (WCM)</i>	14	2000

LEGENDA: As colunas de pontuação referem-se ao número mínimo exigido no *ranking* internacional da federação que rege a modalidade, o qual é obtido por meio da prática de partidas em torneios oficiais outorgados pela instituição. A categoria absoluta reserva o direito à participação de homens e mulheres, enquanto a categoria feminina restringe a sua entrada apenas a elas.

² Da totalidade de 12 jogadoras detentoras deste título em toda a história da modalidade no âmbito brasileiro até a realização deste estudo, com duas delas não se pôde contar, respectivamente, em razão de falecimento e de ausência de quaisquer contatos disponíveis para o convite ao estudo.

Explicitando os procedimentos de pesquisa (LAMONT, 1992), foi solicitado à participante de maior proximidade com a pesquisadora, laço este cultivado durante anos em que jogaram competições coletivas pela mesma equipe, o contato das demais. Todos foram por meio deste modo obtidos, com a exceção de um em que se recorreu ao treinador de expressão que mais acompanhou a jogadora ao longo de sua trajetória. Com a intenção de se obter uma prévia sobre a disponibilidade de participação deste grupo, o contato inicial com as participantes foi realizado por meio do envio de informações referentes ao estudo em seus respectivos endereços eletrônicos disponibilizados por meio de contato direto com a pesquisadora principal deste estudo, a qual possui uma rede de relações vasta e distintiva de pessoas na comunidade enxadrística que puderam, por sua vez, facilitar esta intermediação.

Considerando ser esta uma pesquisa que envolve seres humanos e aspectos éticos, a despeito disto, não se considera que haja potenciais riscos previsíveis sobre a participação. Todavia, a suspensão ou retirada do consentimento sobre a pesquisa foi garantida a qualquer momento do estudo sem prejuízo às participantes em sua relação com a pesquisadora ou com a pessoa ou instituição que auxiliou o contato e fornecimento de seus dados. O projeto fora aprovado pelo sistema formado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) e pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) por meio do certificado de apreciação ética 51440721.2.0000.5404 e parecer 5.020.389, havendo o compromisso com a divulgação dos dados produzidos por meio da publicação deste estudo e de seus desdobramentos em eventos e revistas científicas a ele correlatos.

2.3. Produção dos dados

O recurso às entrevistas retrospectivas semiestruturadas foi adotado como forma de produção dos dados por meio de realizações remotas utilizando a plataforma *Google Meet*® com cada uma das participantes. De acordo com Braun, Clarke e Range (2014) e Braun, Clarke e Weate (2016), esta se apresenta como a forma mais comum de compilar os discursos humanos em dados. Nela, a reflexividade como sinônimo de método (BOURDIEU, 2012b, LAMONT, 1992) se estendeu desde a forma com que se

estabeleceu o contato inicial com as participantes até a etapa posterior ao encontro da entrevista com a devolutiva de sua transcrição. Controlar no campo os efeitos da estrutura social na qual a entrevista se realizou foi um trabalho pensado não só ao longo de sua condução, mas no cuidado com o modo e a linguagem utilizados em etapas anteriores e posteriores a ela. Considerando certa arbitrariedade no princípio das trocas a serem estabelecidas, buscou-se esclarecer o sentido da pesquisa em geral, da relação particular estabelecida com cada uma, o caráter que ela assume para a pesquisadora e para a pesquisada³ e, por fim, as razões que levariam a participante a se envolver na troca. Nestas oportunidades, obteve-se condições de mensurar a amplitude e a distância entre o que a pesquisadora havia planejado, tentativas de redução das distorções a serem geradas e de compreensão daquilo que poderia ser dito e do que não pôde, ao exemplo de pequenas censuras impeditivas sobre dizer certas coisas e incitações que encorajam a acentuar outras.

Considera-se que a apresentação pessoal da pesquisadora em seus âmbitos profissionais, acadêmicos e principalmente enxadrísticos fora um fator que colaborou sobremaneira com a dissimetria da relação entre pesquisadoras e pesquisadas, uma vez que elas puderam perceber que entre a hierarquia das mais diferentes espécies de capital, sobretudo o cultural, algumas posições eram por ambas compartilhadas. A inteligibilidade desta compreensão proporcionou com que o diálogo se desse de forma tranquila e atraente para as participantes, uma vez que do outro lado elas teriam alguém que conduziria as falas de modo a fazer com que as próprias situações fizessem sentido para ambas. Por meio de uma participação intelectual e ao mesmo tempo afetiva, procurou-se reduzir ao máximo os aspectos da violência simbólica nesta relação interpostos promovendo, pela entrevista, um espaço de escuta ativa e metódica que, não sendo fácil de se exercer na prática, esteve associada à disponibilidade integral da particularidade da história singular em relação à pessoa interrogada com a construção metódica do conhecimento das condições objetivas comuns a toda uma categoria que, a despeito da titulação, a constitui enquanto seletivo grupo (BOURDIEU, 2012b, LAMONT, 1992).

³ Aqui, notou-se que a cumplicidade entre as mulheres, como bem recorda Bourdieu (2012b, p. 699), “permite, em mais de um caso, superar os obstáculos ligados às diferenças entre as condições e, particularmente, o temor do desprezo de classe”.

Após, foram apresentadas uma série de questões planejadas pela pesquisadora (baseadas em um roteiro de entrevista) e outras não planejadas ou reagentes (responsivas ao que apresenta o(a) participante) em que estes(as) a ela respondem com as suas próprias palavras. A reatividade dos(as) participantes sendo, assim, um recurso importante, para além do roteiro de entrevistas, durante a prática da mesma (BRAUN; CLARKE, 2019b). O termo de consentimento livre e esclarecido foi apresentado de forma prévia à realização das entrevistas, sendo a execução destas condicionada à assinatura anterior deste documento (Apêndice B). O roteiro inicial (Apêndice A) contempla questões fechadas e abertas com a finalidade de proporcionar tanto a praticidade da obtenção de dados socioeconômicos referentes às participantes e suas famílias quanto, em um segundo momento, a autorreflexão sobre a trajetória esportiva a partir da flexibilidade necessária para o aprofundamento de determinados temas conforme o seu desenvolvimento. Longe de uma compreensão de entrevista como mero produto da pesquisa empírica, este estudo a compreende como uma instância de fluxo de experiências e alteridade entre o indivíduo que pesquisa e aquele(a) que é por ele(a) pesquisado(a) (ROMANELLI, 1998; PIOTTO, 2011). Portanto, como instrumento a ser continuamente construído desde o seu delineamento teórico-metodológico até as posteriores etapas de produção e análise dos dados. A relação entre o(a) pesquisador(a) e o(a) participante da pesquisa é, por fim, neste estudo remetida ao estatuto de indivíduo humano cuja prática se deseja compreender (BRITO; LEONARDOS, 2001; PIOTTO, 2011).

O agendamento dos encontros remotos necessários para a produção dos dados por meio do procedimento da entrevista semiestruturada com cada uma das jogadoras disponíveis foi realizado a partir das sugestões de datas e horários propostos pelas participantes. E, isto, de forma a assegurar a mínima interferência em suas atividades cotidianas, de treinamento e/ou de competição. A identidade de cada uma delas foi preservada pelo desígnio de siglas e números para a representação das transcrições literais de seus discursos e dos excertos de suas falas utilizados ao longo do texto. Entretanto, pelo fato de pertencer a um grupo muito pequeno, pode ser que seja possível a dedução e associação de algumas falas ou declarações transcritas a determinadas pessoas, principalmente, por parte da comunidade enxadrística. Apesar dos cuidados, assim, não é possível garantir que não haverá a possibilidade de identificação pelo

conteúdo de algumas declarações, e isto devido ao número reduzido de participantes e à posição ocupada dentro do grupo a que pertencem no interior do subcampo esportivo do xadrez.

Todas as entrevistas foram gravadas em vídeo e áudio com o auxílio do programa *Google Meet*[®] e de um gravador digital para posterior transcrição e análise, garantindo a preservação do sigilo e anonimato destes dados. O processo de transcrever envolveu a tradução dos discursos, sons e trejeitos desde a gravação até a escrita da entrevista. Embora isto soe relativamente diretivo – e em alguns casos, é – ela requisitou escolhas sobre como traduzir o que é dito em linguagem escrita. Neste sentido, para auxiliar no processo de transcrição, uma série de sistemas de notação foi utilizado para denotar, além das falas, as ações, trejeitos e entonações (BRAUN; CLARKE, RANCE, 2014). Afinal, como aponta Bourdieu (2012b, p. 710), neste processo não há de se desconsiderar “as demoras, as repetições, as frases interrompidas e prolongadas por gestos, olhares, suspiros ou exclamações, as digressões laboriosas, as ambiguidades que a transcrição desfaz” e que se remetem a situações concretas. O retorno de uma cópia escrita da transcrição de cada depoimento, tão logo esta etapa fora finalizada, foi garantida às participantes para que estas tivessem a oportunidade de rever e modificar as suas falas, caso assim as desejem, compondo delas uma versão final (PIOTTO, 2011). Nenhuma das participantes optou por alterações na versão inicial da transcrição ofertada após o findar das mesmas. O tempo médio das entrevistas versou entre 1 hora, 51 minutos e 5 segundos, sendo a duração mínima de um diálogo a de 1 hora, 8 minutos e 38 segundos e a máxima de 4 horas, 53 minutos e 58 segundos. No total foram 18 horas, 30 minutos e 52 segundos de discursos que, em sua integralidade, cuidadosamente e pessoalmente transcritos, renderam 318 páginas.

2.4. Análise dos dados

2.4.1. Da Análise Temática à Análise Temática Reflexiva

Método popular de análise qualitativa dos dados desde 1970 (BRAUN; CLARKE, 2014; BRAUN; CLARKE; WEATE, 2016), quando a nomenclatura

“temática”⁴ fora primeiramente utilizada enquanto conceito analítico (BRAUN; CLARKE; WEATE, 2016), a Análise Temática fornece uma acessível, eficiente e flexível ferramenta de pesquisa, a qual pode, potencialmente, prover uma rica e detalhada, ainda que complexa, base de dados. É, destarte, um aporte metodológico que auxilia a identificar, organizar, analisar e oferecer subsídios para o reporte de padrões (temas) considerando os dados existentes (BRAUN; CLARKE, 2006, 2012, 2017, 2020a, 2022a; BRAUN; CLARKE; RANCE, 2014; BRAUN; CLARKE; WEATE, 2016; CLARKE; BRAUN, 2018) e suas relações com os quadros epistemológicos e ontológicos de pesquisa (BRAUN; CLARKE; WEATE, 2016).

A Análise Temática não se faz um método homogêneo e unidimensional (MARQUES; GRAEFF, 2022) e, isto posto, é mais adequadamente pensada como uma família (BRAUN; CLARKE, 2020b; 2022a; 2022b) ou termo guarda-chuva que abarca um conjunto de abordagens que, por sua vez, compartilham algumas características em comum: a) a análise através da codificação e o desenvolvimento de temas; b) algum grau de teorização e um delineamento de pesquisa flexível; c) o foco em significados semânticos e latentes; d) a flexibilidade teórica (embora limitada a um menor ou maior grau de suposições sobre a produção de conhecimento significativo); e) os procedimentos de codificação e desenvolvimento de temas; f) a possibilidade de orientações indutivas e dedutivas de análise (embora haja diferenças marcantes em como tais são conceitualizadas); g) a possibilidade de codificação para ambos os significados manifestos (semânticos ou descritivos, implícitos ou conceituais) (BRAUN; CLARKE, 2020a, 2022a, 2022b). Embora estas consonâncias existam, entre suas versões, há também divergências significativas tanto no que se refere aos seus valores paradigmáticos e epistemológicos, quanto em seus procedimentos (BRAUN; CLARKE, 2020a).

⁴ Braun; Clarke e Weate (2016) recordam que, inicialmente, o que se quis dizer com o termo sofreu significativa mudança ao longo do tempo, desde primordiais interpretações de sua designação enquanto uma análise de conteúdo quantitativa até uma versão semelhante às suas atuais ramificações contemporâneas. De forma similar, lembram ainda que diversos autores(as) apresentaram uma longa história ao descreverem suas análises e abordagens enquanto “temáticas” sem, no entanto, considerar que elas tivessem uma referência explícita ao desenvolvimento do método chamado “Análise Temática”.

No que tange à sua terminologia, um ponto a ser clarificado diz respeito ao fato de que sua nomenclatura não representa uma só abordagem de pesquisa qualitativa, mas, pelo contrário, várias. Por isto ela é um método e não uma metodologia⁵, sendo flexível em termos da teoria que a subsidia (CLARKE; BRAUN, 2018; BRAUN; CLARKE, 2022a; BRAUN; CLARKE, 2022b). De forma complementar, em seu léxico, crucial são os temas e suas derivações. Neste seguimento, temas abrangentes se referem àqueles que tendem a organizar e estruturar a análise. Eles capturam uma ideia que sustenta uma série de temas, mas são raramente analisados em termos de profundidade, não sendo necessariamente parte da análise (BRAUN; CLARKE; WEATE, 2016).

Considera-se tema um atributo importante sobre os dados em relação à indagação central de pesquisa, representando este, assim, certo nível de padronização nas respostas ou significados dentro do corpo de dados utilizado para dada análise em particular. A relevância de um tema, deste modo, não é necessariamente dependente de sua mensuração quantificável, mas do quanto ele tem a capacidade de capturar algo importante em relação à questão geral de pesquisa (BRAUN; CLARKE, 2006, 2019b; BRAUN; CLARKE, RANCE, 2014). Um tema identifica um nível de significado mais amplo do que um código e, com isto, pode ser que vários e diferentes deles sejam combinados para criar um tema em potencial. Na prática, a procura por ele envolve, inicialmente, a identificação de agrupamentos de significados similares ao longo dos códigos. Há três indagações importantes a se ter em mente neste processo: a) este tema em potencial é centralmente relevante para atender a questão de pesquisa⁶?; b) em potencial, este tema apresenta suficiente evidência considerando cada dado individualmente nele contido?; c) é possível identificar um conceito de organização central para este tema em potencial? (BRAUN; CLARKE, RANCE, 2014). Já um subtema, por fim, captura e desenvolve uma faceta importante na organização central e

⁵ Em metodologias, a teoria é incorporada, assim como uma questão ideal de pesquisa, métodos de coletas de dados e procedimentos de definição da população já se encontram previamente definidos ou delimitados. Tal análise, portanto, não se parece com ela, sendo que a consciência de suas decisões, por parte do(a) pesquisador(a), leva a uma aplicação reflexiva de suas abordagens e procedimentos (BRAUN; CLARKE, 2018).

⁶ As questões concernentes à pesquisa orientam aquilo que se quer saber e são, em estudos de qualidade, desenvolvidas em relação ao propósito ou intenção a que eles se referem. Refletem, assim, as posições epistemológicas e ontológicas assumidas (BRAUN; CLARKE; WEATE, 2016).

conceitual de um tema. A presença deles também não se faz enquanto uma necessidade, mas pode sublinhar aspectos importantes de um tema, ou serem utilizados para identificar padrões distintos dentro do mesmo (BRAUN; CLARKE; WEATE, 2016).

A Análise Temática pode ser conduzida através de uma variedade enorme de diferentes maneiras, sendo, cada uma delas, adequada a uma ampla gama de questões e temas de pesquisa. Não há, para ela e assim, uma única e ideal tipologia (BRAUN; CLARKE, 2012; BRAUN; CLARKE; WEATE, 2016). Posto isto, vital é a clareza no processo de execução e prática concernentes às suas decisões metodológicas (BRAUN; CLARKE, 2006). Como ela é um método em que é possível selecionar os próprios itens a ele inerentes durante o processo, utilizá-la requer escolhas que, uma vez reconhecidas, auxiliam o(a) pesquisador(a) a desempenhar um papel ativo no procedimento exploratório e na produção de resultados, trajetória esta conhecida como reflexividade pessoal (BRAUN; CLARKE; RANCE, 2014; BRAUN; CLARKE; WEATE, 2016; BRAUN; CLARKE, 2022a). Como o papel do(a) pesquisador(a) na produção do conhecimento está no centro desta abordagem, para a Análise Temática, é importante que o seu implemento aconteça a partir do conhecimento teórico e da transparência; o(a) pesquisador(a) se esforça para estar ciente de sua sensibilidade filosófica e suposições teóricas informadas no seu uso da análise; tais pontos, por sua vez, estariam consistentemente, coerentemente e transparentes ao longo do processo analítico e do relatório de pesquisa (BRAUN; CLARKE, 2019a).

Após a popularização do método posterior à publicação do artigo “*Using thematic analysis in psychology*”⁷ (BRAUN; CLARKE, 2006) que o conferiu o direito de entrada enquanto cânone reconhecido e de reputação no meio acadêmico das abordagens qualitativas de pesquisa⁸ (BRAUN; CLARKE, WEATE, 2016; BRAUN; CLARKE, 2017, 2022b), por meio do texto “*What can ‘thematic analysis’ offer health and wellbeing researchers?*” (BRAUN; CLARKE, 2014) e de escritos posteriores, desde meados de 2014 as autoras, todavia, têm chamado a atenção para uma

⁷ Hoje, este é um dos artigos acadêmicos mais citados desta última década (BRAUN; CLARKE, 2017, 2019a).

⁸ A despeito do título, a abordagem fora e tem sido utilizada tanto na área em que o artigo originalmente foi escrito como para além da própria psicologia (CLARKE; BRAUN, 2018).

ramificação desta abordagem de pesquisa que seja deliberativa, reflexiva e minuciosa. Definitivamente, em 2019 e por meio do texto “*Reflecting on reflexive thematic analysis*” (BRAUN; CLARKE, 2019a), a proposição sobre a sua denominação enquanto Análise Temática Reflexiva fora, formalmente, desenvolvida. Esta, por sua vez, ofereceria uma abordagem que, entre os seus requisitos, estariam a reflexividade, o conhecimento teórico e a transparência (BRAUN; CLARKE, 2019a).

Ampla e distintivamente utilizada nas pesquisas qualitativas sobre o fenômeno esportivo mais recentes (BRAUN; CLARKE; WEATE, 2016; BRAUN; CLARKE, 2019a), tal método teria como finalidade identificar, analisar e reportar padrões temáticos no interior de determinada base de dados de modo a construir, por meio da reflexividade, o conhecimento teórico e a transparência necessários ao *corpus* particular de interesse do estudo (BRAUN; CLARKE, 2019; BRAUN; CLARKE; WEATE, 2016). Única no arquétipo das abordagens analíticas qualitativas de pesquisa, a versão reflexiva da Análise Temática se caracterizaria por não estar comprometida com um único quadro teórico prévio, tampouco com estipulações metodológicas como, por exemplo, o tamanho de uma população ou o modo como os dados devem ser produzidos. Pelo contrário, sua flexibilidade faz com que nela se priorize a reflexão sobre os critérios de saturação e, ao invés de uma mera recolha ou descoberta, a produção e construção de um conjunto de dados (BRAUN; CLARKE; WEATE, 2016).

Tal vertente é orientada a uma pesquisa inteiramente qualitativa no que se refere aos seus aspectos filosóficos e procedimentais, compreendendo-a enquanto instância criativa, reflexa e cuja subjetividade do(a) pesquisador(a) é entendida como um recurso – ao invés de uma potencial ameaça – à produção do conhecimento (BRAUN; CLARKE, 2017, 2019a, 2020a, 2020b, 2022b). Nesta perspectiva, o processo de significação e de produção de significados é sempre visto como fruto de um contexto, de uma posição e de uma situação que dão origem a narrativas criadas e interpretadas. A busca por uma verdade única, absoluta e que se encontra nas estranhas dos dados, assim, não seria interesse desta ramificação, uma vez que se considera que ela não é, neles, capaz de ser encontrada (BRAUN; CLARKE, 2019a).

De fundamental importância neste método são as posições assumidas em relação à análise, sendo este um fazer recursivo e reflexivo sobre ambas as fases de codificação

e o próprio processo de tomada de decisões (BRAUN; CLARKE; RANCE, 2014; BRAUN; CLARKE, 2020a). Como expõem Braun, Clarke e Weate (2016), o exame de um dado quadro teórico traz consigo o que ele representa em termos de uma visão de mundo e de realidade, carregando uma série de postulados sobre a essência dos dados. Uma apropriação adequada da Análise Temática Reflexiva, neste sentido, tornaria tais concepções transparentes. A consciência de que toda decisão deve ser reconhecida pelo pesquisador como uma dentre uma gama de várias outras possíveis é, por si só, razão pela qual a clareza sobre o processo e a prática daquilo que se faz devem ser considerados relevantes.

Uma das alterações importantes da Análise Temática Reflexiva em relação às suas versões anteriores diz respeito à compreensão acerca dos temas. Para ela, eles constituem-se enquanto saídas analíticas desenvolvidas através e por meio de um criativo trabalho de codificação (BRAUN; CLARKE, 2019a), podendo também ser entendidos como padrões de significados compartilhados unidos por um conceito central e desenvolvidos através de um processo analítico de codificação (BRAUN; CLARKE, 2019b, 2020a, 2022a, 2022b). Eles refletem um considerável trabalho analítico, e são ativamente criados pelo(a) pesquisador(a) na intersecção entre os dados, o processo analítico e a sua subjetividade (BRAUN; CLARKE, 2017). Temas não emergem passivamente tanto dos dados quanto da codificação; eles não estão dentro dos dados, esperando para serem identificados e resgatados pelo(a) pesquisador(a). Eles são histórias criativas e interpretativas sobre os dados, produzidos no entremeio das suposições teóricas do(a) pesquisador(a), suas habilidades analíticas e recursos (BRAUN; CLARKE, 2019a, 2022a, 2022b).

A despeito de pontos que podem facilitar a aplicação prática da Análise Temática Reflexiva, Braun e Clarke (2019a) elegem: a) ser explícito(a), reflexivo(a) e deliberado(a) (com conhecimento) na aplicação do método e da teoria; b) suposições e posicionamentos são sempre parte da pesquisa qualitativa e, neste sentido, de fundamental importância para uma prática reflexiva é entender e praticá-los, identificando o que está assumido e interrogando se as premissas servem a qualquer projeto; c) há diferentes abordagens da análise, e elas não são necessariamente compatíveis umas com as outras, sendo importante uma atenção a este ponto de modo a evitar confusões e equívocos em sua conceitualização e prática; d) utilizar uma

abordagem que serve aos propósitos da pesquisa e à sensibilidade analítica (quadros teóricos e conceituais); e) se a Análise Temática Reflexiva está sendo utilizada, recomenda-se uma leitura para além do artigo “*Using thematic analysis in psychology*” elaborado em 2006 (BRAUN; CLARKE, 2006), uma vez que escritos posteriores foram desenvolvidos para clarificar uma série de pontos importantes sobre a análise⁹; f) qualidade importa, e entender o que se está fazendo, o porquê e o que os critérios para realizá-la bem são, por sua vez, vitais para a sua realização (reflexiva) adequada. Assim sendo, a chave para selecionar padrões e ferramentas metodologicamente coerentes e de qualidade nela é conhecer a prática e raciocinar por meio de suposições embutidas em conceitos e práticas particulares (BRAUN; CLARKE, 2022b).

2.4.1.1. Por onde seguir? A escolha entre as decisões disponíveis

A Análise Temática envolve um número de escolhas que geralmente não são feitas de modo explícito, mas que necessitam de elucidação para serem consideradas e discutidas. Na prática, tais decisões deveriam ser tratadas antes da análise (e às vezes, mesmo durante a produção) dos dados começar, sendo este um diálogo reflexivo por parte do(a) pesquisador(a) em relação a estas indagações que são, através do processo analítico, inerentes (BRAUN; CLARKE, 2006, 2019; BRAUN; CLARKE; RANCE, 2014). Nela, as técnicas encontram-se separadas da orientação teórica da pesquisa (BRAUN; CLARKE, 2014).

Localizadas em um *continuum* ao invés de uma dicotomia (BRAUN; CLARKE, 2020a), tais predileções representam onde o(a) pesquisador(a) situa a sua pesquisa, cada uma delas carregando um conjunto de pressupostos e delimitando o que pode ou não ser dito em relação aos dados, assim como a maneira com que eles podem ser interpretados. Na realidade, como a codificação e a análise geralmente se mesclam em uma combinação entre ambas, é impossível situar-se puramente no extremo de um dos prolongamentos (BRAUN; CLARKE, 2012).

⁹ Os mesmos podem ser encontrados por meio do seguinte endereço eletrônico: <https://www.psych.auckland.ac.nz/en/about/our-research/research-groups/thematic-analysis.html>.

Geralmente, abordagens mais indutivas, semânticas e realistas¹⁰ tendem a se agrupar conjuntamente, o mesmo valendo para uma perspectiva dedutiva, latente e construtivista. Na realidade, esta separação não é sempre assim ou se dá de forma rígida, sendo o mais importante a coerência e consistência teórica em que se dá a análise (BRAUN; CLARKE; RANCE, 2014; BRAUN; CLARKE; WEATE, 2016). Cada uma das escolhas deve ser compreendida, assim, como maioritariamente ou minoritariamente orientada a cada um dos polos que se apresentam a seguir, o que justifica o uso do termo “e” entre cada uma das decisões abaixo ao invés de terminologias como “ou” e “versus” entre elas¹¹:

- a) Uma rica descrição do conjunto de dados e um relato detalhado de dado aspecto em particular

A primeira destas escolhas se refere ao senso de garantir ao(à) leitor(a) os temas mais importantes ou predominantes considerando a totalidade dos dados disponíveis. Neste caso, os temas identificados, codificados e analisados refletiriam acuradamente o conteúdo de todo o conjunto de dados selecionados para a análise. Neste tipo de escolha, certo grau de profundidade e complexidade são necessariamente perdidos,

¹⁰ A Análise Temática pode ser utilizada para descrever e sintetizar, não havendo inerentemente nada de errado com esta opção, desde que isto seja apropriado aos propósitos da pesquisa. No entanto, mais importante é notar que, geralmente, uma análise mais rica se move da simples descrição e síntese até o contar de uma história sobre os dados. Isto significa que, embora ela seja amplamente usada, seu potencial como um método é frequentemente subestimado. Para além, outro fator de depreciação diz respeito ao fato de considerar que ela não apresenta teoria. Ao contrário, é preciso lembrar de sua flexibilidade e do fato de que ela pode ser teoricamente orientada através de quadros de distintas teorias. Ainda sobre este ponto, é importante enfatizar que a teoria não é uma simples opção na análise. Embora haja certa flexibilidade relativa a esta decisão, ela nunca é conduzida em um vácuo teórico (BRAUN; CLARKE, 2017, 2020a, 2020b, 2022b; CLARKE; BRAUN, 2018) e, por isso, não deveria ser pensada como não a contendo. Tal análise necessita de sustentação teórica, a qual deve ser escolhida e as teorias explicitadas na maneira em que são implementadas (CLARKE; BRAUN, 2018).

¹¹ Este é um importante ponto de desenvolvimento de uma análise que se faz viva ao longo do tempo. Inicialmente, o seu artigo fundador “*Using thematic analysis in psychology*” (BRAUN; CLARKE, 2006) apresentava o termo “ou” entre cada uma das decisões, denotando uma escolha com um tom um tanto quanto mais conciso e unilateral. A substituição pelo termo “e”, assim, formalmente se deu por meio do texto “*Reflecting on reflexive thematic analysis*” (BRAUN; CLARKE, 2019a), onde as autoras buscam explicitar justamente uma opção que se dá por meio de um espectro e que, portanto, não exclui a utilização da outra ou mesmo um uso que privilegie a combinação entre ambas.

enquanto uma rica e generalizada descrição é mantida. Esta é uma opção útil, a saber, quando há pouco conhecimento sobre o objeto investigado ou quando as perspectivas de participantes em relação a dado assunto são desconhecidas (BRAUN; CLARKE, 2006, 2017, 2019a; BRAUN; CLARKE; RANCE, 2014; BRAUN; CLARKE; WEATE, 2016).

Um uso alternativo desta mesma análise é prover um relato mais matizado e detalhado de dado tema em particular, ou um grupo de temas, no interior da base de dados. Esta decisão está mais relacionada à existência de uma indagação específica ou área de interesse dentro dos dados e ao longo de toda ou da maioria de sua selecionada extensão (BRAUN; CLARKE, 2006, 2017, 2019a; BRAUN; CLARKE; RANCE, 2014; BRAUN; CLARKE; WEATE, 2016).

Este estudo privilegiará um relato detalhado dos aspectos que se referem à origem e constituição das disposições relacionadas à prática do xadrez. Sem exclusão, se necessário, de uma descrição detalhada de aspectos latentes que sejam relevantes.

b) Análise indutiva e teórico-dedutiva

Contar com uma abordagem indutiva significa que os temas identificados são fortemente relacionados ao conjunto de dados. É, portanto, um processo de codificação dos mesmos sem a tentativa de encaixá-los em um quadro de códigos já existente ou mesmo nas concepções já arraigadas pelo(a) pesquisador(a)¹². Neste sentido, esta forma de análise é mais fundamentada nos dados, ao invés de uma indução mais pura, uma vez que não é possível realizar a análise em um vácuo teórico (BRAUN; CLARKE, 2006, 2012, 2017, 2019a, 2020a, 2022b; BRAUN; CLARKE; RANCE, 2014; BRAUN; CLARKE; WEATE, 2016).

Em contraste, uma análise dedutiva seria guiada pelo referencial teórico do(a) pesquisador(a) ou de seus interesses analíticos na área, sendo isto mais explícito

¹² A despeito de uma suposta neutralidade do(a) pesquisador(a), Braun e Clarke (2006) advertem que não é possível que os(as) mesmos(as) se libertem, por si próprios(as), de suas posições teóricas e epistemológicas, uma vez que o dado não é codificado entre o vácuo destes comprometimentos.

conforme ela é dirigida. Tal formato de análise tende a prover, por sua vez, menos uma rica descrição do conjunto de dados e, portanto, mais uma análise detalhada de algum aspecto do mesmo (BRAUN; CLARKE, 2006, 2017, 2019a; BRAUN; CLARKE; RANCE, 2014; BRAUN; CLARKE; WEATE, 2016). Nela, “o(a) pesquisador(a) traz aos dados uma série de conceitos, ideias ou assuntos utilizados para codificar e interpretá-los” (BRAUN; CLARKE, 2012, p. 3), havendo uma lente pela qual os significados e a teoria da pesquisa são analisados e interpretados (BRAUN; CLARKE, 2020a, 2022a).

É impossível ser tão somente indutivo, ao passo que, enquanto seres humanos, carregamos uma bagagem que se reflete nos dados; assim como raramente seria possível ignorar totalmente a base de dados em si, considerando uma codificação que se dá por meio de um constructo teórico (BRAUN; CLARKE, 2012, 2017, 2019a; BRAUN; CLARKE; RANCE, 2014; BRAUN; CLARKE; WEATE, 2016).

Considerando o referencial teórico *bourdieusiano* com o qual conta o estudo, esta decisão se dará por uma análise de cunho teórico baseada nos conceitos e teoria do autor. Não se exclui, porém, a contribuição e possibilidade de apropriação de demais autores, bem como uma análise que, em alguns pontos, se dê em uma maneira mais indutivamente fundamentada nos dados.

c) Temas semânticos e latentes

Tipicamente, uma análise acontece exclusiva ou primeiramente, em um nível inicial, por uma abordagem semântica. Nela, os temas são identificados em seus significados óbvios, manifestos, explícitos ou superficiais (BRAUN; CLARKE, 2020a), uma vez que o(a) analista não está procurando por algo além daquilo que o(a) participante tem dito ou mesmo escrito. Idealmente, o processo analítico envolve uma progressão da descrição, onde o dado é simplesmente organizado para demonstrar padrões de seu conteúdo semântico até, sinteticamente, à interpretação, onde há uma preocupação em teorizar a significância dos padrões e seus mais amplos significados e implicações, frequentemente, em relação à literatura prévia (BRAUN; CLARKE, 2006,

2017, 2019a; BRAUN; CLARKE; RANCE, 2014; BRAUN; CLARKE; WEATE, 2016).

Em contraste, uma análise no nível latente segue em direção além daquela verificada no conteúdo semântico dos dados e de forma implícita, subjacente e oculta, começando por identificar ou examinar as ideias, suposições, conceitualizações e ideologias que, uma vez teorizadas, moldam e informam sobre o simples conteúdo semântico dos dados (BRAUN; CLARKE, 2006, 2017, 2019a, 2020a; BRAUN; CLARKE; RANCE, 2014; BRAUN; CLARKE; WEATE, 2016).

Considerando tratar de um tema que, em sua essência, só pode ser desvelado a partir de aspectos que lhe são ocultos, a opção por esta escolha será por uma análise de nível latente. Sem menosprezar, no entanto, que este é um processo de progressão contínuo durante o estudo e que envolverá, inicialmente, a descrição semântica para a elucidação dos mesmos.

d) Epistemologia essencialista/realista e construtivista

A epistemologia da pesquisa orienta o que pode ser dito sobre os dados e informa como teorizar os seus significados. Dentro de um paradigma essencialista/realista, por exemplo, teorizam-se motivações, experiências e significados de uma forma íntegra, uma vez que uma relação simples e amplamente unidirecional é assumida entre o significado, a experiência e a linguagem (esta última refletindo e possibilitando a articulação entre significado e experiência) (BRAUN; CLARKE, 2006, 2017, 2019a; BRAUN; CLARKE; RANCE, 2014; BRAUN; CLARKE; WEATE, 2016).

Pelo oposto, em uma perspectiva construtivista, significado e experiência são, ao invés de inerentes aos indivíduos, socialmente produzidos e reproduzidos. Portanto, a análise conduzida em um pano de fundo construtivista não pode e não procura focar na motivação ou idiosincrasias individuais, mas, ao invés, privilegia teorizar os contextos socioculturais e condições estruturais que possibilitam as ações individuais que deles

são provenientes (BRAUN; CLARKE, 2006, 2017, 2019a; BRAUN; CLARKE; RANCE, 2014; BRAUN; CLARKE; WEATE, 2016).

Com vista à produção do contexto sociocultural que tornou possível a trajetória esportiva das participantes deste estudo, a opção maioritariamente construtivista será utilizada com o fim de possibilitar o delineamento das condições sociais nas quais a trama de ações e relações pertinentes a cada uma das atletas foi conferido. Não há o descarte, entretanto, de pontos em que, inicialmente, uma abordagem essencialista/realista seja utilizada.

e) As várias questões da pesquisa qualitativa

Vale a pena notar que a pesquisa qualitativa envolve uma série de questões e, por isto, há uma necessidade de ser claro sobre a relação entre estas diferentes indagações. Primeiro, há a questão geral de pesquisa ou perguntas que orientam o projeto. Segundo, se dados de entrevistas ou grupos focais forem coletados, há as interrogações que os(as) participantes devem responder. Finalmente, existem inquirições que orientam a codificação e análise dos dados. Não há, necessariamente, relação entre estas três e, de fato, é frequentemente desejável que haja uma disjunção entre elas (BRAUN; CLARKE, 2006).

A origem e a constituição das disposições relacionadas às trajetórias esportivas da elite de atletas femininas de xadrez serão definidas como tema central deste estudo, sendo este o eixo que sustentará o desenvolvimento de demais temas a ele relacionados.

2.4.1.2. Realizando: um guia passo-a-passo das fases

A análise envolve um movimento constante de vai-e-vem entre todo o conjunto de dados, os extratos codificados e a análise dos temas produzidos. Além disso, a análise não é um processo linear de simples movência de uma fase à outra. Ao invés, é um percurso recursivo onde o movimento se dá para trás e para frente quantas vezes

forem necessárias através de cada uma das fases. É, também, um procedimento que se desenvolve ao longo do tempo e que não deve, porquanto, ser apressado (BRAUN; CLARKE, 2006, 2017; BRAUN; CLARKE; RANCE, 2014; BRAUN; CLARKE; WEATE, 2016).

Compreendendo que os temas não se encontram nos dados e, portanto, não simplesmente deles emergem, a Análise Temática Reflexiva compreende a sua produção enquanto a intersecção entre os postulados teóricos assumidos, o conhecimento que se tem sobre o objeto, a experiência e os constructos de pesquisa e, finalmente, o próprio conteúdo presente na base de dados (BRAUN; CLARKE; WEATE, 2016). Nela, o processo analítico envolve a imersão nos dados, leitura, reflexão, questionamento, imaginação, escrita, retratação e retorno (BRAUN; CLARKE, 2020a).

Suas fases de codificação são similares às etapas próprias de outros métodos qualitativos de pesquisa. O processo se inicia na procura ativa por aspectos de potencial interesse e padrões significativos ao longo do conjunto de dados, possivelmente ainda na fase de produção. A análise, por sua vez, envolve o movimento constante de retrocesso e avanço entre os dados, configurando um processo recursivo e não linear de ação destas direções conforme a necessidade do pesquisador entre suas fases (Tabela 2). Consoante a este quadro, são seis as principais fases de sua codificação (BRAUN; CLARKE; WEATE, 2016):

Tabela 2 – Fases da Análise Temática

Fase	Descrição do processo
1. Familiarização com os dados e escrita de notas de familiarização:	Transcrever o dado (se necessário), lendo e o relendo, anotando ideias iniciais
2. Codificação sistemática dos dados:	Codificar características interessantes do dado de uma maneira sistemática ao longo de toda a seleção considerada, agrupando dados relevantes em cada código
3. Gerando temas iniciais provenientes dos códigos e produção dos dados:	Associação dos códigos em potenciais temas, reunindo todo o dado relevante para cada tema em potencial
4. Desenvolvendo e revisando	Verificando se os temas desempenham em relação aos

temas:	extratos codificados (nível 1) e ao conjunto de dados (nível 2), gerando um mapa temático da análise
5. Refinando, definindo e nomeando temas:	Análise contínua para refinar as especificidades de cada tema, e a história geral que a análise conta, gerando definições claras e nomes para cada tema
6. Produzindo o relatório:	A oportunidade final para análise. Seleção de vívidos e convincentes exemplares de extratos, análise final dos extratos selecionados, remetendo a análise de volta à questão de pesquisa e literatura, produzindo um relato acadêmico de análise

Adaptado de “*Using thematic analysis in psychology*” (BRAUN; CLARKE, 2006, p. 87) e complementado por “*One size fits all? What counts as quality practice in (reflexive) thematic analysis?*” (BRAUN; CLARKE, 2020a, p. 4). É importante notar que, entre os artigos citados, houve uma alteração das denominações de cada uma das fases de modo a representar a progressão da Análise Temática para a Análise Temática Reflexiva. Como este estudo corrobora com esta última, optou-se por apresentar a nomenclatura mais atual e, dela, propícia. Tradução minha.

a) Fase 1: familiarização com os dados e escrita de notas de familiarização

Comum a todas as formas de análise qualitativas, esta fase denota a imersão nos dados por meio da leitura e releitura de textos, da escuta de gravações, da visualização de vídeos, dentre outros. E, isto, de maneira ativa, analítica e crítica ao passo que tal modo confere luz a um início de pensamento sobre o que os dados significam. O intuito central deste estágio, assim, é tornar-se intimamente familiarizado(a) com o conteúdo da seleção de dados extraída e começar a registrar pontos que possam ser relevantes para a questão central de pesquisa (BRAUN; CLARKE, 2006, 2012, 2017; BRAUN; CLARKE; RANCE, 2014; BRAUN; CLARKE; WEATE, 2016).

Durante esta fase, destaca-se a importância de se começar a tomar notas ou registrar ideias de codificação em que as subsequentes fases, por sua vez, a elas retornarão. Feito isto, pode ser dado início ao processo mais formal de codificação. Em essência, ela continua a se desenvolver e definir ao longo de toda a análise. No que tange à transcrição, enfim, como não há uma só maneira de conduzi-la, também não há

um conjunto único de diretrizes a ser seguido em sua produção¹³ (BRAUN; CLARKE, 2006, 2017; BRAUN; CLARKE; RANCE, 2014; BRAUN; CLARKE; WEATE, 2016).

O engajamento na análise, mais precisamente em sua produção, pode se dar primariamente pelo(a) autor(a) ou ser oriundo de fontes secundárias outras. Se a situação for a primeira, o(a) pesquisador(a) terá algum grau de conhecimento prévio sobre os dados e, possivelmente, também pensamentos ou interesses analíticos iniciais. Independentemente disto, a imersão nos dados a partir de si mesmo é vital na medida em que ela se torna extensão de seu conteúdo, e isto em termos de grau de profundidade e distanciamento (BRAUN; CLARKE, 2006, 2017; BRAUN; CLARKE; RANCE, 2014; BRAUN; CLARKE; WEATE, 2016). Alguns códigos podem ser razoavelmente descritivos e simplesmente sintetizar o conteúdo dos dados (códigos semânticos), enquanto outros podem ser interpretativos e oferecerem alguma compreensão sobre o conteúdo dos dados (códigos latentes) (BRAUN; CLARKE; RANCE, 2014; BRAUN; CLARKE; WEATE, 2016).

Adentrar nos dados geralmente envolve uma leitura repetitiva dos mesmos e releitura ativa que abranjam, ambas, a procura por significados e padrões (temas). O ideal, neste sentido, é ler todo o conjunto de dados selecionado para a pesquisa pelo menos uma vez antes de iniciar a codificação, tão logo as ideias e a identificação de possíveis padrões sejam possíveis ao longo da mesma. É comum, durante a codificação, se envolver mais na medida em que se está mais analiticamente engajado(a). Neste sentido, recomenda-se retornar aos dados ao menos algumas vezes quando se está realizando este processo, de maneira a garantir uma série de códigos sistemática, coerente e robusta. Rodadas posteriores em relação à primeira podem facilitar, inclusive, o desenvolvimento de códigos latentes. Não há um ponto específico para cessar a codificação, bem como um número ideal de códigos. O que se procura é uma lista de códigos que seja rica e capture, através dos dados, os aspectos analíticos e relevantes de seu conjunto (BRAUN; CLARKE; WEATE, 2016). É, portanto, tentador desviar-se desta fase ou ter certa seletividade em relação a ela (BRAUN; CLARKE, 2006, 2017; BRAUN; CLARKE; RANCE, 2014; BRAUN; CLARKE; WEATE, 2016).

¹³ Entretanto, as autoras apontam para uma transcrição mínima que seja rigorosa quanto à ortografia, bem como com o verbatim elucidado em enunciados verbais e não-verbais (BRAUN; CLARKE, 2006).

b) Fase 2: codificação sistemática dos dados

Inicia-se quando houve a leitura e familiarização com os dados, gerando uma lista inicial de ideias sobre o que está no interior deles e o que é interessante sobre os mesmos. Esta fase envolve, então, a produção de códigos iniciais oriundos da base de dados (BRAUN; CLARKE, 2006, 2017; BRAUN; CLARKE; RANCE, 2014; BRAUN; CLARKE; WEATE, 2016).

Nela, a formação de uma escora de repetidos padrões (temas), ao longo do conjunto de dados, dependerá de um trabalho sistemático através do mesmo, bem como de uma equitativa atenção para cada item dos dados, de forma a identificar diferentes aspectos em cada um deles (BRAUN; CLARKE, 2006; BRAUN; CLARKE; RANCE, 2014). Os limites da codificação podem se expandir ou contrair, sendo que códigos similares que se sobrepõem se mesclam entre si. Já códigos mais amplos e complexos podem ser divididos em dois ou mais códigos. Ter a questão de pesquisa em mente quando se está codificando é importante, mas a codificação deve ser inclusiva. Tal processo pode ser até que auxilie no refinamento e foco desta última, sendo a recursividade no procedimento, por sua vez, crucial para que isto ocorra (BRAUN; CLARKE, 2017, 2022a; BRAUN; CLARKE; RANCE, 2014; BRAUN; CLARKE; WEATE, 2016).

Os códigos podem ir além do significado conferido pelos(as) participantes, provendo uma interpretação sobre o conteúdo dos dados. Eles quase sempre serão, desta forma, uma mescla entre as abordagens descritiva e interpretativa anteriormente explicitadas. No que tange ao processo de codificação, é importante ressaltar que ele é, com a prática, aprimorado. Não há uma forma certa ou errada de administrá-lo. Se faz importante, neste sentido, codificar a cada vez que algo seja potencialmente relevante em relação à questão central de pesquisa, sendo este um processo inclusivo, transversal e sistemático (BRAUN; CLARKE, 2017; BRAUN; CLARKE; RANCE, 2014; BRAUN; CLARKE; WEATE, 2016).

Em termos práticos, a codificação pode ser feita manualmente ou de forma eletrônica utilizando algum *software* específico de processamento dos dados designado

a dar suporte à análise qualitativa (BRAUN; CLARKE; RANCE, 2014). Termina, porquanto, quando todo o conjunto de dados está codificado e os dados relevantes para cada um dos códigos estejam produzidos (BRAUN; CLARKE, 2012, 2017; BRAUN; CLARKE; RANCE, 2014; BRAUN; CLARKE; WEATE, 2016).

c) Fase 3: gerando temas iniciais provenientes dos códigos e produção dos dados

Principia quando todos os dados tiverem sido codificados e agrupados, havendo uma longa lista de diferentes códigos que tenham sido identificados ao longo do conjunto de dados da pesquisa. Esta fase, a qual foca novamente a análise em um nível mais amplo dos temas, envolve a ordenação de diferentes códigos em potenciais temas, agrupando todos os extratos relevantes dentro dos temas identificados. Essencialmente, é o início da análise da codificação e das considerações sobre como diferentes códigos podem se combinar para formar um tema abrangente (BRAUN; CLARKE, 2006, 2012, 2017; BRAUN; CLARKE; RANCE, 2014; BRAUN; CLARKE; WEATE, 2016).

Tal fase abarca o momento em que se dá o início do pensamento sobre as relações entre códigos, temas e diferentes níveis de temas. Ela se encerra, então, quando há uma coleção de temas e subtemas candidatos, além de todos os extratos dos dados terem sido codificados em relação a eles. Neste ponto, um senso de significância dos temas individuais começa a ser produzido (BRAUN; CLARKE, 2006, 2017; BRAUN; CLARKE; RANCE, 2014; BRAUN; CLARKE; WEATE, 2016).

“Procurar por temas é um processo ativo, significando que eles são gerados ou construídos ao invés de descobertos” (BRAUN; CLARKE, 2012, p. 7). Basicamente, o procedimento de geração de temas e subtemas envolve colapsar ou agrupar códigos que parecem compartilhar algum princípio unificante juntos, sendo eles reflexo ou descrição de um padrão coerente e significativo dos dados. Neste prolongamento, tempo e espaço (em relação aos dados) auxiliam a desenvolver análises diferenciadas, produzindo temas ricos, complexos e não-óbvios que nunca teriam sido antecipados antes da análise (BRAUN; CLARKE, 2020a).

Neste estágio, outro elemento relevante diz respeito ao início da exploração da relação entre os temas, considerando como eles podem trabalhar juntos para contar uma história geral sobre os dados que se aproxime de considerações sobre a questão de pesquisa. Essencial é, neste sentido, que os temas sejam apresentados em suficiente profundidade e detalhamento, carregando consigo a riqueza e complexidade dos dados. Esta fase termina, por fim, com um mapa temático ou tabela que descreva os temas candidatos, devendo todos os extratos de dados serem agrupados no que se refere ao que é relevante para cada tema; desta forma, é possível iniciar o processo que tange a revisá-los (BRAUN; CLARKE, 2012, 2017; BRAUN; CLARKE; RANCE, 2014; BRAUN; CLARKE; WEATE, 2016).

d) Fase 4: desenvolvendo e revisando temas

Inaugura-se quando há a elaboração de uma lista de temas candidatos, envolvendo o refinamento dos mesmos. Os dados que se encontram no interior destes temas devem ser tanto coerentes como significantes, porquanto estarem claros e identificáveis em relação à distinção entre os temas. Esta fase engloba dois níveis recursivos de revisão e refinamento dos temas (BRAUN; CLARKE, 2006, 2012, 2017; BRAUN; CLARKE; RANCE, 2014; BRAUN; CLARKE; WEATE, 2016).

O nível um envolve uma revisão no grau de codificação dos extratos dos dados, o que significa a necessidade de leitura de todos os extratos agrupados para cada tema, considerando a sua aparição em um formato que represente um padrão coerente. O nível dois, por sua vez, detém um processo similar, mas em relação a todo o conjunto de dados considerado para a pesquisa. Neste grau, há de se considerar a validade dos temas individuais em relação à toda a base de dados, mas também se o mapa temático candidato reflete de maneira acurada os significados evidentes no conjunto de dados como um todo (BRAUN; CLARKE, 2006, 2012, 2017; BRAUN; CLARKE; RANCE, 2014; BRAUN; CLARKE; WEATE, 2016).

Até certo ponto, o que conta como uma representação acurada depende da abordagem teórica e analítica adotada. Entretanto, nesta fase a releitura de toda a base

de dados serve a dois propósitos. O primeiro, conforme já discutido, para averiguar se os temas funcionam em relação ao conjunto de dados. O segundo, por sua vez, para codificar qualquer dado adicional dentro dos temas que foram descartados em estágios anteriores da própria codificação. A necessidade por recodificar a partir da base de dados se dá pelo fato de que se espera que este processo de codificação ocorra de forma contínua e orgânica. No final desta fase, uma razoável dimensão do quão os temas são diferentes, de como eles se encaixam juntos e do quanto dizem de forma geral sobre a questão de pesquisa se dá (BRAUN; CLARKE, 2006, 2012). Neste estágio, a revisão envolve a criação de temas adicionais e o ajuste ou descarte de temas já existentes (BRAUN; CLARKE, 2012, 2017; BRAUN; CLARKE; RANCE, 2014; BRAUN; CLARKE; WEATE, 2016).

e) Fase 5: refinando, definindo e nomeando temas

Neste estágio, os temas são definidos e, então, refinados para serem apresentados ao longo da análise de forma a possibilitar a investigação dos dados que se encontram no interior de cada um deles. Por definição e redefinição compreende-se a identificação da essência do que cada tema carrega, determinando qual aspecto do dado cada tema captura. É necessário considerar os temas por eles mesmos e cada tema em relação aos outros. Como parte do refinamento, se faz a identificação de quando (ou não) um tema contém algum subtema (BRAUN; CLARKE, 2006, 2017; BRAUN; CLARKE; RANCE, 2014; BRAUN; CLARKE; WEATE, 2016).

Subtemas são, basicamente, temas que se encontram no interior de um tema e nele compartilham um conceito central de organização, ao mesmo tempo que um aspecto que deles se distingue. Eles podem ser úteis para conferir estrutura a um tema em particular, dada sua complexidade e extensão, e também para demonstrar a hierarquia de significados dentro da base de dados. Vários subtemas podem ser úteis quando há aspectos notáveis de um tema que merecem destaque. Já vários subtemas pode ser que possibilitem a perda de complexidade e coerência de uma análise. No final desta fase, é importante que a definição de quais são os temas e os que não são esteja

clara. As nomenclaturas devem ser concisas, vigorosas e imediatamente possibilitar, a quem as lê, o senso sobre o que o tema abarca (BRAUN; CLARKE, 2006, 2017; BRAUN; CLARKE; RANCE, 2014; BRAUN; CLARKE; WEATE, 2016).

Esta fase envolve um trabalho analítico profundo de modo a conferir, à análise, forma e detalhamento refinados. Para além, abarca a seleção de extratos para serem apresentados e analisados e, então, representarem a história de cada tema que se encontra dentro ou em seu arredor. Os dados devem ser interpretados e conectados com as indagações mais amplas da pesquisa e com o interior do campo em que se está situado. Entretanto, mesmo que sejam apresentados vários extratos de dados muito próximos ao que os(as) participantes demonstraram, a análise sempre se move para além dos dados. Ela nunca reporta somente palavras, mas as interpreta e organiza dentro de um quadro conceitual mais amplo. Conclusões, assim, devem ser desenhadas através de toda a análise. Para tal, ela necessita ter conexões entre temas e o que é dito, em geral, sobre o conjunto de dados. Uma adequada nomeação se dá, desta forma, quando é informativa, concisa e atraente (BRAUN; CLARKE, 2006, 2012, 2017; BRAUN; CLARKE; RANCE, 2014; BRAUN; CLARKE; WEATE, 2016).

f) Fase 6: produzindo o relatório

Se estabelece quando há uma série de temas funcionando e trabalhando entre si, envolvendo a análise final e a escrita do relatório. É importante que a análise (a sua escrita, incluindo os extratos dos dados) ofereça uma história convincente, clara, complexa, concisa, coerente, lógica, interessante e sem redundância acerca do que os dados contam ou do que está no interior e através dos temas (BRAUN; CLARKE, 2006, 2017, 2012; BRAUN; CLARKE; RANCE, 2014; BRAUN; CLARKE; WEATE, 2016).

Entretanto, a escrita precisa ofertar mais do que simplesmente a apresentação dos dados. Os extratos necessitam ser envoltos em uma narrativa que ilustra, convincentemente, a história que se quer contar sobre eles. A narrativa analítica, portanto, necessita ir além da mera descrição dos dados, construindo um argumento em

relação à questão central da pesquisa (BRAUN; CLARKE, 2006, 2017; BRAUN; CLARKE; RANCE, 2014; BRAUN; CLARKE; WEATE, 2016).

Nesta mesma direção, há duas maneiras diferentes de se utilizar as citações na Análise Temática: a) de uma forma ilustrativa, onde elas fornecem indícios e exemplos de pontos diferentes da narrativa, sem dizer nada em específico sobre o conteúdo de cada citação; b) analiticamente, quando a narrativa diz algo em particular sobre as características específicas de cada citação. Independentemente disto, as citações selecionadas devem ser claras e convincentes, além de extraídas de todo o conjunto de dados. É relevante evitar simplesmente parafrasear o conteúdo dos dados, necessitando que a análise se situe em relação à literatura prévia (BRAUN; CLARKE; RANCE, 2014).

É importante ressaltar que “esta não é uma fase que se inicia no fim” (BRAUN; CLARKE, 2012, p. 10), mas sim “uma parte integral do desenvolvimento da análise nesta abordagem e na análise qualitativa em geral” (BRAUN; CLARKE; RANCE, 2014, p. 14). A escrita e a análise são interlaçadas transversalmente entre si na pesquisa qualitativa, e isto desde a escrita de notas e memorandos informais até o processo mais formal de análise e escrita do relatório. O propósito deste, por meio da apresentação lógica e significativa da ordem dos temas, é oferecer a construção de uma história convincente sobre os dados (BRAUN; CLARKE, 2012, 2017; BRAUN; CLARKE; RANCE, 2014; BRAUN; CLARKE; WEATE, 2016).

2.4.1.3. Potenciais armadilhas a serem evitadas em seu uso

Embora a popularidade da Análise Temática tenha crescido enquanto um distinto método analítico durante a última década, evidências têm demonstrado certa confusão na compreensão sobre o que ela é, que filosofia a sustenta e com o que a sua melhor versão se aproximaria (CLARKE; BRAUN, 2018). Apesar de sua maior demarcação e conhecimento no campo científico, ainda permanecem algumas limitações e confusões sobre a sua implementação e entendimento (BRAUN; CLARKE, 2019a), bem como acerca da má compreensão sobre a diversidade de abordagens possíveis em sua utilização (BRAUN; CLARKE, 2022a).

Os equívocos mais comuns cometidos nesta análise envolvem a pouca ou ausente análise dos extratos de dados, a simples paráfrase ou síntese dos mesmos, a falta de exemplos que confirmem a ela evidência e desencontros entre dados e análise ou entre o seu formato considerado e a posição teórica assumida no relatório (BRAUN; CLARKE, 2012; BRAUN; CLARKE; RANCE, 2014). Para Braun, Clarke e Weate (2016), ademais, realizá-la de forma descritiva, realista e essencialista é limitá-la, uma vez que assim ignorar-se-ia os potenciais interpretativos e de engajamento do(a) pesquisador(a). Neste sentido, algumas das fundamentais armadilhas a se evitar são, a seguir, elencadas.

O principal e primeiro dos estratagemas considerados enquanto minimizadores da capacidade desta análise é, simplesmente, o fato de não haver análise de todo o corpo de dados. Cada um dos extratos é valioso e ilustrativo dos pontos analíticos que o(a) pesquisador(a) realiza sobre eles. Estes, portanto, deveriam ser utilizados para ilustrar ou dar suporte à análise que vai além de seu conteúdo em específico, adquirindo senso dos dados e contando ao(à) leitor(a) o que é ou o que eles poderiam significar (BRAUN; CLARKE, 2006).

Uma segunda estratégia a se obter distanciamento diz respeito ao uso das questões de uma seleção de dados (como aquelas provenientes de uma entrevista) como se fossem suas respostas ou cada um dos temas a serem reportados. Neste caso, nenhum trabalho analítico fora realizado para identificar os temas ao longo de toda a base de dados, ou mesmo para que façam sentido frente a uma padronização de respostas (BRAUN; CLARKE, 2006, 2012).

A terceira prática se refere a uma fraca análise que não tem o convencimento entre suas características, onde os temas parecem não funcionar, onde há muito lapso entre eles ou onde os temas não são internamente coerentes e consistentes. Todos os aspectos do tema necessitam ser coesos acerca de uma ideia ou conceito centrais (BRAUN; CLARKE, 2006).

A quarta esparrela representa um desencontro entre os dados e o que eles clamam enquanto análise. Neste tipo de infundado exercício, as reivindicações não são baseadas nos dados ou, no pior dos casos, nos extratos dos dados apresentados que, por sua vez, sugerem outra análise ou mesmo a contradizem. O(a) pesquisador(a) precisa se

certificar que as suas interpretações e pontos analíticos são consistentes dentro dos dados dos extratos. Uma análise fraca, neste aspecto, não parece considerar outras óbvias alternativas de leitura dos dados advindas de diferentes pessoas, ou falha em considerar a variação (e mesmo a contradição) no relato que se produz (BRAUN; CLARKE, 2006).

O quinto logro envolve um desencontro entre a teoria e os pressupostos analíticos, ou entre as questões centrais de pesquisa e a forma com que a análise é realizada. Uma análise eficiente precisa garantir que a interpretação dos dados é consistente considerando o referencial teórico utilizado (BRAUN; CLARKE, 2006).

Ademais, a Análise Temática compõe uma ferramenta que pode servir vários propósitos, mas especificamente não todos eles (BRAUN; CLARKE, 2014; BRAUN; CLARKE, WEATE, 2016). Há vários tipos de questões de pesquisa em que esta análise não consegue se desenvolver de forma adequada, como, por exemplo, indagações sobre narrativas e histórias, perguntas focadas tanto em narrativas individuais quanto em padronizações temáticas ou inquirições orientadas a uma linguagem mais prática e discursiva. Da mesma forma, se o objetivo é desenvolver modelos e teorias dos dados, tais propósitos podem ser mais adequadamente atingidos utilizando-se outras abordagens de análise (BRAUN; CLARKE; WEATE, 2016).

No mesmo sentido, Braun e Clarke (2020a) apontam dez problemas comuns evidenciados em publicações que envolvem a análise: a) assumir que a Análise Temática é uma única abordagem; b) citá-la sem ler as publicações; c) opções por escolhas injustificadas ou incompatíveis; d) assumir que a análise não tem teoria; e) presumir que ela é apenas realista/essencialista ou experimental/fenomenológica; f) acreditar que ela é somente descritiva; g) confusão entre códigos e temas; h) cometer o equívoco de achar que os temas existem antes da análise, ou seja, são emergentes; i) aceitação sem crítica do que é dito ou escrito sobre ela (BRAUN; CLARKE, 2020a).

Finalmente, mesmo uma análise interessante falha quando não deixa claro seus pressupostos teóricos, ou deslumbra como eles estão ocultos. Seja qual for o propósito, não os manifestar sugere a perda importante de informações que são cruciais neste aspecto (BRAUN; CLARKE, 2006). Ao desenvolver e revisar a análise, assim, é importante se certificar que as reivindicações estejam justificadas por dados e que elas

mesmas se encaixam dentro da posição teórica mais ampla adotada (BRAUN; CLARKE, 2012; BRAUN; CLARKE; RANCE, 2014).

2.4.1.4. O que faz uma boa análise?

Tal qual qualquer abordagem analítica, a Análise Temática pode ser bem ou mal conduzida. Essencial para a realização de uma adequada versão, neste sentido, é ter um entendimento claro sobre como o(a) pesquisador(a) se posiciona em relação às decisões, racionalização para realizá-las e uma aplicação consistente destas escolhas ao longo da análise (BRAUN; CLARKE, 2012, 2014).

Como um método flexível, é fulcral que a análise seja clara e explícita sobre o que se está fazendo. Isto, por sua vez, precisa ir ao encontro do que, na realidade, já está realizado. Neste sentido, teoria e método necessitam ser rigorosamente aplicados. Rigor, este, que denota a situação em que um método sistematicamente apresenta suas premissas, sendo estas congruentes com a maneira em que a conceitualização do conteúdo é realizada (BRAUN; CLARKE, 2006).

As duas razões principais que justificam o uso da Análise Temática se devem à sua acessibilidade e flexibilidade (Tabela 3) (BRAUN; CLARKE, 2017). Para iniciantes em pesquisa qualitativa, ela proporciona o vislumbre dos mecanismos de codificação e análise qualitativos e sistemáticos dos dados, os quais podem se relacionar a questões teóricas ou conceituais mais amplas (BRAUN; CLARKE, 2012, 2014; BRAUN; CLARKE; RANCE, 2014; BRAUN; CLARKE; WEATE, 2016). Para além, oferece uma robusta e sofisticada análise, sem maiores comprometimentos teóricos, servindo bem a equipes de pesquisadores(as) onde alguns são mais ou menos iniciados à experiência qualitativa (BRAUN; CLARKE, 2014; BRAUN; CLARKE; RANCE, 2014; BRAUN; CLARKE; WEATE, 2016).

Tabela 3 – Vantagens da Análise Temática

Flexibilidade
Método relativamente fácil e rápido de se aprender e realizar

Acessível a pesquisadores(as) com pouca ou ausente experiência na pesquisa qualitativa
Resultados, geralmente, são acessíveis ao público em geral
Método útil para trabalhar com um paradigma de pesquisa participativo ou com colaborações ao longo do trabalho
Pode resumir de forma útil conceitos-chave de um extenso banco de dados, e/ou oferecer uma espessa descrição do conjunto de dados selecionados para a pesquisa
Pode realçar similaridades e diferenças sobre o conjunto de dados considerado
Pode gerar ideias imprevistas
Permite tanto interpretações sociais quanto psicológicas dos dados
Pode ser útil para produzir análises qualitativas adequadas para subsidiar o desenvolvimento político
Adaptado de “ <i>Using thematic analysis in psychology</i> ” (BRAUN; CLARKE, 2006, p. 97). Tradução minha.

Para além, recomenda-se a visita de um extensivo *website*¹⁴ criado pelas autoras que inclui exemplos de materiais de pesquisa para a entrevista, listas de publicações e conjuntos de dados para praticar transcrições, codificação e análise. Adicionalmente, tem-se outra página¹⁵ interessante que se destaca pela seção de perguntas frequentes às autoras (BRAUN; CLARKE, 2020a, 2022b; BRAUN; CLARKE; RANCE, 2014; CLARKE; BRAUN, 2018).

¹⁴ Para mais informações, acessar: <http://www.sagepub.com/braunandclarke>.

¹⁵ O endereço de acesso é: <http://www.psych.auckland.ac.nz/thematicanalysis>.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

3.1. *Pierre Bourdieu*: uma abordagem teórico-metodológica

Pierre Félix Bourdieu (1930-2002) nasceu em 1º de agosto de 1930 no pequeno vilarejo de Denguin, região situada na província do Béarn e localizada no sul dos Pirenéus Atlânticos da França. De origem tradicionalmente camponesa e uma das menos modais e frequentes (CHARTIER; LOPES, 2002) considerando o que viria a se tornar, sua família nuclear era composta por ele e seus pais, Albert Bourdieu e Noémi Bourdieu, sendo o gascon – hoje uma língua morta – o dialeto utilizado enquanto linguagem, à época, no interior de seu lar. O seu pai nunca completou o próprio processo de escolarização, muito embora tenha sido empregado, em meados de seus 30 anos, enquanto carteiro pelos correios franceses. A sua mãe, também proveniente do meio rural, continuou os estudos ao longo de 16 anos, sendo pertencente a uma família de agricultores de estrato social um pouco mais elevado (GRENFELL, 2008; MASSON, 2015; NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2009).

Sua “extraordinária trajetória acadêmica” (GRENFELL, 2008, p. 1) explicita “uma origem social *sui generis*” (CHARTIER; LOPES, 2002, p. 158) em termos de horizontes de ação escolares possíveis de serem atingidos. De forma local, o inicial curso da escola elementar logo precedeu a sua entrada no liceu de Pau, cidade considerada a capital do Béarn e suficientemente longe de Denguin para garantir a sua entrada enquanto aluno, dela, interno. Lá, distinguindo-se na primeira parte do ensino secundário, recebe uma bolsa para cursar o Ensino Médio. No entanto, e a partir do conselho de um de seus professores, é aceito pelo exame de admissão do liceu *Louis-Le-Grand* em Paris, celebrado como um dos principais colégios preparatórios para estudantes aspirantes à elite das *Grandes Écoles*¹⁶, estabelecimentos de ensino superior marcados pelo prestígio e que reúnem os melhores alunos do país. No devido tempo,

¹⁶ As *Grandes Écoles* francesas, de nível superior, formam os futuros dirigentes, principalmente nas áreas da Tecnologia e Administração, propondo-lhes um ensino múltiplo ou específico (com a duração de, no mínimo, cinco anos após o Ensino Médio) reconhecido pelo Estado e assegurando-lhes as melhores oportunidades de acesso aos cargos públicos e empresariais de maior prestígio (VALLE, 2013, p. 430).

mais precisamente em 1951 e com a conclusão de seu *baccalauréat*¹⁷, fora aprovado no concurso para a também parisiense *École Normale Supérieure (ENS)*¹⁸, a qual há muito tem “a reputação de representar uma incubadora da intelectualidade francesa” (GRENFELL, 2008, p. 13). Diploma-se, em 1955 e aos 25 anos, em Filosofia nesta universidade e, concomitantemente, também na *Faculté de Lettres Sorbonne* obtendo a agregação no mesmo curso (GRENFELL, 2008; MASSON, 2015; NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2009). Por meio do conjunto destes “ritos de instituição”, produziu uma “convicção íntima e uma adesão inspirada que o constituíram, enfim e apenas primariamente, filósofo” (BOURDIEU, 2017, p. 13).

Após graduar-se, leciona pelo período de um ano no liceu de Moulins, pequena cidade localizada na região central do país. A despeito de ser egresso de uma universidade situada no topo máximo da consagração, “não se deixa encantar como tantos outros da sua geração ou da anterior” (VASCONCELLOS, 2002, p. 78) e cumpre, em plena cruel e sangrenta guerra entre a colonizadora França e a colonizada Argélia, o serviço militar. Nele, realiza funções administrativas para o governo geral que, significativamente, também mantinha uma biblioteca bem abastecida que o subsidiou até, mais tarde, lecionar na faculdade de Letras da *University of Algiers*. Tais foram vivências que o engendraram e, ao mesmo tempo, o desafiaram e inspiraram (GRENFELL, 2008). Por meio da experiência na Argélia, a percepção da sociedade tradicional em oposição ao mundo moderno aconteceu de forma mais clara, bem como as consequências para os indivíduos envolvidos. Foram estes anos formativos que, em um sentido real, constituíram a experiência¹⁹ (BONDÍA, 2002) pela qual realizara verdadeiramente a conversão da Filosofia para uma disciplina “paria na época”, a

¹⁷ Considerado o título de conclusão do liceu, o bacharelado é equivalente ao Ensino Médio brasileiro (MASSON, 2015, p. 95).

¹⁸ Exemplos de egressos desta universidade, considerada a instituição de mais elevado prestígio na área dos estudos de Letras e Filosofia, são *Albert Camus, Jean Paul Sartre, Raymond Aron, Simone Beauvoir* e outros intelectuais de pós-guerra (VASCONCELLOS, 2002, p. 78).

¹⁹ A concepção de experiência, em Bondía (2002, p. 21), denota “[...] o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca”. O saber da experiência é, assim, a resposta aos acontecimentos da vida ou o modo como se dá sentido ao acontecer do que nos acontece. Não se trata da verdade do que são as coisas, mas do sentido ou do sem-sentido do que nos ocorre.

Sociologia (GRENFELL, 2008; VASCONCELLOS, 2002), fazendo dela sua “vocação” e seu “esporte de combate (BOURDIEU, 2017, p. 13).

Em razão do agravamento do conflito colonial e diante do posicionamento liberal assumido ante a guerra da independência, em 1960, é obrigado a retornar para a França. Neste regresso, torna-se assistente na *Université de Lille*, sendo apontado como auxiliar de uma das lideranças intelectuais francesas à época, *Raymond Aron*. Em 1964, é nomeado como diretor de estudos da *École Pratique des Hautes Études* – precursora do que seria a atual *École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS)* – iniciando um período intenso de colaboração de trabalhos sobre o meio acadêmico junto a *Jean-Claude Passeron*, o qual também era aluno de *Raymond Aron* e filósofo convertido a sociólogo ao longo de sua trajetória (GRENFELL, 2008; NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2009, VASCONCELLOS, 2002). Neste ensejo, os autores colocam em xeque uma das ideias mais tenazes da ideologia republicana, a saber, a importância do sistema escolar para garantir a igualdade de oportunidades sociais a todos(as). Neste propósito, criticam “o próprio fundamento da sociedade meritocrática e o sistema de ensino considerado como a ponta de lança dessa ideologia” (VASCONCELLOS, 2002, p. 79).

Em 1962, casa-se com *Marie-Claire Brizard*, também socióloga e com quem teve três filhos homens (*Jérôme, Emmanuel e Laurent*). Subsequentemente, é eleito como diretor do *Centre de Sociologie Européene*, o qual fora previamente fundado por *Raymond Aron*. Durante estes anos iniciais, seu trabalho neste centro se concentrou em quatro principais áreas: Educação, Arte, Cultura e Metodologia. Em 1964, envolve-se com a editoração da coleção *Le sens commun* de uma das principais editoras parisienses, *Les Éditions de Minuit*. Por mais de duas décadas, tal coleção fora responsável por publicar obras clássicas (*Émile Durkheim, Marcel Mauss, Maurice Halbwachs, Ernst Cassirer, Mikhail Bakhtin*, entre outros), a tradução e divulgação de contemporâneas (*Erving Goffman, Basil Bernstein, William Labov, Richard Hoggart*, entre outros), além de seus próprios primeiros livros (CHARTIER; LOPES, 2002; GRENFELL, 2008; NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2009). Tal intensa produção sociológica o leva a fundar, em 1975, a revista *Actes de la Recherche en Sciences Sociales (ARSS)*, a qual “inaugura todo um programa de pesquisas sobre diversos temas, até então, considerados pouco nobres” (MONTAGNER; MONTAGNER, 2011, p. 263) e “renova o estilo das publicações científicas pela introdução de fotografias, encartes e maquetes”

(VASCONCELLOS, 2002, p. 82). Tal periódico fora por ele dirigido até o final de sua vida, sendo hoje uma das mais importantes publicações em Ciências Sociais no mundo.

Em 1981 e nos anos seguintes, dois eventos estabelecem seu *status* acadêmico e posição de sucesso e prestígio, a saber, a eleição enquanto professor titular da cátedra em Sociologia pelo *Collège de France*, uma distinta instituição que reúne um grupo de apenas 52 membros eletivos líderes da academia francesa e, por fim, o ganho da medalha de ouro pelo *Centre National de la Recherche Scientifique*, um dos mais importantes símbolos de reconhecimento conferidos pela comunidade científica na França (GRENFELL, 2008; NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2009). Após e a partir da década de 1990, assume “um papel combativo nos movimentos sociais antiglobalização e de apoio aos desempregados, aos trabalhadores do campo, aos imigrantes ilegais na França e aos intelectuais perseguidos no mundo” (NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2009, p. 107). Para além, participa de comitês liderados por socialistas, principalmente para revisar as direções futuras do currículo e do próprio sistema educacional francês, envolvendo este com a política que perdurou durante toda a década.

Neste período, desenvolveu um perfil público mais proeminente através de aparições na televisão e no rádio – algo que ele evitava no passado –, além de participar de reuniões de assembleias sociais, grevistas e de outros grupos de pressão. Suas qualificadas intervenções políticas²⁰ tornaram-se mais frequentes, principalmente através do suporte em atos de resistência contra as tendências dominantes políticas e econômicas da época. A partir deste ponto, oferece mais amplamente sua teoria e prática como uma Filosofia e Sociologia engajadas²¹ (MASSON, 2015; SETTON, 2008) para todos(as), compondo esta uma forma de lidar com a vida contemporânea (GRENFELL, 2008). Concomitantemente, publicou uma série de textos polêmicos e mais curtos direcionados ao público em geral, explicitando o peso de sua origem social em toda a sua vida e até perto de sua aposentadoria e em textos póstumos (CHARTIER;

²⁰ Na mesma linha de pensamento, Chartier e Lopes (2002, p. 160) sublinham que a política, para o autor, está presente e imbricada. É exercida, portanto, no realizar da ciência, da pesquisa e da revelação da realidade social.

²¹ Neste prólogo, Setton (2008, p. 9) ressalta que o autor “fez de sua vida acadêmica e intelectual uma arma política e de sua Sociologia uma Sociologia engajada, profundamente comprometida com a denúncia dos mecanismos de dominação em uma sociedade injusta. De acordo com sua perspectiva, a sociedade ocidental capitalista é uma sociedade hierarquizada, organizada segundo uma divisão de poderes extremamente desigual”.

LOPES, 2002). Em 2001, retira-se do *Collège de France* e, um ano depois, morre vítima de um câncer, aos 71 anos de idade, na data de 23 de janeiro em Paris (GRENFELL, 2008; NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2009).

Pierre Bourdieu é, atualmente, considerado um dos maiores sociólogos de língua francesa das últimas décadas, além de um dos mais importantes pensadores do século 20 (GRENFELL, 2008; SETTON, 2008, VASCONCELLOS, 2002). A sua biografia testemunha “a fertilidade em conceitos e esquemas teóricos e metodológicos de sua imaginação sociológica e da rica experiência científica, vivida como forma de compromisso ético, de engajamento político e como ‘esporte de combate’” (VALLE, 2013, p. 414). Desde a sua morte, a influência da produção intelectual do autor, a qual é voluminosa e estende-se por uma extensa variedade de temas de estudo e objetos, continuou a crescer. Crítico mordaz dos mecanismos de reprodução das desigualdades sociais, “embora contemporâneo, é tão respeitado quanto um clássico” (SETTON, 2008, p. 9), tendo construído relevantes obras e um referencial teórico-metodológico na esfera das Ciências Humanas e Sociais “incontornável” (BOURDIEU, 2017, p. 13).

A maioria de suas publicações concentra-se nas áreas Algerianas, da Antropologia, Educação e Cultura. No entanto, sua produção refere-se a várias outras esferas, tais quais: Economia, Política, Arte, Filosofia, Direito, Religião, Mídia, Linguagem, Gênero, História, Esporte, entre outros. Atualmente, é comum visualizar o seu trabalho sendo referenciado por uma gama imensa de disciplinas acadêmicas. Tal aplicabilidade e adaptabilidade são, de diferentes maneiras, medidas pelas quais a contribuição do autor para as Ciências Sociais é valiosa. De acordo com Grenfell (2008, p. 2):

Dois pontos cruciais caracterizam a grande incidência de seu legado: primeiro, um particular entendimento sobre a relação entre teoria e prática, e como elas podem atuar na pesquisa em Ciências Sociais; e, em segundo lugar, um conjunto individual único de termos conceituais a serem empregados no decorrer da análise e da discussão dos resultados. Tais termos, designados de “ferramentas de análise”, emergem no curso de seus estudos empíricos e são utilizados para explicar e elucidar os processos sociais neles encobertos. O autor argumenta que ele nunca os teorizou realmente como tal; seu ponto de partida foi sempre um fenômeno social particular ou prática. Certamente, qualquer estudo a ser realizado a partir de uma abordagem *bourdieusiana* deve começar com dados empíricos e reais.

No entanto, seu legado equivale a uma linguagem *bourdieusiana* – uma linguagem que pode ser utilizada para se pensar.

Das etnografias do Béarn e Argélia até os extensivos estudos em Educação, Cultura, Arte e Linguagem, a sua reconversão enquanto sociólogo garantiu que neste fosse a maior incidência em termos de espaço acadêmico influenciado por suas produções. Como comenta Setton (2008, p. 10), “a Sociologia, para Bourdieu, é uma ciência que incomoda, pois tende a interpretar os fenômenos sociais de maneira crítica”. Seu compromisso com o que denominou de “Sociologia Reflexiva” atravessa o conjunto de sua vasta obra e revela a sua luta pela construção de um discurso científico que não teme a crítica, adotando o ponto de vista do analista que se sente obrigado e autorizado a reter todos os traços indispensáveis e pertinentes à compreensão e explicação sociológicas. De fato, o que ele pretendia, de forma efetiva, era disponibilizar sua experiência enunciada tão honestamente quanto possível à confrontação crítica, como se tratasse de qualquer outro objeto. Para o autor, assim, quanto maior a exposição, maiores serão as chances de se aproveitar a discussão e mais benevolentes serão as críticas ou os conselhos, até mesmo, advindos de adversários (VALLE, 2013). Valendo-se de um estilo hermético e de uma linguagem relativamente austera é, portanto, à Sociologia que o autor dedica a sua trajetória acadêmica, “desenvolvendo um trabalho científico de grande fôlego, regular, cotidiano, sistemático, persistente, sólido e polêmico” (BOURDIEU, 2017, p. 13).

Preocupado em desvelar as práticas sociais de seu tempo, seus estudos constroem fecundas perspectivas teórico-metodológicas no que cabe ao movimento de pensar de acordo com a lógica disciplinar – a mais rigorosa e vigilante – do sociólogo e em considerar as implicações do estudo das causas sociais dos fenômenos sociais. “Fundada em ampla e diversificada empiria, animada pela paixão de compreender, desvelar e desmontar os mecanismos de dominação e de reprodução social, e por uma curiosidade sempre em alerta” (VALLE, 2013, p. 414), sua Sociologia privilegia uma concepção relacional e se inscreve em um quadro multidimensional do lugar científico. Neste sentido, não se pode dizer que o autor tenha produzido um sistema teórico-metodológico fechado, completo e coerente. Mas, sim, conceitos, teoria e metodologia gestados gradativamente e cuja modificação se deu ao longo do tempo e em função dos

objetos investigados e de mudanças ocorridas no espaço intelectual e no contexto social mais amplo (NOGUEIRA; NOGUEIRA; 2009).

As pesquisas do autor (e de sua equipe) ilustraram (e continuam ilustrando) uma dupla característica antiga da Sociologia, a saber, a da desnaturalização do social e desvelamento. Neste sentido, a apreensão deve ser não sobre o que as instituições dizem, como fato consumado, de si mesmas, mas do que se esconde por trás da fachada, da vitrine oficial. Com este raciocínio, é possível dizer que funções diferentes daquelas que lhe são atribuídas são exercidas pelas instituições (MASSON, 2015). A revelação do social e o desvendamento dos mecanismos mais íntimos de construção da sociedade, assim, distinguiram-se enquanto pontos da elaboração de uma teoria e de uma reflexão singular sobre a prática sociológica do autor (VASCONCELLOS, 2002). Desvelar e denunciar a faceta mísera do mundo, na posição de integrante deste jogo que caracteriza o espaço científico exigiu, todavia, dialetizar sua própria posição neste espaço e o levou a desenvolver um pensamento que amalgama entre a face da esperança e melancolia, a qual se altera pela afeição ou o ódio (BOURDIEU, 2017). Neste ponto, a originalidade de seu pensamento está principalmente no fato de desconstruir oposições conceituais, eliminando fronteiras disciplinares em benefício de um adequado trabalho sociológico. A despeito desta concorrência, Valle (2013, p. 415) assim discorre e complementa:

Aprender a pensar a dinâmica dos diferentes espaços sociais (indivíduo/sociedade, micro/macro, estruturas estruturadas/estruturas estruturantes), geralmente antagônicos, exige escapar do dualismo sujeito/objeto e da oposição entre interioridade e exterioridade. Isso supõe raciocinar não mais em termos de individualidades religadas, interligadas, sobrepostas ou justapostas umas às outras, mas em termos de conexões variáveis e relacionais, marcadas por estratégias complexas de dominação e de reprodução social.

Posto isso, pode-se considerar que a Sociologia desenvolvida pelo autor é mais do que uma Sociologia da reprodução das diferenças materiais ou econômicas, mas uma Sociologia interpretativa do jogo de poder das distinções culturais e econômicas inerentes a uma sociedade hierarquizada (SETTON, 2008). Em vista disso, o autor se engaja em um trabalho não só de sociólogo, mas de epistemólogo da Sociologia que se interroga permanentemente sobre os seus fundamentos, funcionamento, princípios, métodos, hipóteses e resultados. Sua capacidade para apreender o essencial, sem

negligenciar aquilo que é tratado como banal, o leva a evitar oposições conceituais, a confrontar pensamentos e a retraçar evoluções intelectuais. Enraizado em uma cultura que é própria de um tempo e de um lugar, o autor constrói fundamentos epistemológicos que buscam transcender esse tempo e esse lugar. Convencido de que a Sociologia pode auxiliar a responder as questões mundanas, mas não a prescrever, ele a enxerga como uma ferramenta de persuasão por ser capaz de elucidar as práticas sociais que, como todas as práticas, não se deixam encerrar em leis absolutas (BOURDIEU, 2017). É essa perspectiva crítica, marcada por uma extrema sensibilidade ao sentimento e ao sofrimento dos desfavorecidos, às desigualdades e injustiças sociais e à miséria do mundo (BOURDIEU, 2017, VALLE, 2013) que permite ao autor, ainda hoje, guiar e inspirar diferentes domínios de investigação.

Pierre Bourdieu se diferencia, em meados das décadas de 1950 e 1960 na França, ao propor uma alternativa aos dois modos de conhecimento que detinham, em comum, o fato de se oporem ao modo de conhecimento prático: o objetivismo e o subjetivismo. A primeira corrente constrói relações objetivas que estruturam as práticas e suas representações ao preço de uma ruptura com o conhecimento primeiro (prático, do mundo familiar) e, portanto, com os pressupostos tacitamente assumidos que conferem o caráter de evidência e de naturalidade ao mundo social. Tal vertente é responsável por estabelecer as estruturas objetivas do mundo social e a verdade objetiva da experiência primeira enquanto é privada do conhecimento explícito dessas estruturas. Já a segunda abordagem explicita a verdade da experiência primeira do mundo social, ou seja, a relação de familiaridade com o meio familiar, a apreensão do mundo social como evidente e natural o qual, por definição, não se pensa e que exclui a questão de suas condições de possibilidade (BOURDIEU, 2003, 2004a).

Em vista destes dois extremos, e entendendo que “raramente essas duas posições se exprimem e sobretudo se concretizam na prática científica de maneira tão radical e contrastada” (BOURDIEU, 2004a, p. 151), o autor desenvolve o que viria a se chamar conhecimento praxiológico, o qual tem como objeto não só o sistema das relações objetivas que o objetivismo constrói, mas também as relações dialéticas entre tais estruturas e as disposições estruturadas nas quais elas se atualizam e tendem a reproduzi-las, ou seja, o “processo de interiorização da exterioridade e de exteriorização da interioridade” (BOURDIEU, 2003, p. 40). Neste sentido, para construir a teoria da

prática ou, mais especificamente, do modo de engendramento das práticas, condição da construção de uma ciência experimental da dialética da interioridade e da exterioridade, seria necessária a superação do objetivismo metódico para escapar ao realismo da estrutura que hipostasia os sistemas de relações objetivas. O sentido desta conversão, assim, se dá em totalidades já constituídas fora da história do indivíduo e da história do grupo, isto é, ir do *opus operatum* ao *modus operandi*, da regularidade estatística ou da estrutura algébrica ao princípio de produção dessa ordem observada (BOURDIEU, 2003).

O desígnio de construtivismo estruturalista ou de estruturalismo construtivista também fora empregado pelo autor para se referir à praxiologia. Por estruturalismo ou estruturalista, a existência do próprio mundo social e não apenas os sistemas simbólicos, estruturas objetivas independentes da consciência e da vontade dos agentes – os quais orientam ou coagem suas práticas e representações – e, por construtivismo ou construtivista, a ideia de que há uma gênese social dos esquemas de percepção, pensamento e ação (BOURDIEU, 2004a). Neste sentido, os momentos objetivista e subjetivista encontrar-se-iam em relação dialética, de um lado estando as estruturas objetivas que descartam as representações subjetivistas dos agentes, mas que são o fundamento das representações subjetivas e constituem as coações estruturais que pesam nas interações e, de outro, as representações que explicam as lutas cotidianas, individuais ou coletivas que visam transformar ou conservar essas estruturas. Ambos estariam separados por pontos de vista que são apreendidos e relacionados às posições dos agentes na estrutura (BOURDIEU, 2004a).

Em superação da suposta oposição que se estabelece entre as estruturas e as representações, o pensamento relacional a que se interpõe o autor busca a ruptura com o substancialismo “que leva a não reconhecer nenhuma outra realidade além das que se oferecem à intuição direta na experiência cotidiana dos indivíduos e grupos” (BOURDIEU, 2004a, p. 152). Com ele, pelo oposto, busca-se a identificação do real além daquilo que lhe é substancial, através das suas relações. Aplicado à realidade social, ele poderia interpretá-la como um conjunto de relações invisíveis, as mesmas que conformam um espaço de posições exteriores umas às outras, definidas não só pela proximidade – vizinhança e distância –, mas também pela posição relativa – acima e abaixo ou ainda entre, no meio – e das relações objetivas entre essas posições

(BOURDIEU, 2004a). Compreender as práticas segundo a sua *práxis*, deste modo, significaria abandonar as teorias que a tomam explícita ou implicitamente como uma reação mecânica, determinada de forma direta pelas condições antecedentes e inteiramente redutível ao funcionamento mecânico de esquemas pré-estabelecidos. Sobre a construção das práticas ou da realidade social, explana Bourdieu (2004a, p. 158):

Assim, a busca de formas invariantes de percepção ou de construção da realidade social mascara diversas coisas: primeiro, que essa construção não é operada em um vazio social, mas está submetida a coações estruturais; segundo, que as estruturas estruturantes, as estruturas cognitivas, também são socialmente estruturadas, porque têm uma gênese social; terceiro, que a construção da realidade social não é somente um empreendimento individual, podendo também tomar-se um empreendimento coletivo. Mas a chamada visão microssociológica esquece muitas outras coisas: como acontece quando se quer olhar de muito perto, a árvore esconde a floresta; e sobretudo, por não se ter construído o espaço, não se tem nenhuma chance de ver de onde se está vendo o que se vê.

Isto posto, é possível concluir que a visão sociológica deveria incluir a percepção do mundo social, ou seja, da construção das visões de mundo que, por sua vez, também contribuem para a construção desse mundo. Porém, dado que o espaço social é construído, os pontos de vista que o permeiam são, como a palavra diz, visões tomadas a partir de um ponto, isto é, a partir de uma posição determinada no mesmo. Para além, há de se considerar a existência de pontos de vista diferentes, e mesmo antagônicos, já que os mesmos dependem do ponto a partir do qual são tomados e a visão de cada agente, por sua vez, da posição nesse espaço (BOURDIEU, 2004a). A noção de espaço social pode ser comparada, assim, a um espaço geográfico no interior do qual se recortam regiões. A sua construção é produzida de tal maneira que quanto mais próximos estiverem ou grupos ou instituições ali situados, mais propriedades eles compartilharão em comum, ao passo que quanto mais afastados, menos destes mesmos elementos eles dividirão. “As distâncias espaciais – no papel – coincidem com as distâncias sociais. Isso não acontece no espaço real” (BOURDIEU, 2004a, p. 153). Esse é um dos casos em que o que é dado imediatamente, de forma visível, esconde o invisível que o determina. Embora haja uma tendência em todos os lugares para a

segregação no espaço, as pessoas mais próximas no espaço social tendem a se encontrar próximas – por opção ou por força – no espaço geográfico. Já as pessoas muito afastadas no espaço social podem interagir – ao menos por um tempo breve e por intermitência – no espaço físico. Assim, as interações escondem as estruturas que nelas se concretizam, possibilitando com que se esqueça que “a verdade da interação nunca está inteira na interação tal como esta se oferece à observação” (BOURDIEU, 2004a, p. 154).

Em matéria de classes, a ferramenta do espaço social permite escapar à alternativa do nominalismo e do realismo, de modo que o trabalho político destinado a produzi-las enquanto grupos permanentes, dotados de órgãos permanentes de representação, tem maior possibilidade de ser bem-sucedido na medida em que os agentes que se pretendem unificar, reunir, constituir como grupo, estiverem mais próximos do espaço social. Logo, pertencentes à mesma classe no papel, o que leva ao pensamento concluinte de que os grupos ou as classes sociais estão por fazer, mas não dados na realidade social (BOURDIEU, 2004a). Essa ideia de diferença, de separação, está entre os fundamentos da noção de espaço, definidas umas em relação às outras por sua exterioridade mútua e por relações de proximidade, de vizinhança, de distanciamento e de ordem. Assim, o espaço social é construído de tal modo que os agentes ou os grupos nele se distribuem em função de sua posição nas distribuições estatísticas de acordo com dois dos princípios de diferenciação que, em sociedades mais desenvolvidas, são os mais eficientes: os bens econômicos e os bens culturais. Depreende-se, disto, que os agentes têm tanto mais em comum quanto mais próximos estejam em relação a essas duas dimensões, e tanto menos quanto mais distante se encontrem nelas (BOURDIEU, 1996c).

Realidade invisível em que não se pode mostrar nem tocar, o espaço social constrói-se a partir da organização das práticas e das representações dos agentes. Possibilita, ao mesmo tempo, a construção de classes teóricas tão homogêneas quanto possível da perspectiva dos dois principais determinantes das práticas e de todas as propriedades que daí decorrem. Não se contenta em descrever o conjunto das realidades classificadas e, sim, vincula-se a propriedades determinantes que, por oposição às diferenças aparentes das más classificações, permitem predizer as outras propriedades e distinguem e agrupam os agentes que mais se pareçam entre si e que sejam tão

diferentes quanto possível dos integrantes de outras classes, distantes ou vizinhas. As pessoas inscritas em um setor restrito do espaço social serão, ao mesmo tempo, mais próximas – por suas propriedades, disposições e gostos – e mais inclinadas a se aproximar, se abordar e se mobilizar quanto maior a sua proximidade no espaço social. Isso não significa que elas constituem uma classe, isto é, um grupo mobilizado por objetivos comuns e particularmente contra uma outra classe (BOURDIEU, 1996c).

“A existência de classes, na teoria e sobretudo na realidade, cada uma sabe disso por experiência, é um alvo de lutas” (BOURDIEU, 1996c, p. 26). O que está em jogo na luta sobre a existência ou não das classes é o poder de impor uma visão das divisões, ou seja, de tornar visível e explícitas as divisões sociais implícitas. É o poder de fazer grupos e de manipular a estrutura objetiva da sociedade, isto é, o poder político por excelência (BOURDIEU, 2004a). Em resumo, é preciso evitar não transformar em propriedades necessárias e intrínsecas de um grupo qualquer as propriedades que lhes cabem em dado momento, a partir de sua posição em um espaço social determinado e em uma dada situação de oferta de práticas possíveis e bens. Trata-se, assim, em cada período da sociedade, de um conjunto de posições sociais, vinculado por uma relação de homologia a um conjunto de atividades ou de bens, eles próprios relacionalmente definidos. Desta forma, as diferenças no que se expressa ao falar de espaço e classes sociais existem e persistem, esta última não existindo ao passo que não seja construída. O que existe, neste sentido, é um espaço social, de diferenças, no qual as classes se dão em estado virtual, pontilhadas, não como um dado, mas como algo que se trata de fazer. Como afirma Bourdieu (1996c, p. 14), “as noções de espaço social, de espaço simbólico ou de classe social não são, nunca, examinadas em si mesmas e por si mesmas; são utilizadas e postas à prova em uma pesquisa inseparavelmente teórica e empírica”.

Os espaços de disputas em que concorreriam bens, objetos e agentes de forma relativamente autônoma²² à sociedade, por sua vez, consistiriam em campos sociais, uma das ferramentas teórico-metodológicas mais profícuas desenvolvidas pelo autor.

²² A relativa autonomia de um campo ou de um subcampo deve seus efeitos à escala utilizada para a análise de cada um destes espaços. Se considerado um campo, suas propriedades são, em maior grau, relativamente autônomas à sociedade em que se insere. Se há em vista um subcampo, a relativa autonomia se dá, em maior parte, em relação ao campo em que se encontra e, complementarmente, também ao meio social em que está configurado.

Para ele, estes se apresentam como “espaços estruturados de posições (ou de postos) cujas propriedades dependem das posições nestes espaços, podendo ser analisadas independentemente das características de seus ocupantes (em parte determinadas por elas) (BOURDIEU, 1983, p. 89). A existência de leis gerais do campo, isto é, leis de funcionamento invariantes, faz com que seja possível apreender o funcionamento de cada campo em particular, assim como interrogar e interpretar outros campos. Em “Algumas propriedades dos campos”, Bourdieu (1983) aponta quatro destes princípios, os quais devem ser localizados a partir da forma específica em que configuram suas lutas.

A primeira lei refere-se à disputa entre o novo – dominado, agente que está entrando e que tenta forçar o direito de entrada – e o dominante – aquele que tenta defender o monopólio e excluir a concorrência. A segunda invariante, por sua vez, diz respeito à necessidade de objetos de disputas em comum entre pessoas dispostas a pleitear o jogo para que o campo funcione, isto é, agentes dotados de sistemas de disposições que impliquem no conhecimento e no reconhecimento das leis imanes do jogo. O terceiro princípio consiste na luta pelo fundamento do poder ou da autoridade específica característica de um campo, a qual pode tender a estratégias de conservação – aquelas que tendem à defesa da ortodoxia – ou de subversão – geralmente apresentada por aqueles que são os recém-chegados, detentores de bens mais ínfimos – e heresia. De acordo com Bourdieu (1983, p. 90), “é a heresia, a heterodoxia, enquanto ruptura crítica, frequentemente ligada à crise, juntamente com a *doxa*, que faz com que os dominantes saiam de seu silêncio, impondo-lhes a produção do discurso defensivo da ortodoxia, visando a restaurar o equivalente da adesão silenciosa da *doxa*”. Por fim, a quarta propriedade, menos visível, concerne a um certo número de interesses fundamentais em comum pelos quais a cumplicidade objetiva subjacente a todos os antagonistas do campo se dá. Em relação a esta estrutura, Bourdieu (1983, p. 90) comenta:

A estrutura do campo é um estado da relação de força entre os agentes ou as instituições engajadas na luta ou, se preferirmos, da distribuição do capital específico que, acumulado no curso das lutas anteriores, orienta as estratégias ulteriores. Esta estrutura, que está na origem das estratégias destinadas a transformá-la, também está sempre em jogo:

as lutas cujo espaço é o campo têm por objeto o monopólio da violência legítima (autoridade específica) que é característica do campo considerado, isto é, em definitivo, a conservação ou a subversão da estrutura da distribuição do capital específico. Falar de capital específico é dizer que o capital vale em relação a um certo campo, portanto dentro dos limites deste campo, e que ele só é convertível em outra espécie de capital sob certas condições.

Ocupando a posição em relação à disputa um posto central na definição de um campo, o conceito de *doxa* vem a agregar no sentido de esta constituir um acordo imediato e tácito que se apoia na relação de submissão, via inconsciente, à ordem estabelecida. Neste sentido, a ordem simbólica é imposta aos agentes por meio de estruturas cognitivas que devem parte de sua consistência e resistência ao fato de serem, pelo menos aparentemente, sistemáticas, coerentes e estarem objetivamente em consonância com as estruturas objetivas do mundo social. A *doxa* é, assim, um ponto de vista particular dos dominantes, o mesmo que se impõe como ponto de vista universal. A crença sobre o fato de que vale a pena disputar o jogo, aderir a ele e às suas implicações – consideradas como interessantes – em determinado universo social, por sua vez, é denominada *illusio*. Ela é determinada do interior, a partir das pulsões que impelem o indivíduo a investir no objeto, mas também do exterior, a partir de uma esfera particular de objetos socialmente oferecidos ao investimento. Em virtude do princípio de divisão, o *nomos*, específico que o caracteriza, o espaço dos possíveis inerente a cada campo funciona como um conjunto estruturado daquilo que é lícito e solícito, bem como de interdições; atua como sistema de possibilidades e impossibilidades de expressão que encoraja ou interdita processos psíquicos diferentes entre si e do mundo comum; através do sistema de satisfações reguladas que propõe, impõe um regime particular ao desejo que é, desta forma, convertido em *illusio* específica (BOURDIEU, 1998b). Em jogo, as lutas inerentes aos campos objetivam o monopólio da violência legítima, ou seja, da autoridade específica responsável por conservar ou subverter a distribuição dos bens que nele se produzem, o que se denomina violência simbólica (BOURDIEU, 1996c).

Os diferentes estados das relações de força instituídas através da posição dos agentes em relação à *doxa* originam duas principais posturas assumidas. A primeira, ortodoxia, tende a estratégias de conservação, sendo própria de agentes detentores de

um volume maior global de bens no campo. A segunda, heterodoxia, inclina-se às condutas heréticas de subversão, geralmente relacionadas aos agentes que possuem menor quantidade e qualidade de bens no interior do espaço do campo. O processo de instituição dessa crença política que se evidencia ao cabo de lutas, desta forma, denota o embate entre as percepções concorrentes de dominantes e dominados frente à ortodoxia (BOURDIEU, 1996c). Cada agente, esteja ele consciente ou queira ele ou não, produz e reproduz um sentido objetivo cujas ações e obras são o produto de um *modus operandi* do qual ele não produz e não tem o consciente domínio, encerrando uma intenção objetiva que ultrapassa, desta forma, suas intenções conscientes (BOURDIEU, 2003).

Quando aplicado ao campo cultural, as formas dominantes com que seriam impostos os objetos e bens, tendo em vista a ascensão ou manutenção da posição no espaço social e a exposição enquanto naturalmente ou objetivamente superior às demais designaria o que viria a se chamar arbitrário cultural (BOURDIEU; PASSERON, 2014). De acordo com os autores, o desconhecimento do caráter arbitrário e de dominação dessa imposição é tanto mais eficaz quanto este traço for ignorado tanto por agentes dominantes quanto por dominados. Os primeiros, tendo o privilégio de serem socializados nesta cultura, aprenderiam desde tenra idade a validá-la de forma muito dissimulada, uma vez que teriam sido criados em seu interior e herdariam de suas famílias recursos vários como a cultura geral, a linguagem, as ferramentas intelectuais, as disposições corporais e estéticas, os gostos refinados, os modos de se comportar e falar, dentre outros que, no interior do contexto escolar, se acumulariam e transformariam em vantagens reais (PIOTTO; NOGUEIRA, 2021a). Os demais, não contando com este modo de socialização, aprenderiam posteriormente e de modo tardio a com ela lidar, reconhecer e laboriosamente valorizar. É deste modo que na escola, sendo o conteúdo imposto e disseminado pelas avaliações escolares parte de uma cultura legitimada – o que significa dizer que a sua composição é feita por produtos simbólicos socialmente valorizados e provenientes de grupos sociais dominantes – é compreensível, portanto, a ação de uma forma de violência bastante simbólica exercida sobre os dominados. Tem-se, entre a relação que envolve esta arbitrariedade cultural, que “o nível sociocultural é determinante na compreensão das desigualdades educacionais e da reprodução social” (PIOTTO; NOGUEIRA, 2021a, p. 6).

Os espaços sociais e campos são estruturados a partir das diferentes formas de poder em que se distribuem os seus bens que, pelo autor, são designados capitais (BOURDIEU, 1998b). Globalmente, os agentes distribuem-se nestes *lócus* de acordo com o volume global de capital possuído sob diferentes espécies, em uma primeira dimensão, e de acordo com a estrutura do capital, ou seja, o seu peso relativo no que tange às diferentes espécies do mesmo no volume total, em uma segunda dimensão. Dada a relativa autonomia de cada espaço, assim, o capital simbólico se configuraria em um bem que é conhecido e reconhecido segundo as categorias de percepção impostas e as relações de força que tendem a reforçar a estrutura do espaço social. De forma mais concreta, a legitimação da ordem social não seria produto, assim, de uma ação deliberadamente orientada de imposição simbólica, mas resultado do fato de que os agentes aplicam estruturas de percepção e apreciação às estruturas objetivas do mundo social que provêm destas estruturas objetivas e que tendem, por isso, a tornar a percepção do mundo evidente (BOURDIEU, 2004a). Portanto, “a legalização do capital simbólico confere a uma perspectiva um valor absoluto, universal, livrando-a assim da relatividade que é inerente, por definição, a qualquer ponto de vista, como visão tomada a partir de um ponto particular do espaço social” (BOURDIEU, 2004a, p. 164). Poder, eficácia e capital simbólico, de acordo com Bourdieu (2004a, p. 166), assim se relacionam:

Para mudar o mundo, é preciso mudar as maneiras de fazer o mundo, isto é, a visão de mundo e as operações práticas pelas quais os grupos são produzidos e reproduzidos. O poder simbólico, cuja forma por excelência é o poder de fazer grupos (grupos já estabelecidos que é preciso consagrar, ou grupos a serem estabelecidos, como proletariado marxista), está baseado em duas condições. Primeiramente, como toda forma de discurso performativo, o poder simbólico deve estar fundado na posse de um capital simbólico. O poder de impor às outras mentes uma visão, antiga ou nova, das divisões sociais depende da autoridade social adquirida nas lutas anteriores. O capital simbólico é um crédito, é o poder atribuído àqueles que obtiveram reconhecimento suficiente para ter condição de impor o reconhecimento: assim, o poder de constituição, poder de fazer um novo grupo, através da mobilização, ou de fazer existir por procuração, falando por ele quando porta-voz autorizado, só pode ser obtido ao término de um longo processo de institucionalização, ao término do qual é instituído um mandatário, que recebe do grupo o poder de fazer o grupo. Em segundo lugar, a eficácia simbólica depende do grau em que a visão proposta está alicerçada na realidade; evidentemente, a construção dos grupos não

pode ser uma construção *ex nihilo*. Ela terá tanto mais chances de sucesso quanto mais estiver alicerçada na realidade: isto é, como eu disse, nas afinidades objetivas entre as pessoas que se quer reunir. Quanto mais adequada for a teoria, mais poderoso será o efeito de teoria. O poder simbólico é um poder de fazer coisas com palavras. É somente na medida em que é verdadeira, isto é, adequada às coisas, que a descrição faz as coisas. Nesse sentido, o poder simbólico é um poder de consagração ou de revelação, um poder de consagrar ou de revelar coisas que já existem.

Os diferentes tipos de capitais, para além do simbólico, configurariam uma estrutura multidimensional que, para o autor, estaria composta de três principais espécies: o capital econômico, o capital social e o capital cultural. Estas e outras formas de capitais são passíveis de conversão e reconversão de acordo com as leis e com aquilo que é valorizado nos campos. O primeiro, capital econômico, compõe-se em relação ao acúmulo de moedas de troca sob o formato de sistemas de produção e da posse de investimentos; são exemplos, destarte, os imóveis, o salário e demais outras formas de rendimentos (BOURDIEU, 1989) que, dadas as condições específicas, são propícias a se converter nas suas outras demais manifestações, quer as sejam sociais ou culturais (BOURDIEU, 1986). Ocupando uma posição fulcral em relação aos outros tipos de capitais, desta forma, os efeitos atrelados aos bens econômicos não se restringem inteiramente só em sua definição, produzindo consequências associadas à sua reconversão e desigual distribuição na medida em que o exercício de o ocultar – geralmente feito por seus detentores – só reforça o que, em última instância, o torna o cerne da produção de seus próprios efeitos (BOURDIEU, 1986).

O segundo, capital social, impõe-se como a única forma de designar o fundamento de efeitos sociais que, mesmo sendo compreendidos de forma clara no nível singular dos agentes, não são a eles redutíveis por não serem possuídos, de modo determinado, por uma só pessoa. “O capital social é o conjunto de recursos atuais ou potenciais que estão ligados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de interconhecimento e de inter-reconhecimento” (BOURDIEU, 1998b, p. 67) ou, em outras palavras, ao fato de se vincular a um grupo, este sendo entendido como um conjunto de agentes que não têm apenas propriedades comuns, mas uma união por ligações úteis e permanentes. Fundadas em trocas inseparavelmente materiais e simbólicas cuja instauração e perpetuação supõem o reconhecimento dessa

proximidade, tais ligações são irredutíveis às relações objetivas de proximidade no espaço físico (geográfico) ou no espaço econômico e social. O volume do capital social que um agente possui, por si só, depende da extensão da rede de relações que ele pode mobilizar e do volume de capital que é posse exclusiva de cada um daqueles a quem se liga. Por conclusão, embora seja relativamente irredutível ao capital econômico e cultural possuído por um agente determinado ou mesmo por um conjunto deles, o capital social não é nunca deles independente pelo fato de que as trocas que instituem o reconhecimento mútuo supõem o reconhecimento mínimo de uma homogeneidade objetiva e de que ele exerce um efeito multiplicador sobre o capital possuído com exclusividade. A constituição de uma rede de relações, portanto, não é um dado natural, nem mesmo um dado social realizado de uma vez por todas e para sempre por um ato social de instituição, mas o produto de um trabalho de manutenção e instauração necessário para produzir e reproduzir relações úteis e duráveis, capazes de proporcionar lucros simbólicos ou materiais (BOURDIEU, 1998b).

O terceiro, porém elaborado de forma precedente aos demais pelo autor ainda em meados de 1960, capital cultural, impôs-se, primeiramente, como uma hipótese para dar conta da desigualdade entre desempenhos escolares de crianças provenientes das diferentes classes sociais. Indispensável, a partir dele haveria uma relação entre o sucesso escolar, isto é, os benefícios específicos que as crianças dos diferentes estratos sociais podem obter no mercado escolar e a distribuição do capital cultural entre as classes e frações de classe. Tal ponto de partida implica em uma ruptura com os pressupostos inerentes tanto ao senso comum que considera o sucesso ou fracasso escolar como consequência de aptidões naturais, quanto às teorias do capital humano²³ (BOURDIEU, 1998b). A transmissão doméstica do capital cultural, assim, viria a ser “o mais oculto e determinante socialmente dos investimentos educativos” (BOURDIEU, 1998b, p. 73). O capital cultural pode existir em três principais formas: no estado

²³ “Essa definição tipicamente funcionalista das funções da educação, que ignora a contribuição que o sistema de ensino traz à reprodução da estrutura social, sancionando a transmissão hereditária do capital cultural, encontra-se, de fato, implicada, desde a origem, numa definição do ‘capital humano’ que, apesar de suas conotações ‘humanistas’, não escapa ao economicismo e ignora, dentre outras coisas, que o rendimento escolar da ação escolar depende do capital cultural previamente investido pela família e que o rendimento econômico e social do certificado escolar depende do capital social – também herdado – que pode ser colocado a seu serviço” (BOURDIEU, 1998b, p. 74).

incorporado, sob a forma de disposições duráveis no organismo; no estado objetivado, sob a chancela de bens culturais; e, por fim, no estado institucionalizado, forma de objetivação que confere ao capital cultural propriedades inteiramente originais.

O primeiro, estado incorporado, refere-se à maior parte das propriedades do capital cultural que, em seu estado fundamental, está ligado ao corpo e pressupõe sua incorporação (BOURDIEU, 1998b). De fato, as distâncias sociais estão inscritas nos corpos, ou mais exatamente, na relação com o corpo, com a linguagem e com o tempo²⁴ (BOURDIEU, 2004a). A essa experiência prática do corpo, que engendra os esquemas fundamentais e que é reforçada, sem cessar, pelas reações a ele próprio, produzida segundo os mesmos esquemas e um dos princípios de constituição de uma relação durável e generalizada com o corpo, o autor denominou *hexis* corporal (BOURDIEU, 2014b). Segue-se que a transmissão do capital cultural é, sem dúvida, a forma mais dissimulada da transmissão hereditária do capital, a saber, uma espécie de veredicto relativo à posse de capitais que permitem o acesso, pelos seus herdeiros, a percursos marcados pelo sucesso e pela distinção que consistiria, assim, na posse da herança cultural familiar (BOURDIEU; PASSERON, 2014); por isso, no sistema das estratégias de produção, recebe um peso tanto maior quanto mais as formas visíveis e diretas de transmissão tendem a ser mais fortemente controladas e censuradas. Em relação ao tempo necessário para o próprio processo de apropriação, Bourdieu (1998b, p. 74-75) discorre:

A acumulação de capital cultural exige uma incorporação que, enquanto pressupõe um trabalho de inculcação e de assimilação, custa tempo que deve ser investido pessoalmente pelo investidor. Sendo pessoal, o trabalho de aquisição é um trabalho do “sujeito” sobre si mesmo (fala-se em “cultivar-se”). O capital cultural é um ter que se tomou ser, uma propriedade que se fez corpo e tornou-se parte integrante da pessoa [...]. Aquele que o possui “pagou com sua própria

²⁴ “É por intermédio do tempo necessário à aquisição que se estabelece a ligação entre o capital econômico e o capital cultural. Com efeito, as diferenças no capital cultural possuído pela família implicam em distinções: primeiramente, na precocidade do início do empreendimento de transmissão e de acumulação, tendo por limite a plena utilização da totalidade do tempo biologicamente disponível, ficando o tempo livre máximo a serviço do capital cultural máximo; e depois na capacidade assim definida para satisfazer às exigências propriamente culturais de um empreendimento de aquisição prolongado. Além disso, e correlativamente, o tempo durante o qual determinado indivíduo pode prolongar seu empreendimento de aquisição depende do tempo livre que sua família pode lhe assegurar, ou seja, do tempo liberado da necessidade econômica que é a condição da acumulação inicial (tempo que pode ser avaliado como tempo em que se deixa de ganhar)” (BOURDIEU, 1998b, p. 76).

pessoa” e com aquilo que tem de mais pessoal, seu tempo. Esse capital “pessoal” não pode ser transmitido instantaneamente (diferentemente do dinheiro, do título de propriedade ou mesmo do título de nobreza) por doação ou transmissão hereditária, por compra ou troca. Pode ser adquirido, no essencial, de maneira totalmente dissimulada e inconsciente, e permanece marcado por suas condições primitivas de aquisição. Não pode ser acumulado para além das capacidades de apropriação de um agente singular; depaupera e morre com seu portador. Pelo fato de estar ligado, de múltiplas formas, à pessoa em sua singularidade biológica e ser objeto de uma transmissão hereditária que é sempre altamente dissimulada, e até mesmo invisível, ele constitui um desafio para todos aqueles que lhe aplicam a velha e inextirpável distinção dos juristas gregos entre as propriedades herdadas e as propriedades adquiridas, isto é, acrescentadas pelo próprio indivíduo ao seu patrimônio hereditário; de forma que consegue acumular os prestígios da propriedade inata e os méritos da aquisição.

O segundo, estado objetivado, diz respeito aos bens culturais que podem ser objeto de uma apropriação material, que pressupõe o capital econômico, e de uma apropriação simbólica, que pressupõe o capital cultural. Tal posse, assim, detém um certo número de propriedades que se definem apenas em sua relação com o capital cultural em sua forma incorporada.

Já o terceiro e último, estado institucionalizado, é o produto da conversão de capital econômico em capital cultural, o qual estabelece valor, em seu plano, do detentor de determinado diploma em relação aos demais detentores. Para além, designa também o valor em dinheiro pelo qual pode ser trocado no mercado de trabalho, uma vez que o investimento escolar só tem sentido se um mínimo de reversibilidade da conversão que ele implica for objetivamente garantido. Com o diploma, certidão de competência cultural que confere ao seu portador um valor convencional, constante e juridicamente garantido no que se refere à cultura, se faz a alquimia social que produz uma forma de capital cultural relativamente autônoma em relação ao seu portador, e até mesmo em relação ao capital cultural que ele possui, efetivamente, em um dado momento histórico. A objetivação do capital cultural sob o formato de diploma é um dos modos de neutralizar certas propriedades devidas ao fato de que, estando incorporado, ele tem os mesmos limites biológicos de seu suporte (BOURDIEU, 1998b).

Pierre Bourdieu considera, portanto, a existência relacional e multidimensional da realidade social segundo as disputas inerentes aos seus espaços sociais ou campos pelos seus capitais, considerados em suas diferentes espécies e estados. Aos princípios

geradores de práticas distintas, distintivas e aos esquemas classificatórios, princípios de classificação, visão e divisão de gostos diferentes o autor denomina *habitus* (BOURDIEU, 1996c), o qual pode ser compreendido como a relação dialética entre as estruturas e as disposições, um “ser que se reduz a um ter, a um ter sido e a um ter feito ser, o *habitus* é o produto do trabalho de inculcação e de apropriação necessário para que produtos da história coletiva, que são as estruturas objetivas, consigam reproduzir-se, sob a forma de disposições duráveis, em todos os organismos duravelmente submetidos aos mesmos condicionamentos, portanto, colocados nas mesmas condições materiais de existência” (BOURDIEU, 2003, p. 70).

Assim, as representações dos agentes variam de acordo com a sua posição e os interesses que estão a ela associados e segundo o seu *habitus* como sistema de esquemas de percepção e apreciação, estruturas cognitivas e avaliatórias adquiridas por meio da experiência durável de uma posição no mundo social. O *habitus* é, ao mesmo passo, um sistema de esquemas de produção de práticas e de percepção e apreciação destas mesmas práticas. E, em ambos, suas operações externalizam a posição social em que foi construído. Por resultado, o *habitus* produz práticas e representações disponíveis para a classificação que são objetivamente diferenciadas, mas só percebidas enquanto tal por agentes que possuam o código, os esquemas classificatórios necessários para a compreensão do sentido social. As condições sociais de possibilidade dos juízos supõem que o gosto ou o *habitus*, enquanto sistema de esquemas de classificação, está objetivamente referido, através dos condicionamentos sociais que o produziram, a uma condição social. Assim, os agentes se auto classificam, se expondo a escolhas em conformidade com os gostos que com eles combinam ou, mais exatamente, que convêm à sua posição. Ao escolherem, no espaço dos bens e serviços disponíveis, realizam decisões homólogas à posição ocupada entre o bem e eles próprios no espaço social. (BOURDIEU, 2004a). “Isso faz com que nada classifique mais uma pessoa do que suas classificações” (BOURDIEU, 2004a, p. 159). Em definição, Bourdieu (2003, p. 53-54) complementa:

As estruturas constitutivas de um tipo particular de meio (as condições materiais de existência características de uma condição de classe), que podem ser apreendidas empiricamente sob a forma de regularidades

associadas a um meio socialmente estruturado, produzem *habitus*, sistemas de disposições²⁵ duráveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, isto é, como princípio gerador e estruturador das práticas e das representações que podem ser objetivamente “reguladas” e “regulares” sem ser o produto da obediência a regras, objetivamente adaptadas a seu fim sem supor a intenção consciente dos fins e o domínio expreso das operações necessárias para atingi-los e coletivamente orquestradas, sem ser o produto da ação organizadora de um regente.

Essa fórmula, que pode parecer abstrata e obscura, enuncia a primeira condição de uma leitura adequada da análise da relação entre as posições sociais, as disposições e as tomadas de posição, entendidas como as decisões que os agentes sociais fazem nos domínios mais diferentes da prática (BOURDIEU, 1996c). É assim que o *habitus* pode ser compreendido enquanto um sistema de disposições duráveis e transponíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona a cada momento como uma matriz de percepções, de apreciações e de ações (BOURDIEU, 2003). De maneira mais geral, o espaço de posições sociais se retraduz em um espaço de tomadas de posição pela intermediação do espaço de disposições que definem as diferentes posições nos dois sistemas principais do espaço social, correspondendo a um sistema de separações diferenciais nas propriedades dos agentes, isto é, em suas práticas e nos bens que possuem. A cada classe de posições corresponde uma classe de *habitus* produzidos pelos condicionamentos sociais associados à condição correspondente e, pela intermediação destes e de suas capacidades geradoras, um conjunto sistemático de bens e de propriedades vinculadas entre si por uma afinidade de estilo (BOURDIEU, 1996c). A harmonização objetiva dos *habitus* de grupo ou de classe é o que faz com que as práticas possam objetivamente se afinar na ausência de qualquer interação direta e de qualquer articulação explícita (BOURDIEU, 2003).

Uma das funções da noção de *habitus* é a de dar conta da unidade de estilo que vincula as práticas e os bens de um agente ou de uma classe deles, sendo um princípio gerador e unificador que retraduz as características intrínsecas e relacionais de uma posição e um estilo de vida unívoco, isto é, em um conjunto único de decisões quanto a

²⁵ “A palavra ‘disposição’ parece bastante apropriada para exprimir o que recobre o conceito de *habitus* (definido como sistema de disposições): ela exprime, em primeiro lugar, o resultado de uma ação organizadora, apresentando então um sentido próximo ao de palavras como estrutura; designa, por outro lado, uma maneira de ser, um estado habitual (em particular do corpo) e sobretudo uma predisposição, tendência, propensão ou inclinação” (BOURDIEU, 2003, p. 53).

pessoas, bens e práticas (BOURDIEU, 1996c). O *habitus* nada mais é, portanto, do que uma “lei imanente, depositada em cada agente pela educação primeira, condição não somente da concertação das práticas, mas também das práticas de concertação, posto que os ajustamentos e as correções conscientemente operados pelos próprios agentes supõem o domínio de um código comum e que os empreendimentos de mobilização coletiva não podem ter sucesso sem um mínimo de concordância entre os *habitus* dos agentes mobilizadores e as disposições daqueles cujas aspirações se esforçam por exprimir (BOURDIEU, 2003). Neste sentido, o princípio das estratégias dos agentes não é o cálculo cínico ou a procura consciente para maximizar o lucro específico, mas uma relação inconsciente entre campo e *habitus*. Desta forma, as estratégias podem ser compreendidas como ações objetivamente orientadas em relação a fins que podem não ser os fins subjetivamente almejados. E a teoria do *habitus* visa a fundar a possibilidade de uma ciência das práticas que escape à alternativa do mecanicismo ou finalismo. A palavra interesse, do mesmo modo, se faz sinuosa uma vez que se arrisca a evocar um utilitarismo que é o grau zero do pensamento sociológico. Dito isto, o axioma do interesse não pode ser ignorado, mas compreendido como investimento específico nos processos de lutas. O *habitus*, sistema de disposições adquiridas pela aprendizagem implícita ou explícita que funciona como um sistema de esquemas geradores, gera estratégias capazes de estarem objetivamente afins aos interesses objetivos de seus autores sem terem sido expressamente concebidas para este fim. Quando basta deixar o *habitus* funcionar para obedecer à necessidade imanente do campo e satisfazer às exigências inscritas, há o lucro suplementar de se verem e serem vistos como perfeitamente desinteressados (BOURDIEU, 1983).

Cada agente, intencionalmente ou não, produz e reproduz sentidos objetivos porque suas ações e obras são o produto de um *modus operandi* do qual ele não é o produtor e do qual não tem o domínio consciente, encerrando uma intenção objetiva que sempre ultrapassa suas intenções conscientes. O *habitus* é a mediação universalizante que faz com que as práticas sem razão explícita e sem intenção significativa de um agente singular sejam, no entanto, sensatas, razoáveis e objetivamente orquestradas. A parte das práticas que permanece obscura aos olhos de seus próprios produtores é o aspecto pelo qual elas são objetivamente ajustadas a outras práticas e estruturas; o próprio produto desse ajustamento está no princípio da produção dessas estruturas

(BOURDIEU, 2003). Como produto da história, o *habitus* produz práticas individuais e coletivas, produz história em conformidade com os esquemas engendrados pela história. O princípio da continuidade e da regularidade que o objetivismo concede ao mundo social sem poder explicá-lo é o sistema de disposições passado que sobrevive no atual e que tende a perpetuar-se no futuro, atualizando-se nas práticas estruturadas segundo seus princípios – lei interior pela qual se exerce continuamente a lei das necessidades externas irredutíveis às pressões imediatas da conjuntura. Ao mesmo tempo, o sistema de disposições é o princípio das transformações e das revoluções regradas que nem os determinismos extrínsecos e instantâneos de um sociologismo mecanicista, nem a determinação puramente interior, mas puramente pontual do subjetivismo voluntarista ou espontaneísta conseguem explicar. Em corroboração a esta linha de pensamento, Bourdieu (2003, p. 58) coloca:

Princípio gerador duravelmente armado de improvisações regradas, o *habitus* produz práticas que – na medida em que tendem a reproduzir as regularidades imanentes às condições objetivas da produção de seu princípio gerador, mas ajustam-se às exigências inscritas a título de potencialidades objetivas na situação diretamente afrontada – não se deixam deduzir diretamente nem das condições objetivas, pontualmente definidas como soma de estímulos que podem aparecer como as tendo desencadeado diretamente, nem das condições que produziriam o princípio durável de sua produção. Só podemos, portanto, explicar essas práticas se as relacionarmos com a estrutura objetiva que define as condições sociais de produção do *habitus* (que engendrou essas práticas), com as condições do exercício desse *habitus*, isto é, com a conjuntura que, salvo transformação radical, representa um estado particular dessa estrutura. Se o *habitus* pode funcionar como operador que efetua praticamente a ação de relacionar esses dois sistemas de relação na e para a produção da prática, é porque ele é história feita natureza, isto é, negado como tal porque realizado numa segunda natureza. Com efeito, o “inconsciente” não é mais que o esquecimento da história que a própria história produz ao incorporar as estruturas objetivas que ela gera nessas quase naturezas que são os *habitus*.

Assim como as posições das quais são o produto, os *habitus* são diferenciados, mas também diferenciadores. “Distintos, distinguidos, eles são também operadores de distinções: põem em prática princípios de diferenciação diferentes ou utilizam diferenciadamente os princípios de diferenciação comuns” (BOURDIEU, 1996c, p. 22). A essa disposição geral e transponível que, sendo o produto de um aprendizado

dominado por um tipo determinado de regularidades objetivas, determina as condutas razoáveis ou absurdas para qualquer agente submetido a essas regularidades, o autor denominou *ethos*. As próprias condições de produção do *ethos*, necessidade feita virtude, fazem com que as antecipações que ele engendra tendam a ignorar a restrição a qual está subordinada a validade de todo cálculo das probabilidades, a saber, que as condições da experiência não foram modificadas (BOURDIEU, 2003).

Mas o essencial é que, ao serem percebidas por meio dessas categorias sociais de percepção, desses princípios de visão e de divisão, as diferenças nas práticas, nos bens possuídos, nas opiniões expressas tornam-se diferenças simbólicas e constituem uma verdadeira linguagem. As diferenças associadas a posições diferentes, isto é, os bens, as práticas e sobretudo as maneiras, funcionam, em cada sociedade, como as diferenças constitutivas de sistemas simbólicos, como o conjunto de fonemas de uma língua ou o conjunto de traços distintivos e separações diferenciais constitutivas de um sistema mítico, isto é, como signos distintivos compreendidos enquanto gosto. Por sua vez, este só se torna uma diferença visível, perceptível, não indiferente, socialmente pertinente, se é percebido por alguém capaz de estabelecer as diferenças – já que, por estar inscrito no espaço em questão, este alguém não é indiferente e é dotado de categorias de percepção, de esquemas classificatórios, de um gosto, que lhe permite estabelecer diferenças, discernir, distinguir. A diferença só se torna signo e signo de distinção (ou de vulgaridade) se lhe aplicarmos um princípio de visão e de divisão que, sendo o produto da incorporação da estrutura de diferenças objetivas, está presente em todos os agentes e estrutura suas percepções (BOURDIEU, 1996c).

O gosto, “propensão e aptidão à apropriação material e/ou simbólica de uma categoria de objetos ou práticas classificadas e classificadores” (BOURDIEU, 2003, p. 74) encontra-se no princípio do estilo de vida e dele é a fórmula generativa. Este, por sua vez, pode ser compreendido como “um conjunto unitário de preferências distintivas que exprimem, na lógica específica de cada subespaço simbólico, a mesma intenção expressiva, princípio da unidade de estilo que se entrega diretamente à intuição e que a análise destrói ao recortá-lo em universos separados” (BOURDIEU, 2003, p. 74). Fulcral na estilização da vida ou nas diferenças entre os estilos de vida são as variações de distância mundanas – nas pressões materiais e urgências temporais – que estão condicionadas a uma urgência objetiva da situação no período considerado e da

disposição para se distanciar desta situação. Tal disposição, a qual não pode ser chamada apenas de subjetiva por ser objetividade interiorizada e cuja constituição se dá em condições de existência liberadas da urgência, depende da totalidade da trajetória social. Em relação à conjectura formada pela relação entre gosto, espaço social, *habitus* e estilo de vida, Bourdieu (2003, p. 73-74) complementa:

Às diferentes posições no espaço social correspondem estilos de vida, sistemas de desvios diferenciais que são a retradução simbólica de diferenças objetivamente inscritas nas condições de existência. As práticas e as propriedades constituem uma expressão sistemática das condições de existência (aquilo que chamamos “estilo de vida”) porque são o produto do mesmo operador prático, o *habitus* – sistema de disposições duráveis e transferíveis que exprime sob a forma de preferências sistemáticas as necessidades objetivas das quais ele é o produto. A correspondência observada entre os espaços das posições sociais e dos estilos de vida resulta do fato de que condições semelhantes produzem *habitus* substituíveis que, por sua vez, engendram segundo uma lógica específica práticas infinitamente diversas e imprevisíveis em seu detalhe singular, mas sempre encerradas nos limites inerentes às condições objetivas das quais elas são o produto e às quais elas estão objetivamente adaptadas. Gerado em um tipo determinado de condições materiais de existência, esse sistema de esquemas geradores, inseparavelmente éticos e estéticos, exprime, segundo sua lógica, a necessidade dessas condições em sistemas de preferências cujas oposições reproduzem, sob forma transfigurada e muitas vezes irreconhecível, as diferenças ligadas à posição na estrutura da distribuição dos instrumentos de apropriação, assim transmutadas em distinções simbólicas.

No prólogo desta discussão, a disposição estética constitui-se como a dimensão de um estilo de vida no qual, irreconhecivelmente, se exprimem as características específicas de uma condição. Denota, para além, uma generalizada capacidade de tornar neutras as urgências ordinárias e de subverter a centralidade dos fins práticos, sendo aptidão e inclinação duráveis em uma prática sem, afinal, a sua função prática. A disposição estética só é uma experiência do mundo liberada na prática e na urgência de atividades que tenham em si mesmas a sua finalidade, supondo uma distância do mundo que está, afinal, no princípio da experiência burguesa. É neste sentido que nada distingue com mais rigor as classes do que as competências objetivamente exigidas e as disposições pelo consumo legítimo das obras legítimas, uma vez que os gostos de liberdade só podem existir como tais em relação aos gostos de necessidade que, em uma ordem estética, constituem-se como vulgares. As distâncias entre as classes são tão mais

marcadas quanto se considera a competência específica, uma das condições (tácitas) do consumo de bens de cultura legítimos (BOURDIEU, 2003).

Se diferenciando menos pelo grau em que reconhecem a cultura legítima do que por aquele em que a conhecem, as classes sociais distinguem-se pelo modo de aquisição da cultura ou por essa forma particular de competência denominada gosto. Produto da educação, e não de uma ideologia do gosto natural, a qual reforça a negação de todas estas evidências e obtém sua eficácia e aparência através da naturalização das diferenças reais, o senso comum sobre a cultura adquirida converte em diferenças de natureza aquelas derivadas de modos de aquisição advindos de processos sociais. Gosto, porquanto, não só deve ser discutido como deve ser alvo investigativo em relação às premissas que o constituem.

Por meio das modalidades de utilização e competência natural, a mesma ideologia do gosto natural faz, de dois modos de aquisição da cultura, opostos: o primeiro, aprendizado precoce, total e insensível levado a efeito desde o seio familiar e a primeira infância e o segundo, tardio, acelerado e metódico, assegurado por uma ação pedagógica expressa e explícita. A distinção entre o aprendizado espontâneo e quase natural da cultura e todas as formas de aprendizado forçado não se dá tanto pelas características de durabilidade e profundidade de seus efeitos, mas pela modalidade de relação com a cultura que ele favorece.

Tal primeiro aprendizado confere a certeza de si no que tange à legitimidade cultural, ao desembaraço pelo qual é identificado a excelência. Produz uma relação mais próxima, familiar e desenvolta, com a cultura sendo um bem familiar sempre conhecido e pelo qual o sentimento assemelha-se a de herdeiros legítimos. “A música não são os discos e a eletrola, graças aos quais descobre-se Bach e Vivaldi, mas o piano da família, ouvido desde a infância e vagamente praticado até a adolescência; a pintura não são os museus, de repente descobertos no prolongamento de um aprendizado escolar, mas o cenário do universo familiar”, exemplifica Bourdieu (2003, p. 88).

Já o segundo aprendizado, no qual o sistema escolar é incluso, opera um mínimo de racionalidade naquilo que transmite, substituindo os esquemas práticos de classificação, sempre parciais e conectados a contextos práticos, pelas taxionomias explícitas e padronizadas. Estas, por sua vez, são fixadas sob a forma de esquemas sinópticos ou tipologias dualistas e inculcadas de forma expressa, as quais conservam-se

na memória sob a forma de saberes suscetíveis de restituição, mais ou menos idênticos, por todos os agentes submetidos à sua ação (BOURDIEU, 2003). Desta forma, “o sistema escolar procura substitutos à experiência direta, oferece atalhos ao longo do encaminhamento da familiarização, possibilita práticas que são produto do conceito e da regra ao invés de surgir da pretendida espontaneidade do ‘gosto natural’ e oferece um recurso para aqueles que esperam recuperar o tempo perdido” (BOURDIEU, 2003, p. 90).

A cultura, elemento mais característico do estilo de vida das classes sociais, se relaciona e pode ser deduzida por uma marcada distância entre o conhecimento e o reconhecimento. Nela se exprimem, portanto, a posição atual, a trajetória passada ou potencial – compreendida enquanto carreira – e a disposição em relação ao futuro que definem as classes. Nesta direção, é preciso considerar o fato de que, embora universal, a disposição estética tem, enquanto suas raízes, as condições particulares de existência “das quais ela é a dimensão mais rara, distintiva e diferente de um estilo de vida” (BOURDIEU, 2003, p. 110-111). No que diz respeito às classes populares, a despeito da relação entre cultura e estilo de vida, Bourdieu (2003, p. 90-91) alerta, todavia, para a chance de alienação possível advinda desta conjuntura:

Reintegrando a relação entre cultura e estilo de vida, da qual este constitui uma dimensão mais privilegiada (sendo um princípio altamente distintivo de classificação social), podemos caracterizar o estilo de vida das classes sociais (sua cultura, no sentido amplo da enologia) como algo que engloba a posse, ou sua falta, da cultura (no sentido restrito e normativo do uso ordinário). Seria tão inútil tentar definir o gosto dominante sem reinseri-lo no estilo de vida do qual ele é uma das manifestações quanto tentar – por medo de se expor a descrevê-lo como privação – defini-lo em si e por si mesmo, fora de qualquer referência à cultura legítima e ao estilo de vida dominante, o qual, como o estilo das classes populares, deve suas propriedades precisamente à privação. Em mais de um caso, o culto à “cultura popular” é apenas uma forma irrepreensível do racismo de classe que leva a ratificar a privação cultural (justificando a evasão do sistema escolar). O estilo de vida das classes populares deve suas características fundamentais (incluindo as que parecem mais positivas) ao fato de representar uma forma de adaptação à posição ocupada na estrutura social: por isso, encerra sempre – nem que seja como sentimento de incapacidade, de incompetência, fracasso ou indignidade cultural – uma forma de reconhecimento dos valores dominantes. O que distingue as classes populares das outras é menos (e cada vez menos) a intenção objetiva de seu estilo do que os meios econômicos e culturais que podem colocar em ação para realizá-la.

Esse desapossamento da capacidade de formular os próprios fins (e a imposição correlativa de necessidades artificiais) é a forma mais sutil da alienação.

Constructos vivos que delineiam o esboço de uma teoria da prática, os conceitos apresentados de praxiologia, espaço social, campo, *doxa*, *illusio*, *nomos*, violência simbólica, arbitrário cultural, capital, *hexis* corporal, herança cultural familiar, *habitus*, *ethos*, gosto e estilo de vida compõem um sintético arsenal passível de ser utilizado por investigações que, como esta, se propõem a uma abordagem teórico-metodológica *bourdieusiana*. Compreendê-los uns em relação aos outros é vislumbrar uma narrativa que neles se complementa através da denúncia de condições desiguais de distribuição de capitais ao longo das lutas travadas por indivíduos no interior dos mais diversos espaços sociais permeados por poderes simbólicos da sociedade. De forma reflexiva, o agente no aporte teórico-metodológico *bourdieusiano* tem a possibilidade de ser o indivíduo com potencial para produzir uma mudança, que se transforma segundo a sua trajetória social, o seu estado, a sua condição, a sua ocupação e as suas produções ao longo de toda a vida. É, por fim e corroborando com Chartier e Lopes (2002), indivíduo na medida do que faz com aquilo que as condições do meio fizeram dele.

3.2. A constituição do campo do esporte e do subcampo esportivo do xadrez

O universo de saberes conformado pela Sociologia do Esporte, área cujo objeto de estudos se configura pelas características históricas e sociais que classificam o fenômeno esportivo enquanto um sistema de valores que se altera conforme a sociedade em voga e que influencia os hábitos dos indivíduos que com ele entram em contato (MARQUES, 2015b) é, do ponto de vista dos(as) sociólogos(as) e dos(as) esportistas, duplamente dominada. Desdenhada por ambos(as), o princípio das dificuldades particulares que a assolam encontra a reprodução da lógica da divisão social do trabalho, também, na divisão do trabalho científico. Falar sobre o esporte cientificamente é difícil porque, em certo sentido, este é um assunto considerado fácil. Cada um tem suas próprias ideias sobre o objeto e se sente capaz de dizer algo inteligível a respeito (BOURDIEU; DAUNCEY; HARE, 1998). Deste modo, há pessoas que conhecem muito bem a prática do esporte, mas que dela não sabem falar e,

por outro, aquelas que não o conhecem, mas poderiam dizer sobre ele ou, ainda, que o fazem sem constrangimentos (BOURDIEU, 2004b).

Enquanto objeto de estudo no campo da Sociologia do Esporte, o fenômeno esportivo obteve o seu tratamento e devido lugar ao longo de vários vieses e matrizes teóricas (MARQUES, 2015a) que compõem o espaço acadêmico desde a emergência da área no século XVIII até a sua atual conformação estabelecida no século XXI. Sendo uma das vias políticas e culturais mais decisivas na direção constitutiva, identitária e funcional desta disciplina, trata-se de uma das práticas corporais que está histórica e predominantemente atrelada à produção científica e à atuação prática no campo (SOUZA; MARCHI JÚNIOR, 2010a).

Deste modo, compreende-se que um dos papéis da configuração contemporânea sociológica seja a de “possibilitar o entendimento de que o estudo do esporte apenas pelo esporte, isto é, enquanto um fim em si mesmo, trata-se de uma postura um tanto quanto substancial, reducionista e que não faz avançar o conhecimento nem sobre o universo do esporte nem, muito menos, sobre a sociedade em que as práticas esportivas estão inseridas” (SOUZA; MARCHI JÚNIOR, 2010a, p. 63-64). Não obstante, a significância social da área ressalta-se ao passo em que seja responsável por:

Possibilitar aos agentes o desenvolvimento de uma autonomia intelectual a ponto de compreenderem os lugares sociais em que se inserem, bem como denunciar aos que sofrem e que não têm as condições de acesso para desenvolver sua autonomia, no mínimo, saberem que os responsáveis pelos seus sofrimentos talvez não sejam eles mesmos (SOUZA; MARCHI JÚNIOR, 2010a, p. 65).

As contribuições de *Pierre Bourdieu* para o desenvolvimento de um espaço científico de estudos voltados para a Sociologia do Esporte são notórias e fundamentais, alcançando a sua originalidade ao dispor seu método e teoria para se trabalhar o esporte na esteira da reflexividade. Embora tenha se debruçado sobre tal prática, não fora um sociólogo especialista²⁶ neste fenômeno, mas, ao invés disto, alguém que o recuperou

²⁶ Ao invés da defesa do fato de que o autor tenha sido sociólogo disto ou daquilo, o que configuraria um exercício taxionômico pouco produtivo, o mais adequado seria argumentar que o autor desenvolveu uma abordagem sociológica holística (SOUZA; MARCHI JÚNIOR, 2017).

enquanto um objeto digno de ser analisado cientificamente no universo de produção sociológica. A instauração de uma teoria sociológica do esporte *bourdieusiana* se estabelece, por conseguinte, de forma relativamente autônoma e dependente de seu modelo epistemológico, quer seja, a Sociologia Reflexiva, e metodológico, a saber, por tudo aquilo que constitui a Teoria da Prática. Ambos, por sua vez, aprimorados, revisitados e aperfeiçoados pelo autor ao longo de toda a sua obra, sobretudo em aversão aos reducionismos advindos do olhar substancialista²⁷ (SOUZA; MARCHI JÚNIOR, 2010b). “Deste modo, vislumbra-se uma teoria sociológica do esporte em *Pierre Bourdieu* enquanto um prolongamento de seu método de investigação reflexivo e praxiológico” (SOUZA; MARCHI JÚNIOR, 2010b, p. 312).

De inquestionáveis e sofisticados subsídios para o campo científico (SOUZA; MARCHI JÚNIOR, 2017), uma das funções de uma Sociologia Reflexiva da produção de conhecimento pode ser a de possibilitar a oferta ao controle dos efeitos dos pré-construídos doutos na elaboração e no recorte de um objeto de pesquisa, de modo a não deformar a realidade empírica ou obscurecer o que, por natureza, já se faz oculto (SOUZA; MARCHI JÚNIOR, 2010a). Afinal, de acordo com Bourdieu, Dauncey e Hare (1998), os objetos sociais encontram-se escondidos atrás de uma série de discursos pré-construídos que representam a pior barreira à investigação científica. Neste sentido, inúmeros(as) pesquisadores(as) acreditam falar sobre o objeto de estudo quando estão, apenas, retransmitindo o discurso que, no esporte e como em qualquer outro lugar, o objeto produz sobre si mesmo. Consequentemente, a construção de objetos realmente científicos implica uma ruptura com as representações comuns que podem ser notadamente efetuadas tomando essas pré-noções enquanto objeto de estudo. Para os autores, portanto, seria necessário romper com tais pré-construções, mas sem, no entanto, evitar os problemas – notadamente políticos – que os discursos pré-construídos podem acarretar. Em extensão a este assunto, afirmam:

²⁷ *Pierre Bourdieu* argumenta sobre a necessidade de se romper com variações da Sociologia espontânea, isto é, “com aquelas interpretações, de teor acadêmico ou não, que acabam sendo coniventes com a autocompreensão simplista, imediatista e, muitas vezes, falsa que os agentes conservam acerca do mundo social e também das posições que eles ocupam no mundo” (SOUZA; MARCHI JÚNIOR, 2017, p. 247).

É preciso dizer que, no mundo da pesquisa, há muito lucro social a ser obtido dando (e reivindicando) a aparência de neutralidade (que é tomada por objetividade). Embora sempre tenha feito pesquisas sobre questões candentes, quanto mais polêmico o assunto, mais tendia a me manter distante e a investir mais (principalmente em termos de tempo) na tarefa de objetivação. Mas esse escapismo também permite muitas vezes obter grandes benefícios de forma muito barata (BOURDIEU; DAUNCEY; HARE, 1998, p. 15).

Em “Programa para uma Sociologia do Esporte”, Bourdieu (2004b) aponta para dois itinerários a serem percorridos em vista à constituição da área. O primeiro, segundo o autor, discorre sobre a necessidade de se analisar um esporte compreendendo a sua posição a partir do conjunto das práticas esportivas²⁸, sistema no qual cada elemento deteria o seu valor de distinção. O segundo, por sua vez, faz jus à necessidade de se relacionar este espaço esportivo com o espaço social que nele se manifesta, isto é, explorando a relativa autonomia entre ambos que preveniria o equívoco de se estabelecer, por exemplo, uma relação direta entre dada prática e um grupo social específico. O trabalho sociológico sob o esporte, assim, consistiria em “estabelecer as propriedades socialmente pertinentes que fazem com que um esporte tenha afinidade com os interesses, gostos e preferências de uma determinada categoria social” (BOURDIEU, 2004b, p. 208).

O elemento principal do sistema de preferências, quando considerado o espaço simbólico que compõe o campo social do esporte, é a relação com o corpo, objeto cujo envolvimento está associado a uma posição social e a uma experiência originária do mundo físico e social, quer seja, a *hexis* corporal (BOURDIEU, 2014b). A linguagem do corpo encerra um conjunto de questões fulcrais na medida em que muitas delas estão aquém da consciência, sendo produzidas através de uma comunicação silenciosa, prática, corpo-a-corpo. Nesta direção, a Sociologia do Esporte se faz terreno por excelência para colocar o problema de que há um modo de compreensão totalmente particular que consiste em se entender com o corpo, não havendo palavras para exprimir

²⁸ Este, segundo o autor, constrói-se a partir do conjunto de indicadores, tais quais a distribuição das diferentes federações segundo o número de adeptos, riqueza, características sociais dos dirigentes, entre outros e, complementarmente, pelo tipo de relação com o corpo que é favorecida ou exigida, implicando em um contato direto, sua interposição por meio de instrumentos ou mesmo a sua ausência (BOURDIEU, 2004b).

algumas destas experiências. A isto Bourdieu (2004, p. 219) refere-se como sendo o silêncio dos(as) esportistas, denotando “ao fato de haver coisas que não se sabe dizer, as práticas esportivas são essas práticas nas quais a compreensão é corporal”. Em reflexão, o autor cogita o que tal visão de corpo colaboraria para o haver de uma crença:

Refletindo sobre essa compreensão do corpo, talvez fosse possível contribuir para uma teoria da crença. Penso que há uma ligação entre o corpo e o que em francês nós chamamos de *esprit de corps*. Se a maioria das organizações, seja a igreja, o exército, os partidos, as indústrias, entre outros, dão tanto espaço às disciplinas corporais, é porque, em grande parte, a obediência é a crença, e porque a crença é o que o corpo admite mesmo quando o espírito diz não (poderíamos, nessa lógica, refletir sobre a noção de disciplina). Talvez seja refletindo sobre o que o esporte tem de mais específico, isto é, a manipulação regrada do corpo, sobre o fato de o esporte, como todas as disciplinas em todas as instituições totais ou totalitárias, os conventos, as prisões, os asilos, os partidos, entre outros, ser uma maneira de obter do corpo uma adesão que o espírito poderia recusar, que se conseguiria compreender melhor o uso que a maior parte dos regimes autoritários faz do esporte [...]. Assim se explica o lugar destinado por todos os regimes de caráter totalitário às práticas corporais coletivas que, simbolizando o social, contribuem para somatizá-lo e que, pela *mimesis* corporal e coletiva da orquestração social, visam reforçar essa orquestração (BOURDIEU, 2004b, p. 220).

Solidária com a relação com o mundo, a conexão com o corpo traduz homologias como, à título de exemplo, aquelas formadas pela associação entre as práticas mais distintivas e o distanciamento com o adversário, sua estetização, ínfima presença da violência e o prevalecimento da forma e das formalidades sob a força e função. No entanto, em distanciamento de uma visão realista e substancialista, há de se ter cuidado para não estabelecer um vínculo direto entre dado esporte e uma posição ou classe social. A correspondência se faz, na verdade, enquanto uma autêntica homologia estabelecida entre o espaço das diferentes modalidades finamente analisadas a partir das práticas esportivas e o espaço das posições sociais. É, portanto, na relação entre ambos que se definem as propriedades pertinentes a cada prática esportiva, sendo que a história delas só pode ser uma história estrutural na medida em que um dos fatores que determinam as mudanças na compreensão de uma prática é o interesse em manter, no

nível das práticas, a distância existente entre as posições e as classes sociais (BOURDIEU, 2004b).

A construção do espaço das práticas esportivas, assim, levaria a efeito o fato de que “o objeto da história é a história dessas transformações da estrutura, que só são compreensíveis a partir do conhecimento do que era a estrutura em dado momento (o que significa que a oposição entre estrutura e transformação, entre estática e dinâmica, é totalmente fictícia e que não há outro modo de compreender a transformação a não ser a partir de um conhecimento da estrutura)” (BOURDIEU, 2004, p. 210). Não sendo um espaço fechado sobre si mesmo, há também de se considerar que o campo social do esporte está inserido em um universo de práticas e consumos, eles próprios estruturados e constituídos como sistema. Lugar de forças, portanto, que não se aplicam só a ele, o espaço das práticas esportivas tem, enquanto a definição de consumo, a resultante entre a relação entre uma oferta e uma procura, isto é, entre o universo dos produtos ofertados em um dado contexto e o universo das disposições, as quais se associam à posição ocupada e são passíveis de serem expressas em outras modalidades de consumo em relação com outro espaço de oferta (BOURDIEU, 1983, 2004b). Questões pertinentes a este encontro seriam: a) como se produz a demanda pelos produtos esportivos?; b) como as pessoas passam a ter o gosto pelo esporte e, especialmente, mais por uma modalidade do que pela outra, enquanto prática ou enquanto espetáculo?; c) mais precisamente, segundo quais princípios os agentes escolhem entre as diferentes práticas ou consumos esportivos que lhe são oferecidos como possibilidade em um dado contexto? (BOURDIEU, 1983). Ainda sobre a relação entre oferta e demanda, se alonga o autor:

Assim, a distribuição diferencial das práticas esportivas resulta do estabelecimento de uma relação entre dois espaços homólogos, um espaço das práticas possíveis, a oferta, e um espaço das disposições a serem praticadas, a procura: do lado da oferta, temos um espaço das práticas esportivas entendido como programas de práticas esportivas, que são caracterizadas, em primeiro lugar, em suas propriedades intrínsecas, técnicas (isto é, em particular, as possibilidades e sobretudo as impossibilidades que eles oferecem à expressão das diferentes disposições corporais), e, em segundo lugar, nas suas propriedades relacionais, estruturais, tal como se definem em relação ao conjunto dos outros programas de práticas esportivas simultaneamente oferecidas, mas que só se realiza plenamente num dado momento, recebendo as propriedades de apropriação que sua

associação dominante lhes confere, tanto na realidade como na representação, através dos participantes modais, em relação a uma posição no espaço social; por outro lado, da parte da procura, temos um espaço das disposições esportivas que, enquanto dimensão do sistema de disposições (do *habitus*), estão relacionalmente, estruturalmente, caracterizadas, como as posições às quais elas correspondem, e que em um dado momento são definidas na particularidade de sua especificação pelo estado atual da oferta (que contribui para produzir a necessidade, apresentando-lhe a possibilidade efetiva de sua realização) e também pela realização da oferta no estado anterior. Acho que este é um modelo bem geral que rege as mais diferentes práticas de consumo (BOURDIEU, 2004b, p. 214).

Metodologicamente, antes de se conhecer a fundo uma realidade da qual em muito se desconhece, é preciso um esforço para construir uma descrição sumária do conjunto do espaço das práticas esportivas considerado. Enquanto princípio geral, por mais imperfeito que este quadro provisório seja, sabe-se que ao menos ele deve ser preenchido, sendo esta a “condição de uma construção adequada dos objetos da pesquisa empírica particular” (BOURDIEU, 2004b, p. 212). Tal esquema teórico, mesmo que permaneça vazio em grande parte e que forneça prevenções e orientações pragmáticas, faz com que a escolha dos objetos se dê em outro modo, maximizando o rendimento das produções. Uma alternativa a isto, tal como aquela a que se optou nesta pesquisa, é estudar um subespaço no interior do campo esportivo, fazendo, nesta escala, uma produção sobre o efeito de estrutura que apreende a prática, aqui, denotada por uma modalidade em particular. Desta forma, busca-se instaurar a dialética entre o global e o particular, a visão sinóptica com a ideográfica, desconstruindo antagonismos como aqueles presentes entre teoria e empiria, entre uma grande visão macrossociológica e uma visão microscópica da microsociologia. Em termos gerais, investindo um problema teórico de grande alcance em um posicionado e bem construído objeto empírico (BOURDIEU, 2004b).

Os usos sociais conferidos a determinada prática no campo esportivo obedecem a um efeito de apropriação caracterizado pela elasticidade semântica, a qual estabelece um conjunto de propriedades que orientam as práticas e as escolhas através de uma diversidade de utilizações, marcadas a cada momento pelo uso dominante que delas é feito. Logo, a partir de uma concepção *bourdieusiana*, não é possível falar de um valor

intrínseco das práticas, uma vez que elas oferecem grande disponibilidade para usos totalmente diferentes e até opostos, configurando uma mudança de sentido, especialmente, dominante. É frequente que em um mesmo contexto e período, uma modalidade receba significados concorrentes que diferem entre si, sendo este um alvo de lutas pelo próprio fato de sua polissemia objetiva e de sua parcial indeterminação que a torna disponível para várias formas de apropriação. Nesta direção, o sentido dominante de dado esporte pode mudar na medida em que significações – geralmente inseridas por disposições advindas de novatos(as) no campo – se definem em oposição a ele, o que pode ocasionar a formação de um novo tipo de prática com elementos da versão dominante que estavam em estado implícito, virtual ou recalcado. Se, por uma visão sincrônica, uma modalidade esportiva parece ligada às disposições inscritas em quem ocupa determinada posição social, uma visão diacrônica alerta para diferentes representações de um mesmo fenômeno, “como se o mesmo objeto oferecido pudesse ser apropriado por agentes dotados de disposições muito diversas, em suma, como se qualquer um pudesse se apropriar de qualquer programa e qualquer programa pudesse ser apropriado por qualquer um” (BOURDIEU, 2004, p. 216). Relacionalmente, tal postura tem a virtude de prevenir contra a tendência de se estabelecer um vínculo direto entre as posições sociais e as tomadas de posição estéticas, esquecendo que as mesmas disposições podem, em referência a espaços de oferta distintos, exprimirem-se em tomadas de posições diferentes. Entretanto, acerca desta polissemia, adverte Bourdieu (2004, p. 216-217):

Na verdade, a elasticidade semântica nunca é infinita (basta pensar no golfe e na luta), e sobretudo, em cada momento, as escolhas entre as diferentes possibilidades oferecidas nunca se distribuem ao acaso, ainda que, quando o espaço dos possíveis é muito restrito, a relação entre as disposições e as tomadas de posição seja muito obscura, pelo fato de as disposições, que podem projetar diretamente sua estrutura de exigências em universos mais abertos, menos codificados, serem obrigadas, nesse caso, a se limitar a escolhas negativas ou ao menos ruins. Acho possível dizer que as disposições associadas às diferentes posições no espaço social, e em particular as disposições estruturalmente opostas ligadas às disposições opostas nesse espaço, sempre encontram um meio de se exprimir, mas, às vezes, sob a forma irreconhecível das oposições específicas, ínfimas e imperceptíveis se não tivermos as categorias de percepção adequadas, que organizam um campo determinado num dado momento.

Ao considerar que o sistema de agentes e de instituições vinculados ao esporte tende a funcionar como um campo, emergem questões que se referem às próprias condições históricas e sociais da possibilidade do fenômeno cujas considerações são tecidas pelo autor, o esporte moderno, e outras relacionadas às condições que tornam possível a constituição do espaço enquanto campo de concorrência onde se defrontam agentes com interesses e posições específicas. Para jogar luz a tais indagações, seria necessário, portanto, investigar a própria fundação deste fenômeno, estabelecendo a genealogia histórica de sua aparição enquanto objeto com realidade específica irreduzível a qualquer outra. Em um prisma *bourdieusiano*, não se trata, assim, de saber a partir de qual data precisa ou de qual definição melhor o representa, mas de se delinear a partir de que contexto se constitui um campo de concorrência no interior do qual o esporte aparece definido como prática específica, isto é, que não se reduz a um mero jogo ritual ou divertimento festivo (BOURDIEU, 1978, 1983). Afinal, de acordo com o autor, a “história do esporte é uma história relativamente autônoma que, mesmo estando articulada com os grandes acontecimentos da história econômica e política, tem seu próprio tempo, suas próprias leis de evolução, suas próprias crises, em suma, sua cronologia específica” (BOURDIEU, 1983, p. 137).

No ensejo destas preocupações, *Pierre Bourdieu* se posiciona de acordo com um conjunto de autores(as) que considera que as configurações do fenômeno esportivo se deram a partir de progressivas rupturas²⁹ com atividades consideradas a ele ancestrais, descontinuidades estas que denotariam a constituição de um campo de práticas específicas dotado de suas próprias lutas, regras e onde se investe e engendra toda uma cultura ou competência específica (BOURDIEU, 1978, 1983). Tal perspectiva é oposta àquela corroborada por pesquisadores(as), tais como Guttmann (1978), que consideram que as práticas esportivas sempre tiveram, ao longo do desenvolvimento entre suas configurações em várias épocas, uma continuidade a respeito de determinados traços e aspectos, como: a) o secularismo; b) a igualdade de oportunidades para competir e no

²⁹ A história estrutural do esporte, tal como é contada pelo autor, enfatiza a dinâmica das transformações que se operam no próprio campo esportivo e nos subcampos que o compõem (SOUZA; MARCHI JÚNIOR, 2017).

que tange às condições de competências; c) a especialização de papéis; d) a racionalização; e) a organização burocrática; f) a quantificação e g) a busca de recordes³⁰. Em uma perspectiva *bourdieusiana*, destarte, não existiriam práticas pré-esportivas, mas modalidades propriamente ditas cuja aparição é coetânea à constituição de um campo de produção de dado produto esportivo, definido por seus objetos de disputas, suas regras do jogo e, ao mesmo tempo, pela qualidade social de seus praticantes, participantes ou espectadores (BOURDIEU, 1978, 1983). Tais premissas e conjuntos de condições sociais configurariam o que se pode denominar de campo esportivo, “este espaço de jogo, com sua lógica própria, este lugar com práticas sociais inteiramente particulares, que foram definidas no curso de uma história própria e que só podem ser compreendidas a partir desta história” (BOURDIEU, 1983, p. 138). Enquanto *locus* social delimitado pela análise *bourdieusiana*, o campo social do esporte está dentre os espaços que possuem cronologia própria e uma história estrutural relativamente autônoma da esfera econômica e política, compondo-se como um espaço estruturado de dominantes e dominados(as) que disputam os capitais específicos em jogo e procuram conservar a estrutura ou a transformá-la. Ademais, nele há uma *doxa* e um *nomos* que lhe são pertinentes, isto é, um senso comum que atribui lógica ao campo e uma série de leis invariantes que regulamentam as ações dos agentes (SOUZA; MARCHI JÚNIOR, 2010b).

A gênese da configuração do fenômeno em voga à época do autor, o esporte moderno, realizou-se por meio das *public schools*³¹ inglesas, local onde se deu a passagem propriamente dita do jogo ao esporte. Nelas, os(as) filhos(as) das famílias aristocráticas ou da grande burguesia, ao retomarem alguns jogos populares ou considerados vulgares, atribuíram a eles alterações de significado e função muito semelhantes às vertentes eruditas. Caracterizando os princípios desta transformação, houve com isto a separação dos exercícios corporais elitizados das ocasiões sociais ordinárias às quais os jogos populares ainda permaneciam associados (por meio de

³⁰ Independente da abordagem adotada, o ponto pacífico entre estas duas linhas é o fato de que o esporte moderno fora originário durante o final do século XVIII e início do século XIX na Inglaterra, pautado na apropriação dos jogos populares por parte da aristocracia e grande burguesia, as quais o sistematizaram e regulamentaram segundo seus valores morais e racionalizações (MARQUES, 2015b).

³¹ “Grandes escolas reservadas às elites da sociedade burguesa” (BOURDIEU, 1983, p. 139).

festas agrárias, por exemplo), sendo desprovidos de suas funções sociais (e religiosas) que ainda eram remontadas a vários jogos tradicionais. É assim que a escola – *skhole*, do lazer – se fez lugar onde as práticas carregadas de funções sociais e integradas no calendário coletivo foram convertidas em atividades que constituem fins em si mesmas, exercícios corporais, espécie de arte pela arte corporal, submetidas a regras específicas e inseridas em um calendário próprio (BOURDIEU, 1978, 1983). Segundo Bourdieu (1983, p. 139), “a escola é o lugar por excelência do exercício chamado gratuito e onde se adquire uma disposição distante e neutralizante em relação ao mundo social, a mesma que está implícita na relação burguesa com a arte, a linguagem e o corpo”.

Espécie de retiro do mundo e da prática, os grandes internatos das escolas de elite representariam, assim, uma aquisição na e pela experiência escolar capaz de expressar uma inclinação à atividade para nada, dimensão crucial do *ethos* das elites burguesas que se vangloriam do desinteresse e se definem pela distância eletiva – afirmada no esporte e na arte – em relação aos interesses materiais. Nesta mesma direção se encontra o *fair play*, modo de jogar o jogo daqueles(as) que não se deixam levar por ele a ponto de se esquecer que é um jogo, isto é, dos(as) que sabem manter a distância em relação ao papel prometido ou assumido (BOURDIEU, 1978, 1983). O grau de adesão ao jogo e aos valores que ele envolve nunca independe da origem social, sendo as condições anteriores pessoais e estruturais diferenciações que incidem na forma de atuação no jogo, a despeito de as regras parecerem as mesmas para as distintas posições sociais que o disputam. Para os estratos mais favorecidos, isto significa que o capital cultural herdado e presente em suas vidas permite vivenciar as experiências esportivas como jogos de seriedade, sendo os saberes adquiridos pela prática apenas mais uma forma de conhecimento acumulada e, não necessariamente, aquela capaz de definir o curso das trajetórias em seu destino social (BOURDIEU; PASSERON, 2014).

O processo de autonomização do campo social do esporte também é acompanhado por um processo de racionalização destinado a conferir a previsibilidade e a calculabilidade, a despeito das diferenças e particularismos. Por conseguinte, a constituição de um corpo de regulamentos e de dirigentes específicos – *governing*

bodies – recrutados, pelo menos originalmente, entre *old boys*³² das *public schools*, caminharam par a par. Ao passo em que os eventos e as trocas esportivas aconteciam entre diferentes instituições e regiões, a necessidade da aplicação universal de regras fixas se impôs. A autonomia relativa do espaço das práticas esportivas se afirma, de forma mais clara, quando grupos esportivos se responsabilizam pela autoadministração e regulamentação, as quais foram fundadas por uma tradição histórica ou garantidas pelo Estado. A estes organismos foram designados o direito de fixar as normas de participação nas provas por eles organizadas, de exercer um poder disciplinar destinado a garantir o respeito às regras específicas por eles editadas (exclusões, sanções, entre outros) e, além disto, conceder títulos esportivos específicos às diversas categorias de agentes que com ele lidavam (BOURDIEU, 1978, 1983).

A conformação progressiva de um campo de profissionais da produção de bens e serviços esportivos – entre os quais, por exemplo, intervêm nos espetáculos do esporte – desenvolve, gradativamente, interesses específicos relacionados à concorrência, ligações de força específica, entre outros (BOURDIEU, 2004b). Dimensão de uma filosofia aristocrática do esporte, o amadorismo torna a prática desinteressada, conveniente para a afirmação de virtudes como a virilidade e a coragem, capaz de forjar o caráter e inculcar o desejo pela vitória – *will to win* – que é a marca dos verdadeiros líderes. Mas, esta, sendo uma vontade de vencer que às regras se conforma, o *fair play*, “disposição cavalheiresca inteiramente oposta à busca vulgar da vitória a qualquer preço” (BOURDIEU, 1983, p. 140). Uma consequência do desenvolvimento do campo, progressivamente, foi o contínuo aumento da ruptura entre profissionais e amadores(as), delegando uma desposseção dos(as) leigos(as) que, pouco a pouco, seriam reduzidos(as) ao papel de espectadores(as) (BOURDIEU, 2004b). Depreende-se, do exposto, que “o esporte, como toda prática, é um objeto de lutas entre frações da classe dominante e também entre as classes sociais” (BOURDIEU, 1983, p. 142). Sobre isto, comenta o autor:

O campo das práticas esportivas é o lugar de lutas que, entre outras coisas, disputam o monopólio de imposição da definição legítima da

³² Garotos pertencentes aos anos progressivamente mais velhos das escolas (BOURDIEU, 1983).

prática esportiva e da função legítima da atividade esportiva, amadorismo contra profissionalismo, esporte-prática contra esporte-espetáculo, esporte distintivo – de elite – e esporte popular – de massa – entre outros; e este campo está ele também inserido no campo das lutas pela definição do corpo legítimo e do uso legítimo do corpo, lutas que além de oporem entre si, treinadores, dirigentes, professores de ginástica e outros comerciantes de bens e serviços esportivos, opõem também os moralistas e particularmente o clero, os médicos e particularmente os higienistas, os educadores no sentido mais amplo [...]. As lutas pelo monopólio da imposição da definição legítima desta classe particular de usos do corpo que são os hábitos esportivos apresentam sem dúvida invariantes transistóricas: penso, por exemplo, na oposição, do ponto de vista da definição do exercício legítimo, entre profissionais da pedagogia corporal [...] e médicos, isto é, entre duas formas de autoridade específica (pedagógica e científica) ligadas a duas espécies de capital específico, ou ainda na oposição recorrente entre duas filosofias antagônicas sobre o uso do corpo, uma mais ascética que nesta espécie de aliança de palavras que é a própria expressão Educação Física, coloca a ênfase na educação, no *anti-physis*, na contra natureza, no esforço, na correção, na retidão, e a outra, mais hedonista, que privilegia a natureza, a *physis*, reduzindo a educação do corpo, a Educação Física, a uma espécie de “*laisser-faire*” ou de retorno ao “*laisser-faire*”, como faz atualmente a expressão corporal, que ensina a desaprender as disciplinas e as contenções inúteis, impostas, entre outras coisas, pela ginástica comum (BOURDIEU, 1983, p. 142).

A orientação a um ou outro polo do campo, ao ascetismo ou ao hedonismo, depende do estado das relações de força entre as frações da classe dominante e entre as classes sociais no espaço das lutas pela definição do corpo legítimo e dos usos legítimos do corpo. É neste sentido que práticas como o tênis, a equitação, o iatismo e o golfe devem parte de seu interesse aos lucros de distinção proporcionados (ao exemplo dos clubes mais seletivos que se compõem em torno de modalidades esportivas que servem de pretexto ou de ocasião para os encontros provenientes). Os lucros distintivos se aumentam quando a distinção entre práticas distintas e distintivas e as práticas vulgares é acrescida de uma oposição, ainda mais marcada, entre praticar o esporte e simplesmente consumi-lo. Relacionando o consumo à idade, tem-se que a probabilidade de prática após a adolescência decresce de forma nítida ao passo em que se desce na hierarquia social (assim como as chances de se fazer parte de um clube esportivo), enquanto a possibilidade de assistir essa mesma prática através de espetáculos esportivos considerados mais populares (como o futebol ou o rúgbi, prática realizada pelo autor (CHARTIER; LOPES, 2002) durante a sua juventude) decresce muito

claramente na medida que se sobe na hierarquia social (BOURDIEU, 1978, 1983). “Em suma, o esporte, que nasceu dos jogos realmente populares, isto é, produzidos pelo povo, retorna ao povo [...], sob a forma de espetáculos produzidos para o povo” (BOURDIEU, 1983, p. 144).

Entre jovens de classes dominadas, o desenvolvimento do esporte resulta em parte do fato que este fenômeno se predispunha a cumprir funções outras além daquelas que lhe eram originárias, a saber, a ocupação a um menor custo do tempo livre que estava sob a responsabilidade das escolas em tempo integral. Afinal, ao praticarem, seria mais fácil a sua vigia, bem como estariam dedicados a uma atividade considerada sadia e direcionando a violência contra colegas ao invés de investi-la contra as próprias instalações escolares ou na tormenta de professores(as). Para além disso, a carreira esportiva era praticamente excluída entre as possibilidades de trajetórias admissíveis para uma criança ou jovem da burguesia – à parte, algumas modalidades como tênis ou golfe –, representando uma das únicas vias de ascensão social para as crianças e jovens pertencentes à classe dominada. Tais interesses e valores, por sua vez, aproximar-se-iam das exigências correlativas à profissionalização, e isto tanto de um ponto de vista da racionalização requisitada pela preparação e treinamento, quanto da execução do exercício que busca a maximização da eficácia específica. Procura esta que é, ela mesma, correlativa ao desenvolvimento de uma indústria³³ do espetáculo esportivo (BOURDIEU, 1978, 1983). “Tudo parece sugerir que a extensão do público para além do círculo dos amadores auxilia a reforçar o reino dos profissionais por excelência” (BOURDIEU, 1978, p. 829).

Diante deste quadro, é perceptível o fato de que as variações das práticas segundo as classes devem-se não só aos fatores econômicos e culturais que tornam as pessoas capazes de assumi-las, mas também às variações de percepção e apreciação dos lucros imediatos ou futuros que estas práticas são capazes de proporcionar. Para além dos efeitos sobre o corpo externo, assim, as diferentes classes têm expectativas muito

³³ É, sem dúvida, pela divisão que faz entre os profissionais (os virtuosos de uma técnica esotérica) e os leigos (reduzidos ao papel de meros consumidores(as)) que esta divisão tende a tornar-se uma estrutura profunda da consciência coletiva, desse esporte que produz seus efeitos políticos mais decisivos. O esporte não é a única área em que o(a) cidadão(ã) comum é reduzido a torcedor(a), a extrema caricatura do(a) militante. Condenado(a), portanto, a uma participação imaginária que é apenas uma compensação ilusória da expropriação que sofre em benefício dos(as) especialistas (BOURDIEU, 1978).

desiguais em relação aos lucros intrínsecos desejados e esperados para si. Posto isto, “com efeito, tudo permite supor que a lógica da distinção contribui, com uma parte determinante, juntamente com o tempo livre, para a distribuição entre as classes de uma prática” (BOURDIEU, 1983, p. 149). Em suma de tais pontos, expressa o autor:

Portanto, tudo permite supor que a probabilidade de praticar as diferentes práticas esportivas depende, em graus diversos para cada esporte, do capital econômico e, de forma secundária, do capital cultural e do tempo livre; isto por intermédio da afinidade que se estabelece entre as disposições éticas e estéticas associadas a uma posição determinada no espaço social e os lucros que em função destas disposições parecem prometidos para os diferentes esportes. A relação entre as diferentes práticas esportivas e a idade é mais complexa, pois ela só se define – por intermédio da intensidade do esforço físico exigido e da disposição em relação a este esforço que é uma dimensão do *ethos* de classe – na relação entre um esporte e uma classe. Entre as propriedades dos esportes populares, a mais importante é o fato deles estarem tacitamente associados à juventude, a quem, espontânea e implicitamente, é creditada uma espécie de licença provisória que se expressa, entre outras coisas, pelo gasto de uma abundante energia física (e sexual), e de serem abandonados muito cedo (o mais frequente no momento do casamento que marca a entrada na vida adulta). Ao contrário, os esportes burgueses praticados principalmente por suas funções de manutenção física e pelo lucro social que proporcionam, têm em comum o fato de prolongar para bem além da juventude a idade limite de sua prática e, talvez, tanto mais além quanto mais prestígio e exclusividade tiverem (como o golfe) (BOURDIEU, 1983, p. 150).

Muito embora tais regularidades existam, compreender como as modalidades esportivas mais distintivas – como o golfe e o tênis – e mesmo aquelas que são menos rebuscadas – como a ginástica e o montanhismo – se distribuem ao longo das classes e, especificamente, entre frações da classe dominante, se faz ainda mais complexo do que considerar apenas as variações de capital econômico, cultural e tempo livre. Em primeiro lugar porque não se pode esquecer que há requisitos de entrada ocultos como a tradição familiar e a aprendizagem precoce, além de outros como vestuários obrigatórios, porte e técnicas de sociabilidade que mantêm tais práticas interditas às classes trabalhadoras e mesmo aos indivíduos ascendentes da classe média. E, em segundo lugar, porque os constrangimentos econômicos definem o campo entre aquilo

que é ou não possível aos agentes sem, no entanto, determinar a inclinação positiva a esta ou aquela prática (BOURDIEU, 1978, 2007).

Além das buscas distintivas, é a relação com o próprio corpo, enquanto dimensão privilegiada do *habitus*, que diferencia as classes populares das privilegiadas, bem como frações separadas pelo estilo de vida se distinguem no interior destas. Desta forma, a relação instrumental com o próprio corpo que as primeiras exprimem em todas as práticas que o tem como objeto ou questão de disputas, também se manifesta na escolha de modalidades esportivas que demandam grandes esforços, às vezes de dor e sofrimento (como o boxe) e em certos casos exigem que o próprio corpo seja colocado em jogo (como no motociclismo, paraquedismo, formas de combate, entre outros). Opostas, as segundas se inclinariam à estilização da vida, a qual pode ser reconhecida e reencontrada na tendência em tratar o corpo como um fim, organismo que leva ao culto higienista da forma, ou na própria aparência do corpo como configuração perceptível, o físico, ou seja, o corpo-para-outrem. Em sua forma mais elementar, a preocupação com a cultura corporal aparece nas classes médias que se dedicam de maneira intensiva ao esporte, tornando-o exaltação ascética da sobriedade e do rigor dietético, o qual se reduz a uma espécie de treinamento pelo treinamento. A correspondência que se observa entre as séries de transformações da oferta e da demanda esportivas se deve, assim, ao fato de que o espaço dos produtores (ou seja, o campo dos agentes e das instituições que colaboram para a mudança da oferta) tende a reproduzir, em suas divisões, o espaço dos consumidores (BOURDIEU, 1978, 1983).

Para construir completamente o espaço dos estilos de vida em que se definem os consumos culturais, tais quais o esporte, seria necessário estabelecer, para cada classe e fração de classe, a fórmula geradora do *habitus* que, por sua vez, detém as necessidades e as facilidades próprias de condições de existência relativamente homogêneas. Após, conviria especificar as disposições do *habitus* para cada um dos grandes domínios da prática, optando por uma ou outra das possíveis estilísticas ofertadas por cada campo. Por meio da homologia entre tais espaços, obter-se-ia uma representação rigorosa do espaço dos estilos de vida, o que permite caracterizar os traços distintivos sob as relações em que eles se definem de modo objetivo. O universo das práticas e dos espetáculos esportivos, assim, se compõe enquanto um conjunto de escolhas determinadas de forma prévia e de possibilidades objetivamente instituídas – tradições,

valores, regras, equipamentos, símbolos, técnicas – que recebem a significação social do sistema constituído por elas e que ficam devendo uma parcela de suas propriedades à história. A probabilidade para as diferentes classes de praticar dado esporte se deve muito, com efeito, ao passado das mesmas em razão dos efeitos de histerese. É assim que a imagem aristocrática de práticas como o tênis e o golfe sobrevivem à transformação relativa de suas condições materiais de acesso (BOURDIEU, 2007).

A suposição de que todos(as) os(as) praticantes do mesmo esporte conferem o mesmo sentido à prática ou até mesmo, propriamente falando, realizam a mesma prática, ignora o fato de que os agentes apreendem os objetos por meio dos esquemas de percepção e de apreciação de seus *habitus*. Apesar de existirem casos em que a designação da função dominante da prática não seria um equívoco, não há meios de se considerar que as expectativas das diferentes classes se deem do mesmo modo em relação a um esporte. Apenas uma análise metódica das variações semânticas e de função atribuídas às diferentes práticas esportivas poderia permitir, por um lado, o escape às tipologias abstratas e formais baseadas na experiência concreta de quem pesquisa e, por outro, construir o quadro dos traços sociologicamente pertinentes em função dos quais os agentes se determinam, consciente ou inconscientemente, na escolha de suas práticas esportivas (BOURDIEU, 2007).

“O sentido das práticas esportivas está tão fortemente associado à frequência e à antiguidade da prática, às condições socialmente qualificadas em que ela se realiza (lugar, momento, equipamentos, instrumentos, entre outros), à maneira de realizá-la (por exemplo, a posição ocupada na equipe, o estilo, entre outros) que se torna bastante difícil interpretar a maior parte dos dados estatísticos disponíveis, sobretudo, em relação a todas as práticas com forte dispersão” (BOURDIEU, 2007, p. 198). Os públicos definidos pela prática da mesma atividade, por falta de homogeneidade social dos(as) praticantes, funcionam como campos em que a própria definição da prática legítima está em jogo. Isto inclui as disputas sobre a maneira legítima de praticar ou das condições, mais ou menos raras, das práticas que se retraduzem em diferenças sociais na lógica específica do campo. Neste ensejo, determinadas modalidades que sofrem democratização podem fazer coincidir públicos socialmente diferentes que correspondem a idades diferentes, em termos de antiguidade, do esporte considerado (BOURDIEU, 2007). Dados os componentes destas escolhas, complementa o autor:

Tudo se passa como se a probabilidade de praticar os diferentes esportes dependesse, nos limites definidos pelo capital econômico (e cultural), assim como pelo tempo livre, da percepção e da apreciação dos lucros e custos intrínsecos e extrínsecos de cada uma das práticas em função das disposições do *habitus* e, mais precisamente, da relação com o próprio corpo que é uma de suas dimensões. A relação instrumental com o próprio corpo que as classes populares exprimem em todas as práticas que têm o corpo como objeto ou pretexto [...] manifesta-se também na escolha das práticas esportivas que, além de implicarem um grande investimento de esforços, de dificuldade ou, até mesmo, de sofrimento, exigem, às vezes, a utilização do próprio corpo [...] (BOURDIEU, 2007, p. 200).

Os traços percebidos e apreciados pelo gosto dominante aproximam-se dos modos de se praticar esporte em espaços reservados e separados (clubes privados), em horário determinado pelo(a) praticante, de forma só ou com a seleção de parcerias, mediante um dispêndio corporal relativamente reduzido (e tanto mais rentável quanto mais precoce tiver se dado), à realização de competições altamente ritualizadas e regidas, para além das regras, por leis que não estejam escritas do *fair play*, à exclusão da violência física ou verbal, de qualquer uso anômico do corpo (gritos, gestos desordenados, entre outros) e, especialmente, qualquer espécie de contato direto entre os(as) adversários(as), os quais muitas vezes mantêm uma distância pela organização do espaço de jogo ou pelo intermédio de um indumentário. Desta forma, a adoção do esporte pelos membros de determinada classe social tem maiores probabilidades na medida em que não contradiz a relação com o corpo no que este tem de mais inconsciente e mais profundo em termos de seu esquema corporal, enquanto depositário de uma visão de mundo, de uma filosofia da pessoa e do próprio corpo (BOURDIEU, 2007). Assim, em relação à distribuição das práticas entre as classes, tem-se que:

Compreende-se que os obstáculos econômicos – por mais importantes que sejam no caso do golfe, do esqui, do iatismo ou, até mesmo, da equitação e do tênis – são insuficientes para explicar a distribuição dessas práticas entre as classes: são os mais bem dissimulados direitos de entrada, tais como a tradição familiar e a aprendizagem precoce ou, ainda, a atitude (no duplo sentido de conduta digna e de maneiras corretas) e as técnicas de sociabilidade de praxe que interditam essas práticas esportivas às classes populares e aos indivíduos em ascensão

das classes médias ou superiores e que os classificam entre os mais seguros indicadores (juntamente com os jogos chiques de sociedade, tais como o xadrez e, sobretudo, o bridge) da antiguidade na burguesia (BOURDIEU, 2007, p. 205).

Em suma, o sistema das práticas e dos espetáculos esportivos ofertados à escolha dos(as) consumidores(as) potenciais, em dado momento, exprime todas as diferenças sociologicamente pertinentes através das oposições entre as classes, os sexos e as frações de classe. Seria suficiente que os agentes se deixassem levar por seus *habitus* para retomar por sua conta, sem o saber, a intenção imanente às práticas que a ele correspondem. O mesmo se passa em todos os domínios da prática em que cada consumidor(a) deve contar com determinado estado de oferta, isto é, com as probabilidades objetivadas cuja apropriação é um dos pretextos das disputas entre as classes, as quais são automaticamente classificadas, hierarquizadas, classificadoras e hierarquizantes. O estado da distribuição dos bens ou das práticas define-se no encontro entre as chances oferecidas, em dado momento, pelos diferentes campos de produção (presentes e passados) e as disposições diferenciadas socialmente que – atreladas ao capital (definido em seu volume e estrutura) do qual são, quase completamente, o produto (de acordo com a trajetória) e em que elas encontram os meios de sua transfiguração em sinais distintivos (BOURDIEU, 2007).

Ao longo do desenvolvimento do campo e da configuração moderna do fenômeno esportivo, as relações entre o Estado, a economia e o esporte tornaram-se mais evidentes, sobretudo no que tange ao seu processo de comercialização. Esta tendência afeta todo o espaço das atividades esportivas, mas se diferencia em cada modalidade de acordo com a lógica interna de dada prática e, especialmente, segundo a lógica específica da relação entre os(as) praticantes e os veículos midiáticos, tais como a televisão, alhures considerada a porta de entrada para a disseminação da lógica comercial esportiva. Inicialmente produzido para ser comercializado no formato de espetáculo televisionado, o esporte se tornou um produto comercial rentável, sobretudo, considerando práticas muito disseminadas, que engendram um interesse extensivo e que requerem relativamente pouco capital interpretativo. Por outro lado, outras modalidades demandam mais em termos da interpretação exigida, de modo que pessoas não familiarizadas com a mesma não a compreendem e, mais importante, percebem que elas

próprias não entendem nada. Tudo isto é bem conhecido, mas menos são as consequências que disto derivam, tais quais a extensão do esporte a uma economia neoliberal e, por consequência, ao incentivo de uma lógica de livre mercado encorajada, em diferentes graus, pelas políticas esportivas de diferentes países (BOURDIEU; DAUNCEY; HARE, 1998).

O esporte visto como espetáculo, sobretudo televisivo, esconde a realidade de um sistema de agentes competindo por interesses comerciais. Nesta disputa, são transformados em objetos do espetáculo por agentes outros, tais como os gestores esportivos industriais que controlam os direitos televisionados e de patrocínios, sendo estes mesmos os que competem pelos direitos de transmissão nacionais. Tal conversão do fenômeno em meio publicitário e espetacularizado acarretou, por sua vez, uma série de mudanças em seu sistema de relações e estrutura, tais como: a) o aumento do número de partidas; b) o crescente número de jogos televisionados; c) a tendência por canais midiáticos pagos que detenham o direito de transmissão das partidas; d) a determinação do calendário e da duração dos jogos pelas necessidades midiáticas; e) alterações na estrutura das competições; f) escândalos de corrupção; e g) a eminência de jogadores(as) cosmopolitas, frequentemente oriundos de países economicamente dependentes que trocam de clubes periodicamente (BOURDIEU; DAUNCEY; HARE, 1998).

O processo de comercialização das práticas esportivas encontra resistência em diferentes níveis de acordo com a força das tradições estatais de cada nação. A despeito disto, se fortalece o ideário de uma possibilidade de carreira capaz de ofertar a chance de ascensão social para crianças e jovens de classes com pouca oportunidade de sucesso na trajetória que a ambos prevalece, a saber, a educacional. Entre o esporte de base e o espetáculo, entre times amadores e grandes e profissionais equipes existem ligações muito importantes do ponto de vista da própria função do esporte e das relações da modalidade como prática e como espetáculo. Ligações, estas, que são muito importantes, também, da perspectiva dos valores democráticos que a ele se relacionam. Deles são exemplos a escolha da solidariedade em detrimento da individualidade, do coletivo sobre o individual, entre outras decisões que podem contribuir para a construção de um modelo de esporte utópico a ser perseguido. Bourdieu, Dauncey e Hare (1998, p. 20-21) sobre ele, comentam:

As forças econômicas e simbólicas que hoje ameaçam o esporte como prática desinteressada – notadamente as forças de grandes cerimônias globais como a Copa do Mundo – podem ser combatidas seja pela caricatura (que pode ridicularizar ou desacreditar) ou pela utopia (que pode propor alternativas ao que existe). Mas não qualquer utopia. Uma utopia realista, de base científica, que proponha um modelo coerente, universalista e com razoáveis possibilidades de concretização deveria advogar, por exemplo: à ênfase no valor educativo do esporte; ao reforço do apoio moral e jurídico do Estado às ideias e interesses dos dirigentes não remunerados das federações esportivas nacionais; medidas mais fortes contra a corrupção; incentivo a centros de treinamento para jovens jogadores; maior ênfase no desenvolvimento de jogadores jovens em oposição à dependência do mercado de transferências; restabelecer a continuidade entre os clubes de base e os esportistas de elite; promoção da identificação realista dos jovens com jogadores famosos facilitada por um modelo real de promoção e, para os filhos de imigrantes, a promoção da integração social através do esporte. Deveria ser elaborado um corpo legislativo especificamente aplicável ao desporto, juntamente com uma carta do esporte que regulasse não só os esportistas (como o juramento olímpico), mas também os comentaristas, chefes de canais de televisão, entre outros. Restaurar, no mundo do esporte, aqueles valores que o mundo do esporte proclama e que são muito parecidos com os valores da arte e da ciência (não comerciais, fins em si mesmos, desinteressados, valorizando o *fair play* e a forma como o jogo é jogado em vez de sacrificar tudo pelos resultados).

Em síntese, é perceptível que durante a conformação do campo esportivo se apresentaram algumas tônicas e dicotomias, tais como: a) o esporte-prática *versus* o esporte espetáculo; b) o esporte de elite *versus* o esporte de massa; c) o amadorismo *versus* o profissionalismo; d) o esporte de lazer *versus* o esporte de competição; e) o esporte de contato direto *versus* o esporte à distância; f) o esporte que requer maior atividade intelectual e menor dispêndio físico *versus* o esporte que solicita maior uso da força e menor capacidade reflexiva, dentre várias outras. Decorre destas posições assumidas ao longo de um espectro que o esporte, sobretudo em sua configuração moderna, conferiu um estilo de vida distintivo aos(às) seus(uas) consumidores(as) e praticantes. Em outras palavras, compatível e complacente com a lógica da estrutura de organização do espaço social, isto é, enquanto um campo onde estiveram em jogo as próprias definições legítimas da prática e dos usos diferenciados do corpo ao se praticar

(SOUZA; MARCHI JÚNIOR, 2010b, 2012a). Segundo os autores acerca do fenômeno, tem-se:

O esporte é uma dessas práticas classificadas, classificantes e classificadoras. Não obstante, os próprios produtos e bens culturais atrelados, direta ou indiretamente, à indústria do esporte também o são; definem posições distintivas a serem antecipadas por agentes dotados do senso de percepção e apreciação requisitada. E isso essencialmente porque o esporte e os bens culturais correlatos se tratam de práticas objetivamente classificadas e com potencialidade a se converter em práticas classificadoras, isto é, a se tornarem um lucro e expressão simbólica da condição de classe (SOUZA; MARCHI JÚNIOR, 2010b, p. 308).

Na passagem entre os séculos XIX e XX e o século XXI, os quais respectivamente representaram o período em que se deu a gênese e as primeiras conformações do campo esportivo e o estágio de sua atual configuração contemporânea, algumas relevantes transformações ocorreram em relação à sociedade que o esporte permeia e, portanto, também no que se trata do próprio fenômeno. Tais mudanças não se deram de forma abrupta, originando um fenômeno totalmente novo mas, ao contrário, o esporte contemporâneo se faz legatário de sua configuração moderna quanto à sua identidade enquanto campo, porém autêntico em relação a seus símbolos, objetivos e signos (MARQUES, 2015b). De acordo com Marques (2015a, 2015b), a sociedade globalizada do século XXI pauta-se na reconfiguração de suas fronteiras mercadológicas, culturais e políticas, distinguindo-se, assim, de contextos e períodos a ela anteriores. Orientada por uma cultura cuja tônica se diversifica entre o global e o local³⁴, se faz reprodutora do que disseminam os grandes veículos de massa e do que ditam as expressivas indústrias e empresas que buscam conferir-lhe o caráter de produto e, adicionalmente, de negócio. “Neste cenário, é possível, e promissor, relativizar algumas das afirmações de *Pierre Bourdieu* sobre esporte, contextualizando-as frente a

³⁴ Principal fenômeno do século XXI, o esporte é um fenômeno sociocultural que detém a circulação de práticas universalizadas, as quais a maioria das pessoas conhece e reconhece e localizadas, sendo aquelas incorporadas por diferentes formas de cultura de acordo com as intenções, capacidades, limitações e interesses das pessoas que com ele se envolvem. Neste espectro, investigar o esporte e suas esferas de manifestação ao mesmo tempo globais e locais torna-se um dos trajetos possíveis para estudar a sociedade globalizada (MARQUES, 2015b).

novas e atuais configurações, assim como desbravar novas possibilidades de teorias e reflexões” (MARQUES, 2015a, p. 29).

A configuração contemporânea do esporte estabelece relações internas a este fenômeno em interface com vínculos externos com outros sistemas, conformando um espaço de ambiguidades e paradoxos que exige um olhar plural sobre as suas complexas e dinâmicas características. Compondo a vida das pessoas enquanto elemento integrador e ramificado do tecido social, suas contradições e diversidade o expandem para vários cenários e significados, o que resulta na multiplicidade de práticas e personagens relacionados à prática esportiva. Na atualidade, desfruta de uma conjuntura de destaque e valorização que o distancia de uma ideia mais clássica atrelada à sua versão moderna, a qual o considerava como algo restrito às burocracias federativas. Por outro lado e concomitantemente, no tempo presente tem-se praticantes e espectadores do esporte que constroem estas e outras instituições, sendo também por elas construídos e delas constituintes, estabelecendo relações multifacetadas entre o fenômeno e quem com ele se relaciona (GALATTI et al., 2018).

A globalização das práticas, a adaptação à sociedade de consumo e aos meios de comunicação sustentam um processo de democratização, massificação, mercantilização e popularização do esporte que tornou mais marcada a presença de estilos de vida considerados até então opostos convivendo, agora, no interior de um mesmo espaço. Transformações no acesso à prática, em seu consumo por diferentes grupos sociais e no uso do corpo que delas é feito constituem alguns dos pontos a serem mencionados neste aspecto. Tais modificações nas formas de organização e estruturação do *habitus* de diferentes segmentos sociais sintetizam a elasticidade semântica esportiva, a qual diferencia este fenômeno de seu estágio anterior restrito, preponderantemente, às grandes elites como prática distintiva (MARQUES, 2015a, 2015b).

O fascínio exercido sobre praticantes e espectadores é uma das características de relevo do esporte na contemporaneidade, sendo nesta circunstância comum o fortalecimento de antigas práticas tradicionais revestidas por novas aparências e o constante despontar de novas modalidades, tais como o *beach tennis*, o futevôlei e o e-

*sport*³⁵, em grande parte todas enquanto espetáculo. Se no esporte moderno era possível observar o prevalecente processo de universalização das regras, a variante contemporânea exprime a necessidade de atender um público de consumidores cada vez maior e mais exigente, assim como satisfazer as demandas dos meios de comunicação que o divulgam. Neste sentido, a mídia exerce um papel protagonista nos movimentos de mercantilização e profissionalização esportivos, provocando modificações tais como a associação das marcas ao nome de atletas e equipes, o atendimento dos interesses das empresas que os financiam, o suporte à ética compartilhada pela imprensa esportiva, o alterar das regras institucionais com vista à flexibilizar a visualização dos jogos por meio da adequação de fatores como o espaço, o tempo e a imprevisibilidade das disputas, gerando audiências massivas, tanto em tempo real quanto em plataformas *on demand*, entre outros (GALATTI et al., 2018).

A disputa entre o amadorismo e o profissionalismo é uma das chaves para a compreensão da passagem do esporte moderno ao contemporâneo (MARQUES, 2015a, 2015b). Ao passo que no passado a modalidade amadora da prática denotava o acúmulo de sinais distintivos e a profissionalização significava a porta de entrada para agentes mais desfavorecidos e detentores de *habitus* populares, atualmente, possibilidades diversas de atuação se dão entre a intersecção entre estes dois polos. É possível, por exemplo, que se pratique hoje o esporte profissional com vista ao rendimento atlético e à busca por bens e lucros valorizados em relação ao corpo, quanto é comum que uma prática amadora seja dotada de funções outras que não sejam aquelas restritas a um fim em si mesma, tais como finalidades educacionais, de melhoria de condições de saúde e de lazer. Neste ensejo, soma-se ainda a inversão da atual valorização a atletas profissionais em detrimento de praticantes amadores. No ensejo de tais transformações, Marques (2015a, p. 30) elucida:

Pode-se observar, no esporte atual, praticantes de posições sociais privilegiadas em atividades de recorrente contato corporal virial. Assim, o que se pode apontar é que atualmente a dimensão econômica continua predominante à cultural na escolha da modalidade esportiva.

³⁵ Para uma breve reflexão sobre o advento do *e-sport* e de outras práticas por meio de uma dimensão mais estratégica associada ao campo esportivo, consultar Pontoglio e Januário (2021).

Porém, em relação ao final do século XX, nota-se maior presença de membros das elites em modalidades de menor distinção social (visto que seu capital econômico lhe permite total acesso a qualquer prática), o que não acontece necessariamente com grupos de menor ascensão (visto que algumas modalidades exigem não apenas valores distintivos, mas sim, posse de bens econômicos para a participação). A perspectiva mercadológica do esporte contemporâneo expõe o acesso irrestrito de grupos privilegiados, que muitas vezes ignoram o valor distintivo de algumas práticas (com presenças significativas em lutas, rúgbi e futebol, por exemplo) e, ao mesmo tempo, restringe as possibilidades de grupos em posição menos privilegiada não apenas por questões simbólicas, mas principalmente financeiras. Ou seja, por impossibilidade de consumo das práticas e produtos esportivos.

Na contemporaneidade o esporte é gerador de receitas, empreendimentos e negócios, sendo por conseguinte necessário que o maior número possível de pessoas se mantenha com ele envolvido. Até a década de 1980, entretanto, prevaleceu em seu sistema uma estrutura esportiva piramidal que privilegiava a formação de uma elite de jogadores por meio de uma larga base de praticantes, a qual sofria seleção, ao longo dos anos, a fim de se obter o conjunto de melhores atletas (GALATTI et al., 2018). A impossibilidade da conquista do alto rendimento ocasionava a saída das pessoas do quadro de esportistas em dada modalidade, característica esta mais atualmente revertida por meio da atuação em papéis diversificados que visam a longevidade da participação esportiva, tais como são exemplos as tipologias de atleta-astro, atleta-produto, esportista-consumidor, esportista-praticante e esportista-sedentário (MARQUES, 2007). A instituição do clube, grande representante deste modelo do esporte, se encontra atualmente em crise pelos enfrentamentos de ambos os aspectos tradicionais de sua gestão e as exigências contemporâneas de diversificação e profissionalização, especialmente frente à realidade compartilhada pela prática federada. Características como uma base de associacionismo quase sempre voluntário dado por afetividade e afinidade em função das modalidades esportivas, as quais possuem finalidades predominantemente direcionadas ao alto rendimento, são ainda neste espaço verificadas (GALATTI et al., 2018).

Em paralelo à profissionalização do esporte estão os processos que democratizam, massificam, mercantilizam e popularizam o fenômeno. Eles são responsáveis por fomentar tanto o interesse em acompanhar as disputas profissionais,

quanto estimular o protagonismo da participação em certames amadores. A ampliação do acesso esportivo aferida pela multiplicidade de personagens que nele atuam demonstra que esta é uma atividade cotidianamente validada e valorada pela sociedade, evidenciando que a configuração contemporânea do esporte não é apenas para as pessoas mais aptas ou com melhores condições de comparação do desempenho obrigatório, mas também para aquelas que não detêm tais trunfos, isto é, capitais simbólicos deste espaço (GALATTI et al., 2018). No entanto, a participação de diferentes segmentos da população com níveis de prática variados não deve reforçar a falácia de que atualmente o esporte é de amplo, fácil e irrestrito acesso para todos os grupos sociais. Ainda que se constate o aumento da relação entre a sua oferta e demanda em comparação com a sua versão moderna, há de se considerar que o engajamento e o gosto esportivos continuam a perpetuar mecanismos ocultos de pertencimento e escolha das práticas, os quais revelam que os constrangimentos relativos às condições materiais e simbólicas continuam a pesar sobre os juízos (GEMAR, 2018; HOLBROOK; WEISS; HABICH, 2002; WARDE, 2006, 2007; WILSON, 2002). Assim, ser esportista não se trata de uma mera questão de ordem motivacional, mas de posse dos cada vez mais dissimulados direitos de entrada do campo, tais como continuam sendo a estrutura e o volume dos capitais, as disposições do *habitus* e o tempo livre (BOURDIEU, 1983).

Atraindo praticantes, espectadores e consumidores, diversas são as instituições dedicadas a promover estratégias para proporcionar o maior contato do grande público com a prática esportiva para além do âmbito profissional, ao exemplo das esferas de lazer e educacional compostas por academias, escolas, projetos sociais, entre outras entidades públicas e privadas. Nestes ambientes, “a socialização e a educação são abordadas como significados do esporte, com a ressalva de que são componentes que sempre permeiam a prática esportiva” (GALATTI et al., 2018, p. 124). Assim, é possível afirmar que o esporte invariavelmente forma e educa (JANUÁRIO; MARQUES, 2016) ao longo de suas mais polissêmicas formas de manifestação, as quais interseccionam ambientes, sentidos e modalidades diversos (MARQUES; GUTIERREZ; ALMEIDA, 2008). Entre tais instituições, a escola ocupa uma proeminente posição na construção dialética de aprendizagens culturais e de culturas de aprendizagens (HODKINSON; BIESTA; JAMES, 2008), bem como do *habitus* e dos capitais esportivos (BUNGENSTAB; SOUZA; GARCIA, 2022) não só de crianças e

jovens em faixas etárias a este sistema modais, mas também de adultos e idosos que podem frequentá-la.

O esporte escolar, prática intencional e sistematizada presente nos moldes curriculares e extracurriculares em ocorrências no turno regular e no regime de contraturno, por sua vez, corresponde à oportunidade de iniciação, especialização e aperfeiçoamento motrizes orientados – quase sempre, embora haja desvios – à formação cidadã, humana e sociocultural de agentes que com ele se relacionam (GALATTI et al., 2018). Neste sentido, sendo as facetas do fracasso e do sucesso esportivo na escola produtos da incorporação do *habitus* e dos capitais por meio de processos de ensino-aprendizagem inerentes a diferentes contextos deste espaço (JANUÁRIO; MORBI; MARQUES; 2019), há de se considerar a atuação desta instituição na disseminação de saberes e de uma pedagogia influentes nas trajetórias biográficas do interior do campo social do esporte (BUNGENSTAB; SOUZA; GARCIA, 2022). Via escolar, esta, heterodoxa (JANUÁRIO; MARQUES, 2015a) em relação à ortodoxia expressa pela herança cultural familiar (JANUÁRIO; MORBI; MARQUES, 2019). É assim que a homologia entre escola e família, principais ambientes difusores dos processos de educação e de socialização relacionados ao esporte, se estabelece em termos de suas propriedades entre ambos os campos. No prolongamento da tríade entre a escola, a família e o esporte, particularmente sobre estas duas últimas, Bungenstab, Souza e Garcia (2022, p. 11) recordam que “as relações e interdependências entre a família e o campo esportivo são plurais e complexas, engendrando formas de socialização que ora se prolongam mais, ora se prolongam menos”. Para os autores, seria portanto necessário a pesquisa para se delinear considerações mais empíricas e peremptórias destas relações.

Pelo exposto, é possível depreender que o fenômeno sociocultural do esporte é uma prática viva e que tem o seu curso delineado na esteira dos movimentos societários. Suas configurações se evidenciam conforme o contexto e o período históricos em que se situam, sendo por ora as suas duas principais formas de manifestação, cronológica e respectivamente, as variantes moderna e contemporânea. Cada uma delas resguarda características que oscilam entre o espectro próprio de suas continuidades e descontinuidades, o que indica a relativa autonomia entre elas e o campo esportivo em que se inserem. Disto se infere que este não é um espaço estanque, tampouco são as suas lutas. Não o sendo, é imprescindível investigá-las à luz de abordagens que

contemplem paradigmas históricos, relacionais e multidimensionais, tal como se faz a perspectiva *bourdieusiana*. O tratamento do esporte por meio deste referencial teórico-metodológico permite o olhar para esta prática para além de suas meras definições, as quais são relevantes em diversos aspectos como aqueles já apontados por Marchi Júnior (2015) e Marques (2015), porém insuficientes na medida em que são arbitrárias. Assim, a simples análise conceitual do que é esporte pode ser que oculte processos complexos vivenciados por este fenômeno no atravessar de seu campo, o qual requer constante análise frente às possíveis atualizações acerca do *modus operandi* de seu funcionamento.

Mas, afinal e diante do enunciado, o xadrez pertence ao campo esportivo? (SOUZA, 2010; JANUÁRIO, 2014, 2017; MARQUES 2015b;). Tal inquietação, a qual provoca questionamentos tanto a um nível de análise pautada no senso comum, quanto em uma esfera mais restrita e acadêmica, tem movido diálogos e discussões recorrentes ao longo de estudos produzidos nos últimos anos. Neste cenário, é relevante considerar que o esporte não se faz enquanto corpo fora da história, desvinculado das formações sociais que o expressam. Uma análise que privilegie sua abrangência e pluralidade, mais do que se preocupar com a definição do que é o fenômeno e a classificação de quais práticas são esportivas ou não, se importa, não obstante, com seu processo de conformação (MARQUES, 2015b).

Entretanto, refletir sobre as fronteiras semânticas do esporte na sociedade globalizada do século XXI se faz importante na medida em que proporciona a análise de conceitos como categorias formais capazes de provocar o aprofundamento de seus saberes e instigar a mais adequada representatividade no que se pretende descrever ou investigar. Marques (2015b, p. 151) alerta, porém que “é preciso cuidado, pois quando o objetivo é compreender fenômenos e realidades socioculturais, a busca por conceitos ou realidades prévias e rígidas pode configurar-se como prática limitadora e reducionista”. Neste sentido, certas contradições são percebidas sobre conceitos restritivos em relação às manifestações culturais deste fenômeno, o que proporciona que se negligencie suas características polissêmicas, complexas, heterogêneas e plurais. Sobre os disparadores que justificam ponderações acerca de uma possível definição e classificação esportivas, considera o autor:

É possível apontar uma série de motivações para tais questionamentos, que justificam a necessidade de reflexões sobre as fronteiras semânticas do esporte na sociedade globalizada do século XXI: a) nomenclatura de cursos de graduação, linhas de pesquisa em programas de pós-graduação ou departamentos de universidades; b) delimitação legal de reserva de mercado a profissionais de Educação Física; c) a incorporação do esporte como conteúdo da cultura de movimento; d) as justificativas a respeito da possibilidade de um tratamento esportivo a algumas práticas como jogos de tabuleiro ou cartas; e) o estabelecimento de políticas públicas de esporte, educação e lazer; f) as disputas por poder dentro do campo científico (produtividade e legitimidade acadêmicas), pautadas em capitais simbólicos específicos conferidos de acordo com a definição de esporte utilizada (MARQUES, 2015b, p. 152).

Sendo o esporte produto da dialética entre o ambiente e os indivíduos que o vivenciam, organizam, divulgam, consomem e transformam, uma definição ampla deste fenômeno seria capaz de delimitar o gradiente entre o que pode ser ou não considerado esportivo, ao mesmo passo em que não desconsideraria possíveis ressignificações desta prática. Neste mote e objetivando analisar diferentes percursos e estratégias utilizadas na literatura para a conceituação de esporte, Marques (2015b) aborda uma reflexão teórica sobre controvérsias entre diversas formas de definição da prática e propõe, ao findar do artigo “O conceito de esporte como fenômeno globalizado: pluralidade e controvérsias”, possibilidades de construção de um processo de definição de esporte que abarque sua complexidade. São exemplos de suas sugestões de tópicos de análise para a consideração sobre a esportividade de determinada prática, ser esta: a) uma prática humana, isto é, realizada por pessoas conscientes de sua simbologia construída historicamente; b) existência de competição, quer seja contra um(a) oponente, contra si próprio(a) ou contra a natureza; c) presença de regras sistematizadas, as quais consistiriam em oficializações controladas e orientadas por um órgão regulador; d) a perspectiva subjetiva dos agentes em relação a um *habitus* esportivo de prática, seja ele relacionado à busca pela melhora do desempenho objetivando o alto rendimento, como diversão no lazer, parte de um processo educacional ou de melhora das condições de saúde; e) a qualidade do movimento humano ser o principal critério para o resultado da disputa, isto é, entre quem for mais rápido(a), forte, resistente, preciso(a), entre outras capacidades motoras (MARQUES, 2015b).

A resultante da contemplação ou não de determinados critérios, para o autor, faria emergir as tipologias: a) práticas ou modalidades esportivas e b) práticas esportivizadas ou em processo de esportivização. De acordo com elas, as primeiras apresentariam conformidade com todos os critérios enquanto que as segundas, sobretudo em relação aos pontos d) e e), se enquadrariam de modo parcial, mas ainda assim fariam parte do campo social esportivo contemporâneo. A despeito do xadrez, e especialmente sobre o tópico e) qualidade do movimento, se posiciona o autor:

A razão por considerar, neste sentido, o xadrez como prática esportivizada se dá pelo motivo de que não é a qualidade do movimento que interfere no resultado da disputa, mas sim o deslocamento e posição das peças. Porém, o xadrez organiza-se com base em uma estrutura esportivizada, com regras sistematizadas, órgãos reguladores e, o que é fundamental, seus jogadores comportam-se com base em *habitus* próprio do campo esportivo contemporâneo, configurando-se, assim, como um subcampo do esporte. Além disso, não convém ignorar que a Federação Internacional de Xadrez é reconhecida e filiada ao Comitê Olímpico Internacional. Por esta razão, é de certo modo fácil defender práticas como atletismo, futebol, canoagem ou tiro ao alvo como modalidades esportivas, pois é a qualidade do movimento (contextualizada em questões táticas) que determina o critério de resultado. Neste espectro, considero o xadrez (e modalidades semelhantes) como uma prática esportivizada, pelas questões simbólicas que envolvem o campo do esporte (MARQUES, 2015b, p. 181-182).

Distinta desta, uma outra perspectiva possível seria a de expansão sobre o que se considera a qualidade do movimento, a saber, não só baseada no desempenho de capacidades motoras na ação esportiva, mas na consideração de uma corporeidade (MERLEAU-PONTY, 1999) que, anexa a tais, acresceria sinais distintivos constituintes das posturas e maneiras de se utilizar o corpo. A proposta que se segue fornece subsídios que vão além da doutrina dualista psicofísica platônica que o segrega entre corpo e alma (PLATÃO, 1988) e corpo e razão (PLATÃO, 2000) ou, mesmo, à lógica descartiana que o divide entre corpo e mente (DESCARTES, 2005). Afinal, considerando o corpo como produto de um engendramento biológico, porém com

componente maioritariamente cultural³⁶ (DAOLIO, 2006), a *hexis* corporal seria, a uma disputa esportiva humana, aspecto latente e a ela sempre inerente (BOURDIEU, 2014b). No prólogo de encerramento sobre a própria definição legítima do esporte, a qual se vale de certa arbitrariedade, é possível destacar que compete ao estudo das relações e desvelamentos das dominações protagonizadas na esfera esportiva uma apropriação inventiva e responsável de referenciais teóricos que a esta análise podem subsidiar, a exemplo do *bourdieusiano* ao qual mais se dedicou esta seção. É evidente que tal exercício se faz complexo e repleto de contrapartidas, visto que a apropriação de um referencial teórico deve se dar de forma coerente e coesa no sentido de explicar a realidade esportiva em suas múltiplas manifestações. É por meio desta via, a qual incorpora noções como a de *hexis* corporal (BOURDIEU, 2014b) e corporeidade (MERLEAU-PONTY, 1999) ao fenômeno esportivo, que o presente estudo acredita proporcionar, assim como outros já desenvolvidos (PONTOGLIO; JANUÁRIO, 2021), novos alcances e atuais desdobramentos teóricos (SOUZA; MARCHI JÚNIOR, 2017).

A recobrada esportividade ou não de determinada prática não é uma questão que se possa encerrar apenas conceitualmente, uma vez que as definições sobre o uso legítimo que se faz de cada desígnio são carregadas pelo arbítrio mais ou menos dominante a que, principalmente no campo acadêmico, se estabelecem. Ao invés desta seara, a qual tem como principal mecanismo impor e fundar uma ordem de dominação simbólica sob o pretexto de certa arbitrariedade cultural posta como natural, entende-se que a apropriação das práticas esportivas é sempre plural e conflitiva, aspectos estes elucidados e capazes de serem compreendidos por meio de uma leitura rigorosa das variações de significação e de funções sociais atribuídas ao esporte ofertado pelo aporte teórico-metodológico *bourdieusiano*. Não sendo este fenômeno uma entidade fechada ou etérea, as práticas que comumente são aceitas e designadas sob a unidade nominal de esporte configurariam os subcampos do campo esportivo, isto é, espaços dele constituintes relativamente autônomos e dotados de suas próprias disputas acerca das

³⁶ Segundo o autor, é possível compreender a natureza e a cultura como elementos de um mesmo processo, o qual fez o ser humano atingir o estágio em que se hoje se encontra. “É por isso que podemos dizer que a natureza do homem é ser um ser cultural. Esta natureza cultural não exclui o desenvolvimento biológico, mas o engloba, já que não existe cultura sem um sistema nervoso humano e não existiria sistema nervoso humano sem cultura. Isto porque o homem é o único animal que conseguiu, por intermédio de seu desenvolvimento, produzir cultura” (DAOLIO, 2006, p. 69).

diferentes manifestações capazes de serem assumidas pelo esporte (BOURDIEU, 2004b).

Neste trabalho, analisar o xadrez a partir de um subcampo esportivo propriamente dito e não de um campo por si só tem o propósito de enfatizar as nuances históricas pelas quais esta modalidade herda processos relativos à própria gênese e constituição do campo do esporte moderno e contemporâneo. Colocar o enxadrismo em contexto com este fenômeno pela ferramenta *bourdieusiana* do subcampo, a qual proporciona o entendimento de espaços disciplinares que funcionam reproduzindo, em microescala, dinâmicas similares do campo em que fazem parte, sobretudo, permite compreender o âmbito do alto rendimento que é nesta pesquisa mais especificamente explorado. Na base das lutas por autoridade e poder, a prática carrega *doxa*, *illusio* e *nomos* compartilhados pelo esporte, tais como os princípios da alta seletividade, da meritocracia, da exigência pelo melhor desempenho e de uma elevada competitividade que, tal qual vários outros, são visíveis também em modalidades diversas que conformam o campo do esporte para além do xadrez. Ademais, como uma prática que não é deslocada do contexto social e do período histórico que a cerca, é só a partir do delineamento de seu subcampo esportivo que várias das lógicas neles reproduzidas se explicam, tais como a outorga de titulações honoríficas, calendário de competições institucionalizados, formas de categorizações utilizadas nas disputas, dentre outros inúmeros aspectos que demonstram a inegável contribuição e influência do *nomos* esportivo para a elucidação das relações de poder na esfera enxadrística. Neste sentido, uma das grandes questões que surgem a propósito dos campos e de seus subcampos é precisamente aquela acerca do grau de autonomia que ambos usufruem, sendo o trabalho para consolidar o subcampo um esforço pela busca de reconhecimento que envolve ambas as dimensões individuais e coletivas e que implicam questões avante e afora o próprio campo. “É claro que não há razão para supor que o processo de constituição de um campo tenha assumido a mesma forma em todos os casos” (BOURDIEU, 1978, p. 822) e, se não o é, seria preciso delinear o contexto e o período em que se deram a genealogia e o desenvolvimento de um espaço interno de concorrência específica definido enquanto subcampo esportivo para cada modalidade.

A constituição da história milenar do xadrez, prática social ascética e comumente elitizada (BOURDIEU, 1983), remonta a um exame declaradamente

esportivo, isto é, de relação com as mudanças operadas no interior do microcosmo que ela constitui com aquelas delineadas no complexo macrocosmo social, a partir do final do século XIX (MARCHI JÚNIOR; SOUZA; STAREPRAVO, 2010; SOUZA; MARCHI JÚNIOR, 2012a). Coetâneo, portanto, à gênese e conformação do campo social do esporte moderno (BOURDIEU, 1983, 2004b). Apesar das inúmeras teorias construídas em torno da origem da prática enxadrística, as quais destoam em relação a um consenso sobre a precisão de um lugar e data comuns que retratem o ponto de início da modalidade, destacam-se dois embates mais calorosos que se materializam no sentido de legitimar a gênese da prática enxadrística. Com abordagens genealógicas rivais, o primeiro grupo, mais ortodoxo, defende que o jogo de xadrez se deu enquanto evolução da chaturanga indiana, por volta de 550 D.C. Já um segundo grupo, heterodoxo, sustenta interpretações contrárias e questionam a referida vertente (SOUZA; MARCHI JÚNIOR, 2012a). Ponto comum entre eles é o fornecimento de histórias conforme as características estruturais de cada uma das sociedades em que a prática, gradativamente, se instaurava (MARCHI JÚNIOR; SOUZA; STAREPRAVO, 2010; SOUZA; MARCHI JÚNIOR, 2012a). Mais do que definir uma versão única e cristalizada sobre a sua história, profícuo seria indagar:

Sob qual momento e circunstâncias poderíamos falar em uma prática enxadrística moderna mantendo estreitas relações com o sistema composto pelos demais esportes modernos? Quando foi que o sistema de agentes e instituições responsáveis pelo xadrez passou a fazer parte do campo esportivo e concorrer com os demais esportes? Como funciona esse subcampo fundamentado por uma história que lhe é peculiar no interior do campo esportivo? (SOUZA; MARCHI JÚNIOR, 2012a, p. 504).

Tais questionamentos de ordem histórico-estrutural são imprescindíveis enquanto fundamentos de uma análise sociológica reflexiva da história do xadrez no campo esportivo. Inclusive, problematiza a ferramenta teórico-metodológica de campo na perspectiva de sua gênese, de sua historicidade e de suas lutas, ao invés de apenas utilizá-la para delimitar um território de investigação e um terreno de inteligibilidade (SOUZA; MARCHI JÚNIOR, 2012a). Sobre a modernização do xadrez, a qual possui vínculos com o processo de conformação do esporte moderno, é importante ressaltar

que este processo social estruturante de sua história seja uma consequência imediata de sua entrada no campo social do esporte. Pelo oposto, o processo do enxadrismo se tornar moderno remonta à difusão da prática pela Europa e de forma anterior à aquisição do lucro distintivo de esporte. E, isto, por meio de modificações existentes em termos da estrutura interna do jogo, tais quais a alteração das regras, o desenvolvimento das teorias de jogo, táticas posicionais e estratégias. Já em relação à estrutura externa ao jogo, como seu gerenciamento e administração, esta sim foi fortemente influenciada pelo contexto esportivo moderno que à época ascende. Entender o subcampo esportivo do xadrez em conjunto com o universo do esporte como um processo relativamente autônomo em andamento, assim, é uma das premissas básicas para o avanço do conhecimento desta prática e da sociedade sob a qual ela se insere (SOUZA; MARCHI JÚNIOR, 2012a).

Entre as continuidades e rupturas que demarcaram o processo de constituição histórico-estrutural do subcampo esportivo do xadrez, durante a metade final do século XIX, estiveram: a) as disputas estabelecidas entre as escolas enxadrísticas de princípios combinatórios (francesa e alemã) e posicionais (inglesa); b) o marco estabelecido pela Maratona de Westminster, evento precursor do que seria o *match* oficial do torneio mundial da modalidade; c) o advento de campeonatos que, em consenso com o desenvolvimento da sociedade industrial inglesa vigente, incorporaram os primeiros traços de organização esportiva e profissionalização de modo a estimular a dedicação exclusiva ao xadrez por seus entusiastas; d) o desencadear de um possível *habitus* esportivo a partir dos contornos profissionais estimulados pelos incentivos econômicos investidos no subcampo, em grande parte, por meio de patrocinadores; e) a alteridade entre a valorização amadorística e romântica da prática, representada pela compreensão artística, em detrimento dos primórdios de um profissionalismo burguês, representado pela valorização do resultado em razão da maneira de jogar de uma partida e busca pelos incipientes lucros materiais advindos dos primeiros campeonatos mundiais oficializados no final do século XIX; f) aumento da racionalidade da prática representada pela ruptura da concepção temporal ilimitada da partida com a inserção do controle limitado de tempo; g) o interesse da imprensa, principalmente da mídia impressa, na cobertura dos eventos enxadrísticos de contornos profissionais; h) a distribuição mais homogênea da premiação atrelada ao ideal de estrutura tipicamente

profissional e relativizada em relação às demandas de mercado, conferindo à disputa mais do que capitais essencialmente financeiros; e i) a ruptura do estilo de jogo clássico de antigas gerações em razão da emergência do estilo hipermoderno consoante ao apogeu da arte modernista do mundo ocidental, por volta dos anos de 1920 (SOUZA; STAREPRAVO; MARCHI JÚNIOR, 2011).

Em resgate a uma leitura possível, quer seja, a dos eventos de competição esportiva disputados no âmbito global como indicadores sociológicos relevantes do estado de desenvolvimento e negociação das práticas que, no decorrer dos anos, são reconhecidas e legitimadas na sociedade sob o rótulo de esporte, Marchi Júnior, Souza e Starepravo (2010), ao sistematizarem uma cronologia fundada nos torneios mundiais oficiais de xadrez, notaram que entre 1886 e 1946 a história do xadrez profissional se deu ao redor dos campeonatos mundiais anteriores à fundação da Federação Internacional de Xadrez (FIDE). A partir de tais considerações, a hipótese dos autores é de que o período brevemente evocado entre 1886 até a atualidade constitui a história do xadrez como uma prática participante do campo esportivo, sendo a sua fase de cristalização³⁷ dada a partir de 1970, sobretudo com a eminência do *match* do século disputado em 1972 entre o soviético Boris Vasilievich Spassky e o norte-americano Robert James Fischer em pleno contexto de Guerra Fria³⁸. Isto não significa, no entanto, o descarte ou negligência dos contornos assumidos pela prática enxadrística que antecedem 1886, mas apenas a constatação de que os usos sociais dominantes impressos a esta modalidade em períodos anteriores a este ano a atribuíam muito mais uma utilidade enquanto ciência e arte do que enquanto esporte propriamente dito (MARCHI JÚNIOR; SOUZA; STAREPRAVO, 2010).

No contexto de constituição de um campo relativamente autônomo das práticas esportivas na sociedade inglesa do final do século XIX, o xadrez desfrutou de uma posição privilegiada em detrimento das demais modalidades esportivas emergentes. Na

³⁷ Fase proeminente da história esportiva de dada modalidade pela eminência do entrelaçamento entre os contornos espetaculares, miméticos e simbólicos conferidos à oferta da prática, representando a sua consolidação frente à lógica de distribuição e consumo das demais práticas esportivas no contexto em questão (SOUZA; MARCHI JÚNIOR, 2013a, 2013b).

³⁸ Para um maior aprofundamento sobre este evento, consultar Marchi Júnior, Souza e Starepravo (2010), Souza e Marchi Júnior (2013a) e Souza e Marchi Júnior (2013b).

condição de jogo ou passatempo preferido das elites europeias, a prática já havia se cristalizado há mais de um século, o que predispunha seus representantes como detentores de um capital simbólico historicamente legitimado e, por isso, decisivo nas disputas entre instituições e agentes esportivos no contexto do amadorismo. Adicionalmente, os clubes desempenharam um papel importante nesta transição do xadrez de jogo ou lazer intelectual para uma prática com contornos altamente esportivizados, uma vez em que fora neles que ela foi combinada com essa instituição inglesa que vigorava sob as bases do associativismo e burocratização parlamentar (SOUZA; MARCHI JÚNIOR, 2013a).

“Se por um lado, pode-se dizer que as experiências mais incisivas de esportivização e mercantilização do xadrez tiveram sua gênese no interior da sociedade inglesa e norte-americana, por outro, pode-se afirmar que as experiências mais expressivas de massificação do xadrez foram estabelecidas na União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) das primeiras décadas do século XX” (SOUZA; MARCHI JÚNIOR 2013a, p. 404). Com base nos apontamentos introduzidos, é possível dizer que ao longo da história esportiva do xadrez, foi em suas primeiras décadas na condição de prática concorrente no campo esportivo que ela representou uma maior visibilidade social para seus adeptos e aficionados, eminência esta expressa na internacionalização dos torneios, na inserção da imprensa escrita e de investidores no referido subcampo. Condição que, como tal, só viria a ser superada, como já mencionado, na década de 1970 em razão do denominado *match* do século (SOUZA; MARCHI JÚNIOR 2013a).

A propósito, se faz relevante ressaltar que uma das mais evidentes características da prática se refere ao fato de possibilitar, em função de seus atributos esportivos e lúdicos, uma fruição muito específica e diferente da maior parte das modalidades esportivas. Nela, há o predomínio de uma emoção refreada e um controle severo das pulsões por parte de seus agentes, sentimento específico só desperto naqueles(as) que detêm os códigos da prática e o sentido do jogo impresso em sua forma de enxergá-la e apreciá-la. Neste ensejo, as práticas esportivas que enfatizam mais os aspectos cognitivos e mentais em relação aos físicos, mesmo em um espectro de corporeidade, tendem a ser encerradas em segundo plano no campo esportivo, atraindo a atenção e interesse de públicos restritos e que possuem um relativo alto grau de capital cultural,

salvas as devidas exceções. Na circunstância inferida, aqueles(as) que não possuem o capital cultural e interpretativo para a leitura da modalidade são reduzidos a categoria de leigos(as) e, para além, tendem a não usufruir dos sentimentos específicos que o enxadrismo desperta (SOUZA; MARCHI JÚNIOR, 2013a). Sobre tais aspectos, relatam os autores:

Nesse sentido, a dificuldade da modalidade de xadrez em se firmar no polo dominante do campo esportivo no contexto da sociedade de consumo não se devia a uma recusa de seus representantes e estruturas a entrar no jogo mercadológico, mas, dentre outros fatores, se explica em função da hierarquia moral de distribuição do capital intelectual e corporal no campo esportivo e na sociedade mais ampla como um todo. Vale notar que em termos de circulação dos artefatos e bens culturais, não resta dúvidas, de que aquelas práticas esportivas que priorizam o corpo, a continuidade do movimento e o descontrolo controlado das pulsões tendem a se constituir como esfera dominante no setor de vendas e comercialização dos bens esportivos (SOUZA; MARCHI JÚNIOR, 2013a, p. 406).

Convém ressaltar que a categoria denominada de história esportiva não é abstrata ou hipotética, mas um recurso analítico empiricamente corroborado que permite sistematizar e construir uma perspectiva de tratamento sociológico para, em um primeiro momento, refletir sobre uma série de rupturas e transformações estruturais que se deram na esfera enxadrística e, em um segundo momento, demonstrar por que e de que forma essa prática veio a se afirmar e legitimar, e isto mediante um sistema acirrado de lutas e concorrências, na condição social de esporte moderno. Dito de outro modo, tal história foi possível de ser tecida por meio da reunião de evidências empíricas, mediante trabalho de natureza historiográfica pautado em uma série de produções literárias acerca da temática (MARCHI JÚNIOR; SOUZA, 2012b). Em resgate do xadrez enquanto escopo de reflexão, conclui-se que esta é “uma prática boa não somente para pensar durante o momento do jogo, mas também para se pensar e se refletir histórica e sociologicamente” (MARCHI JÚNIOR; SOUZA; STAREPRAVO, 2010, p. 24).

3.3. O gênero enquanto categoria analítica das desiguais relações de poder

A categoria de gênero é, neste capítulo, tratada em sua maior parte por meio do aporte teórico-metodológico *bourdieusiano* mas não só, compreendendo que leituras outras podem ser a esta complementares sem, no entanto, negá-la. Assim, o exercício feito foi de ir com e além do autor, levando em consideração as suas contribuições e também as possíveis críticas feitas a ele ao longo do desenvolvimento desta temática.

A eternização das estruturas da divisão sexual e dos princípios de divisão correspondentes são colocadas à parte da história por mecanismos históricos que devem, como tal, serem questionados. Enfrentar este problema nestes termos constitui uma evolução na ordem do conhecimento que pode principiar uma evolução na ordem da ação. Considerar que aquilo que é eterno, na história, é produto de um trabalho de eternização e que este compete a instituições interligadas tais como a família, a igreja, a escola e o esporte é reinserir na história a relação entre os sexos que a visão essencialista e naturalista dela arranca. Tal mobilização, marcadamente política que possibilitaria às mulheres a chance de uma ação coletiva de resistência, orientada no sentido de reformas políticas e jurídicas, opõe-se tanto à resignação a que encorajam as visões essencialistas da diferença entre os sexos quanto à resistência reduzida a atores individuais. Convocar as mulheres a se comprometerem com uma ação política que cessa com a tentação da revolta introvertida de pequenos grupos de ajuda mútua e solidariedade, por mais necessários que estes sejam no cotidiano, não se faz o mesmo ao convidá-las para aliar-se sem luta às formas e às normas ordinárias da luta política, com o risco de se verem atreladas em movimentos estranhos a suas preocupações e a seus interesses específicos. É desejar que saibam trabalhar para inventar e impor, no seio mesmo do movimento social e com o apoio de organizações nascidas da revolta contra a discriminação simbólica de que elas são um dos alvos privilegiados, formas de organização e de ação coletivas feitas armas eficazes, simbólicas sobretudo, capazes de abalar as instituições que contribuem para eternizar a sua subordinação (BOURDIEU, 2012a).

Reside, deste modo, o paradoxo da *doxa*, isto é, a inexistência de um maior número de transgressões ou subversões em respeito à ordem do mundo tal como está, com seus sentidos únicos e proibidos, próprio ou figurado, suas obrigações e sanções.

Restituir à *doxa* seu caráter paradoxal demonstrando os processos responsáveis pela transformação da história em natureza, do arbitrário cultural em natural, deve ser tratada como a questão principal, quer seja, de quebrar a relação enganosa e de familiaridade que se remete a toda uma tradição. As aparências biológicas produzidas nos corpos conjugam-se para inverter a relação entre as causas e os efeitos e fazer ver uma construção social naturalizada – os gêneros como *habitus* sexuais – como o fundamento *in natura* da divisão arbitrária que principia não só a realidade, mas a sua representação e que se impõe por vezes à própria pesquisa. Tal revolução no conhecimento não deixa de ter consequências práticas e, especialmente, na concepção das estratégias destinadas a transformar o estado atual da relação de forças simbólicas e materiais entre os sexos. Este é um campo de ação imenso e aberto às lutas feministas, invocadas então a assumir um papel original e bem definido no seio das lutas políticas contra todas as formas de dominação (BOURDIEU, 2012a). Sobre esta ordem, se alonga:

Ou, o que é ainda mais surpreendente, que a ordem estabelecida, com suas relações de dominação, seus direitos e suas imunidades, seus privilégios e suas injustiças, salvo uns poucos acidentes históricos, perpetue-se apesar de tudo tão facilmente, e que condições de existência das mais intoleráveis possam permanentemente ser vistas como aceitáveis ou até mesmo como naturais. Também sempre vi na dominação masculina, e no modo como é imposta e vivenciada, o exemplo por excelência desta submissão paradoxal, resultante daquilo que eu chamo de violência simbólica, violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento. Essa relação social extraordinariamente ordinária oferece também uma ocasião única de apreender a lógica da dominação, exercida em nome de um princípio simbólico conhecido e reconhecido tanto pelo dominante quanto pelo dominado, de uma língua (ou uma maneira de falar), de um estilo de vida (ou uma maneira de pensar, de falar ou de agir) e, mais geralmente, de uma propriedade distintiva, emblema ou estigma, dos quais o mais eficiente simbolicamente é essa propriedade corporal inteiramente arbitrária e não predicativa que é a cor da pele (BOURDIEU, 2012a, p. 7-8).

A divisão entre os sexos parece estar na ordem das coisas, expressão utilizada para se referir ao que é natural, normal, a ponto de ser inevitável. Ela está presente, ao

mesmo passo, em estado objetivado nas coisas de todo o mundo social e, em estado incorporado, nos corpos e nos *habitus* dos agentes, atuando como sistemas de esquemas de percepção, de ação e de pensamento. Por conseguinte, a força da ordem masculina dispensa justificação, uma vez que a visão androcêntrica impõe-se como neutra e não tem a necessidade de ser interposta em discursos que visem a legitimá-la. A ordem social atua como um instrumento simbólico que tem a propensão de ratificar a dominação masculina sobre a qual se alicerça. Tal imposição se manifesta na divisão social do trabalho, na distribuição estrita das atividades atribuídas a cada um dos sexos, de seu contexto, de seu momento, de seus instrumentos, da estrutura do espaço, da estrutura do tempo, da jornada e, afinal, também no próprio ciclo de vida (BOURDIEU, 1996b, 1998a, 2012).

Em relação ao corpo, o mundo social o constrói como realidade sexuada e como depósito de princípios de visão e de divisão sexualizantes. Tal programa social de percepção incorporada constrói a diferença entre os sexos biológicos, enraizada na relação arbitrária de dominação dos homens sobre as mulheres, ela mesma inscrita, com a divisão do trabalho, na realidade da ordem social. Neste sentido, “a diferença biológica entre os sexos, isto é, entre o corpo masculino e o corpo feminino, e, especificamente, a diferença anatômica entre os órgãos sexuais, pode assim ser vista como justificativa natural da diferença socialmente construída entre os gêneros e, principalmente, da divisão social do trabalho” (BOURDIEU, 2012a, p. 20). Em consideração ao fato de que a diferença anatômica é construída pelo princípio de visão social e que esta diferença socialmente construída fundamenta a aparente naturalidade da visão social que a alicerça, funda-se uma relação circular que evidencia as relações de dominação inscritas ao mesmo tempo na objetividade, sob a forma de divisões objetivas, e na subjetividade, sob a forma de esquemas cognitivos que, quando organizados segundo essas divisões, orquestram a percepção das divisões objetivas. Deste modo, a construção social dos órgãos sexuais ratifica e registra, de forma simbólica, certas propriedades naturais indiscutíveis, contribuindo, por sua vez, para a conversão à arbitrariedade do *nomos* social em necessidade da natureza (*physis*) (BOURDIEU, 2012a).

As diferenças perceptíveis entre os gêneros e os órgãos sexuais masculino e feminino são uma construção social³⁹ fundada nos princípios da razão androcêntrica, sendo ela própria estruturada na divisão dos estatutos sociais atribuídos ao homem e à mulher. Neste sentido, se a relação sexual se evidencia como uma relação de dominação isto se dá em razão de sua construção estar alicerçada na divisão fundamental entre o masculino, ativo, e o feminino, passivo. Tal princípio organiza, expressa e cria o desejo, sendo o masculino o de posse, como dominação erotizada e o feminino enquanto desejo da dominação masculina, como subordinação erotizada ou, em última instância, como reconhecimento erotizado da dominação. A construção simbólica, assim, não se restringe a uma operação performativa de designação que orienta e estrutura as representações, a iniciar pelo próprio corpo, mas se completa e realiza em uma alteração profunda e duradoura dos corpos, ou seja, em e por um trabalho de construção prática que impõe uma definição diferencial dos usos legítimos do corpo, sobretudo os sexuais, e que tende a retirar da esfera do pensável e do factível tudo que caracteriza o pertencimento ao outro gênero. Sobre este aspecto, segundo Bourdieu (2012a, p. 32-33):

O paradoxo está no fato de que são as diferenças visíveis entre o corpo feminino e o corpo masculino que, sendo percebidas e construídas segundo os esquemas práticos da visão androcêntrica, tornam-se o penhor mais perfeitamente indiscutível de significações e valores que estão de acordo com os princípios desta visão: não é o falo (ou a falta de) que é o fundamento dessa visão de mundo, e sim é essa visão de mundo que, estando organizada segundo a divisão em gêneros relacionais masculino e feminino, pode instituir o falo, constituído em símbolo da virilidade, de ponto de honra caracteristicamente masculino; e instituir a diferença entre os corpos biológicos em fundamentos objetivos da diferença entre os sexos, no sentido de gêneros construídos como duas essências sociais hierarquizadas. Longe de as necessidades da reprodução biológica determinarem a organização simbólica da divisão social do trabalho e, progressivamente, de toda a ordem natural e social, é uma construção arbitrária do biológico, e particularmente do corpo, masculino e feminino, de seus usos e de suas funções, sobretudo na reprodução biológica, que dá um fundamento aparentemente natural à visão androcêntrica da divisão de trabalho sexual e da divisão sexual do trabalho e, a partir daí, de todo o cosmos. A força particular da

³⁹ Ao realizar a referência de gênero, raça, classe e outras categorias como construções sociais, não se deve esquecer que existem condições e mecanismos sociais de construção dos construtores (BOURDIEU, 1996b, 1998a).

sociodicéia masculina lhe vem do fato de ela acumular e condensar duas operações: ela legitima uma relação de dominação inscrevendo-a em uma natureza biológica que é, por sua vez, ela própria uma construção social naturalizada.

O *nomos* arbitrário que funda as duas classes objetivamente não tem as aparências de uma lei da natureza, mas de uma somatização das relações sociais de dominação. É à custa de um exímio trabalho coletivo de socialização difusa e contínua que as identidades distintivas que o arbitrário cultural institui se encarnam em *habitus* evidentemente diferenciados, sob a forma de *hexis* corporais, de acordo com o princípio de divisão dominante e capazes de perceber o mundo segundo este princípio. Sendo relacionais, cada um dos dois gêneros é, então, produto de um trabalho de construção diacrítico, teórico e prático necessário à produção de um corpo socialmente diferenciado do gênero oposto, ou seja, como *habitus* viril, e, portanto, não feminino, ou feminino, e, por conseguinte, não masculino (BOURDIEU, 1995, 1996b, 2012). A ordem masculina se instaura também nos corpos por meio de injunções tácitas, implícitas nas rotinas da divisão do trabalho ou dos rituais privados ou coletivos. As regularidades da ordem física e social inculcam as medidas que excluem as mulheres das atividades mais nobres, assegurando-lhes posições inferiores, ensinando-lhes a postura mais adequada do corpo, atribuindo-lhe tarefas árduas, baixas e mesquinhas. Cabe aos homens, situados do lado do exterior, do público, do oficial, do seco, do direito, do alto, do descontínuo, realizar todas as atitudes ao mesmo passo breves, perigosas e espetaculares. Às mulheres, contrariamente, estando situadas do lado do úmido, do curvo, do baixo e do contínuo, caberia todos os trabalhos domésticos, isto é, escondidos e privados ou até mesmo invisíveis e vergonhosos. Enfim, diferenças biológicas que parecem estar à base das diferenças sociais (BOURDIEU, 1995, 2012).

A visão androcêntrica é continuamente legitimada pelas próprias práticas que ela determina, sendo as suas disposições resultados da incorporação de um preconceito desfavorável contra o feminino, instituído na ordem das coisas, em que as mulheres não podem senão confirmar sucessivamente tal preconceito. Não se pode, desta maneira, pensar esta forma de dominação senão indo além das alternativas de pressão e do consentimento, da coerção mecânica e da submissão voluntária, deliberada, livre ou até mesmo calculada. O efeito da dominação simbólica (seja ela de gênero, etnia, cultura,

língua, entre outras) se dá não nas consciências cognoscentes, mas por meio de esquemas de percepção, de ação e de avaliação constitutivos do *habitus* e que engendram questões além da consciência e dos controles da vontade, sendo esta uma relação de conhecimento profundamente obscura a ela mesma. Neste sentido, o paradoxo da dominação masculina e da submissão feminina espontânea e extorquida só pode ser entendido por meio dos efeitos duradouros que a ordem social pesa sobre as mulheres e os homens, isto é, às disposições espontaneamente harmonizadas com esta ordem que as impõe (BOURDIEU, 2012a). Nesta mesma direção, a “força simbólica é uma forma de poder que se exerce sobre os corpos, diretamente, ação transformadora ainda mais poderosa por se exercer, nos aspectos mais essenciais, de maneira invisível e insidiosa, através da insensível familiarização com um mundo físico simbolicamente estruturado e da experiência precoce e prolongada de interações permeadas pelas estruturas de dominação” (BOURDIEU, 2012a, p. 50-51).

O poder simbólico⁴⁰ não se estabelece sem a colaboração dos que lhe são subordinados e que só se subordinam a ele pois o constroem como poder, sendo este, portanto, um processo dialético. É assim que tendências à submissão, dadas como pretexto para culpar a vítima, são resultantes das estruturas objetivas, como também do fato de que essas estruturas só devem sua eficácia aos mecanismos que elas estruturam e que contribuem para a sua reprodução. Por conseguinte, só se pode romper com a relação de cumplicidade que as vítimas da dominação simbólica têm com os dominantes por meio de uma transformação radical das condições sociais de produção das chances que levam os dominados a adotar, sobre os dominantes e sobre si mesmos, a própria perspectiva dos dominantes. Submetidas a uma socialização que tende a diminuir-las e negá-las, as mulheres fazem maioritariamente a aprendizagem de virtudes negativas da abnegação, resignação e silêncio. Também prisioneiros⁴¹, os homens, sem se

⁴⁰ Falar do simbólico (violência simbólica, capital simbólico, entre outros) significa se referir àquilo que se situa na ordem do conhecimento, tratando-se de disputas, de relações de força que passam pelo conhecimento e pelo reconhecimento, funcionando através da estruturação do pensamento. Neste sentido, dizer que há construção significa falar que existe estruturação das mentalidades e que, portanto, haverá luta cognitiva (BOURDIEU, 1996b).

⁴¹ “Do mesmo modo, pôr em foco os efeitos que a dominação masculina exerce sobre os *habitus* masculinos não é, como alguns poderão crer, tentar desculpar os homens. É mostrar que o esforço no sentido de libertar as mulheres da dominação, isto é, das estruturas objetivas e incorporadas que se lhes

aperceberem, compõem-se enquanto vítimas da representação dominante. Tal como as disposições à submissão, as que levam a reivindicar e a exercer a dominação não estão inscritas em uma natureza e têm que ser construídas por meio de um processo de socialização, ou seja, de diferenciação ativa em relação ao sexo oposto. O privilégio masculino é também uma cilada ao passo que impõe a todo homem o dever de afirmar, em toda e qualquer circunstância, a sua virilidade. Enquanto tal, a mesma é uma noção eminentemente relacional, construída diante e para outros homens e contra a feminilidade. No ensejo desta violência simbólica, Bourdieu (2012a, p. 45) argumenta:

A dominação masculina encontra, assim, reunidas todas as condições de seu pleno exercício. A primazia universalmente concedida aos homens se afirma na objetividade de estruturas sociais e de atividades produtivas e reprodutivas, baseadas em uma divisão sexual do trabalho de produção e de reprodução biológica e social, que confere aos homens a melhor parte, bem como nos esquemas imanentes a todos os *habitus*: moldados por tais condições, portanto objetivamente concordes, eles funcionam como matrizes das percepções, dos pensamentos e das ações de todos os membros da sociedade, como transcendentais históricos que, sendo universalmente partilhados, impõem-se a cada agente como transcendentais. Por conseguinte, a representação androcêntrica da reprodução biológica e da reprodução social se vê investida da objetividade do senso comum, visto como senso prático, dóxico, sobre o sentido das práticas. E as próprias mulheres aplicam a toda a realidade e, particularmente, às relações de poder em que se veem envolvidas esquemas de pensamento que são produto da incorporação dessas relações de poder e que se expressam nas oposições fundantes da ordem simbólica. Por conseguinte, seus atos de conhecimento são, exatamente por isso, atos de reconhecimento prático, de adesão dóxica, crença que não tem que se pensar e se afirmar como tal e que faz, de certo modo, a violência simbólica que ela sofre.

A masculinização do corpo masculino e a feminilização do corpo feminino, atividades enormes e intermináveis exigentes de um dispêndio considerável de esforços e tempo, determinam a somatização da relação de dominação, assim naturalizada. Muito embora o mundo hoje contenha indícios e signos que designam as coisas a serem feitas ou aquelas que não são factíveis, tais não se dirigem a um agente qualquer, mas se

impõem, não pode se dar sem um esforço paralelo no sentido de liberar os homens dessas mesmas estruturas que fazem com que eles contribuam para impô-la” (BOURDIEU, 2012a, p. 136).

especificam de acordo com as posições e disposições individuais. Eles se dispõem como coisas a serem feitas ou que não podem ser feitas, normais ou extraordinárias, naturais ou impensáveis, para tal ou qual categoria, ou seja, para um homem ou para uma mulher, de tal ou qual condição. É assim que a lógica, estritamente social, do que se chama vocação tem por efeito a produção de encontros harmoniosos entre as posições e as disposições, reuniões estas que fazem com que as vítimas da dominação simbólica possam realizar com certa felicidade – ou, mais recentemente, revolta – as atividades subalternas ou subordinadas que lhes são atribuídas pelas virtudes de submissão, de docilidade, de gentileza, de devotamento e de abnegação. Posto isto, as mesmas tarefas podem ser difíceis e nobres quando são executadas por homens ou imperceptíveis e insignificantes, fúteis e fáceis quando são realizadas por mulheres. É suficiente que os homens exerçam tarefas reputadas femininas e as realizem fora do universo privado para que as mesmas se vejam, com isso, enobrecidas e transfiguradas (BOURDIEU, 2012a).

De acordo com a lei universal que ajusta as esperanças às oportunidades, as aspirações às possibilidades, a experiência prolongada e invisivelmente mutilada de um mundo diferencialmente sexuado tende a aniquilar e a desencorajar a inclinação das mulheres a realizar atos que não são esperados para elas e, mesmo, sem estes terem lhes sido recusados. Esta suposta liberdade revela, em seu cerne, a incorporação de interdições a elas postas que nem sempre são de ordem material e explícita, mas velada e simbólica. Por essa lógica, subentende-se que a dita proteção cavalheiresca, além de conduzir ao confinamento feminino ou servir para justificá-lo, pode igualmente contribuir para manter as mulheres à parte de todo contato com todos os aspectos do mundo real para os quais, apenas hipoteticamente, elas não foram feitas porque, em realidade, não foram feitos para elas. Nesta direção, as condições sociais de realização do *habitus* feminino conduzem para fazer de sua experiência corporal o limite da experiência universal do corpo-para-o-outro, exposto à objetivação operada pelo olhar e discurso dos outros. Por outro lado, “a *illusio* original, constitutiva da masculinidade, está sem dúvida na base da *libido dominandi*, sob todas as formas específicas que ela reveste nos diferentes campos. É ela que faz com que os homens (ao contrário das mulheres) sejam socialmente instituídos e instruídos de modo a se deixarem prender, como crianças, em todos os jogos que lhes são socialmente destinados” (BOURDIEU,

2012a, p. 92). Em suma, a dominação masculina melhor se estrutura no desconhecimento de suas bases, o qual favorece a aplicação de categorias de pensamento engendradas na própria relação de dominação e que pode conduzir, no limite, ao *amor fati*⁴², amor ao destino que é “o amor do dominante e de sua dominação, *libido dominantis* (desejo do dominante) que implica renúncia a exercer em primeira pessoa a *libido dominandi* (o desejo de dominar) (BOURDIEU, 2012a, p. 98).

O que se faz eterno, isto é, produto de um trabalho histórico de eternização, apenas se distancia do essencialismo na medida em que não nega as constantes e invariáveis que fazem parte da realidade histórica, mas reconstrói “a história do trabalho histórico de des-historicização” (BOURDIEU, 2012a, p. 100) ou, em outros termos, a história da contínua (re)criação das estruturas objetivas e subjetivas da dominação masculina que se realiza de forma permanente, desde a existência de homens e mulheres, e através da qual a ordem masculina se reproduz ao longo dos tempos. Tal história, a qual registra a exclusão de mulheres de tal ou qual profissão, carreira ou disciplina a isto não pode se contentar em registrar, sendo o seu papel também demonstrar a reprodução e as hierarquias, assim como as predisposições hierárquicas que elas favorecem e que contribuem para a exclusão das mulheres em relação aos lugares de que elas são, de forma sistemática, já excluídas. Neste sentido, a história não pode se restringir à descrição das transformações da condição das mulheres no decurso temporal, tampouco à relação entre os gêneros nas distintas épocas. Mas, pelo contrário, deve estabelecer, para cada período, o estado do sistema de agentes e das instituições (como a família, a igreja, a escola e o Estado) que, com medidas e pesos diversos em diferentes momentos, contribuíram para tirar mais ou menos completamente da história as relações de dominação masculina (BOURDIEU, 2012a). Conforme o exposto, atesta Bourdieu (2012a, p. 101-102) que “o verdadeiro objeto de uma história das relações entre os sexos é, portanto, a história das combinações sucessivas de mecanismos estruturais e de estratégias que, por meio das instituições e dos agentes singulares,

⁴² “Seria o amor uma exceção, a única, mas de primeira grandeza, à lei da dominação masculina, uma suspensão da violência simbólica, ou a forma suprema, porque a mais sutil e a mais invisível, desta violência?” (BOURDIEU, 2012a, p. 129). De acordo com o autor, quando ele assume a forma de *amor fati* é, portanto, dominação aceita, não percebida como tal e reconhecida na paixão, seja feliz ou infeliz. Em complemento, atesta ainda que o amor puro é uma invenção histórica, como é a arte pela arte, o amor puro da arte com a qual ele tem histórica e estruturalmente relação.

perpetuaram, no curso de uma história bastante longa, e por vezes à custa de mudanças reais ou aparentes, a estrutura das relações de dominação entre os sexos”.

Em síntese, ao desvelar as invariantes transistóricas da relação entre os gêneros, a história se vê obrigada a ter como o objeto o trabalho histórico de des-historicização que continuamente produz e se reproduz, ou seja, o esforço constante de diferenciação a que homens e mulheres estão submetidos e que os leva a distinguir-se masculinizando-se ou feminilizando-se. Ela deveria empenhar-se na descrição e análise da (re)construção social, sempre recomeçada, dos princípios de visão e de divisão que originam os gêneros e, de forma mais ampla, também as diferentes categorias de práticas sexuais, sendo a própria heterossexualidade construída socialmente como padrão universal de toda prática sexual considerada normalizada, ou seja, distanciada de uma contranatureza. Uma real compreensão das mudanças sobrevividas, não só da condição das mulheres, mas também das relações entre os sexos, não pode ser esperada, de modo paradoxal, a não ser de uma análise das transformações dos mecanismos e instituições encarregados de oferecer a perpetuação da ordem dos gêneros. Desta forma, uma apreensão verdadeiramente relacional da relação de dominação entre os homens e as mulheres, considerada em todos os espaços e subespaços sociais, ou seja, não só na família, mas no universo escolar, de trabalho, burocrático, midiático, entre outros, leva a desestruturar a imagem fantasiosa de um eterno feminino. Assim, depreende-se que a estrutura da relação de dominação entre os homens e as mulheres se mantém acima das diferenças substanciais de condição, relacionadas aos momentos da história e às posições no espaço social (BOURDIEU, 2012a).

A dominação masculina está assegurada de modo suficiente para necessitar de alguma justificativa, podendo se contentar em ser e em se dizer nos discursos e práticas que enunciam o ser como se fosse evidente, concorrendo assim para fazê-lo ser de acordo com o dizer. Deste modo, a visão dominante da divisão sexual se exprime nos discursos, nas práticas, nas técnicas, nos rituais e, mais amplamente, no corpo, nas posturas, nas maneiras e no porte que compõem a *hexis* corporal. A progressiva somatização das relações que constituem a ordem social resulta na instituição de duas naturezas diferentes, quer seja, dois sistemas de diferenças sociais naturalizadas que se inscrevem, ao mesmo tempo, na *hexis* corporal e na alçada dos pensamentos que as percebem segundo uma série de oposições dualistas, e que permitiria recriar todas as

diferenças registradas nas disposições éticas ou no uso dos corpos. A superação da alternativa ingênua entre o constrangimento e o consentimento, imposição externa e desejo interno, coerção e da adesão deve ser condição fundante para se pensar adequadamente esta forma particular de dominação. Afinal, a violência simbólica impõe uma coerção instituída pelo reconhecimento extorquido que o dominado não pode deixar de conceder ao dominante – via de regra, mas havendo exceções – na medida em que não apresenta, para o pensar e para se pensar, senão instrumentos de conhecimento em comum e que não são senão a forma incorporada desta dominação (BOURDIEU, 1995, 1996b, 1998a).

As gramáticas de ensinamentos do corpo constroem o que se pode dizer e o que não dizer, o que fazer e o que não fazer, enumerando ações pertinentes a homens e mulheres por meio de um trabalho de educação. É por ela que tais construções sociais são incorporadas, inscritas no corpo, tornando-se sistemas de disposições (colocando-as em uma noção próxima de *habitus*), princípios geradores de práticas e de apreciação das práticas, ao mesmo passo compondo-se maneiras de fazer e categorias de percepção destas maneiras de se fazer. Por conseguinte, a compreensão da dominação masculina perpassa uma filosofia disposicional, onde o princípio das ações não é a consciência, a intenção, o projeto como nas teorias individualistas. Mas, por outro lado, centra-se nas disposições, nos modos de ser permanentes que podem originar ações dotadas de todos os sinais de finalidade sem que os fins atingidos tenham sido postos enquanto tal por uma ação da consciência (BOURDIEU, 1996b). Assim, seria suficiente, para combatê-la, a tomada de consciência pelos agentes? A esta questão, se dedica Bourdieu (1996b, p. 37-38):

De fato, há coisas sobre as quais a consciência não tem controle, porque elas estão fora, no nível do corpo, das disposições corporais. O problema reside, se o que digo é válido, em saber que tipo de ação é possível. Será que a conscientização, a tomada de consciência não serve para nada? Não é isso! Ela é importante, mas não é suficiente. Retomarei este ponto adiante. Se é verdade que a dominação simbólica é uma dominação que se exerce com a cumplicidade do dominado, ou, mais precisamente, com a cumplicidade das estruturas que o dominado adquiriu na confrontação prolongada com as estruturas de dominação e pela incorporação dessas estruturas, é evidente que não é suficiente tomar consciência dessas estruturas. É

preciso transformar profundamente as disposições adquiridas, por uma espécie de reeducação – aquela que é necessária para perder um mau costume, um mau hábito de pegar a raquete, um mau sotaque, entre outros. A gente sabe como é longo e difícil mudar, e que é preciso mudar de forma inseparável as condições de produção dessas disposições, dessas estruturas incorporadas, é preciso, portanto, mudar a ordem simbólica. A tomada de consciência é então indispensável para desencadear o processo de transformação e para assegurar seus resultados.

“Todo poder comporta uma dimensão simbólica: ele deve obter dos dominados uma forma de adesão que não repousa sobre a decisão deliberada de uma consciência esclarecida, mas sobre a submissão imediata e pré-reflexiva de corpos socializados” (BOURDIEU, 1995, p. 142). Neste sentido, o homem é um ser particular que vive como ser universal (*homo*) e que tem o monopólio, de direito e de fato, de humano, ou seja, do universal que está socialmente autorizado a sentir-se portador da manifestação total da condição humana. O reforço do preconceito desfavorável instituído na ordem social e nas práticas que elas favorecem e que só podem confirmá-las, encerra os homens e as mulheres em um círculo de espelhos que indefinidamente refletem imagens antagônicas, mas capazes de mutuamente se validar. No ensejo deste propósito, aponta Bourdieu (1995, p. 145) sobre uma possível interseccionalidade entre tais preconceitos:

O sexismo é um essencialismo. Como o racismo, de etnia ou de classe, ele visa imputar diferenças sociais historicamente instituídas a uma natureza biológica funcionando como uma essência de onde se deduzem implacavelmente todos os atos da existência. E dentre todas as formas de essencialismo, ele é sem dúvida o mais difícil de se desenraizar. Com efeito, o trabalho visando transformar em natureza um produto arbitrário da história encontra neste caso um fundamento aparente nas aparências do corpo, ao mesmo tempo que nos efeitos bastante reais produzidos, nos corpos e nos cérebros, isto é, na realidade e nas representações da realidade, pelo trabalho milenar de socialização do biológico e de biologização do social que, invertendo a relação entre as causas e os efeitos, faz uma construção social naturalizada (os *habitus* diferentes produzidos pelas diferentes condições sociais socialmente construídas) aparecer como a justificação natural da representação arbitrária da natureza que está no princípio da realidade e da representação da realidade.

O corpo masculino e o corpo feminino, e em especial seus órgãos sexuais que simbolizam a diferença entre os sexos, são percebidos e construídos de acordo com os esquemas práticos do *habitus* e, isto, de acordo com uma visão falocêntrica do mundo. Mas se as mulheres, as quais são submetidas a todo um trabalho de socialização que tende a diminuí-las e a negá-las, tornam da aprendizagem das virtudes negativas da abnegação, resignação e silêncio, é plausível não se esquecer que os homens são também prisioneiros e insidiosamente vítimas da representação dominante, ainda que esta, no seu caso, esteja perfeitamente de acordo com os seus interesses. “Assim, o dominante é também dominado, mas por sua dominação – o que, evidentemente, faz uma grande diferença” (BOURDIEU, 1995, p. 158).

A oposição hierárquica e binária entre masculino e feminino parece constituir a base de todas as coisas porque encontra eco em praticamente toda a parte. Nesta direção, a educação efetiva é uma ação psicossomática que leva à somatização da diferença sexual, isto é, da dominação masculina, ao passo que opera uma construção corporificada de diferenças sociais entre os sexos que age de acordo com diversas modalidades. O trabalho de socialização tem maiores chances de realizar uma somatização progressiva das relações de dominação de gênero por meio de uma dupla operação: “primeiro, a construção sociossimbólica da visão do sexo biológico, que serve ela própria de fundamento a todas as visões míticas do mundo; e, segundo, a insinuação de uma *hexis* corporal que constitui uma autêntica política corporificada” (BOURDIEU, 1998a, p. 19). A sociodicéia masculina, portanto, deve sua eficácia às operações de legitimação de uma relação de dominação, inscrevendo-a em uma natureza biológica que é, ela mesma, uma construção social naturalizada e por meio da legitimação da relação de dominação, inscrevendo-a em um biológico que é, ele próprio, uma construção social biologizada. Neste ensejo, a masculinização dos corpos masculinos e a feminilização dos corpos femininos somatiza a arbitrariedade cultural que equivale a uma construção duradoura do inconsciente.

Em suma, só uma ação coletiva que vise a organização de uma luta simbólica capaz de colocar em questão praticamente todos os pressupostos tácitos da visão falonarcísica de mundo pode, deveras, determinar a ruptura do acordo entre as estruturas incorporadas e as estruturas objetivas. Segue-se que a libertação das mulheres só pode vir de uma ação coletiva que objetive uma luta simbólica desafiadora da

concordância imediata entre as estruturas objetivas e corporificadas, isto é, uma revolução simbólica que subverta os fundamentos da produção e reprodução do capital simbólico, uma vez que é a relativa autonomia do mesmo a explicação para que a dominação masculina possa perpetuar-se a despeito das transformações no modo de produção. Condição de uma verdadeira conversão coletiva das estruturas mentais, tal descontinuidade deve se dar não apenas entre os membros do sexo dominado, mas igualmente entre o sexo dominante, os quais só podem contribuir para a libertação ao se libertarem, por sua vez, de seu ardiloso privilégio (BOURDIEU, 1995, 1998a).

Em transposição de tais considerações ao campo esportivo, é possível constatar que não é conferida a mulher – representada pela delicadeza do seu corpo, atos e gestos – uma prática legítima de modalidades esportivas que transgridam esses atributos, enquanto a validação da masculinidade é proporcionada pelo esporte – em especial considerando aqueles que envolvem certo contato – onde elementos de virilidade frequentemente se apresentam e reafirmam. Nesta direção, se as atletas incorporam às suas ações práticas elementos que remetam ao imaginário social construído para o feminino – como o uso de cabelos compridos, unhas pintadas e uniformes mais justos – acabam por reforçar o ideal feminino e a luta pela legitimidade de um corpo que engendrou tanto as características mais predominantes do esporte – como a resistência, a força e o combate – quanto aquelas mais socialmente compreendidas enquanto femininas – como a sensualidade, o cuidado, a beleza, entre outros (SALVINI; SOUZA; MARCHI JÚNIOR, 2012). Isto posto, “entendendo o corpo como a vitrine do *habitus*, quanto mais distanciada da noção de centralidade do gênero feminino uma jogadora se apresentar, ou apresentar seu corpo, seus gestos, sua fala, o modo de agir, menor é sua legitimidade como mulher” (SALVINI; SOUZA; MARCHI JÚNIOR, 2012, p. 406). Assim, as leis de reprodução social, fundamentadas em elementos biológico-sociais de dominação masculina, acabam por proporcionar uma permanente insegurança da mulher em relação ao seu próprio corpo, o qual se vê em constante necessidade de existir, primeiramente, pelo e para o olhar do outro. É deste modo que o sexismo legitima, portanto, os ideais de beleza e estéticos de uma mulher, o seu corpo, os usos que são feitos do mesmo e, por conseguinte, as práticas esportivas que estariam, então, ajustadas e desajustadas a essas condições (SALVINI; SOUZA; MARCHI JÚNIOR, 2012).

A prática esportiva, cuja inserção social ocorre de maneira desigual entre os gêneros, é um espaço de construção e identificação de papéis sociais relacionados aos homens e às mulheres. O xadrez, considerado uma modalidade com exigências de aptidões mais intelectuais do que físicas, é majoritariamente ocupado por homens. Dados oriundos da listagem de 1º de abril de 2023 da Federação Internacional de Xadrez (FIDE) demonstram que, do total de 1.235.066 (100%) atletas filiados(as), 1.048.820 (85%) são do gênero masculino e 186.246 (15%) pertencem ao gênero feminino. No Brasil, especificamente, de 23.147 (100%) atletas filiados(as), uma porcentagem similar de 19.087 (82%) se enquadram no gênero masculino e 4.060 (18%) se engendram no gênero feminino (FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE XADREZ, 2023). Neste esporte, portanto, a presença de mulheres aparece como elemento que tensiona as representações culturalmente construídas para e sobre o feminino (DOURADO; TRIVILIN, 2020).

Tabela 4 – Quantidade e porcentagem de atletas de xadrez por países e por gênero

N	País	Atletas por Gênero		Total	Porcentagem	
		Masculino	Feminino		Masculino	Feminino
1						
2	Afeganistão	278	11	289	96%	4%
3	Albânia	798	113	911	88%	12%
4	Argélia	4.881	861	5.742	85%	15%
5	Andorra	149	22	171	87%	13%
6	Angola	1.467	179	1.646	89%	11%
7	Antígua e Barbuda	36	15	51	71%	29%
8	Argentina	11.988	860	12.848	93%	7%
9	Armênia	1.838	337	2.175	85%	15%
10	Aruba	122	30	152	80%	20%
11	Austrália	5.900	569	6.469	91%	9%
12	Áustria	8.050	657	8.707	92%	8%
13	Azerbaijão	5.184	1.430	6.614	78%	22%
14	Bahamas	140	30	170	82%	18%
15	Bahrein	588	115	703	84%	16%
16	Bangladesh	7.582	738	8.320	91%	9%
17	Barbados	552	116	668	83%	17%
18	Bielorrússia	2.512	486	2.998	84%	16%
19	Bélgica	7.630	609	8.239	93%	7%
20	Belize	4	0	4	100%	0%

21	Bermudas	175	18	193	91%	9%
22	Butão	98	29	127	77%	23%
23	Bolívia	3.508	1.071	4.579	77%	23%
24	Bósnia e Herzegovina	3.167	303	3.470	91%	9%
25	Botsuana	2.244	492	2.736	82%	18%
26	Brasil	19.087	4.060	23.147	82%	18%
27	Ilhas Virgens Britânicas	6	4	10	60%	40%
28	Brunei	341	17	358	95%	5%
29	Bulgária	4.573	879	5.452	84%	16%
30	Burkina Faso	37	3	40	93%	8%
31	Burundi	43	19	62	69%	31%
32	Cambodja	19	1	20	95%	5%
33	Camarões	139	38	177	79%	21%
34	Canadá	4.723	440	5.163	91%	9%
35	Cape Verde	217	24	241	90%	10%
36	Ilhas Cayman	24	8	32	75%	25%
37	República Centro-Africana	77	14	91	85%	15%
38	Chade	16	1	17	94%	6%
39	Chile	5.842	808	6.650	88%	12%
40	China	3.053	1.139	4.192	73%	27%
41	Taiapé Chinesa	342	104	446	77%	23%
42	Colômbia	9.904	2.173	12.077	82%	18%
43	Ilhas Comores	24	9	33	73%	27%
44	Costa Rica	4.374	1.435	5.809	75%	25%
45	Costa do Marfim	386	70	456	85%	15%
46	Croácia	9.477	1.716	11.193	85%	15%
47	Cuba	2.650	621	3.271	81%	19%
48	Chipre	1.056	115	1.171	90%	10%
49	República Tcheca	14.481	1.333	15.814	92%	8%
50	República Democrática do Congo	74	16	90	82%	18%
51	Dinamarca	7.489	243	7.732	97%	3%
52	Djibouti	102	24	126	81%	19%
53	Dominica	12	2	14	86%	14%
54	República Dominicana	2.861	328	3.189	90%	10%
55	Equador	3.550	1.227	4.777	74%	26%
56	Egito	12.884	1.233	14.117	91%	9%
57	El Salvador	864	156	1.020	85%	15%

58	Inglaterra	11.264	1.114	12.378	91%	9%
59	Guiné Equatorial	43	21	64	67%	33%
60	Eritreia	134	38	172	78%	22%
61	Estônia	1.956	437	2.393	82%	18%
62	Essuatíni	225	43	268	84%	16%
63	Etiópia	800	215	1.015	79%	21%
64	Ilhas Faroé	506	7	513	99%	1%
65	FIDE (sem federação)	7.733	537	8.270	94%	6%
66	Fiji	281	73	354	79%	21%
67	Finlândia	1.895	108	2.003	95%	5%
68	França	75.941	13.225	89.166	85%	15%
69	Gabão	70	24	94	74%	26%
70	Gâmbia	58	10	68	85%	15%
71	Geórgia	3.027	999	4.026	75%	25%
72	Alemanha	40.642	3.742	44.384	92%	8%
73	Gana	287	43	330	87%	13%
74	Grécia	21.513	5.200	26.713	81%	19%
75	Granada	15	3	18	83%	17%
76	Guam	241	59	300	80%	20%
77	Guatemala	575	139	714	81%	19%
78	Guernsey	39	2	41	95%	5%
79	Guiana	196	52	248	79%	21%
80	Haiti	196	47	243	81%	19%
81	Honduras	975	197	1.172	83%	17%
82	Hong Kong	1.273	155	1.428	89%	11%
83	Hungria	10.456	1.596	12.052	87%	13%
84	Islândia	2.503	245	2.748	91%	9%
85	Índia	100.947	19.980	120.927	83%	17%
86	Indonésia	2.607	538	3.145	83%	17%
87	Irã	48.726	7.675	56.401	86%	14%
88	Iraque	2.908	288	3.196	91%	9%
89	Irlanda	2.377	129	2.506	95%	5%
90	Ilha de Man	14	0	14	100%	0%
91	Israel	6.403	425	6.828	94%	6%
92	Itália	26.184	3.519	29.703	88%	12%
93	Jamaica	784	164	948	83%	17%
94	Japão	465	67	532	87%	13%
95	Jersey	181	41	222	82%	18%
96	Jordânia	2.230	368	2.598	86%	14%
97	Cazaquistão	9.804	2.031	11.835	83%	17%
98	Quênia	2.995	960	3.955	76%	24%

99	Kosovo	801	42	843	95%	5%
100	Kuwait	542	84	626	87%	13%
101	Quirguistão	3.625	854	4.479	81%	19%
102	Laos	110	52	162	68%	32%
103	Letônia	3.326	813	4.139	80%	20%
104	Líbano	1.783	203	1.986	90%	10%
105	Lesoto	301	54	355	85%	15%
106	Libéria	218	31	249	88%	12%
107	Líbia	1.794	62	1.856	97%	3%
108	Liechtenstein	30	7	37	81%	19%
109	Lituânia	4.736	964	5.700	83%	17%
110	Luxemburgo	744	62	806	92%	8%
111	Macau	66	17	83	80%	20%
112	Madagascar	715	119	834	86%	14%
113	Malawi	836	140	976	86%	14%
114	Malásia	10.121	3.761	13.882	73%	27%
115	Maldivas	317	94	411	77%	23%
116	Mali	89	31	120	74%	26%
117	Malta	413	40	453	91%	9%
118	Mauritânia	527	113	640	82%	18%
119	Ilhas Maurício	46	16	62	74%	26%
120	México	10.351	2.049	12.400	83%	17%
121	Moldávia	1.084	262	1.346	81%	19%
122	Mônaco	159	64	223	71%	29%
123	Mongólia	1.561	972	2.533	62%	38%
124	Montenegro	1.148	124	1.272	90%	10%
125	Marrocos	3.786	664	4.450	85%	15%
126	Moçambique	426	128	554	77%	23%
127	Myanmar	1.797	301	2.098	86%	14%
128	Namíbia	779	292	1.071	73%	27%
129	Nauru	52	4	56	93%	7%
130	Nepal	3.823	399	4.222	91%	9%
131	Países Baixos	9.158	546	9.704	94%	6%
132	Antilhas Neerlandesas	204	55	259	79%	21%
133	Nova Zelândia	1.890	291	2.181	87%	13%
134	Nicarágua	973	200	1.173	83%	17%
135	Níger	21	0	21	100%	0%
136	Nigéria	2.264	505	2.769	82%	18%
137	Macedônia do Norte	1.368	153	1.521	90%	10%
138	Noruega	7.413	461	7.874	94%	6%

139	Omã	1.769	380	2.149	82%	18%
140	Paquistão	2.146	244	2.390	90%	10%
141	Palau	174	76	250	70%	30%
142	Palestina	1.838	372	2.210	83%	17%
143	Panamá	1.932	420	2.352	82%	18%
144	Papua-Nova Guiné	21	1	22	95%	5%
145	Paraguai	1.261	256	1.517	83%	17%
146	Perú	9.189	2.196	11.385	81%	19%
147	Filipinas	6.921	1.415	8.336	83%	17%
148	Polônia	31.954	6.384	38.338	83%	17%
149	Portugal	6.638	952	7.590	87%	13%
150	Porto Rico	993	159	1.152	86%	14%
151	Catar	132	37	169	78%	22%
152	Romênia	9.738	2.283	12.021	81%	19%
153	Rússia	91.708	20.932	112.640	81%	19%
154	Ruanda	145	42	187	78%	22%
155	São Cristóvão e Neves	11	1	12	92%	8%
156	Santa Lúcia	45	12	57	79%	21%
157	São Vicente e Granadinas	14	4	18	78%	22%
158	San Marino	43	4	47	91%	9%
159	São Tomé e Príncipe	141	25	166	85%	15%
160	Arábia Saudita	2.705	396	3.101	87%	13%
161	Escócia	1.206	94	1.300	93%	7%
162	Senegal	164	19	183	90%	10%
163	Sérvia	10.520	1.254	11.774	89%	11%
164	Seychelles	44	34	78	56%	44%
165	Serra Leoa	48	8	56	86%	14%
166	Singapura	3.873	866	4.739	82%	18%
167	Eslováquia	7.912	949	8.861	89%	11%
168	Eslovênia	5.418	794	6.212	87%	13%
169	Ilhas Salomão	98	15	113	87%	13%
170	Somália	112	13	125	90%	10%
171	África do Sul	5.671	1.368	7.039	81%	19%
172	Coreia do Sul	1.617	455	2.072	78%	22%
173	Sudão do Sul	451	9	460	98%	2%
174	Espanha	61.329	6.858	68.187	90%	10%
175	Sri Lanka	12.639	6.486	19.125	66%	34%
176	Sudão	1.475	148	1.623	91%	9%
177	Suriname	456	136	592	77%	23%
178	Suécia	7.243	545	7.788	93%	7%

179	Suíça	5.067	357	5.424	93%	7%
180	Síria	1.180	189	1.369	86%	14%
181	Tajiquistão	215	94	309	70%	30%
182	Tanzânia	173	44	217	80%	20%
183	Tailândia	1.388	375	1.763	79%	21%
184	Timor-Leste	469	125	594	79%	21%
185	Togo	366	128	494	74%	26%
186	Trindade e Tobago	843	209	1.052	80%	20%
187	Tunísia	3.738	640	4.378	85%	15%
188	Turquia	38.784	9.604	48.388	80%	20%
189	Turcomenistão	816	284	1.100	74%	26%
190	Uganda	1.830	729	2.559	72%	28%
191	Ucrânia	14.721	2.324	17.045	86%	14%
192	Emirados Árabes Unidos	2.018	1.011	3.029	67%	33%
193	Estados Unidos da América	20.782	1.844	22.626	92%	8%
194	Uruguai	1.841	181	2.022	91%	9%
195	Ilhas Virgens Americanas	54	19	73	74%	26%
196	Uzbequistão	2.367	588	2.955	80%	20%
197	Venezuela	8.355	1.830	10.185	82%	18%
198	Vietnã	2.947	1.263	4.210	70%	30%
199	País de Gales	649	81	730	89%	11%
200	Iêmen	536	69	605	89%	11%
201	Zâmbia	2.322	394	2.716	85%	15%
202	Zimbábue	1.081	326	1.407	77%	23%
Total		1.048.820	186.246	1.235.066	85%	15%
Porcentagem		85%	15%	100%		

Tal assimetria remonta às origens, no século XVIII, das primeiras instituições esportivas de xadrez na Europa e os primeiros clubes criados por pessoas interessadas na modalidade como atletas ou espectadores. O primeiro torneio internacional realizou-se em 1851, em Londres, ocasião em que a popularidade da prática acarretou na criação do título de campeão mundial, vencido pioneiramente por Wilhelm Steinitz, em 1886, atualmente reconhecido como fundador do xadrez moderno. Já em 1924, quase quarenta anos depois, a Federação Internacional de Xadrez (FIDE) é fundada em Paris, possuindo como primeiros eventos organizados uma espécie de Jogos Olímpicos próprios, o Torneio das Nações, o qual fora vencido pela equipe húngara e tinha participação

apenas de homens e o Campeonato Mundial Feminino, ambos em 1927, este último sendo ganho por Vera Menchik. No Brasil, o surgimento da prática enxadrística aconteceu no século XIX por meio de Artur Napoleão, grande pianista português radicado no Rio de Janeiro. Entretanto, o esporte só se popularizou nos anos de 1920, tendo o primeiro Campeonato Brasileiro ocorrido em 1927, com a vitória do médico João de Souza Mendes Júnior. Tardamente, em 1957 e trinta anos depois, a entrada das mulheres se expressou por meio do Campeonato Feminino de Xadrez, o qual consagrou Dora de Castro Rubio, primeira mulher campeã brasileira (DOURADO; TRIVILIN, 2020).

No interior do subcampo esportivo do xadrez, a disparidade entre homens e mulheres também pode ser verificada por meio do *ranking* de pontuação que distribui os(as) atletas de acordo com o seu nível de força, o sistema *rating ELO*. Desenvolvido pelo físico húngaro *Arpad Elo*, ele consiste em um quadro estatístico baseado no desempenho de cada jogador(a) em suas partidas oficiais, isto é, regidas pela Federação Internacional de Xadrez (FIDE). Nele, a força de jogo de um indivíduo é concebida por meio de uma média entre a *performance* de todos os(as) outros(as) jogadores(as) em determinado torneio (ELO, 1978). Adotado desde 1970, fora reconhecido como método mais justo de apuração de desempenhos até então, inclusive sendo adotado em 2018 pela Federação Internacional de Futebol (FIFA) em razão do seu alto grau de precisão para o cálculo do *ranking* das seleções, implementado após a Copa do Mundo da Rússia no mesmo ano, a fim de oferecer melhores oportunidades às equipes e eliminar potenciais de manipulação dos pontos. Apesar de ser ponderado enquanto justo, nem sempre o sistema de pontuação por *rating ELO* é levado em consideração com o mesmo rigor para eles e elas, sobretudo sendo os seus números um componente relevante e originário das titulações. A contradição reside no fato de que atletas que possuem *ratings ELO* iguais ou superiores aos homens são consideradas de nível mais fraco, ao passo em que este sistema deveria ser apto a expor de forma ponderada as probabilidades de vitória para cada confronto a ser realizado de modo mais igualitário entre os sexos (DOURADO; TRIVILIN, 2020; FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE XADREZ, 2023).

Na direção de questionar a aparente equidade em que homens e mulheres poderiam assumir na disputa do xadrez, Dourado e Trivilin (2020, p. 6) argumentam

que “a partir do momento em que a racionalidade é identificada como um dos elementos da masculinidade, o ambiente enxadrístico passa a ser considerado masculino e a presença de mulheres representa uma fuga desta ordem e um caminho contrário à sua designação natural”. Nesta prática, assim, o discurso da inabilidade feminina encontra uma de suas justificativas no aspecto quantitativo que se dá a partir da grande diferença de participação e de resultados entre os gêneros, fato este perceptível por meio dos *rankings*⁴³ mundiais e brasileiros das categorias absoluta e feminina em que elas nem se aproximam, considerando a pontuação, dos primeiros colocados masculinos da categoria absoluta. Já qualitativamente, aponta-se a diferenciação entre a educação e os modos de socialização ofertados às expectativas em torno do desenvolvimento das habilidades para cada um dos gêneros, uma vez que os maiores estímulos masculinos e o uso de uma pedagogia pautada na distinção resultam em uma posição hegemônica destes em detrimento delas, hierarquias estas construídas desde muito cedo. Em conclusão, um olhar profundamente mais atento para a categorização entre absoluto e feminino, desvela que:

Há um esforço, por parte daqueles que promovem o xadrez, em confirmar a equidade de gênero pela existência de uma modalidade de disputas que prevê a participação de homens e mulheres, a categoria absoluta. Nessa categoria a junção dos dois grupos (masculino e feminino) em um mesmo campo de competições parte do pressuposto de que para jogar bem xadrez importam as habilidades intelectuais e não a força física. A categoria absoluta é, portanto, o reconhecimento de que intelectualmente os dois gêneros poderiam participar em condições de igualdade. Mas, um olhar atento e por dentro desse campo evidencia a existência de processos discriminatórios que colocam as mulheres em situação de desigualdade em relação aos homens, mesmo nas competições em que, a rigor, partem para as disputas em condições igualitárias. As distinções e as hierarquias são construídas desde o início da educação oferecida para meninos e meninas se profissionalizarem como enxadristas (DOURADO; TRIVILIN, 2020, p. 12).

⁴³ Dados da lista de dezembro do *ranking* mundial enxadrístico apontam que, na categoria absoluto, o seu maior detentor desfruta de 2.830 pontos enquanto que, na categoria feminino, o número diminui para 2.632. Colocando em perspectiva o *ranking* brasileiro, o jogador de maior *rating* de acordo com o mesmo período de listagem pontua 2.584 e, por conseguinte, a atleta dele mais próxima tem, por sua vez, 2.201 pontos (FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE XADREZ, 2023).

Em relação aos processos de educação e socialização, Daolio (2003) e Altmann et al. (2018) são exemplos de estudos que enfatizaram diferenças e desigualdades de gênero no acesso de crianças e jovens à cultura corporal de movimento. Em “A construção cultural do corpo feminino, ou o risco de transformar meninas em ‘antas’”, Daolio (2003) explora a metáfora proposital do termo “anta” para designar como a produção de pessoas descoordenadas, lentas e pesadas não é acaso da própria percepção de meninas e mulheres neste campo, mas de um tom pejorativo e preconceituoso com que são tratadas por outros agentes e instituições presentes neste espaço. Para o autor, este é um fato social circunscrito por uma história cultural que destinou às meninas e mulheres brasileiras a condição de “antas” na realização de práticas que exigem características como a destreza, a força e a velocidade. Muito embora considere que “nem todas as meninas são inábeis e nem todos os meninos são hábeis” (DAOLIO, 2003, p. 108), tendo em vista a enorme gradação existente entre quem é mais ou menos apto em termos de habilidade de acordo com os gêneros, pondera que a construção cultural e social do corpo se coloca e se define em prática com as funções de cada sociedade, uma vez que o conjunto de costumes, crenças, hábitos e tradições que conformam a sua cultura também incidem no delineamento de como se entende o corpo.

Havendo uma valorização de determinados comportamentos em detrimento de outros, o que faz com que um conjunto de gestos típicos receba maior prestígio em determinada sociedade em contraposição ao geral disseminado, percebe-se como a construção cultural do corpo feminino acontece, pela educação e pela socialização, de forma diferente entre o masculino. Sendo as diferenças motoras dos gêneros construídas maioritariamente de forma cultural entre ambos, há de se apontar que elas não são, em tudo, determinadas biologicamente pela natureza e, portanto, irreversíveis ou algo sobre o que alguma determinação do destino não se possa atuar a não ser no sentido de se conformar. São, por outro lado, forjadas desde o nascimento e dele até antes, como exemplifica Daolio (2003, p. 11) em cada uma das mais específicas nuances de gênero:

Sobre um menino, mesmo antes de nascer, já recai toda uma expectativa de segurança e altivez de um macho que vai dar sequência à linhagem. Na porta do quarto da maternidade, os pais penduram uma chuteirinha e uma camisa da equipe de futebol para a qual torcem. Pouco tempo depois, dão-lhe uma bola e o estimulam aos primeiros

chutes. Um pouco mais tarde, esse menino começa a brincar na rua (futebol, pipa, subir em árvores, carrinho de rolimã, *skate*, bolinha de gude, bicicleta, taco, entre outros), porque, segundo as mães, se ficar em casa vai atrapalhar. Em torno de uma menina, quando nasce, paira toda uma névoa de delicadeza e cuidados. Basta observar as formas diferenciais de se carregar meninos e meninas, e as maneiras de os pais vestirem uns e outros. As meninas ganham de presente, em vez de bola, bonecas e utensílios de casa em miniatura. Além disso, são estimuladas o tempo todo a agir com delicadeza e bons modos, a não se sujarem, não suarem. Portanto, devem ficar em casa, a fim de serem preservadas das brincadeiras “de menino” e ajudarem as mães nos trabalhos domésticos, que lhes serão úteis futuramente quando se tornarem esposas e mães.

Tais convenções, as quais tornam ao longo do tempo e a depender da sociedade o corpo masculino alvo de percepções no sentido de ser mais hábil do que o feminino, despontam também movimentos que vão contra esta tradição. Assim são exemplos de comportamentos mais agressivos por parte de meninas e mulheres ou posturas mais delicadas e afetivas pelos meninos e homens, os quais são motivos, quase sempre, de repressão social. Contrariar a expectativa que se tem sobre determinado gênero é um ato de rebeldia que pode levar à marginalização da pessoa dado o descumprimento dos ditames sociais que cerceiam e buscam moldar as diversas manifestações da vida.

Já em “Gênero e cultura corporal de movimento: práticas e percepções de meninas e meninos”, Altmann et al. (2018) abordam a existência de diferenças e desigualdades de gênero nas relações estabelecidas entre atividades físicas e esportivas pertencentes à cultura corporal de movimento. Em comparação entre eles e elas, salientam que a alta percepção de prazer pela prática é mais alta entre meninos do que as meninas, apontando para o gosto como um componente relevante de adesão a ela. Para além deste, destacam distinções outras sempre maiores para os meninos, tais como a ideia de competência corporal, o interesse e o valor-utilidade atribuído às atividades. Em diálogo com demais estudos, concluem que é este um campo em que as desigualdades de gênero agem, podendo tais principais resultados da pesquisa apresentados estabelecer relações entre a expressão destas diferenças e as experiências que estabelecem meninos e meninas com a cultura corporal de movimento da qual, entre uma de suas práticas, o xadrez faz parte.

Por se tratar o gênero de uma discussão eminentemente cultural e social, deve-se considerar que o processo não é sempre consciente e, porquanto desejada e possível, uma transformação é lenta e gradual, sem a garantia de um progresso linear e sequenciação previsíveis (Daolio, 2003). As questões que o assolam são muito profundas e de complexa resolução, sendo neste sentido que a conscientização sobre este processo de “construção cultural do corpo é uma condição necessária mas não suficiente para a transformação do quadro atual. É preciso mais que isso. É preciso compreensão das representações associadas ao corpo da mulher” (DAOLIO, 2003, p. 113). Assim, por estarem tão arraigadas na dinâmica cultural da sociedade, não basta que as diferenças entre os gêneros sejam conscientizadas e que haja desejo de mudança para que a realidade seja efetivamente transformada. Não obstante, entre processos que transformam em “antas” meninas e mulheres e em “trogloditas” meninos e homens, os quais são complementares entre si, não há de se esquecer que são, também, dotados de prestígio social uma vez que empreendidos por diversos agentes. Nesta linha de pensamento, talvez seja plausível se considerar “nem igualdade forçada, nem desigualdade justificada por processos naturais” (DAOLIO, 2003, p. 117). Abandonar este binômio como critério de análise das questões de diferenças de gênero pode ser que aponte para uma relação de alteridade e não de desigualdade a partir de suas singularidades, a despeito de estas últimas demarcarem distinções. Dois lados da mesma moeda humana, unidade e pluralidade norteiam para uma busca de diferenças sem, entretanto, esquecer que elas não são tão desiguais assim para não permitirem atuações e comparações conjuntas. “E sem esquecer também que elas não são tão homogêneas assim que permitam uma comparação rápida e precipitada. A regra é diferenciar para comparar; ou, se quiserem, comparar para diferenciar” (DAOLIO, 2003, p. 118). Afinal, se a cultura influencia nas formas em que age, percebe e se comporta a humanidade, é possível também, por esta mesma via, a desconstruir e transformar.

Mesmo tendo como alternativa de reflexão utópica, no campo do esporte e mais especificamente na prática enxadrística, proporcionar oportunidades de prática a todas e a todos, sem preconceitos e com o pleno desenvolvimento de cada ser, os(as) quais possam compreender o sentido atribuído às ações motrizes, é possível aferir, a partir do exposto, que vigora no subcampo esportivo do xadrez processos que reafirmam estereótipos de gênero presentes na sociedade, partindo as meninas e mulheres de

condições desiguais de participação e alcance de posições de destaque no esporte devido, principalmente, às distinções advindas de seus processos de educação, socialização e treinamento. Como diversos outros subcampos, percebe-se que, também o enxadrístico, se assenta em um espaço hierarquizado para homens e mulheres, possuindo, ainda, uma reserva interior maioritariamente masculina (DUNNING, 1986).

Por fim, é importante ressaltar que a abordagem *bourdieusiana* de gênero adotada neste capítulo não representa a única possível para a tratativa deste tema e, tampouco, é isenta de críticas no campo acadêmico e, sobretudo, feminista de estudos (CARVALHO, 2011; CORRÊA, 1999; SILVA, 2016a, SILVA, 2016b). A tônica dos apontamentos tecidos por Carvalho (2011) se dá no sentido de um caráter imutável, portanto natural e, no limite, a-histórico que parece ser conferido a uma relação persistente e permanente de dominação entre os sexos. Para a autora, elas partem de um pressuposto de que os homens sempre dominaram as mulheres, restando por encontrar uma explicação única e fundante para a origem e existência desta relação de poder. Entretanto, como este capítulo intentou demonstrar, homens e mulheres e, portanto, as categorias masculino e feminino não se dão enquanto premissas investigatórias, mas como produtos que devem ser tratados em seus sentidos múltiplos no recorte de contextos sociais e históricos específicos relativos às suas elasticidades semânticas. Ainda para a autora, a dominação masculina é vista como parte da violência simbólica e como algo onipresente cuja atuação não necessitaria de justificativas, apenas sendo e conformando-se por meio da enunciação. Questiona que este tipo de dominação social pode ser percorrido por todos os grupos e exercida por pessoas de qualquer sexo e, finalmente, que a dominação de homens sobre as mulheres não é universal na medida em que outras, como as de classe ou raça, por exemplo, podem se sobrepor ao sexo. “Para entender o gênero, devemos então ir constantemente mais além do próprio gênero” (CARVALHO 2011, p. 113). Compreendendo a dominação masculina como um conceito que se deve aferir empiricamente, tal como foi feito com a referência à sociedade cabila na principal obra de que é oriundo, corrobora-se, entretanto, com a necessidade de interseccionar o gênero a demais eixos outros de análise, tais como os mencionados, a fim de compreender de forma mais complexa e profunda as diversas relações de poder que podem se encontrar sobrepostas em dado espaço simbólico.

Na mesma direção está Corrêa (1999), a qual julga que os achados sobre a dominação masculina tendem a ser universalizantes no sentido de exibirem estereótipos datados e referentes a uma lógica estritamente ocidental. Para além, vai ao encontro de Carvalho (2011) ao afirmar que a mesma não seria tão homogênea ou hegemônica quanto o pretendido, não se tratando apenas de homens exercendo esta dominação por mulheres. Considerando uma concepção mais ampla de masculinidades e feminilidades, bem como as inúmeras manifestações dentro de cada uma delas presente, é passível de se concordar no sentido de que tais tensionamentos não se encontravam tão latentes e em voga na ocasião da eminência do termo da dominação masculina. A despeito destas ponderações, mais produtivas parecem ser aquelas tecidas por Silva (2016a, 2016b) no sentido de prover luz ao conceito de *habitus* generificado nos estudos que, como este, possam vir a tratar desta temática a partir do referencial teórico de *Pierre Bourdieu*. Explorando-o em um apelo criativo à renovação sociológica que desafia a reflexão sobre fronteiras disciplinares (SILVA, 2016a), o argumento central da autora é que haveria de se ter uma consideração sobre as ambiguidades e dissonâncias nas formas como mulheres e homens ocupam posições de gênero, tendo em vista posições de agentes conflitantes ou subjetividades múltiplas socializadas. Trata-se de uma visão do constructo que ilustra uma perspectiva ambivalente de *habitus*, sem irromper em constatações polarizadas sobre as quais os homens seriam necessariamente dominantes e as mulheres dominadas (SILVA, 2016b). Nela, a ordem social não precisaria ser vista como acomodação da ordem natural, particularmente quando a concepção de corpo generificado está, em si mesma, sendo desafiada. “Se o gênero, em vez de ser o que se é, é o que se faz em diferentes campos, em interação com outros, operar o gênero requer que a cultura seja a responsável pela produção de gênero em níveis diversificados” (SILVA, 2016b, p. 176).

É ciente de que todo ponto de vista representa a vista de um ponto e que, portanto, o *bourdieusiano* é apenas um entre os vários possíveis que esta pesquisa intenciona ir com e além de *Pierre Bourdieu* naquilo que oferece de mais profícuo para a análise desta temática, operando o constructo de gênero por meio de um processo de estruturação contínua e que se dá pela (re)produção ativa, porquanto, do próprio gênero.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Esta seção objetiva a apresentação de um compilado das sínteses das trajetórias das participantes e, para tal, por história de vida este estudo compreende, inseparavelmente, “o conjunto de acontecimentos de uma existência individual, concebida como uma história e a narrativa dessa história” (BOURDIEU, 1996c, p. 74). A constituição de um todo, coerente de uma sequência significativa e unitária em relação à coordenação de eventos não se faz intento, uma vez que se considera a ilusão retórica de representação comum da existência que a tradição literária tende a reforçar. Por outro lado, entende-se que “o real é descontínuo, formado por elementos justapostos sem razão, cada um é único, e tanto mais difíceis de entender porque surgem sempre de modo imprevisto, fora de propósito, de modo aleatório” (BOURDIEU, 1996c, p. 76). Neste sentido, é a noção de trajetória, apreendida como “uma série de posições sucessivamente ocupadas por um mesmo agente (ou um mesmo grupo), em um espaço ele próprio em devir e submetido a transformações incessantes” (BOURDIEU, 1996c, p. 81), aquela que mais adequadamente capta o que esta pesquisa diz em termos de alocações e deslocamentos ou, mais precisamente, nos diferentes estados sucessivos da estrutura de distribuição dos tipos de capital que estão em jogo no campo considerado.

O tratamento das entrevistas compreendeu um processo de aprofundamento imersivo no material, e isto se utilizando de sucessivas leituras e releituras das transcrições realizadas. Segundo Piotto (2007), dois principais tipos de análises há de serem consideradas no transcorrer de um trabalho, uma vertical e uma horizontal de cada depoimento oral. A primeira versa sobre a singularidade e totalidade do discurso, em vista de restituir os detalhes que permitiram reconstituir sua lógica própria. Tal modo contribui para a construção de categorias e temas a serem formulados na análise horizontal, a qual busca o estabelecimento de relações entre cada uma das entrevistas. Desta forma, serão apresentadas as tabelas socioeconômicas relativas às participantes e suas famílias, os heredogramas genealógicos sobre a incidência do xadrez, as sínteses das histórias de vida das atletas e os eixos temáticos em que as narrativas se atravessam.

4.1. Tabelas socioeconômicas relativas às participantes e suas famílias

Tabela 5 – Síntese das características socioeconômicas das participantes

Agente	Gênero	Cor da Pele	Escolaridade	Ensino	Curso	Local de Nascimento	Local de Residência	Ocupação
WIM 1	Feminino	Branca	Pós-Graduação	Público (E. Superior) Privado (E. Básica)	Direito	Santos (SP)	São Paulo (SP)	Advogada
WIM 2	Feminino	Branca	Ensino Superior	Privado (E. Superior) Público (E. Básica)	Educação Física	Criciúma (SC)	Içara (SC)	Atleta e professora de xadrez
WIM 3	Feminino	Branca	Ensino Superior	Privado (E. Superior) Privado (E. Básica)	Direito	Rio do Sul (SC)	Jaraguá do Sul (SC)	Servidora pública
WIM 4	Feminino	Amarela	Ensino Superior	Privado (E. Superior) Privado (E. Básica)	Administração e Gestão de Tecnologia da Informação	Suzano (SP)	Suzano (SP)	Enxadrista
WIM 5	Feminino	Branca	Ensino Superior	Público (E. Superior) Público (E. Básica)	Economia	São Paulo (SP)	Barueri (SP)	Enxadrista, árbitra de xadrez e corretora de imóveis
WIM 6	Feminino	Branca	Pós-Graduação	Público (E. Superior) Privado (E. Básica)	Administração	São Paulo (SP)	Cingapura	Empreendedora
WIM 7	Feminino	Preta	Ensino Superior	Público (E. Superior) Público (E. Básica)	Educação Física	Rio de Janeiro (RJ)	Blumenau (SC)	Aposentada e professora de xadrez
WIM 8	Feminino	Misturada	Pós-Graduação	Público (E. Superior) Público/Privado (E. Básica)	Finanças	Manaus (AM)	Nova York (EUA)	Professora e organizadora de xadrez
WIM 9	Feminino	Branca	Ensino Superior	Público (E. Superior) Público (E. Básica)	Direito	São Paulo (SP)	Aveiro (POR)	Editora de livros, empresária
WIM 10	Feminino	Clara	Ensino Superior	Privado (E. Superior) Privado (E. Básica)	Química	São Paulo (SP)	Osasco (SP)	Atleta profissional e professora de xadrez

Tabela 6 – Síntese das características socioeconômicas das famílias das participantes

Agente	Idade	Membros	Escolaridade do pai	Ocupação do pai	Escolaridade da mãe	Ocupação da mãe	Renda Média
WIM 1	25	5	Ensino Fundamental	Caseiro	Ensino Superior	Fonoaudióloga	R\$: 5.940,00
WIM 2	24	4	Ensino Superior	Serenista	Ensino Médio	Auxiliar de escritório	R\$: 13.200,00
WIM 3	32	5	Ensino Técnico	Bancário	Ensino Médio	Do lar	R\$: 12.000,00
WIM 4	31	4	Ensino Superior	Autônomo	Ensino Superior	Aposentada	–
WIM 5	61	5	Ensino Fundamental	Policial militar	Magistério	Professora	R\$: 5.280,00
WIM 6	43	4	Ensino Médio	Processador de dados	Ensino Médio	Do lar	R\$: 50.000,00
WIM 7	61	8	Ensino Fundamental	Militar	Ensino Fundamental	Doceira	R\$: 6.600,00
WIM 8	46	3	–	–	Ensino Médio	Secretária	\$: 50.000,00 dólares ao ano
WIM 9	63	5	Ensino Fundamental	Policial militar	Magistério	Professora	R\$: 13.200,00
WIM 10	26	4	Ensino Superior	Vendedor	Ensino Superior	Gerente de Tecnologia da Informação	R\$: 13.200,00

Se comparadas de forma relacional, a Tabela 5 e a Tabela 6 contribuem com informações relevantes sobre as características socioeconômicas das participantes deste estudo e de suas famílias. De início, todas as mulheres se identificaram com o gênero feminino, única categoria em que houve consenso absoluto entre a resposta de todas elas. Em relação à cor da pele, sete entre as dez mestres declararam a tonalidade como “branca” ou “clara”, enquanto uma a apontou como “amarela”, uma como “misturada” e, por fim, uma única atleta como “preta”. Percebe-se, assim, que esta se trata de uma elite em sua maioria branca, ao contrário do que constitui a maior parte da população brasileira, quer seja, parda e preta (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2024).

O nível de escolaridade das participantes correspondeu sempre de forma ascendente àquele conquistado pelos pais de cada uma delas, com exceção de WIM 4 e WIM 10 que mantiveram os estudos do núcleo familiar concentrados no Ensino Superior. Este, inclusive, foi o grau mínimo de escolarização atingido por sete entre as dez atletas, sendo que três delas – WIM 1, WIM 6 e WIM 8 – não só o obtiveram, como também cursaram uma posterior pós-graduação. Tais indicadores educacionais são superiores aos verificados entre os homens que compõem a grande maestria brasileira, grupo em que se pôde constatar a incompletude de vários graus de Ensino Superior, bem como um enxadrista que encerrou o seu percurso acadêmico no nível do Ensino Médio (JANUÁRIO, 2017). No que corresponde à modalidade de Educação Básica, cinco entre as dez estudantes a cursaram no âmbito privado – sendo destas quatro com bolsas esportivas –, quatro na esfera pública e uma delas, ainda, o fez em ambos os domínios público e privado. Já no tocante ao Ensino Superior, a inversão entre a qualidade dos sistemas de ensino ocorre, sendo que seis entre as dez alunas o pleitearam em instituições públicas e quatro em universidades particulares. Sobre os cursos escolhidos, três optaram pelo Direito, duas pela Educação Física, duas pela Administração – sendo que uma o acumulou com Gestão de Tecnologia da Informação –, uma pela Economia, uma por Finanças e, por último, uma única opção por Química. Tradicionalmente, portanto, carreiras ocupadas por reserva masculina.

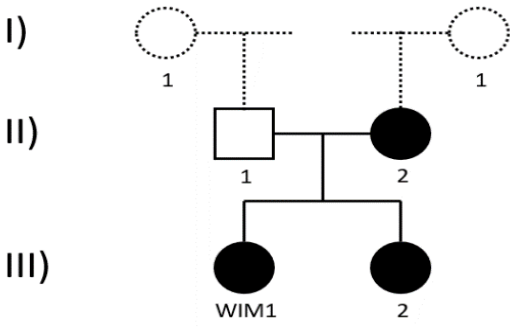
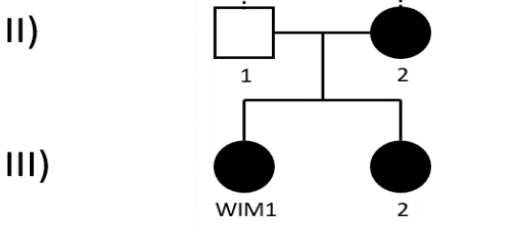
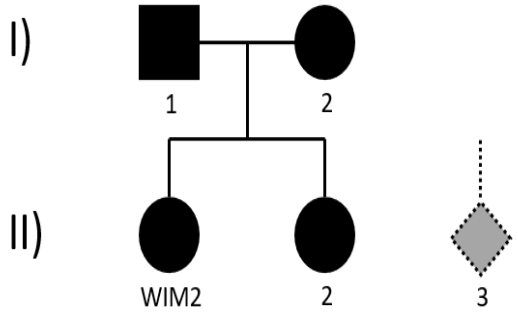
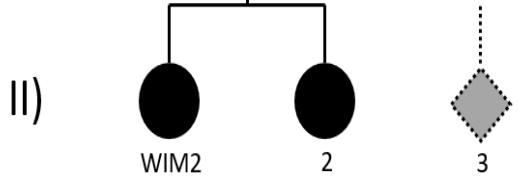
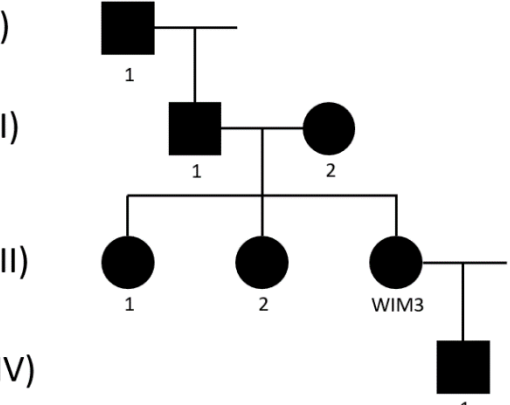
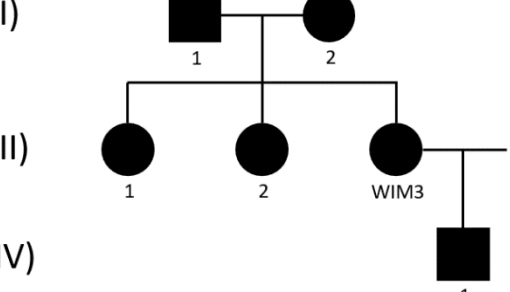
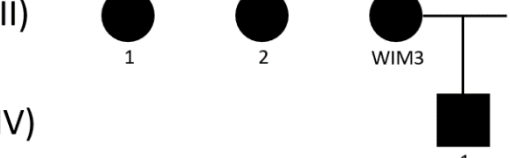
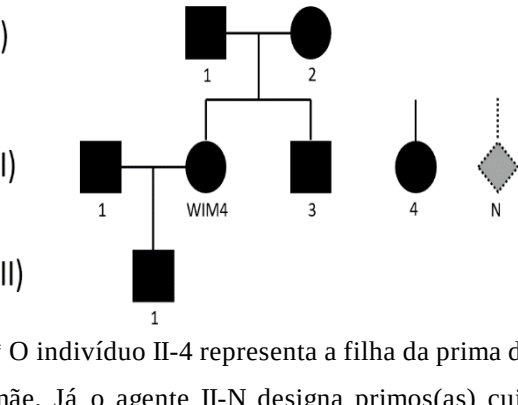
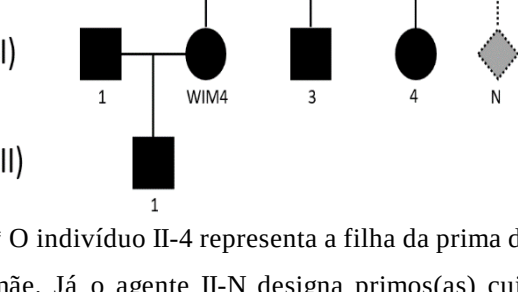
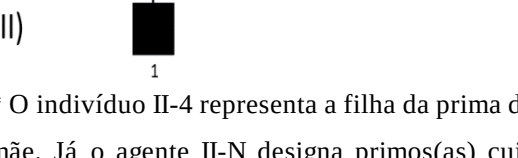
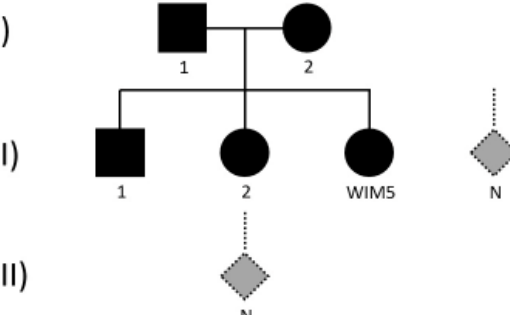
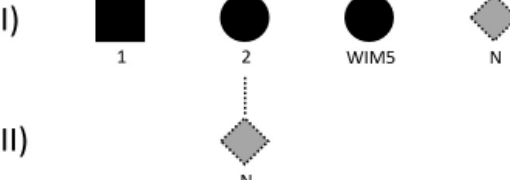
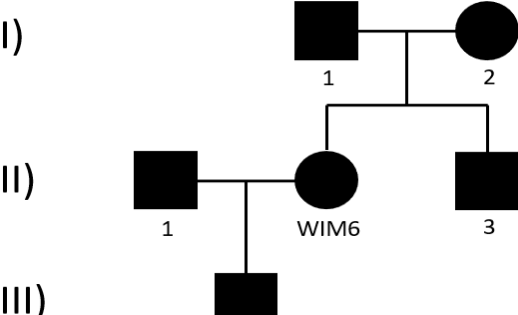
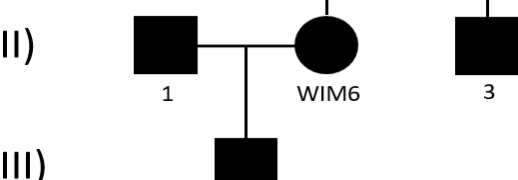
Os locais de nascimento e de residência versaram, respectivamente, entre cidades situadas em estados com mais de 20 milhões de habitantes para seis entre dez das enxadristas, com destaque para a cidade de São Paulo (SP) onde quatro delas

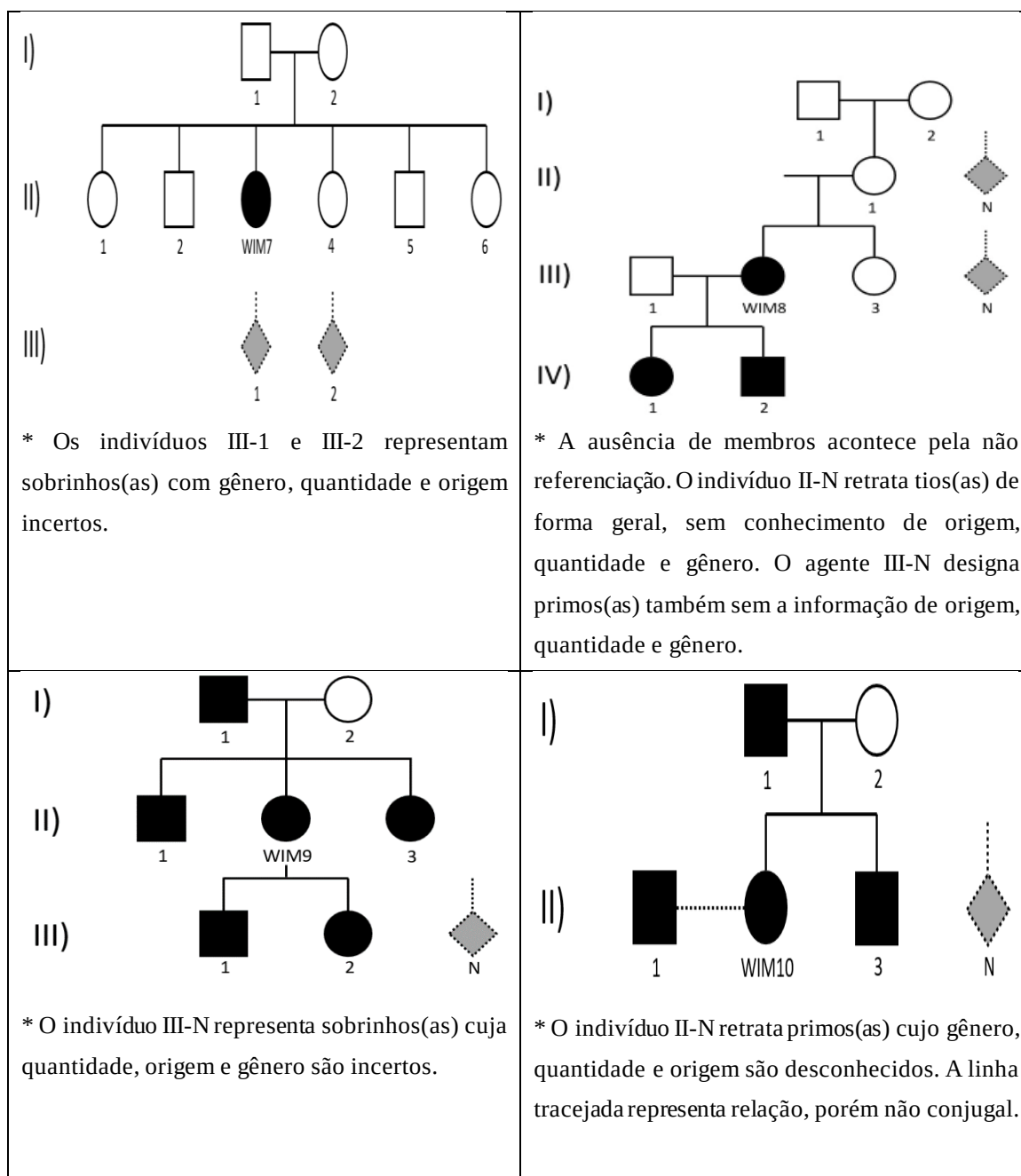
nasceram. Entre as migrações, destaca-se o fato de que três participantes hoje residem em um país diferente do seu de origem. WIM 4 é a única atleta que não passou por nenhuma mudança em relação à cidade onde nasceu e atualmente reside. No que se refere à ocupação, apenas quatro dentre as dez mulheres se denominam atletas de xadrez, mesmo número de participantes que declararam serem professoras de xadrez. Outros ofícios relacionados à modalidade foram o de árbitra de xadrez, organizadora enxadrística e editora de livros de xadrez. Em relação aos Grandes Mestres, predomina entre os homens o desígnio único de jogador enquanto ocupação, bem como são apenas três aqueles em que acumulam mais de um trabalho (JANUÁRIO, 2017). Entre as mulheres, por sua vez, este número representa o seu dobro. A renda média familiar oscila entre um mínimo de R\$: 5.280,00 e um máximo de R\$: 50.000,00 mensais, valores no mínimo triplamente acima da média de moradores nos lares brasileiros (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2024) mas, em comparação com a elite masculina enxadrística do país, consideravelmente inferior (JANUÁRIO, 2017).

Com média etária de $41,2 \pm 15,9$ anos e $4,7 \pm 1,3$ membros pertencentes ao seus núcleos familiares, predominam os níveis de escolaridade e ocupações exigentes de Ensino Superior entre as mães das atletas em detrimento de seus pais. Como principais ocupações destes últimos destacam-se as carreiras policiais e militares, enquanto que para as primeiras, os ofícios de professora e do lar. Pelo exposto, é possível afirmar que esta é uma elite dominante em vários marcadores sociais elencados por este estudo para caracterizá-la em termos socioeconômicos, bem como a suas famílias, especialmente no que toca aos indicadores educacionais. No entanto, com exceção deste, parecem os demais figurar de forma inferior à comparação com a elite de homens enxadristas brasileiros (JANUÁRIO, 2017). Se no tabuleiro de jogo rei e dama se situam lado a lado, parece não ser *pari passu* o ponto de partida configurado pela conjuntura multifatorial de suas origens sociais.

4.2. Heredogramas genealógicos sobre a incidência do xadrez

Tabela 7 – Heredogramas genealógicos do xadrez nas famílias das participantes

I)  II)  III)  * Por não haver dados sobre a avó (se paterna ou materna), ela foi indicada nas duas posições (I-1) com linhas descontínuas.	I)  II)  * Não há informações sobre o(a) primo(a) (se paterno(a) ou materno(a)), tampouco sobre o gênero, por isso a sua designação em losango.
I)  II)  III)  IV)  * A omissão de membros ocorre pela não citação.	I)  II)  III)  * O indivíduo II-4 representa a filha da prima da mãe. Já o agente II-N designa primos(as) cuja quantidade, origem e gênero não se sabe.
I)  II)  III)  * O indivíduo II-N retrata primos(as) cujo número, origem e gênero são incertos. O agente III-N descreve sobrinhos(as) em que também se desconhece a origem, quantidade e gênero.	I)  II)  III) 



Legenda: Em cada uma das figuras os homens são representados pelos quadrados, enquanto as mulheres pelos círculos. Losangos indicam pessoas cujo gênero não foi possível apreender. Os algarismos romanos designam as gerações e os arábicos nomeiam os indivíduos dentro das gerações. O preenchimento das formas (figuras pretas) evidencia o contato do membro com o xadrez, enquanto o não preenchimento das formas (figuras brancas) representa a sua ausência ou impossibilidade de apreensão.

Os heredogramas que demonstram a genealogia do xadrez no interior das famílias das participantes, tal qual as tabelas socioeconômicas anteriormente analisadas, podem oferecer instrumentos valiosos de investigação. O primeiro e mais forte indício que as figuras permitem elucidar é a preponderância dos pais das enxadristas com relação à incidência de saberes da prática. Não por acaso, seis das dez participantes deste estudo contaram com o mecanismo da herança cultural familiar (BOURDIEU; PASSERON, 2014) em suas trajetórias e todas elas a partir da figura paterna como vetor de disseminação das pré-disposições e disposições constituintes do *habitus* enxadrístico.

Se é possível atribuir aos pais das enxadristas uma contribuição importante no que tange especialmente à sua iniciação na prática, também se faz importante um adendo sobre o envolvimento em grande parte amadorístico com o xadrez destes patriarcas. Com exceção de WIM 3 e WIM 4, cujos pais possuíam um engajamento com a modalidade em nível de rendimento ou ao menos a prática em algum torneio oficial, todos os demais atribuíram um sentido ressignificado (MARQUES; GUTIERREZ; ALMEIDA, 2008) à prática. Consoante a este quadro de domínio masculino entre os gêneros nas diferentes linhagens sociais verificadas está, por outro lado, a maior quantidade de mulheres sem a coloração na forma que indica a incidência de algum contato com o xadrez ao longo da vida. Assim sendo, se há quem não jogue xadrez na família, muito provavelmente, tudo leva a indicar que esta pessoa é do gênero feminino.

O sentido da transmissão do *habitus* enxadrístico também difere entre as mestres participantes deste estudo e a grande maestria brasileira. Enquanto as primeiras não necessariamente contaram com um vetor familiar na constituição de suas disposições, caso de quatro delas, mesmo assim identificou-se o movimento contrário de socialização e aprendizagem da modalidade. Isto é, foram elas a levar para o seu núcleo familiar – restrito ou estendido – os saberes adquiridos, de forma heterodoxa em relação aos homens, fora de casa. Já para eles, onze entre os doze jogadores contaram com os incentivos caseiros paternos no acesso e continuidade do contato com o xadrez, sendo que apenas um – porém o enxadrista brasileiro mais expressivo em nível mundial de todos os tempos – fora iniciado no esporte, enfim, pela sua mãe (JANUÁRIO, 2017).

Por fim, há menos membros afetados(as) no geral quando se olha para os heredogramas delas. É na ausência que as melhores enxadristas brasileiras são criadas.

4.3. Sínteses das histórias de vida

4.3.1. WIM 1: entre pausas, vozes embargadas, dores, lutos e uma denúncia de assédio, a constatação de que “é difícil ser mulher, ser uma atleta é bem complicado”

WIM 1 tem 25 anos, nasceu na cidade litorânea de Santos, no estado de São Paulo, atualmente residindo na capital. Se formou e tem pós-graduação em Direito na Universidade Federal Fluminense (UFF), após ter realizado os estudos da Educação Básica em instituições privadas de ensino, com bolsa pelo fato de ser enxadrista. É advogada com renda média de R\$: 5.940,00.

À época de sua iniciação no xadrez, sua família era composta por mãe, pai, avó e irmã, sendo tais membros respectivamente uma fonoaudióloga que cursou o Ensino Superior completo, um caseiro que estudou até o Ensino Fundamental, uma professora que pleiteou até o Ensino Médio e uma estudante que está em vias de conclusão do Ensino Superior.

Antes mesmo de sua primeira resposta ao roteiro dissertativo de entrevista, uma pausa. Emoção embargada, desde o convite recebido para o estudo, para falar de si. Alguns minutos se passaram e, após um copo de água, o desligamento momentâneo da câmera e o meu apoio, WIM 1 estava de volta para o diálogo com a câmera novamente ativada. Neste momento nos deparamos com uma dimensão central do trabalho de campo, a modalidade de deixar-se afetar (FAVRET-SAADA, 2005).

Aprendera xadrez por meio de uma amiga próxima – com quem tem contato até hoje – da escola e de uma Organização Não Governamental (ONG) em que frequentavam quando criança aos 6 anos de idade. Vê-se, neste caso, a relevância do capital social como um dispositivo de acumulação do capital cultural (NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2002), este último sendo apropriado segundo vias de transmissão heterodoxas – a escola (JANUÁRIO; MARQUES, 2015a) e o projeto social – em relação àquelas familiares mais comumente verificadas entre a elite enxadrística (JANUÁRIO, 2014, 2017). Descreve este ambiente como uma “bagunça”, mas que tinha um professor de Matemática “que gostava muito de xadrez”. WIM 1 ressalta o alto volume de crianças naquele meio e a habilidade deste professor que “conseguia ensinar

xadrez – que é um negócio difícil – pra um monte de criança que às vezes nem queria estar ali”. Apesar das condições, reforça que este professor ministrava aulas introdutórias da modalidade tão bem que não só ela “deu certo”, como mais umas 10 pessoas do meio conseguiram ganhar Campeonatos Brasileiros de Xadrez. Aponta a mescla de idade das aulas como um fator positivo no que se refere ao convívio e ao mesmo tempo desafiador, uma vez que nelas se relacionavam crianças que estavam aprendendo com as que já jogavam há muito tempo. Nesta mesma época a mãe, mesmo não sabendo jogar, aprendera a notação descritiva utilizada em um famoso livro da área, o “Xadrez Básico”, para lhe auxiliar com a tradução das jogadas. Sendo esta uma das linguagens do xadrez empregada nas obras relativas a ele, é possível notar que a mãe atuou como intermediária da assimilação e compreensão de WIM 1 deste arbitrário cultural, sendo responsável pela decifração desta comunicação, *pari passu*, cultural e pedagógica (BOURDIEU, 2003).

Relata que, depois disso, a sua irmã mais nova também começa a jogar e, embora esta não estudasse muito, não raras eram as vezes em que ouvia que “se ela treinasse seria uma jogadora melhor” do que WIM 1. Exemplo disto é que se recorda de a irmã mais nova ter atingido o terceiro lugar em um Campeonato Brasileiro. Muito embora com trajetórias similares, não compartilhavam treinamentos por possuírem “jeito muito diferente”, sendo a irmã mais ativa e ela, por sua vez, mais “pacata” no que se refere à resolução de problemas, momento de jogo, entre outras práticas que este esporte exige. Enquanto irmãs, pelo fato de cada uma delas “ocupar uma posição singular em seu meio familiar” (GLÓRIA, 2005, p. 41), mesmo pertencendo à mesma família, considera-se a possibilidade de existência de diferenciações entre seus projetos de esportivização. Inclusive, de influência de WIM 1 na qualidade de disseminadora da bagagem cultural e maior experiência no xadrez na possível assimilação da irmã caçula.

O primeiro torneio institucionalizado mais relevante que ganhou aconteceu quando tinha por volta de 10 anos. Conta que, pela mesma amiga que começou a jogar torneios fora, como o Campeonato Paulista, foi influenciada a jogar também. Na ocasião de ter ganho esta primeira competição, começou a ter aulas com um professor mais avançado com a titulação de *FIDE Master* que residia e dava aulas no clube de xadrez da cidade, figura a quem atribui o despertar de seu gosto pelo xadrez. Tal mudança em sua rotina de preparação e treinamento significou, para si, a aprendizagem

do estudo de livros, revistas, programas e biografias enxadrísticas. WIM 1 destaca que este treinador tinha o hábito de treinar mulheres, sendo ela a mais nova entre aquelas que naquele espaço se encontravam. Em relação ao seu professor anterior, indica que este “leva o xadrez bem mais à sério, de teoria, de estudar, de sentar”, enquanto o outro era mais de “jogar sem parar”. A rigidez e a cobrança impostas por este treinador foram, segundo WIM 1, aspectos bons e fundamentais para a sua formação, o que fez com que eles continuassem juntos por muito tempo. Um adendo importante sobre este treinador é que, tal como WIM 1, ele contou com o falecimento da mãe quando era muito novo. Assim, indo treinar com ele logo após o falecimento de seu pai, ela sentia que ele a entendia, acolhendo crises de choro e dando espaço para que ela se expressasse em todas as vezes que isso ocorria.

Na escola, a despeito de ser particular, não havia aula de xadrez. Convivia com um grupo de dois meninos campeões brasileiros que representavam o colégio em competições oficiais e se sentia incluída, uma vez que “essa coisa de jogar com homem”, para ela, sempre foi muito presente. Entretanto, muito embora houvesse essa integração, recorda que eles a “tratavam igual menino”. Percepção incorporada, enraizada na anuência das dominadas em relação à preponderância do arbitrário masculino em relação ao feminino, tal expressão naturalizada do *habitus* de WIM 1 demonstra a adesão dóxica, crença pela qual não se questiona e que produz a violência simbólica que ela própria sofre (BOURDIEU, 2012a).

Voz embargada, câmera desligada. Neste momento, antes mesmo de seguir com a sua trajetória de ascensão, WIM 1 se recorda de que nesta época em que era mais nova a família não tinha muito dinheiro, o que coincidiu com o falecimento de seu pai. No contraponto, ressalta o quão o xadrez foi bom para toda a família nesta fase, sobretudo para a irmã e ela que ganharam bolsas em instituições escolares em razão da prática e, portanto, tinham mais chances de viajar para os torneios. Sentia-se cobrada pela família pois sabia que, se não fosse a bolsa, não teriam condições de arcar com o colégio em que estudavam. Conta que a mãe se esforçava muito para tal, sinalizando uma *illusio* tanto no que toca a aspectos interiores que a impeliam a investir no xadrez como exteriores, a partir de um universo de objetos socialmente ofertados ao investimento (BOURDIEU, 1998b), ao ponto de a mãe pedir dinheiro emprestado para torneios e dormirem no carro serem práticas normalizadas em diversas ocasiões.

Após esta importante interrupção, retoma a sua escalada ao sucesso nomeando os torneios que venceu e colocando um ponto de inflexão para a conquista de seu título máximo que foi a participação no projeto “Rumo à Grande Maestria” desenvolvido pela federação internacional que rege a modalidade que abarcava, por sua vez, oportunidades para meninas e mulheres da América Latina como aulas com Grandes Mestres e períodos de intercâmbios competitivos na Europa. No retorno de um deles, na ocasião de um Campeonato Sul-Americano no Uruguai, obtém o título de *Woman International Master (WIM)*. De volta à escola na semana seguinte, recebe a fala forte de um professor sobre a qual, segundo ela, não se esquece do desincentivo: “você sabe que não dá pra viver disso, né? Você sabe que você vai reprovar de ano, você sabe que você não vai ser ninguém, você tem que parar com isso”. Sendo esta uma memória sedimentada por WIM 1, nota-se que um dos traços da violência simbólica exercida pelo professor é a disputa que funciona pela estruturação do pensamento e da mentalidade, luta cognitiva que persiste mesmo em um sistema forte e fortemente fechado sobre si mesmo como é o escolar (BOURDIEU, 1996b). Pela intensa dedicação ao projeto e alto volume de torneios jogados, neste ano repetiu o seu ano escolar por falta, deixando chateada a mãe que cobrava, além do xadrez, um bom desempenho também no colégio.

Entre as suas abdições para chegar onde chegou traz que a dedicação exigida a impedia de sair com a família e havia uma preocupação grande em estar o mais preparada possível para as competições. Elencou, por fim, o tempo como o seu maior investimento, aquilo que as pessoas têm de mais pessoal (BOURDIEU, 1998b). Já no que diz respeito às suas expectativas, tentava continuar a ir bem por si e por sua família, principalmente porque sabia que o dinheiro advindo do contrato com equipes auxiliava muito o seu núcleo familiar, para além da vontade de fazer a mãe feliz. WIM 1 se recorda, com voz embargada, de um torneio aos 10 anos em que a mãe chorara de felicidade, fato este que não voltou a acontecer. Conta que a esperança sobre ela também era depositada por parte de sua família e de seu treinador do clube. Para além do aspecto financeiro, aponta as oportunidades de viagem e de ter uma escola melhor que o xadrez lhe trouxera.

No que tange aos seus temores e aflições, lamenta muito não ter se classificado para uma Olimpíada de Xadrez, sendo este um desejo muito forte que possuía e cuja proximidade da vaga se deu por algumas vezes, porém sem nunca se concretizar. A

probabilidade de ainda ir, muito embora não considere este o momento mais adequado, ainda existe em alguma fase mais tranquila de sua vida, uma vez que o assunto ainda persiste para ela como uma *illusio* pela qual ainda se valeria investir, regime particular de um desejo em outros tempos não cumprido (BOURDIEU, 1998b).

Em relação à sua trajetória, aponta uma pequena interrupção no ano seguinte em que obteve a sua maior titulação no xadrez, pois precisava terminar o Ensino Médio e tinha uma preocupação grande em passar em uma faculdade pública. O curso de Direito, para WIM 1, foi um vislumbre após ter vivenciado um processo dolorido na ocasião do falecimento de seu pai aos 12 anos, mais precisamente, relativo a aspectos de inventário e de sucessão. Percebeu que a mãe, naquele momento e por falta de aparato de advocacia, encontrou-se desamparada.

Nunca chegou a se considerar uma profissional de xadrez devido às incertezas e pressões que a carreira lhe exigiu. Considera ter tido um bom percurso, a despeito de não ter alcançado a Olimpíada de Xadrez, pois sem o esporte teria tido uma vida completamente diferente. Atribui a paciência e a perseverança enquanto duas qualidades importantes a se ter para exercer a modalidade e com as quais pôde contar. A conquista do título máximo feminino a ser alcançado por uma brasileira, para WIM 1, significou que teria que continuar se provando, sendo a pressão aumentada pelos bons resultados que os justificariam. Quando eles não eram presentes, o seu sentimento era de culpa. Não atribui nenhum talento à sua trajetória mas, pelo oposto, muita dedicação e treinamento. Sobre isto, é enfática e rompe com todo o encanto que assola o imaginário deste constructo (BOURDIEU, 2017): “se fosse sobre talento, o Brasil tem várias boas jogadoras. Eu acho que talvez seja alguma coisa mais estrutural”.

Por jogar muito bem, em Santos, relata não ter disputado tantos torneios femininos, atuando mais na categoria absoluta do esporte. Achava que era mais importante ganhar o naipe absoluto do que o feminino, percepção construída pela dificuldade dos torneios nesta categoria disputado e pelo pouco desafio enfrentado no feminino, onde ganhava muitos torneios. Aborda uma resistência de meninos e homens não gostarem de perder para ela, os quais reagem saindo bravos, sem cumprimentar ao final da partida ou, mesmo, jogando as peças. Em relação às questões de gênero, finaliza o diálogo com uma grave denúncia de assédio, a qual a fez se sentir culpada por não

falar sobre ela ou tomar medidas por muito tempo. Nela, estão envolvidos um entusiasta da modalidade que chegou a ter entrada na confederação nacional e um de seus treinadores. Conclui, sobre o episódio, que “é difícil ser mulher, ser uma atleta é bem complicado”.

WIM 1 está há dois anos sem competir, época coincidente com o término de sua faculdade e pressão por entrar no mercado de trabalho. Neste momento, sentia a vida sem sentido e sem propósito nenhum como um luto, visto que parte de si “morreu” – pelo fato de estar ligado de múltiplas formas principalmente ao *habitus* e à *hexis* corporal, o capital cultural depauperado e morre com sua portadora (BOURDIEU, 1998b). Este afastamento do xadrez culminou em transtornos psicológicos e, em vista disto, iniciou acompanhamento profissional a fim de lidar com o maior tempo livre de que dispunha e resgatar outras práticas de que gostasse. A supervisão psicológica, segundo ela, seria um fator que, caso tivesse tido antes em períodos de elevada cobrança, teria afeito chegar mais longe. Atualmente, continua a acompanhar dolorosamente o que acontece no certame por meio de notícias e fatos do meio enxadrístico, *illusio* cujo amálgama é de melancolia e esperança (BOURDIEU, 2017).

4.3.2. WIM 2: a interdependência das instâncias socializadoras da escola e do projeto social na construção do *habitus* enxadrístico

WIM 2 nasceu em Criciúma e atualmente reside em Içara, ambas cidades do estado de Santa Catarina. Com 24 anos, é a mais nova entre as mestres, tendo cursado a Educação Básica no setor público de ensino e o Ensino Superior com bolsa no privado, nomeadamente no curso de Educação Física da Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC). Suas ocupações versam entre atleta e professora de xadrez, as quais lhe proporcionam uma renda média de R\$: 13.200,00.

Na infância, sua família nuclear era composta por sua mãe, a qual cursou o Ensino Médio, já fora auxiliar de escritório e atualmente é aposentada, o seu pai, que estudou até o nível de escolaridade do Ensino Superior e é serenista e a sua irmã mais nova, também estudante do Ensino Superior.

WIM 2 teve os seus primeiros contatos com a prática do xadrez por meio de uma professora na grade curricular das aulas de Educação Física de sua escola pública, entre os 10 e 11 anos de idade. Segundo ela, a despeito de não ter metodologia e um grande aparato técnico enxadrístico, a profissional oportunizava em seu cronograma semestral a vivência com várias modalidades, nas quais o xadrez estava incluído. Para além deste esporte, praticava as atividades complementares do handebol, teatro, oficina de desenho e pintura. Logo após um ano, como uma brincadeira e algo pelo qual se identificava, já representava o xadrez pela escola nos Jogos Municipais da cidade. Novamente um ano mais tarde, após a criação do projeto social⁴⁴ “Xadrez que Educa”, sua escola recebeu a contemplação de aulas no contraturno, por cerca de três vezes semanais e duração de três horas por dia, com o seu primeiro treinador – o qual a acompanha até hoje – que, sendo técnico e atleta de longa data, a possibilitou uma visão do xadrez para além, até então, das suas regras. A partir deste marco e contato com a metodologia do treinador, a qual abarcava todas as áreas do xadrez com ênfase aos aspectos táticos desde o início do treinamento, seu aprofundamento técnico no esporte se deu sem cessar.

WIM 2 aponta que o sucesso do treinador no projeto social se dava a partir do enlace entre o apoio financeiro recebido pelo município e alguém que acreditava naquilo que estava fazendo e nos(as) alunos(as), relação esta que vingou logros. Um destes foi a sua própria irmã mais nova, a qual fora três vezes vencedora de categorias do Campeonato Brasileiro e, embora já não jogue mais, constituiu um entre os vários outros exemplos de jogadores que deram certo a partir desta iniciativa. Tal qual WIM 1, novamente cogita-se que a irmã mais nova, usufruindo do ambiente e das vivências acumuladas por WIM 2 por meio de um capital cultural cujas instâncias de socialização foram inicialmente a escola e, depois, o projeto social, possa ter tido algum proveito em seus primeiros passos enxadrísticos.

Foi logo após dois ou três meses de início neste projeto social que participou de sua primeira competição institucionalizada, de 13 para 14 anos, os Jogos Escolares de

⁴⁴ WIM 2 é consciente de sua origem advinda, dentre outros espaços, de um projeto social. É defensora destas iniciativas, as quais foram fundamentais para a sua formação, a despeito da existência de fomentos privados. Acredita que, junto com o apoio familiar e a dedicação individual, estas constituem uma tríade fundamental para atletas que queiram prosseguir em suas respectivas carreiras. É crítica às ocasiões em que tais políticas de governo não se tornam políticas de estado, enfatizando a importância da implementação, mas também continuidade destas ações.

Santa Catarina. No âmbito deste projeto social aponta um grupo heterogêneo de crianças e adolescentes em que foi por muito tempo, “se não sempre”, uma das mais velhas. Os treinos eram conduzidos para quem era mais avançado(a) e quem tinha dificuldade acabava, ao longo do processo e não de forma excludente, aprendendo. O ganho de material foi se dando aos poucos, favorecendo assim a estrutura dos treinamentos. Neste sentido, pela pedagogia em que se pautava, o projeto social se assemelhou à escola no que se refere a uma esfera onde só são excluídos(as) os(as) que se excluem (BOURDIEU; PASSERON, 2014).

Ainda sobre o modo como o aprendizado aconteceu, a via em que a irmã aprendeu xadrez, seu primo e também o pai contou com o movimento contrário de ensino de WIM 2 de “fora para dentro” que, em contato com o xadrez na escola e no projeto social, o levava para o interior de seu âmbito familiar. É importante notar que ambos, assim, tiveram uma iniciação já muito diferente do que a que ela própria teve, com o capital cultural transmitido de forma hereditária e, portanto, carregado pelas marcas dissimuladas e inconscientes de suas condições primitivas de aquisição (BOURDIEU, 1998b). Com a irmã, relata a presença de lembranças em todos os primeiros anos, com a qual, diferente de WIM 1, compartilhava treinamentos e competições.

Menciona que o seu interesse pelo xadrez foi primariamente construído por meio da conquista de pequenos êxitos, frutos de treinamentos intensos, desde muito cedo. Para além, gostava muito de aulas coletivas, de ter tarefa para casa, dos exercícios que eram passados e tudo o mais o que era dever que lhe agregava. “Tarefa dada era tarefa cumprida”, revela ao se referir à dedicação individual que, desde o começo, tinha com as tarefas de casa que eram entregues sempre até o prazo estipulado. Complementa que o seu treinador “contava nos dedos de uma mão” os dias em que faltava pois, segundo ela, era algo “que não podia acontecer”. Tais posturas caracterizam a boa vontade cultural de WIM 2, marca indelével das classes que buscam a ascensão por meio da incitação à cultura, à ortodoxia cultural e à devoção cultural, neste caso, em relação aos treinamentos que recebia (BOURDIEU; PASSERON, 2014; VALLE, 2015). Contextualiza, enfim, que é importante que esta dedicação individual esteja acompanhada de apoio para que a pessoa consiga simplesmente pensar em se dedicar a

seu aperfeiçoamento, privilégio que pôde contar. Financeiramente, por meio do aporte público. Moralmente, por meio da sua família.

Em casa, tentou ensinar a todo(as), sendo a sua mãe a única pessoa que não se interessou tanto pela atividade, segundo WIM 2, pela sua personalidade mais agitada e ativa⁴⁵. Já profissionalmente, como professora de xadrez particular e de um projeto social bastante similar àquele que na infância e juventude participou, reproduz (BOURDIEU, 2014a) a relevância da característica da dedicação, para além das aulas ministradas. Segundo ela, é fulcral que haja um momento individual em que o(a) aluno(a) reflita, sozinho(a), sobre aquilo que foi aprendido. A ênfase na busca de resultados imediatos, para ela, também seria pouco produtiva em vista da dinamicidade do jogo e da impossibilidade de controlar tudo o que nele há para aprender.

Em uma trajetória contínua e sem interrupções, com exceção dos anos pandêmicos, relata não ter expectativas iniciais sobre si, mas contava com aquelas visionárias oriundas de seu treinador. Com dois anos de treinamento, por exemplo, este já vislumbrava a participação de WIM 2 em uma Olimpíada de Xadrez, o que mais tarde acabou se concretizando. Particularmente a Olimpíada de Xadrez de 2016 que aconteceu em Baku, no Azerbaijão, fora um divisor de águas em sua vida, ocasião esta em que viveu momentos com grandes nomes do enxadrismo mundial e decidira, então, tornar o xadrez a sua profissão enquanto atleta e professora, se matriculando no ano seguinte no curso de Educação Física com este intuito. É importante notar que 2016 era um ano sabático para si e com forte suporte familiar, uma vez que no ano anterior havia terminado os estudos básicos e neste, portanto, seu planejamento era se dedicar aos treinamentos e competições.

O título de *Woman International Master (WIM)* foi obtido de forma direta após a disputa de um Campeonato Sul-Americano Sub-20 no Paraguai no qual sagrou-se campeã. Visualiza esta conquista não por si só, mas como fruto do treinamento para o título a este posterior no naipe feminino. Mesmo tendo sido consequência de um processo delineado junto ao seu treinador, se sente orgulhosa pois sabe que este é de

⁴⁵ Ao mesmo passo em que parece ter sido um impeditivo para que a mãe lograsse gosto pela prática do xadrez, WIM 2 em seguida comenta que, enquanto professora, a mesma personalidade mais movimentada é responsável por encontrar, entre seus(uas) alunos(as), um ponto de tranquilidade no xadrez.

posse de pouquíssimas mulheres no Brasil. Neste sentido, o título de *Woman Grandmaster (WGM)* é um tabu que para ela ainda é necessário quebrar, sendo a recente construção histórica do papel da mulher na sociedade, o fato de as mulheres terem jogado xadrez mais tarde, o preconceito de uma cultura familiar que restringe as competições às meninas e mulheres e a predominância masculina no ambiente competitivo fatores a serem levados em consideração no fato de não haver nenhuma brasileira detentora de tal titulação. A estas hipóteses, coadunam Dourado e Trivilin (2020).

Aponta a limitação financeira como o maior de seus entraves, sendo privada de disputar competições no exterior, por exemplo, por este motivo. Atualmente, considera-se profissional desde a entrada na equipe olímpica de xadrez brasileira em 2016 na medida que tem uma rotina de treinamentos e dedicação às competições com um calendário oficial durante todo o ano. No entanto, comparada às modalidades esportivas hegemônicas, recorda que no xadrez não há um retorno financeiro tão alto, tampouco o suporte de órgãos públicos, sobretudo da esfera federal. Por seguinte, segundo WIM 2, isto faz com que tenha que “andar com as próprias pernas, o que faz com que a caminhada seja muito mais lenta” para subir de patamar. Neste ponto é possível perceber que os processos socializadores não são livres de autoridade, sofrimento ou renúncia, mas da luta contínua entre projetos e propostas distintivas. “Humanizam ao mesmo tempo que condicionam a um tipo de formação com mais ou menos liberdade” (SETTON; VIANNA; NEVES, 2022, p. 17).

Recorda-se muito pouco da sua vida antes do xadrez, tendência da conjectura de seu *habitus* (BOURDIEU, 2007), sendo que quase todas as suas lembranças envolvem treinamentos, competições e viagens. Ressalta a afinidade entre o estilo da modalidade e uma personalidade mais tranquila, bem como características como a concentração, a paciência, a tranquilidade, deveres, responsabilidade individual, dentre outras que podem ser lidas como o enlace entre o operador prático do *habitus* e as propriedades que definem o seu estilo de vida (BOURDIEU, 2003). Sobre o talento, o considera uma aptidão que vai ser desenvolvida para dada habilidade e, neste sentido, acredita que tenha algumas, ao mesmo passo que não tenha outras.

Reconhece que o seu estado, Santa Catarina, possui algumas facilidades em relação ao certame de outros à nível nacional como, por exemplo, “um calendário de competições anuais que incentiva as cidades a manterem o xadrez como uma modalidade efetiva que se mantém ao longo do ano em relação aos seus treinamentos e competições”. De acordo com WIM 2, em seu estado há muitos(as) enxadristas que iniciaram na prática advindos do meio familiar e, por sua vez, esta cultura incentivaria gerações ao longo da modalidade. Revela ter sido este o tema de sua monografia, porém no contexto do xadrez russo, chegando a relacionar este aspecto da cultura lá presente, em uma “escala imensamente menor à Santa Catarina, à nível de Brasil”. A diferença, segundo ela, é que aqui não haveria políticas de longo prazo, o que faria com que atletas de base, por exemplo, não seguissem suas carreiras em detrimento de não terem incentivos ou não verem futuro naquilo. Ainda sobre o apoio familiar, WIM 2 é consciente de que quanto mais cedo ele houver, mais naturalmente e rapidamente seria possível alcançar patamares técnicos de uma forma mais precoce. Neste sentido, é ciente de que teve que “correr muito atrás do prejuízo por iniciar um pouco mais tarde” e “suar um pouco mais ou desnecessariamente”. Caso tenha filhos(as), é algo que a eles(as) gostaria de, por sua vez, oportunizar.

A partir do xadrez, se torna defensora de muitas coisas como, por exemplo, “o esporte apoiado pelo setor público e não apenas pra quem seja mais favorecido” e a popularização da prática para mais pessoas, bem como a extensão dos benefícios que ela pode trazer. Nesta direção, cita a elitização histórica que a modalidade carrega consigo, itinerário mais detalhadamente percorrido de maneira sócio-histórica por Souza (2010):

Acredito que o xadrez há muitos anos tem sido colocado como parte de um estereótipo de elite, então você ir a clubes praticar xadrez ou aquela visão do senhor praticando, pessoas realmente mais favorecidas financeiramente. E é um trabalho de muitos anos que o xadrez tem sofrido pra se massificar. É o que acontece também na Rússia, a partir do momento que você coloca o xadrez nas escolas, você torna essa prática mais acessível pra população de massa. Realmente os números fazem os talentos surgirem, então você tira de um grupo específico e faz com que crianças e jovens tenham acesso e tira o estereótipo de algo chato, que seja monótono. O que nós sabemos que não é nada disso, envolve muitas emoções. Então ele é historicamente associado a essa classe social, mas com essas políticas de massificação a gente tem realmente popularizado a prática.

Da criança que foi na época em que iniciou no xadrez, acredita que até hoje fica alguém sonhadora que nunca imaginava onde ele ia a levar. Permanece, também, a filosofia de que ao plantar coisas boas, com persistência e sem imediatismo, alguma coisa boa há de se colher. Em relação ao gênero, embora saiba de muitos relatos e conheça várias histórias, se considera uma “raridade” e “privilegiada” por não ter vivenciado nenhuma situação que a desincentivou ao longo de seu trajeto enxadrístico, cenário bastante diferente daquele vivenciado e denunciado anteriormente por WIM 1.

4.3.3. WIM 3: o privilégio de uma estrutura familiar com a “força e o amor” possíveis quando se tem um pai como treinador

WIM 3 tem 32 anos, nasceu na cidade de Rio do Sul e atualmente reside em Jaraguá do Sul, ambas no estado de Santa Catarina. Coursou as etapas da Educação Básica e do Ensino Superior no âmbito privado de ensino, culminando na realização do curso de Direito na Faculdade Católica de Santa Catarina (FCSC). Tem como ocupação ser servidora pública de seu município e por isto acumula uma renda média familiar mensal de R\$: 12.000,00.

Quando mais nova, sua família conformava-se pela sua mãe, seu pai e mais duas irmãs, respectivamente a primeira tendo cursado até o Ensino Médio e sendo do lar, o segundo realizado o Ensino Técnico e sido bancário e as duas últimas, por sua vez, cursaram até o Ensino Superior, sendo a irmã do meio oficial de justiça e a irmã mais velha empresária.

WIM 3 iniciou bem cedo e antes mesmo de ter memória no xadrez, visto que o seu pai era jogador e a ensinou a posição inicial, isto é, como se posicionam as peças no tabuleiro quando tinha 1 ano e 8 meses. Depois disso, no entanto, não insistiu para que aprendesse, atributo da cultura herdada que não tem a marca do esforço mas, por outro lado e como há de se verificar, todas as aparências da facilidade e da graça (BOURDIEU; PASSERON, 2014). Por sempre ver os tabuleiros em casa e também os troféus do pai, aos 6 anos de idade pediu, por curiosidade, para que ele lhe ensinasse:

Eu lembro exatamente onde o pai guardava o tabuleiro que era em uma sala que ele tinha o computador, né? Na época ter um computador era ter a sala do computador [risos]! E aí tinha um espaço embaixo, em uma prateleira ele deixava um tabuleiro que era de madeira, então ele ficava virado e tinha as pecinhas embaixo. Então de vez em quando eu bisbilhotava as coisas, mexia e brincava com aquilo. E aquelas peças eram peças que eram dele e que ele treinava.

O pai aprendera com o avô que “mal sabia mexer as peças” e que, segundo WIM 3, o “ensinou tudo errado”. Aquele era uma pessoa nervosa e, sempre que o seu pai – depois de iniciado, autodidata uma vez que nunca tivera um treinador – com ele jogava, o deixava ganhar para sempre praticarem. O processo de sucessão geracional neste caso tendeu ao conflito, visto que representava o fim de um tempo do avô e o início de algo novo pelo pai (TOMIZAKI, 2010), representado pelos símbolos e valores que o xadrez carregava na família. Tal relação guarda conexão com as peças que WIM 3 começou a jogar xadrez por meio de uma inusitada história:

E aí teve um dia que o pai disse “não, hoje eu vou me testar e vou ganhar todas”. O meu pai ganhou e o meu vô ficou muito nervoso e ele jogou as peças no fogo! Eles tinham fogão à lenha, né? Ele jogou no fogo, aí o meu vô saiu e o meu pai e a minha vó foram catar. E aí foram com essas peças que eu aprendi, né? Peças bem chamuscadas, o tabuleiro também, então tinha essa história engraçada [risos].

Seu pai começara a frequentar o clube de xadrez de Rio do Sul, espaço muito antigo, de história e elitizado. Faz-se relevante notar que foi exatamente no espaço do clube, outrora instituição inglesa caracterizada pelo associativismo e burocratização parlamentar, que a transição do xadrez como um jogo ou lazer intelectual ocorreu para uma prática com contornos altamente esportivizados (SOUZA, 2010). Entre seus frequentadores estavam médicos e um grupo muito rico que faziam com que o pai de WIM 3, sendo mais novo, não fosse ali tão bem-vindo. Frequentava e jogada partidas mas, mesmo sendo tecnicamente melhor do que outros membros, dado o *nomos* e a ortodoxia do espaço, não era selecionado para compor as equipes que jogavam grandes competições. Entre os seus feitos, o pai que viria a se tornar o seu primeiro treinador

detinha alguns títulos na categoria adulta estadual, o que lhe garantia uma boa noção na modalidade. Após a juventude, passou em um concurso enquanto bancário, se casou e desde então se dedicou a ensinar as filhas mais velhas, as quais não se interessaram. O nascimento e interesse de WIM 3 pelo xadrez, gravidez de risco pela qual o pai esperava um menino para conseguir ensinar este esporte, representou “o sonho que ele estava realizando também dele como jogador, assim, né? De poder viver tudo aquilo de novo e me acompanhar, né? Então foi bem especial pra ele também”. Verifica-se aqui uma das principais mediações da entrada da *illusio* masculina, quer seja, a identificação com o desejo do pai de ser continuado, o que acarretará na adesão ao jogo e suas implicações tidos como interessantes em um dado universo social (BOURDIEU, 1998b).

Mesmo caseiros e com duração gradativa conforme seguia crescendo, os treinos quase sempre noturnos com o pai por vezes envolviam a mãe e as irmãs pra testar aquilo que era aprendido. As seções carregavam teor de seriedade, grau de adesão ao jogo intelectual e aos valores que ele envolve típico de grupos sociais favorecidos (BOURDIEU; PASSERON, 2014), como explicita: “então eu tinha muito suporte do meu pai que era o meu treinador e ele levava muito à sério e fazia eu levar à sério os treinhos que eu tinha com ele”. Este rigor educativo ficara marcado em uma frase que WIM 3 relata ter ouvido do pai de forma a martelar a sua cabeça: “se você quer jogar xadrez, você vai levar à sério”. Ao chegar da escola, por exemplo, almoçava e a primeira responsabilidade era o xadrez e não as tarefas da escola. Relata que a trajetória com o pai a ajudou muito, pois ele tinha uma força além do que sabia para a ajudar, ao mesmo tempo em que às vezes conflitavam por ele ser seu pai. “Quando era pra ser pai, era técnico”, comenta. Tais diferenças, entretanto, afloraram apenas lá pela juventude, quando ficara mais corajosa e com a determinação de não aceitar mais certas coisas. Cita a comunidade enxadrística como importante para o seu acolhimento, neste sentido:

E como eu comecei muito novinha, praticamente as pessoas do xadrez viraram minha família! Então, muita gente que me agarrava, que me cobria às vezes vendo que eu precisava chorar, que eu precisava de um abraço, pela cobrança ali do meu pai, pela forma que ele lidava também. Então as pessoas me adotavam no meio do xadrez e aí você passa a vida conhecendo essas pessoas, então tudo isso vai te amarrando ali naquele ambiente, né?

Na sequência, começa a frequentar o clube de xadrez de Rio do Sul uma ou duas vezes por semana, para além de lá contar também com um professor. Quem a levava para lá eram as irmãs, as quais não gostavam muito, mas tinham que fazer isso para que WIM 3 jogasse com pessoas diferentes. Distantes em relação à idade, sendo entre a mais velha respectivamente dez e a do meio oito anos de diferença, WIM 3 comenta a existência de certo ciúmes por parte delas pois os pais viajavam mais contigo e as deixavam um pouco sozinhas, não havendo, assim, tanto convívio entre as três. Evidencia-se aqui uma relação de predileção parental por WIM 3, fator que pode interferir na posição da fratria e, por consequência, no desvelar de seus processos de socialização (GLÓRIA, 2005), como é o caso do esportivo. Recorda-se de um único ano em que disputaram uma edição de Jogos Escolares em conjunto, para além de um campeonato entre cidades. Segundo ela, as irmãs jogavam porque se sobressaíam em âmbitos como o escolar, não porque gostavam.

Atribui algumas de suas conquistas à escola, uma vez que era bolsista e a representava em competições, para além de ajudar o pai nas aulas que ele lá ministrava. Para além, deve seus êxitos à televisão, “formidável instrumento de manutenção da ordem simbólica” (BOURDIEU, 1997, p. 20) da imprensa local, a qual o pai fazia questão que ela aparecesse e era motivo pelo qual era bastante conhecida pela geração mais antiga da cidade. Já no clube de xadrez de Rio do Sul, tinha a oportunidade de encontrar pessoas de diversificados níveis técnicos, o que lhe atraía. Com a aposentadoria do pai, conta que este se tornara presidente deste clube e também técnico de xadrez da fundação municipal que norteia o esporte na cidade, formando um contingente de alunos(as) de bom nível. No clube, a sua prática era muito mais de jogar e analisar partidas pensadas.

Inicia nas competições institucionalizadas em categorias inferiores do que as impostas e logo na primeira sagra-se campeã, deixando toda a família feliz. Seguiram-se a esta Campeonatos Brasileiros, Pan-Americanos e Mundiais nos quais pôde acumular aprendizados e experiências. Disputava sempre em categorias acima da sua e entre homens, algo hoje comum, mas raro em sua época e ainda mais por se considerar que morava em uma cidade longe dos grandes centros enxadrísticos como São Paulo, por

exemplo. Sobre a constante prática com meninos e homens, a qual moldou o seu *habitus* generificado (SILVA, 2016a, 2016b), comenta:

Mas depois foi sendo natural pra mim, então eu lidava naturalmente com isso e acho que, com o passar do tempo, eu passei a me sentir mais à vontade de jogar os torneios com os homens do que com as meninas porque no feminino eu tinha uma pressão de sempre ser a número 1 ou estar entre as melhores e de todo mundo esperar que eu ganhasse ou ficasse ali entre as melhores. E no absoluto parece que eu tava solta, assim, sem ninguém criar muita expectativa sobre mim. Então às vezes acabava o meu nível indo mais acima do que eu jogava, assim, né?

Muito embora estivesse acostumada aos conflitos entre gênero, aponta que eram comuns reações desmedidas quando meninos e homens perdiam para ela, bem como brincadeiras advindas de terceiros no caso disso ocorrer. Ademais, notava certa mudança de postura e sentimentos de menosprezo que refletiam o medo de perderem para ela. Posto alegar não ter sofrido discriminação, sentia esses “ares” em determinadas partidas, o que a motivava: “eu vou te provar que eu sou menina mas eu gosto do mesmo jogo que você gosta”. Sente ter feito muitas amizades assim em que a pessoa chegou com esta postura, jogaram e depois puderam analisar e conversar sobre o jogo. Constituindo a sua identidade supostamente como um traço natural, é possível notar que a prática com meninos e homens proporcionou a existência de acontecimentos repetidos que reatualizaram discursos históricos e culturais – WIM 3 poderia, por outro lado, resignar ou se declinar nestas ocasiões – próprios de uma *performance* de gênero desafiadora do estereótipo de afabilidade e delicadeza a ela esperado (BORBA, 2014).

Com o aumento dos conflitos paternos e a nivelação de força enxadrística entre WIM 3 e o pai, na adolescência pediu para que ele não fosse mais o seu treinador, percebendo também certa limitação em seus conhecimentos, mesmo até ali tendo já ganho títulos expressivos: “era mesmo uma força de jogo, de virar a partida, eu acabava

ganhando nos trancos e barrancos [risos]”. Esta foi uma fase de transição⁴⁶ complicada, pois sentia algo mal resolvido entre o período em que deixava o pai e procurava outra pessoa para acompanhá-la: “eu tinha todo esse acompanhamento do meu pai e é como se eu precisasse fazer um desmame, assim, porque estava grudada no meu pai”. Processos relativos à sucessão e contradições da herança, neste momento para seguir adiante WIM 3 necessitou negar aquilo que era ofertado pelo pai, rejeitando pura e simplesmente os trâmites de herdar e ser herdada geracionais (BOURDIEU, 1998b).

Depois de ter aulas com várias pessoas, inclusive professores cubanos, conhece enfim o seu novo treinador, o qual foi um divisor de águas pois a partir dele começou a ver o xadrez como algo mais profissional. Embora buscasse uma ruptura com o seu pai, WIM 3 comenta: “mas o interesse dele por mim, a vontade dele, a torcida dele pra que eu fosse bem ela era mais parecida com o meu pai. Então eu me sentia mais acolhida por ele. Adotada, digamos assim, né?”. Este treinador a considerava um diamante bruto a ser lapidado, uma vez que ao mesmo tempo tinha bastante conhecimento, a parte que o pai lhe passara, ao passo que não sabia ter tantas ideias de como se inicia o jogo, ou seja, na fase da abertura. Para além, aponta o contraste entre o jeito super confiante do novo treinador e o seu costumeiro pessimismo, de modo que ele a ajudava muito nesta parceria. Treinos individualizados *online*, várias metas de estudo, encontros presenciais a cada seis meses no formato de intensivos faziam parte de sua rotina de preparação e treinamento. Vê-se que, para além do capital cultural, a família detinha também certo capital econômico para financiar as várias modalidades de treinamento de WIM 3.

Obteve o título de *Woman International Master (WIM)* em um nível em que já se preparava para a titulação de *Woman Grandmaster (WGM)*, honraria sobre a qual detém duas normas e uma frustração de não ter conseguido a terceira e última. Desde então, várias questões internas, de decepção e particulares a desincentivaram a seguir, desde torneios em que ficou perto de obter a última grande norma até a situação de sua gravidez, dos 19 para os 20 anos, “ainda muito jovem”, a qual a fez interromper uma faculdade de Psicologia que fazia há dois anos. A despeito da maternidade, seguiu

⁴⁶ WIM 3 explicita certa rivalidade com WIM 4 e, neste momento, aponta que esta saltou na sua frente no *ranking* feminino brasileiro da modalidade, sendo difícil alcançá-la de tão abaixo que ficou de sua força.

jogando xadrez e atingiu o seu auge com o filho pequeno sendo, com o auxílio da família, a primeira atleta do *ranking* feminino brasileiro. Com a idade e a cabeça muito de “menina” e “inocente”, teve um período de dúvidas sobre onde seguir e muito suporte dos pais para continuar jogando. Continuou até o momento em que, já um pouco maior, o filho crescia e notava as ausências da mãe e do pai, ambas quase sempre compostas por viagens de trabalho. Sobre este período de sua maternidade e o que ela lhe acarretou, discorre:

Mas acho que a minha maior restrição particular, assim, foi a da vinda do meu filho. Por mais que eu consegui jogar muitas vezes, sempre tinha um sentimento de culpa de mãe de não estar em casa, se talvez eu deveria estar. Hoje eu vejo, conversando com as mães, que todas as mães tem esse dilema de “será que eu paro de trabalhar?”, “será que eu tô fazendo certo?”, “será que já boto na escola tão novo?”. Eu acho que toda mãe tem um certo dilema nesse sentido e eu tinha também esses dilemas, só que muito novinha então eu também não sabia bem lidar com isso e eu acabava daí me restringindo um pouco, não jogava torneios à vontade.

A percepção de que o filho estava se perdendo, somado a outros aspectos financeiros como a perda de bolsa-atleta federal e estadual, respectivamente, por não considerarem o xadrez um esporte olímpico e pela falta de investimento, juntos, somaram um desânimo e pressão interna que fizeram WIM 3 tomar outros rumos. Já o sonho de se formar academicamente foi retomado anos seguintes quando entrou na faculdade de Direito e, desde então, a área tem gradativamente ocupado os desafios pelos quais o xadrez lhe representava.

Nunca sonhara algo que não pudesse alcançar, sendo pessimista em relação às suas expectativas até a entrada de seu último treinador em sua vida, o qual vislumbrou a concretizar, por exemplo, a participação em Olimpíadas de Xadrez. À época em que era mais ativa, considerava-se atleta profissional porque o seu salário era advindo totalmente das atividades dedicadas à modalidade. Compara diferenças relevantes financeiras em relação ao cenário enxadrístico brasileiro e o do exterior, sobretudo nos subsídios recebidos por atletas no contexto de uma Olimpíada de Xadrez de investimentos, cuidados e visibilidade. Se orgulha de sua trajetória de atleta, profissão

na qual não se pode exercer sem algum patrimônio (BOURDIEU; PASSERON, 2014), que é muito diferente de “um trabalhador comum”, sobretudo em relação ao volume de viagens. Elenca a dedicação e o esforço como atributos pessoais relevantes para o esporte. Sobre o talento, nunca conseguiu se enxergar como alguém que o possuísse mas, pelo contrário e como WIM 1, sendo alguém que é resultado de muito trabalho.

Sobre as questões de gênero, percebia desde cedo que, talvez pela cultura, os meninos focavam mais no esporte e eram mais competitivos do que as meninas, sendo estas últimas praticantes por motivos outros que não estão ligados “ao amor pelo xadrez”⁴⁷. Ela, muito influenciada pelo rigor educativo do pai, entretanto, julga ter tido o foco necessário para competir de forma párea com eles, sendo a competitividade e a constância o seu diferencial, traços de um *habitus* generificado comumente atribuído a eles (SILVA, 2016a, 2016b).

Quando se remete ao apoio familiar recebido: “eu acho que nesse sentido, assim, de família eu fui bem privilegiada de ter nos meus pais um suporte que eu via que não era comum. De ter os meus pais viajando comigo, de ter o meu pai como treinador”. Especialmente em relação ao pai, ressalta a vantagem de ter alguém que não media esforços para o seu aprimoramento como seu treinador, a despeito dos aspectos técnicos que poderia não dominar, sendo este um diferencial. Não descarta, entretanto, um componente individual de dedicação importante:

Eu sempre botei muita força no que eu tava fazendo, muito amor, sabe? As coisas se confundiam ali e eu tinha uma vontade de vencer, de vencer eu mesma, assim. Eu nunca fui de ficar me comparando ou querer ser melhor que alguém, mas eu queria vencer eu mesma.

O filho já fora iniciado ao xadrez pelo pai de WIM 3 e até se interessou, tendo uma camiseta com o seu nome e frequentando algumas vezes o clube. Após a mudança de cidade que a família sofreu, entretanto, WIM 3 optou por não cobrar tanto dele o

⁴⁷ Em quais condições nutrir-se-ia o “amor pelo xadrez”? O pano de fundo familiar e afetivo com que contou WIM 3, para além de suas condições culturais e econômicas, oferece alguns indícios.

desempenho na modalidade, uma vez que já o faz em assuntos relacionados à escola. Preferiu, portanto, manter esta como uma lembrança mais forte entre seu filho e o avô dele, o acompanhando em seus desafios com outras modalidades como o futebol, em que, na similaridade dos desafios e dilemas enfrentados por um esporte, com voz bastante embargada e aos prantos, comenta que o aconselha: “filho, a mãe fazia assim, eu também tinha medo, eu também achava que eu não ia conseguir, também treinava muito, muito e era muito insistente”. Por fim, quando questionada sobre a ausência do avô em suas falas, volta a se emocionar e, aqui e de novo, se configura um momento em que ambas deixaram-se afetar (FAVRET-SAADA, 2005). Após breve pausa e choro, relata que ele falecera há pouco e que era alguém que, embora nervoso, demonstrava-se também muito apaixonado e orgulhoso de seus(uas) netos(as).

4.3.4. WIM 4: do volume de investimentos familiares aos anos ininterruptos como a melhor do país

WIM 4 é a única das mestres que nasceu e atualmente reside na mesma cidade, quer seja, Suzano no estado de São Paulo. Com 31 anos, é também singular em declarar a sua cor de pele enquanto amarela, tendo cursado a Educação Básica e o Ensino Superior em instituições privadas de ensino. Bolsista em ambos os níveis, neste último cursara Administração de Empresas na Universidade de Mogi das Cruzes (UMC) e Gestão de Tecnologia da Informação na Universidade Paulista (UNIP). Tem como ocupação ser integralmente enxadrista e, ao declarar a sua renda média familiar, também fora a única participante a preferir não responder a esta pergunta.

Quando iniciou no xadrez, o núcleo de sua família era composto por sua mãe, seu pai e irmão, os quais respectivamente tinham Ensino Superior e era aposentada, estudou até o Ensino Superior e era autônomo e também cursou até o Ensino Superior e era médico.

Os seus primeiros contatos com a prática enxadrística se deram por meio de seu pai, o qual “era um aficionado do esporte, gostava muito, mas não no nível de competição”. WIM 4 relata que ele até chegou a jogar alguns torneios oficiais, mas não lidava bem com o fator derrota deste esporte. O pai aprendera com um amigo na

faculdade, recebendo influência de notícias de jornais de um Grande Mestre brasileiro famoso que despontava mundialmente lá pelos anos em que iniciara no xadrez. Preferindo assistir partidas, acompanhar novidades e ler sobre a prática, começou ensinando o filho mais velho dos quatro para os cinco anos de idade na modalidade xadrez por correspondência⁴⁸, o qual é pouco mais de 1 ano mais velho do que ela. Sobre o avanço inicial do irmão, mesmo ainda não sabendo jogar, WIM 4 ressalta a sua influência:

E aí ele começou a ir pros torneios e a família inteira ia junto: minha mãe, meu pai, eu e meu irmão. A gente viajava bastante e normalmente eu ficava só assistindo, literalmente apoiada em cima da mesa. Eu ficava quase dentro do tabuleiro ali porque eu queria estar do lado dele assistindo, né?

Com o destaque e o ganho de medalhas e troféus pelo irmão, WIM 4 conta que a rivalidade entre irmãos, pela pouca diferença de idade, começou a se expressar. Tal disputa, propícia em famílias nucleares menores, reivindica o tempo e os recursos dos pais que, por sua vez, tendem a investir mais no(a) filho(a) cujo retorno lhes seja maior com o desvelar do tempo (GLÓRIA, 2005):

“Eu quero isso pra mim, eu também quero ganhar troféu e receber essa atenção que ele tá tendo”. E aí eu também me interessei pelo jogo, vi que aquilo ali poderia ser legal, porque até então eu só ficava brincando com as bonecas, tanto que tem várias fotos que eu tô lá no campeonato de xadrez com as bonecas, carregando as bonecas junto [risos].”

Neste contexto, WIM 4 solicitou ao pai que a ensinasse xadrez pois também queria ter as suas próprias premiações, o qual o fez na mesma idade em que ensinou o

⁴⁸ Forma de prática realizada entre enxadristas de todo o mundo que ocorre por meio do envio de cartas e cartões-postais, os quais contêm, de forma escrita e de acordo com a linguagem algébrica utilizada no xadrez, os lances jogados em uma partida (FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE XADREZ, 2024).

filho mais velho, ou seja, de quatro para cinco anos também com a filha. Sobre o sentimento entre os três, ao mesmo tempo em que se lembra de que era o “saco de pancadas” do irmão no tabuleiro, mas gostava pois sempre ao término das partidas este explicava o porquê ela tinha perdido, quando o pai estava presente também se recorda: “eu lembro que pra mim era sempre tudo uma brincadeira porque era uma coisa que a gente fazia em família. Era um momento que era de nós três, então acho que isso criou laços muito grandes”. É assim que, mais por vias indiretas do que diretas, ocorre a transmissão do capital cultural e de um certo *ethos* constituintes da herança doméstica (BOURDIEU, 1998b). Bagagem, esta, responsável pela diferença inicial entre irmãos diante da experiência esportiva e, conseqüentemente, pelas taxas de êxito nas vivências enxadrísticas. Por fim, considera que o irmão⁴⁹ e o pai foram, em justa medida, os seus primeiros professores.

Se recorda de momentos no sítio da avó em que ganhara um livro de exercícios de *Bobby Fischer* e, sem nem ao menos ter aprendido a ler, os resolvia por tardes inteiras com o auxílio de seu pai, o que gostava de fazer. Neste aspecto, WIM 4 se assemelha à WIM 1 por contar com uma ajuda parental de decifração da linguagem (BOURDIEU, 2003) enxadrística antes mesmo de possuir meios para compreendê-la. Entre as suas lembranças estão também momentos de estudo com o pai, dos quais gostava sempre de um aspecto mais prático, utilizando-se de livros em inglês ou espanhol cujas línguas lhe escapavam, mas eram facilitadas pelo pai. Nota-se, pela posse e uso dos livros estrangeiros, indicadores de capital cultural e econômico do pai.

Desde então, com cinco anos ou menos se deram as suas primeiras competições institucionalizadas, praticamente todas as mesmas que o irmão também disputava. No início só o acompanhava, até que começara a ganhar as suas primeiras categorias em torneios como o Campeonato Paulista. Obtendo maior destaque e atenção de seu pai, ressalta que o xadrez feminino era um nicho muito menor do que hoje e que, por muitas vezes, era a única menina a disputar o torneio, o que nunca foi um problema porque estava sempre acompanhada da família toda. Com os olhares atentos do pai e os

⁴⁹ O irmão, na vida adulta, já chegou a atingir um *rating* de 2.400 pontos e uma norma de *International Master (IM)*, tendo deixado o esporte por considerá-lo um meio incerto e pelas questões financeiras pelas quais se preocupava. Para além da Medicina, sua atual ocupação, anteriormente cursou Engenharia de Automação e Robótica, ambas em universidades federais.

comentários das pessoas sobre uma certa facilidade que teria com o esporte, WIM 4 começou a receber treinamentos mais intensivos do pai, por meio da introdução de livros, por exemplo.

Na escola, considera o xadrez ter sido muito importante por conta da bolsa de estudos recebida para representá-la. Segundo WIM 4: “a nossa família não era uma família que tinha muito dinheiro. Era uma família de classe média normal que tem suas dificuldades, os pais fazem aquelas economias e trabalham, tentam dar o melhor”. Adicionalmente, recorda que ao longo do Ensino Médio o pai chegou a dar aulas extracurriculares na escola para iniciantes, oportunidades nas quais às vezes participavam “brincando com colegas” ou o ajudando a “corrigir lição”.

Ao perceber que já tinha oferecido tudo o que sabia aos filhos em termos de conhecimentos enxadrísticos, o pai contratou o que haveria de ser o segundo treinador dos filhos, um jogador de titulação *FIDE Master* e autor de diversos livros escolares, com quem eles viajavam para ter aulas em cidade diferente da que moravam. Depois deste supracitado treinador tiveram contato presencial também com outro, desta vez que residia em uma cidade ainda mais longe e os demandava maior viagem, o qual tem a titulação de *Grandmaster (GM)*. Se encontravam cerca de duas vezes ao mês. Em seguida, contaram ainda com o acompanhamento de mais um treinador cuja titulação é de *International Master (IM)* por oito anos durante uma frequência de uma vez por semana. Em síntese sobre tamanho investimento, similar porém maior em volume do que aquele de WIM 3, no entanto, WIM 4 adverte:

Pro meu pai poder pagar essas aulas, ele tinha que abrir mão de outras coisas, ele deixava de usar esse dinheiro pra outras coisas pra investir no nosso treinamento. Então a gente não podia ter muitas aulas. Hoje eu sou treinadora de xadrez, dou aulas de xadrez e não é um investimento muito barato, principalmente quando você olha a renda da população brasileira. É um esporte caro se você for querer ter aulas, mesmo, de xadrez, né?

A limitação financeira, segundo WIM 4, persiste até hoje, visto que necessita lecionar para pagar as aulas de seu próprio professor. Esta restrição de não conseguir apenas viver de seus treinamentos, comum entre outros(as) atletas pertencentes à elite

do xadrez no país (JANUÁRIO; MARQUES, 2015b), é possível na condição de recebimento de um patrocínio ou uma bolsa que lhes dê as condições necessárias para a dedicação exclusiva à modalidade, como é caso de WIM 4.

O gosto pela prática, inicialmente pela competição com o irmão, se desenvolveu ao longo do tempo pela predileção por “conhecer o desconhecido”, preferência diletante esta também compartilhada por frações do grupo composto pela grande maestria brasileira (JANUÁRIO; GIGLIO; AMARAL, 2024). Tal capacidade de entender e se identificar com um produto cultural como é o xadrez remete a uma socialização estética pela qual as disposições do *habitus* seriam caracterizadas pela posse anterior de instrumentos de apropriação. “Esse capital cultural derivaria de uma sensibilização anterior, normalmente conquistada no seio familiar e complementada pelas instituições que partilham com o sistema de ensino o gosto dominante” (SETTON, 2010, p. 30).

Obtém o título de *Woman International Master (WIM)* em um Campeonato Sul-Americano Feminino, tendo também adquirido uma norma de *Woman Grandmaster (WGM)*. O significado deste título para si foi de felicidade, ao mesmo tempo que julgava já ter a força para conquistá-lo. Entretanto, destaca os benefícios que ele lhe trouxera como, por exemplo, a isenção nas inscrições dos torneios. Já em 2017 foi a primeira mulher brasileira a se tornar *FIDE Master (FM)*, momento no qual considera que começou a se tornar um “espelho” para a maioria de meninas e mulheres pela responsabilidade que este título lhe trazia e pelo alto volume de mensagens que recebia pelo feito. Por fim, a titulação de *Woman Grandmaster (WGM)* é hoje para si muito mais um sonho do que um objetivo, visto que para alcançar este último seria preciso definir metas, para as quais não dispõe nem de tempo nem de aporte financeiro para perseguir.

Em relação aos seus dois cursos universitários, o primeiro custeou com o salário que recebia do xadrez e o segundo não lhe tivera custos financeiros por receber bolsa integral para representar a faculdade. WIM 4 conta que mal sabia o que era vestibular, dada a sua imersão no universo enxadrístico. Fez o primeiro por ser um curso mais abrangente e atender os pedidos da mãe para que se matriculasse em um curso – enquanto o pai a incentivava a tirar um tempo para que viajasse e decidisse o que realmente iria fazer – e o segundo por se identificar mais com a área e possivelmente ter

a chance de desenvolver uma plataforma de xadrez, por exemplo. Isto demonstra que o investimento universitário só tem sentido se o mínimo de conversão for revertida a quem aplica, sendo esta objetivamente garantida (BOURDIEU, 1998b). Cita a dificuldade em cumprir os estágios de horários fixos, sendo que o único cronograma que estava acostumada a cumprir era o de torneio.

Acumulando a atividade de professora de xadrez com a ocupação de enxadrista, WIM 4 comenta que quando deu a primeira aula percebeu que precisava estudar por uma questão de didática e de proporcionar meios para a transmissão do conhecimento a quem dava aula. Ressalta que, no início, para ela algumas coisas eram óbvias, isto é, naturalizadas pelo *habitus* e por uma desenvoltura cultivada desde muito cedo (NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2002), e para os(as) alunos(as), não.

Apesar de ter sempre colocado o xadrez como o primeiro lugar de sua vida – e isso antes do nascimento do filho – também tem a percepção de que se esta fosse uma prática que não desse certo, faria qualquer outra coisa. E, isso, baseado em experiências de ter visto colegas em torneios agindo de forma desproporcional às decepções que tinham nos campeonatos. Ao presenciar tais situações e sentimentos fortes, WIM 4 era consciente de que não poderia padecer nestas mesmas aflições, com o risco de enlouquecer. Sabia, com base nisto, que não era o que gostaria para a sua vida.

De trajetória ininterrupta, aponta pausa nas disputas apenas no período pandêmico, sobretudo por ter engravidado durante ele mas, como WIM 3, também contou com o auxílio próximo de sua família neste momento. Com isso, jogara duas edições das Olimpíadas de Xadrez *online* que foram organizadas durante este tempo, apontando as dificuldades de o fazer enquanto mãe dada a amamentação livre demanda pela qual dispunha e as câmeras exigidas pelo torneio. Ainda sobre a maternidade e as suas expectativas após ela, comenta que:

Quando você vira mãe o seu tempo meio que não é mais teu, você não é mais dona do seu tempo. Antes eu era dona de mim, eu fazia viagens e se eu não quisesse voltar pra casa eu não voltava, mas hoje eu não posso fazer isso, tenho responsabilidades. Tenho deveres e um serzinho que realmente necessita da minha presença, então hoje tudo o que eu faço eu coloco como um bônus e a minha prioridade é o meu filho.

Considera-se uma jogadora profissional de xadrez desde 2019 dado que toda a sua renda advém do esporte. Entretanto, faz uma distinção importante entre não ter a percepção de ser uma jogadora de alto rendimento, o que talvez poderia ser em uma escala nacional, mas não em uma perspectiva mundial como a que considera. Enumera alguns nichos novos que a profissão abarca, como a atividade de *streamer* ou trabalho com *internet*, as quais desenvolve pouco por envolverem exposição e não ser este o seu perfil. O dinheiro que recebe do xadrez a sustenta, mas não ao ponto de a conferir luxos. É necessidade, mas não prioridade. Provê o sustento, uma vida “melhor do que a população média brasileira”, e que a possibilita pagar suficientemente as suas contas. O seu atual patrocinador, primeiro e único de longa data – mesmo após ter sido durante sete anos ininterruptos a melhor jogadora do país – é quem ajuda nos custos do esporte.

Sobre as diferenças entre o contexto enxadrístico brasileiro e o do exterior, ressalta as questões de organização, quantidade e calendário de torneios que lá fora são mais estabelecidos, possibilitando o planejamento prévio de quem disputa as competições, sobretudo de quem é mãe como ela. Adiciona também que a quantidade de materiais, sobretudo de livros, é maior em língua estrangeira do que em português. Cita o caso de sua própria biblioteca, mais um indicador do volume de seus capitais culturais não só por possuir as obras, mas por deter os códigos das línguas estrangeiras pelas quais eles são escritos (BOURDIEU, 1998b): “eu acho que de todos os livros que eu tenho aqui, eu devo ter cinco em português. Só. E o resto tudo em inglês ou em espanhol”.

Acredita que os atributos pessoais importantes para este esporte são a vontade de ganhar, a competitividade, o talento, o trabalho duro e a consistência. Destes, julga que a competitividade é o que está mais latente em si. Enxerga que o talento tenha sido algo ruim ao longo de sua história, uma vez que, principalmente enquanto mais nova, ganhava muitos torneios facilmente, a privando de maiores estudos. Neste sentido, ressalta novamente a importância da competição, uma vez que ter outras jogadoras que a desafiem é um fator propulsor para que estude e não as deixe a alcançar. Segundo WIM 4, “é assim que funciona o esporte, você tem que sempre estar tentando se superar e ver qual é o seu limite e até onde você pode chegar”.

Na família, para além do pai e do irmão, são membros que têm algum contato com a prática o marido, a filha da prima da mãe, os primos, a mãe e o filho. Este último, ainda pequeno, já fora iniciado à modalidade, sabendo parcialmente quais são as peças e como elas formam a posição inicial. Para além, já tem ideia de que é com o xadrez que a mãe trabalha. Em reflexão sobre o quão a família a apoiou – e apoia – ao longo de toda a sua trajetória, WIM 4 realiza uma importante síntese que demonstra o peso e o volume de sua extensa e longínqua herança cultural familiar (BOURDIEU, PASSERON, 2014):

O meu pai, pessoalmente, eu acho que teve que abrir mão de muita coisa. Ele abriu mão dos dias de folga dele pra investir no nosso tempo de xadrez, às vezes abria mão das férias porque ele queria levar a gente pra alguma viagem de xadrez e queria acompanhar a gente, principalmente quando a gente era criança. A minha mãe também tinha que abrir mão, às vezes, das férias. A minha tia também ajudou muito porque às vezes o meu pai ou a minha mãe não podiam tirar férias e ir com a gente e a minha tia tinha mais flexibilidade no trabalho dela, então ela conseguia acompanhar a gente em alguns torneios. Meus avós também acompanharam a gente em muitos torneios porque às vezes quando era uma distância muito longa a minha mãe tinha medo de dirigir e meu avô pegava o carro e dirigia. E aí ia a família inteira, minha vó, minha mãe, eu e meu irmão. Então eu acho que a minha família eu posso dizer que eles sempre me apoiaram muito e até hoje eles me apoiam muito. Principalmente hoje que eu tenho o bebê, aí pra eu poder viajar eles têm que me ajudar se não, não dá e pra eu ter que trabalhar também. Então eu acho que a minha família gosta muito porque está sempre me apoiando.

Entre as questões de gênero, aponta certo ressentimento em não ter feito uma rede de contatos que a possibilitasse viajar com outras meninas durante, principalmente, a adolescência. Fato que ocorrera posteriormente na ocasião dos projetos “Rumo à Maestria”, oportunidade institucionalizada pela federação que rege internacionalmente a modalidade que ofertava aulas e a possibilidade de disputar torneios no exterior e “Damas em Ação”, iniciativa de atletas olímpicas brasileiras para angariar fundos a fim de viajar com vista à disputa de torneios no exterior que atuassem como treinamentos para a Olimpíada de Xadrez. Em agradecimento à comunidade enxadrística pela ajuda, várias ações foram realizadas para promover o xadrez feminino, especificamente de base, do país. A falta de *feedback* do público feminino, mais notadamente, fez com que este último projeto atualmente esteja suspenso.

4.3.5. WIM 5: a irmã mais nova de um fratria deveras vitoriosa

WIM 5 tem 61 anos, é irmã de WIM 9, nasceu em São Paulo, capital, e hoje reside em Barueri, no mesmo estado. Da Educação Básica ao Ensino Superior, cursou todas as etapas na modalidade pública, formando-se no curso de Economia da Universidade de São Paulo (USP). Exerce as ocupações de enxadrista, árbitra de xadrez e corretora de imóveis e por elas recebe uma renda mensal de R\$: 5.280,00.

Em seus primórdios enxadrísticos a sua família era composta pela mãe, a qual cursou o Magistério e foi professora, o pai, estudante até o nível do Ensino Fundamental e policial militar, o irmão, o qual se formou em Engenharia com pós-graduação em Administração nos Estados Unidos e é engenheiro e, por fim, a irmã, concluinte do Ensino Superior no curso de Direito e advogada.

A sua iniciação ao xadrez aconteceu entre os seis e sete anos como uma brincadeira do pai com ela e os irmãos em casa quando, no início, observava os irmãos – ele com seis anos a mais e ela três anos mais velha – jogando. O xadrez não era a única prática incentivada, mas também outros jogos como o banco imobiliário, o baralho, entre outros. Com a vontade de participar, solicitou ao pai que a ensinasse também e a partir de então começou a brincar com eles em casa. Faz-se relevante notar que, enquanto para uns a aprendizagem da cultura de elite tem de ser conquistada, para a família de WIM 5 ela compreendeu concomitantemente a facilidade e as tentações desta facilidade (BOURDIEU; PASSERON, 2014). Conforme o pai percebera que os irmãos desempenhavam bem, começou a levá-los em um clube de xadrez próximo e a oferecer treinamentos. Sobre estes últimos, WIM 5 salienta que reconheciam a importância destes horários destinados a isto, mas “detestavam” a obrigatoriedade das aulas, pois eram crianças e só queriam brincar. Não era algo que, enfim, preferissem fazer. Acerca do teor das aulas, esclarece:

Havia pouquíssimos livros de xadrez no Brasil e eram em língua estrangeira, principalmente espanhol e em inglês. Então o meu pai lia os livros com a gente pra gente aprender, ele lia e a gente passava no

tabuleiro e assim ia. Ele foi o nosso primeiro professor porque ele pegava os livros e ia lendo o que tinha nos livros, meu pai tinha um nível muito bom, mas ele não gostava de competir, né? Então ele realmente só ajudou e apoiou, a gente sempre teve um super apoio da família, dos pais.

Próximo ao bairro da casa em que moravam na infância havia um clube de xadrez em que o pai frequentava com o irmão e, por conseguinte, ela e a irmã também acompanhavam. Comenta que naquela época eram raríssimas as mulheres que jogavam e, portanto, este era sempre um espaço masculino em que não gostavam de jogar e muito menos perder para meninas e mulheres, fato que ainda persiste nos dias de hoje. Por esta razão o pai sempre as acompanhava, não deixando com que frequentassem sozinhas este ambiente neste início. Sobre as nuances que ocorriam naquela época e atualmente, relata:

Mas sempre teve, meio assim, aquele olhar diferente, mulher participando, piadinha com os rapazes que perdiam da gente. Dava até dó, coitados, eram massacrados. Hoje em dia já tá todo mundo acostumado porque as meninas estão jogando sempre torneios absolutos, com bons resultados. Então é mais aceitável, eles começam aceitando, mas antigamente era terrível.

Relata que o irmão foi campeão paulista e brasileiro juvenil, jogou por equipes o Campeonato Mundial Universitário e diversos outros torneios enquanto a irmã já fora campeã brasileira feminina na primeira edição deste torneio em que jogara. Sobre eles, conclui: “então eu sempre tive os dois como exemplo e como meta de alcançar os resultados. A gente viajava junto, jogava junto, então sempre foi mais fácil nesse sentido”. Ademais, ressalta que os pais foram as pessoas que mais investiram, o pai os ajudando e acompanhando e a mãe com o sofrimento de vislumbrar os três filhos jogando, muitas vezes estando presente nas viagens e, em outras, sentindo a sua ausência. É assim que fatores como o apoio parental, as influências culturais e a adequada condução do processo de treinamento demonstram-se relevantes na persecução de níveis de excelência esportiva (GARGANTA, 2013).

A especialização no esporte aconteceu por meio de aulas presenciais com um reconhecido *International Master (IM)* que compartilhava com ela a perspectiva de análise de um mestre que, segundo WIM 5, era “completamente diferente do nível” que detinha. Para além, aumentara a frequência em torneios, inclusive jogando “torneios de homem pra tentar progredir”. Com poucos materiais, principalmente livros, aponta que era difícil uma evolução muito rápida. Recebeu convite, juntamente com a irmã, para disputar Jogos Abertos por diversas cidades do estado de São Paulo, ocasiões em que recebiam salários – por já terem acumulado bons resultados em torneios como Campeonato Paulista e Campeonato Brasileiro – para se dedicarem às equipes.

Conquistou o título de *Woman International Master (WIM)* em um Campeonato Zonal Sul-Americano disputado em São Paulo, na ocasião sendo uma das primeiras a atingir o feito no Brasil. Para ela, a honraria significou o auge do que seria possível conquistar. A partir deste título sentiu-se como um “espelho”, tal como WIM 4, uma vez que até aí mirava e se inspirava em outras pessoas, mas a partir de então sentiu ter a responsabilidade ética na maneira de atuar e ajudar outras jogadoras a chegar a este patamar também, se desenvolverem. Tem o objetivo de conquistar o título de *Woman Grandmaster (WGM)* via disputa do Campeonato Mundial Sênior, uma vez que já não conta com preparo físico, alto volume de estudos e dedicação de muitas horas pela idade. Embora seja um objetivo bem longe, comenta que é preciso se ter algum na vida. Não esconde a torcida por outras mestres brasileiras obterem o feito antes dela, visto que hoje elas estão se dedicando e seria mais fácil se preparar por meio de “torneios masculinos” e no exterior.

Considera-se uma profissional do xadrez desde a conquista de seu atual título, visto ter se dedicado e estudado muito pra isso, recebendo pela ocupação. Entre as diferenças do contexto brasileiro e exterior de prática, ressalta que vivenciou a distinção entre os países comunistas e não comunistas, tendo os primeiros um histórico de xadrez muito forte (SOUZA, 2010). Com destaque para Cuba e Rússia, WIM 5 discorre sobre a metodologia e treinamento com campeões mundiais, a exemplo de Grandes Mestres, que estes países apresentavam. Se recorda que na sua iniciação ao xadrez ficava sabendo do resultado do *match* do século (SOUZA; MARCHI JÚNIOR, 2013a) via rádio, sendo esta uma das grandes coberturas midiáticas que o esporte teve. Além dele,

ressalta ter tido a influência do jogador brasileiro de maior alcance mundial, contemporâneo a esta época, sobre o qual todo mundo comentava e ainda hoje comenta.

Destaca que o xadrez a trouxe possibilidade de viajar por mais de 40 países no mundo inteiro, para além de muitas amizades e boas recordações. Ressalta os benefícios da prática, como o preparo físico, o psicológico e o desenvolvimento linguístico. Enquanto interrupções, aponta o ano posterior à morte do pai e o período pandêmico. Em relação às expectativas de outras pessoas sobre a sua carreira, alerta ter contado com comentários depreciativos ao longo de suas conquistas, sobretudo em idades mais avançadas, uma vez que “ninguém leva em conta todo o esforço que você fez e você faz pra conseguir todo aquele resultado”.

Recordista em participações brasileiras em quinze Olimpíadas de Xadrez, atribui ser uma pessoa com mais “dom” do que “estudo”, na proporção de 85% em relação ao primeiro, sendo que no total considera que 80% da sua vida foi o xadrez. Sobre o talento, novamente recorre aos números para estimar que, ao longo da sua carreira, teria sido 90% ele do que dedicação e estudo. Sintetiza: “pra chegar onde eu cheguei sem estudar tanto como eu deveria ter estudado é porque eu tinha mais talento do que dedicação, é isso o que eu quis dizer. Alguma coisa mais inata”. Incorporação esta de um *ethos* e *habitus* próprios das classes culturalmente favorecidas de quem é brilhante, inteligente, precoce, sem demonstrar traços de um esforço laborioso ou tenso (BOURDIEU, 1998b). Aponta como qualidades importantes para quem pratica o esporte a concentração, a dedicação, o preparo físico, o psicológico, a garra e o gosto por desafios. Destes, julga ter tido tudo ao longo de seu trajeto.

Entre as frustrações de sua carreira, relata que via a irmã conseguindo vários títulos, mas que ela própria não conseguia, principalmente, por não reagir às derrotas inesperadas ou demorar para superá-las. Já entre as restrições de seu percurso, é enfática: “proibição... Eu acho assim, a gente teve muito problema por ser mulher... Confederação, muita política, tem muita proteção, digamos assim, pros homens”. Relata diversos percalços, desde a não participação em um Campeonato Mundial Juvenil Feminino devido à falta de informação pela confederação, a dificuldade financeira da confederação em remunerar as mulheres em edições da Olimpíada de Xadrez – justamente em uma em que a sua irmã conquistara uma medalha olímpica – até o

descobrimos o fato de que os atletas masculinos brasileiros recebiam subsídios para competir as Olimpíadas de Xadrez e a equipe feminina não. Em adição a essas dificuldades que extrapolam o competir, entre elas, ressalta que “já chegaram a comentar claramente pra gente ‘joga uma jogadora contra a outra’ pra gente ser desunida e não ter força pra não pedir nada, entendeu? Então é assim, o feminino sempre foi isso”. Tal naturalização demonstra traços de seu *habitus* generificado (SILVA 2016a, 2016b) conformado em relação às imposições declaradas da confederação nacional ao ponto de aceitá-las, isto é, configurando uma espécie de paradoxo da *doxa*. Enxerga, neste sentido, similaridades com insubordinações masculinas na carreira enquanto árbitra, função em que ressentiu de ser convidada em várias oportunidades por ser mulher e não ter nenhuma força política:

Igualzinho, igualzinho, até hoje eu tenho. Eu sou Árbitra Internacional há muitos anos e até hoje eu sinto, quando eu sou árbitra principal, que tem alguns árbitros homens que não aceitam serem, digamos assim, mandados. Você tem uma hierarquia e você fala “não, eu quero que faça desse jeito, eu preciso disso, preciso daquilo” e eles não aceitam. E isso de eu ter que chegar pro outro Árbitro Internacional que trabalhava comigo e perguntar “é só comigo que eu falo e ele não faz? Porque não é possível, eu falo pra ele fazer as coisas e ele não faz. Ele olha pra mim e não faz na minha cara. É só comigo?”. E ele falou “não, é mais com você, comigo também mas é muito pouco, mas eu acho que você por ser mulher é mais complicado”. Então isso existe até hoje, estou te falando, é recente, de agora. Então é bem complicado.

Antes de finalizar a sua entrevista, faz uma recomendação geral para que todas as pessoas possam competir no xadrez, utilizando como metáfora que este é um “mini tabuleiro da vida que você aprende sobre seus atos, o que é que vai ter de consequências, de responsabilidades, você se socializa”. Ressalta que por meio dele é possível “subir de classe social” e “ter amigos”. O grande alerta, entretanto, ficou para a ocasião de um encontro feminino recente ocorrido no âmbito do torneio de maior expressão no país em que as meninas e mulheres realizaram denúncias de assédios físicos, mentais e sexuais. WIM 5 enfatiza que a ocasião a marcara muito por ter ouvido relatos públicos de várias pessoas que lá estavam e também privados de gente que fora falar diretamente com ela. Para as gerações mais novas, aconselha: “não aguentar, não

se fechar e achar que é um problema – que é o que acaba acontecendo com todas – que é culpa delas, né? Começar a comentar, a colocar pra fora e não deixar isso acontecer, tem que falar e pronto”. Questionada se algum destes pontos estiveram presentes em sua trajetória, WIM 5 nega relembrando a presença próxima do pai e, mesmo quando esta não se dava, já era em uma idade em que tinha a “capacidade de dizer não”, de “logo cortar essas coisas”.

4.3.6. WIM 6: dos esforços e sacrifícios de uma rápida ascensão a uma recordista com suas ambivalentes contrapartidas

WIM 6 reside no país de Cingapura, tendo nascido na capital de São Paulo, no Brasil. Tem 43 anos, cursou as etapas da Educação Básica no âmbito privado e o Ensino Superior no estrato público, tendo feito o curso de Administração na Universidade de São Paulo (USP) e atingindo posteriormente o nível de Pós-Graduação. Atualmente é empreendedora e possui uma renda média familiar mensal de R\$: 50.000,00.

Na época de sua iniciação ao xadrez a família era composta pela mãe, pai e irmão, os quais respectivamente cursaram até o Ensino Médio e teve como ocupação ser do lar, estudou até o Ensino Médio e trabalhou como processador de dados e, por fim, atingiu o Ensino Superior e é fiscal da Receita Federal.

Conhecera o xadrez por meio do pai entre os 5 e 6 anos, o qual ensinou a ela e ao irmão – um ano mais novo – a movimentação das peças. Segundo WIM 6, ele era “uma pessoa incrível” que “tinha a vontade – eu acho que era um pouco da frustração de ele ter nascido de uma família muito pobre, sem o pai que morreu quando ele era muito novinho – de passar pras crianças algo que ele nunca teve”. É assim que o pai é o sujeito e o instrumento de uma inclinação inscrita em suas disposições herdadas que é transmitida de forma inconsciente e, também, de maneira explícita por ações educativas orientadas para a perpetuação da linhagem (BOURDIEU, 1998b). A frequência se dava algumas vezes por semana, logo quando este chegava do trabalho, de modo que o pai privilegiava o desenvolvimento do intelecto por meio de jogos como o próprio xadrez, mas também uma “família de muitos jogos” como o quebra-cabeça, jogo da memória, ler livros, batalha naval, entre outros. Quando não era no ambiente familiar, praticavam

jogos nos clubes privados da cidade, mas “nunca muito pros esportes”, à exceção do futebol em que o pai jogava com o irmão. O pai, por exemplo, não gostava que WIM 6 fizesse ginástica, porém sendo favorável à dança. Assim descreve a rotina intelectual de jogos que os estimulavam enquanto família:

O meu pai, apesar de não ter feito faculdade, ele sempre foi uma pessoa que acreditou muito na educação. Ele tinha uma paixão enorme pelo desenvolvimento intelectual, então os *hobbies* dele eram, praticamente, leitura – ele lia muito! –, ele amava xadrez, gostava de ópera, música clássica. O passatempo dele era fazer palavra-cruzada, então na vida dele ele acreditava que as pessoas conseguiriam fazer muito mais voltado pro intelecto. Então como o xadrez é um jogo que mexe com isso, ele era apaixonado pelo jogo.

A impressão dos irmãos era de que o xadrez era uma prática “chata” no começo porque praticamente todas as pessoas que conheciam que jogavam eram da idade do pai ou mais velhas. A insistência do pai não atingira o irmão⁵⁰ que, “muito talentoso e uma pessoa extremamente inteligente”, acabou escolhendo outras práticas. Já WIM 6 seguiu, sendo uma criança que gostava muito de agradar e sabendo que deixaria o pai feliz se jogasse xadrez com ele. Sobre as características das práticas cognitivas caseiras, as quais eram voltadas para uma estética dominante (BOURDIEU, 2007), discorre:

Meu pai ele era muito amador no xadrez, então quando ele tava em casa e ensinava a gente xadrez... Ele conhecia muito pouco, mas ele amava! Sabe quando a coisa é arte no xadrez? “Olha que lance maravilhoso!”, aí ele narrava o lance, mas ele não sabia nem explicar o porquê era maravilhoso. Mas ele achava tudo muito lindo, “olha que genial essa pessoa!”, era uma coisa romântica.

Aos finais de semana iam juntos ao clube de xadrez onde o pai frequentava, onde descobrira uma escolinha de xadrez perto do lugar em que moravam. “Então todo domingo era meio que uma rotina de pai e filha”, WIM 6 realizava a aula enquanto o pai

⁵⁰ Mesmo não seguindo com o xadrez, WIM 6 relata que o irmão chegou a ganhar um Campeonato Brasileiro e a jogar em países como Argentina e França.

lia, estudava ou acompanhava as sessões, tudo isto por volta de seus oito anos de idade. Lá as aulas eram mais práticas, focadas nas diferentes fases da partida, na análise de jogos clássicos e na indicação de livros. De acordo com WIM 6 “é uma coisa muito mais estruturada, não era uma coisa da arte, da beleza, da paixão”, ao mesmo tempo em que “tinha mais crianças, um pouco de brincadeira e de tudo”. Características, estas, distintas e próprias de um modo de socialização secundário em relação àquele que havia experienciado hereditariamente (BOURDIEU, 1998b). Nesta época ainda “não amava o xadrez, não curtia tanto”. Em um dia em que o seu professor não pôde comparecer, o substituiu um outro que ficou impressionado pelo fato de já saber jogar e pela sua concentração. Desta forma, ele chegou inicialmente a oferecer treinamentos e a possibilidade de participação de WIM 6 em um clube que tinha outras crianças que também jogavam. Como o xadrez não era nada sério neste momento, ela não quisera investir.

Já com onze anos, acompanhara o pai no Campeonato Interclubes, competição famosa em que o progenitor jogava pelo Clube Sírio em uma categoria amadora porque, segundo ela, “o meu pai nunca foi um bom jogador, ele foi um apaixonado pelo xadrez, mas não um bom jogador”. Na ocasião, percebera a presença de várias crianças disputando e a do treinador que substituíra o seu professor no clube também, o qual a apresentou uma menina que havia acabado de retornar do Campeonato Mundial. Depois de a conhecer, reforçou o seu convite anteriormente feito para conhecer o Clube Paulistano e, após considerar e ter a chance de ter conversado com uma menina da sua idade e, portanto, mais próxima de quem compunha a sua rede de relações (BOURDIEU, 1998b), WIM 6 desta vez aceitou.

Na época este clube sediava o Campeonato Pan-Americano de crianças e WIM 6 participou praticamente sem nenhum treinamento além daqueles que já havia vivenciado, sendo um “desastre”, ficando em último ou penúltimo. Segundo ela, foi nessa ocasião em que achou interessante, que gostava daquilo e decidira, “nesse mundo de ter outras crianças jogando e conhecendo gente”, se dedicar. Logo no ano seguinte, duas categorias acima da sua, ganhara o Campeonato Paulista e o Campeonato Brasileiro e, portanto, a chance de disputar o Campeonato Mundial. Se recorda de ter conhecido no Clube Homs – um outro clube de São Paulo que frequentavam e que tinha xadrez – a WIM 5, ocasião em que o pai aludia para a importância das irmãs WIM 5 e

WIM 9 no cenário enxadrístico feminino da época, o que a fez pensar: “será que um dia eu vou ser como ela? Será que um dia eu vou conseguir jogar xadrez tão bem assim?”.

No Campeonato Mundial de Duisburg, na Alemanha, também jogando categorias acima da sua, foi muito mal, se classificando entre as posições finais. Novamente em relação às adversidades, de acordo com WIM 6, “mas aquilo me deu uma vontade incrível, eu lembro que eu voltei desse campeonato falando assim ‘eu vou ser a melhor jogadora do Brasil’”. A virada após a volta da Alemanha ocorreu de forma com que WIM 6 ficasse “viciada” em xadrez, indo para os treinamentos todos os dias, chegando antes das suas aulas, ficando depois das mesmas e assistindo aulas de outras crianças. Nota-se, aqui, o reforço de sua *illusio* traduzida em estratégias de investimento no objeto, quer seja, o xadrez (BOURDIEU, 1998b). Com ênfases na resolução de livros de combinações, WIM 6 não media esforços ao ponto de a mãe se preocupar e falar “você tem que sair um pouco, você só tem treze, quatorze anos, vai brincar com as suas amigas”. Negando-se, também deixou as danças – como o balé, o *jazz* e o sapateado – para se dedicar em tempo integral ao esporte. Sobre as suas abdições⁵¹, sobretudo de cunho social, relata:

Eu acho que abri mão de muita coisa da infância. Da infância não, da adolescência, né? Então eu tenho essa memória que eu saia muito pouco, eu não tinha essa questão de ter muitas amigas e amigos que adolescentes têm porque você acaba tendo seus grupos, saindo. Então eu tinha uma amiga na escola, uma amiga ali no clube, mas eu não participava muito dos grupos. No xadrez eu tinha amigos e amigas porque era o meu mundo, mas a vida social foi muito sacrificada. Mas eu, na verdade, olho pra trás e não sei como é possível fazer sem isso, sem sacrifícios.

Adicionalmente às suas próprias renúncias, aponta aquelas realizadas pelas sua família principalmente no início de sua carreira, bem como outras de cunho social e de gênero que realizava:

⁵¹ WIM 6 deixa claro que fazia de forma consciente os sacrifícios que realizou, tanto aqueles referentes aos aspectos sociais quanto de práticas que deixou de fazer. Nada lhe fora imposto, não havia nenhum tipo de “coerção ou ameaça”, ressalta.

Financeiramente, meus pais sempre foram de classe média ou classe média baixa e no começo da minha carreira – principalmente no primeiro ano quando eu fui pra Alemanha – o meu pai usou as reservas pra pagar a passagem, pediu dinheiro emprestado pra família, teve gente que ajudou lá, deu caixinha, teve vaquinha pra eu ir viajar. Mas por sorte, logo depois eu comecei a ganhar muita coisa, eu consegui patrocínio, então a cidade de Osasco pagava minhas viagens internacionais, o Clube Paulistano pagava o treinamento. Tive alguns outros patrocínios pequenos por aqui e por ali, tinha salário e aí essa parte eu não precisei sacrificar tanto, a parte financeira. A parte financeira foi só no comecinho, nos primeiros um ou dois anos. Mas o maior sacrifício foi na vida pessoal e eu era tão radical em algumas coisas que eu lembro que eu achava um absurdo que menino podia só colocar uma camiseta e um *short* e ir jogar o xadrez e as meninas já começavam – na época, com quinze ou dezesseis anos – a ter que fazer o cabelo, aí tinha gente que ia maquiada pra jogar xadrez e a roupa, aí se trocava, se preocupava. Aí teve uma época que eu comecei a me vestir até como um menino, era ridículo, eu olho as fotos de hoje e falo “meu Deus, que vergonha!”.

Definindo este como um período muito “intenso”, mas “prazeroso”, ressalta a sua turma no Clube Paulistano e o estilo de seu treinador que “fazia rir e tudo”, não deixando o ambiente sério e isolado. A partir de então, conta que começou a ganhar “torneio atrás de torneio”, se tornando inclusive “a mais nova campeã brasileira de todos os tempos”. Na escola não tinha xadrez, mas por ser uma “estrela” recorrentemente faziam faixas comemorativas alusivas aos seus títulos. No primeiro ano do Ensino Médio, ganhara uma bolsa para estudar em um dos melhores colégios da cidade e pela qual recusou após a tentativa de estudo por um ano, visto que esta nova escola lhe cobrava com rigorosidade a questão das faltas.

No entanto, aponta ter dificuldades em relação a perder partidas e se recuperar após elas, ao ponto de chorar, ser um drama, perder o apetite e ficar mal, lhe causando sofrimento. Aos quinze anos, se tornando a melhor brasileira em tão pouco tempo e com tão pouco estudo, colocou muita pressão em si ao ponto desta fase não ser tão saudável e prazerosa quanto os primeiros anos que os objetivos estavam sendo alcançados, sendo esta uma má cobrança. Quando enfim realizou o seu maior desejo, pôs fim à fruição advinda deste (FREUD, 2010). Para WIM 6, “é uma parte da minha carreira que eu olharia de novo se eu pudesse voltar ao tempo pra entender melhor”. Sobre os anseios:

Elas eram muito altas, a expectativa era que eu não podia errar, não podia perder. E aí eu ficava muito brava quando eu não conseguia, de repente, ver um lance que parecia tão fácil ou me enrolava no tempo com alguma partida ganha e acabava perdendo ou deixava escapar uma oportunidade. Então a expectativa é que eu não queria perder e que eu queria ganhar tudo e ser a melhor. E é uma expectativa irrealista porque, na verdade, a expectativa de um atleta deveria muito ser... Sei lá, no meu caso, deveria estar muito mais apaixonada pelo jogo independente do resultado. E eu acho que a expectativa que eu tinha, como eu estudava tanto, e eu sei, eu tinha certeza que eu estudava muito mais do que qualquer outra mulher no Brasil porque eu tinha uma estamina, uma vontade incrível, uma determinação que pouca gente eu acho que tinha na época. Então consequentemente eu não aceitava derrota ou esse tipo de coisa.

Hoje em dia WIM 6 percebe que lhe faltava um suporte psicológico, algo que na época não era tão importante e por isso os pais não viam a necessidade de contratar. Muito embora o seu treinador pudesse vir a ser um pouco de “*coach*”, não tinha o preparo profissional para ser um psicólogo em tempo integral nos momentos que necessitava. Relata: “então eu acho que eu comecei a ter muito receio de perder o título, de ser a melhor jogadora, eu comecei a ter muito receio de perder. E aí isso atrapalhou um pouco o meu prazer pelo xadrez, mas eu continuei ganhando muita coisa”. Por uma via de análise psicanalítica, são forças da consciência que impedem o proveito longamente ansiado da feliz modificação real. Porém, “é tarefa difícil averiguar a natureza e a origem dessas tendências julgadoras e punitivas” (FREUD, 2010, p. 263), as quais espantam por sua existência onde não se espera encontrá-las. Complementa que colocara um objetivo pequeno para a sua carreira, visto que almejava ser a melhor entre as mulheres do Brasil e não do mundo. Quando isso aconteceu, a limitou pois achava que, naquele momento, bastava apenas manter essa posição. Tais descompassos e defasagens em relação às expectativas sendo potenciais fontes de sofrimento em relação às condições objetivas (BOURDIEU, 1998b) para WIM 6.

Após o término de seus estudos na Educação Básica, WIM 6 não se sentia preparada para cursar uma faculdade e queria tentar a vida com o xadrez. Mesmo desde os 14 anos tendo renda por representar a equipe de Osasco, seus pais ficaram financeiramente preocupados com a ideia, mas foram por ela convencidos pelo

argumento de que era a única chance que teria para tentar. E assim foi por dois anos jogando xadrez em tempo integral e com descobertas por todos os lados, morando na Europa por três a quatro meses. Nesta ocasião, descobriu, aos poucos, que não queria o xadrez para o resto da sua vida. Percebeu o quanto esta era uma vida um pouco solitária, de muita rotina e muita disciplina.

No retorno ao Brasil, ainda tinha aulas com o seu treinador mas contratara um segundo, com a titulação de *Grandmaster (GM)*, para lhe acompanhar. Julgou que o primeiro fora importante para ter chegado onde chegou mas, que a partir dali, como os crescimentos se dão gradativamente de forma mais lenta quando se atinge o ápice, seria necessário trabalhar aspectos que até então não o fizera. Quando não estava nas aulas, passava muito tempo só consigo mesmo. Começou a academia pois sentia que algo estava lhe faltando na época. Outro ponto que chamou a atenção foi o salário que, mesmo já tendo atingido o auge no Brasil, se não desse aulas, não conseguiria sobreviver do jeito que queria. Fato este que corrobora com a dificuldade de alçar o profissionalismo da grande maestria brasileira (JANUÁRIO; MARQUES, 2015b). Desta forma, tentou dar aulas por um tempo e foi colunista de revistas, quando poucos anos depois decidiu mudar de carreira. Fez cursinho e um ano depois entrou na universidade em que se formara. Tentou jogar por mais um ano, mas dada a rigurosidade da faculdade em relação às presenças, tomou a decisão de parar de jogar totalmente. Sobre a sua retirada dos tabuleiros, discorre:

Alívio, assim, porque foi difícil tomar a decisão. Foi muito difícil tomar a decisão de que eu ia parar, e aí uma vez que eu parei eu tomei a decisão definitiva e todo mundo me questionava “mas, você não gosta de xadrez? Por que é que você não faz xadrez?”. E tinha uma coisa minha muito estranha que eu tenho que lidar com isso até hoje, eu tenho... Como dizer isso? Tudo o que eu faço eu quero fazer o meu máximo.

Conquistou o título de *Woman International Master (WIM)* aos 15 anos em um Campeonato Interzonal Sul-Americano, sendo o seu sentimento de que este feito foi algo importantíssimo, mas que confessa que não sabe se foi merecido por uma configuração do torneio no ano que dividia a chave em que o Brasil se encontrava com

outros países muito piores do que ele. Julga as Olimpíadas de Xadrez que participou um “campeonato que você conhece todos os jogadores do mundo, os melhores, você tem a chance de jogar com alguns deles”.

A maior conquista, entretanto, fora um projeto desenvolvido ao longo da faculdade em que WIM 6 sentiu que retribuía algo à sociedade, o que sentia que o xadrez não a deixava:

Então assim que eu entrei na faculdade, nos primeiros seis meses, eu dava aula em uma favela em São Paulo chamada Paraisópolis pra crianças carentes. Então toda semana eu ia passar uma tarde da semana com eles. Aí esse projeto teve dificuldade por causa de complicações da favela. Aí eu resolvi, com um grupo de outros cinco ou seis estudantes, fundar e começar uma instituição social *not for profit* que ajudava estudantes a entrar na faculdade. O nome chama Cursinho FEA-USP, então eu fui uma das fundadoras, nós fomos o primeiro ano. Era muito trabalho, começar uma coisa do zero de contratar professor. E aí eu lembro que a gente não tinha nome, ninguém conhecia a gente e aí íamos pra lugares em São Paulo conversar com os jovens de escolas públicas, visitava.

Se considerava uma profissional de xadrez, pois era a sua profissão, o que a sustentava, muito embora deixasse claro que os montantes ganhos não eram altos. O seu sentimento de profissionalismo estava mais atrelado ao fato de que queria ser a melhor e ganhar, não tanto pelo aspecto financeiro. Em relação às diferenças entre o contexto nacional e o exterior enxadrístico, aponta a quantidade de pessoas a mais que jogam lá fora e a qualidade, visto que “já jogam xadrez melhor porque têm na família e eles aprendem desde cedo por meio de uma forma mais correta de pensar, então o nível naturalmente cresce”. Alinhando-se aos achados de Januário (2017), é possível afirmar que esta condição também se verifica no contexto brasileiro entre a elite de Grandes Mestres. Sobre o seu legado, ressalta a quebra de estereótipos causada em sua época:

Toda vez que eu penso no xadrez tem a parte de eu me sentir muito orgulhosa. Orgulhosa do que eu alcancei, orgulho também do que eu representei na minha época pras meninas, eu lembro que por várias ocasiões eu fui convidada pra falar em escolas, pra jogar simultâneas, pra fazer entrevistas porque tinha todo um estereótipo de jogadora de

xadrez que eu quebrava. O pessoal falava “ah, mas eu achava que jogadora de xadrez tinha óculos fundo de garrafa e era tímida, não falava”. Estereótipo terrível, né? Então eu quebrava um pouco desse estereótipo na época, então acho que esse legado de na minha época ter crescido e influenciado muitas outras pessoas ou meninas foi muito legal.

Na sua família nuclear, todos têm algum contato com a prática do xadrez. A mãe, inclusive, já tentara ser árbitra de xadrez para acompanhar a filha e acumular um ganho financeiro, porém não obteve sucesso. Atualmente, o filho de WIM 6 fora iniciado à prática pelo marido, uma vez que não tinha paciência para ensiná-lo em seus estágios iniciais.

Refletindo sobre questões como “mas por que é que tem diferença entre mulher e homem, se é um jogo intelectual? Se é um jogo que qualquer um pode jogar? Não tem nada físico que define, né?” no xadrez, WIM 6 levanta algumas interessantes hipóteses relacionadas: a) a uma cultura do xadrez que é muito mais dominante entre o sexo masculino do que o sexo feminino, “então você já tinha a quantidade que é importantíssima pra definir, depois, a qualidade”; b) a um nível competitivo de prática menor entre meninas e mulheres; e c) a aspectos de socialização e educação, tais como:

A menina é criada ainda – ou era muito criada – pra um dia ter filhos e se preocupar com a casa e talvez não exista essa vontade interna de competir que um menino tem. Muito cedo o menino é incentivado a competir, mesmo que isso não seja algo explícito, então muito disso vem implícito e passa de geração em geração sem mesmo os pais saberem que estão influenciando as crianças desta forma. Então a menina ela acaba, quando chega na adolescência, por exemplo, em muitos casos se preocupando com questões – como eu comentei – como a aparência e outras questões que talvez tirem o foco do xadrez. E aí é difícil comparar a habilidade da mulher com a do homem quando as questões sociais e emocionais são tão diferentes.

Entre os atributos desejáveis para quem joga xadrez, divide-se entre aqueles que acha que uma pessoa desenvolve e outros que uma pessoa precisa ter. Entre os primeiros estariam a concentração, a determinação, a identificação de padrões, o pensamento estratégico e a memória. Já entre os segundos acredita na existência de um

talento natural, contrapondo Marques e Januário (2018), compreendido como uma capacidade intelectual para entender o xadrez, “algo que você não sabe explicar, mas que a pessoa avança”. Destes, julga possuir ambos em diferentes fases da sua vida, mas em uma pequena parte o talento. Em relação ao talento, esclarece: “então as pessoas, hoje em dia, talvez achem ou quando você olha pra um atleta que se destaca, “ah, porque a pessoa é muito talentosa, a pessoa é muito acima da média”, eu não concordo com isso. Na verdade, por trás, tem muito sacrifício”. Encerra a sua fala recordando o quão importante uma rede de suporte – com bons treinadores, pessoas que você jogue e suporte psicológico – se faz na vida de um(a) atleta que almeje, como ela, seguir por uma carreira de longevidade e alto rendimento no esporte.

4.3.7. WIM 7: sucessões de acasos, coincidências, dádivas ou conspirações?

WIM 7 tem 61 anos, nasceu na cidade do Rio de Janeiro, situada no estado de mesmo nome, atualmente reside em Blumenau, em Santa Catarina, e foi a única a ter declarado a sua cor de pele como “preta”. Coursou todas as etapas da Educação Básica ao Ensino Superior no âmbito público de ensino, culminando no curso de Educação Física pela Universidade Regional de Blumenau (FURB). É aposentada, mas ainda executa a ocupação de professora de xadrez, recebendo uma renda média familiar mensal de R\$: 6.600,00.

Em seus primeiros contatos com o xadrez a sua família nuclear era composta pela mãe, pai e cinco irmãos. Respectivamente, a mãe cursou até o Ensino Fundamental e foi doceira, o pai também estudou até o Ensino Fundamental e foi militar, a irmã mais nova fez até o Ensino Médio e é falecida, o segundo irmão cursou até o Ensino Médio e é aposentado, a terceira irmã cursou até o Mestrado, sendo professora, a quarta irmã fez até o Ensino Superior e é falecida e o quinto irmão estudou até o Ensino Fundamental.

WIM 7 iniciou no xadrez por meio de um conjunto de sucessivos acontecimentos, sendo o primeiro fato a ser considerado a sua audiência a um programa de televisão – instrumento que ainda atualmente pode ser visto como “árbitro do acesso à existência social e política” para determinados estratos da sociedade (BOURDIEU,

1997, p. 29) – que versava sobre o jogador de xadrez brasileiro de maior alcance mundial:

Eu comecei a jogar xadrez acho que foi por uma dessas coincidências da vida depois de assistir um programa de entrevistas do Fábio Cavalcante e aí, por curiosidade, eu quis saber o que significava xadrez quando ele disse que nós tínhamos o Méquinho e tínhamos o Pelé. Eu queria saber que jogo era aquele que ele dizia que era jogo de gente inteligente e que jogo era aquele que colocava o Pelé e o Méquinho como os reis dos reis. O Pelé já era rei, então ele colocou o Méquinho no mesmo patamar.

Após este ocorrido, procurou na enciclopédia que a mãe havia adquirido para ela e para os irmãos⁵² – indicador de certo capital cultural ao menos objetivado (BOURDIEU, 1998b) – o termo relativo ao jogo e, tendo encontrado: “tava lá na história que o xadrez era um jogo de nobres, cumprimentava antes, cumprimentava depois”, desenhara as peças e quis aprender a jogar, aos onze anos de idade. WIM 7 se questiona sobre o que teria acontecido se não fosse a mãe tê-la comprado em porta: “e a minha mãe que comprou a Delta Larousse, e se a minha mãe não tivesse comprado a Delta Larousse à prestação? E aí, entende? Então eu atribuo muito à minha mãe”. Em um segundo momento, complementa: “a minha mãe sempre orava por mim. Então ‘mãe, ora por mim!’, ela mandava essa força. Ela deu o que ela podia, só de comprar livros, ela deu esse exemplo, deu essa oportunidade pra todos os filhos. Quem leu, leu. Quem não leu, paciência!”. Comenta: “aí eu desenhei o tabuleiro, desenhei as peças e já achava que jogava, né?”. Praticava “mexendo pra lá e pra cá” as peças sozinha. Na vizinhança, todos(as) sabiam que WIM 7 jogava xadrez com seu “tabuleirinho de papel” e pediam para que ela os(as) ensinasse, o que culminou com um vizinho que ganhara um jogo com tabuleiro e peças e a convidou para tal. Relata: “e aí eu fui ensinar, mal sabia as regras! Em terra de cego, quem tem olho é rei, né? [risos]”. Sentiu que as suas ações colaboraram no sentido de ampliar a participação das demais meninas na rua:

⁵² Embora com fratria extensa, WIM 7 relata, sobre a prática em ambiente familiar: “mas lá de casa... Todos tiveram a oportunidade a partir do meu interesse, mas ninguém... Nada! Ninguém se interessou, eu não me lembro nunca de ter jogado uma partida com um irmão”.

“inclusive nos outros jogos porque a partir dali as meninas começaram a participar também dessas brincadeiras, então eu senti imediatamente essa mudança de comportamento geral”.

Somado a estes episódios, tem-se que o pai⁵³ a presenteou com um jogo de peças pelo seu aniversário, sobre o qual considera, acerca do contexto de aquisição, que é interessante como tudo acaba “convergindo, facilitando, te guiando pra aquilo, conspirando”:

Ficou com pena de mim mexendo aquele pedacinho de papelzinho pra lá e pra cá, né? E aí quando ele viu em alguma loja, eu acho que foi assim, né? Ele deve ter visto em alguma loja, passou e viu e tava nas condições dele, comprou e fez a surpresa, sabe? Como ele não tinha essa vivência com o xadrez, então não dá pra atribuir que ele planejou, sabe? Entende? “Ah, eu vou lá comprar um xadrez pra minha filha” porque o xadrez não fazia parte do universo dele, sabe? Então eu imagino que ele me via com o xadrez e quando ele entrou em alguma loja ou viu em uma papelaria, fez sentido pra ele.

O pai também garimpou, nos “sebos da vida”, um livro de xadrez chamado “Aprenda a jogar xadrez corretamente”, onde teve as suas primeiras lições. Para o pai, capital cultural objetivado. Para WIM 7, capital cultural a ser incorporado (BOURDIEU, 1998b). Novamente um vizinho novo da rua que sabia jogar aparecera e ganhava de todo mundo, lhe “ensinando umas coisinhas sobre centro”. Jogando o ano inteiro com eles, no ano seguinte, apareceu na escola uma professora de português:

Aí eu sempre levava o xadrez pra escola, eu deixava sempre em cima da mesa, acho que era pra impressionar mesmo. Aí deixei o jogo em cima da mesa, ela chegou e entrou na sala e falou “você joga xadrez?”, “sim!”, “joga bem?”, “sim, jogo muito bem!” e aí ela falou assim “então arruma o tabuleiro porque a casa da direita tem que ser

⁵³ Questionada sobre o envolvimento do pai com o xadrez, WIM 7 relata que ele nunca tinha ouvido falar da modalidade, tampouco sabia jogar. Em suas palavras, “passava longe”. Outro adendo importante a ser feito é o referente ao processo de separação dos pais na família que WIM 7 passou. De acordo com ela, “ele tinha ido embora e depois voltou”, justamente no contexto do presente que será descrito.

branca!”. Aí eu “puxa vida!” [risos], eu falei “nossa, o que é que é isso!” [risos].

Mesmo a deixando encabulada com esta errata, a professora percebeu que WIM 7 gostava mesmo de xadrez e a convidou para jogar com ela em um horário vago que tinha semanalmente na escola antes de começar a aula. E assim foi: WIM 7 chegava antes na escola para jogar com ela, mas sempre perdia. O quadro só mudou quando, após cerca de três meses juntando o “dinheiro que o pai dá pra merenda ou que a mãe dá pra ajudar alguma coisa”, WIM 7 pôde comprar o livro “Xadrez Básico” e um tabuleiro maior que o seu, que era pequeno. Começou a estudar o material e quando foi chegando no final, conseguiu ganhar de sua professora por meio de uma cilada. Expressa: “quando eu ganhei dela eu achava que tava pronta pra ir pro mundo, né?”.

O enredo na escola, instituição de sanções sobre as desigualdades (BOURDIEU; PASSERON, 2014), entretanto, não passou sem percalços. WIM 7 se lembra que o xadrez a trouxera uma transformação de condições que, não sem dores, desfrutava anteriormente ao seu aparecimento com ele por lá:

Uma outra mudança foi na questão da escola porque eu me lembro nitidamente e ainda tenho dor de lembrar que em uma cena remota da minha relação com a escola eu não podia ficar na frente da fila, embora eu fosse mais baixa. Eu tinha que ficar sempre no final da fila. E uma outra relação é que na escola eu não podia escolher nunca a carteira, eu ficava sempre lá atrás. E a partir do momento da minha relação com o xadrez, mudou. Agora eles criaram aquela coisa de que o xadrez é pra gente inteligente, e aí eu podia escolher. Nossa, aí eu aproveitei! Aproveitei mesmo, então essa condição também. Eu falei “nossa, eu vou continuar jogando xadrez porque as pessoas te olham de uma forma diferente”.

Continuando a levar o xadrez para ensinar para colegas na escola, ganhara o apelido de “Méquinha”⁵⁴ e foi notada pela diretora, a qual a ela se remetia como “a

⁵⁴ Muito embora tivesse esse apelido e vivenciasse a sua fase de iniciação ao xadrez concomitantemente ao ápice da circulação midiática do esporte em 1972 e da deflagração do fenômeno do jogador brasileiro de maior expressão mundial, Méquinho (SOUZA, 2010), WIM 7 não tinha informações sobre estes feitos. Segundo ela, pelo programa de televisão que assistiu

menina que vive com o tabuleiro debaixo do braço”, ao ponto desta sugerir a sua inscrição nos Jogos do Rio de Janeiro. Foi, ganhou a fase regional e chegou à fase final, primeira vez que teve a oportunidade de sair de seu bairro por conta própria, ampliando os seus horizontes de ação (HODKINSON; BIESTA; JAMES, 2008). Na ocasião, conheceu o coordenador e uma professora, orientadora e psicóloga que viriam a ser figuras importantes em seu percurso a partir dali. Esta última a convidara para conhecer o projeto de xadrez da escola em que trabalhava, mas WIM 7 acabou se interessando mesmo pela música, uma vez que esta mulher era regente de um coral e de um grupo de flauta doce. Foi ali, então, o seu primeiro contato com este instrumento musical. Mais uma vez, também no ambiente competitivo, WIM 7 alerta para preconceitos que sofrera desde cedo com a prática por ser menina e, de forma interseccional, uma menina negra. Masculinidade e branquitude implícitas e silenciosas, pois inquestionáveis enquanto padrões universais. Neste enquadramento as mulheres negras são configuradas para serem esquecidas, ignoradas e dispensadas da cultura e da história, tornando-se invisíveis perante os acontecimentos vividos por seus próprios trajetos (PEREZ, 2020):

E depois, nos torneios, mesmo sendo a única menina eu achava estranho, mas as pessoas olhavam com curiosidade, “por que ela se interessou por xadrez também?”. Mas teve um outro lado também que ao mesmo tempo que as pessoas olhavam que só tinha eu de menina, elas ignoravam também o fato de eu ser menina. E principalmente eu acho que ignoravam o fato de eu ser negra também. Porque nunca faziam referência também, então aí sabe aquela coisa que é um paradoxo, “eu sou negra e eu tenho que ficar no final da fila, mas agora eu não sou mais negra porque negro não joga xadrez”. Então como é possível? Então ignoram o fato de eu ser negra.

Mesmo com isso, sentia que o xadrez entrou na sua vida “como um privilégio”, uma vez que já se sentia muito confortável com as ocasiões de convites e escolhas que lhe eram proporcionadas. Segundo ela, situações que “as meninas da minha condição naquela época não tinham o acesso”. Sentiu que as coisas “foram acontecendo” e só foi “andando e fazendo escolhas”. Menciona também o quanto a modalidade a auxiliou a

não ter divulgado, pela escola não veicular, por não ter acesso a jornal e pelo seu bairro, localizado em um subúrbio, não ter clube de xadrez.

entender as problemáticas de autoestima, tais como os problemas de “condições da família” e as “relações familiares”.

Disputara alguns outros torneios em nível regional até que o coordenador a convidou para competir nos Jogos Escolares Brasileiros (JEBs), ganhando a seletiva. Tendo a chance de jogar em Brasília, teria que fazer o documento de identidade e, tendo o feito junto com o seu pai e sendo impedida de jogar, ao mesmo passo sabendo que um outro jogador havia apresentado burocraticamente tudo o que também havia, refletiu: “xadrez não é o meu mundo não, eu não quero saber disso”. Se desinteressando por torneios a partir de então, questionou-se: “eu fiquei decepcionada porque eu fiquei me perguntando o porquê o protocolo serviu pra ele e não serviu pra mim”. Cogitou ter sido pelo fato de ser menina, negra ou suburbana. Relevou que continuou a jogar com colegas e pela vizinhança, para além de estudar pelo seu último livro. Após o episódio, revela a sua predileção em termos de gosto em detrimento do xadrez praticado em torneios, aproximando-se de uma inclinação para o belo apresentada por frações dominantes da grande maestria brasileira (JANUÁRIO; GIGLIO; AMARAL, 2024):

Eu queria aquele xadrez com o meu amigo, lá da casa do tenente que tinha a casa que recebia os amigos, a gente virava a noite lá jogando xadrez. Esse xadrez da confraternização, do outro olhar e de estar apaixonado. Os apaixonados pelo xadrez, né? De contemplar. O xadrez contemplativo, de olhar a beleza, essas coisas.

Com dezessete anos a professora, orientadora e psicóloga mandara mensagem para a sua escola a convidando para o torneio “Cuca Legal” de uma famosa fundação. Resistindo em um primeiro momento, WIM 7 aceitou na condição de ir com um de seus melhores amigos, fazendo desta uma disputa entre colegas. Chegando na competição, percebeu que não conseguiria jogar com ele, uma vez que as categorias eram divididas entre masculino e feminino. Resistiu, por fim jogou e mais uma vez se destacou entre os resultados. Na ocasião, também fora convidada para representar a prestigiada

fundação⁵⁵ nos torneios femininos, dar aulas⁵⁶ e ser remunerada por isso, projeto este que “aceitou na hora”. Sobre o choque de realidade entre esta condição e a sua, explora:

Então foi só alegria porque eu fiquei imaginando se eu tivesse tido a oportunidade, lá com doze anos, que aquelas crianças ali do Colégio Pedro II estavam tendo porque aquilo era um sonho! Era um salão que tinha cinquenta mesas de xadrez, tinha uma biblioteca à disposição e tinha instrutores à disposição pra ensinar. Então nesse primeiro projeto que eu fui integrante, não fui mentora, foi só alegria. Eu queria que aquilo tivesse em tudo quanto é canto, então eu não tinha dificuldade, eu ia pra lá feliz e saia feliz, né? Então eu acredito que foi um projeto que fez diferença pra muita gente.

A experiência anterior de trabalho de WIM 7 foi marcada por discriminações, em prolongamento daquelas já vivenciadas e anteriormente citadas em outros espaços:

Eu pegava ônibus, trem pra poder ir pra esse trabalho. E depois eu passava o dia inteiro andando, fazendo moldes. Então eu vi coisas que eu não gostei, tem muita coisa que eu não gostei de pessoas, de lugares, andei muito pelo Rio de Janeiro. Porque eu ia na casa das pessoas, sabe? Então também foi um momento muito duro onde eu constatei a discriminação, foi um momento assim que eu “olha, é isso aí”, né? Então quando eu voltei pra esse trabalho eu falei “eu não quero fazer isso” e eles queriam me contratar ainda, eu ganhando mais. Eu falei “sinto muito, mas não quero, eu não quero trabalhar, não é isso o que eu quero pra minha vida não”. Pegar trem, sofrer *bullying* no trem [...]. Trem cheio, né? Enfrentar uma hora de trem em pé com concorrência pra entrar em um vagão, ônibus cheio, acordar

⁵⁵ Sobre a sede desta fundação, mais especificamente a sua biblioteca e a recordação da enciclopédia da mãe em que o verbete dizia que o xadrez era uma das áreas com maior literatura, alude: “aí o que eu tinha lido lá no livro que a mamãe comprou fazia sentido: quantos livros tinham ali, né? Olha quanto livro! Não chegava perto, mas era muito pra minha realidade”.

⁵⁶ Compreende a docência como algo em que “acabou entrando de forma natural”, complementando em pensamento: “tá, se eu quero ter alguém pra jogar comigo, eu vou ensinar pra alguém, eu ensino e vou ter um parceiro”. Muito embora a atividade fosse algo que lhe trouxesse alegria, visto que o seu sonho era ser solista de trompete da orquestra sinfônica brasileira, esclarece: “o meu primeiro desejo de profissão não foi ensinar, foi mais como as coisas foram acontecendo”. Ter a oportunidade de escolher os dias de trabalho e o turno, por exemplo, eram fatores que a WIM 7 impressionavam. Conclui: “então eu gostava muito de coisas que eu pudesse fazer as escolhas, sem ter a ver com dinheiro”.

cedo. Se eu tenho chance de fazer escolha, então com certeza essa é uma que eu não quero pra minha vida.

Nesta linhagem vieram as vitórias em Campeonatos Cariocas, Estaduais e Brasileiros, sendo estas as primeiras vezes em que saiu do estado e andou de avião. Com trajetória ininterrupta como atleta, conseguiu o título de *Woman International Master (WIM)* em um Campeonato Sul-Americano em São Paulo, ocasião que a colocou em outro patamar. No entanto, ressalva: “eu queria ser muito boa jogadora, eu queria ser campeã brasileira, eu queria viajar, eu tava treinando, mas eu não tive acesso a treinadores. Ninguém se ofereceu pra me treinar, eu não tive esse acesso”. Em um segundo momento, complementa: “eu fui até certo ponto porque posso dizer que fui autodidata mesmo, eu tive acesso aos livros lá nesse projeto. Eu lia os dali e depois os livros que eu comprava, então eu posso dizer que não tive essa orientação externa que pudesse me guiar”. Percebe que lhe faltava algo e, mesmo não sabendo por certo o quê, ressentia-se: “porque eu não tinha os acessos, mesmo sendo já campeã brasileira”. Exemplifica:

Eu cresci mas a estrutura não me acompanhou. Eu não tinha estrutura de apoio, eu tinha toda a minha vontade, cheguei em um ponto de ser tri-campeã brasileira, mas eu não tive... Por exemplo, “quem vai me treinar pra eu dar mais um salto?”. Fui pra Olimpíada, tô lá, mas quem vai... Sabe? A gente não tem essa estrutura, até hoje não tem, né? “Ah, chegou lá, e aí?”, eu mostrei que eu podia, que eu tinha potencial, mas cadê a estrutura de suporte pra eu avançar? Então isso eu não tive.

Tem ideia da fundamentação necessária que envolve a formação até o alto rendimento: “não tem um campeão do mundo, pelo menos no xadrez, que tenha sido campeão por acaso. Ninguém é assim ‘ah, eu jogo xadrez e vou lá’, tem toda uma história, tem algo que sustenta”. Conclui explicitando a ligação entre estes fatos e a causalidade do provável (BOURDIEU, 1998b) da sua profissão enquanto docente: “‘não posso ser uma campeã mundial, mas eu posso difundir o xadrez’. Então eu passei a me dedicar um pouco mais a ensinar também, entendeu? A formar pessoas que quisessem, que fossem apaixonadas como eu era”.

No retorno de uma das dez Olimpíadas de Xadrez em que participara, recebeu o convite por dirigentes de Blumenau, em Santa Catarina, para dar aulas de xadrez na cidade ofertando condições superiores às aquelas em que tinha na sua cidade natal ou, o que WIM 7 preferia chamar “essa vidinha mais ou menos”. Consultando uma mentora sua, professora de música, foi por ela incentivada na medida em que lá também havia uma das melhores professoras de flauta doce do Brasil. Aceitou o convite e se mudou para lá, residindo em um prédio onde moravam estudantes e professores de Educação Física. O local de moradia teve influência grande em sua carreira acadêmica e profissional, aprendizagens de ofício entendidas como um processo de socialização que inicia na infância e se estende ao longo da vida (BRASIL et al., 2015), como relata:

E depois quando eu escolhi o curso também, embora eu tenha escolhido o curso não pra dar aula de Educação Física, eu escolhi o curso pra estar perto do xadrez, para que o xadrez estivesse perto daquilo que eu acreditava que era o xadrez na escola.

Aí, enfim, quando eu mudei pra Blumenau eu acabei migrando pra Educação Física, no Rio eu fazia Letras. Mas quando eu mudei pra cá e como eu vivia na casa dos atletas e era tudo professor de Educação Física, estudante de Educação Física... E como era o início do xadrez escolar, eu tinha o entendimento que o xadrez tinha que passar pelos professores de Educação Física. Então quando eu entrei pro curso de Educação Física, eu acabei levando o xadrez.

Em relação aos processos de massificação e democratização do xadrez por vias heterodoxas do sistema de ensino (JANUÁRIO; MARQUES, 2015a), os interliga à necessidade de implantação da prática nas universidades: “porque como é que você quer implantar o xadrez no Brasil se a gente no curso de Educação Física não tem xadrez, na universidade não tem xadrez e quer colocar o xadrez nas escolas?”. Atribui a atual expansão da modalidade a projetos isolados, sobretudo, em escolas particulares. Uma vez na área, identificou uma interessante dicotomia, sobre a qual discorre:

Porque os professores de Educação Física sempre tinham uma resistência contra enxadristas. E ainda tinha aquela coisa de que professor não pensa, né? Professor de Educação Física só quer saber

de malhar, né? Então eles não queriam saber de pensar, e aí como eu tô na Educação Física, eu tô dando moral porque eu penso pra burro [risos].

Anos depois, recebera patrocínio de uma empresa por mais de dez anos, a qual a subsidiava com um salário mínimo, uma passagem internacional por ano para jogar e patrocínios na organização de eventos, função nova que WIM 7 começou a desenvolver. Mais tarde, começou a dar aulas em uma escola particular de xadrez com carteira registrada, ocasião que considera uma virada em relação a seus compromissos e a seu desempenho esportivo, o qual deixou de ser o mesmo devido às responsabilidades assumidas. Atuante também no espaço do clube de xadrez da cidade, é sobre ele crítica:

Mas eu entendia que isso não era suficiente porque, de qualquer forma, quem tinha esse acesso ao xadrez – à sala do clube ou ao fato de eu estar ali e ser campeã brasileira e já ter alguma experiência – eram pessoas privilegiadas. E eu tinha o entendimento que no social você tinha que abrir geral, mais pessoas tinham que ter o acesso.

Após o término deste patrocínio, WIM 7 angariou um segundo com uma outra empresa em que desenvolveu, ao longo de cinco anos, o “Projeto de Xadrez nas Escolas”. Tal ideia tinha a sua crença: “eu tenho certeza que se tivesse xadrez na escola pública nas mesmas condições que tem o colégio particular, as crianças do município iam arrebentar! [risos]”, uma vez que já dando aulas em escolas particulares, dominava o quadro de medalhas em competições disputadas. Dentro de si sabia, no entanto, que esta não havia de ser a sua missão ao ser contratada para estar ali. Segundo ela, “e não deu outra, no primeiro ano a escola já bateu de frente com a escola particular e no segundo ano já superou”. Pelo alto envolvimento das escolas neste projeto, houve também um elevado salto no número de inscrição de atletas nas competições da cidade.

Seguiram-se a este um projeto para movimentar o espaço de uma livraria alemã e de aulas específicas para meninas e mulheres da cidade, o “Bluluzinhas”, que nascendo para fortalecer a sensação de grupo e formando campeãs, permanece até hoje. Como professora, WIM 7 percebe as nuances entre momentos de aula separados para

meninos e meninas, promovendo ora ocasiões de práticas mistas, ora divididas – necessidade de equilíbrio também percebida por Galitis (2002) – entre as suas turmas:

Então eu noto bastante, como eu dou aula pra meninos, que os meninos têm uma idade que eles não tem o filtro. Eles vão falar que eles não querem saber se tem menina na sala, eles só falam, eles só agem. Só que a menina ela não tá treinada pra ouvir, então ela se sente mal e aí ela não quer, às vezes ela não quer. Entende? Aí é um problema de educação, é um problema de cultura, entendeu?

Em relação à oferta da prática enxadrística nas escolas, acredita que o xadrez representa um patrimônio da humanidade e, assim sendo, defende que “todo mundo deveria conhecer o básico, não precisa nem ser jogador, mas conhecer. Devia estar nos conteúdos da escola”. Entretanto, questionada sobre as diferenças entre gênero em sala de aula e a sua atuação enquanto professora, discorre entre nuances distintas em relação às ações que configuram a concretude de sua prática docente no ambiente escolar:

Pra mim é cultural, sinceramente. Há a naturalização de coisas, a gente tem que desconstruir. A gente tem que entrar em um processo que eu acho que essa palavra tinha que fazer parte, temos que desconstruir algumas coisas. E até mesmo algumas coisas no xadrez a gente consegue, tem conseguido.

Então primeiro passa por essa desconstrução, mas aí tem a naturalização que é “meninas gostam de rosa e meninos gostam de azul”. Quer dizer, não sei nem se gostam, tem menino que não gosta, né? Mas naturalmente as pessoas vão lá e dão rosa ou dão azul. E a outra coisa, “meninas gostam de boneca e meninos gostam de carrinho”, tá? Aí vem a outra naturalização, “as meninas vão cuidar do bebê e os meninos vão desmontar o carro”, certo? E quando os meninos pegam a boneca, o que eles fazem? Arrancam a cabeça da boneca, corta a boneca pra saber o que tem dentro. E quando as meninas pegam o carrinho, elas não desmontam o carrinho, elas só querem passear no carrinho, botar a boneca em cima do carrinho [risos]. Enfim, são coisas que vêm vindo, então alguns comportamentos acabam indo pra sala.

Às vezes eu busco com as meninas ser mais delicada e com os meninos você pode dar um aperto dele, dar bronca. É diferente e,

claro, tudo dentro da sua maturidade e tem outros aspectos também. Então o tempo todo você tem que estar pisando em ovos, o professor ele pisa muito em ovos.

Agora se for perguntar, em uma outra aula, por exemplo, se você for perguntar em um nível de excelência – que aí é outra coisa, né? – se você quer fazer junto, eles não tão nem aí se é homem ou se é mulher. Quem é jogador não tá nem aí, estão ali única e exclusivamente pela excelência. Se a excelência é homem, se é mulher, se é... Não importa isso, o que importa é a excelência.

Com ambas as experiências de ter trabalhado no âmbito público e privado, WIM 7 aponta a diferença entre os(as) alunos(as) pelos(as) quais teve a chance de dar aulas ao longo destes espaços. Sobre a diferença entre estes grupos no momento específico da competição, alerta que “com pobre não tem isso não, a criança que está na escola pública e que às vezes não tem condições, ‘não, tem que lutar até o final’. A lei é mais dura mesmo, ela é mais dura”, sendo assertiva no caso de condições mais igualitárias de disputa: “então, em condições de igualdade, a força do guerreiro vai mais longe. O espírito mais aguerrido é óbvio que vai!”:

Quando a criança lá do município ela vai competir, ela pode não ter muito conhecimento, mas se o outro entregar uma peça, ela toma a peça. Ela não vai se distrair, ela vai ficar alerta porque o tempo inteiro ela tem que estar alerta pra tudo. Meio que disputa mesmo, como a gente cresceu, disputando tudo. Bobeou dançou, sabe? É a luta da rua, né? Bobeou, dança.

Pela sua inserção em projetos sociais diversos e a cada vez mais como professora e treinadora, condicionantes contextuais da cultura esportiva no direcionamento de sua carreira (BRASIL et al., 2015), WIM 7 adverte que isto teve influência no decorrer da sua trajetória enquanto atleta:

Com essa história toda de ficar dando aula e organizar eu realmente deixei um pouco o xadrez competitivo, né? E também o óbvio, né? Foi ficando cada vez mais difícil manter, as novas gerações vieram muito fortes, as jogadoras. A partir da WIM 6, né? Quando chegou a WIM 6

no pedaço aí levou todo mundo [risos]. Aí depois da WIM 6 veio a WIM 3 que levou todo mundo por anos. Porque saiu a WIM 6, foi estudar fora, morar fora e veio a WIM 3 que dominou tudo. Aí a WIM 3 saiu e pronto, veio a WIM 4 pra dominar tudo. E aí tá aí, né? WIM 4, WIM 10 e WIM 2, ou seja, as mais velhas não têm vez não [risos]. Essa geração nova aí tá muito forte, né? E aí não tem como, tem que trabalhar.

À guisa de conclusão, tem escritas duas principais obras sobre a iniciação e especialização no xadrez, a saber, uma com dez livretos com muitas ilustrações sobre os elementos básicos do jogo e as diferentes fases da partida e a outra advinda de uma ideia de desenvolver o xadrez na língua inglesa junto ao colégio em que trabalhava, resultando em três coleções de livros com temas e atividades dos mais completos na literatura infantil enxadrística brasileira em inglês e em português. Atualmente é presidente de um tradicional clube de xadrez, com causas como tentar dar mais apoio e estrutura para jogadores, acessibilidade da anuidade e das inscrições de torneios e organizações de eventos de excelência. Considera-se profissional de xadrez por continuar a dar aulas, mas já não se vê necessariamente como jogadora profissional.

Sua percepção sobre as questões de gênero na modalidade é de desvalorização das meninas e mulheres enxadristas, como ilustra: “então eu sempre sentia que jogadores não respeitam o xadrez feminino. Eles só respeitam quando eles são vencidos. Então ‘ah, é campeã brasileira’, mas é ‘ah, é campeã brasileira feminina’”. Nos aspectos que tangem entre a relação de gênero e de treinamento, relata: “homens são especialistas, treinadores são especialistas em treinar meninos, certo? Nós temos que ter homens especialistas em treinar o feminino, entende?”. Por fim, demonstra um interessante olhar sobre o aspecto intergeracional da prática: “então pra mim todas as mães deviam ensinar xadrez pras filhas e pros filhos porque um dia eles vão dizer lá ‘quem me ensinou foi uma mulher’”. Neste ponto, WIM 7 vai ao encontro de um fator fulcral presente na trajetória de vida do enxadrista brasileiro de maior proeminência: a despeito de ter o maior auge, fora o único ensinado pela sua mãe (JANUÁRIO, 2017).

Em relação ao talento, se referindo ao seu sonho de profissão, elenca uma série de fatores importantes para o sucesso, no caso de seu exemplo, no campo da música:

O meu sonho era ser solista da orquestra sinfônica brasileira [...]. Mas era o que eu queria, através do trompete. A partir do momento que eu entrei na banda da escola eu queria, mas não dependia só de mim, eu só queria também porque faltava talento. Além do talento, vem todas aquelas coisas que contribuem, ou seja, ter tido uma vivência musical, estar perto das pessoas, ter acesso aos instrumentos, enfim! Tudo aquilo que eu não tive, então como eu só tinha o sonho...

Porém, ao olhar para si, considera que este lhe foi um componente ausente: “não me vejo como uma jogadora talentosa. Mas como uma trabalhadora, eu persegui um sonho e aproveitei as oportunidades”.

Questionada sobre aquilo de que necessitou se privar durante o seu percurso, tem claro que o movimento foi o inverso, isto é, o xadrez lhe acrescentara e realizara sonhos, alargando os seus espectros de ação (HODKINSON; BIESTA; JAMES, 2008): “então eu não tive que abrir mão, não foi bem isso” ou “o xadrez sempre abriu portas, a partir do momento que eu entrei, também não saí mais”. Exemplifica: “eu já comecei trabalhando com o xadrez, eu já comecei, na verdade, alguém me pagando pra eu fazer uma coisa que eu gostava” ou “porque um dos meus sonhos que era conhecer a neve, o xadrez já estava realizando”. Atribui o esporte, por fim, a uma dádiva da vida:

Ele meio que salvou, eu poderia dizer. Quando eu faço um paralelo de lá do que eu tinha, lá da rua, das meninas da rua, o que são. Quando eu penso que eu entrei em uma modalidade que ela me deu oportunidades, por isso que eu falo “opa!”, né? Eu penso que o xadrez foi uma dádiva, eu penso no xadrez como uma dádiva mesmo. Foi acho que uma das coisas mais importantes o que o xadrez deu. De compreensão também, porque essa é a parte mais legal de o xadrez ter contribuído para que eu entendesse como as coisas funcionam. Não resultados, nem tô falando de resultados. Me deu oportunidade de viajar, me deu coisas materiais. Mas essas amizades, essas construções e a compreensão também, sabe?

Por fim, retoma e atribui a sua trajetória a uma tônica de conspirações: “a coincidência é um caminho que vai me guiando, então muitas das minhas decisões foram baseadas no que conspira” ou “então isso das coisas conspirarem, eu acredito muito nisso que as coisas conspiram e elas conspiraram pra que eu estivesse aqui”. Entre “conspirações” e as várias adversidades enfrentadas em seu trajeto, conclui: “mas

eu sempre tive essa consciência de que é uma modalidade muito dura. Mas como eu sempre senti a vida dura, então eu sempre procurei dar o máximo ali nas partidas”.

4.3.8. WIM 8: “abençoada pela capacidade inata do talento”

WIM 8 nasceu em Manaus, no estado do Amazonas, e atualmente mora em Nova York, nos Estados Unidos. Tem 46 anos, tendo cursado parte de sua Educação Básica na modalidade pública e a outra parte na particular, sendo o Ensino Superior feito no âmbito público no país onde atualmente reside no curso de Sociologia da *Lima College* e a pós-graduação em Finanças. É professora de xadrez e organizadora de eventos deste esporte, possuindo uma renda média familiar de \$: 50.000 dólares ao ano.

Durante a sua iniciação no xadrez a família era formada por mãe solteira, a qual cursou até o Ensino Médio e trabalhava como secretária, pela irmã, estudante também até o grau do Ensino Médio, pela avó, a qual teve onze filhos, não deve ter terminado o Ensino Médio e era do lar e, finalmente, pelo avô, “o qual nem sequer sabia ler” e trabalhou como obreiro.

Iniciara na modalidade entre os nove e os dez anos em seu bairro, local onde o xadrez circulava como um “hábito” divertido, especialmente aos domingos, quando a rua era fechada para várias brincadeiras e para o esporte. Em um destes finais de semana o seu tio⁵⁷, político, trouxe o xadrez junto com um grupo de amigos e a partir dali ficaram fascinados: “trouxeram pro bairro e acho que a garotada inteira aprendeu, eu tenho vários primos, tipo dez primos ou mais que todos eles aprenderam”. Sobre a forma com que se dera este aprendizado, para WIM 8 “incorreta” segundo as atuais metodologias de ensino e por lhes proporcionar certos “vícios” difíceis de serem desfeitos, discorre: “por isso que eu sempre falo que xadrez, piano, instrumento, você tem que aprender da forma correta porque depois que você cria maus hábitos vai durar

⁵⁷ Quando questionada sobre o envolvimento prévio com a modalidade pelo tio, WIM 8 responde: “ele jogava damas de *hobbie* e aprendeu a jogar xadrez no parque – como ele jogava damas e de vez em quando ele passava pelo parque –, mas jogava damas e alguém ensinou ele a jogar xadrez”.

anos pra você soltar esses maus hábitos”. Complementa elucidando a modalidade de aprendizado por eles:

E nós todos, até o meu tio, havíamos aprendido xadrez de ouvido, ou seja, alguém falou que é assim que move as peças. Só pra você ter uma ideia, não existia livros, não existia vídeos, não havia informação. Então nessa questão aí eram nossas práticas e nossas brincadeiras entre primos, vizinhos.

Esta dinâmica continuava até que o tio descobriu uma federação de xadrez que era também um clube pertencente aos portugueses que tinha uma sala dedicada ao xadrez. Lá se desenvolviam torneios e eventos patrocinados pelos portugueses, os quais tinham mesas especiais destinadas à prática no local. Segundo Bourdieu (2017), o que mais exigem estas espécies de clubes seletivos é aprendido mais por experiências anteriores e externas inscritas nos corpos, sob o molde de disposições duráveis constitutivas de um *ethos* e de uma *hexis* corporal que denotam modos de expressão e de pensamentos. Foi neste ensejo que WIM 8, indo todos os sábados e domingos ao clube⁵⁸, conheceu mais o xadrez mesmo não vencendo durante quase um ano a maioria de adultos que lá havia. Sobre este contexto peculiar de sua iniciação à prática, comenta:

Nós íamos em bandos gigantes pra esse clube de xadrez quando ele descobriu que existia esse clube em Manaus. Então foi algo... Chegamos, pela primeira vez, em uma caravana com vinte, vinte e cinco crianças e meu tio e outros adultos levando a gente. Andando, a pé, porque não tínhamos dinheiro pro transporte. Então nós chegávamos em caravanas, andando a pé por, sei lá, deixa eu pensar aqui... Trinta minutos caminhando pro clube.

Havia um grupo muito jovem que estava lendo livros, aprendendo, tratando de melhorar e aí eu tinha acesso, de vez em quando, a alguns treinamentos que eles faziam pra essa garotada. Mas eu tava muito abaixo do nível. Mas o clube de xadrez, através do presidente da

⁵⁸ Em relação ao gênero, discorre: “eu era praticamente a única menina entre todos os rapazes no clube de xadrez, primeiramente. Eu era também a única menina entre todos os rapazes do meu bairro que fizemos a caravana ao clube de xadrez [risos]”.

época e organizador de torneios [...], me proporcionou a oportunidade de seguir no xadrez e melhorar.

Nesse período nós tínhamos pouco acesso à livros de xadrez, à informação. Estamos em Manaus, estamos no Amazonas. Então de vez em quando eles conseguiam trazer ao clube alguém que estava visitando Manaus. Então nós tínhamos muito pouco acesso aos treinamentos de xadrez e havia acesso entre eles de livros de espanhol. Mas pra quem não falava espanhol e quem mal falava português, ler em espanhol era muito complicado.

Ainda em relação ao ambiente do clube, relembra também que ali não circulavam pessoas com nível elevado de jogo, pelo contrário. Limitando-se ao que elas poderiam lhe ensinar e se ressentindo de alguém que pudesse oferecer treinamentos mais elaborados, explana:

É difícil quando você tá só em um ambiente onde as pessoas estão jogando, aprendendo, mas eles não têm aquele conhecimento pra te ensinar tão profundamente o que é que você pode fazer pra melhorar, esses erros que você tá fazendo. Então não existia essa questão de ter um guia, não era muito profundo, era muito básico. Mas esse muito básico me ajudou a ser campeã brasileira, a ser campeã pan-americana... Na raça mesmo porque não tinha muito conhecimento [risos].

Não lendo, desta forma, muita literatura, WIM 8 comenta que focava mais nos aspectos táticos do jogo para se desenvolver. Não obstante, houve um único livro que se recorda de todas as pessoas do clube lerem, quer seja, o “Xadrez Básico”, o qual colaborou no desenvolvimento de seu interesse pelo esporte. A partir disto ganhou Campeonatos do Amazonas, Campeonatos Brasileiros e Campeonatos Pan-Americanos e, com o avançar da idade, também obteve uma participação em uma Olimpíada de Xadrez. Com relativo sucesso, oportunidades de patrocinadores e ajudas de custo para as suas viagens apareciam:

Então a partir daí nós tínhamos pessoas dentro do clube de xadrez que tinham certa conexão com grupos políticos em Manaus e eles

começaram a pedir apoio financeiro pro governo ajudar nas passagens, alguma ajuda de custo. Coisa que não acontecia essa ajuda de custo, era mais entre os jogadores mesmo que faziam vaquinha pra me ajudar e eu poder viajar.

Finalizou o Ensino Médio em Manaus e se mudou pra São Paulo para se dedicar totalmente⁵⁹ ao xadrez, já que não havia indicação da família sobre a possibilidade de realizar uma faculdade, por exemplo. Lá, foi possível ter acesso a treinadores de xadrez, importantes agentes na mediação de saberes (CUSHION; JONES, 2012) sobre os quais nunca havia contado e, gradativamente, conquistar a evolução. Já contratada por uma equipe representativa de uma cidade deste estado, tinha certa independência financeira e contava com o treinamento esporádico, em períodos em que vinha para o país, de uma *Woman Grandmaster (WGM)*⁶⁰ cubana que também jogava por esta equipe da cidade em que era contratada, a qual considera a sua primeira treinadora. Nestes momentos moravam juntas, sendo que esta foi a primeira vez que WIM 8 sentiu que estava estudando xadrez “corretamente”, pedagogicamente por meio do método russo.

Alguns anos depois, em vista do título de *Woman Grandmaster (WGM)*, WIM 8 viajou para Cuba, com indicação de sua treinadora, onde estudou xadrez e contratou outros professores: “foi a primeira vez que realmente eu vivi em um ambiente do xadrez, mas em um ambiente onde as pessoas realmente respiravam e tudo isso era realmente xadrez”. Corroborando Guilarte (2012), destaca a preocupação que havia com a preparação física, para além da enxadrística: “eu ia correr todos os dias no ginásio lá, então foi muito bom, muito legal. Com uma boa preparação física eu pude melhorar o meu nível e entendimento de xadrez”. A qualidade de seu grupo de treinamento também era elevada, como demonstra: “tanto é que todos os meus amigos na época... Nós fazíamos treinamentos em grupo, éramos adolescentes mas eu era, talvez, três anos mais

⁵⁹ WIM 8 é crítica sobre a escolha que fez de se dedicar completamente ao xadrez, como relata: “erro total, eu amo xadrez, dou aula de xadrez, essa é a minha vida, mas eu acho que você pode fazer as duas coisas, você pode fazer xadrez e dedicar ao teu acadêmico”.

⁶⁰ Sobre ela, WIM 8 salienta: “sempre teve influência no xadrez cubano, tanto é que hoje ela é a presidente, está no comando do xadrez, de ensino. Não sei se é da federação, eu acredito que seja, mas é uma questão mais educativa, ela sempre foi muito dedicada à questão da educação”.

velha que os demais, mas todos estes tornaram-se Grande Mestre. Todos, sem nenhuma exceção”.

Neste período, ganhou o título de *Woman International Master (WIM)*⁶¹ em um Campeonato Pan-Americano e estava no caminho para conquistar o próximo, quando entre os dezenove e vinte anos sentiu a frustração de que “não estava fazendo nada” para sua vida. Com esta sensação de falta de progresso, somado a problemas políticos e falta de auxílio da confederação de xadrez nacional, voltou ao Brasil e decidiu fazer faculdade: “mas eu senti esse vazio de que o acadêmico faltava na minha vida – apesar que eu nunca tive certa influência ou a minha mãe e a minha família nunca impuseram isso na minha vida –, mas eu senti isso e por essa razão eu deixei o xadrez de lado”. Enfim, conclui: “então houve muita frustração em tudo isso, houve muito conflito interno e conflito externo e basicamente eu desisti do sonho de ser Grande Mestre”. Nos casos excepcionais de abandono após o êxito, as frustrações internas e externas atuam por si só, dando lugar à realização do desejo, em seu caso, que compunha um maior ideal (FREUD, 2010).

Questionada sobre o que teve que abdicar de sua vida por conta da carreira enxadrística, relata que o que aconteceu foi o oposto, isto é, o xadrez lhe proporcionara coisas, dada a questão socioeconômica da família “muito humilde e de poucos recursos financeiros”, que se não fosse ele não haveria. É muito agradecida ao tio, ao presidente do clube e organizador de torneios e a um doutor por disporem de seus tempos, esforços e recursos financeiros a acompanhando em viagens, já que a família não o pudera fazer. Para além, WIM 8 ressalta que havia poucas opções de atividades para realizarem e, neste sentido, o xadrez se destacava por ser uma atividade de prática deveras gratuita:

Então na verdade o xadrez foi abrindo portas na minha vida, o fato de eu ter chegado nos Estados Unidos foi através do xadrez porque houve uma oportunidade de uma bolsa de estudos através do xadrez. Então o

⁶¹ WIM 8 discorre sobre a relevância do título considerando a sua origem: “então isso já era uma coisa excepcional pro estado do Amazonas”. Complementa também com uma analogia entre a dificuldade de se conquistar títulos no campo acadêmico e esportivo, como discorre a seguir: “eu sempre faço essa analogia com a faculdade, estatisticamente falando é mais fácil você ter um título universitário do que ter um título de Mestre Internacional. É questão de estatística, é mais fácil você ser um *PhD* em qualquer área do que ser Grande Mestre”.

xadrez, na verdade, me abriu portas. Não me trouxe fortunas financeiras, mas me trouxe muitas alegrias pessoais e me deu muita oportunidade de viver, de viajar, de conhecer pessoas e muita coisa nessa questão.

No período em que retornara ao Brasil, já após a desistência do alcance do título máximo feminino em Cuba, teve contato com a mãe de um ator de um dos mais famosos filmes de xadrez de todos os tempos, a qual residia nos Estados Unidos e esteve de passagem pelo Brasil em um dos anos que WIM 8 fora campeã brasileira. Se conheceram, a mãe do ator explicou que tinha um programa de xadrez por lá e a contratara como professora de xadrez, mesmo WIM 8 tendo preocupações em relação à língua inglesa. Nesta escola de xadrez, dava aulas situadas na grade curricular e também extracurriculares. Complementa: “era uma escola particular onde as crianças pagam uma mensalidade anual de \$: 30.000 dólares, então era uma escola de uma classe de pessoas muito ricas”.

Entre os problemas internos e externos que a fizeram desistir da carreira como jogadora profissional, WIM 8 aponta certa dificuldade com a confederação nacional que rege a modalidade, a qual, segundo ela, “não tinha nenhum interesse em promover o xadrez feminino”. Sobre a sua postura, complementa: “eu sempre fui muito de falar, fui muito de reivindicar meus direitos e isso você não vê muito no xadrez feminino. Então eu requisei muito meus direitos”. O seu título máximo, por exemplo, não foi homologado pela confederação brasileira deste esporte cujo principal papel deveria ser prezar pelo desenvolvimento dos(as) atletas regidos(as) por ela (BASTOS; MAZZEI, 2020; MARONI; MENDES; BASTOS, 2010; MOUNTJOY; JUNGE, 2013), mas via federação internacional, por meio de uma conhecida que a auxiliou com todos os trâmites. Era sensível, também, para a questão da disparidade de premiações ofertadas:

Então foi uma questão realmente política, eu falava, reivindicava. Eu jogava alguns campeonatos junto com os meninos, Campeonatos Continentais, e os garotos tinham uma premiação em R\$ 10.000,00 em dinheiro e o mesmo torneio tinha, pro feminino, R\$ 0,00. Então isso era um absurdo! Como você vai ter R\$ 10.000,00 de premiação em um torneio que é dedicado ao absoluto e ter R\$ 0,00 para o xadrez feminino?

Eu falava, eu realmente não ficava calada, eu acreditava que eu tinha os meus direitos. Deveriam nos apoiar, nós deveríamos ter muito mais acesso a treinamento, muito mais acesso a preparações pra gente poder representar o Brasil da forma correta e nós não tínhamos. Nós não tínhamos bolsa do governo de Brasília, todo mundo tinha, até damas, e o xadrez não tem, pelo menos na época não tinha porque eles tinham fechado as portas pro xadrez do Brasil porque havia muita corrupção. Então realmente é frustrante e até hoje eu acredito que a maioria das coisas que acontecem no Brasil é por amor ao xadrez, não é por uma questão que a federação está fazendo algo. Na época pra mim era árduo, hoje eu já falo e eles já sabem claramente quem atrasou o xadrez no Brasil e infelizmente seguimos na mesma situação praticamente.

Então hoje nós não temos uma Grande Mestre Feminina por uma questão realmente de organização e política, nós não temos esse apoio no nosso sistema no Brasil. Mas eu aponto o dedo mais pra federação brasileira realmente.

Em relação ao seu gosto pela prática, discorre: “eu acho que foi paixão à primeira vista realmente, xadrez eu acho fantástico. Eu me emociono em ver partidas, eu vejo o xadrez como uma arte, eu vejo o xadrez como tudo: ciência, arte, esporte”. Já no tocante à sua percepção sobre a atuação do talento em sua vida, apresenta uma interessante fala que demonstra a sua disposição do *habitus* e que tende, sem intenção expressa e explícita, à conservação ou ao aumento de seu capital simbólico. Afinal, “o dom só é de fato dom se não parecer como tal, nem para quem o faz nem para quem o recebe” (BOURDIEU, 1996a, p. 10):

Eu acredito que o talento nasce com a pessoa, eu acredito realmente nessa questão e acredito que tem pessoas que têm facilidade de entender e melhorar o xadrez em um ritmo mais rápido que outras. Eu acho que essa habilidade natural realmente facilita a excelência se você adicionar ao treinamento disciplina [...]. Mas na minha vida, como enxadrista, eu acho que sim, eu fui muito abençoada em ter essa capacidade inata.

Atualmente é treinadora em sua escola de xadrez própria que atende duas cidades dos Estados Unidos. Organiza torneios locais, regionais e estaduais e tem como

propósito fazer do xadrez uma prática cultural que atue como uma ferramenta de conexão, principalmente para crianças: “então nas minhas aulas de xadrez eu quero muito que os meus estudantes eles amem o esporte, amem o xadrez e que eles possam usar o xadrez por toda a vida”. Todos os filhos já têm ao menos o contato com o xadrez.

4.3.9. WIM 9: a pioneira na obtenção do título entre as entrevistadas

WIM 9, irmã de WIM 5, tem 63 anos, nasceu na capital paulista e atualmente mora em Aveiro, em Portugal. Todas as etapas de sua escolaridade, da Educação Básica ao Ensino Superior, foram cursadas na esfera pública, culminando na realização do curso de Direito na Universidade de São Paulo (USP). É editora de livros e empresária e, por tais ocupações, recebe uma renda média familiar mensal de R\$: 13.200,00.

No contexto de seus primeiros contatos com o xadrez a sua família era composta pela mãe, pai e dois irmãos. Respectivamente, a primeira estudando até o Magistério e sendo professora, o segundo cursando até o Ensino Fundamental com o cargo de policial militar, o irmão mais velho se dedicando ao curso superior de Engenharia, sendo aposentado e, por fim, a irmã mais nova como concluinte do curso de Economia e, atualmente, também aposentada.

O seu aprendizado da prática ocorreu em família, em torno dos seis e sete anos, no contexto em que seu pai⁶² ensinava o irmão e, por extensão, as duas irmãs o acompanhavam. Elucida: “foi um aprendizado tão natural, não marcado, por atividade feita em casa que você está olhando e está aprendendo a jogar. Você aprende o movimento, aí você começa a brincar, a jogar também. Foi um aprendizado muito fluido”. Nota-se as vias dissimuladas de transmissão da herança cultural familiar, mecanismos que buscam matizar as relações de força que estão na base da imposição do arbitrário cultural da cultura legitimada (BOURDIEU; PASSERON, 2014). No início o pai centralizava as práticas, sendo que os irmãos não jogavam entre si. De acordo com WIM 9, eram muito competitivos, sendo que a disputa era acirrada, mas a dinâmica

⁶² Questionada sobre o envolvimento prévio do pai com a modalidade, WIM 9 responde: “ele só gostava de jogar e gostava do jogo. Então praticamente ele nunca competiu”.

caseira muito lúdica. A decisão de participar de torneios foi um “reflexo” das conquistas e bons resultados do irmão, fazendo com que WIM 9 quisesse jogar também, tendo os seus interesses voltados a competir, vencer e viajar.

Na escola, a única iniciativa era a de um centro acadêmico que tinha xadrez com o propósito de diversão e prática, mas nunca aulas de xadrez. A sua especialização ocorreu “só jogando mesmo, estudando um pouco, praticando em casa”. Começou a ganhar os seus primeiros Campeonatos Escolares, Campeonatos Estaduais Femininos, Campeonatos Brasileiros, Campeonatos Sul-Americanos, para além de Jogos Regionais e Jogos Abertos do Interior. Contemporânea do *match* do século (SOUZA; MARCHI JÚNIOR, 2013a) e da ascensão do enxadrista brasileiro de maior expressão em nível internacional, WIM 9 alega não ter sofrido tanta influência deste contexto, pois já jogava xadrez antes. Entretanto, para ela: “foi interessante ver representado o esporte na mídia e tudo mais, mas isso já era uma coisa que eu acompanhava mesmo”.

Aos vinte e quatro anos assinou o seu primeiro contrato exclusivo como jogadora, mas adverte que antes disto não havia nenhum investimento, sendo seus os principais esforços e de seu pai, o qual teve que abdicar de seu tempo livre. Considera que por um bom tempo foi profissional de xadrez, pois ganhava para representar equipes de determinadas cidades em jogos estaduais e, conforme seus resultados, o salário também se alterava. Adverte sobre a alteração de conotação do profissionalismo no xadrez: “hoje você já vê as jogadoras com apoio pras viagens, com apoio pra treinamento, com professores contratados, então isso é um profissionalismo diferente do que o que a gente tinha há trinta ou quarenta anos atrás”. Sobre o seu percurso e expectativas ao longo dele, relata que: “eu nunca tracei exatamente uma trajetória, um ponto final, onde eu queria chegar, de qualquer forma”.

Entre os seus maiores feitos, participou de nove Olimpíadas de Xadrez, sendo oito pelo Brasil e uma por Portugal. Em uma delas, mais especificamente a de 1984, ganhou a medalha de ouro no 3º tabuleiro feminino, honraria esta que significou a primeira medalha de ouro no xadrez – quer seja no absoluto ou no feminino – do Brasil. Conquistou o título de *Woman International Master (WIM)* em um Campeonato Sul-Americano, alcance que representou uma realização pessoal muito grande, visto ter sido uma das pioneiras no país a obtê-lo.

Tivera duas principais interrupções ao longo de sua carreira, sendo a primeira devido ao fato de estar casada e com dois filhos, evitando viagens, e a segunda pela mudança do país que representaria, sendo esta a transferência entre as bandeiras de Brasil e Portugal cujos trâmites demoraram mais do que o esperado, mas aconteceram em 2020.

Teve inserções na federação de seu estado, sendo a primeira diretora de xadrez feminino e criadora do departamento nela, organizadora de eventos e como árbitra de xadrez: “me permitia ter maior autonomia nessas realizações, então foi um caminho natural conseguir também ser árbitra pra poder organizar os torneios da forma como eu achava que devia ser”. Para além, em termos de ocupações, há dezenove anos compartilha uma editora de livros de xadrez com o marido, os produzindo e comercializando.

Entre as suas decepções ao longo do percurso, WIM 9 aponta questões políticas referentes, principalmente, à confederação nacional que rege a modalidade e ao modo como ela lida com o xadrez feminino, como exemplifica em discurso:

E, finalmente, eu diria que a maior decepção, eventualmente, é ver que apesar de todos esses anos trabalhando com o xadrez, organizando eventos e tudo mais, nunca houve uma valorização dos torneios femininos. Então os Campeonatos Nacionais começaram a ter condições cada vez... Eu chamo de precárias – podem ter opiniões contrárias, é claro, e o pessoal da confederação, sobretudo, vai ter – e considero indevidas e injustas com o próprio xadrez feminino. E aí isso também acabou me afastando por um tempo, digamos rompendo mais o último laço que eu tinha de ligação emocional mesmo com todas as competições no Brasil.

Na verdade já estabeleceram que eu não vou poder opinar sobre nada e se eu não posso ter uma participação maior, então eu não sei se eu quero estar dentro. Porque quando você cresce o que você anseia é poder contribuir mais, é poder melhorar mais, é poder participar mais.

Se em termos de tabuleiro, pra mim, sempre foi indiferente estar jogando contra homens ou contra mulheres – absolutamente indiferente – acho que nunca houve essa indiferença ou tratamento igualitário do lado dos organizadores e do lado dos dirigentes.

Sobre as diferenças entre homens e mulheres no xadrez, WIM 9 faz uma interessante comparação:

E eu acho que a comparação do que eu chamo de xadrez masculino com o xadrez feminino não pode ser exclusivamente em termos do que é chamado de qualidade técnica. Você tem basicamente duas práticas esportivas, obviamente limitadas ou definidas por características físicas, intelectuais, emocionais do sexo a que estão ligadas. Então basicamente comparando seria o mesmo que você falar que a ginástica artística masculina não é boa porque, claro, não vai ter o mesmo tipo de resultado estético do que a feminina porque o feminino é mais pré-disposto pra este tipo de atividade. Então eu acho que basicamente o que deveriam entender era isso, é o mesmo esporte enquanto base, mas cada um é uma prática esportiva e que deve ser respeitada da mesma forma.

Em relação ao papel do talento em sua trajetória, de encontro a Garganta (2013), Giglio (2008) e Marques e Januário (2018), discorre: “acho que é grande porque, como eu falei, como sempre teve muito pouco estudo, eu só posso creditar ao talento e a um bocado de sorte”⁶³.

4.3.10. WIM 10: a atual ranqueada número um brasileira e a era enxadrística pós-pandêmica

WIM 10 nasceu em São Paulo, capital, e reside em Osasco, também no mesmo estado. Tem 26 anos e cursou todo o seu percurso de escolaridade no âmbito privado, da Educação Básica ao Ensino Superior, concluindo a realização do curso de Química no Instituto Presbiteriano Mackenzie. É atleta profissional e professora de xadrez e, no que tange a seus recursos financeiros, tem renda média familiar mensal de R\$: 13.200,00.

Quando iniciada ao xadrez, a sua família nuclear era composta pela mãe, a qual cursou o Ensino Superior e é gerente de Tecnologia da Informação, pelo pai, o qual

⁶³ A despeito do tamanho relativamente menor da síntese da história de vida de WIM 9, ressalta-se o fato de que a duração de sua entrevista esteve entre uma das menores entre as participantes, quer seja, de 1 hora, 16 minutos e 43 segundos.

também estudou até o Ensino Superior e é vendedor e pelo irmão mais novo, o qual está cursando o Ensino Superior e é autônomo.

Embora atribua os seus primeiros contatos com o xadrez à escola, WIM 10 contou com o auxílio do pai que, aos cinco anos e segundo ela, lhe ensinara: “tudo, desde os movimentos das peças até esse contato ali na escola”. Essa relação ocorria em via de mão dupla, visto que ela sempre que aprendia algo novo na escola, chegava em casa e para ele mostrava: “e, no mais, ele ensinava o que ele sabia, o movimento das peças, algumas aberturas básicas. E aí acontecia o inverso também, ele me ensinava as aberturas, eu chegava na escola e perguntava pro meu professor”. Caso em que a escola poderia colocar todas as aparências da legitimidade a serviço da legitimação dos privilégios (BOURDIEU; PASSERON, 2014). Ressalta o amadorismo do pai no xadrez, mas também em outras áreas como a música, mais especificamente por meio da prática do piano e o esporte, notadamente via prática do futebol que, aliados à sua competitividade, formavam a tríade de práticas que, por muito tempo, perdurou entre a sua infância e adolescência:

O que ajudava também é que o meu pai ele joga, ele é amador, mas ele também joga, então ele sabia o movimento das peças. Então eu chegava da escola e falava “olha pai, olha o que é que eu aprendi aqui!”, aí a gente jogava, aí ele me falava a opinião dele, a gente acabava discutindo e aí foi o meu primeiro contato.

E eu lembro que desde criancinha o meu pai ia no conservatório tocar piano e eu ia acompanhar ele porque a minha escola era ali do lado do conservatório. No começo mesmo eu acabei me interessando mais pelo piano do que pelo xadrez em si. E aí começou a entrar outras coisas também porque eu sempre gostei muito de esporte, então o futebol foi algo que entrou bastante na minha vida também, ficou um tempo. Então no começo eu me interessei por tantas coisas que até eu filtrar e chegar a decidir que era o xadrez foi um processo que eu fui tomar uma decisão ali pelos quinze anos porque até lá eu levava os três comigo. Então eu jogava muito futebol, eu praticava muito xadrez e eu tocava muito piano também. E tudo isso foi o meu pai que me introduziu quando eu era criança pra mim e pro meu irmão.

Ao pai atribui a única fonte de apoio com a qual contara, para além de explicitar que nem sempre as condições socioeconômicas eram para ele favoráveis: “ao invés de

ter, digamos assim, uma renda da minha mãe mais a do meu pai me ajudando nas competições, era só o meu pai”. Neste sentido, o pai encarava o pagamento das aulas de xadrez para WIM 10 como algo a se investir, dada a má realidade brasileira do xadrez:

No caso da minha família, a única pessoa que realmente apoiava a minha presença no xadrez desde criança era o meu pai. Então o meu pai sempre fez de tudo pra que eu pudesse ter aulas de xadrez que não era uma coisa barata, é um investimento. Então não era algo que ele tinha sobrando, mas o meu pai sempre se desdobrou, então eu acho que ele abriu mão de muita coisa pra fazer com que eu pudesse ter treinamento, participar das competições que também não eram baratas. Porque é muito difícil o atleta ter patrocínio aqui no Brasil, principalmente quando a gente fala de xadrez que não é um esporte muito popular aqui.

Em uma das melhores escolas privadas de São Paulo, a qual continha um projeto de ensino de xadrez, WIM 10 se desenvolveu a partir de aulas da modalidade que faziam parte da grade curricular: “uma matéria mesmo, assim como matemática, assim como geografia você tinha que passar nas provas e isso me despertou um interesse muito grande pelo fato de uma escola dar um valor tão grande pro ensino do xadrez” e também extracurriculares: “um treino à parte”. Desde os cinco, seis anos, idade de sua entrada nesta escola, teve este duplo aporte. Em ambas, contou com um professor que detinha o título de *International Master (IM)* e que a acompanhou desde criança até a sua formatura no Ensino Médio nesta escola. Nas primeiras, aprendia o “básico” em uma sala de aula que continha um modelo de xadrez gigante à disposição para os(as) alunos(as). Já nas segundas, percebia o propósito de uma preparação mais direcionada às competições e com maior seriedade, para além de conteúdos mais avançados. Sobre estas últimas, detalha: “e o legal é que não tinha separação de gênero, não tinha separação de idade, era todo mundo junto [...]. Isso me ajudou muito a crescer e realmente foi bem legal ter esse contato com pessoas mais fortes e os treinadores”.

Por treinadores entende-se o acúmulo de uma supervisão pelo seu professor da escola e por um notável treinador com o título de *FIDE Master (FM)*, o mesmo que acompanhou WIM 3. Por volta dos sete anos, WIM 10 recebe o convite deste ilustre treinador de xadrez que nela havia identificado certo “talento”, a inserindo mais

frequentemente no cenário de competições renomadas como o Campeonato Paulista e o Campeonato Brasileiro, torneios que a desenvolveram gradativamente: “a criança, você sabe que quando ela ganha uma medalha, o ânimo dela aumenta ainda mais. Então eu ganhava as minhas medalhinhas e ficava bastante animada”. Para além deste impulsionador, adiciona-se o fato de que WIM 10 se considera: “uma pessoa muito curiosa [...]. Então eu sempre queria entender o que eu estava errando, como eu podia melhorar e eu sempre fui atrás nesse sentido”.

Quando indagada sobre a diferença entre seus dois treinadores, elucida que o primeiro a supervisionava de forma mais abrangente no âmbito escolar, possuindo um método que aplicava junto às aulas. Ressalta a importância dele em seu processo de formação, uma vez que ele a acompanhara “do zero” até o início de seus treinamentos e competições. Já o segundo, como era seu treinador particular, começou a guiá-la a partir da “base de formação” do primeiro, identificando suas necessidades e trabalhando para melhorá-las, percebendo pontualmente seus erros e a auxiliando a evoluir. Era ele quem, para WIM 10, sabia de forma geral sobre “mais de seus problemas” e de suas “feridas”.

Flexão importante em seu percurso foi o momento de escolha⁶⁴ entre adentrar o Ensino Superior e conciliar com a sua trajetória enxadrística: “mas o momento decisivo que chegou na minha carreira foi quando eu tive que escolher entre me dedicar 100% à Química ou tentar conciliar com o xadrez, tentar fazer meio a meio”. Neste sentido, a primeira faculdade que cursou, referência na área de estudos da Química, não compreendia o volume de suas ausências – uma delas, inclusive, pelo motivo de ter jogado uma Olimpíada de Xadrez – e continha um sistema avaliativo pouco flexível às demandas de estudos no retorno das viagens: “e eu lembro até hoje que eles colocaram seis, sete provas na minha mesa e falaram assim ‘você tem cinco horas pra terminar todas essas provas!’”. Já a segunda faculdade, a qual lhe fizera uma proposta por ser reconhecida pelo apoio ao esporte – inclusive para atletas olímpicos –, “por um sinal ou uma luz no fim do túnel”, ofereceu uma bolsa de estudos para que WIM 10 pudesse ali estudar e representar a universidade em torneios oficiais. Sendo esta “a melhor escolha” que fez, por lá encontrara condições que facilitavam a conciliação da dupla jornada

⁶⁴ Inicialmente o curso preterido por WIM 10 era a Educação Física, opção esta desaprovada pela família.

enquanto esportista e estudante. No findar de seu curso, vislumbrou maiores oportunidades de se dedicar ao xadrez, tanto como atleta como quanto professora.

O seu gosto pela prática perpassa a infinitude das possibilidades que o xadrez apresenta, bem como a impossibilidade de decifração total do mesmo: “porque às vezes o melhor jogador do mundo comete erros e não entende o que tá acontecendo, então se nem ele entende, por que é que a gente vai entender?”. O fascínio diletante pelo xadrez (JANUÁRIO; GIGLO; AMARAL, 2024), assim, acompanha a modalidade em que sempre há algo para se aprender: “então quando você acha que sabe de tudo, na verdade, você não sabe de nada, sempre tem mais coisas”. Na infância, pelo acúmulo de práticas esportivas e musicais que detinha, aponta a escola como principal impulsionadora de seu interesse – também, mas não só estimulado lá – em continuar: “na época, o futebol e o piano me chamavam mais atenção, mas aí quando eu tive esse contato na escola – também na escola – aí realmente os meus olhos começaram a se abrir um pouco mais para o xadrez”.

Com trajetória esportiva ininterrupta, conquistou o título de *Woman International Master (WIM)* em um torneio espanhol e possui, apenas junto a WIM 4, a dupla titulação entre este grau – considerado menor – e a honraria de *FIDE Master (FM)*. Sente-se feliz por esta última e a ela atribui maior importância, sobretudo por apenas duas mulheres em toda a história enxadrística brasileira conseguirem a conquistar: “e eu acho que isso é um motivo de muita inspiração pra muitas meninas porque a gente conseguiu títulos que os homens também podem conseguir”. Ademais, entre seus principais feitos constam o posto de número um no *ranking* feminino brasileiro, o que segundo ela trouxe mais responsabilidade, para além da participação nas três últimas Olimpíadas de Xadrez representando o país e a busca pelo título de *Woman Grandmaster (WGM)*⁶⁵, a qual mantém viva. Entre tantos êxitos, expõe:

⁶⁵ Suas expectativas extrapolam o próprio naipe feminino do título: “a jornada ainda não acabou, eu quero ser Grande Mestre Feminina primeiro e, se tudo der certo, eu quero continuar a jornada até Grande Mestre no absoluto”. Em um segundo momento, ainda sobre a vivacidade dos seus sonhos: “eu acho que ainda sou uma criança sonhadora, eu acho que os meus objetivos ainda não se concluíram, então a menina que era criança e sonhava em ser a número 1 do Brasil – eu consegui conquistar esse título no ano passado – ainda tem muito pela frente. Eu quero realmente conquistar o título de Grande Mestre, em longo prazo, e também quero ter vários... Quando eu realmente conseguir estabilizar a minha carreira e conquistar meus objetivos

E aí hoje o que é mais difícil, na verdade, é você manter porque você pode até se esforçar e chegar à número 1, mas é muito mais difícil você ter motivação pra manter. Então às vezes você chega lá e você fala “mas e agora?”. Então é muito importante também que tenham outras meninas, como tem, pra digamos bater de frente a frente. Hoje a gente tem a WIM 2, tem a WIM 4, tem a WIM 3 que tá parada no momento, mas enfim, quando ela voltar também é uma grande candidata. Então tem jogadoras ali que se você piscar o olho tiram o seu posto, então também é uma motivação muito grande que é o que acontece hoje entre eu e a WIM 4 mais frequentemente. Então é algo que a gente acaba se motivando também.

Atualmente considera-se profissional do xadrez por se dedicar totalmente à modalidade, contando com um patrocínio: “hoje eu quase não dou aulas mais, foco totalmente ali nas competições”, situação similar ao único Grande Mestre brasileiro que pode contar com a condição de apenas jogar (JANUÁRIO; MARQUES, 2015b). Com o advento da série “O Gambito da Rainha” em tempos pandêmicos, WIM 10 aponta o crescimento vertiginoso do xadrez na modalidade *online* e “automaticamente” no xadrez de um modo geral. Neste contexto, foi pioneira enquanto mulher brasileira diretamente envolvida na transmissão *online* de eventos enxadrísticos ao vivo na *internet*, trabalhando como *streamer* em uma plataforma de alto alcance: “e ali eu percebia que realmente era um meio um pouco tóxico⁶⁶, que realmente tinha essa pressão, tinha certos comentários, mas eu acho que no fim isso me deixou muito mais fortalecida”. Adiciona-se a este contexto um componente de gênero:

Mas principalmente por ser mulher eu acho que eu sofri muito no começo. Muito mesmo, eu cheguei a pensar em desistir várias vezes, de parar com essa criação de conteúdo. Mas isso foi algo que eu fui sabendo lidar, fui aprendendo, fui conversando, fui trabalhando e eu acho que hoje eu sou muito mais madura em relação a isso. Então é um desafio muito grande, principalmente pras mulheres, porque eu

profissionais, eu quero realmente criar projetos de incentivo ao xadrez – começando nas escolas –, mas também queria criar projetos pessoais mesmo pra incentivar principalmente o público feminino.

⁶⁶ Desde que começou a trabalhar no meio da *internet*, WIM 10 conta com um acompanhamento psicológico que, para ela, é “fundamental para um(a) atleta de alto rendimento”.

pelo menos não vejo outra enxadrista fazendo isso que eu faço hoje, a questão do *streamer*, porque realmente tem um custo você se expor. Então eu acho que no começo é difícil, mas eu acho que vale a pena porque você consegue fazer com que o xadrez alcance mais pessoas.

Então isso é realmente uma coisa que me incomodou e ainda me incomoda até hoje porque você vai pra uma competição e recebe mensagens ofensivas, não só pra mim mas a minha família também já recebeu mensagens ofensivas, então é algo que vai se escalando até um ponto que fica incontrolável. Então esse é o ponto mais negativo que eu vejo da *internet*, como eu falei, principalmente pelo fato de eu ser mulher também.

Sempre surgiram comentários como “por que é que uma mulher tá fazendo isso?”, “coloca outro no lugar!”, aquela famosa frase de “lugar da mulher é na cozinha!”, então essas frases machistas sempre aconteceram.

Em continuidade às questões de gênero, almeja um cenário mais igualitário: “mas, no mais, eu acho que o objetivo maior é que um dia a quantidade de mulheres, tomara, seja igual a quantidade de homens jogando xadrez”. Trazendo para o âmbito presencial, nega ter sofrido com importunações quando mais nova muito devido à presença do pai, porém, reconhecendo que muitas meninas e mulheres já passaram por isso no xadrez:

Esse é um assunto bem polêmico, eu particularmente nunca sofri nada nas competições porque eu já ouvi o relato de inúmeras mulheres que realmente sofreram preconceitos, mas também porque em boa parte da minha infância e da minha adolescência eu sempre fui acompanhada pelo meu pai nas competições. Então acho que ninguém ousava se aproximar do meu pai pra falar alguma coisa.

No que se refere às diferenças entre o contexto brasileiro e exterior da modalidade⁶⁷, explana que há uma “escala de dificuldades”. Comenta: “eu acho que é

⁶⁷ Assim como WIM 4, WIM 10 fez parte do projeto “Damas em Ação” que, dentre várias iniciativas voltadas ao desenvolvimento do xadrez feminino brasileiro, também as possibilitou a oportunidade de um intercâmbio esportivo no exterior.

um dos principais problemas, a falta de oportunidade. Porque na Europa você tem torneio acontecendo a todo instante, a todo momento”. Para além do maior volume de competições, aponta que as dificuldades são também outras: “a começar pelo idioma porque a maioria dos livros de xadrez você não encontra em português, são raríssimos os livros que você encontra em português de qualidade”. Para encerrar, reconhece um componente ligado à cultura: “então também é uma questão cultural porque muitos países europeus têm o xadrez nas escolas e também têm um incentivo maior no próprio xadrez, então eles enxergam o xadrez com outros olhos”. Conclui, novamente, retomando o ponto principal condizente às oportunidades: “os países sul-americanos podem, sim, investir no xadrez de base porque tem muito talento escondido aí, mas aí precisa de oportunidade”.

4.4. Eixos temáticos

As histórias de vida apresentadas anteriormente denotam formas de inteligibilidade que se relacionam à complexidade com que se pavimentam. As particularidades de cada uma delas as tornam únicas, percursos inseparavelmente individuais e sociais (PIOTTO, 2007) que permitem, assim sendo, também uma leitura em termos daquilo que exibem enquanto generalizações dado o contexto em que estão inseridas. Assim, cabe a esta seção, tomando como referência os eixos de análise temáticos, estabelecer o diálogo entre as trajetórias analisadas e os seus processos de constituição.

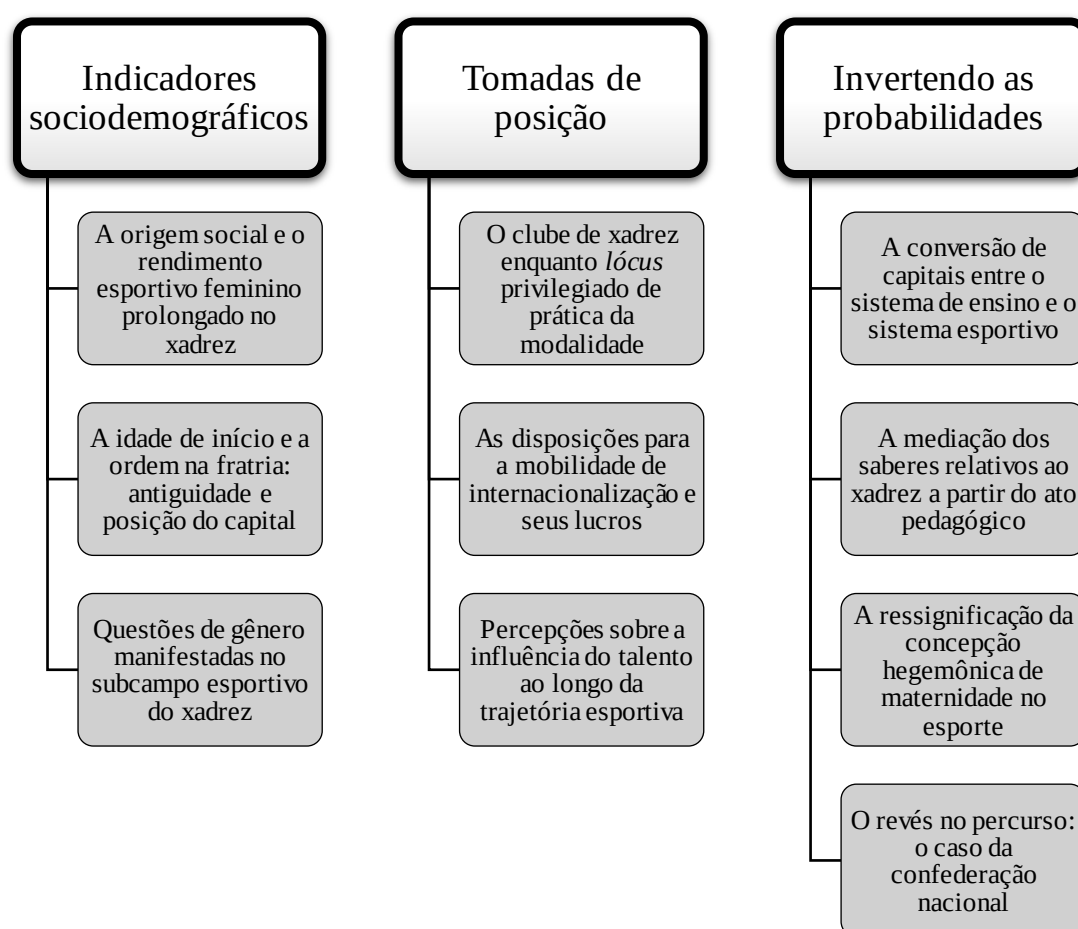


Figura 1 – Mapa do processo analítico oriundo da Análise Temática Reflexiva

4.4.1. Indicadores sociodemográficos

O eixo temático “indicadores sociodemográficos” é composto pelos subtemas secundários “a origem social e o rendimento esportivo feminino prolongado no xadrez”, “a idade de início e a ordem na fratria: antiguidade e posição do capital” e “questões de gênero manifestadas no subcampo esportivo do xadrez”, os quais são detalhadamente percorridos ao longo do texto nas páginas que se seguem.

A influência da origem social nas experiências de trajetórias de vida em campos diversos tem se conformado como um caro objeto de estudos à análise sociológica (BOURDIEU, 2014a; BOURDIEU, 2017; BOURDIEU; PASSERON, 2014; BUENO, 2007; JANUÁRIO, 2017, 2020; PIOTTO, 2007). Seja com escopo voltado às estratificações favorecidas, médias, quanto às populares, a tese de que as histórias humanas têm relação com a origem de suas disposições é bem consolidada na literatura há tempos e até a atualidade.

No que se refere mais especificamente ao campo esportivo e, nele inserido, à modalidade do xadrez, os principais registros e desdobramentos empíricos acumulados versam sobre a incidência da herança cultural familiar (BOURDIEU; PASSERON, 2014) nos trajetos percorridos pela elite de Grandes Mestres brasileiros (JANUÁRIO, 2014; 2017). Em síntese, tais estudos demonstraram, com uma única exceção – a qual é preciso também compreender – cuja origem das disposições adveio do ambiente escolar, que o acúmulo de capital cultural por meio de uma via de transmissão hereditária fora um mecanismo determinante para o sucesso destas trajetórias desde a iniciação até o alto rendimento esportivo enxadrístico.

A despeito de seis entre as dez participantes deste estudo possuírem linhagem semelhante, é fulcral considerar que, entre as mulheres e entre um título considerado inferior na escala de honrarias outorgadas como capital cultural institucionalizado pelo xadrez, particularmente quatro delas desafiam a tese da reprodução *bourdieusiana*. Ao invés da família enquanto principal instância socializadora responsável pela iniciação ao xadrez, estas jogadoras contaram com o intermédio de amigos provenientes dos ambientes da escola e de uma Organização Não Governamental (ONG), da união entre

inserções em projetos sociais e escolares, de um programa veiculado na televisão e, por fim, do próprio bairro onde residiam. Juntas, respectivamente, WIM 1, WIM 2, WIM 7 e WIM 8 são exceções que, no mínimo, questionam a *doxa* e o *nomos* em vigor entre a elite do subcampo esportivo do xadrez.

No entanto, tendo em vista uma concepção ampliada do conceito de capital cultural (PIOTTO; NOGUEIRA, 2021a), considera-se que todas elas tiveram com ele contato de diferentes formas e por meio de distintas vias de transmissão. O enfoque justamente sobre estas últimas, condutoras de trunfos que assumem diferentes configurações ao serem apropriados pelas agentes, parece ser imprescindível para a compreensão do que cada uma carrega consigo. A amizade oriunda de vias heterodoxas de transmissão do *habitus* enxadrístico incitou WIM 1 à frequência das aulas e participação em suas primeiras competições, sendo o vínculo do capital social entre elas nutrido até a atualidade. A frequência às aulas escolares e de um projeto social por WIM 2 trouxe à tona o caráter metódico, metodológico e metuculoso com que os detalhes de sua formação esportiva foram pensados pela figura, principalmente, de seu treinador. A televisão, para WIM 7, representou a propulsora de uma série de ocorrências que a levaram, desde o programa exibido pela tela, à concretude do contato com a prática. Por fim, morar em um bairro em que aos finais de semana as ruas eram interditadas para o esporte e brincadeiras fez com que WIM 8, em um deles, tomasse contato com o xadrez. Para um mesmo capital cultural, portanto, vias de transmissão distintas.

Desta forma, se “a família mantém um papel proeminente na reprodução social, especialmente via transmissão cultural doméstica” (PIOTTO; NOGUEIRA, 2021a, p. 12) como foi possível constatar entre a maioria das atletas desta pesquisa, não é possível desconsiderar que o capital cultural pode proceder de fontes outras além da familiar e, principalmente, com vias de transmissão complementares ao peso atribuído para o próprio capital cultural. A rentabilidade deste último não sendo, portanto, restrita ao acesso à cultura erudita mas, pelo oposto, proveniente de rotas que indicam possíveis processos de massificação, popularização e democratização do xadrez.

Considerando o pertencimento das exceções deste estudo a frações de classe populares e camadas médias, é possível observar que o capital cultural por elas acumulado ocorreu de forma independente do capital econômico (PIOTTO;

NOGUEIRA, 2021), visto que em várias passagens como “a minha família não tinha muito dinheiro”, por WIM 1, “então infelizmente os meus pais não teriam condições de me apoiar financeiramente”, por WIM 2, “eu morava no subúrbio”, por WIM 7, e “tive origens muito humildes, a minha família realmente tinha condições financeiras muito limitadas”, por WIM 8, as mestres explicitaram fazer parte de um meio familiar – e geográfico (BOURDIEU; PASSERON, 2014) – com subsídios financeiros limitados.

A relação entre a origem social e o capital cultural parece também se manifestar por meio das diferentes percepções sobre os investimentos pessoais ou aquilo que tiveram que abdicar as mestres ao longo da vidas para construir as suas carreiras no xadrez. Enquanto as herdeiras culturais renunciaram os seus privilégios para se dedicar à modalidade, sobretudo no que se refere a oportunidades de convívio e cultivo de capital social com a família e com as amigas, as atletas não-herdeiras invertem esta lógica ao valorizarem o xadrez como meio que as proporcionou oportunidades na vida, desvelando logros como o capital econômico, novamente o capital social e, por fim, o ensejo de várias possibilidades de ascensão em relação ao seu grupo social de origem. Elucidam o exposto, primeiramente e de maneira respectiva, os favorecidos discursos de WIM 3, WIM 4, WIM 5, WIM 6, WIM 9 e WIM 10:

Isso tinha pouquíssimos casos de ter alguém que tinha o treinador como pai, né? Então nesse sentido eu me sentia bem privilegiada de ter um investimento que era diferente, porque é como eu te falei, por mais que o pai não tivesse o conhecimento ou a didática, sabe? Ele não tinha a didática correta, talvez, mas ele tinha uma força de vontade que os outros treinadores nunca iam ter porque estava treinando a própria filha, né? (WIM 3).

Eu tive que abrir mão muito dessas questões sociais de você, assim, não ser considerada uma pessoa normal porque a nossa realidade é uma realidade muito à parte da realidade normal das pessoas (WIM 4).

Mas o que eu acabei largando por causa da minha carreira acho que foi uns 85% da minha vida. Foi pra me dedicar à carreira, né? (WIM 5).

Eu tive as restrições, os sacrifícios em questão de vida social, mas eu não... Eu acabei parando de fazer muitas outras coisas pra jogar o xadrez, mas eu não senti, na época, que eu tava tendo nenhuma proibição. Eu podia ter escolhas, então foi uma escolha minha jogar. Eu lembro que eu fazia os sacrifícios que eu fiz consciente, tanto na parte social quanto não fazer mais a dança, o balé e as outras coisas que eu também gostava. Mas nada imposto por fora, sabe? Nada do tipo o meu pai falando “se você não jogar xadrez não vai receber isso”, não teve nenhum tipo de coerção ou ameaça nesse sentido (WIM 6).

Eu diria que o investimento foi basicamente só meu, foi pessoal. Nunca houve um investimento ou um apoio para o desenvolvimento do xadrez. O que eu tive como apoio financeiro já era depois de ter uma carreira consolidada e, aí sim, é a exploração da sua capacidade de competição (WIM 9).

Olha, muita coisa! Pra se dedicar ao xadrez precisa, às vezes, impor uma carga horária de estudos, abrir mão de algumas coisas. Então o que eu mais sentia foi a parte da família porque na maioria das competições eu tava fora. Então, enfim, quando era aniversário de alguém, aniversário da minha mãe, aniversário do meu pai, às vezes eu estava fora não por escolha própria, mas porque as competições caíram nestas datas. Então a principal coisa que eu acho que o atleta abre mão – pelo menos eu posso falar no meu caso – é a questão da família. No caso do relacionamento não muito porque o meu namorado joga xadrez, então a gente viaja junto pras competições, mas eu acho que a questão familiar ela pesa bastante aí nesse sentido (WIM 10).

Pelo oposto, são ausentes nas falas das não-herdeiras quaisquer restrições oriundas daquilo que foi necessário para delinear as suas trajetórias esportivas. Para estas jogadoras, o xadrez assume o caráter de prática que lhes propiciou caminhos pelos quais, sem ele, dificilmente percorreriam. Tendo em vista a probabilidade ampliada de ascensão social por meio da modalidade e circunstâncias mais favoráveis de se distanciar das agruras que interpelam o seu meio social de origem, tais enxadristas valorizam mais aquilo que o xadrez lhes viabilizou do que, de fato, exigências que individualmente este esporte possa ter lhes requisitado. Sobre isto, as interlocuções de WIM 1, WIM 2, WIM 7 e WIM 8 oferecem, em sua maioria, fortes e longos atestados:

Então não tem nem como eu falar, foi um dinheiro que me ajudou demais, assim, demais mesmo. Me ajudou a pagar coisas que eu precisava, entendeu? A ajudar a minha mãe, assim... Então pra mim foi muito importante, mas é por isso que eu me cobrava tanto também (WIM 1).

O xadrez agregou muito na minha vida e eu me torno, a partir dele, uma defensora de muitas coisas, né? Como o esporte apoiado pelo setor público e não apenas pra quem seja mais favorecido, porque o xadrez vem de uma elitização histórica. Então fazer essa popularização é algo que eu realmente defendo e atuo hoje como professora também pra incentivar novos alunos a terem essa oportunidade e se eles se identificarem com a modalidade, que possam realmente dar continuidade e, quem sabe, fazerem também uma graduação assim como eu fiz, de forma como bolsista, né? Então o xadrez ele pode abrir muitas portas (WIM 2).

Porque, por exemplo, eu era pra ter sido uma adolescente revoltada porque eu não entendia muitas coisas, mas a partir do xadrez eu comecei a entender. De você entender as lutas, como as coisas funcionam e aí de você se enquadrar. Então eu fui sempre assim “eu entendo, eu tô aqui!”, né? Então eu fui dando o meu jeito, lutando as minhas batalhas de acordo com o entendimento que eu tenho do contexto. Então o xadrez eu acho que me deu isso de entender [...]. Então ele deu muito, ele é muito importante nessa construção toda da minha formação. Então é um referencial e tanto (WIM 7).

Mas o xadrez, na verdade, abriu as portas pra mim quando eu comecei a ter um certo destaque, o xadrez começou a abrir as portas de treinamentos, de físico [...]. O xadrez é minha vida [risos]. Eu sempre falo que o xadrez abriu todas as portas, todas as minhas melhores amigas são do xadrez, meu esposo, meus filhos, eu conheci ele através de um clube de xadrez em Miami. Então realmente se eu não tivesse nesse clube de xadrez eu não teria conhecido o pai dos meus filhos. Viagens, oportunidades de conhecer países, de morar nos Estados Unidos, todas essas oportunidades vieram através do xadrez. Então eu sou eternamente agradecida ao xadrez porque eu vim de uma família muito humilde e graças à Deus através do esporte, através do xadrez eu pude avançar, melhorar, fazer progressos na minha vida pessoal e profissional (WIM 8).

Com recursos diversificados e vias de transmissão distintas, as formas assumidas pelo capital cultural nesta investigação ainda se fazem trunfos e tornam possível o acesso a raras recompensas. Interpelados pela relação com a origem social, revelam nuances de um *continuum* com extremos opostos. Equivalentes funcionais do

antigo domínio preponderante da cultura erudita, apresentam movimento e vivacidade suscetíveis de tornar o capital cultural e a tese da reprodução *bourdieusiana* conceitos e investidas correntes e, pela raridade de suas exceções, ainda hodiernos (PIOTTO; NOGUEIRA, 2021a).

No que concerne à idade em que ocorreram os primeiros contatos com a prática do xadrez, tem-se que o conjunto das mestres consideradas neste estudo foi introduzida a este esporte, respectivamente em termos de média e desvio padrão, aos $6,7 \pm 2,9$ anos. Indicador, este, um pouco superior à idade em que iniciaram os integrantes da grande maestria brasileira, quer seja, aos $6,1 \pm 3,0$ anos de idade. Quer seja entre homens ou mulheres, a antiguidade do cultivo do capital cultural parece seguir certa regularidade, porém com uma iniciação ao esporte relativamente tardia delas em comparação a eles. Já no que tange à origem social, a idade de iniciação ao xadrez das herdeiras culturais deste estudo é de $5,0 \pm 1,7$ anos, enquanto que entre as participantes não-herdeiras este número quase duplica, sendo aos $9,3 \pm 2,0$ anos. Deste modo, em relação aos primeiros contatos com a prática, pode-se afirmar que a diferença etária entre estes dois grupos é discrepante ao ponto de as últimas conhecerem o xadrez quase que apenas no dobro de tempo no qual as primeiras já acumularam o privilégio de plenamente vivenciá-lo. Em duas relevantes passagens, WIM 2 comenta sobre esta desvantagem: “eu acabei tendo que correr muito atrás do prejuízo por iniciar um pouco mais tarde, enfim. Então talvez eu tive que suar um pouco mais ou desnecessariamente, né? Se eu tivesse iniciado um pouco antes...” e, adicionalmente, em “se você entra um pouco mais tarde na modalidade, você tem que se adequar ao conhecimento que já está colocado de uma forma muito mais acelerada, né? Tentando não pular etapas, mas você tem que se dedicar talvez o dobro, o triplo em períodos de tempo menores para que você alcance aquele patamar”.

Tais dados corroboram com a investigação de Silva, Fernandes e Celani (2001) cuja análise ocorreu entre as idades reais de iniciação de dez modalidades esportivas consideradas de maior representatividade: ao longo das coletivas, o basquetebol, o futsal, o futebol, o handebol e o voleibol; já entre as individuais, o atletismo, a ginástica (artística e rítmica), o judô, a natação e o tênis. Sobre as primeiras, os autores encontraram uma concentração entre as faixas etárias de 7 – 8 anos e 9 – 10 anos, representando, cada uma delas, 28% da população analisada. Sobre as segundas, dentre

as quais se incluiria o xadrez, os agrupamentos de idade mais verificados foram entre 5 – 6 anos e 7 – 8 anos, respectivamente, totalizando 30% e 23% da amostra considerada. Já ao analisarem 38 estudos, abrangendo os anos de 1984 – 2007 e contendo 253 amostras independentes ao longo de 14 modalidades esportivas e 16 países, Cobley et al. (2009) encontraram idades de iniciação similares a este estudo apenas nas práticas do *baseball* (4 – 6 anos) e futebol (6 – 16 anos), sendo as demais superiores aos 6 anos.

Rubio e Melo (2017), discutindo as razões e o momento em que se dá o início e a transição de carreira entre atletas mulheres olímpicas brasileiras, encontraram que a idade de iniciação depende da modalidade praticada, o que em sua grande maioria ocorreu entre 5 e 13 anos devido à maior relação com oportunidade de acesso à prática do que, necessariamente, um projeto de vida ou uma política pública. Foram idades similares à encontrada no presente estudo aquelas verificadas pelas modalidades da natação ($5,7 \pm 2,9$ anos), do tênis ($6,0 \pm 2,3$ anos), do triátlon ($6,7 \pm 3,7$ anos) e da ginástica artística ($6,9 \pm 2,4$ anos). Todas elas, tal como o xadrez, práticas individuais.

Em que pese a fratria, todas as mestres possuíam irmãos em sua família nuclear, sendo que a maioria tinha também não só um contato com a prática enxadrística, mas muitas vezes um envolvimento a nível de rendimento no esporte. Este é o caso da irmã mais nova de WIM 1 que a superaria se continuasse a jogar, também da irmã mais nova de WIM 2 que ganhou Campeonatos Brasileiros, das irmãs mais velhas de WIM 3, do irmão também mais velho e titulado de WIM 4, dos exitosos e inspiradores irmãos mais velhos de WIM 5, do irmão mais novo de WIM 6, dos irmãos mais novos de WIM 9 e, por fim, também do irmão mais novo de WIM 10. A maioria delas sendo, portanto, primogênicas. Entre todas, apenas os irmãos de WIM 7, quantitativamente a família de maior fratria e WIM 8 não tiveram sequer contato com a prática do xadrez.

A instituição familiar, qualquer que seja a sua composição, se faz enquanto uma unidade de reprodução biológica e social (BOURDIEU, 1996c) cujas formas de sociabilidade são permeadas por relações de afeto, mas também tensões, conflitos e disputas (BALARINI; ROMANELLI, 2012). As pesquisas têm demonstrado que aspectos como o número de crianças na família, sua ordem de nascimento e o gênero orientam de maneira decisiva as práticas educativas parentais (GLÓRIA, 2005). Tais

fatores contribuem para que se constituam relações e contextos singulares capazes de incidir de modo distinto sobre a formação esportiva.

Com o objetivo de analisar o modo como é efetuada a socialização dos filhos, o relacionamento entre eles e os pais, o processo de escolarização e o investimento parental em cada um dos membros da fratria, Balarini e Romanelli (2012) entrevistaram oito pais e mães de famílias nucleares de camadas médias que tinham dois ou três filhos(as) na faixa etária entre 15 e 25 anos cursando o Ensino Médio ou Ensino Superior. Assim como na presente pesquisa, também encontraram que primogênitos(as) foram os(as) que apresentaram melhores desempenhos no grupo pesquisado, provavelmente pela maior proximidade e investimento dos pais, seguido pelos(as) caçulas. Em relação a estes(as) últimos, e mais especificamente à fratria mais nova das mestres, cogita-se que estes(as) encontraram um ambiente cultural já desbravado pelas primogênicas e favorável para a iniciação ao xadrez. Portanto, mesmo entre uma mesma prole, pode-se constatar diferenças (GLÓRIA, 2005) concernentes ao seu processo de formação esportiva pelo fato de cada um(a) ocupar uma posição específica considerando o seu meio familiar.

O campo esportivo é um espaço generificado (demarcado pela diferença de gênero) e generificador (efetua a diferença de gênero) cuja entrada e permanência de meninas e mulheres extrapolam os processos de aprendizagem e treinamento de gestos técnicos e táticos específicos. Além de todas as problemáticas que envolvem o exercício do esporte em suas diferentes manifestações, elas precisam rotineiramente expressar atributos como a resiliência e a resistência (GOELLNER, 2021). Assim sendo, o fenômeno esportivo é um ambiente privilegiado para o fazer de gênero que contempla o desafio, a negociação e a transgressão das normas imputadas nas mais diversas práticas (SILVA; MARTINS, 2022). Ao reivindicar o direito de estar no esporte, meninas e mulheres subvertem a norma e evidenciam, por meio de sua diferença, quão tênues são os discursos e as modalidades que procuram atestar a supremacia deles em relação a elas. “Desestabilizam os jogos de poder que asseguram o machismo, a misoginia, o racismo, o capacitismo e a heteronormatividade” (GOELLNER, 2021, p. 106).

A desigualdade de gênero no subcampo esportivo do xadrez tem sido objeto de estudo em contextos limitados, visto que é mais difícil encontrar análises históricas e

sociais que lidam com a sua formação ao longo de contextos e tempos diversos. E, isto, tanto de um ponto de vista da formação de narrativas adequadas para justificá-la ou, pelo contrário, para a combater (STEMPIEN, 2020). Neste sentido, no que se refere a esta pesquisa, os discursos se dividem entre a ortodoxia sobre a pouca ou nenhuma incidência das questões de gênero ao longo da trajetória esportiva das participantes e a heterodoxia que se opõe e se inclina à subversão dos padrões tradicionais. Entre esta última postura, com exceção de WIM 2, a adotam todas as não-herdeiras com, inclusive, uma denúncia de assédio feita por uma delas. Compõem falas ortodoxas, respectivamente, as palavras proferidas por WIM 2, WIM 3, WIM 4, WIM 5 e WIM 10:

Eu me considero uma privilegiada no sentido de não ter uma situação que me desincentivou como mulher a praticar o xadrez. Eu sou uma raridade entre muitas meninas, já ouvi muitos relatos, sei de muitas histórias. Mas felizmente eu nunca tive que passar por uma sugestão que me constrangesse ou me desincentivasse a estar naquele ambiente, então acho que isso eu realmente nunca sofri (WIM 2).

Mas ele me forçava a jogar sempre com os melhores e até entre os homens. E isso me ajudou muito também, né? [...]. E depois eu peguei essa época que a gente jogava com os homens também que foi legal de viver essa fase também, mas sempre acompanhando essa diferença em relação, principalmente no Brasil (WIM 3).

Com as outras questões de gênero eu não tive problema porque eu comecei muito cedo no xadrez, todo mundo me conhecia, conhecia minha família, então eu não tive essas questões (WIM 4).

E você se sentir com muita raiva de não ser bem tratada porque você era uma mulher e outras coisas [...]. Eu acho que é só isso que é importante, graças a Deus nunca aconteceu isso comigo, mas é o que eu digo: o meu pai acompanhava a gente sempre enquanto a gente era menor, e aí depois a gente também já sabia se virar (WIM 5).

Esse é um assunto bem polêmico, eu particularmente nunca sofri nada nas competições porque eu já ouvi o relato de inúmeras mulheres que realmente sofreram preconceitos, mas também porque em boa parte da minha infância e da minha adolescência eu sempre fui acompanhada pelo meu pai nas competições. Então acho que ninguém ousava se aproximar do meu pai pra falar alguma coisa (WIM 10).

A atribuição destas questões não as ter afetado deveu-se, respectivamente, a uma rede de apoio constituída pelos membros da equipe de um clube no caso de WIM 2 e, em todos os outros, à proteção familiar, mais especificamente do pai, desde tenra idade. Novamente, aqui, constata-se mais um dos aspectos vantajosos sustentados pela herança cultural familiar (BOURDIEU; PASSERON, 2014). No entanto, ao contrapor tais discursos às sínteses de suas histórias de vida, é possível verificar que as questões de gênero interpelaram mesmo as trajetórias das participantes acima, de forma atravessada e transversal às suas histórias de vida e de modo conjugado com tensionamentos de classe, étnico, religioso, entre outros. Formas estas de performatividade de gênero, considerá-los assim “é dizer que eles são produzidos e reproduzidos a partir das nossas práticas corporais, por meio de permissões e coerções, ou seja, não se pode presumi-los falsos ou verdadeiros” (SILVA; MARTINS, 2022, p. 20). São trechos que exemplificam esta tensão aqueles selecionados abaixo, novamente e de forma respectiva, próprios de WIM 2, WIM 3, WIM 4, WIM 5 e WIM 10:

Então viajar sozinha sendo mulher envolve muitas questões na sociedade que a gente vive, estar em um evento onde o público é majoritariamente masculino envolve muitas questões... (WIM 2).

Como é que eu posso dizer, não é um machismo, assim, mas tinha uma certa coisa de que ser menina... Dos outros sacanearem, “ah, você vai jogar com uma menina, se perder é de uma menina” ou de a pessoa sentar com uma postura diferente ou ela te menosprezar ou ela ficar com medo de “como é que vai dizer que eu perdi pra uma menina”, essas coisas você sente, né? Eu nunca sofri uma discriminação de alguém dizer algo de que eu sou mulher, mas sentia esse ar de às vezes chegar em uma partida... (WIM 3).

O feminino naquela época ainda era um nicho menor do que é hoje, tinha muito poucas meninas. Em vários torneios que eu joguei eu era a única menina do torneio, mas pra mim isso nunca foi um problema porque eu estava sempre acompanhada da minha família toda (WIM 4).

Então coisas assim desse tipo, muitas ocorreram! E você se sentir com muita raiva de não ser bem tratada porque você era uma mulher e outras coisas (WIM 5).

Mas, no mais, quando você olha as competições é nítido que você percebe um tom de machismo no ar [...]. Eu lembro que os dados de 2021 eram que, no mundo, a gente tinha 1040 ou 1050 Grandes Mestres. Absolutos, homens. E no feminino tinham só 39. Então olha a diferença (WIM 10).

Por outro lado, os respectivos e heterodoxos excertos de WIM 1, WIM 6, WIM 7, WIM 8 e WIM 9 corroboram com Stempień (2020) no sentido de abordar aspectos relevantes para a atual desigualdade verificada no xadrez que, segundo este autor, consiste em três fenômenos relacionados: a constatação de que a população de enxadristas é predominantemente masculina, o fato de as meninas e mulheres apresentarem um nível de jogo abaixo do que o deles e a discriminação financeira que experenciam as meninas e mulheres no xadrez:

E aí teve um campeonato que foi um Aberto do Brasil que foi no Rio de Janeiro e o cara me assediou mesmo. E não só a mim, mas eu sei que ele assediou outras jogadoras do Rio de Janeiro. Fora do Rio eu não sei, mas dentro do Rio aconteceu e não foi ninguém que me contou. Eu vi as mensagens que ele me contou, eu vi os vídeos, eu sei o que ele fez comigo (WIM 1).

E pra mim há explicações claras, mas são opiniões pessoais baseadas em absolutamente nada além da minha opinião e observação, então nada científico. A primeira é bem óbvia, uma cultura de xadrez entre o sexo masculino é muito mais dominante do que com o sexo feminino. Pelo menos na minha época, eu tô falando de quando eu cresci, de quando eu joguei, eu não sei se hoje é a mesma coisa (WIM 6).

Teve um outro evento que foi em uma partida que eu estava jogando com um menino – eu era a única menina – e ele disse que eu toquei na peça e eu não toquei na peça [...]. Enfim, então aquilo também me incomodou bastante e porque eu tava ganha na partida [risos]. Por que ele vai me obrigar a fazer um lance que eu perco a partida? (WIM 7).

Se eu vejo uma menina que está interessada no xadrez eu faço tudo o que eu puder pra mantê-la nas minhas aulas. Tudo o que eu recebi no passado eu trato de oferecer às meninas que são muito poucas. Eu crio um ambiente pra que elas se sintam felizes e sintam que elas podem usar o xadrez pra fazer progressos na vida delas. Eu tento ajudá-las ao máximo no avanço delas da técnica (WIM 8).

Hoje eu estou muito longe desse mercado profissional, por exemplo, do Brasil, mas acredito que ainda haja uma diferença de salários, quanto ganha uma jogadora e quanto ganha um jogador. Tem essa diferença de organização e, finalmente, até de estruturas (WIM 9).

Ponderar o esporte como um campo no qual as meninas e mulheres são agentes de direitos pressupõe romper com a lógica tecida por estes aspectos e, como aponta WIM 9, de forma mais ampla também com a estrutura que os alicerça e a outros mais. A construção de um ambiente seguro que se pautar na equidade, na inclusão e no respeito carrega enquanto premissa o abandono da observação do corpo como um dado natural e universal sobre o qual se constituem atitudes, comportamentos, gestualidades, *performances* e valores (GOELLNER, 2021). Embora haja distintos modos de interdições agindo para afastá-las deste espaço, parece também existir, por parte das participantes deste estudo e como complementarmente demonstraram as suas sínteses de histórias de vida, mobilização em meio à disputa de poder e resistência (SILVA; MARTINS, 2022). Se já constatada uma diferença no que toca à constituição de disposições relacionada à origem social, também é possível afirmar certa disparidade nesta mesma conformação no que tange ao gênero. Neste sentido, é importante notar que se deve lutar pela igualdade de gênero ao invés de justificar e celebrar a desigualdade (STEMPIÉN, 2020). Afinal, “como um direito, o esporte as empondera, não apenas para nele estar, mas também para torná-lo outro: mais democrático, inclusivo e igualitário” (GOELLNER, 2021, p. 111).

4.4.2. Tomadas de posição

Compõem este eixo temático, respectivamente, os subtemas “o clube de xadrez enquanto *lócus* privilegiado de prática da modalidade”, “as disposições para a mobilidade de internacionalização e seus lucros” e “percepções sobre a influência do talento ao longo da trajetória esportiva”.

WIM 1, WIM 2, WIM 3, WIM 5, WIM 6 e WIM 8 relataram a frequência a clubes de xadrez especialmente após a sua fase de iniciação esportiva à modalidade

como meio de se especializar nela. Três das seis participantes detêm o capital cultural herdado, sendo levadas a conhecer este ambiente especialmente pela figura de seus pais, enquanto três delas não contaram com este proveito, mas usufruíram do mesmo local. Já WIM 7 cita o clube de xadrez como um espaço de trabalho em que dava aulas, uma vez que argumenta sobre um possível componente sociodemográfico e espacial: “e a outra coisa é que no meu bairro não tinha xadrez, não tinha clube. Eu morava no subúrbio”.

Recinto do xadrez amador desde a época em que se jogava nos círculos sociais ingleses priorizando os aficionados pela prática, o clube representou uma instituição cuja associação contribuiu para a transição do xadrez de jogo ou lazer intelectual para uma prática com contornos altamente esportivizados (SOUZA, 2010). Atualmente, muito embora de forma mais sutil e menos manifesta do que no passado, continua a transmitir e reforçar desigualdades entre os sexos (GALITIS, 2002). WIM 5 isto ilustra:

E sempre um ambiente masculino, o pessoal não gostava de jogar com mulher e perder, principalmente... Ninguém gostava! Isso em geral sempre foi, até hoje é, a gente ouve os Grandes Mestres fazendo esse tipo de comentário “eu nunca perdi pra mulher, eu nunca vou perder pra mulher” e enfim (WIM 5).

Neste itinerário, circulam nos clubes de xadrez não só o capital cultural relativo à prática do esporte, mas também o capital social que constitui uma rede de relações sociais e um recurso que provê acesso privilegiado a informações e a oportunidades. Quase sempre visto como um atributo positivo, o capital social pode acumular também consequências negativas tais como a exclusão de pessoas externas, reivindicações excessivas sobre membros do grupo e restrição às liberdades individuais (GINSBURG; WEISBAND, 2002). Este é o caso, por exemplo, do veto ocorrido com o pai de WIM 3:

Eu penso que era mais por ele ser novo, né? O pai conta que o pessoal era bem mais velho do que ele, então não aceitava muito a derrota, assim. Não queriam dar espaço pra ele, eu não sei te dizer exatamente os motivos, mas eu sei que várias vezes meio que boicotaram ele e ele acabou indo jogar por outras cidades (WIM 3).

Em análise de um clube de xadrez misto em relação ao gênero entre escolares, Galitis (2002) observou que se continua a confirmar e a perpetuar identidades e estereótipos de gênero em ambientes mistos e, como desdobramento disto, muitas meninas continuam a experimentar práticas de ensino que podem impedir o seu interesse, progresso e, em última instância, também o seu desenvolvimento educativo. Neste sentido, a autora propôs um espaço afirmativo de prática apenas para meninas, o qual era visto por elas como um refúgio de críticas e assédios verbais e não-verbais e, o que é mais importante, um ambiente seguro para que pudessem prosseguir com as suas aprendizagens no xadrez. Ressonante a este tema é o apontamento que realiza WIM 8:

Gênero no xadrez foi marcante pra mim porque eu era praticamente a única menina entre todos os rapazes no clube de xadrez, primeiramente. Eu era também a única menina entre todos os rapazes do meu bairro que fizemos a caravana ao clube de xadrez [risos] (WIM 8).

Embora não citado por nenhuma participante deste estudo, é importante notar que comunidades virtuais *online* se formam onde quer que pessoas com interesses comuns possam interagir e, neste sentido, também ocorre com os clubes de xadrez. Com o propósito de entender a circulação de diferentes formas de capital social nestes espaços, Ginsburg e Weisband (2002) exploraram a plataforma de um renomado clube de xadrez na *internet* utilizando um questionário sobre opiniões e hábitos de diversas pessoas neste que é considerado um negócio virtual de sucesso. Os autores encontraram que esta é uma comunidade com um volume considerável de capital social que, por sua vez, acarreta em ações de voluntariedade entre os membros. À medida que as pessoas continuam como voluntárias, o compromisso com a comunidade aumenta e, por sua vez, este comprometimento amplia a incidência de ações voluntárias em nome da comunidade. Assim, os autores concluem que o voluntariado representa ações altruístas que promovem o espírito comunitário e a participação cívica mesmo no formato *online*.

Na sociedade globalizada, onde as modalidades esportivas se tornam um fenômeno social transnacional envolvendo complexas relações de trabalho, consumo, informação e cultura, o fluxo de migração de pessoas é um tópico relevante no

desenvolvimento de uma carreira atlética tanto de um ponto de vista de uma mobilidade temporária ou permanente (MARQUES; MARCHI JÚNIOR, 2021). Neste sentido, estudos sobre a migração esportiva têm crescido consideravelmente na última década, oferecendo uma melhor compreensão das disposições de migrantes e razões de mobilidade, assim como os problemas e desafios que estas pessoas enfrentam, tal qual as influências contextuais que perpassam o agente no interior do campo esportivo (ROJO; MARQUES; STAREPRAVO, 2022). O rápido crescimento das pesquisas em migração no esporte fez com que elas fossem distinguidas entre três principais níveis de mobilidade atlética: a) mobilidade dentro de uma nação, a qual tem sido também referida como migração intranacional; b) mobilidade entre nações localizadas no mesmo continente; e c) mobilidade entre nações localizadas em diferentes continentes (MARQUES et al., 2022).

Com exceção de WIM 4, todas as participantes deste estudo sofreram alterações entre o seu local de nascimento e local de residência, isto é, mobilidades intranacionais. Especificamente WIM 6, WIM 8 e WIM 9 se mudaram de país, sendo que uma delas configurou uma mobilidade entre nações localizadas no mesmo continente (Manaus (AM) e Nova York (EUA), no caso de WIM 8) e as duas demais, por sua vez, realizaram mobilidade entre nações localizadas em diferentes continentes (São Paulo (SP) e Cingapura, no caso de WIM 6) e São Paulo (SP) e Aveiro (POR), no caso de WIM 9). Já no que tange às experiências de internacionalização pontuais, absolutamente todas elas passaram por pelo menos uma viagem em algum momento de suas carreiras.

No que concerne às mobilidades intranacionais, as quais envolvem questões críticas semelhantes às experiências de migração transnacional, porém em uma escala diferente, é possível dizer que elas incluem diferenças culturais entre locais e recém-chegados, a necessidade de estabelecer uma nova identidade no local de trabalho, a exigência de obter reconhecimento e estatuto e a precisão de resolver questões práticas como moradia, trabalho e estudos (MARQUES et al., 2022). Estes foram os casos, por exemplo, de WIM 7 e WIM 8 que, respectivamente, recebeu um convite para trabalhar em outro estado com condições acima daquelas vivenciadas por ela na cidade de origem e, por conseguinte, também mudara de estado em razão de já representar uma cidade do estado em que se migraria e, portanto, dela obter seu sustento e demais proventos:

Mas aí eles me chamaram pra trabalhar em Blumenau pra dar aula de xadrez. Porque em um primeiro momento eu recusei, eu falei assim “por que é que eu vou deixar o Rio de Janeiro se eu estou na universidade dos meus sonhos – eu fazia Letras na UERJ – e estudo alemão, estudo música e tá bom, né? Eu não tenho o porquê”. Mas aí eles falaram “olha, você vem pra Blumenau, você pode estudar alemão aqui, nós vamos te pagar, te dar casa e comida”. Eu falei “hã?” e eles “pra você continuar fazendo o que faz lá no Rio de Janeiro que é ensinar na escola”. Aí eu fiquei pensando “puxa vida, de novo vão me pagar, eu vou ficar jogando e ainda vão me apoiar nos eventos, ainda vão me pagar pra participar de Jogos Abertos”. Aí eu falei “essa vidinha mais ou menos”, né? [risos] (WIM 7).

E depois finalizei o meu Ensino Médio em Manaus e decidi me mudar pra São Paulo porque eu jogava por São Caetano, então já tinha certa independência financeira para poder morar em São Paulo, jogar e fazer alguns eventos aqui e ali por São Caetano (WIM 8).

Em termos *bourdieusianos*, as migrações podem ser interpretadas como estratégias para manter ou melhorar a posição dos agentes no interior de uma estrutura social específica por meio da acumulação de capitais. Em grande medida, é uma resposta à falta de oportunidade local e de boas condições de vida ou de carreira profissional atlética, baseada em uma disposição para agir de acordo com a consciência de que os resultados não são certos e influenciados por possíveis novas chances no local de recebimento (MARQUES; MARCHI JÚNIOR, 2021). Elas podem ser também compreendidas como um processo de metamorfose social que envolve alteração de *habitus* e acumulação de capital. Nesta direção, o capital social pode ser fundamental para aumentar as oportunidades de migrantes obterem aquilo que se propuseram adquirir – um aumento no capital econômico, cultural e simbólico e, portanto, uma melhoria na condição social (MARQUES et al., 2022). A busca por condições melhores em termos de suas trajetórias esportivas foi o que motivou ambas as mestres anteriormente citadas a migrarem de estado, podendo esta disposição para a migração ser entendida por meio da relação com a condição estrutural da cidade de origem com a cidade de destino, sendo a posição social influenciada por ambas as consequências da transformação de *habitus* específicos. Em que pese a relevância do capital social para a migração, WIM 8 deixa claro a importância de sua colega de equipe para a

intermediação de sua mudança: “eu fui morar em Cuba porque a Vivian Ramon é cubana e foi o nosso *link*, a nossa decisão”. Como apontam Marques et al. (2022), à medida que o(a) atleta migrante se desloca entre as comunidades de origem e de destino, ele(a) está entre as culturas de origem e recepção.

Já em relação às mobilidades internacionais, tem-se que a maioria delas ocorreu por conta da disputa de torneios fora do país, procura pela movimentação de *rating*, busca pelas normas de titulação ou mesmo como resultado da vaga conquistada para a disputa de uma edição da Olimpíada de Xadrez. De forma geral, WIM 1, WIM 2, WIM 3 e WIM 7 apontam, respectivamente, para uma posição inferiorizada do país no cenário exterior em diversos aspectos em comparação às outras nações:

Nossa, a realidade latino-americana é um pouco mais parecida, assim, sabe? É meio que difícil para todo mundo, mas em comparação com o resto do mundo, eu não tinha nem como me cobrar o tanto que eu cobrava. Eu me cobrava de ganhar de meninas que tavam dois técnicos ali no torneio e eu não tinha ninguém. E é um negócio absurdo, assim, sabe? (WIM 1).

E, sim, eu considero que o Brasil tem um certo atraso no nível mundial justamente porque a gente não tem... Nem um esporte, mas muito menos o xadrez como uma cultura, né? Então não existe esse aporte contínuo e suficiente pra que um atleta se mantenha, diferente do que acontece em países como a Rússia ou a China que hoje estão aí ganhando tudo o que podem ou até mesmo os Estados Unidos que têm uma política um pouco mais individual, não tanto essa questão pública, mas mesmo assim está há anos-luz na nossa frente (WIM 2).

No Brasil ninguém sabia que a gente tava na Olimpíada ou ninguém sabe que existe uma Olimpíada de Xadrez, então é bem diferente (WIM 3).

Justamente, porque eu viajei bastante e eu gosto de fazer esse comparativo. Principalmente por tantas Olimpíadas, o Brasil acho que tinha tudo pra andar, mas as estruturas não acompanharam (WIM 7).

Já WIM 4, WIM 5, WIM 6, WIM 8 e WIM 10 ressaltam a questão do acesso a torneios no certame brasileiro e a diferença de oportunidades vivenciadas,

principalmente, no contexto europeu da modalidade. Tal conjuntura de maior oferta de prática associada à chance de enfrentar jogadores de alto nível incide, segundo elas, diretamente nas chances de obtenção de titulação. Outros fatores como a maior quantidade de pessoas praticando, a facilidade de obtenção de obras em línguas estrangeira e a presença da herança cultural familiar (BOURDIEU; PASSERON, 2014) em países com um quadro cultural mais favorável à modalidade foram também citados:

Bom, tem muito mais torneio lá fora do que no Brasil, é muito mais fácil você virar Grande Mestre jogando torneios lá fora do que no Brasil. Tanto que a maioria dos Grandes Mestres hoje do Brasil eles viajaram muito, se você olhar a época que eles não eram Grande Mestre eles viajaram muito, jogaram muitos torneios na Europa. Porque esse é o caminho se você quiser virar Grande Mestre, no Brasil é mais difícil (WIM 4).

Mas assim, a gente vê que todo mundo tem que ir pra fora realmente que é onde tem esse profissionalismo e torneios mais fortes na Europa. Então é o caminho, é se dedicar um tempo pra competir lá fora (WIM 5).

São vários os fatores, primeiro a quantidade de pessoas que jogam. Hoje, no Brasil, é infinitamente maior do que era na nossa época, eu acho que o xadrez popularizou muito comparado ao fim da década de noventa e dois mil. Então a quantidade ela é uma questão importante, eu acredito. A outra é que quando você tá lá e observa os seus pares, eles começam jogando em um nível muito maior. Então todos os amiguinhos já jogam xadrez melhor porque têm na família e eles aprendem desde cedo por meio de uma forma mais correta de pensar, então o nível naturalmente cresce (WIM 6).

Não tô dizendo sobre o sistema político e econômico de Cuba que é totalmente diferente do Brasil, mas com uma estrutura assim, com uma federação brasileira voltada a esse treinamento básico da juventude e dos jovens, nós teríamos muitos Grandes Mestres porque nós temos um grupo muito grande de pessoas que gostam, amam o xadrez e teriam interesse de ter esse tipo de acesso (WIM 8).

O que eu mais senti de diferença, como eu falei lá no começo, foram as oportunidades. Eu acho que na Europa você tem muito mais oportunidade do que no Brasil. A começar pelo idioma porque a maioria dos livros de xadrez você não encontra em português, são raríssimos os livros que você encontra em português de qualidade [...].

Outro é que você tem competições, como eu falei, em todo lugar e a todo momento [...]. Então também é uma questão cultural porque muitos países europeus têm o xadrez nas escolas e também têm um incentivo maior no próprio xadrez, então eles enxergam o xadrez com outros olhos [...]. Eu acho que tem poucos torneios, principalmente pra aqueles que querem se profissionalizar e conseguir titulação. Pra jogadores que querem simplesmente aprender xadrez e ser um jogador amador, eu acho que não tem nenhum problema. Mas quem quer realmente ali seguir a carreira no esporte, eu acho que tem esses obstáculos (WIM 10).

Mesmo que representando fluxos migratórios pontuais, tais experiências de internacionalização demonstram uma direção de itinerário que parte de um país do sul global em direção a grandes centros enxadrísticos, notadamente Cuba e a Europa. O sentido deste deslocamento corrobora estudos que se dedicaram a analisar a produção acadêmica de migração no esporte por meio de artigos (ROJO; MARQUES; STAREPRAVO, 2022), a descrever as condições de trabalho de jogadores brasileiros de futsal de elite e sua influência nas disposições para a migração esportiva na vida adulta (MARQUES; MARCHI JÚNIOR, 2021) e na fase da juventude (MARQUES et al., 2022). Mais do que uma prática pertencente a esta ou aquela nação, os fluxos de mobilidade elencados pelas mestres são exemplos de que esta é uma prática de contornos globais, pela qual elas demonstram forte *illusio* ao buscarem principalmente locais onde haja um contexto de maior acumulação de capitais e, portanto, maiores chances de pleito à *doxa* imposta pelas normas de titulação que tanto lhes favoreceram o título, quanto poderiam tornar possível a conquista de honrarias mais distintas a esta.

O ideário de talento, o qual é presente nos processos de identificação, desenvolvimento e aperfeiçoamento de atletas desde a iniciação esportiva até o alto rendimento ao longo das mais diversas modalidades, se faz enquanto *doxa* da ordem simbólica manifestada neste campo (MARQUES; JANUÁRIO, 2018), forma de crença pautada na mera opinião e que se opõe ao conhecimento sólido e austero da ciência. No que tange aos seus condicionantes, sabe-se que a sua identificação é um desafio complexo, pois multifacetado. Para além, o conceito é relativo e social, posto que varia no espaço e no tempo e implica em reconhecimento a depender das referências utilizadas (GARGANTA, 2013).

Assim sendo, incorrer na posição de tentar designá-lo apenas a partir de fatores inatos prevaletentes é sinônimo de um equívoco e substancialismo que nada contribuem para o debate acerca de suas variadas e, por vezes conflituosas, premissas. Tal juízo pôde ser identificado por algumas das participantes deste estudo, as quais consideram que o talento em suas carreiras carrega o desígnio de dom natural, inato ou capacidade averiguada por alguma entidade divina. São exemplos de discursos como estes, respectivamente, aqueles de WIM 5, WIM 8 e WIM 9:

Eu acho que é noventa por cento da minha carreira, eu sou mais talento do que dedicação, estudo [...]. Pra chegar onde eu cheguei sem estudar tanto como eu deveria ter estudado é porque eu tinha mais talento do que dedicação, é isso o que eu quis dizer. Alguma coisa mais inata (WIM 5).

Eu acredito que o talento nasce com a pessoa, eu acredito realmente nessa questão e acredito que tem pessoas que têm facilidade de entender e melhorar o xadrez em um ritmo mais rápido que outras. Eu acho que essa habilidade natural realmente facilita a excelência se você adicionar ao treinamento disciplina. Eu acredito que devo ter um certo nível de talento para o estudo do xadrez na minha vida [...]. Como enxadrista, eu acho que sim, eu fui muito abençoada em ter essa capacidade inata (WIM 8).

Acho que é grande porque, como eu falei, como sempre teve muito pouco estudo, eu só posso creditar ao talento e a um bocado de sorte [risos] (WIM 9).

Naturalizar o potencial de aprendizagem e de desempenho no campo esportivo por meio da característica inatista do talento não só diminui a chance de desenvolvimento de atletas, como centralmente contribui para a estagnação de diferenças entre grupos sociais, os quais são providos de oportunidades de prática e incorporação de capitais distintos. Por esta razão, é também responsável por acentuar a desigual estrutura social do campo entre quem possui ou não acesso aos trunfos valorizados neste espaço (MARQUES; JANUÁRIO, 2018). Ao reforçar a natureza das aptidões, a arbitrariedade do crivo de talento tensiona a oposição – na maioria das vezes inconsciente por ser parte do *nomos* e tradição do campo – entre natureza e cultura ou,

em outros termos, entre o inato e o adquirido (DAOLIO, 2006). Sendo a tendência ortodoxa do campo a biologização e, portanto, universalização do conceito de talento, não é factível se esquecer que o inatismo desta concepção leva à busca pela homogeneização dos corpos, reduzindo a uma questão natural que interessa a quem domina o campo o que é também cultural, pedagógico e social.

Por outro lado, apresentam uma postura com característica heterodoxa em relação às anteriores as falas, respectivamente, de WIM 1, WIM 2, WIM 3, WIM 4, WIM 6, WIM 7 e WIM 10. Traço do *habitus* de gênero destas participantes parece ser a negação da presença da concepção de talento em suas carreiras ou mesmo a percepção de que há fatores nele que se devem à hereditariedade e, outros e com maior peso e rigor, à aprendizagem:

Nossa, eu acho que nenhum. Nenhum talento, assim. Tudo na minha vida eu treinei muito, eu me dediquei muito, eu não tenho talento, assim, pra nada. Eu tenho essa coisa de ser mais quieta, de ser mais na minha que talvez ajude a estudar xadrez, mas assim, talento eu não tenho (WIM 1).

Eu acho que talento é algo bastante complexo e com certeza algumas pessoas têm. Eu não sei se talento é a palavra exata, mas elas têm uma aptidão pra aquela habilidade que vai ser desenvolvida ou pra aquela capacidade. Então eu acredito que eu tenho algumas habilidades que sejam inerentes ao ambiente do enxadrismo, mas outras pessoas têm outras habilidades e também conseguem ter uma carreira de sucesso (WIM 2).

Eu não consigo me enxergar como alguém talentosa para o xadrez. Eu sempre me vejo como resultado de muito esforço, justamente por conhecer as minhas dificuldades e não saber como superar elas (WIM 3).

E também, é claro, acho que muito importante é o talento. Eu acho que às vezes ele é muito importante, mas o trabalho duro que você coloca ali diariamente, a consistência do seu treino é um item pra você chegar à excelência. Sem criar essa rotina de treino, é o que eu falo pros meus alunos, você não vai chegar onde você quer (WIM 4).

Então as pessoas, hoje em dia, talvez achem ou quando você olha pra um atleta que se destaca, “ah, porque a pessoa é muito talentosa, a pessoa é muito acima da média”, eu não concordo com isso. Na verdade, por trás, tem muito sacrifício [...]. Então, o talento era uma parte que, apesar de ser importante, era pequena. Na verdade eu acho que é muito mais esse esforço [...]. É difícil definir talento, né? O que é o talento pro jogo? (WIM 6).

Eu não vejo talento porque eu nunca ouvi alguém dizer que eu fosse talentosa. Eu não tenho essa memória, “olha, você é muito talentosa!” [...]. Então teria que ver esse conceito do que é o talento, mas não me vejo como uma jogadora talentosa. Mas como uma trabalhadora, eu persegui um sonho e aproveitei as oportunidades (WIM 7).

Eu acho que essa pergunta é sempre bem interessante porque muita gente fala de talento ou dedicação e eu sempre acho que o talento é a capacidade de você aprender. Então eu não acho que alguém nasce com talento e só com ele você consegue se transformar em um grande atleta, eu acho que precisa de muito esforço por trás disso. Talento é aquela pessoa que tem facilidade de aprender, nem todos têm. Nem todos têm tanto, mas eu sempre acho que todo mundo tem um pouco de talento. Mas eu acho que o talento, sem o esforço, acho que ele não chega em lugar nenhum. Então eu sempre acho que os dois precisam andar lado a lado (WIM 10).

Compreender o talento de acordo com as perspectivas acima significa atribuir a ele um caráter construído, duradouro e processual. Em que pese o fato da maioria das participantes terem algum tipo de objeção em o assumir como componente de suas trajetórias, é importante lembrar que podem tê-lo feito pela *doxa* naturalizada que paira sobre este termo no campo esportivo. Pelo oposto, se o talento é sociologicamente compreendido como o saber e manejo de capitais valorizados neste espaço, a conformação do *habitus* e o acesso a prévias experiências que endossam a *hexis* recobrada neste universo, então certos agentes estariam em vantagem em detrimento de outros. Em posse deste entendimento, educadores que lidam com este fenômeno teriam a responsabilidade de desenvolver meios e possibilidades possíveis de oferta de prática de acordo com o contexto em haver, buscando oportunidades equânimes de aprendizagem e desenvolvimento a quem possa se envolver com o esporte (MARQUES; JANUÁRIO, 2018).

Nesta linha de pensamento considera-se a natureza e a cultura como aspectos complementares de um mesmo processo, sendo que seres humanos agem sempre corporalmente em sua relação com o mundo. Atuar no corpo, neste sentido, significa atuar na sociedade que provê referências a esse corpo (DAOLIO, 2006). Assim sendo, considerar natural o que é, de fato, cultural altera a chave do que é evidente para uma discussão que deve se dar por meio da reflexividade. Afinal, de acordo com Laplantine (2005, p. 22), “pois se há algo natural nessa espécie particular que é a espécie humana, é sua aptidão à variação cultural”.

Tendo em vista que as concepções de talento aqui demonstradas partem da elite do subcampo esportivo do xadrez em suas mais diversas transfigurações de posições, foi possível notar que coexistem não só perspectivas que visam o interesse e manutenção de estigmas por meio de feitos extraordinários, mas também outras que rompem com essa lógica e tornam mais alcançáveis determinadas idolatrias que, *a priori*, só seriam possíveis para poucas pessoas (MARQUES; JANUÁRIO, 2018). Entre as três jogadoras que elencaram o aspecto inato do talento, faz-se relevante ressaltar que duas delas são herdeiras culturais e WIM 8 a única não-herdeira, visto que entre este último grupo preponderou o apontamento de uma dimensão construída deste ideário, quer seja, por WIM 1, WIM 2 e WIM 7. Depreende-se, pelo exposto, que a dinamicidade da noção de talento é social e relativa, uma vez que varia no espaço e no tempo, implica reconhecimento e depende das referências utilizadas (GARGANTA, 2013). Em outros desígnios, “de tudo o que aparenta natural, o talento no esporte, na realidade, se faz, mostra e constrói cultural” (MARQUES; JANUÁRIO, p. 98).

4.4.3. Invertendo as probabilidades

A formação deste eixo temático é composta pelos subtemas “a conversão de capitais entre o sistema de ensino e o sistema esportivo”, “a mediação dos saberes relativos ao xadrez a partir do ato pedagógico”, “a resignificação da concepção hegemônica de maternidade no esporte” e, por fim e nesta ordem de apresentação, “o revés no percurso: o caso da confederação nacional”.

Invariavelmente, o nível mínimo de escolaridade – capital cultural institucionalizado – atingido por todas as mestres neste estudo alçou o Ensino Superior, mais especificamente com três delas cursando Pós-Graduação. Seis das dez o realizaram em universidades do âmbito público e quatro, por outro lado, na esfera privada. Três foram bolsistas universitárias. Entre as duas mestres que pleitearam o curso de Educação Física com o intuito de aliar a formação acadêmica à atividade profissional com o xadrez, todas são não-herdeiras. Com exceção de WIM 4 e WIM 10, cujos pais já detinham um diploma no Ensino Superior, para todas as outras o nível de escolaridade alcançado representou uma superação do mesmo indicador de estudos verificado pelo pai e pela mãe. No comparativo com a grande maestria brasileira, pode-se afirmar que o nível de escolaridade das mulheres foi maior do que o dos homens, uma vez que entre eles coexistiam níveis de Ensino Superior incompletos e até o *cursus* findado no Ensino Médio (JANUÁRIO, 2017). Já na Educação Básica, cinco delas cursaram escolas privadas, quatro colégios públicos e uma delas passou por ambos os naipes. A heterogeneidade das mulheres no curso de ambos os domínios também parece ser maior comparada aos Grandes Mestres brasileiros, os quais tiveram predominância de estudos em colégios privados (JANUÁRIO, 2017). Quatro foram bolsistas na Educação Básica, tendo o desconto ou isenção da mensalidade escolar alguma relação com o desempenho esportivo verificado no xadrez.

A relação entre o acesso e o grau acadêmico de famílias e suas proles é bem evidenciada na literatura (BOURDIEU, 1998b; BOURDIEU, 2017; BOURDIEU; PASSERON, 2014). Em análise da elite de atletas de futsal feminino brasileira, Maquiaveli et al. (2021) encontrou que, durante a Educação Básica, 10% das jogadoras receberam bolsas de estudos vinculadas à atividade esportiva, enquanto que no Ensino Superior esta porcentagem se alterou para uma crescente de 90% das salonistas. Na investigação corrente, entretanto, esta relação é menor, visto que apenas duas se declararam bolsistas de faculdades privadas. O mecanismo da bolsa de estudo pode ser compreendido mediante a conversão de capitais (BOURDIEU, 1986), uma vez que o capital simbólico próprio do campo esporte e o reconhecimento de um rendimento atlético significativo proporciona oportunidades de representação comercial e de promoção de instituições de ensino, transfigurando o primeiro em capital econômico e cultural. Tal iniciativa rompe, ao oportunizar a entrada de agentes que sem este

subterfúgio não poderiam acessar a universidade, com a tendência de reprodução de desigualdades verificada ao longo da sociedade brasileira (MAQUIAVELI et al., 2021).

Já em relação ao nível de escolaridade dos pais, tais autores notaram, tal qual o presente estudo, a ascensão dos graus pleiteados pelas famílias e aqueles conquistados pelas atletas, havendo a ultrapassagem parental por parte das mesmas. Maquiaveli et al. (2021) associam esta superação em termos de capital cultural institucionalizado pelas jogadoras à ausência do efeito da herança cultural familiar, não havendo reprodução do grau acadêmico familiar. Este movimento permitiu a obtenção do nível de elite tanto no campo acadêmico quanto no esportivo.

Similarmente, com o objetivo de analisar o grau acadêmico de atletas mulheres de futsal do estado de São Paulo, tanto em nível de elite, quanto de categorias de base Crema et al. (2023) em relação às primeiras, verificou que os pais e as mães das atletas apresentaram graus inferiores de escolaridade em comparação às jogadoras, corroborando Maquiaveli et al. (2021) e a presente pesquisa sobre origens e heranças culturais familiares menos favoráveis em relação ao nível escolar encontrado. No tocante ao Ensino Superior, todas as jogadoras declararam a contemplação com bolsas de estudo esportivas, contrapondo uma minoria verificada nesta corrente investigação no caso do xadrez. Isto pode apontar para o fato de que o futsal pode se apresentar enquanto meio de ascensão social no campo acadêmico por meio da conversão de capitais já anteriormente explicitadas mais do que a atuação da herança cultural familiar, apenas neste ponto se assemelhando ao presente estudo.

É importante notar que os estudos acima discutidos utilizaram enquanto indicador do fenômeno da herança cultural familiar a escolaridade dos pais de um modo quantitativo, com a produção dos dados realizada por meio de questionários. Esta pesquisa, no entanto, parte de discursos que permitem não só a categorização dos graus acadêmicos familiares, mas principalmente o agente que atuaria como vetor da transmissão do capital cultural não só institucionalizado, mas principalmente incorporado, discutido no primeiro eixo desta seção. Assim, em que pese o nível de escolaridade das enxadristas ser superior àquele acumulado por suas famílias, ao contrário das pesquisas acima citadas, é importante notar que foi possível também identificar a agência de quem transmitiu as disposições enxadrísticas. E, neste sentido,

não há de se desconsiderar que a maioria das mestres obteve seus primeiros contatos com a prática exatamente pela figura paterna. Tais indicadores demonstram, desta forma, a complementariedade entre dados quantitativos e qualitativos para a mensuração mais adequada dos componentes do capital e das nuances da herança cultural familiar.

Com exceção de WIM 7, todas as outras mestres internacionais femininas tiveram o acesso a pelo menos um treinador⁶⁸, todos eles homens e com uma titulação acima daquela que detinham, ao longo de sua trajetória. Figura de fundamental importância para o desenvolvimento atlético e profissional de praticantes e com ações estruturadas pela dialética entre o contexto sociocultural e a bagagem cultural incorporada ao longo da vida (MORBI; MATEU; MARQUES, 2020), treinadores esportivos são responsáveis por processos de socialização que levam ao desenvolvimento de disposições características e permissoras de um desempenho competente (CUSHION; JONES, 2012).

Quatro das dez atletas, entre as primeiras três não herdeiras, declararam ter, entre suas atividades de ocupação, o cargo de professora e/ou treinadora de xadrez. O período da vida em que a maioria delas tomou esta decisão foi na juventude, escolha esta quase sempre associada a ter um meio de subsistência dada as parcas condições de profissionalização. Tal conjuntura é também enfrentada pelos Grandes Mestres brasileiros que, mesmo tendo titulação superior na hierarquia de títulos enxadrísticos, compartilham de certa dificuldade ao obter fontes de renda para manter suas condições materiais de existência (JANUÁRIO; MARQUES, 2015b). Adendo importante a se fazer é que WIM 4, jogadora que trouxe a maior quantidade de treinadores ao longo de seu discurso, foi também a enxadrista que por mais anos ocupou a primeira posição no *ranking* brasileiro da modalidade de modo ininterrupto.

De acordo com Brasil et al. (2015), o processo de ensino-aprendizagem de treinadores trata-se de um trajeto híbrido, demarcado por variadas interações sociais ora em contextos mais formais, ora em informais de prática. Faz-se relevante citar que dentre as quatro professoras e/ou treinadoras de xadrez autoafirmadas, duas delas

⁶⁸ WIM 3 e WIM 10 têm em comum o mesmo treinador, o qual é reconhecido por ensinar meninas e mulheres enxadristas de sucesso. Já capitaneou a equipe olímpica feminina de xadrez.

realizaram o curso de Educação Física, WIM 2 e WIM 7, com vista a trabalhar especificamente na área. Este ponto vai ao encontro dos achados de Vicenzi et al. (2023) que analisaram o panorama sobre a constituição sociocultural da comunidade enxadrística feminina brasileira a partir de uma perspectiva de gênero do subcampo esportivo do xadrez e encontraram que as áreas formativas entre as meninas e mulheres que se designaram profissionais de xadrez se distribuíram entre a Pedagogia, maioritariamente, e em segunda medida também à Educação Física.

Já em relação ao contexto informal de prática, acumulando as posições de atleta e professora e/ou treinadora, não há de se desprezar que as mestres carregam consigo um currículo oculto construído a partir de um conjunto de princípios implícitos, conhecimentos, valores, normas de comportamento e atitudes que as influenciam e, de forma dialética, também a quem elas possam ensinar (CUSHION; JONES, 2012). Para Bourdieu (1996c) a violência simbólica envolta na ação pedagógica é um mecanismo de reprodução do arbitrário cultural de um campo e dos interesses de um grupo dominante. Neste sentido, as mestres que lecionam constituem figuras de autoridade pedagógica reconhecidas por quem as têm enquanto professoras e/ou treinadoras, transmissoras de capitais, *habitus* e *hexis* corporais legitimados no interior do subcampo esportivo do xadrez.

Processo de socialização esportiva que se inicia na infância e se estende ao longo da vida, produto da interação com contextos formais e informais de prática, para quatro das mestres anteriormente citadas as disposições de atleta e professora e/ou treinadora se sobrepõem ao longo de seus percursos. Principalmente para WIM 7 que, de forma peculiar, foi a participante a exercer a docência enxadrística de forma mais abrangente e longínqua mas, ao mesmo passo, fora mestre de si mesma ao não contar com esta figura em seu percurso: “mas eu não tive acesso a treinadores. Ninguém se ofereceu pra me treinar, eu não tive esse acesso”. No prolongamento desta discussão, mesmo na ausência da figura de um(a) professor(a) e/ou treinador(a), Brasil et al. (2015, p. 825-826) argumentam sobre possíveis fatores que podem a ter influenciado, como também às demais:

Apesar de não haver uma única trajetória de aprendizagem para os treinadores, destacam-se algumas situações marcantes durante esse percurso, nomeadamente a entrada no contexto esportivo; a permanência e o grau de significados pessoais atribuídos às experiências esportivas; o ingresso ou transição da condição de praticante para a de treinador; e a obtenção de conhecimento para se manter no papel de treinador. Embora essa trajetória tenha marcadamente um caráter individual ou pessoal, há também na atualidade o reconhecimento do importante condicionante contextual ou da cultura esportiva no direcionamento da carreira do treinador.

É neste prólogo que a ocupação de professora e/ou treinadora de xadrez está longe de ser limitada ou instrumental, tampouco operando em um vácuo social e político neutro. Ao invés, é um campo de prática delimitado, imbuído de valores dominantes, *doxas* e demais crenças comuns que parecem naturais e, portanto, são tidas como certas junto à cumplicidade do ato pedagógico (CUSHION; JONES, 2012).

“As intersecções entre atletas de elite, gravidez e maternidade são complexas e contraditórias” (SILVA, 2023, p. 3), uma vez que no contexto esportivo a atividade laboral pode ser impactada tendo em vista que a força de trabalho da atleta está em seu corpo, o qual sofre alterações com a gestação. Para as jogadoras, o planejamento da maternidade pode estar atrelado a uma perspectiva de manejo das dificuldades laborais e falta de regulação legal, considerando que a atenção à condição da mulher atleta não evoluiu conforme a legislação trabalhista brasileira. Ademais, a incerteza quanto ao retorno e a manutenção do desempenho anterior à gestação evidencia uma histórica desconfiança na capacidade da mulher obter êxito na conciliação entre maternidade e trabalho (FETTER, 2020; TEKAVC; WYLLEMAN; CECIĆ ERPIČ, 2020; SILVA, 2023; VIANA-MEIRELES; MEYER; CAMILO, 2023). Como tais valores societários e culturais propõem, esta narrativa de incompatibilidade pode levar as mulheres a acreditarem que é impossível combinar uma carreira atlética de elite com a maternidade (TEKAVC; WYLLEMAN; CECIĆ ERPIČ, 2020).

Esta exigência social, muito embora tenha sido vivenciada por WIM 3 e WIM 4, foi diluída a partir do apoio e estrutura familiar com que contaram, como discorre WIM 3 em duas passagens: “eu fui mãe muito jovem e eu tive muito suporte dos meus pais pra eu continuar jogando. Foi um momento muito difícil, de muita incerteza” e “mas eu continuei, meus pais deram suporte e quando ele era pequenininho eu tinha muito o

apoio da minha mãe”. Ambas, para além, não só continuaram a jogar como obtiveram posições de elevado destaque logo após a gravidez, como elucidam, respectivamente, os discursos de WIM 3 e WIM 4:

E em 2016 eu voltei a estudar, eu engravidei muito jovem, eu tinha dezenove anos quando o meu filho nasceu, dezenove pra vinte, né? E aí eu segui jogando xadrez, na verdade cheguei no meu auge com o meu filho pequenininho, né? Foi quando eu me tornei a número um e passei um período como número um do Brasil, assim (WIM 3).

Eu participei das duas Olimpíadas *online*. Lembro que eu não queria participar na segunda porque eu tinha acabado de ter o meu filho, na época ele devia estar com cinco meses eu acho, e eu fazia livre demanda com ele, amamentação livre demanda. Então pra mim era muito difícil porque quando você joga *online* nesses campeonatos oficiais você tem que ter uma câmera na frente e uma câmera do lado, são duas câmeras. Então eu ficava pensando como eu vou amamentar o menino e tem a câmera ali, né? Eu não me sentia confortável, por mais que não foi uma coisa que eu pedi pra organização, “talvez eu tenha que amamentar aqui”, porque você pode fazer isso. Mas eu não pedi pra eles porque eu não ia me sentir confortável de estar jogando com um monte de gente assistindo ao vivo e eu ter que amamentar. Eu não me senti à vontade, mas mesmo assim não parei de jogar (WIM 4).

Em pesquisa que buscou identificar como a literatura trata da relação entre maternidade e carreira de atletas profissionais, Silva (2023) encontrou que os principais desafios enfrentados pelas jogadoras são a dificuldade em sincronizar os treinos e os cuidados com o bebê no pós-parto, falta de apoio familiar e dos próprios clubes e instituições esportivas no retorno, tanto em relação a aspectos emocionais quanto de direitos trabalhistas e falta de compreensão da sociedade e da grande mídia com a realidade nova da mãe que também é atleta. Em que pese as dificuldades de competição olímpica de WIM 4 com a federação internacional que rege a modalidade, os achados deste estudo não permitem corroborar com Silva (2023), uma vez que parece ter ficado a cargo da família os cuidados com o bebê após o parto para que ambas as enxadristas pudessem desempenhar o seu máximo nos tabuleiros. Novamente, o peso da herança cultural familiar (BOURDIEU; PASSERON, 2014) de WIM 3 e WIM 4 permitiu com

que ambas atravessassem um período que para muitos é conturbado com relativo sucesso.

Tekavc, Wylleman e CeciĆ Erpiĉ (2020), explorando como atletas femininas de elite percebem a sua transição na maternidade e como elas combinam as suas carreiras atléticas com o papel de ser mãe, observaram que participantes de práticas esportivas de contato descontinuaram seus treinamentos de forma anterior do que as demais por razões de segurança. Este fator pode ser que se relacione às falas anteriormente mencionadas das mestres, uma vez que o contato no xadrez se faz por meio do indumentário das peças e, por este motivo, suas rotinas de treinos podem ter se prolongado para momentos bastante próximos ao findar da gravidez. Outro achado dos autores que pode ter associação com o presente estudo é o fato de terem analisado apenas atletas de modalidades individuais, as quais têm maior liberdade de decisão sobre seus cronogramas de treinamentos, competições, ritmo diário de preparação e estilo de vida em comparação com jogadoras de esporte coletivo. Ambas as investigações também têm em comum o fato de terem averiguado que as redes de apoio pessoal das mães tiveram influência significativa nos seus esforços atléticos, o que representa claramente uma forte influência recíproca tanto do nível atlético como psicossocial no desenvolvimento das jogadoras. Confirmam também que as mães e atletas parecem depender fortemente do apoio de familiares próximos quando conciliam as duplas responsabilidades de serem mães e atletas de elite.

Após o processo de se tornar mãe, as jogadoras reportam que a família recém-estabelecida assume um papel de maior importância do que a carreira atlética e, embora esta última fosse percebida como relevante por elas, não é mais este o alvo de todos os seus investimentos (TEKAVC; WYLLEMAN; CECIĆ ERPIĀ, 2020). Esta alteração do lugar de imponência do xadrez, após a maternidade, também foi constatada por WIM 4:

Quando vocę vira mãe o seu tempo meio que não é mais teu, vocę não é mais dona do seu tempo. Antes eu era dona de mim, eu fazia viagens e se eu não quisesse voltar pra casa eu não voltava, mas hoje eu não posso fazer isso, tenho responsabilidades. Tenho deveres e um serzinho que realmente necessita da minha presença, então hoje tudo o que eu faço eu coloco como um bônus e a minha prioridade é o meu filho (WIM 4).

A diversidade de experiências maternas verificada nesta pesquisa, as quais contrapõem uma concepção de maternidade como um obstáculo na carreira (FETTER, 2020), alerta para a possibilidade de desconstrução desta associação hegemônica e padronizada. Muito embora seja possível ressaltar uma reconfiguração desta noção por parte da posição de atleta, é importante frisar que as mães das jogadoras, de maneira geral, sofreram com certo desaparecimento de suas histórias de vida ao ocuparem predominantemente posições de cuidado e educação de suas filhas. Entretanto, há de se lembrar que se novos adjetivos podem ser dados para a segunda geração destas mães enxadristas, por sua vez, eles possuem forte correlação com as condições favorecidas com que suas famílias puderam dispendir tempo e esforço nos cuidados com a mãe e auxílio na criação do bebê.

Há escassos saberes produzidos sobre a gestão profissional de forma sistemática e permanente em organizações de prática esportiva na realidade brasileira (MARONI; MENDES; BASTOS, 2010). Dentre estas entidades encontra-se a Confederação Brasileira de Xadrez (CBX), a qual foi mencionada enquanto principal obstáculo à ascensão ao longo da trajetória pelas participantes WIM 5, WIM 8 e WIM 9. Os entraves financeiros foram mencionados, respectivamente, pelos dois primeiros discursos de WIM 5 e pelas duas últimas falas de WIM 9, as quais são irmãs:

Desde nova eu não joguei... O único Campeonato Mundial Juvenil Feminino, o primeiro Campeonato Mundial Juvenil Feminino que eu tinha direito a jogar que foi o último que eu teria idade – naquela época não tinha abaixo do Juvenil, não tinha essas faixas de idade que há agora – eu só fiquei sabendo quando já estava sendo jogado o Mundial. Ou seja, a federação não quis me avisar porque sabia que talvez teria que arranjar passagem e alguma coisa e não avisou. Então, assim, te derruba, né? (WIM 5).

Depois na Olimpíada de Yerevan também tinha um problema de dinheiro da passagem e aí cada jogador pagou a sua, foi uma corrida na última hora que todo mundo pagou. Depois de dois anos que eu fui receber a minha de volta porque eu descobri que uns jogadores tinham pago a passagem deles com cartão de crédito em parcelas e a confederação pagava cada parcela pra eles. Aí quando eu descobri isso eu falei “ué, vocês pagaram o masculino e não reembolsaram o feminino”, né? Então aí, dois anos depois e depois de muita briga, eles reembolsaram. Os jogadores do masculino tinham bolsa pra jogar as

Olimpíadas e a gente não sabia, eles não estavam lá de graça, né? (WIM 5).

E a confederação da época, faltando cerca de vinte dias – talvez um mês, no máximo – decidiu que não ia mandar a equipe feminina porque não tinha verba pra isso. Mas ia mandar a equipe masculina acompanhada de capitão, técnico, dirigentes e não sei o quê (WIM 9).

O que a confederação decidiu é que ela tinha dez passagens e ia colocar todas elas à disposição da equipe masculina ou absoluta e que a equipe feminina não iria jogar uma Olimpíada (WIM 9).

Organizações esportivas são entidades sociais que desenvolvem produtos e serviços a serem consumidos pela sociedade, seja nas vertentes do espetáculo ou da prática de lazer da população (BASTOS; MAZZEI, 2020). Muito embora Mountjoy e Junge (2013) apontem que as instituições esportivas têm priorizado a proteção e a saúde dos(as) atletas de elite que se encontram sob sua responsabilidade, este parece não ser o caso da confederação supracitada no contexto em que vivenciaram WIM 5 e WIM 9, isto é, nos primórdios de suas primeiras atividades. Para além do capital econômico, WIM 8 e WIM 9 relatam barreiras de ordem política e simbólica, as quais podem ser verificadas pelos dois primeiros relatos de WIM 8 e pelo último excerto de WIM 9:

Eu tava no caminho certo em Cuba, mas em algum momento houve essa frustração em relação a isso. Também houve muitos problemas políticos, falta de ajuda da nossa federação brasileira de xadrez. Então houve muita frustração em tudo isso, houve muito conflito interno e conflito externo e basicamente eu desisti do sonho de ser Grande Mestre (WIM 8).

Desistir sempre passava pela cabeça, mas realmente a maior decepção pra mim foram os problemas do xadrez feminino que existiam no Brasil, nós ainda tínhamos uma barreira muito grande política. Havia muitos conflitos com a federação brasileira de xadrez, não havia apoio que deveria ser algo básico e eu disse “não, eles não tinham nenhum interesse de promover o xadrez feminino”. Então essa foi uma das frustrações mais grandes que eu tive e um dos atritos maiores que eu tive na minha carreira do xadrez e a luta final pra eu decidir também deixar o xadrez como jogadora profissional (WIM 8).

Depois, em setenta e oito, houve também uma grande decepção porque a confederação mudou o critério de convocação e eu acabei ficando fora. Então foi uma mudança forçada, um pouco direcionada a escolher a equipe e então mudou todo um padrão e um critério e eu fiquei de fora (WIM 9).

De acordo com Maroni, Mendes e Bastos (2010, p. 239), “às organizações esportivas é imposta a necessidade de se abandonar a gestão amadorística”, sendo a profissionalização o caminho para a excelência de atletas. No entanto, estas não foram as condições encontradas pelas participantes acima citadas, as quais contaram com a arbitrariedade de sanções que interferiram no desejo de uma delas de galgar o título subsequente de *Woman Grandmaster (WGM)* e, para a outra, de abandono de sua carreira profissional. Neste sentido, faz-se importante destacar que os empecilhos enfrentados se configuram enquanto lutas com a instituição que detém o monopólio legítimo de exercício da prática no certame nacional, entidade esta cujo papel seria o oposto, quer seja, apoiar o desenvolvimento de enxadristas, sobretudo no nível de elite (BASTOS; MAZZEI, 2020; MARONI; MENDES; BASTOS, 2010; MOUNTJOY; JUNGE, 2013). Ao enfrentar a *doxa* imposta pela confederação de forma herética, as jogadoras sofreram com interdições não só materiais, mas sobretudo simbólicas em relação à sua ascensão no campo, resultando em marcas indeléveis negativas em suas memórias e, de forma prática, na estagnação do título de *Woman International Master (WIM)* para uma delas e na decisão de cessar o percurso profissional para a outra. Ambas, desta forma, à sombra (STEMPIEN, 2020) das formas de poder regidas pela confederação enxadrística nacional.

5. CONCLUSÕES

O objetivo geral desta pesquisa foi investigar a origem e a constituição de disposições nas trajetórias esportivas da elite de atletas femininas brasileiras de xadrez. Os objetivos específicos, por sua vez, foram: a) analisar a relação entre a influência das condições sociais e as escolhas, valores e formas específicas de socialização presentes na trajetória esportiva de jogadoras pertencentes ao mais alto rendimento do xadrez brasileiro; b) explorar os processos sociais pelos quais a transmissão e apropriação das disposições relacionadas à prática do xadrez feminino se originaram e constituíram ao longo da trajetória esportiva; c) delinear os grupos de referências e as variadas modalidades de socialização decorrentes da interação de cada uma das jogadoras com estruturas sociais e agentes detentores da cultura esportiva própria da modalidade do xadrez; d) identificar categorias de análise que expressem ambas as particularidades e generalizações possíveis dentre as histórias de vida analisadas, compreendendo-as no alternar de leituras que privilegiem ora a sua singularidade e completude, ora o estabelecimento de possíveis relações que possam delinear entre si; e) oferecer subsídios teóricos-metodológicos que contribuam para a compreensão dos processos sociais pelos quais os desempenhos de alto rendimento se originam e constituem-se no campo esportivo brasileiro, elegendo o subcampo do xadrez em seu âmbito feminino como caso representativo da heterogeneidade própria do fenômeno esportivo expressa na contemporaneidade do contexto brasileiro.

A elite de atletas femininas brasileiras de xadrez apresentou trajetórias esportivas estreitamente relacionadas com a sua origem social e constituição de disposições, operando o fenômeno das estratégias de reprodução e da não-reprodução da estrutura de distribuição principalmente do capital cultural pelo qual tiveram acesso por meio de distintas vias de transmissão, quer sejam elas hereditárias ou não. Sendo esta a principal tese desta pesquisa de doutorado, faz-se pertinente evidenciar que a reprodução e a construção de um patrimônio cultural, econômico e social decorreu de instituições tais como o esporte, a escola e a família, mas também por meio de todo um trabalho de inculcação e condicionamento associado às condições de existência das agentes por meio de disposições corporais e do *habitus* generificado, sobretudo por ser este um estudo a tratar de participantes mulheres. Os esquemas de reprodução e não-

reprodução, assim, constituem um todo interligado, uma unidade de ocorrências que recebe o seu sentido apenas quando compreendida uma em relação às outras ou, praxiologicamente, entre estrutura e agência em vista à concorrência de um mesmo fim, a saber, a reprodução ou não do grupo no âmbito do espaço social.

Entre herdeiras e não-herdeiras, o grande desafio desta tese foi tensionar ambos os grupos por meio de uma lógica que não deixasse de lado as exceções. Afinal, como explicar as agentes que não reproduzem necessariamente as condutas de sua classe social e se deslocam de uma classe a outra? Há espaço para pensá-las na teoria da reprodução *bourdieusiana*? Explicar a não-reprodução social e conceber a particularidade das exceções em uma história que parece inclinar-se para a repetição da mesma perpassa o entendimento de que o objetivo do autor não é promover a conformação da reprodução como um destino ou uma lei fatalista, mas compreender os condicionantes sociais a fim de fornecer os mais adequados instrumentos para a libertação da mesma. Não se trata, pois, de um determinismo fechado por si só e mecânico. Esta investigação tornou possível vislumbrar a reprodução e a não-reprodução como oposições contrárias, mas compatíveis. Trata-se de saber se a exceção confirma ou anula a regra. É preciso perguntar como, por que e até que ponto esta transgressão é possível.

As causas que determinaram as situações de exceção de WIM 1, WIM 2, WIM 7 e WIM 8 demonstram uma complexidade dos processos constituidores de suas disposições cuja explicação naturalizadora e reducionismo simplificador não lhes cabe. Pelo oposto, para compreendê-las é preciso avistar uma dimensão construída, interdependente, contextual e relacional do *habitus* cultivado em diferentes campos, sem que isso configure a cisão de uma trajetória que é a junção destas diferentes matrizes. Assim sendo, as minúcias importam para análise da não-reprodução assim como são relevantes para o exame da reprodução. Para WIM 1, além da amiga proveniente dos ambientes da escola e de uma Organização Não Governamental (ONG), como ignorar a mãe que, mesmo desconhecendo os movimentos das peças de xadrez, decifrava a linguagem das anotações algébricas utilizadas neste esporte para que ela pudesse ter contato com os livros? Como menosprezar o treinador do clube com quem a afinidade lhe possibilitava o acolhimento em momentos tão difíceis, inclusive de luto parental, de sua vida? Quando o olhar se volta para WIM 2, não obstante o duplo reforço do xadrez

presente nos ambientes da escola e de um projeto social, como desconsiderar a sua disciplina, determinação e rigor em relação ao cumprimento de seus estudos enxadrísticos? Como não lembrar de seu treinador, o qual a acompanhou desde tenra idade até o nível olímpico, traçando meticulosamente o que seria preciso para chegar até o topo? Ao se debruçar sobre WIM 7, para além do programa de televisão que assistira sobre xadrez, como desdenhar o sutil fato de que se não fossem as enciclopédias compradas pela mãe com o verbete explicativo da prática, talvez a curiosidade pelo vocábulo se encerraria no canal de entretenimento? Como rejeitar o fato de que aquele era um subúrbio onde o xadrez circulava entre a vizinhança? Por fim, ao atentar para WIM 8 como se esquecer, a despeito de o xadrez transitar em um dos finais de semana em seu bairro, da influência política de seu tio para que pudesse aproveitar as oportunidades que surgiam? Como ignorar a influência de sua primeira treinadora na migração para Cuba ou do encontro com a mãe do famoso ator de um filme estrelado sobre xadrez em sua mudança para os Estados Unidos? A forma individual com que estas trajetórias assumiram não pode ser compreendida sem o ressaltado às circunstâncias de cada história de vida e à totalidade das interações e dos contextos experienciados.

Pensar a não-reprodução é um empenho interdisciplinar e um método para que entre a exceção e a regularidade seja possível encontrar elementos para refletir sobre a condição humana. O objetivo é aprofundar sobre a origem e a condição de agentes que passam por uma transição social, por um trânsito entre duas classes que, no caso deste trabalho, pode ser compreendido como a passagem da classe dominada para a dominante. As causas da não-reprodução ou da possibilidade das exceções não passa por uma ideologia do dom, do mérito e da sorte que estão na base da admiração por estes casos, principalmente mas não só, na esfera do senso comum. Ascender socialmente advindo de condições desfavoráveis deve romper com qualquer explicação moralista e conservadora que possa servir à manutenção *dóxica* de determinado campo.

Neste sentido, corroborando com os seis aspectos delineados por Chantal (2023) para discutir a não-reprodução, o primeiro dos elementos a ser destacado entre as exceções deste estudo foi a ambição, estímulo fundamentado nas dificuldades para escapar ao destino social e se elevar para além do grupo. Considerando o ângulo deste desejo de ultrapassar e deslocar-se para ocupar as primeiras posições e espaços, é a reprodução a própria exceção e a não-reprodução a regra, uma vez que quatro das

agentes deste estudo não se condescenderam com a sua condição de origem e manifestaram recusa ao conformismo. Nesta direção, poder-se-ia perguntar se a reprodução está ligada à ausência de ambição, falácia dado que ela não pode ser tomada como dom natural, essência humana ou mesmo determinação psicológica. Por outro lado, ela quase sempre não é a causa primeira, mas explicada por causas determinadas, sendo constituída mais do que constitutiva. Afinal, toda ambição é a ambição de algo que se coloca ao desejo. Sendo preciso um objeto, a ambição é apenas a causa aparente e não a razão por detrás da não-reprodução, sendo necessário desvelar outras possíveis partes que sejam ocultas.

O segundo fator a ser ressaltado é aquele que engloba os modelos e o mimetismo, sendo a própria ambição a representação de um modelo, seja ele fictício ou real. Assim, para estas agentes, não existiu ambição sem mimetismo, bem como não houve não-reprodução sem reprodução, dado que nada se cria do nada. A decisão de imitar um modelo, não sendo uma escolha livre, perpassou pelos constrangimentos, inconsciente e automatismo das agentes. O mimetismo é a consequência de um determinismo social que não é completamente consciente, possuindo mais reflexo do que reflexão. Mas, seja de forma consciente ou não, o que faz com que determinadas agentes imitem modelos que não são aqueles de sua origem? Como imitar aquilo que escapa à regra geral? O modelo relacionado à socialização primária pode ser uma chave pertinente para a análise da singularidade do meio familiar contra a lei geral do meio social. Afinal, não é possível escapar do destino social sem ajuda de alguma forma de parentesco no meio familiar, pois a não-reprodução não opera por geração espontânea. Se não existe um primeiro parente para imitar, então é preciso que exista outras referências, como parece ser o caso do modelo relacionado à socialização secundária pelo qual, na ausência de alguém que as pudesse estimular no seio familiar em relação ao xadrez, as exceções perpassaram. Para além das figuras familiares, o primeiro imago que muitas destas agentes se identificaram foi com seus professores, paradoxalmente instituídos em sistemas de ensino que visam a perpetuação, porém passíveis de contestação dos mesmos dada a diversidade de agentes deles constituintes que são irreduzíveis à simples correia de transmissão. O(a) professor(a) como fator de não-reprodução social levanta, no entanto, a questão de quantas pessoas são abandonadas no

caminho de seus esforços por estarem em condições precárias. O mimetismo é uma condição necessária, porém não suficiente para a explicação de todos os efeitos.

O terceiro ponto a ser levantado, deste modo, são as condições socioeconômicas da não-reprodução, visto que a própria imitação de indivíduos não ocorre por um fenômeno de transferência, mas opera em condições econômicas, sociais e políticas. A falta de condições financeiras faz com que, mesmo diante de um incentivo oriundo de um modelo de socialização secundária à não-reprodução, a transformação da sua origem social seja dificultada. Neste sentido, ocupam especial posição as escolas e políticas públicas que têm o potencial de romper com as barreiras socioculturais que impedem pessoas de origem desfavorecida de acreditar nos seus próprios esforços. O paradoxo, novamente, reside no fato de que tais sistemas são mais percebidos como palcos de disputa que abordam mais uma forma de repressão do que de libertação. Se o sucesso não é para todos(as), não é possível dizer que para as participantes não-reprodutoras deste estudo a experiência de fracasso se fez regra. Pelo oposto, é possível afirmar certa ruptura com a sua condição originária de classe, caracterizando-as como agentes que transitaram entre grupos sociais distintos. A presença de um modo de vida alternativo não é suficiente para a não-reprodução. Por mais irrefletida que seja a imitação, esta mimese inconsciente e involuntária não basta para definir uma orientação durável, pois não necessariamente a potência se impõe diante de situações contrárias. Para isso é preciso compreender o jogo de forças imposto pelo *nomos* do subcampo esportivo enxadrístico na adesão de um ou outro modelo, analisando o que se torna desejável em ato, atualizando o emaranhado de determinações que contrariam e compõem a produção de uma potência de agir capaz de realizar. Não sendo a existência de modelos alternativos ou instituições econômicas ou políticas suficientes para explicar, a lógica do afeto traz à tona o elo de ligação não-reprodutivo.

O quarto aspecto a ser mencionado é que agentes não são substâncias existentes por si mesmos(as), mas encontram-se em relação com o mundo e em encontro entre si. Compreender um indivíduo é, portanto, entender a constituição dinâmica do seu ser em ato por meio dos afetos. Conjunto de modificações físicas e mentais que têm um impacto sobre o desejo ao aumentar ou diminuir sua capacidade de agir, o afeto pode ser apreendido como o encontro entre a potência causal de um indivíduo e a do mundo exterior que retoma aquilo que o forma; neste sentido, cada um(a) afeta e é afetado(a).

Os afetos continuam, mesmo depois de afetados(as), produzindo efeitos e deixam traços. O afeto tem uma lógica própria, não obedece a razão e não desaparece por lei. A potência do desejo e a força da amizade podem minimizar a distância de classe e conduzir a esposar modelos estrangeiros no encontro entre duas pessoas de classes distintas. Este encontro possui também resistências e mal-entendidos ligados à ignorância dos códigos de classe. A busca por uma outra vida só pode existir se há insatisfação com a atual, visto que se o indivíduo integrado não tem razão de romper com seu meio, ao contrário o reproduzirá. Quem ousa sair de sua classe tem que ter os meios, pois enfrenta um tríplice discurso violento por parte dos conservadorismos de classe: a) contra a ilusão do início (que coloca que isso não é feito para si); b) contra a traição (pois a ascensão social é uma forma de perjúrio); e c) contra a pretensão que afirma que deve ficar no seu lugar, sendo visto(a) como arrogante. Seja ela real ou imaginária, essa censura coletiva contribui para manter a ordem e a *illusio* estabelecidas. É um freio à ascensão social. Por isso são necessárias condições às vezes mais rígidas para transmutar o *habitus* de sua condição de origem.

O quinto enfoque a ser discutido é o lugar e o papel do meio, uma vez que é difícil dizer se é o(a) agente que se afasta do seu meio ou o contrário, é o meio que rejeita ou é o meio que é rejeitado. Praxiologicamente, no caso das não-reprodutoras, este é um duplo movimento dialético entre duas faces que se reforçam mutuamente. Nesta linha de raciocínio, a não-reprodução pode ocorrer pela importação de um modelo alternativo no meio ambiente ou pela exportação em um meio estrangeiro de um indivíduo que não tem espaço no seu meio de origem. A posição é um trabalho da diferença e sobre a diferença que se desenvolve na não-reprodução, sendo preciso pensar o lugar na classe e o princípio que o faz se distinguir dela, dado que na homogeneidade de uma classe há, também, heterogeneidades. A não-reprodução nunca é só individual, é todo um corpo familiar e uma classe que precisa comportar essa rejeição ou esse projeto de expulsão ou propulsão. O desejo de outra vida nasce de uma série de encontros tristes ou felizes e não é necessariamente próprio do indivíduo que rompe com o esquema de reprodução. Assim, compreender a não-reprodução não é pensar somente em uma trajetória solitária. Esta pode ser solidária de um meio social que, de certo modo, a provoque e a autorize.

O sexto e último item a ser referido diz respeito ao papel do indivíduo, visto que a relação do(a) agente com o seu meio não é direta e isolada, mas apreendida sob a forma de modalidades complexas pelas quais cada um(a) gera um lugar ao se definir pela identificação e diferenciação no seio de um espaço dado com e contra outras pessoas. A não-reprodução é uma exceção em um ambiente que permite a sua existência de modo que um percurso atípico não constitui um desvio. Operando na concorrência do meio no cruzamento de impulsos e repulsas, é fruto da combinação de outras regras e não daquelas generalizadas. A não-reprodução não é um fenômeno individual, mas coletivo que não pode ser compreendido a partir de uma concepção de cisão entre as determinações econômicas, sociológicas, familiares e afetivas que se encontram na história de cada um(a). Por consequência, não se trata de pensar no primado, nem na vontade pessoal e nem das condições materiais, como se o desejo não fosse determinado pela economia e pela sociologia e a economia e a sociologia não fossem, em contraponto, atravessadas pelos afetos. A não-reprodução convida a pensar nas histórias imbricadas e nas causas intrínsecas umas nas outras. Ela não é o produto de uma causa primeira e determinante que se possa apresentar como a única, mas um agenciamento singular de causas múltiplas, das quais a resultante é uma trajetória. Neste sentido, toda determinação isolada pode ser uma condição necessária mas não suficiente para a aparição de alguém que transite entre as classes. A não-reprodução mobiliza um pensamento combinatório e de conexão que requer análise de rede ou de um feixe de raios causais. A não-reprodução tece em si a teia de sua existência se esforçando para desembaraçar os fios, para desfazer os nós e os ligar de outro modo, sem os romper totalmente com os laços dos outros mesmo que ele queira se desfazer deles. Só o paradigma e o pensamento de complexidade permitem, imbricadamente, explicá-la.

A pessoa que transita entre as classes é a prova da mobilidade mesmo em situações mais desfavoráveis. Ela ruína uma visão essencialista do ser humano que o toma como pré-determinado, mas também uma visão existencialista que lhe dá um estatuto livre. Ela não supõe a negação do determinismo, nem a reintrodução do livre arbítrio. Não é uma autocriação, mas uma coprodução social do meio de origem e do meio da evolução. Implica que um indivíduo em trânsito entre duas classes faz uma passagem, fazendo e sendo feito pelos mundos que passa e que o perpassam. Coloca em jogo as interações. Assim, é preciso reconhecer a pluralidade das lutas que podem ser

solidárias e encontrar intersecções. A hierarquização das mesmas e a negação de seu caráter essencial conduz à cegueira diante da multiplicidade de formas de agenciamento. Não se deve escolher entre elas, dado que pode haver uma pluralidade de discriminações.

É pela concorrência de diversas determinações fortalecidas mutualmente que pode surgir a não-reprodução. Neste sentido, nenhuma causa sozinha é decisiva, nem a ambição, nem o mimetismo, nem a presença de modelos relacionados às socializações primárias e secundárias, nem as condições socioeconômicas, nem os afetos, nem o lugar do meio e, por fim, o papel do indivíduo. Em que pese esta tensão, nesta tese a maioria das mulheres – cujo coeficiente interseccional de adversidade é maior – é de herdeiras. Afinal, a raridade de quem transita entre as classes atesta a força da reprodução.

REFERÊNCIAS

- ALTMANN, H. et al. Gênero e cultura corporal de movimento: práticas e percepções de meninas e meninos. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, n. 26, v. 1, 2018.
- BALARINI; F. B.; ROMANELLI, G. O processo de escolarização de irmãos de acordo com a posição na fratria. **Práxis Educacional**, v. 8, n. 12, 2012.
- BASTOS, F. C.; MAZZEI, L. C. Organizações esportivas: conceitos, (des)entendimentos – proposta de modelo teórico unificado para o Brasil. **Revista de Gestão e Negócios do Esporte**, v. 5, n. 2, 2020.
- BIBLIOTECA DE SÃO PAULO. **Conheça mulheres que fizeram história no xadrez**. Disponível em: < <https://bsp.org.br/2021/02/03/conheca-mulheres-que-fizeram-historia-no-xadrez/>>. Acesso em: 22 fev. 2021.
- BONDÍA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, 2002.
- BORBA, R. A linguagem importa? Sobre performance, performatividade e peregrinações conceituais. **Cadernos Pagu**, v. 43, 2014.
- BOURDIEU, P. Sport and social class. **Social Science Information sur les Sciences Sociales**, Paris, v. 17, n. 6, p. 819-840, 1978.
- _____. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- _____. The forms of capital. In: RICHARDSON, J. (Ed.). **Handbook of Theory and Research for the Sociology of Education**. New York: Greenwood, 1986, p. 241-258.
- _____. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- _____. A dominação masculina. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, 1995.
- _____. Marginalia. Algumas notas adicionais sobre o dom. **Revista Mana**, v. 2, n. 2, 1996a.
- _____. Novas reflexões sobre a dominação masculina. In: LOPES, M. J. M.; MEYER, D. E.; WALDOW, V. R. (Orgs.). **Gênero & Saúde**. Porto Alegre: Artes Médicas, p. 28-40, 1996b.
- _____. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. Campinas: Papirus, 1996c.
- _____. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

_____. Conferência do prêmio Goffman: a dominação masculina revisitada. In: LINS, D. et al (Org.). **A dominação masculina revisitada**. Campinas: Papyrus, p. 11-27, 1998a.

_____. **Escritos de Educação**. In: NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. M. (Org.). Petrópolis: Vozes, 1998b.

_____. In: ORTIZ, R. (Org.). **A sociologia de Pierre Bourdieu**. São Paulo: Olho d'Água, 2003.

_____. Espaço social e poder simbólico. In: _____. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, p. 149-168, 2004a.

_____. Programa para uma sociologia do esporte. In: _____. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, p. 207-220, 2004b.

_____. Os universos de possíveis estilísticas. In: _____. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: EDUSP, p. 196-211, 2007.

_____. Os ritos de instituição. In: _____. **A economia das trocas linguísticas: o que falar quer dizer**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, p. 97-106, 2008a.

_____. A ilusão biográfica. In: _____. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. 9. ed. Campinas: Papyrus, p. 74-82, 2008b.

_____. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012a.

_____. Compreender. In: BOURDIEU, P. (coord.) **A miséria do mundo**. Petrópolis: Vozes, 2012b. p. 693-732.

_____. **A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino**. Petrópolis: Vozes, 2014a.

_____. Notas provisórias sobre a percepção social do corpo. **Pro-posições**, v. 25, n. 1, p. 247-258, 2014b.

_____. **Homo academicus**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2017.

BOURDIEU, P.; DAUNCEY, H.; HARE, G. The state, economics and sport. **Sport in Society**, v. 1, n. 2, p. 15-21, 1998.

BOURDIEU, P.; PASSERON, J-C. **Os herdeiros: os estudantes e a cultura**. Trad. Ione Ribeiro Valle e Nilton Valle. Florianópolis: Editora da UFSC, 2014.

BRASIL, V. Z. et al. A trajetória de vida do treinador esportivo: as situações de aprendizagem em contexto informal. **Revista Movimento**, v. 21, n. 3, 2015.

BRAUN, V.; CLARKE, V. Can I use TA? Should I use TA? Should I not use TA? Comparing reflexive thematic analysis and other pattern-based qualitative analytic approaches. **Counselling and Psychotherapy Research**, v. 21, n. 1, p. 37-47, 2020b.

_____. One size fits all? What counts as quality practice in (reflexive) thematic analysis? **Qualitative Research in Psychology**, v. 18, n. 3, p. 328-352, 2020a.

_____. Reflecting on reflexive thematic analysis. **Qualitative Research in Sport, Exercise and Health**, Philadelphia, v. 11, n. 4, p. 589-597, 2019a.

_____. Thematic analysis. In: COOPER, H. M et al (Ed.). **APA handbook of research methods in psychology**. Vol. 2, Research designs: Quantitative, qualitative, neuropsychological, and biological. Washington, DC: American Psychological Association, p. 57-71, 2012.

_____. Thematic analysis. In: TERRY; G. et al. **The SAGE Handbook of Qualitative Research in Psychology**. 55 City Road: SAGE Publications Ltd, p. 17-36, 2017.

_____. To saturate or not to saturate? Questioning data saturation as a useful concept for thematic analysis and sample-size rationales. **Qualitative Research in Sport, Exercise and Health**, v. 13, n. 2, p. 201-216, 2019b.

_____. Toward good practice in thematic analysis: avoiding common problems and be(com)ing a knowing researcher. **International Journal of Transgender Health**, v. 23, p. 1-6, 2022b.

_____. Using thematic analysis in psychology. **Qualitative Research in Psychology**, Philadelphia, v. 3, n. 2, p. 77-101, 2006.

_____. What can “thematic analysis” offer health and wellbeing researchers? **International Journal of Qualitative Studies on Health and Wellbeing**, v. 9, n. 1, p. 9-10, 2014.

BRAUN, V.; CLARKE, V.; RANCE, N. How to use thematic analysis with interview data. In: VOSSLER, A.; MOLLER, N. (Ed.). **The Counselling & Psychotherapy Research Handbook**. London: Sage, p. 183-197, 2014.

BRAUN, V.; CLARKE, V.; WEATE, P. Using thematic analysis in sport and exercise research. In: SMITH, B.; SPARKES, A. C. (Ed.). **Routledge handbook of qualitative research in sport and exercise**. London: Routledge, cap. 15, p. 191-205, 2016.

BRITO, A. X.; LEONARDOS, A. C. A identidade das pesquisas qualitativas: construção de um quadro analítico. **Cadernos de Pesquisa**, n. 113, p. 7-38, 2001.

BUENO, K. M. P. **Construção de habilidades:** trama de ações e relações. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

BUNGENSTAB, G. C.; SOUZA, J. GARCIA, R. P. Para uma teoria do capital esportivo: conversações com Bourdieu e Lahire. **Educação e Pesquisa**, v. 48, p. 1-17, 2022.

CARVALHO, M. P. O conceito de gênero: uma leitura com base nos trabalhos do GT Sociologia da Educação da ANPED (1999 – 2009). **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 46, p. 99-266, 2011.

CHANTAL, J. **Transclasses:** a theory of social non-reproduction. London: Verso, 2023.

CHARTIER, R.; LOPES, J. S. L. Pierre Bourdieu e a história. **Topoi**, Rio de Janeiro, n. 4, p. 139-182, 2002.

CLARKE, V.; BRAUN, V. Using thematic analysis in counselling and psychotherapy research: a critical reflection. **Counselling and Psychotherapy Research**, v. 18, n. 2, p. 107-110, 2018.

COBLEY, S et al. Annual age-grouping and athlete development: a meta-analytical review of relative age effects in sport. **Sports Med**, v. 39, n. 3, 2009.

CORRÊA, M. O sexo da dominação. **Novos Estudos CEBRAP**, São Paulo, n. 54, v. 1, p. 43-53, 1999.

CREMA, A. B. C. et al. A dupla carreira no futsal praticado por mulheres no Brasil: graus acadêmicos e origens familiares de atletas de elite e de categorias de base da Liga Paulista de Futsal. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 45, 2023.

CUSHION, C. J.; JONES, R. L. A bourdieusian analysis of cultural reproduction: socialisation and the ‘hidden curriculum’ in professional football. **Sport, Education and Society**, v. 19, n. 3, 2012.

DAOLIO, J. A construção cultural do corpo feminino, ou o risco de transformar meninas em “antas”. In: _____. **Cultura: Educação Física e futebol**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003.

DAOLIO, J. **Cultura: Educação Física e futebol**. 3ª ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2006.

DEER, C. Reflexividade. In: GRENFELL, M. (Ed.). **Pierre Bourdieu: conceitos fundamentais**. Petrópolis: Vozes, p. 253-269, 2018.

DESCARTES, R. **Meditações metafísicas**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

DOURADO, S. P. C.; TRIVILIN, M. I. Esporte e sociedade: gênero como categoria de análise na prática do xadrez. **Ponto Urbe**, v. 27, 2020.

DUNNING, E. Sport as a male preserve: notes on the social sources of masculine identity and its transformations. **Theory, Culture & Society**, v. 3, n. 1, 1986.

ELO, A. E. **The rating of chess players, past and present**. New York: Arco Publishing, 1978.

FAVRET-SAADA, J. Ser afetado. **Cadernos de Campo**, n. 13, 2005.

FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE XADREZ. Disponível em: <<http://www.fide.com/>>. Acesso em: 2 abr. 2023.

FETTER, J. C. Atletas olímpicas brasileiras e a maternidade: do mito à realidade. **Olimpianos – Journal of Olympic Studies**, v. 4, 2020.

FREUD, S. Os que fracassam no triunfo. In: _____. **Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras, p. 260-283, 2010.

GALATTI, L. et al. Esporte contemporâneo: perspectivas para a compreensão do fenômeno. **Corpoconsciência**, Cuiabá, v. 22, n. 3, p. 115-127, 2018.

GALITIS, I. Stalemate: girls and a mixed-gender chess club. **Gender and Education**, v. 14, n. 1, 2002.

GARGANTA, J. A propósito do desenvolvimento, da identificação e da atualização do talento para treinar e jogar futebol. In: NASCIMENTO, J. V.; RAMOS, V.; TAVARES, F. **Jogos desportivos: formação e investigação**. Florianópolis: Editora UDESC, 2013. p. 463-484.

GEMAR, A. Which sports do you like? Testing intra-domain omnivorousness in Canadian following of professional sport. **International Review for the Sociology of Sport**, London, p. 1-24, 2018.

GIGLIO, S. S. et al. O dom de jogar bola. **Horizontes Antropológicos**, n. 30, 2008.

GINSBURG, M.; WEISBAND, S. Social capital and volunteerism in virtual communities: the case of the Internet Chess Club. **Proceedings of the 35th Hawaii International Conference on System Sciences**, 2002.

GLÓRIA, D. M. A. Relação entre escolaridade e diferenças constitutivas das fratrias. **Paidéia**, v. 15, n. 30, p. 31-42, 2005.

GOELLNER, S. V. Corpos, gêneros e sexualidades: em defesa do direito das mulheres ao esporte. **Revista do Centro de Pesquisa e Formação**, n. 13, 2021.

GRENFELL, M. **Pierre Bourdieu: key concepts**. Durham: Acumen, 2008.

GUILARTE, D. H. **Modelo de planificación para el perfeccionamiento de la preparación teórico-práctica de los ajedrecistas de alto rendimiento**. 2012. 200f. Tese (Doutorado em Ciencias de la Cultura Física) - Universidad de Ciencias de la Cultura Física y el Deporte “Manuel Fajardo”, Guantánamo, 2012.

GUTTMANN, A. **From ritual to record: the nature of modern sports**. New York: Columbia University Press, 1978.

HODKINSON, P.; BIESTA, G.; JAMES, D. Understanding learning culturally: overcoming the dualism between social and individual views of learning. **Vocations and Learning**, Switzerland, v. 1, n. 1, p. 27-47, 2008.

HOLBROOK, M. B.; WEISS, M. J.; HABICH, J. Disentangling effacement, omnivore, and distinction effects on the consumption of cultural activities: an illustration. **Marketing Letters**, The Netherlands, v. 13, n. 4, p. 345-357, 2002.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Disponível em: <<https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/>>. Acesso em: 16 mar. 2024.

JANUÁRIO, J. **A herança na trajetória esportiva de Grandes Mestres brasileiros: processos educacionais e esportivos de formação de uma elite cultural**. 2017. 572 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2017.

JANUÁRIO, J. A. Por uma abordagem bourdieusiana para o estudo de trajetórias: relações entre a origem social e as experiências educacionais de estratificações sociais populares. In: SUFICIER, D. M.; MUZZETI, L. R. (Org.). **Leituras de Pierre Bourdieu na pesquisa em educação**. Araraquara: Letraria, p. 120-137, 2020.

JANUÁRIO, J. **Trajetória esportiva de grandes mestres brasileiros**: aspectos socioculturais e pedagógicos no campo social do xadrez. 2014. 67 f. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Educação Física e Esporte) – Escola de Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2014.

JANUÁRIO, J. A.; GIGLIO, S. S.; AMARAL, S. C. F. Grandmasters, distinct elite: taste submitted to discussion from the social conditioning factors of the predilection for chess. **International Review for the Sociology of Sport**, v. 59, p. 1-16, 2024.

JANUÁRIO, J. A.; MARQUES, R. F. R. O ambiente escolar como via de transmissão heterodoxa do habitus enxadrístico no subcampo esportivo do xadrez brasileiro. In: KAWAMURA, M. R. D.; GURGEL, I.; TOMIZAKI, K.; WATANABE, G.; RIBEIRO, R. A. **Atas da I Jornada Pierre Bourdieu e o Ensino de Ciências**. São Paulo: Instituto de Física, 2015a.

JANUÁRIO, J. A.; MARQUES, R. F. R. Ser Grande Mestre no Brasil - A influência do contexto brasileiro no profissionalismo da carreira de alto rendimento no xadrez. In: VI Congresso Internacional de Pedagogia do Esporte, 2015, Maringá. **Anais do VI Congresso Internacional de Pedagogia do Esporte**, 2015b.

_____. O modelo de concepção das formas de manifestação do xadrez contemporâneo. In: **I Congresso Nacional de Xadrez Pedagógico e Social**. Rio de Janeiro, 2016.

JANUÁRIO, J. A.; MORBI, M. R.; MARQUES, R. F. R. A manifestação da herança familiar no campo esportivo: apontamentos preliminares entre posições e subcampos distintos. In: WATANABE, G.; LEAL, S. H. B. S. (Org.). **Educação, ciências e sociedade: leituras bourdieusianas**. Araraquara: Letraria, p. 144-162, 2019.

LAMONT, M. **Money, Morals & Manners**. Chicago: The University of Chicago Press, 1992.

LAPLANTINE, F. O campo e a abordagem antropológicos. In: _____. **Aprender antropologia**. São Paulo: Brasiliense, 2005, p. 13-33.

MAQUIAVELI, G. et al. O desafio da dupla carreira: análise sobre os graus acadêmicos de atletas de elite do futsal feminino brasileiro. **Revista da ALESDE**, v. 13, n. 1, 2021.

MARCHI JÚNIOR, W. O esporte “em cena”: perspectivas históricas e interpretações conceituais para a construção de um modelo analítico. **The Journal of the Latin American Sociocultural Studies of Sport**, Curitiba, v. 5, n. 1, p. 46-67, 2015.

MARCHI JÚNIOR, W.; SOUZA, J.; STAREPRAVO, F. A. A inserção do xadrez no campo esportivo e a lógica mercantil da oferta enxadrística em 1972. **Esporte e Sociedade**, Niterói, n. 13, p. 1-27, 2010.

MARQUES, R. F. R. Contribuições da obra de Pierre Bourdieu para a pesquisa em sociologia do esporte no século XXI. In: GRUPO DE PESQUISAS INTERDISCIPLINARES EM SOCIOLOGIA DO ESPORTE, NÚCLEO INTERDISCIPLINAR DE PESQUISA EM FUTEBOL E MODALIDADES LÚDICAS (Org.). **II Encontro Paulista de Sociologia do Esporte**. São Paulo: Escola de Artes, Ciências e Humanidades, p. 8-35, 2015a.

MARQUES, R. F. R. **Esporte e qualidade de vida: reflexão sociológica**. 2007. 169 p. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

MARQUES, R. F. R. O conceito de esporte como fenômeno globalizado: pluralidade e controvérsias. **Revista Observatorio del Deporte**, Santiago, v. 1, p. 147-185, 2015b.

MARQUES, R. F. R.; ALMEIDA, M. A. B. de; GUTIERREZ, G. L. Esporte: um fenômeno heterogêneo: estudo sobre o esporte e suas manifestações na sociedade contemporânea. **Revista Movimento**, v. 13, p. 225-244, 2007.

MARQUES, R. F. R et al. Moving away: intra-national migration experiences of brazilian men elite futsal players during youth. **International Review for the Sociology of Sport**, v. 57, n. 6, 2022.

MARQUES; R. F. R.; GRAEFF, B. Análise Temática Reflexiva: interpretações e experiências em educação, sociologia, educação física e esporte. **Motricidades**, v. 6, n. 2, p. 115-130, 2022.

MARQUES, R. F. R.; GUTIERREZ, G. L.; ALMEIDA, M. A. B. de. O esporte contemporâneo e o modelo de concepção das formas de manifestação do esporte. **Revista Conexões**, v. 6, p. 42-61, 2008.

MARQUES, R. F. R.; JANUÁRIO, J. A. O talento esportivo sob uma perspectiva sociológica: reflexão sobre a oferta de oportunidades de aprendizagem e a influência da herança cultural. **Revista de Ciencias Sociales**, Iquique, v. 27, n. 40, 2018.

MARQUES, R. F. R.; MARCHI JÚNIOR, W. Migration for work: Brazilian futsal players' labor conditions and disposition for mobility. **Journal of Sport and Social Issues**, v. 45, n. 3, 2021.

MARONI, F. C.; MENDES, D. R.; BASTOS, F. C. Gestão do voleibol no Brasil: o caso das equipes participantes da Superliga 2007-2008. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 24, n. 2, 2010.

MASSON, P. Retorno sobre Os herdeiros de Pierre Bourdieu e Jean-Claude Passeron. In: VALLE, I. R.; CATANI, D. B.; SILVA, V. L. G.; SANTOS, T. R (Org.). **Heranças**

da sociologia de Pierre Bourdieu & Jean-Claude Passeron: 50 anos de Os herdeiros. Curitiba: Editora CRV, p. 39-53, 2015.

MELO, G. F.; RUBIO, K. Mulheres atletas olímpicas brasileiras: início e final de carreira por modalidade esportiva. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, v. 25, n. 4, 2017.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MONTAGNER; M. A.; MONTAGNER, I. A teoria geral dos campos de Pierre Bourdieu: uma leitura. **Revista Tempus Actas de Saúde Coletiva**, v. 5, n. 2, p. 255-273, 2011.

MORBI, M. R.; MATEU, P.; MARQUES, R. F. R. Tornando-se um treinador de futsal de elite: um estudo de caso brasileiro. **Revista Movimento**, v. 26, 2020.

MOUNTJOY, M; JUNGE A. The role of International Sport Federations in the protection of the athlete's health and promotion of sport for health of the general population. **British Journal of Sports Medicine**, v. 47, n. 16, 2013.

NOGUEIRA, C. M. M.; NOGUEIRA, M. A. A sociologia da educação de Pierre Bourdieu: limites e contribuições. **Revista Educação & Sociedade**, Campinas, v. 23, n. 78, p. 15-36, 2002.

NOGUEIRA, M. A; NOGUEIRA, C. M. M. **Bourdieu & a Educação**. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

PEREZ, C. C. Introduction: the default male. In: _____. **Invisible women: exposing data bias in a world designed for men**. London: Vintage, p. 1-25, 2020.

PIOTTO, D. **As exceções e suas regras: estudantes das camadas populares em uma universidade pública**. 2007. 361 p. Tese (Programa de Pós-Graduação em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

PIOTTO, D. Igual, interlocutor ou amigo? Uma discussão sobre a relação pesquisador-pesquisado na utilização de entrevistas. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, v. 6, p. 101-110, 2011.

PIOTTO, D. C.; NOGUEIRA, M. A. Tradução: Capital cultural e reprodução escolar: um balanço crítico. **Revista Educação e Pesquisa**, São Paulo, n. 47, 2021a.

PLATÃO. **A república**. 3ª ed. Belém: EDUFPA, 2000.

PLATÃO. **Fédon**. 2ª ed. Coimbra: Livraria Minerva, 1988.

PONTOGLIO, M. C. S; JANUÁRIO, J. A. O sexto “E”: possível contribuição ao “Modelo Analítico do Esporte: 5 E’s”. In: WORLD CONGRESS OF SOCIOLOGY OF SPORT, 2021, Chile. **Apresentação de trabalho em sala temática no formato online.**

ROJO, J. R.; MARQUES, R. F. R.; STAREPRAVO, F. A. A systematic review of research on sport migration. **Migration and Diversity**, v. 1, n. 1, 2022.

ROMANELLI, G. **A entrevista antropológica: troca e alteridade.** In: ROMANELLI, G.; BISOLI-ALVES, Z. M. M. Diálogos metodológicos sobre a prática de pesquisa. Ribeirão Preto: Legis Summa, 1998, p. 119-133.

SALVINI; L.; SOUZA, J.; MARCHI JÚNIOR; W. A violência simbólica e a dominação masculina no campo esportivo: algumas notas e digressões teóricas. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 26, n. 3, 2012.

SENADO NOTÍCIAS. **Mínimo vai a R\$ 1.320; senadores defendem política permanente de valorização.** Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2023/02/16/minimo-vai-a-r-1-320-senadores-defendem-politica-permanente-de-valorizacao>>. Acesso em: 7 mar. 2023.

SETTON, M. G. J. Uma introdução a Pierre Bourdieu. **Dossiê digital Pierre Bourdieu – Cult 128**, São Paulo, n. 128, p. 9-12, 2008. Disponível em: <<https://www.cultloja.com.br/produto/cult-128-setembro-2008/>>. Acesso em: 24 jan. 2023.

SETTON, M. G. J. Processos de socialização, práticas de cultura e legitimidade cultural. **Estudos de Sociologia**, v. 15, n. 28, p. 19-35, 2010.

SETTON, M. G. J; VIANNA, C.; NEVES, P. R. C. Socialização de habitus: gênero e geração nas elites paulistanas. **Educação e Pesquisa**, v. 48, 2022.

SILVA, B. S.; MARTINS, M. Z. Jogar futebol como uma garota: relações com o saber e os estudos de gênero. **Cenas Educacionais**, v. 5, 2022.

SILVA, E. B. Habitus: beyond sociology. **The Sociological Review**, Keele, v. 64, p. 73-92, 2016a.

_____. Unity and fragmentation of the habitus. **The Sociological Review**, Keele, v. 64, p. 166-183, 2016b.

SILVA, F. M.; FERNANDES, L.; CELANI, F. O. Desporto de crianças e jovens – um estudo sobre as idades de iniciação. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, v. 1, n. 2, 2001.

SILVA, L. V. O. et al. Implicações sociais e emocionais da gravidez para atletas: uma revisão integrativa da literatura. **Revista Motrivivência**, v. 35, n. 66, 2023.

SOUZA, J. **O xadrez em xeque: uma análise sociológica da "história esportiva" da modalidade.** 2010. 191 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010.

SOUZA, J.; MARCHI JÚNIOR, W. Por uma gênese do campo da sociologia do esporte: cenários e perspectivas. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 45-70, 2010a.

_____. Por uma sociologia reflexiva do esporte: considerações teórico-metodológicas a partir da obra de Pierre Bourdieu. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 16, n. 1, p. 293-315, 2010b.

_____. O processo de construção teórico-metodológica de um objeto de pesquisa em sociologia do esporte: o caso do xadrez. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 15, n. 2, p. 500-514, 2012a.

_____. Rupturas e tensões no processo de constituição estrutural do subcampo esportivo do xadrez (1900-1960). **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v. 34, n. 3, p. 557-570, 2012b.

_____. O “match do século” e a “história esportiva” do xadrez: uma interpretação sociológica. **Motriz**, Rio Claro, v. 19, n. 2, p. 399-411, 2013a.

_____. A Guerra Fria e a final do Campeonato Mundial de Xadrez de 1972: algumas possibilidades analíticas e correlacionais. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 27, n. 4, p. 567-581, 2013b.

_____. Bourdieu e a sociologia do esporte: contribuições, abrangência e desdobramentos teóricos. **Tempo Social**, São Paulo, v. 29, n. 2, p. 243-286, 2017.

SOUZA, J.; STAREPRAVO, F. A.; MARCHI JÚNIOR, W. O processo de constituição histórico-estrutural do subcampo esportivo do xadrez: uma análise sociológica. **Movimento**, Porto Alegre, v. 17, n. 2, p. 93-113, 2011.

STEMPIEN, J. R. Queens in the shadow of kings – sociological notes on the historical process of women’s discrimination and emancipation in chess. **Acta Universitatis Lodziensis**, v. 75, 2020.

TEKAVC, J.; WYLLEMAN, P.; CECIĆ ERPIČ, S. Becoming a mother-athlete: female athletes’ transition to motherhood in Slovenia. **Sport in Society**, v. 23, n. 4, 2020.

TOMIZAKI, K. Transmitir e herdar: o estudo dos fenômenos educativos em uma perspectiva intergeracional. **Educação e Sociedade**, v. 31, n. 111, p. 327-346, 2010.

VALLE, I. R. O lugar da educação (escolar) na sociologia de Pierre Bourdieu. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 13, n. 38, p. 411-437, 2013.

VALLE, I. R. Os herdeiros: uma das principais “teses” da sociologia francesa. In: VALLE, I. R.; CATANI, D. B.; SILVA, V. L. G.; SANTOS, T. R (Orgs.). **Heranças da sociologia de Pierre Bourdieu & Jean-Claude Passeron: 50 anos de Os herdeiros**. Curitiba: Editora CRV, 2015. p. 119-133.

VASCONCELLOS, M. D. Pierre Bourdieu: a herança sociológica. **Revista Educação & Sociedade**, Campinas, v. 23, n. 78, p. 77-87, 2002.

VIANA-MEIRELES, L. G.; MEYER, A. V. T. L.; CAMILO, J. A. O. Relações de trabalho e maternidade no contexto esportivo: um estudo de caso. **Psicologia Revista**, v. 32, n. 1, 2023.

VICENZI, L. N. et al. Panorama sobre a constituição sociocultural da comunidade enxadrística feminina brasileira a partir de uma perspectiva de gênero do subcampo esportivo do xadrez. In: VIII Congresso Latino-Americano de Estudos Socioculturais do Esporte, 2023, Maringá. **Caderno de resumos e informações** , 2023.

WARDE, A. Cultural capital and the place of sport. **Cultural Trends**, London, v. 15, n. 2-3, 2006, p. 107-122.

WARDE, A. Does taste still serve power? The fate of distinction in Britain. **Sociologica**, Bologna, v. 3, p. 1-27, 2007.

WILSON, T. C. The paradox of social class and sports involvement: the roles of cultural and economic capital. **International Review for the Sociology of Sport**, London, v. 37, n. 1, p. 5-16, 2002.

APÊNDICES**Apêndice A – Roteiro de entrevista****I. Identificação da praticante**

Nome: _____ Idade: _____ Data de nascimento: __/__/____

Gênero: () Feminino () Masculino () Outro: _____

Cidade de nascimento: _____ Cidade de residência: _____

Cor da pele: () Branco () Pardo () Preto () Amarelo () Indígena

Nível de escolaridade:

() Ensino fundamental completo

() Público

() Ensino fundamental incompleto

() Privado

() Ensino médio completo

() Maior parte em ensino público

() Ensino médio incompleto

() Maior parte em ensino privado

() Ensino superior completo

() Metade em ensino público e privado

() Ensino superior incompleto

() Ensino privando sendo bolsista

Se cursou o ensino superior:

Instituição: _____

Curso: _____

Ocupação: _____

Renda média familiar mensal atual, considerando o salário mínimo de R\$ 1320,00⁶⁹:

- ☐ Sem rendimento
- ☐ Até 1 salário mínimo
- ☐ Mais de 1 a 2 salários mínimos
- ☐ Mais de 2 a 3 salários mínimos
- ☐ Mais de 3 a 5 salários mínimos
- ☐ Mais de 5 a 10 salários mínimos
- ☐ Mais de 10 a 20 salários mínimos
- ☐ Mais 20 salários mínimos

II. Identificação da família do(a) praticante

Quais eram os membros da família que moravam com você na infância? Caracterize-os:

a) Membro da família: _____

Nível de escolaridade:

☐ Ensino fundamental completo	☐ Público
☐ Ensino fundamental incompleto	☐ Privado
☐ Ensino médio completo	☐ Maior parte em ensino público
☐ Ensino médio incompleto	☐ Maior parte em ensino privado
☐ Ensino superior completo	☐ Metade em ensino público e privado
☐ Ensino superior incompleto	☐ Ensino privado sendo bolsista

Ocupação (se aposentado, indicar a última ocupação): _____

III. Trajetória esportiva da praticante

⁶⁹ SENADO NOTÍCIAS. **Mínimo vai a R\$ 1.320; senadores defendem política permanente de valorização.** Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2023/02/16/minimo-vai-a-r-1-320-senadores-defendem-politica-permanente-de-valorizacao>>. Acesso em: 7 mar. 2023.

- 1) Fale sobre a sua trajetória no xadrez desde a iniciação, passando pelo alcance do título internacional na modalidade, até os dias atuais.
- 2) De onde se engendrou e como se deu o seu interesse pelo xadrez?
- 3) Houve interrupções e rupturas no percurso ou este se deu enquanto um processo contínuo?
- 4) Conte sobre a história de seus primeiros contatos com o xadrez.
 - a) Idade de iniciação e da primeira federação ou competição institucionalizada?
 - b) Com quem aprendeu (como era a relação com o(a) mediador(a))?
 - c) Onde aprendeu?
 - d) Como foi esse aprendizado (sentimentos vivenciados, exemplos)?
- 5) Houve o contato com o xadrez na escola?
 - a) Com qual idade e ano escolar?
 - b) Na manifestação curricular ou extracurricular?
- 6) Que peso atribui ao investimento pessoal e de terceiros na construção da sua habilidade no xadrez?
- 7) Quais expectativas você tinha sobre si? E o depósito das mesmas por terceiros?
- 8) Como se dava e foi se transformando a sua rotina de preparação e treinamento?
- 9) Qual é a importância ocupada pelo xadrez ao longo de sua história?
- 10) Houveram temores, aflições, decepções ou dificuldades ao longo deste percurso?
- 11) Houveram restrições, limitações e proibições advindas do exercício da prática?

- 12) O que o xadrez representa para você?
- 13) Como se constituiu o seu gosto pelo xadrez?
- 14) Existe na família alguma experiência com o xadrez? Se sim, como ela se deu?
- 15) Além do xadrez, praticou outras atividades esportivas e/ou de lazer? E atualmente?
- 16) A escolha do seu curso superior na universidade teve relação com o xadrez?
- 17) Fale sobre a carreira de uma jogadora de alto rendimento no xadrez brasileiro.
- a) Considera-se profissional?
 - b) Se sim, a partir de quando?
 - c) Diferenças entre o contexto brasileiro e o exterior.
- 18) Como avalia a sua trajetória no xadrez?
- 19) Quais atributos pessoais você acredita serem importantes para o exercício da modalidade? Destes, quais julga possuir?
- 20) O que significou o alcance máximo do título internacional da modalidade para ti?
- 21) O que você pensa sobre a influência do “talento” na sua carreira?
- 22) Relacione os anos das conquistas de seus títulos anteriores e as suas principais conquistas como jogadora.
- 23) Quais vivências experienciou relacionadas ao gênero no xadrez?
- 24) Daquela criança que iniciou no xadrez, o que ficou em quem você é hoje?
- 25) Há algo que você queira acrescentar e que não foi contemplado neste roteiro?

Apêndice B – Termo de consentimento livre e esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

POR QUE NÃO HÁ WGM NO BRASIL? UMA ANÁLISE SOCIOLÓGICA DAS TRAJETÓRIAS ESPORTIVAS DA ELITE DE ATLETAS FEMININAS DE XADREZ BRASILEIRAS

Prof. Dr. Sérgio Settani Giglio (pesquisador responsável)
Prof.^a Dr.^a Sílvia Cristina Franco Amaral (pesquisadora responsável)
Ms. Jéssica dos Anjos Januário (pesquisadora associada)

Número do CAAE: (51440721.2.0000.5404)

Você está sendo convidada a participar de uma pesquisa. Este documento, chamado Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, visa assegurar seus direitos como participante da pesquisa e é elaborado em duas vias, assinadas e rubricadas pelo(a) pesquisador(a) e pelo(a) participante/responsável legal, sendo que uma via deverá ficar com você e outra com o(a) pesquisador(a).

Por favor, leia com atenção e calma, aproveitando para esclarecer suas dúvidas. Se houver perguntas antes ou mesmo depois de assiná-lo, você poderá esclarecê-las com o(a) pesquisador(a). Se preferir, pode levar este Termo para casa e consultar seus familiares ou outras pessoas antes de decidir participar. Não haverá nenhum tipo de penalização ou prejuízo se você não aceitar participar ou retirar sua autorização em qualquer momento.

Justificativa e objetivos:

A relevância deste projeto de pesquisa se dá em uma perspectiva de explicitar os aspectos socioculturais e pedagógicos que permeiam a origem e a constituição das disposições nas trajetórias esportivas da elite de atletas femininas de xadrez brasileiras. Intenciona, assim, reflexões que possam nortear o desenvolvimento deste campo quanto ao desvelar da trama de relações entre as condições sociais e as ações pertinentes aos indivíduos no esporte. No cenário brasileiro, são irrisórias as concepções que se distanciam do apelo ao “dom” e “talento” predestinados como explicações naturalizadoras do que tange à obtenção do alto rendimento por um atleta. Por sua vez, concepções que sejam abrangentes e considerem a via de mão dupla entre as estruturas sociais e os processos de interação pelos quais constituem-se as disposições acumuladas por meio de processos de socialização esportivos são, ainda, insuficientes entre as produções acadêmicas que se ocupam deste fenômeno.

A partir da mudança deste paradigma, tornam-se imperativas questões como: a) o que pode ser considerado um desempenho de sucesso no esporte?; b) quais as relações possíveis entre as condições sociais vivenciadas pelos agentes e as suas ações enquanto indivíduos delas relativamente autônomos?; c) ao que se sujeita uma ideologia meritocrática no espaço social do esporte?; d) quais são os principais agentes e ambientes que compõem a mediação da prática esportiva?; e) quais são as implicações

relacionadas ao gênero engendradas na participação feminina de uma modalidade, como o xadrez, cuja predominância se faz historicamente masculina?

Acredita-se, assim, que tais frentes de questões serão contribuições relevantes às grandes áreas da Educação Física, do Esporte e de campos correlatos cuja intersecção com este fenômeno pode ser dar, ao exemplo das grandes áreas da Educação e Sociologia. A originalidade deste estudo, por sua vez, assenta-se na investigação de uma prática esportiva pertencente a um polo dominante do espaço social cuja distribuição de titulações é desigual entre as categoriais absoluto e feminino, bem como por meio de uma abordagem que considera a via de mão dupla entre o contexto e o agente na conformação de trajetórias de vida.

O objetivo geral desta pesquisa, assim, se dá em investigar a origem e a constituição de disposições nas trajetórias esportivas da elite de atletas femininas de xadrez brasileiras.

Procedimentos:

Participando do estudo você está sendo convidada a realizar uma entrevista retrospectiva semiestruturada remota. O termo de consentimento livre e esclarecido será apresentado de forma prévia à realização das entrevistas, sendo a execução destas condicionada à assinatura anterior deste documento. Haverá o registro de áudio para posterior análise dos(as) pesquisadores. A estimativa de duração das entrevistas é de 2 horas a 3 horas. O retorno de uma cópia escrita da transcrição de cada depoimento, tão logo esta etapa seja finalizada, será garantida às participantes para que estas tenham a oportunidade de rever e modificar as suas falas, caso assim as desejarem, compondo delas uma versão final. Após a utilização do áudio e transcrição das entrevistas, os arquivos serão armazenados por 5 anos pelos(as) pesquisadores(as), sendo descartados após este período.

Desconfortos e riscos:

Esta pesquisa não envolve riscos previsíveis relacionados à sua participação e você não terá nenhum custo ou quaisquer compensações financeiras. Durante as entrevistas, caso algum assunto seja delicado e cause desconforto, você pode optar por não mais falar a respeito. Não insistiremos para a continuidade em momento algum e você poderá encerrar a entrevista quando desejar.

Benefícios:

Os benefícios relacionados à sua participação serão relativos à promoção de reflexões sobre as trajetórias esportivas da elite de atletas femininas de xadrez brasileiras. Além disso, poderá contribuir para aumentar o conhecimento científico na área de Educação Física e Esporte. Os resultados poderão indicar possibilidades de melhorias quanto às suas formas de atuação e consequente promoção de transformações sociais referentes à origem e constituição dos processos sociais presentes no alcance do sucesso no esporte.

Acompanhamento e assistência:

Sua participação é voluntária, isto é, a qualquer momento você pode recusar-se a responder qualquer pergunta ou desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com os(as) pesquisadores(as) ou com a instituição que forneceu os seus dados. Você terá direito ao acesso aos resultados da pesquisa sempre que solicitado.

Sigilo e privacidade:

Você tem a garantia de que sua identidade será mantida no máximo de sigilo possível e nenhuma informação será dada a outras pessoas que não façam parte da equipe de pesquisadores. Seu nome não será citado na divulgação dos resultados desse estudo. Entretanto, pelo fato de pertencer a um grupo muito pequeno, pode ser possível a dedução e associação de algumas de suas falas ou declarações transcritas. Apesar dos cuidados, assim, não é possível prover que não haverá a possibilidade de sua identificação pelo conteúdo de algumas de suas declarações devido ao número reduzido de participantes e à posição ocupada dentro do grupo a que pertence no interior da comunidade enxadrística.

Ressarcimento e Indenização:

A pesquisa não acarretará despesas para você e será realizada de forma que não atrapalhe sua rotina, pois será realizada remotamente em dia e horário de sua preferência. Dessa maneira, não haverá nenhum tipo de ressarcimento. Entretanto, você terá a garantia ao direito à indenização diante de eventuais danos ou prejuízos decorrentes da pesquisa.

Contato:

Em caso de dúvidas sobre a pesquisa, você poderá entrar em contato com os(as) pesquisadores(as):

Prof. Dr. Sérgio Settani Giglio

Programa de Pós-Graduação em Educação Física (PPGEF)
Faculdade de Educação Física (FEF)
Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)
Av. Érico Veríssimo, 701 - Cidade Universitária Zeferino Vaz
Campinas, São Paulo, Brasil
CEP: 13.083-851
Telefone: +55 19 3521-6609
E-mail: sergio@fef.unicamp.br

Prof.^a Dr.^a Sílvia Cristina Franco Amaral

Programa de Pós-Graduação em Educação Física (PPGEF)
Faculdade de Educação Física (FEF)
Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)
Av. Érico Veríssimo, 701 - Cidade Universitária Zeferino Vaz
Campinas, São Paulo, Brasil
CEP: 13.083-851

Telefone: +55 19 3521-6609

E-mail: scfa@unicamp.br

Ms. Jéssica dos Anjos Januário

Programa de Pós-Graduação em Educação Física (PPGEF)

Faculdade de Educação Física (FEF)

Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)

Av. Érico Veríssimo, 701 - Cidade Universitária Zeferino Vaz

Campinas, São Paulo, Brasil

CEP: 13.083-851

Telefone: +55 16981616239

E-mail: jessica.anjos.januário@gmail.com

Em caso de denúncias ou reclamações sobre sua participação e sobre questões éticas do estudo, você poderá entrar em contato com a secretaria do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da UNICAMP das 08:00hs às 11:30hs e das 13:00hs às 17:30hs na Rua: Tessália Vieira de Camargo, 126; CEP 13083-887 Campinas – SP; telefone (19) 3521-8936 ou (19) 3521-7187; e-mail: cep@unicamp.br. Em havendo a necessidade da intermediação da comunicação ser acessível em Libras você pode fazer contato com a Central TILS da Unicamp no site <https://www.prg.unicamp.br/tils/>.

O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP).

O papel do CEP é avaliar e acompanhar os aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos. A Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) tem por objetivo desenvolver a regulamentação sobre proteção dos seres humanos envolvidos nas pesquisas. Desempenha um papel coordenador da rede de Comitês de Ética em Pesquisa (CEPs) das instituições, além de assumir a função de órgão consultor na área de ética em pesquisas.

Consentimento livre e esclarecido:

Após ter recebido esclarecimentos sobre a natureza da pesquisa, seus objetivos, métodos, benefícios previstos, potenciais riscos e o incômodo que esta possa acarretar, aceito participar:

Nome da participante da pesquisa:

_____ Data: ____/____/____.

(Assinatura da participante da pesquisa ou nome e assinatura de RESPONSÁVEL
LEGAL)

Responsabilidade do(a) Pesquisador(a):

Asseguro ter cumprido as exigências da resolução 466/2012 CNS/MS e complementares na elaboração do protocolo e na obtenção deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Asseguro, também, ter explicado e fornecido uma via deste documento ao participante da pesquisa. Informo que o estudo foi aprovado pelo CEP perante o qual o projeto foi apresentado e pela CONEP, quando pertinente. Comprometo-me a utilizar o material e os dados obtidos nesta pesquisa exclusivamente para as finalidades previstas neste documento ou conforme o consentimento dado pela participante da pesquisa.



Data: 10/05/2023.

(Assinatura da pesquisadora)
Ms. Jéssica dos Anjos Januário

Apêndice C – Íntegra da entrevista (WIM 1)

J: Então mais uma vez, eu gostaria de te agradecer por toda a atenção em relação ao estudo. Sua idade?

WIM1: 25.

J: Data de nascimento?

WIM1: 14/07/1997.

J: Gênero?

WIM1: Mulher... Ou feminino, não sei. Sempre fico na dúvida.

J: Fique bastante à vontade. Cidade de nascimento?

WIM1: Santos.

J: Cidade de residência?

WIM1: São Paulo.

J: Cor da pele?

WIM1: Branca.

J: Nível de escolaridade?

WIM1: É... Superior completo.

J: Ótimo, o seu curso foi em qual instituição?

WIM1: Foi na Federal Fluminense.

J: Bacana, qual curso?

WIM1: Direito. Eu fiz Pós-Graduação, mas eu acho que é Ensino Superior igual, né?

J: Isso, então o seu nível é de Pós-Graduação, obrigada por complementar. E atualmente, sua ocupação?

WIM1: Advogada.

J: Certo. Atualmente, considerando o salário mínimo de R\$ 1320,00, qual seria a sua média de renda familiar mensal? Então pensa o seguinte: se você ainda mora com a sua família, considere todo o seu núcleo familiar. Se você mora sozinha, apenas você.

WIM1: Acho que de 4 a 5.

J: Ok, de 4 a 5 salários mínimos, perfeito. Agora eu gostaria que você pensasse nos membros da sua família que moravam com você durante a infância. Quem eram eles?

WIM1: Minha mãe, meu pai, minha avó e minha irmã.

J: Perfeito, então pra esses quatro, um por um, eu gostaria que você me informasse o nível de escolaridade e a ocupação. Só esses dados, tá? Então vamos lá, pra sua mãe, nível de escolaridade?

WIM1: Superior completo.

J: Ótimo, ocupação?

WIM1: Fonoaudióloga.

J: Perfeito. Pro seu pai, nível de escolaridade?

WIM1: Ensino fundamental.

J: Ok, ocupação?

WIM1: Caseiro.

J: Ótimo. Sua avó?

WIM1: Ensino médio completo.

J: Ok, ocupação?

WIM1: Ela era professora.

J: Ótimo. E a sua irmã, nível de escolaridade?

WIM1: Ela tá terminando o Ensino Superior.

J: Ok, ocupação?

WIM1: Estudante.

J: Excelente. Então nós terminamos a primeira parte da entrevista e vamos entrar agora nas questões abertas, tá? Eu gostaria que você me falasse um pouquinho sobre a sua trajetória no xadrez desde a iniciação, passando pelo alcance do título internacional na modalidade, até os dias atuais.

WIM1: Tá... Desculpa, eu tô meio emocionada, desde que você pediu pra fazer isso eu fiquei meio mexida, assim [voz embargada].

J: Claro, você quer uns minutinhos?

WIM1: Ah, eu quero. Eu acho que vou beber uma água.

J: Por favor, eu tô aqui à disposição, por favor.

WIM1: Tá bom [pausa e desligamento da câmera].

J: Se você se sentir mais à vontade sem câmera, pra nós não faz muita diferença, ok?

WIM1: Tá bom.

J: Tá tudo bem, tranquilo?

WIM1: Sim.

J: Então tá bom, qualquer coisa que você precisar, conte comigo, tá bem?

WIM1: Obrigada [ativação da câmera].

J: Imagina, então vamos lá. Queria conhecer um pouquinho sobre a sua trajetória, o que você tem pra me falar em relação aos seus caminhos em relação ao xadrez?

WIM1: Tá. É... Eu aprendi quando era criança, assim. Tinha uma amiga da minha escola, assim, que fazia parte de uma ONG e eu ficava muito junto dessa menina, assim, eu ainda tenho contato com ela, né? E nessa ONG tinha aula de xadrez, e aí eu comecei a fazer a aula porque ela ia e eu ia junto. E aí eu comecei a fazer aula nessa ONG, assim, e aí, é... Assim, na cidade que eu moro, em Santos, tinha bastante gente, assim, que jogava xadrez. Nessa ONG, tinha um clube de xadrez até hoje, assim... Essa ONG ela ainda existe, ela tá meio mal das pernas, assim, e já foi, tipo, o ápice, assim, mas... Ainda tem torneios escolares, sabe? Tem muitas escolas que têm xadrez, assim. Então

foi isso, assim. Foi assim que eu aprendi e depois a minha irmã começou a jogar também. E eu comecei a jogar os torneios de Santos, assim, sabe?

J: Depois desse momento de iniciação, como se deu sua especialização?

WIM1: Ah, eu comecei a jogar torneios em Santos e aí eu ia muito bem, assim, nos torneios, sabe? Aí teve... Não sei em que momento, assim, mas foi... A minha amiga começou a jogar torneio fora, tipo Campeonato Paulista e tal. E aí eu ia jogar também, minha mãe me levava. E aí eu acho que eu ganhei um Campeonato Paulista e, assim, na época, Campeonato Paulista era tipo assim... [risos]. Sei lá, era bom ganhar esse torneio, assim. E eu comecei a ter aula com um professor um pouco mais avançado, assim, sabe? Que era Mestre FIDE, o Carlos Segal que ainda dá aula em Santos. E aí depois que eu ganhei esse Paulista tinha aquele esquema de que você vai de graça pro Brasileiro, né? Tipo, pagam sua hospedagem, seu hotel, sua alimentação, essas coisas. E aí eu comecei a jogar o Brasileiro e tal, o Brasileiro Escolar. E aí eu comecei a ficar um pouco mais competitiva porque eu comecei a ter aula com um cara que jogava melhor também, sabe? Quando eu tinha aula na ONG era bem “basição” mesmo... E eu comecei então nos torneios... É... Aí você tinha falado pra falar até quando virou mestre, né?

J: Isso, pode seguir...

WIM1: E... Aí eu comecei a jogar os torneios, assim, e pra mim uma coisa que foi muito importante, assim, foi que... Quando eu era mais nova, assim... Eu vou desligar a câmera um pouquinho, tá? [voz embargada]

J: Por favor.

WIM1: Tipo assim, quando eu era mais nova, assim, a minha família não tinha muito dinheiro, assim, sabe? E o meu pai acabou falecendo também... E foi muito bom o xadrez pra mim, porque eu acabei ganhando bolsa na escola, sabe? Tanto pra mim quanto pra minha irmã, assim. Então foi muito bom, a gente foi pra escolas melhores, assim, sabe? E acabou que a gente teve mais oportunidades de viajar, de ir pra torneio. Minha mãe se esforçava muito, sabe? Tipo, tinha coisa que na época era normal pra mim, tipo dormir no carro, assim, sabe? E só depois de mais velha eu vi que a minha mãe se esforçou muito, assim, sabe? E aí foi isso, eu comecei a me sentir um pouco mais pressionada, assim, mas eu sempre fui muito grata pelas oportunidades que o

xadrez me deu, sabe? E, assim, eu acabei, tipo, ganhando o Campeonato Brasileiro... E assim, o ponto de virada mesmo – que foi quando eu consegui ganhar o título – foi um ano que eu estava ganhando muita coisa. E aí tinha um projeto chamado Rumo à Grande Maestria, que é um projeto da FIDE, né? Que desenvolve as meninas da América Latina e, do Brasil, eu fui escolhida pra participar deste projeto. Eu tive aula durante um ano, assim, com Grandes Mestres da América Latina, mesmo, sabe? Da Colômbia, da Argentina, de vários países. E eu fiquei um mês, assim, quase jogando na Europa, assim, sabe? E aí quando eu voltei, fui jogar o Sul-Americano no Uruguai e eu ganhei o torneio lá. E aí eu ganhei o título de Mestre Internacional, que foi o mesmo torneio que a Julia Alboreda ganhou o título de Mestre FIDE também, sabe? Então foi um torneio muito bom, na verdade a Agatha também ganhou o título de Mestre FIDE no Uruguai, o Igor Cadilhac ganhou de Mestre FIDE também... Foi um torneio muito bom, assim, pros brasileiros.

J: Bacana, e em relação aos dias atuais, como se dá a sua relação com o xadrez?

WIM1: Ah, na verdade hoje em dia... Faz, assim, 1 ano que eu tô totalmente fora, sem jogar torneio nenhum, assim. É... E hoje em dia eu acompanho muito, assim, sabe? E é engraçado porque é meio dolorido, assim, sabe? Hoje em dia eu não jogo mais, eu só estou trabalhando como advogada, assim, e eu tô tentando estudar pra concurso, assim. E é muita dedicação, assim. Mas eu sinto falta, eu não deixo de acompanhar, mas eu sinto falta de competir.

J: Certo, muito bacana. Eu fiquei bastante curiosa com vários pontos desse enredo inicial. Então, me conta um pouco mais sobre essa sua amiga, ela vinha então da escola e te acompanhava também em uma ONG?

WIM1: Isso, na verdade ela tinha as atividades dela e eu meio que seguia ela, assim, onde ela ia, sabe? Então eu ia com ela nessa ONG e ficava lá com ela. Ela chegou a jogar torneio também, mas depois ela acabou parando e eu continuei, assim. Mas ela é uma grande amiga, assim, é uma das minhas melhores amigas até hoje e a gente tem muito contato.

J: Entendi, antes dela você não havia tido contato com o esporte?

WIM1: Não.

J: Bacana. Você diz também sobre uma bolsa da escola em relação à modalidade esportiva do xadrez. Conta pra mim como era ser bolsista e quais tipos de cobranças ou expectativas depositavam em ti sobre isso?

WIM1: Essa coisa da bolsa foi muito bom, foi muito importante porque não foi uma bolsa que veio só pra mim, veio pra mim e pra minha irmã, sabe? E, assim, na época eu jogava muito bem, assim, e eu jogava bem no masculino, sabe? Eu não jogava torneio feminino em Santos. Então eu conseguia muita coisa só nessa de “ah, não, a menina joga torneio masculino”, sabe? Então, tipo... Eu me sentia muito cobrada pela minha família mesmo, pela minha mãe, porque... Porque eu sabia que era um negócio importante, sabe? Tipo assim, eu sabia que não tinha como a minha mãe bancar aquela escola, por exemplo. E, assim, foram coisas que deram uma base boa pra mim, pra minha irmã, sabe? Depois a gente passou em faculdades muito boas, assim, e não teria conseguido se não fosse isso, sabe?

J: Certo, então provavelmente era uma escola particular?

WIM1: Isso.

J: Ok, eu gostaria de te ouvir um pouquinho mais sobre esse ponto de virada, o projeto Rumo à Grande Maestria.

WIM1: É, foi um projeto incrível, assim, sabe? Tipo, é... Assim, não tem nem como falar da importância desse projeto porque antes de estar participando, de conhecer outras meninas desse projeto, eu não sabia nem que dava pra eu conseguir alguma coisa, sabe? Que eu pude realmente tentar, chegar mais alto e tal, e foi muito importante mesmo. Tipo, antes desse projeto eu tinha ido jogar um Mundial, um Pan-Americano, sabe? Mas não nesse nível, assim, nesse nível de “você consegue ganhar”, sabe? Eu não acreditava muito, assim. E aí foi um ano muito bom, eu me dediquei muito, muito, muito! E, assim, nesse ano, na verdade, eu repeti esse ano da escola, assim, porque eu jogava muito torneio. Eu jogava um torneio atrás do outro, fiquei um mês lá jogando e aí eu repeti esse ano da escola. Foi um negócio que a minha mãe ficou bem chateada porque ela cobrava bastante da escola também, mas não teve jeito, assim. Foi coisa de repetir por falta, não teve nem como fazer prova, nem nada.

J: Certo, e em relação à sua trajetória, pensando desde a iniciação até os dias atuais, houve interrupções, rupturas neste percurso ou este se deu enquanto um processo contínuo?

WIM1: É... Teve uma pequena interrupção quando eu repeti... Assim, logo no ano seguinte que eu virei mestre eu parei um pouco. Eu continuava treinando muito, mas eu não ia jogar torneio porque eu precisava terminar o Ensino Médio e eu tinha essa preocupação grande de passar em uma faculdade, sabe? E, assim, uma coisa que aconteceu também foi que essa coisa do meu pai ter falecido foi muito doloroso pra minha família e tal. E eu me cobrava muito de passar em Direito em uma faculdade pública. Por processos de inventário, essas coisas, sabe? Sucessão e tal... E minha mãe se sentia muito desamparada por falta de advogado, sabe? Então eu me cobrava muito de passar em Direito em uma faculdade boa.

J: Claro, quantos anos você tinha quando se deu esse falecimento?

WIM1: Ah, eu tinha acho que... 12? Isso, 12 anos.

J: Ok, obrigada. Bom, caso você se lembre, eu gostaria de saber um pouquinho sobre a idade da sua iniciação, de seus primeiro contatos com a prática com essa sua amiga. Você se lembra?

WIM1: Ah, eu tinha acho que por volta de 6 anos.

J: Certo, e a idade da sua primeira competição institucionalizada, oficial?

WIM1: Eu lembro que o primeiro torneio mais relevante que eu ganhei foi com 10, mas o primeiro torneio eu não me lembro, assim.

J: Ok, então a primeira mediadora da prática do xadrez foi a sua amiga, com a qual você tinha uma relação de amizade muito forte, no local da ONG. E como foi o aprendizado nessa ONG, com quem você contou? Como era a metodologia? Como você se sentia?

WIM1: Ah, era bem bagunça, assim. Na verdade era um professor que gostava muito de xadrez, era um professor de Matemática que se chamava Amir. E ele aceitava muita criança, assim sabe? Então era... Eu não sei como ele dava conta, porque era muita criança e muita criança bagunceira e ele conseguia ensinar xadrez – que é um negócio difícil – pra um monte de criança que às vezes nem queria estar ali, sabe? Que às vezes

a mãe deixava? Então era muita criança mesmo, mas ele conseguia sim dar aula, sabe? Ensinava e tal... E na verdade ele chegou a dar aula pra muita gente que deu certo, assim, que virou campeão brasileiro depois. Se eu não me engano teve... Quase umas 10 pessoas que ganharam Campeonatos Brasileiros. Tem uma menina que tá jogando ainda aí e tá indo super bem. Não vou lembrar o nome da menina, acho que é Ana Luísa, alguma coisa assim, mas... Essa parte introdutória de começar ele fazia muito bem, sabe?

J: Legal, bacana! E em relação aos sentimentos vivenciados? Tente se lembrar das sessões de aulas, do que você vivia... Pra além dessa bagunça, o que mais você percebia?

WIM1: É... Estava sempre misturado crianças que estavam aprendendo com crianças que já jogavam há muito tempo, sabe? Estava tudo misturado, assim. Então por mais que você tivesse acabado de aprender, você tinha que ganhar do que jogava há mais tempo, sabe? Então tinha sempre um desafio, sabe? Era bem legal e era bom porque você convivia com outras crianças da sua idade, então era legal pra além do xadrez também.

J: Era um professor, então, do gênero masculino?

WIM1: Isso.

J: Ok, perfeito! Agora eu queria falar um pouquinho do contato com o xadrez que você teve na sua escola, essa que você era bolsista. Aliás, antes de ser bolsista nessa escola, o seu ensino se deu em escola pública ou sempre particular?

WIM1: Então, na verdade, eu estudava em escola particular. Não era uma escola muito boa, era uma escola particular de bairro e a minha irmã estudava em uma escola pública.

J: Entendi, bacana. Então eu gostaria que você pensasse nas duas escolas, essa primeira particular e na segunda que você era bolsista pelo xadrez. Nessa primeira escola havia algum contato com o xadrez?

WIM1: Não, mas na segunda também não, sabe? Na segunda eles tinham muito uma coisa de... Assim, não sei se foi em todos os lugares, mas em Santos teve uma época que eles incentivavam muito os esportes e todos os esportes. Futebol, natação... Futebol e

natação eram muito fortes em Santos, sabe? E aí começou que muita gente foi jogar xadrez também, tipo assim, eu fui pra uma escola que tinha mais dois meninos que eram campeões brasileiros na mesma época, sabe? E tipo assim, era o mesmo esquema, um deles tinha uma irmã que ganhava bolsa também e o outro era filho único. Então tinha eu e mais dois, assim. Então a gente jogava torneio por equipe, era uma equipe de xadrez do Objetivo, sabe assim? E aí dava pra seguir, assim.

J: Bacana, esses dois meninos eram então campeões brasileiros de xadrez?

WIM1: Isso.

J: E como você se sentia em uma equipe de campeões?

WIM1: Ah, na verdade era muito bom porque a gente se tratava normal, sabe? E a gente sempre jogava... Ah, parecia uma equipe mesmo, porque sempre quando a gente vinha pra São Paulo a gente jogava na mesma equipe. Uma coisa que eu achava legal é que quando tinha os meninos da mesma idade, eles me incluíam na equipe, sabe? Mas essa coisa de jogar com homem, com menino, foi uma coisa que sempre foi muito presente, sabe? Eu nunca fui de jogar muito torneio feminino, só depois que eu fiquei mais velha mesmo. E aí é isso, eles me tratavam igual menino, assim, mais ou menos.

J: Bacana, então se eu entendi nessa segunda escola não havia de fato um professor ou professora. Havia uma equipe que representava a instituição nas competições?

WIM1: Isso, exatamente. Tinha professor de Educação Física que em algum momento tenha dado aula de xadrez, assim, mas não tinha aula de xadrez direcionada. Só depois, depois eu fiquei sabendo que eles colocaram um professor de Xadrez, assim, especializado. Mas, quando eu estudava lá, não tinha.

J: Certo, e durante este período você tinha quantos anos, quando foi pra essa segunda escola?

WIM1: É... Nossa, eu não vou lembrar muito bem... 4ª série, assim, sabe? Até o final do Ensino Fundamental, assim.

J: Ótimo, então você mantinha nesse período escolar em que não havia xadrez propriamente ensinado na escola os treinamentos à parte, é isso?

WIM1: Isso.

J: Você poderia contar um pouquinho sobre ele?

WIM1: Então, eu ia pro clube de xadrez, assim, sabe? E essa época também era muito legal, assim. Era engraçado isso, esse professor do clube de xadrez dava aula pra muita mulher, ele dava aula pra Artemis que foi pra Olimpíada e também tinha Mestre FIDE, ele dava aula pra irmã dessa menina... Tipo assim, ele tinha o hábito de treinar mulheres, assim. E aí eu ia lá duas vezes por semana e ficava lá com ele treinando. E ele treinava mais jovens, adolescentes... De crianças, eu acho que era a mais nova. E aí é isso, eu ia lá e de vez em quando ele treinava com as três juntas, tipo assim com a Artemis, com a irmã dela, com a Isabela e comigo. E tinha umas outras meninas, na verdade, mas elas acabaram parando. Mas tinha a Letícia, também... E às vezes treinava todas juntas, às vezes separadas, dependia muito o dia, assim. Mas ele leva o xadrez bem mais à sério, de teoria, de estudar, de sentar e estudar. O outro era mais de jogar, de jogar sem parar, sabe? E esse não, esse tinha uma coisa de sentar pra estudar.

J: O outro é o da ONG?

WIM1: Isso.

J: Entendi, perfeito. E olha que bacana, você comenta então que nas competições jogava mais com homens, com meninos, ao mesmo tempo que no clube de xadrez havia um ambiente um pouco mais feminino de prática. Primeiro, como você se sentia sendo menina e jogando entre meninos?

WIM1: Ah, eu achava que era mais importante ganhar o masculino do que o feminino, sabe? E era mais difícil mesmo, porque quando eu ia pros torneios eu jogava com os meninos da minha equipe, assim, sabe? Eu tentava ganhar deles pra eu continuar indo bem nas coisas, né? E assim, no clube de xadrez, na verdade, as meninas eram mais velhas do que eu, sabe? E na real todas elas jogavam melhor do que eu, e eu era a mais... A “piorzinha”, assim sabe? Só que não aconteceu de eu jogar com elas porque elas eram mais velhas, sabe? Então, da minha faixa etária, era mais os meninos mesmo.

J: Certo, e quando você comenta que jogar no masculino era mais importante, o que tinha mais importância pra ti?

WIM1: Ah, por ser mais difícil mesmo, entendeu? Realmente era mais difícil, assim. Por exemplo, às vezes eu ficava em segundo, em terceiro, assim, sabe? Mas sempre tinha aquele desafio de tentar ficar em primeiro. No feminino não tinha tanto desafio, assim, sabe? Então começou a chegar em um momento que eu ganhava muito torneio feminino. E aí meio que é isso, eu acumulava muito troféu escolar aqui em casa e eu comecei a jogar torneio masculino e tinha esse desafio, mas eu continuava me cobrando para ganhar, assim, sabe? Mas era mais por isso, mais porque era mais difícil mesmo.

J: Entendi. E no ambiente do clube, esse em que havia mais meninas, em que o seu treinador treinava mais mulheres... Quais diferenças em relação a este anterior que nós conversamos você percebia?

WIM1: Ah, eu sentia que o meu professor do clube era mais rígido, ele cobrava mesmo. Ele cobrava de você estudar o que ele passou, de você falar o negócio certo, sabe? De você estudar e tal, ele era mais... De um lugar que era totalmente bagunça eu fui pra um lugar que era certinho, sabe? Eu lembro que eu carregava um caderninho e ficava escrevendo as coisas, e quando eu escrevia um negócio e errava, ele já ia lá e brigava, assim, sabe? Ele era um pouco rígido, assim, sabe? Mas assim, foi muito bom pra minha formação, eu não tenho nem o que falar, sabe? Ele foi fundamental mesmo. E eu fiquei com ele durante muitos anos, muitos anos mesmo, assim. O único treinamento que eu tive diferente foi esse do projeto Rumo à Grande Maestria que foi muito importante pra mim, mas eu fiquei todos esses anos com ele mesmo.

J: Então esse método um pouco mais rígido você achou que contribuiu para a sua formação?

WIM1: Não, eu acho que foi essencial, eu não teria chegado à metade do caminho sem isso, sabe? E assim, tem uma coisa que eu acho bem legal de falar também que é a que o meu pai faleceu logo depois que eu fui treinar com esse cara, né? E a mãe dele também faleceu quando ele era muito novo, então eu sentia que ele entendia, sabe? Tipo assim, às vezes eu ia pro clube e tinha umas crises de choro, assim, sabe? Ele super me entendia, me dava espaço e eu sentia que ele era um adulto que entendia isso, sabe? Então eu gostava muito de ir lá não só pelo xadrez, mas por causa disso também.

J: Entendi, bacana esse acolhimento pra além do próprio esporte, né?

WIM1: Sim.

J: Quando a gente pensa em investimento pessoal, que peso você atribui ao investimento que você própria teve e ao investimento que terceiros (pense na sua família, amigos...) tiveram na construção da sua habilidade no xadrez? O que é que você teve que investir e que terceiros tiveram para você continuar na prática?

WIM1: Ah, a minha mãe ela abdicou muito, muito mesmo. Eu lembro que quando eu estudava na ONG, assim... A minha mãe ela não sabe jogar, ela não sabe jogar xadrez, só que ela aprendeu a ler aquela anotação antiga, sabe? Quando era, tipo... Não é nem essa anotação que a gente usa agora, a anotação antiga mesmo do Xadrez Básico, sabe?

J: A descritiva, né?

WIM1: Isso, e aí ela aprendeu a ler aquele negócio e ela meio que fazia a tradução e me ajudava a ler o livro, eu era muito novinha. E ela não tinha tempo, ela trabalhava em dois lugares e fazia isso. E fora esses esforços de me levar pra lá e pra cá, de me ajudar com livro, de me levar em torneio, assim, sabe? Porque até começar a dar certo, teve um milhão de torneios que não foram tão bem, sabe? E ela me levava, pagava inscrição... De verdade, na minha casa não tinha como fazer isso, sabe? Era aquele esquema de a minha mãe pegar dinheiro emprestado pra me levar no torneio e a gente ter que dormir no carro, sabe? Era bem puxado, assim.

J: Entendi! Fiquei curiosa pra saber se a sua irmã também acabou seguindo os seus passos?

WIM1: A minha irmã ela chegou a jogar torneio e acho que ela ficou em terceiro em um Brasileiro, assim. Mas ela é muito ativa, assim, sabe? Ela começou a participar de torneios de natação, de patinação, de um monte de coisa. Então ela não chegou a se dedicar exclusivamente ao xadrez. Mas ela já participou, é que ela não estudava muito... Mas uma coisa que todo mundo sempre falou é que se ela treinasse ela seria uma jogadora melhor que eu, sabe? Porque ela realmente não estudava nada e ia bem nos torneios, sabe?

J: Entendi, que bacana! E você a incentivava? Compartilhavam treinamentos? Como era essa relação com o xadrez e a sua irmã?

WIM1: Ah, a minha irmã... Eu não treinava muito com ela e porque a gente tem um jeito muito diferente mesmo, ela é muito ativa, ela não gosta muito de ficar sentada, pensando. Até quando ela vai fazer um treino de tática, assim, ela pensa “rapidão” e já quer ver o negócio, sabe? A resposta... Aí eu queria pensar um pouco mais e ela é meio impaciente e eu sou mais de ficar demorando pra fazer as coisas e aí não rolava muito de a gente treinar.

J: Bacana, você comenta de um jeito diferente entre as duas. Se a sua irmã era um pouco mais ativa, como é que você se define?

WIM1: Ah, eu sou mais pacata! [risos]. A gente tem um jeito bem diferente, eu sou mais tímida, ela é bem extrovertida. Mas ela tá indo super bem, é que eu acho que ela não era muito chegada em xadrez mesmo.

J: Tá certo, e o peso do seu próprio investimento, o que é que você teve que abrir mão, do que é que você abdicou?

WIM1: Ah, o meu foi mais de dedicação mesmo, de inúmeras vezes não sair com as pessoas, não sair com a minha família, pra ficar treinando, assim, sabe? E eu sentia muita preocupação mesmo de tentar chegar o mais preparada possível para o torneio, sabe? Porque foi uma época também que eu via que tinha muita gente com muito treinador e eu queria começar a ganhar os torneios mesmo, assim. Então o investimento maior que eu fiz foi de tempo, assim.

J: Entendi, principalmente uma dedicação então do seu tempo livre pra prática?

WIM1: Isso.

J: E em relação às suas expectativas, que expectativas você tinha sobre si?

WIM1: Ah, essa é uma pergunta difícil, eu acho que eu não pensava muito nisso. Mas eu tentava continuar indo bem nos torneios porque era importante não só pra mim, mas pra minha família mesmo, sabe? Eu sentia quase um alívio quando o negócio dava certo. Porque eu com uns 14 lembro que consegui fechar uma equipe de joguinhos, de Jogos Abertos e tal e aí eu consegui um contrato muito bom em uma época em que as prefeituras estavam com dinheiro e tal. E pô, foi um contrato muito bom, muito bom pra hoje em dia, sabe? Pra época, melhor ainda. E foi um dinheiro que me ajudou muito

mesmo, pessoalmente a minha família, sabe? E aí desde os 14 até, sei lá, 2 anos atrás eu continuei ganhando dinheiro com isso e era um dinheiro que vinha mensal, assim, sabe? Então não tem nem como eu falar, foi um dinheiro que me ajudou demais, assim, demais mesmo. Me ajudou a pagar coisas que eu precisava, entendeu? A ajudar a minha mãe, assim... Então pra mim foi muito importante, mas é por isso que eu me cobrava tanto também.

J: Pra além dessa questão financeira, o xadrez te trouxe outras coisas mais?

WIM1: Me deu muitas oportunidades de viajar... Uma coisa que eu fico um pouco chateada de não ter conseguido muito foi de ter construído muitas amizades, sabe? Porque eu tive muitas amigas no xadrez, mas que não acabaram vindo junto, sabe? Tipo assim, agora que eu saí do xadrez, essas amizades acabaram não vindo pra fora do xadrez, sabe? Mas, assim, foi muito bom pra mim essa coisa de viajar, de ter uma escola melhor, de ganhar um dinheiro com isso... Tudo isso.

J: Bacana, e você sente que terceiros tinham expectativas sobre si pra além de você mesma?

WIM1: Ah, eu acho que sim, eu acho que sim... Acho que a minha família esperava muito que eu fosse bem. O meu professor também, o meu professor do clube ele colocava muito tempo, ele se esforçava, ele era aquela pessoa que explicava mil vezes a mesma coisa, sabe? Então ele também esperava que eu acertasse as coisas.

J: Esse acertar as coisas seria no jogo, em geral?

WIM1: É, nas partidas e nos torneios, sabe? Que eu conseguisse ganhar o torneio mesmo.

J: Entendi, em termos de resultados competitivos. Como se dava e foi se transformando a sua rotina de preparação e treinamento? Que percepções você acha que mudaram desde a sua iniciação, passando pela fase de especialização e até depois da conquista do título de WIM?

WIM1: Ah, quem me ensinou a estudar mesmo foi o meu professor do clube, assim. E não só livros, mas ele me ensinou a estudar livros, revistas, programas, ele é muito estudioso. Ele acompanha as novidades que tem e isso desde que eu era mais nova,

sabe? Desde mais nova eu usava o *ChessBase* porque ele me ensinava, sabe? Em livro, ficar lendo análises linha por linha, análises por análises. Então foi isso, eu tentava... Assim, tudo o que esse cara me passava eu fazia, assim, sabe? E é isso. Eu gostava muito de saber da vida dos jogadores de xadrez também, eu ficava lendo muito da vida dos caras mesmo, sabe?

J: Que legal, as biografias?

WIM1: Sim.

J: Que bacana, isso é interessantíssimo. De maneira geral, qual a importância ocupada pelo xadrez ao longo da sua história?

WIM1: Ah, eu não sei nem o que falar, assim [voz embargada]... Eu não sei nem o que falar, porque foi muito importante pra minha formação, sabe? E sei lá, eu sinto que quando eu parei, eu meio que endoidei da cabeça, dei uma d*****, assim. É engraçado, quando você decide “não vou mais jogar torneios”, eu tinha tanto tempo livre que eu não sabia nem o que fazer com esse tanto de tempo livre que eu tinha, sabe? Aí eu comecei a pensar em coisas que eu gostava de fazer pra além do xadrez, entendeu? E foi um processo, eu comecei a fazer acompanhamento psicológico e a lembrar... Não só lembrar, mas resgatar coisas que eu gosto e que eu faria se eu não estivesse jogando, nem treinando, nem nada. E final de semana mesmo, final de semana que você não está em torneio, sabe? Teve uma época que todo final de semana eu tava jogando alguma coisa, então quando eu parei foi bem forte pra mim.

J: Ok, e em que idade mais ou menos se deu esse afastamento?

WIM1: Na verdade quando eu tava na faculdade eu conseguia jogar ainda muito, treinar também. Eu mantinha uma rotina de treino, de estudo. Mas quando eu saí da faculdade e veio essa preocupação de entrar no mercado de trabalho mesmo foi que eu percebi que era muito difícil conciliar uma coisa com a outra, sabe? Talvez tenha gente que consegue, eu não consigo, sabe? Eu advogo e é um “bagulho” muito competitivo, muito difícil. Se você se dedica integralmente já é difícil, sabe? E ainda, tipo assim... Eu me frustrava muito porque eu comecei a ter resultados que eu não queria, eu queria estar jogando melhor e eu ficava frustrada porque eu não conseguia treinar o tanto que eu gostaria e não conseguia estudar direito o tanto quanto eu gostaria, sabe? E chegou um

momento em que teve que escolher, em que eu tive que escolher, sabe? E aí, foi... Faz uns 2 anos, foi meio que em 2021 mesmo quando eu parei de vez.

J: Entendi, pela demanda alta do seu curso...

WIM1: Isso.

J: Houve temores, aflições, decepções ou mesmo dificuldades ao longo deste percurso?

WIM1: Nossa, muitas! Muitas, mesmo. Medo de perder a bolsa, perder o dinheiro que eu tava ganhando, sabe? E é engraçado isso porque uma das coisas que eu sinto até hoje que é meio que uma dor muito grande é que quando eu não precisava mais do dinheiro, não precisava mais da bolsa... Eu queria muito ir pra Olimpíada, conseguir me classificar, sabe? Era um desejo muito forte que eu tinha mesmo, de ser o torneio que eu queria jogar, sabe? Ninguém tava me forçando a me classificar, nem nada, mas era uma coisa que eu queria muito. E aí eu tentei várias vezes, eu cheguei muito, muito, perto... Uma vaga, sabe? 3 vezes... E foi uma frustração muito grande porque eu não consegui mesmo, sabe? E isso fica na minha cabeça um pouco, mas tipo assim, eu tô tentando ficar mais em paz, sabe?

J: Claro, ir para a Olimpíada ainda é um desejo pra ti?

WIM1: É... Eu acho que agora não dá, agora eu tenho outras prioridades e tal, mas eu acho que em algum momento em que a minha vida estiver mais tranquila eu vou me jogar, sabe? Treinar mesmo e quem sabe eu posso tentar de novo, sabe?

J: Bacana, e em relação às restrições? Pense em restrições etárias, restrições de gênero, limitações, proibições... Você contou com algum tipo destas coisas ao longo da prática?

WIM1: Restrições não, assim, mas eu lembro que tinha um negócio de não gostar de perder pra menina, sabe? Quando é nova, assim, por exemplo, quando ia jogar eu e os dois meninos o Interclubes, assim. Por exemplo, se eu ganhasse de um homem, de um cara mais velho, o cara não gostava, assim, sabe? Saia p***** e não cumprimentava, jogava as peças... Agora de ser impedida de alguma coisa por conta do xadrez eu acho que não. É que eu via que tinha essa coisa de que não dá pra perder pra menino mais novo também, sabe? Mas restrição acho que não.

J: Ok! Em termos de representação, o que representa o xadrez pra ti?

WIM1: É engraçado isso, porque eu acho que representa uma fase da minha vida em que tudo era mais fácil. Era mais difícil mas parecia que tava mais fácil, sabe? E parecia que eu conseguia as coisas, então... Representa uma parte da minha vida que foi muito boa.

J: Você quer discorrer sobre essas boas vivências, lembranças que te marcaram?

WIM1: É porque, assim... Eu não sei explicar muito bem, mas, é... Sabe aquela coisa de você ficar... Eu ficava o tempo todo, assim, pensando em xadrez, sabe? O tempo todo mesmo, e mesmo se não desse pra eu sair com os meus amigos a tarde, sei lá, eu não ligava. Eu gostava de ficar jogando, treinando e estudando. E eu gostava muito de jogar torneios, sabe? Então era boa essa rotina, eu tinha pessoas que me ajudavam, sabe? Meu professor, minha mãe me ajudava muito, então era bom, era muito bom. Quando você jogava torneio que não dava tão certo era triste, era ruim. Eu não gostava de perder não, mas era uma fase boa, assim, nesse sentido.

J: Entendi, e em relação ao seu gosto pelo xadrez, como você acha que ele foi se constituindo?

WIM1: Ah, no início eu ia mais pra acompanhar essa minha amiga e eu acho que demorou pra eu gostar mesmo, sabe? Eu acho que quem me ensinou a gostar foi esse meu segundo professor, assim, sabe? Aí foi onde eu comecei a entender melhor o negócio e eu comecei a gostar mais também.

J: Entendi, e hoje a gente poderia falar que você gosta de xadrez?

WIM1: Não, eu gosto muito, muito, muito... Eu gosto muito mesmo.

J: Ok, existe na sua família, pra além da sua irmã, pelo o que eu entendi, alguém que tenha tido alguma experiência com o xadrez?

WIM1: Não.

J: Ok, nenhum membro familiar, mesmo que distante?

WIM1: Não, o pessoal não sabe nem jogar, nem mexer as peças.

J: Certo, e além do xadrez, você praticou outras atividades esportivas ou de lazer?

WIM1: Não, esportiva não. Eu acho que teve quando eu era pequena... Eu cheguei a fazer natação. Mas, assim, de fazer com habitualidade só xadrez mesmo.

J: Pense no seu tempo livre, pra além do xadrez você compartilhava outras práticas ou era mesmo a modalidade?

WIM1: Eu gostava de fazer pintura, desenho, essas coisas e ler. Então eu ficava pintando, desenhando e lendo. Gibi... Gibi mesmo, sabe? Não era nenhum negócio mais avançado não, era gibi mesmo.

J: E atualmente, como é que você ocupa o seu tempo livre?

WIM1: Ah, agora eu arrumei esse negócio de estudar pra concurso que é parecido com o xadrez, na verdade. Então, assim, eu estou me dedicando muito a estudar pra concurso, mesmo, sabe. Mas no tempo livre eu tento ir pra academia, correr e sei lá... Assistir um filme, sair com os meus amigos, ir pra Santos pra ver a minha mãe também, essas coisas.

J: Me interessou essa semelhança entre estudar pra concurso e o xadrez, o que você vê aí enquanto relação entre os dois?

WIM1: Não, tem total semelhança os dois. Na verdade eu consegui me acalmar mais quando eu arrumei esse negócio de concurso, assim, sabe? Porque me dá uma rotina muito parecida com a que eu tava acostumada, assim. E dá aquela preocupação constante na cabeça que era um negócio parecido com o que eu tinha. Então, na verdade... É que assim, sendo bem sincera mesmo a preparação pro xadrez dava mais prazer, assim, sabe? Mas eu gosto de ter uma rotina parecida. Quando eu não tinha, quando eu ficava meio solta e não tinha alguma coisa muito firme, eu ficava muito perdida e nervosa de não ter um negócio direcionado. Eu me sentia sem propósito, assim, sabe? E eu falava isso, “nossa, eu sinto que a vida não tem sentido nenhum, não tem propósito, não tem nada”, sabe?

J: Entendi, essa falta de propósito sendo mais associada a esse seu afastamento, é isso?

WIM1: Isso, com certeza.

J: E em relação à escolha do seu curso superior na universidade, teve relação com o xadrez?

WIM1: Não, teve... Foi muito ligado com o falecimento do meu pai, mas não teve nada a ver com o xadrez não.

J: Você contou que na época a sua mãe precisava de advogados...

WIM1: Isso, e assim por falta de habilidade do advogado ela perdeu muita coisa, assim, sabe? E talvez a única coisa que tenha semelhança é que, por exemplo, o apartamento que a gente morava... A minha mãe teve que sair do dia pra noite, e aí eu sentia mais aperto de ter que ir bem nos torneios, sabe? Porque aí o dinheiro ficou pesando mais, assim, sabe? Então, assim, o Direito não teve nada a ver com o xadrez, mas teve essa coisa de me sentir pressionada pra ter resultado porque a gente ficou sem casa, sabe?

J: Entendi, deve ter sido um período difícil. Eu gostaria agora que você retornasse à obtenção do seu título de WIM e que você falasse um pouquinho sobre essa carreira de jogadora de alto rendimento no xadrez brasileiro. Você se considera uma profissional?

WIM1: É engraçado isso, porque nem quando eu era profissional mesmo eu me considerava profissional. Eu não achava que dava pra viver de xadrez, eu achava muito incerto e era uma pressão muito doida na minha cabeça, eu achava que eu não ia aguentar viver a vida toda com essa coisa de “eu tenho que ganhar essa partida, pra ganhar esse dinheiro pra conseguir pagar não sei o quê”, sabe? E às vezes a decisão de quanto você vai ganhar ficava na mão de uma pessoa que podia gostar de você ou não gostar. E isso, pra mim, eu achava muito frágil, assim. Eu precisava de uma segurança maior que essa, sabe? E essa coisa eu percebi muito cedo que tava na mão de uma pessoa gostar de você ou não. E... E aí eu não me sentia profissional porque eu sabia que tinha que fazer alguma outra coisa, que eu tinha que arrumar outra coisa. E eu lembro que quando eu virei Mestre Internacional eu virei muito jovem, eu acho, sabe? Foi um resultado muito bom. Eu lembro que eu voltei pra escola na semana seguinte e eu tava nas nuvens, tava me achando bonitona, “virei Mestre Internacional” e chegou um professor pra mim e me falou assim... Isso foi muito forte pra mim mesmo, eu não me esqueço desse professor, sabe? Que falou assim “você sabe que não dá pra viver disso, né? Você sabe que você vai reprovar de ano, você sabe que você não vai ser ninguém, você tem que parar com isso”, sabe? Ele me desincentivou total e eu voltei pra casa arrasada, sabe? Me sentindo péssima... E eu comprei aquela história, o que o cara falou pra mim... E hoje eu vejo que não tinha o porquê, o cara foi totalmente

inadequado, foi um professor péssimo e um ser humano péssimo, sabe? Mas, assim, me esculachou um monte, um monte, um monte e isso me dava preocupação, assim, sabe? De um dia eu não ganhar mais dinheiro, e eu pensava assim “p*****”, se um dia eu não ganhar mais dinheiro com o xadrez, eu vou fazer o que?”, sabe? Eu tenho que ter alguma outra coisa, assim.

J: E após essa fala do seu professor, você chegou a compartilhar esse sentimento com alguém?

WIM1: Eu falei com a minha mãe e eu falei que eu ia reprovar de ano também. Minha mãe ficou muito preocupada, muito preocupada mesmo. Na verdade a minha mãe estava em uma situação muito difícil, assim, sabe? Porque o meu pai tinha acabado de falecer, eu era criança e a minha irmã era criança também e a minha avó que morava com a gente ela tinha sofrido um AVC. Então ela não falava, ela não andava, ela era totalmente dependente. Então era a minha mãe com o salário dela e com três dependentes, o que era muito difícil. Então eu fiquei 1 ano sem jogar, só estudando, pra passar no curso de faculdade. E a minha mãe só tá mais em paz agora porque eu terminei a faculdade, porque eu arrumei um emprego, sabe? A minha irmã tá encaminhando pra terminar... A minha mãe agora tá ficando mais tranquila, mas foi muito puxado pra ela também.

J: Entendi, com quantos anos você obteve o título de WIM?

WIM1: É... Eu acho que eu tinha 17. Ou 16 ou 17, eu não lembro muito bem, mas foi em um Campeonato Sub-18. Eu acho que eu tinha acabado de fazer 17.

J: Ok, você comenta sobre um sentimento de se sentir nas nuvens, como era isso?

WIM1: Ah, na verdade eu tinha voltado de um mês muito bom que eu tinha ido pra Europa, tinha conhecido muitas pessoas lá e jogado torneios incríveis. E, na verdade, eu fui jogar o Sul-Americano sem pensar muito em resultado, assim, sabe? Eu tava jogando bem “tranquilona”, não é que eu entrei no torneio com a cabeça de ganhar e virar titulada, assim, sabe? E eu não achava que ia mudar muita coisa se eu ganhasse o título ou não, então foi meio que isso. Mas eu fiquei muito feliz quando terminou o torneio e muita gente veio me falar que foi muito importante isso, sabe? E aí eu fiquei

muito feliz, eu fiquei meio em paz de ter conseguido, de ter terminado... Aquele ano foi muito puxado e tal, então foi isso, eu tava em paz.

J: Certo, e você comenta que principalmente nesse alto rendimento é importante que alguém reconheça a sua importância. Você está se referindo aos organizadores de torneios, como seria isso?

WIM1: Ah, esse negócio é bem o que eu falo com a psicóloga até hoje, assim. Mas é um negócio que, tipo assim... Eu, em muitas vezes, queria que a minha mãe ficasse feliz, sabe? E eu lembro que a única vez que eu vi ela chorar de felicidade foi quando eu ganhei um desses torneios, acho que foi um torneio com 10 anos, sabe? Que eu lembro que a minha mãe chorou de felicidade e não aconteceu de novo, assim, sabe? E eu queria muito ver a minha mãe feliz, assim, então... Então eu sabia que se eu ganhasse torneios ela ficaria, então era muito importante pra mim, mesmo [voz embargada].

J: Claro, sem dúvidas... Bom, com toda a sua bagagem no exterior, que diferenças você percebe entre o xadrez brasileiro e aquele que você vivenciou lá fora?

WIM1: Nossa, a realidade latino-americana é um pouco mais parecida, assim, sabe? É meio que difícil para todo mundo, mas em comparação com o resto do mundo, eu não tinha nem como me cobrar o tanto que eu cobrava. Eu me cobrava de ganhar de meninas que tavam dois técnicos ali no torneio e eu não tinha ninguém. E é um negócio absurdo, assim, sabe? E o técnico chegava pra falar comigo “ah, eu vi que você joga não sei o quê, não sei o que lá” e eu falava mano, eu tô aqui preparando com o meu *ChessBase* v*****, sabe? Comprei o “piratão” lá não sei de quem, então é bem difícil, é bem complicado. Pelo o que eu vejo, agora é que o negócio tá melhorando um pouco, parece, do pessoal ir pra Europa, mas é muito difícil, muito difícil mesmo.

J: De maneira geral, pensando desde o seu início até o ponto atual, como você avalia a sua trajetória no xadrez?

WIM1: Eu acho que pra mim foi muito bom, assim, sabe? E é difícil pra mim isso, porque na verdade eu saí meio que tendo fracassado no negócio de ter classificado pra Olimpíada, sabe? Mas mesmo assim eu acho que foi uma boa trajetória, eu fico bem feliz assim. E realmente mudou a minha vida, sabe? Eu teria tido uma vida completamente diferente se eu não tivesse o xadrez.

J: Olha que interessante, diferente em quais sentidos?

WIM1: Por exemplo, eu fui jogar vários Mundiais em vários países que não teria como se não fosse o xadrez, sabe? De ver o mundo além de Santos, mesmo, de ver que dá pra fazer as coisas, assim, sabe? Eu achava que se eu me dedicasse o suficiente, eu conseguiria fazer qualquer coisa. Essa coisa de acreditar que as coisas vão dar certo é muito bom, então pra mim foi algo muito bom, sem dúvidas.

J: Me conta mais um pouquinho sobre esse sentimento de que se você acreditasse, você faria qualquer coisa. Como era isso pra ti?

WIM1: Não, eu acreditava muito e sempre, acreditava muito que tudo ia dar certo. E qualquer torneio que eu jogasse, independente de quem eu jogasse, eu acreditava que tinha como eu ganhar da pessoa, entendeu? E é bom você acreditar assim porque quando você ganha é muito bom, assim, mas quando eu perdia eu ficava muito chateada porque eu realmente achava que eu conseguiria ganhar aquele negócio, sabe? Quando não dava certo eu procurava tentar treinar mais, corrigir o erro, sabe? É isso.

J: E em relação a atributos pessoais, você acredita que pra exercer a modalidade é preciso alguns atributos específicos que a pessoa tenha?

WIM1: Ah, eu acho. Eu acho que a pessoa tem que ter muita paciência e tem que tentar mil vezes, porque é muito frustrante quando as coisas não funcionam, sabe? Quando o negócio não vai do jeito que você espera, você tem que continuar tentando, assim.

J: Destes atributos então, pelo o que eu entendi a paciência e a perseverança, quais você julga possuir?

WIM1: Eu acho que os dois, a paciência e a perseverança. Eu não perseverei no negócio de dedicar a minha vida pra isso, sabe? Nesse sentido eu acho que eu não teria conseguido, eu não conseguiria lidar com essa pressão financeira, mesmo, sabe? Mas se você não tem essa preocupação e você pode ficar tranquilo, assim, sabe? Eu acho que... Que dá.

J: Entendi, então tem a ver com alguma condição social?

WIM1: Eu acho que... De você dar continuidade depois... É que uma coisa que eu ouvi durante bastante tempo era que “não, as meninas jogam muito bem, jogam muito bem”,

mas chega um momento que as meninas param e os homens não. E só depois eu entendi, tem que parar mesmo porque vai fazer o que, sabe? Alguém vai sustentar? Como é que vai ser? Tipo, as meninas param porque elas estão tentando ter alguma independência, é por isso, e porque a menina não quer começar a jogar o torneio e ver a decadência, sabe? Tipo assim, eu poderia estar jogando torneio ainda, mas bom resultado eu não teria. E é mais ou menos isso, eu acho.

J: Entendi, então uma condição mais relacionada ao gênero?

WIM1: Ah, eu não sei muito bem, eu acho que o gênero, o financeiro... São coisas que importam, assim, sabe? Não, na verdade eu acho que é mais o financeiro mesmo, na minha experiência o que apertou mais foi o financeiro mesmo, então seria isso.

J: Entendi. O que significou o alcance máximo do título internacional da modalidade, considerando que não temos WGM brasileira, pra você?

WIM1: Na verdade eu senti que eu sempre tinha que continuar me provando, sabe? Que não era porque eu tinha... Foi aí quando eu peguei o título que eu ficava mais preocupada mesmo, porque aí eu sentia que eu tinha que ter bons resultados e sentia que eu tinha que fazer valer o título, sabe? E aí quando eu tinha os resultados ruins eu me sentia até culpada, “p*****, eu tenho o título de Mestre Internacional e tô no meio desse torneio que eu tô super mal”, sabe? Então eu falava isso, sabe?

J: E o que você pensa sobre a influência do talento na sua trajetória?

WIM1: Nossa, eu acho que nenhum. Nenhum talento, assim. Tudo na minha vida eu treinei muito, eu me dediquei muito, eu não tenho talento, assim, pra nada. Eu tenho essa coisa de ser mais quieta, de ser mais na minha que talvez ajude a estudar xadrez, mas assim, talento eu não tenho.

J: Ok. Quais você elenca como sendo as principais conquistas da sua carreira?

WIM1: Ah, eu ganhei o Campeonato Sul-Americano e ganhei vários Campeonatos Brasileiros também. E isso foi bem legal também, eu ganhei um Campeonato Brasileiro Sub-20 quando eu era mais nova, eu não lembro quantos anos eu tinha, mas eu tava nem no Sub-18 eu acho e eu ganhei um campeonato Sub-20 e fui jogar... [risos]. Eu não sei quem deixou uma menina de 16 anos ir pro Campeonato Mundial Sub-20, era óbvio que

ia levar uma coça, sabe? Eu tava lá me cobrando pra caramba, assim, sabe? E eu queria ter bons resultados, mas é isso. Eu acho que foram os Brasileiros mesmo e o Sul-Americano.

J: Ok, e quando você comenta esse “quem deixou”, por que é que te parece tão absurdo?

WIM1: Ah, às vezes o que eu acho é que eu teria chego até mais longe se tivesse tido acompanhamento psicológico antes. Porque só vinha cobrança e eu criava um monte de coisa na minha cabeça e eram coisas difíceis. Eu não tinha apoio de técnico no torneio, não tinha apoio psicológico, não tinha nada. Você ia solta, mesmo, e se desse certo, então “deu certo”, e se não desse, então “não deu”, sabe? Mas o que eu sinto mais falta mesmo é o psicológico, não só pra mim, mas pra todo mundo teria sido bem proveitoso, sabe?

J: Entendo. Para além destas que você já me contou, você teria algumas outras vivências relacionadas ao gênero que te impactaram durante a sua vida?

WIM1: Ah, na verdade teve um negócio que aconteceu que foi quando eu tava mais velha, assim. Foi recente, na verdade. Eu não tava me dando conta de como as coisas eram, sabe? Eu tava na segunda tentativa de classificar pra Olimpíada... Eu morava no Rio de Janeiro porque eu fazia faculdade lá e o que é que acontece, assim... Esse eu vou te contar bem o que aconteceu mesmo, mas eu só peço pra você não publicar o nome de ninguém porque o negócio ficou bem ruim, sabe?

J: Claro, fique completamente à vontade porque nem o seu nem o nome das pessoas serão publicados, serão todo anônimos.

WIM1: Tá bom. Então, o que aconteceu foi que na época tinha um cara que apareceu do nada, era um cara que tinha muito dinheiro no Rio e ele não joga xadrez. Ele literalmente gostava do esporte e queria colocar dinheiro no xadrez feminino. Ele começou no Rio e foi pro Brasil, assim, foi pra CBX, sabe? E ele colocava muito dinheiro no esporte, muito, muito, muito. E aí o que é que acontece, esse cara tinha muita influência não só no Rio como na CBX também, sabe? E aí teve um campeonato que foi um Aberto do Brasil que foi no Rio de Janeiro e o cara me assediou mesmo. E não só a mim, mas eu sei que ele assediou outras jogadoras do Rio de Janeiro. Fora do Rio eu não sei, mas dentro do Rio aconteceu e não foi ninguém que me contou. Eu vi as

mensagens que ele me contou, eu vi os vídeos, eu sei o que ele fez comigo. E aí eu treinava com um Mestre Internacional muito reconhecido no Brasil, sabe? E eu tava completamente perdida da cabeça, eu só pensava na Olimpíada, porque eu queria classificar pra Olimpíada, mas eu entendia que aquilo era errado, sabe? E que se tinha acontecido comigo, que era a quarta melhor jogadora do Brasil, tentando classificar pra Olimpíada, eu pensava... Ele tem contato com menina pequena, com criança pequena, sabe? Não dá pra saber. E aí eu tava maior “perdidona” assim e fui falar com esse meu técnico. Falei “olha, aconteceu isso e sei que aconteceu isso com essa outra menina e eu tô pensando em denunciar ele, expor ele, denunciar pra CBX”. E não era nem punir ele pelo o que ele fez comigo, mas pra evitar com que ele faça m***** com outras pessoas, sabe? E a postura que esse meu técnico teve é “fica quieta, não abre a boca porque você vai estragar... Se você quer classificar pra Olimpíada, então não abra a boca, fica quieta, fica na sua” e era um cara que eu considerava muito, assim, sabe? E eu fiquei com medo porque esse cara ele me ameaçava e eu comecei a achar que eu ia perder a vaga da Olimpíada por conta disso, sabe? E aí eu não denunciei e eu me senti muito culpada por muito tempo, preocupada que ele fizesse coisas com outras meninas, entendeu? Eu fiquei me sentindo culpada de não ter evitado coisas que eu poderia ter evitado, sabe? E hoje em dia, que eu saiba, ele não tá mais no xadrez, mas ele não sofreu nada, ele não teve consequência nenhuma, sabe? E ele fez umas coisas muito pesadas, mesmo. Eu considerei fazer boletim de ocorrência, esse cara ele era do Rio e ele foi atrás de mim em Volta Redonda. Então eu tive medo mesmo, sabe? Então esse foi um dia que eu falei p*****, sabe? É difícil ser mulher, ser uma atleta é bem complicado.

J: Quando você comenta que é complicado ser uma mulher atleta, pra além desses casos de assédio, o que mais você percebe?

WIM1: É... O que eu percebo é que quando eu era mais nova, eu sentia mais. Mas quando a pessoa queria te denegrir por algum motivo, ela falava “ah, não, essa menina ficou com não sei quem, não sei o que lá” e fazem isso até hoje quando querem derrubar uma mulher que joga bem, falam da vida amorosa, falam com quem ela ficou e tal. E falam de um jeito bem pejorativo, assim, sabe? E eu me preocupava muito com isso, eu sei que nem era pra tanto a preocupação que eu tinha, mas eu era daquelas que não queria nem cumprimentar homem nenhum pra não dar motivo pras pessoas falarem de mim, sabe? Mas era uma preocupação que você só vê jogadoras tendo, é isso.

J: Entendi. Por fim, daquela criança que iniciou no xadrez, o que ficou em quem você é hoje?

WIM1: Ah, ficou muita coisa. O xadrez realmente formou a pessoa que eu sou, sabe? A única coisa que eu vejo que talvez eu mudasse é que eu não precisava ter sofrido tanto, sabe? Ter me cobrado tanto, ter me pressionado tanto, sofrer tanto pelo futuro, sabe? Foram coisas que aconteceram, mas as coisas foram se acertando, mas na época eu não sabia. Então é isso, mas eu sou muito grata ao xadrez, às pessoas que me ajudaram. Mudou a minha vida, da minha mãe, da minha irmã, de todas nós, assim.

J: Pra gente finalizar a entrevista, no começo do nosso diálogo, você comenta sobre uma dor que ficou nessa trajetória. Ela se relaciona a todos esses pontos que a gente conversou?

WIM1: Sim, eu acho que, na verdade, é... Na verdade eu tentei muito ir pra Olimpíada, eu cheguei a um ponto em que eu só pensava nisso. Nesses últimos ciclos que eu participei era por *performance*, sabe? Então se eu perdia uma partida, se eu empatasse uma partida, eu achava que a minha vida não tinha valor nenhum, sabe? Eu entrei no fundo do poço mesmo e foi uma dor porque eu sentia que eu dava tudo e eu não consegui, sabe? E ao mesmo tempo parece que eu passei por um luto mesmo quando eu parei de jogar, quando eu parei de treinar. Parecia que uma parte de mim morreu. Mas é isso... Mas você vê que eu choro, eu fico muito sentida quando eu falo de xadrez, quando eu falo de tudo isso, mas está sendo bom, também. Me afastar um pouco, sabe? Porque eu acho que eu tava muito inserida, eu comecei a confundir a minha vida com a partida também, sabe? Eu perdia e achava que a minha vida não valia nada, assim. Era bem isso.

J: Compreendo. Há algo que você queira acrescentar e que não foi contemplado neste roteiro?

WIM1: Não, a única coisa que eu queria falar até pra você mesmo é que eu acho que o Brasil tem muito potencial de ir mais longe. E a gente já vê vários Grandes Mestres, homens, que chegaram lá. E não é que o cara é “inteligentão”, talentoso, o c****. Não é sobre isso, assim, sabe? Se fosse sobre talento, o Brasil tem várias boas jogadoras. Eu acho que talvez seja alguma coisa mais estrutural. E o trabalho que você tá fazendo eu

tenho certeza que vai ser muito importante, mesmo. E eu fico muito feliz de estar podendo contribuir com isso, porque eu sempre pensei nisso, sabe? Quando eu era mais nova, eu lia os livros dos campeões mundiais e eu pensava “ele me deixou uma baita de uma contribuição, ele me deu um presente”. Então eu acho que o trabalho que você faz oportuniza com que... As jogadoras que forem falar com você deem um presente pras outras meninas também, sabe? E, de verdade, eu espero que eu ajude, assim.

J: Claro, sem dúvidas! Então nós encerramos aqui a nossa entrevista e eu gostaria novamente de agradecê-la por toda a atenção, por todo o carinho dado durante este diálogo. E dizer que, enquanto pesquisadora e enquanto ser humano, você pode se sentir acolhida. Enquanto mulher, inclusive. E no que precisar de mim, ao longo de sua trajetória, conte comigo.

WIM1: Tá bom, muito obrigada! E no que você precisar de mim, estou à disposição. Muito obrigada!

J: Imagina!

Apêndice D – Íntegra da entrevista (WIM 2)

J: Gostaria de te agradecer por toda a atenção em relação ao estudo. Sua idade?

WIM2: 24 anos.

J: Certo, data de nascimento?

WIM2: 27/07/1998.

J: Ok, gênero?

WIM2: Feminino.

J: Cidade de nascimento?

WIM2: Criciúma, Santa Catarina.

J: Cidade de residência?

WIM2: Içara, Santa Catarina.

J: Cor da pele?

WIM2: Branca.

WIM2: Nível de escolaridade?

WIM2: Superior completo.

J: Ótimo, pensando nas etapas anteriores, elas se deram em instituições públicas ou particulares?

WIM2: Eu fiz até o Ensino Médio em pública e a faculdade com bolsa em universidade particular.

J: Excelente, em qual instituição?

WIM2: Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC).

J: Certo, qual curso?

WIM2: Educação Física Bacharelado.

J: Ok, sua atual ocupação?

WIM2: Atleta e professora.

J: Considerando o salário mínimo de R\$ 1320,00, como você define a sua renda média familiar mensal? Então pense o seguinte, se você mora com a sua família, também considere eles. Se você mora sozinha, então apenas você.

WIM2: Então eu acredito que seja uns 10 salários mínimos.

J: Ok, agora eu gostaria muito que você lembrasse dos membros da sua família que moravam contigo durante a infância. Quem eram eles?

WIM2: Pai, mãe e irmã mais nova.

J: Ótimo, então pra cada um deles a gente vai caracterizar nível de escolaridade e ocupação. Começando pela sua mãe, nível de escolaridade?

WIM2: Ensino Médio e hoje ela é aposentada, mas ela trabalhava como auxiliar de escritório.

J: Ótimo, o mesmo pro seu pai?

WIM2: Superior Completo e é serenista. E a minha irmã ela tem Superior Incompleto, ela tá na graduação agora.

J: Ok, então assim a gente encerra a primeira parte da entrevista e iniciamos, então, as questões mais abertas. Pra começar eu gostaria de te ouvir um pouquinho sobre a sua trajetória, desde a sua iniciação, passando pelo alcance do título internacional na modalidade e até os dias atuais.

WIM2: Então, eu comecei aprender sobre as regras do xadrez nas aulas de Educação Física da Escola. Eu tinha uns 10, 11 anos e era parte da grade da Educação Física mesmo, era uma matéria que eu tive em algum momento. E eu representava a escola com 11, 12 anos nos Jogos Municipais que a gente tem aqui. Era uma brincadeira, assim, pra mim. Eu gostava, eu representava a escola e então já era algo com que eu me identificava. Em 2012, quando eu tinha de 13 pra 14 anos, foi criado em Içara – que é a cidade que eu moro desde sempre – o projeto Xadrez que Educa que é um projeto com o apoio público realizado nas escolas do município. E em 2012 a minha escola foi uma das duas primeiras contempladas, eu tive essa felicidade. Eram aulas que aconteciam no contraturno escolar com o Claudionor Pirola que na verdade até hoje acaba sendo o meu técnico, a gente continua com esse vínculo. E a partir deste momento, em 2012, eu comecei a entender um pouco mais sobre o que era o xadrez, porque antes eu só tinha uma noção de regras, assim, mais ou menos, né? E a partir dali eu comecei a me aprofundar tecnicamente e não parei mais. Então são aí mais ou menos 11 anos de modalidade. Em 2018 eu fui disputar um Sul-Americano Sub-20 no Paraguai que foi onde eu obtive o meu título internacional de Mestre Internacional Feminina. Como campeã sul-americana eu acabei conquistando o título direto, eu não precisei passar pelas partes das normas e enfim. E hoje sigo na disputa pelo título de Grande Mestre Feminina que, aí sim, tem essa questão das normas.

J: Ok, eu fiquei bastante interessada pela sua iniciação, então, em aulas de Educação Física do seu colégio. Me conta um pouquinho mais sobre como eram essas aulas, como era o seu professor ou a sua professora, que sentimentos você tinha...

WIM2: Eu era muito novinha, assim, então, né? Dentro da Educação Física eu não tenho lembranças muito claras. A minha professora tinha um certo cronograma semestral de modalidades – o que é algo bastante incomum até – e em muitos relatos eu escutei muito na minha graduação de alunos que não tiveram essas diferentes vivências em várias modalidades. Mas felizmente eu tive isso e aí o xadrez foi uma delas. E nesses momentos onde se aproximava os Jogos Municipais a gente organizava algum tipo de treinamento com aqueles alunos que iam representar a escola. Que é onde eu tenho umas lembranças maiores da gente se reunindo depois da escola pra jogar, não tinha um treinamento tático, nem nada específico, mas a gente jogava. E eu lembro que a única questão técnica que eu aprendi nessas aulas foi a questão técnica do mate pastor por um aluno que chegou e falou “nossa, eu descobri como que ganha no xadrez todas as vezes e a gente não vai perder mais” [risos]. Ele chegou com essa grande novidade, mas foi até ali o nosso estudo técnico, de resto a gente jogava e ia se divertindo mesmo.

J: Que bacana, e como você percebia o aprendizado, a metodologia dessa professora... Que tipo de atividades você fazia, de fato?

WIM2: É, dentro do xadrez... Eu acho que em decorrência da graduação dela, ela não tinha um grande aparato técnico na modalidade. Eu acho que hoje a gente é carente disso nas graduações, mas de forma geral ela se destacava no sentido de propor diferentes modalidades em diferentes semestres, a não ficar naquela repetição de, por exemplo, futsal, enfim... Que é uma coisa que acontece, mas dentro do xadrez ela realmente me passou as regras, “jogam assim as peças” e a gente se divertia mesmo, não tinha uma grande metodologia. Aí a partir de 2012 sim, aí o Claudionor já é um técnico e um atleta de longa data, então aí tem toda uma metodologia imposta mesmo.

J: Certo, e você comenta depois ter passado pelo projeto Xadrez que Educa. Você pode se alongar um pouquinho mais sobre ele?

WIM2: Sim, claro. Eu sou vinda desse projeto social, então é algo que eu defendo até hoje. Então com certeza a iniciativa privada ela é importante, mas esse aparato público foi fundamental pra minha formação. Ele é um projeto que acontecia na parceria da fundação municipal de esportes e, em um segundo momento, com a já Associação Sul Catarinense de Xadrez que é o clube que eu represento até hoje, a ACX Içara naquele momento e hoje a ACX Criciúma. Então a parceria acontecia levando o Claudionor a

essas escolas – que inicialmente eram duas – e depois os núcleos foram ampliados. As aulas aconteciam no contraturno escolar, não lembro exatamente quantas vezes, mas era mais ou menos 3 vezes por semana, umas 3 horas de treino por dia. Normalmente em período vespertino, isso no primeiro ano, né? E aí ele desenvolveu uma metodologia própria que ele aplicava com os alunos e hoje aplica também – continua, né? – essa metodologia em Criciúma – que é a cidade onde eu atuo também – e ela é desenvolvida basicamente abraçando todas as áreas do xadrez, principalmente as questões de tática no início do treinamento, né? Construindo todos os padrões e redes de mate, os mates elementares... Mas partindo também pro estudo de estratégias e finais. Isso em 2012, né? Que foi o primeiro ano. E aí a partir de 2013 ele já foi percebendo que alguns alunos estavam abraçando realmente aquela modalidade. Eu lembro que a gente treinava aos sábados, ele pegava a chave da escola e aí a gente ia lá fazer esse treinamento pelas manhãs. E aí foi que a gente já foi aprofundando, e é por isso também que o projeto deu muito certo, né? Ele teve um apoio financeiro do município que abraçou essa modalidade e ele tinha um técnico que acreditava muito naquilo que ele tava fazendo, né? Ele acreditava muito nos alunos, então as coisas vingaram mesmo.

J: Entendi, e que diferenças você percebia entre as aulas que tinha na escola e as aulas deste projeto em si?

WIM2: É, são dois universos diferentes. Dentro da aula de Educação Física realmente era simplesmente jogar, assim como muitas vezes acontece com esportes coletivos de bola que o professor dá a bola e você pratica muito sem regras, enfim. Acontecia também no xadrez, ela passou mais ou menos como a movimentação funcionava e a gente praticava. E a partir do momento que existe o projeto Xadrez que Educa é colocada uma metodologia de treinamento com diagramas, com exercícios, envolvendo táticas. Existem tarefas que você faz em casa, então tem esse momento individual que é importante, para além das aulas na escola. E vem também muito a referência dos livros, né? Com o material didático a gente teve acesso ao que não existia dentro das aulas de Educação Física, livros técnicos de xadrez que, com certeza, agregaram muito no nosso desenvolvimento. Nesse projeto não saiu só eu, né? A minha irmã, por exemplo, foi tricampeã brasileira de categorias. Hoje ela não joga mais, mas também foi uma atleta muito forte junto com vários outros atletas também. Então foi um projeto que com certeza deu bastante certo.

J: Em relação à sua primeira professora da escola, ela era do gênero feminino?

WIM2: Sim.

J: Você percebe alguma importância em relação a isso na sua iniciação?

WIM2: Sobre ela ser do gênero feminino?

J: Sim.

WIM2: Eu acho que não porque daquele momento ali das aulas de Educação Física também saíram meninos e meninas... Eu acho que essa não foi uma questão que mudou muita coisa, mas sim o fato de ela propor a modalidade, deixar os alunos experimentarem é que eu acho que foi fundamental.

J: Ok, em relação à importância de um aparato público que você comenta, de incentivos públicos... Por que é que você considera isso tão importante?

WIM2: É algo, assim, que eu considero fundamental, né? Junto com o apoio familiar, no caso de um atleta que queira realmente seguir na carreira e também da dedicação individual. Mas esse aparato público ele é fundamental desde o momento da experimentação, né? Eu tive a oportunidade de viver outras coisas além do xadrez até o momento em que eu encontrei no xadrez o meu local de identificação. Eu passei, por exemplo, por aulas de desenho, eu fui atleta de handebol também, entre outras atividades extracurriculares onde eu pude vivenciar coisas diferentes. E aí nesse núcleo de xadrez eu acabei dando continuidade, mas foi esse aparato público realmente, né? Com a Fundação de Esporte, com a Fundação de Cultura que cria esses espaços para que as crianças e os jovens possam vivenciar. Então desde esse momento de propor e depois de continuar apoiando... Porque a gente tem um problema muitas vezes de acontecer as políticas de governo, né? Não se tornam políticas de Estado, então acabou acontecendo um pouco isso aqui na mudança de governo de 2020 o projeto acabou no município. Então essa é uma outra questão, dar esse apoio contínuo, mas desde este primeiro momento já é um apoio fundamental mesmo.

J: Fiquei interessada também por essa relação com a sua irmã, me conta um pouco como era o contato entre vocês duas em relação ao xadrez. Vocês compartilhavam o treinamento, iam juntas pra torneios?

WIM2: Pois é, o que aconteceu é que eu aprendi primeiro a jogar e desde o dia que eu aprendi as regras eu já cheguei em casa ensinando pra ela. Eu não sei como a gente já tinha um tabuleiro, mas acho que a gente já tinha um tabuleiro em casa. Eu lembro dessa cena, da gente sentada no chão da sala e jogando uma guerra de peões. E acabou também que eu ensinei o meu pai, né? O que é algo que também não é muito comum, muitos enxadristas acabam tendo esse incentivo familiar, mas primeiro eu incentivei ele e depois ele deu continuidade ao incentivo. Essa relação que eu tenho com ela é desde sempre em relação à modalidade, porque eu meio que introduzi ela ao xadrez e ela está presente em todas as minhas lembranças desses primeiros anos. Ela também estava em todos os treinamentos, ela ia comigo em todas as competições, principalmente de categorias. Então, sim, sempre foi uma relação, né? Mas sempre foi mais uma disputa entre irmãs do que uma disputa de compartilhar treinamento em casa, a gente não costumava treinar muito juntas. Mas com certeza uma incentivava a outra, principalmente no momento dos treinamentos coletivos ou quando ia pra algum evento, né?

J: E sobre o seu interesse, como é que você acha que ele se engendrou, como é que se constituiu o seu interesse pelo xadrez?

WIM2: Ele foi vindo aos poucos, realmente. Eu acho que eu tenho uma certa facilidade com o estilo da modalidade pela minha personalidade também, né? O que é algo mais tranquilo, enfim. Eu tenho essa paciência que o xadrez exige. Então aqueles esportes coletivos que eu também experimentei não bateram tão bem assim, né? E aí foi construindo aos pouquinhos. Aconteceu também que os resultados vieram cedo, de certa forma, também pelos treinamentos que foram intensos... Você ganhar uma medalha, você ir bem em uma competição acaba te incentivando a querer treinar mais, a querer ir mais longe. Em 2012, por exemplo, eu tinha acabado de começar a entender o que era o xadrez e fui jogar os Jogos Escolares sem saber com quem eu tava jogando, enfim! Eu não tinha ideia nenhuma e eu acabei sendo vice-campeã estadual com 2 ou 3 meses de treinamento, assim. Com muitas dicas do Claudionor ali na hora, de “ah, fulana vai jogar assim, você vai por ali” e aí eu seguia e dava tudo certo, assim. E daí essas conquistas foram incentivando também, né? E eu gostava também, gostava dos treinamentos coletivos, gostava de ter uma tarefa pra casa, de resolver os exercícios que eram passados. Então tudo foi agregando.

J: Ok, você se lembra dessa idade de iniciação ainda na escola?

WIM2: Quando eu tinha 13 pra 14 que era o projeto Xadrez que Educa eu me lembro, antes é meio vago, assim. Lembro mais da gente jogando e indo pros Jogos Municipais.

J: Ok, e a idade da sua primeira competição institucionalizada, oficial?

WIM2: O que eu considero são esses Jogos Escolares de Santa Catarina que eu tinha de 13 pra 14 anos. Foi nesse primeiro ano, dois ou três meses depois que a gente tinha começado os treinamentos. É um evento que ele tinha etapas em Santa Catarina, então existia a fase municipal onde você define quem serão os representantes da cidade. Depois existe uma fase microrregional... Na minha época, hoje eu acho que mudou um pouco, mas existe uma fase microrregional, regional e estadual. E aí chegando nessa fase estadual, se eu não me engano eram 10 meninas, todas contra todas. E foi isso, mais ou menos na metade de 2012 eu fui conhecer esse evento que era o evento mais forte daquele momento e que envolvia os principais nomes da minha idade naquele período.

J: E pra terminar em relação à sua iniciação, me conta um pouquinho sobre a sua escola. Essa era uma escola particular, a qual você iniciou e estava enquanto bolsista?

WIM2: Não, na verdade eu fiz a minha graduação, né? Eu não tenho certeza se era particular, era uma universidade comunitária que chama, eu não tenho certeza sobre essa especificação. Mas eu cursei sempre escola pública, a escola de educação básica Prof.^a Maria da Glória Silva, uma escola estadual, na verdade, em Içara mesmo.

J: Pra além de ti, havia outras crianças que competiam, uma tradição ou era mais algo pontual em relação ao seu desporto?

WIM2: Sim, havia um grupo que iniciou de forma conjunta em 2012 e se manteve por muitos anos. Muitos atletas seguiram comigo até pouco tempo atrás. Mas a maioria foi indo pra graduações diferentes, não teve esse viés de seguir na modalidade, então acaba levando o xadrez agora como *hobbie*. Mas por muitos anos um grupo que iniciou junto continuou os treinamentos, né? Então também é algo que incentiva bastante, você estar ali sempre treinando junto.

J: Pensando desde este seu início até os dias atuais, então em toda a sua trajetória, houve interrupções, rupturas no percurso ou este se deu enquanto um processo contínuo?

WIM2: Eu acredito que foi contínuo, né? A pandemia veio talvez como uma certa pausa porque eu não me adapto muito bem ao xadrez *online*, não é uma modalidade que eu goste tanto. Então foram 2 anos onde eu dei uma certa diminuída de ritmo, principalmente, de competições. Mas fora isso foi contínuo, são quase 11 anos me dedicando como atleta: treinando e competindo.

J: Você comentou um pouquinho sobre a identificação da sua personalidade com o xadrez e não com outras modalidades esportivas mais que você experienciou. Neste sentido, que peso você atribui ao seu investimento pessoal na construção da habilidade no xadrez? O que é que você investiu?

WIM2: É, eu acho que tem um peso bastante relevante, assim como o apoio público e o apoio familiar, a dedicação que o atleta coloca naquilo que ele acredita que ele pode se tornar um dia é, com certeza, algo fundamental. Então pra mim, no começo, tarefa dada era tarefa cumprida. Se eu tinha uma tarefa pra fazer em casa, eu ia entregar ela sempre no prazo que me era dado. O Claudionor até brincava que ele contava nos dedos de uma mão os dias que eu faltava aos treinos, porque realmente era algo pra mim que não podia acontecer, né? Eu nunca gostei de faltar à aula, então o treinamento também não seria diferente. E acho que é fundamental que o atleta ou o indivíduo que encontre a sua área de dedicação consiga ter esse apoio para que ele consiga pensar simplesmente em se aperfeiçoar naquilo que ele quer, né? E com certeza foi algo que eu tive o privilégio de ter.

J: E quando a gente pensa no investimento de terceiros, então pense na sua família, parentes, amigos, enfim. Que peso você acha que o investimento de outras pessoas teve pra sua trajetória?

WIM2: Do ponto de vista financeiro eu tive mais esse aporte do município, né? Porque como o município tinha a modalidade no seu quadro de modalidades esportivas, enfim. Ele abraçava a modalidade, então ele dava esse apoio para que não só eu, mas todos os integrantes do grupo pudessem participar dos Campeonatos Estaduais, dos Campeonatos Brasileiros... E visando principalmente as competições que nós temos em

Santa Catarina da juventude, né? As Olimpíadas Escolares de Santa Catarina (OLESC) e os Jogos Abertos de Santa Catarina que são dois eventos importantes do quadro dos municípios, né? Esse cronograma dos municípios gira muito em torno destes eventos, então existe esse aporte financeiro. Mas eu sempre tive um incentivo moral, talvez, não sei, de me colocar pra frente, né? Então isso, com certeza, é fundamental. Às vezes a família não precisa nem incentivar, mas a partir do momento em que ela não é contra, o que acontece muitas vezes, isso já ajuda. Então infelizmente os meus pais não teriam condições de me apoiar financeiramente, mas eu tive esse aporte do município, então eles me deram um incentivo de “sim, faça o que você quer”, então isso com certeza é muito importante.

J: Quais expectativas você detinha sobre si?

WIM2: Inicialmente, zero expectativas [risos]. Como eu disse, eu tive essa oportunidade de vivenciar diferentes atividades, então pra mim o xadrez era mais uma delas. Eu estava ali porque eu gostava, eu fazia as atividades porque pra mim era um dever, quase, né? Eu tinha que fazer aquilo, fazia parte do processo e conforme as conquistas foram surgindo, elas foram um incentivo pra mim continuar os treinamentos. O que acontece eu acho, no meu caso, é que o meu técnico, o Claudionor, ele sempre foi muito visionário. Então ele viu um potencial em mim que eu não via em um primeiro momento, né? Então em 2014, quando eu tinha uns 2 anos de treinamento, ele disse que tinha como nós estarmos na Olimpíada, ou seja, eu ir às Olimpíadas representar o Brasil. E eu nem sabia muito bem o que é que era, né? Eu lembro, inclusive, destes sábados que nós treinávamos ali na escola, de a gente analisar partidas, por exemplo, da Vanessa Feliciano nas Olimpíadas, né? E pra mim era super legal, “nossa, Vanessa Feliciano”! E aí quando ele veio com esse projeto de ir pras Olimpíadas... Não fui eu que acreditei em um primeiro momento, foi ele que acreditou que era possível. E aí depois, com o passar do tempo, é que eu vi que realmente tinha como a gente chegar lá. Em 2014, na verdade, pro ciclo daquela Olimpíada era um ciclo olímpico que existiam etapas que jogavam mulheres entre mulheres. Eu só joguei uma destas etapas pra ver mais ou menos como é que era, eu não cheguei a participar realmente do ciclo. E aí no ciclo de 2015 pras Olimpíadas de Baku é que realmente a gente foi atrás desse sonho de chegar à equipe olímpica e aí acabou dando certo.

J: E em relação às expectativas de terceiros, como você percebe que elas atuaram sobre você?

WIM2: Eu acho que existiam expectativas, até porque se a gente tá falando de um apoio público, normalmente estes gestores esperam resultados. Então, no caso, Santa Catarina especialmente nestas competições que são parte do cronograma esportivo como OLESC, Joguinhos e JASC. Existia um peso nestas competições que a gente tentava sempre não sentir, mas talvez inconscientemente esse peso estava ali. Então as expectativas existiam. Eu acho que eu sempre lidei bem, de certa forma, com isso, porque pra mim eu tava treinando xadrez, né? O que fosse pra ser ia ser, enfim. Então as expectativas estão aí, e como o xadrez é muito psicológico, realmente é um trabalho difícil de você saber separar as coisas. Mas acho que aquilo não foi sentido tão declaradamente, assim. Nunca tive uma situação declarada de alguém me pressionando a ter um resultado, seja o meu técnico ou os gestores, então isso também acabou não me afetando.

J: Fale sobre mais como era isso de encarar as tarefas como se fossem deveres?

WIM2: Eu acredito que eu sempre tive essa característica de dedicação, né? Então pra mim nunca foi um problema. E acho que com certeza... [risos]. Eu acho que com certeza ajudou muito na minha trajetória porque realmente só o tempo que você está ali nas aulas coletivas ele não é suficiente pra que você tenha um desenvolvimento rápido e eficiente. Então eu considero e hoje eu trabalho isso como professora que essas tarefas que o aluno leva pra casa são importantes, né? Porque tem aquele tempo fora da sala de aula, sozinho, de forma individual no cantinho dele pra refletir sobre o que a gente trabalhou na aula e enfim. Então tenho isso da minha personalidade de encarar como realmente algo que me beneficia e que eu tenho que fazer, querendo ou não querendo, e levo isso também como professora de xadrez.

J: Como professora de xadrez?

WIM2: Isso, de xadrez.

J: Interessante isso, porque hoje você retorna para a sociedade exatamente a maneira como você aprendeu. Como você percebe essa importância?

WIM2: Realmente, né? Eu tento passar aquilo que eu aprendi e continuar esse ciclo que foi iniciado com um projeto social que hoje se mantém com um outro projeto social, em outro município, mas que tem as mesmas características, né? De apoio público, de um grupo de crianças e jovens que treinam coletivamente e que tem os seus momentos individuais.

J: Você comenta que, embora tenha aprendido na escola, levou isso pra casa, pro âmbito familiar, à princípio através de seu pai. Como você percebe esse movimento de uma prática aprendida no exterior e levada pra uma cultura mais interior da sua família? O quanto isso foi relevante pra ti?

WIM2: Eu acho que foi uma questão que agregou realmente. O meu pai até hoje ele gosta de xadrez, nunca se aprofundou tecnicamente, mas de vez em quando ele arrisca jogar umas partidas. Comigo ele nunca mais quis, não sei o porquê... [risos]. Mas é algo bacana sim trazer isso de fora pra dentro. Depois eu acabei ensinando o meu primo, eu não sei como ele aprendeu, mas eu tenho essa lembrança da gente pequeno jogando em momentos em família, então o xadrez acabou se fazendo presente em outros âmbitos. Mas não sei, eu acho que não é muito comum esse de fora pra dentro, mas foi com certeza algo legal.

J: E em relação à sua rotina de preparação e treinamento, como ela se dava e foi se transformando ao longo das suas fases?

WIM2: Eu começo a treinar em 2012 que é realmente quando eu mantenho essa rotina de mais ou menos 3 vezes por semana, mais ou menos 3 horas por treino, né? Porém, nesse período eu já estava entrando no Ensino Médio e a minha escola foi uma daquelas que tinha o Ensino Médio Integral, tinha alguns dias que eu estudava o dia todo... Então os dias que eu não estudava o dia todo eu tinha as aulas de xadrez e algumas noites eu também tinha o treino de handebol, né? Que é uma modalidade que eu também praticava algumas vezes, mas acabei tendo depois que optar por uma delas. Então os meus treinos individuais eram mais a noite, principalmente com essa resolução das tarefas e, depois – não muito depois – com a leitura de livros, né? Que é algo que eu sigo no meu treinamento até hoje. O xadrez é uma modalidade que tem muita literatura, então dá pra gente explorar infinitamente, quase. Então eu tinha esses momentos, e normalmente aos finais de semana ou eu tinha algum evento de xadrez rápido que era

comum aqui na região sul catarinense, existe uma liga, né? Então eu participava de algumas etapas, e em alguns momentos eventos maiores como os escolares ou os estaduais, os brasileiros, enfim, eventos de categoria.

J: Nessa fase de Ensino Médio as aulas de xadrez que você comenta ainda eram no âmbito da Educação Física ou extracurriculares?

WIM2: Não, eram extracurriculares. Na Educação Física eu tive realmente só um semestre ou dois dentro da Educação Física mesmo e tinha esses momentos de prática antes dos Jogos Municipais, isso quando eu tinha uns 10, 11 anos. E aí a partir dos 13 eu passei a entrar nesse treinamento que era à parte, no período vespertino, mais ou menos de 13h30 às 16h30, alguma coisa nesse sentido, umas 3 vezes por semana. E aí, a partir de 2013, nós tínhamos os treinamentos aos sábados também pelas manhãs.

J: Me conta mais um pouquinho sobre essas aulas extracurriculares, eram com crianças e jovens de mesma faixa etária? E em relação ao gênero? Como eram as atividades?

WIM2: Como foi um processo, o grupo foi pintando e era uma turma apenas. Então era realmente um grupo heterogêneo, existiam crianças e adolescentes. Eu acho que fui por muito tempo, se não sempre, uma das mais velhas. Então eu também não tive uma parceira de treinamento, alguém da minha idade. Eu lembro de eu implorar pras minhas amigas da minha escola irem comigo, mas elas não se identificavam tanto, então eu acabava sendo a referência mais velha. A minha irmã é 3 anos mais nova do que eu, então... Existia essas diferenças de idade e também de nível de jogo, mas era administrado. Sempre puxando pra quem estava mais em cima, digamos assim, tecnicamente. Então os treinos eram pros alunos mais avançados e aqueles que tinham mais dificuldade acabavam aprendendo... No processo, obviamente eles não eram excluídos, existiam momentos específicos... Mas no geral, o nível técnico era pra quem estava mais desenvolvido e aí os alunos mais novos iam acompanhando. E era isso, basicamente! No começo a gente não tinha materiais, peças e tabuleiros, era mais um empréstimo da escola mesmo. Então existia um revezamento, não tinha material pra todos os alunos, então a gente geralmente fazia rodas em torno de uma mesa e naquela mesa o Claudionor dava as aulas dele sob aquele tabuleiro. E ao passar do tempo, alguns anos depois, foi adquirido um quadro magnético que aí facilitou um pouco pra essas aulas coletivas. E aí a gente já se organizava em uma outra estrutura, todos

acompanhando quase que sendo como em uma sala de aula normal também. Com a aquisição de mais materiais foi facilitando as coisas, a gente já podia organizar torneios internos, então foi se estruturando aos poucos.

J: Então houve a reincidência do mesmo treinador que te acompanhava no projeto social, também, no Ensino Médio?

WIM2: Sim, é porque na verdade o projeto social se inicia em 2012 e eu já tô no 8º ano do Ensino Fundamental. Então eu já tô entrando no Ensino Médio, o projeto social e o Ensino Médio foram juntos, assim.

J: Concomitantes, entendi agora. Pensando ao longo de toda a sua história, qual a importância ocupada pelo xadrez na sua vida?

WIM2: Foi bastante importante, eu lembro muito pouco da minha vida antes do xadrez. Como eu disse, são 11 anos mais ou menos dentro da modalidade, então as minhas lembranças quase todas envolvem treinamentos, competições, viagens. Com certeza ele é parte fundamental da minha vida hoje. Também, depois dessa Olimpíada de 2016, né? Foi onde eu vivi um momento com grandes enxadristas, grandes nomes da modalidade mundialmente. E ali eu tomei a minha decisão de seguir a carreira como professora, como atleta e por isso em 2017 eu entrei na graduação em Educação Física já com esse viés de trabalhar com o xadrez, né? Então o xadrez acabou se tornando, também, a minha profissão.

J: Ao longo deste percurso houveram temores, aflições, decepções ou mesmo dificuldades?

WIM2: Sim, com certeza. Eu acho que todo o indivíduo, e aqui todo atleta, passa por altos e baixos, né? Muitos baixos, inclusive [risos]. Então você se questiona em alguns momentos se está no caminho correto e principalmente outros te questionam se você está no caminho correto. Hoje a questão financeira é muito valorizada, o esporte no Brasil não é algo tão incentivado assim, então os próprios pais e familiares ficam com essa preocupação se você consegue se manter com a modalidade. Mas, conforme as coisas vão acontecendo, esses temores e essas aflições elas passam, né? São tempestades momentâneas... Também já tive alguns torneios muito ruins em questão de resultado, de *performance* que te colocam um pouco pra baixo, a própria autoestima,

enfim, te faz se questionar. Mas torneios bons também vêm pra levantar depois, então acho que realmente é um processo.

J: Se você pudesse fazer um balanço geral, esses momentos mais difíceis foram maiores ou menores do que os momentos mais fáceis pra ti?

WIM2: Acho que existem muito mais momentos difíceis do que fáceis, né? O que não quer dizer que sejam momentos tristes, infelizes, mas é que o xadrez realmente não é muito fácil. Ele é muito psicológico, você e você mesmo. Então mesmo partidas que você ganha, enfim, você comete erros, então você tem que sempre estar se analisando, é um processo que não tem fim.

J: Em relação ao exercício da prática, houveram restrições, limitações ou algum tipo de proibição?

WIM2: Eu acredito que não, né? Eu sempre tive esse incentivo coletivo, o máximo talvez de limitações sejam as questões financeiras. Eu já tive, por exemplo, classificações pra eventos internacionais que eu não pude ir por uma limitação financeira. Voltando à questão do esporte no Brasil, a gente não tem muito esse apoio porque o xadrez, embora seja reconhecido pelo COI como esporte olímpico, não entra, por exemplo, na maioria das questões de bolsa-atleta, enfim. Então você não consegue se manter com esse apoio público à nível de Brasil, o que dificulta, óbvio, toda a modalidade. Então depender de, às vezes, um só suporte acaba dificultando, eu acho que essa foi a minha principal limitação. Porque em questão de estrutura nós tínhamos conseguido essa aquisição dos materiais, eu sempre tive esse acesso aos livros, então eu tinha como estudar individualmente. Nunca explorei muito o mundo da *internet*, mas hoje com certeza é algo que facilita pros novos enxadristas, você ter acesso a um monte de informação. Mas essas limitações eu não tive tanto, estrutura e material realmente eu tive o privilégio de ter, era mais a questão financeira.

J: Nunca ter explorado a *internet* se deu por uma preferência sua ou por uma limitação estrutural?

WIM2: Não, por uma preferência minha mesmo, eu não me adaptei tanto ao xadrez *online*, enfim. Mas com certeza eu reconheço como ferramenta muito útil, tem muita coisa disponível.

J: O que o xadrez representa pra você?

WIM2: É, representa muita coisa, no meu caso representa toda uma história que eu construí desde antes do Ensino Médio, então realmente foram muitos anos de caminhada. Hoje representa também a minha profissão como atleta e como professora. Então foi onde eu passei a minha graduação, né? Com esse propósito. Então ele está presente em todos os dias da minha vida.

J: Nós já falamos um pouquinho sobre o seu interesse e agora eu queria saber um pouquinho sobre o seu gosto. Como você acha que se constituiu o seu gosto pelo xadrez?

WIM2: Eu acho que o xadrez se adequa bastante à minha personalidade, realmente. O jogo do enxadrista também reflete um pouco da realidade dele por conta da questão psicológica. Então acredito que eu tenha conseguido dar continuidade ao xadrez como uma atividade e depois como uma profissão por eu me identificar com algumas características como a paciência, a tranquilidade, a concentração, a responsabilidade individual, você saber levar deveres, enfim. Lidar também com as frustrações faz parte do processo, então acho que o meu gosto vem desta identificação com as características da modalidade mesmo.

J: Eu gostaria de saber se além do seu pai e da sua irmã, sobre os quais nós já conversamos, existe alguém na sua família com alguma experiência com o xadrez?

WIM2: Não, que eu tenho lembrança não. Eu trouxe isso pro meu núcleo familiar e a minha mãe foi a que não se interessou tanto. Ela sabe algumas coisas, mas ela nunca jogou uma partida totalmente, mas é isso. Hoje, da minha família toda, quem sabe jogar sou eu, a minha irmã, o meu pai e tem esse primo que eu não lembro exatamente como ele aprendeu. Faz muito tempo que eu não jogo com ele, inclusive, mas a gente brincava quando ele era menor.

J: Interessante, então você também tentou ensinar a sua mãe?

WIM2: Tentei, mas aí ela já não se interessou tanto.

J: Entendi, você poderia apontar algo pelo qual esse interesse não se deu de modo igual em relação a ela?

WIM2: Eu acho que também talvez seja pela questão da personalidade dela, ela tem uma personalidade um pouco mais agitada de preferir atividades físicas ou que envolvem algum tipo de movimentação, né? Então pra ela sentar, se concentrar e ficar centrada por alguns minutos ou por normalmente horas, né? É o que não bate tanto, então acho que ela tem essa questão. Mas por outro lado, como professora, eu observo que crianças muito agitadas encontram no xadrez um momento de tranquilidade, né? Que você olha e que você diz que não vai dar certo, mas às vezes dá um *match* que funciona.

J: Pense agora em outras atividades esportivas ou de lazer. Antigamente você compartilhava o seu tempo livre com outras demandas ou era apenas com o xadrez?

WIM2: Compartilhava, principalmente com essas atividades complementares que eu fazia. Por muitos anos eu fui a aulas e treinos de handebol, eu tive alguns momentos também participando de oficinas de desenho, de pintura e também de teatro. Algumas eu me identificava mais do que outras, mas a minha demanda de tempo girava em torno disso, pra além do universo escolar.

J: E atualmente, com o que você divide o xadrez?

WIM2: Olha [risos], atualmente ele me ocupa realmente um tempo considerável de todos os meus dias, porque eu atuo como professora, então o xadrez tá presente, e nos momentos como atleta, principalmente em treinamento onde ele também tá presente. E como eu dou aulas tanto nesse projeto social atual como particulares também, então grande parte do meu tempo é nessa questão. Mas fora isso, *hobbies* que eu mantenho até hoje são a leitura que foge do universo enxadrístico, a pintura também eu consigo levar... Coisas assim um pouco mais tranquilas, ainda assim. Mesmo o xadrez sendo uma atividade tranquila, os meus *hobbies* também seguem esse padrão.

J: Me conta um pouquinho sobre essa relação da escolha do seu curso em nível Superior e o xadrez, como ela se deu?

WIM2: É, então, depois que eu participei das Olimpíadas em Baku no Azerbaijão em 2016 e eu tive... É porque na verdade eu me formei na escola em 2015, em 2016 eu escolhi não entrar na graduação e viver esse ano como atleta, então tirei um ano sabático e fiquei um ano treinando e disputando competições. Obviamente que nesse momento o

suporte familiar foi fundamental, né? Porque era um momento onde eu não estava na graduação ainda, eles conseguiram me dar esse suporte. E classificando pra essa Olimpíada e vivendo essa experiência, vendo essas pessoas que eram a elite do xadrez mundial eu voltei com essa decisão, né? De que em 2017 eu queria fazer a graduação pra buscar, assim, a modalidade. Eu não tenho certeza se a Educação Física teria sido o único curso que poderia me dar esse suporte, né? Por exemplo, existe hoje a Psicologia que é muito presente no xadrez, mas do ponto de vista de Santa Catarina, a questão do CREF existe toda uma regulamentação que seria necessária pra eu ter essa formação, então por isso é que eu fiz essa escolha.

J: E durante a faculdade, houve incentivos em relação à sua instituição pra prática? Competições específicas? Treinamentos? Como era?

WIM2: Eu acredito que no universo do universitário a gente sofre no xadrez o mesmo que no âmbito do Brasil. Como esporte em geral, o xadrez não está entre as grandes modalidades a serem incentivadas e há poucas exceções no Brasil que têm atletas universitários com apoio da universidade pra competir. A minha universidade ela tinha essa bolsa pra atletas onde você fazia uma inscrição em um edital colocando lá os seus títulos, né? E aí conforme você fazia uma pontuação, você tinha a sua bolsa. A minha bolsa nunca foi de 100%, né? E por isso também em muitos anos do meu curso eu não fiz 100% da grade. Por outros motivos também, tinha essa questão financeira, porque como eu não tinha essa bolsa de 100% eu conseguia remanejar melhor e também por uma questão de tempo, eu precisava ter tempo para treinar. Então eu não me dedicava 100% à minha graduação, né? Por todo o meu curso eu dividi entre a graduação e o xadrez. Mas a minha universidade tinha, no máximo, essa questão da bolsa e Jogos Universitários de Santa Catarina ou Jogos Universitários Brasileiros. Mas não era algo muito direto, eles não têm nenhuma política de incentivar o esporte muito grande que infelizmente eu vejo como sendo algo que não é exclusivo dela. Muitas universidades são assim, não tem tanto esse incentivo assim em relação ao xadrez.

J: Devido à bolsa você tinha algum tipo de exigência em relação a desempenhos esportivos ou sentia algum tipo de pressão?

WIM2: Desempenho não, mas eu tinha a obrigação de representar, de estar lá nas competições universitárias especialmente, mas levar também o logotipo da universidade em outras competições que eu estivesse participando.

J: Fale um pouco sobre a carreira de uma jogadora de alto rendimento do xadrez brasileiro. E aqui você já deu várias pistas em relação, por exemplo, à cultura de Santa Catarina e a gente poderia abranger um pouco mais pro sul do país. Você se considera uma profissional?

WIM2: Dentro do que é o universo do xadrez, sim. Eu me considero uma profissional do ponto de vista de que eu tenho uma rotina de treinamentos e eu tenho uma dedicação às competições com um calendário de competições oficiais durante todo o ano. Então eu vivo essa vida como atleta, é um preparo diário visando esses eventos. Mas obviamente comparado a outras modalidades hegemônicas, principalmente esportes coletivos, o xadrez sofre com essa questão da profissionalização. Não existe um retorno financeiro tão alto, você não tem suporte de órgãos públicos, principalmente em âmbito federal, então a gente acaba tendo que andar muito com as próprias pernas, o que faz com que a caminhada seja muito mais lenta pra você subir de patamar. Até por isso a gente pode considerar que o xadrez no Brasil não é tão desenvolvido, né? Não existe esse aparato. Mas, sim, eu me considero uma profissional.

J: E a partir de quando você sentiu esse profissionalismo?

WIM2: Acho que a partir de 2016, entrando na Equipe Olímpica do Brasil. Até o começo daquele ciclo de 2015 e de 2016 onde a rotina de treinamento já era visando esse objetivo. E aí a partir dali, tendo sido uma atleta olímpica, eu queria me manter nesse lugar, então acho que a partir dali eu me considero.

J: Ainda em âmbito nacional, você percebe diferenças de uma cultura enxadrística da região do país em que você está em relação às demais?

J: Sim, eu acho que Santa Catarina... No caso de Santa Catarina mesmo, como estado, há um calendário de competições anuais que incentiva as cidades a manterem o xadrez como uma modalidade efetiva que se mantém ao longo do ano em relação aos seus treinamentos e competições. Então isso é um incentivo que eu vejo que não acontece, basicamente, em quase todos os estados, então a gente tem essa diferença. Mas no Sul,

acho que no Paraná, tem Jogos Abertos que incentivam as modalidades a terem xadrez no âmbito municipal. E... Qual era mesmo a pergunta?

J: Tranquilo, eu te perguntei se você percebe alguma diferença dessa cultura enxadrística da sua região em relação às demais.

WIM2: Sim, eu vejo muito enxadristas tendo sido iniciados na modalidade pelo meio familiar. Então uma cultura familiar acaba incentivando gerações no meio da modalidade. Eu quando cursei a minha graduação eu fiz o meu TCC em cima do xadrez russo e um dos apontamentos realmente foi como a cultura russa incentiva... Como o xadrez se torna parte da cultura, né? E aí, como país, a Rússia acaba se tornando muito relevante no cenário internacional. E é algo que a gente vive, em uma escala imensamente menor em Santa Catarina, à nível de Brasil, né? Como existe essa cultura dentro das cidades, por exemplo, os atletas de base acabam se destacando em eventos como Brasileiros de categorias. E o que a gente não tem é realmente essa política à longo prazo, muitos acabam parando no meio do caminho porque não veem um futuro naquilo ou porque não têm esses incentivos que a gente apontou que são fundamentais.

J: E como foi pra ti esse ano sabático vivido como atleta? Quais vivências você teve nele que não pôde contar em outros anos? Quais foram os seus sentimentos? Me conte um pouquinho sobre ele.

WIM2: É, foi um ano muito especial pra mim porque realmente eu pude me dedicar 100% à modalidade, então a minha rotina diária era treinar xadrez. Era um cronograma pensado pra aqueles eventos que eu teria e que eu não tinha nos anteriores porque eu estava no universo escolar e também não tive nos anos posteriores porque eu já dividia a minha atenção com a graduação e depois atuando também como professora. Então aquele foi um ano exclusivo para mim do ponto de vista como atleta e acredito que seja a vida de muitos atletas de outras modalidades que conseguem se dedicar exclusivamente à carreira como atleta. E naquele ano eu pude vivenciar isso, né? De treinar horas e horas em um dia e de ter um cronograma baseado nas competições.

J: Fiquei muito interessada na sua visão enquanto pesquisadora do assunto sobre este tema de que muitas pessoas do xadrez advêm da influência familiar da prática. O que você acha sobre isso?

WIM2: Eu acho que é algo que agrega bastante, se você tem esse incentivo familiar desde novo, né? O xadrez tem esse benefício, você não tem uma idade exata pra começar ou muito menos pra terminar, então quando você consegue ter incentivo desde cedo é natural que os enxadristas consigam se desenvolver mais rapidamente, alcancem patamares técnicos de uma forma mais precoce. Eu acabei tendo que correr muito atrás do prejuízo por iniciar um pouco mais tarde, enfim. Então talvez eu tive que suar um pouco mais ou desnecessariamente, né? Se eu tivesse iniciado um pouco antes... Então eu com certeza quero passar isso pras próximas gerações, se eu tiver filhos e filhas eu quero não obrigá-los a praticar, mas realmente oportunizar esses momentos a eles. Eu acho que esse apoio familiar desde cedo com certeza influencia bastante.

J: Me interessei sobre o ponto que você comenta sobre a corrida atrás de um prejuízo. Então haveria diferentes formas de aprendizado e uma em detrimento da outra?

WIM2: Não em detrimento, eu acho que existem diferentes formas de aprendizado, mas o problema do xadrez é que você sempre tem que aprender, né? Então você nunca vai saber tudo. Quando você é iniciante você tem mais tempo pra dividir o seu treinamento por anos e anos e se você entra um pouco mais tarde na modalidade, você tem que se adequar ao conhecimento que já está colocado de uma forma muito mais acelerada, né? Tentando não pular etapas, mas você tem que se dedicar talvez o dobro, o triplo em períodos de tempo menores para que você alcance aquele patamar. E acho que eu tive um pouco disso, dessas certas questões.

J: Eu gostaria de te ouvir um pouquinho sobre esse ponto de virada na sua trajetória que parece ter sido a Olimpíada de 2016 em Baku. E aproveitando, te perguntar se você nota algumas diferenças entre a cultura enxadrística do contexto nacional pro contexto exterior?

WIM2: Sim, realmente considero que foi um ponto de virada porque ali eu tinha tirado aquele ano sabático realmente pra experimentar, eu não tinha certeza se eu ia levar o xadrez ou não como uma carreira. Então eu ia escolher em 2017 a minha graduação, então de um lado ou de outro levando ou não o xadrez, então tendo aquela experiência eu me identifiquei com aquele local e quis voltar mais vezes estando mais tecnicamente desenvolvida pra fazer melhores partidas e representar melhor o Brasil. Então foi um incentivo pra tomar essa decisão de seguir na carreira. E, sim, eu considero que o Brasil

tem um certo atraso no nível mundial justamente porque a gente não tem... Nem um esporte, mas muito menos o xadrez como uma cultura, né? Então não existe esse aporte contínuo e suficiente pra que um atleta se mantenha, diferente do que acontece em países como a Rússia ou a China que hoje estão aí ganhando tudo o que podem ou até mesmo os Estados Unidos que têm uma política um pouco mais individual, não tanto essa questão pública, mas mesmo assim está a anos-luz na nossa frente.

J: E em relação à Olimpíada propriamente em si, você comenta que esse era um sonho. O que é que te deslumbrou ao longo dela, o que é que você vivenciou que queria ter sempre vivenciado?

WIM2: Eu sempre tive essa questão do xadrez por equipes, né? O xadrez é um esporte individual, é 1 contra 1 no tabuleiro, mas desde nova eu vivenciei os eventos coletivos que nós temos em Santa Catarina no âmbito escolar, como eu tinha citado, OLESC, Joguinhos e JASC. São eventos no mesmo formato da Olimpíada, são 4 jogadores contra 4, então existe um peso maior na sua partida, você não tá jogando só por você mesmo, você tem que estar atento ao que está acontecendo em todo o *match*, então existe uma carga maior ali, né? E a Olimpíada é o suprasumo dos eventos em equipe e estar ali representando a bandeira do Brasil é algo que eu não tinha ideia, não conseguia mensurar o quão significativo seria. Então eu olho pra Olimpíada realmente com muito carinho, né? Foi uma equipe olímpica feminina bastante renovada naquele ano porque como mudou o ciclo olímpico, muitas atletas foram pela primeira vez. Então eu não estava sozinha também, né? Tendo essa experiência única pela primeira vez, então ficou bastante marcado na minha memória sim.

J: Desde o início até os dias atuais, considerando que a sua trajetória ainda está ativa, como você a avalia?

WIM2: Entre altos e baixos, eu avalio como positiva. O xadrez agregou muito na minha vida e eu me torno, a partir dele, uma defensora de muitas coisas, né? Como o esporte apoiado pelo setor público e não apenas pra quem seja mais favorecido, porque o xadrez vem de uma elitização histórica. Então fazer essa popularização é algo que eu realmente defendo e atuo hoje como professora também pra incentivar novos alunos a terem essa oportunidade e se eles se identificarem com a modalidade, que possam realmente dar

continuidade e, quem sabe, fazerem também uma graduação assim como eu fiz, de forma como bolsista, né? Então o xadrez ele pode abrir muitas portas.

J: Você pode discorrer um pouquinho mais sobre essa elitização histórica pela qual a modalidade sofre?

WIM2: Acredito que o xadrez há muitos anos tem sido colocado como parte de um estereótipo de elite, então você ir a clubes praticar xadrez ou aquela visão do senhor praticando, pessoas realmente mais favorecidas financeiramente. E é um trabalho de muitos anos que o xadrez tem sofrido pra se massificar. É o que acontece também na Rússia, a partir do momento que você coloca o xadrez nas escolas, você torna essa prática mais acessível pra população de massa. Realmente os números fazem os talentos surgirem, então você tira de um grupo específico e faz com que crianças e jovens tenham acesso e tira o estereótipo de algo chato, que seja monótono. O que nós sabemos que não é nada disso, envolve muitas emoções. Então ele é historicamente associado a essa classe social, mas com essas políticas de massificação a gente tem realmente popularizado a prática.

J: Quais atributos pessoais você acredita serem importantes para o exercício da modalidade?

WIM2: Eu acho que primeiramente a capacidade de dedicação, de você seguir um cronograma de treinamento e confiar no processo. Não necessariamente colocando os resultados como objetivo primordial porque, como eu comentei antes, no xadrez você nunca pode parar de estudar, né? É um universo que tá sempre... Quanto mais você estuda, mais você tem o que treinar, então se você coloca o seu objetivo no resultado, é muito fácil você se frustrar porque o outro pode estar aprendendo tanto como você ou mais do que você, então você não consegue disputar resultados assim. Então essa capacidade e determinação nos treinamentos, a visão do processo como algo primordial e não necessariamente os resultados... Alguns aspectos como a personalidade ajudam, como essa questão de se identificar com atividades um pouco mais calmas e tranquilas, mas isso eu não considero como fundamental. Existem muitos enxadristas que têm personalidades completamente opostas e também se desenvolvem muito bem, então é algo que também é possível de ser diferente. O que mais? Outras coisas você desenvolve, por exemplo, a capacidade de cálculo. Obviamente que se você já tem uma

pré-disposição pra aquele tipo de habilidade, você vai ter uma facilidade, mas quem não tem consegue desenvolver, né? Assim como a criatividade, o raciocínio lógico, a administração do tempo, são coisas que você consegue desenvolver. Mas eu acho que primordiais seriam essas capacidades de treinar com determinação e à longo prazo, não buscando resultados imediatos.

J: Destes atributos elencados por ti, quais você julga possuir?

WIM2: Acredito que eu consigo seguir um plano de treinamento e tento ao máximo essa visão de longo prazo. Com alguns desvios ao meio do caminho porque nós mesmos nos colocamos certas pressões e também essa identificação com as características da modalidade.

J: Fiquei muito interessada quando você comenta que há algumas pré-disposições para a prática. O que você acha que age nessas pré-disposições, o que faz com que uma pessoa seja pré-disposta ao xadrez, por exemplo?

WIM2: Nas questões de personalidade talvez sejam os aspectos mais centrados de você gostar de fazer uma atividade por muito tempo, conseguir manter a concentração, ter paciência são algumas características individuais realmente. Mas eu não considero que elas sejam completamente essenciais, realmente eu conheço muitos enxadristas que não são assim e conseguem manter a modalidade por muito tempo. Então, no final das contas, eu acho que o xadrez é o esporte mais democrático que tem. Não tem nenhum tipo de diferenciação quanto à idade, quanto à gênero e eu também nem considero que ele tenha essa questão da personalidade. Mas obviamente que algumas coisas te facilitam, você vai ter que lutar contra algumas características durante uma partida. Por exemplo, uma pessoa que se desconcentra muito, ela pode jogar xadrez muito bem, né? Mas precisa lidar um pouquinho com essa característica.

J: Entendi. Considerando que a gente não tem WGM no Brasil, o que significou pra ti o alcance máximo do título internacional da modalidade?

WIM2: O alcance do título ele foi interessante porque ele nunca foi um objetivo pra mim, né? Como eu comentei antes, como o Claudionor sempre foi um visionário, ele desde o momento que viu a possibilidade de Olimpíada ele já colocou WGM como objetivo. Então eu considero que o WIM foi consequência do meu treinamento pra virar

WGM. Tanto é que eu fui jogar o Sul-Americano Juvenil em 2018 porque era um Sul-Americano Juvenil, né? Eu não pensava no título de WIM que viria caso eu ganhasse o evento. E quando eu volto eu até converso com ele sobre isso, se a gente faria a aquisição do título ou não. Porque se o objetivo era WGM talvez não precisasse nem fazer a aquisição, né? Porque obviamente os valores não são tão baixos assim, mas como tem alguns benefícios ter o título de WIM ao participar de eventos, a gente acabou tomando essa decisão. Eu considero sim um título que me deixa orgulhosa de ter obtido, são pouquíssimas brasileiras que o tem historicamente, mas ele acabou vindo como uma consequência, ele nunca tinha sido um objetivo pra mim.

J: E o título seguinte de WGM é um desejo seu?

WIM2: Sim, ele se torna um objetivo e infelizmente ainda há um tabu que o Brasil precisa quebrar.

J: E pra ti, o que está por trás deste tabu, por que é que ainda não temos estas tituladas?

WIM2: Acho que essa é uma questão que vale ouro, se a gente mata essa charada, o Brasil tem muito a crescer principalmente no âmbito feminino [risos]. Eu considero, pessoalmente, essa construção histórica do papel da mulher na sociedade, a gente tem quebrado isso há pouco tempo, se a gente pensar em uma linha histórica. Então há pouco tempo atrás a mulher não tinha espaço pra além da casa dela ou algumas tarefas específicas. Então o homem tinha esse papel dominante e tinha a liberdade de explorar as potencialidades, enfim. Então a gente tá correndo atrás do tempo perdido também, como se as mulheres tivessem começado também a jogar xadrez um pouco tarde e isso faz com que nós tenhamos esse atraso técnico. Ao mesmo tempo se mantém um certo preconceito do meio familiar, da cultura onde muitas meninas estão inseridas de não querer que dispute competições, que viajem. Muitos eventos têm – pra não dizer todos – o público masculino com bastante predominância, então muitas não se sentem seguras viajando sozinhas, por exemplo. O que muitas vezes, pela consequência da falta de aporte financeiro, é necessário. Você não tem como levar um técnico junto porque é tudo dobrado os custos, então viajar sozinha sendo mulher envolve muitas questões na sociedade que a gente vive, estar em um evento onde o público é maioritariamente masculino envolve muitas questões... Então existe essa questão da falta de incentivo familiar ou da sociedade pra que você participe desse processo. Mas eu acho realmente

que é uma questão de tempo, quanto mais massificado for esse acesso às crianças – e aí, entre elas, às meninas – e quanto mais a gente incentivar que financeiramente elas consigam ir coletivamente... Não precisem ir sozinhas, né? Ou que quando cheguem nas competições exista um grupo de meninas que também esteja ali participando pra que aquele ambiente se torne um ambiente que passe segurança. Então mais meninas e mulheres com certeza vão poder se sentirem adequadas... Admirem o xadrez e o escolham como carreira.

J: O que você pensa sobre a influência do talento na sua carreira?

WIM2: Eu acho que talento é algo bastante complexo e com certeza algumas pessoas têm. Eu não sei se talento é a palavra exata, mas elas têm uma aptidão pra aquela habilidade que vai ser desenvolvida ou pra aquela capacidade. Então eu acredito que eu tenho algumas habilidades que sejam inerentes ao ambiente do enxadrismo, mas outras pessoas têm outras habilidades e também conseguem ter uma carreira de sucesso. Então acho que o xadrez abraça muitas habilidades diferentes, ele desenvolve muitas capacidades diferentes e por isso acaba se tornando muito democrático. Então algumas eu considero que eu tenha, mas também tenho falhas em outras. Não consigo ser 100%.

J: E em relação aos títulos anteriores da sua carreira, quais você julga que sejam os principais e, de modo geral, quais seriam suas principais conquistas como jogadora?

WIM2: Pra mim, a minha principal conquista foi realmente fazer parte da Equipe Olímpica Brasileira, né? Era um objetivo, um sonho, então a partir do momento que eu estive lá e consegui me manter sempre me deixou muito grata. E títulos mais específicos... O ano de 2018 foi bastante especial pra mim, eu fui Campeã Sul-Americana Juvenil, na sequência Vice-Campeã Pan-Americana Juvenil e Vice-Campeã Mundial Universitária, tudo nesse mesmo ano. Depois em 2019 eu tive uma priorização pra eventos abertos, até visando a Olimpíada de 2020 também, mas aí com a vinda da pandemia e diminuição desse ritmo, acabou que diminuiu o meu ritmo como um todo. Então eu acho que 2018 foi o meu principal ano com essas três principais conquistas, o Sul-Americano Juvenil, o Vice Pan-Americano e o Vice Mundial Universitário, pra além das 3 representações olímpicas.

J: Quais vivências, pra além destas que a gente já comentou, você teve no xadrez relacionadas ao gênero?

WIM2: Eu me considero uma privilegiada no sentido de não ter uma situação que me desincentivou como mulher a praticar o xadrez. Eu sou uma raridade entre muitas meninas, já ouvi muitos relatos, sei de muitas histórias. Mas felizmente eu nunca tive que passar por uma sugestão que me constrangesse ou me desincentivasse a estar naquele ambiente, então acho que isso eu realmente nunca sofri. E... Como eu também sempre tive esse aporte, não muitas vezes eu tive que viajar sozinha. Como existe um grupo de enxadristas junto que também participavam de competições, então nós estávamos de uma forma mais coletiva. Então talvez eu tivesse esse aporte e por isso também não passei por tantas situações. Mas eu realmente consigo entender que esse é um privilégio e uma raridade, não é a realidade de muitas meninas.

J: Você consegue discorrer um pouquinho mais sobre isso ser um privilégio?

WIM2: É, no sentido de eu ter ido essa oportunidade de ter um grupo de pessoas que me incentivasse a participar de competições e um grupo de pessoas que estivessem lá comigo. Além do técnico, a questão de outros atletas da minha mesma equipe que estivesse nessas competições. Então não é uma realidade de muitas pessoas, de muito meninos ou meninas, né? E é algo que o Brasil ainda tem que correr muito atrás, à nível internacional muitos países já têm essa organização em clubes, por exemplo, muito melhor desenvolvida. Então as equipes são construídas para que desde novas as crianças e jovens tenham esse suporte maior.

J: Finalizando já o nosso roteiro, daquela criança que iniciou no xadrez, o que ficou em quem você é hoje?

WIM2: Ficou uma criança sonhadora que na verdade nunca imaginava onde o xadrez ia levar. E hoje eu também não imagino onde eu vou estar daqui 10 anos, mas que acreditava no processo, né? De que se eu plantasse coisas boas e acreditasse no treinamento, pensasse mais no longo prazo do que nesse imediatismo, alguma coisa boa eu ia colher, né? Então eu levo essa filosofia ainda hoje, tanto como atleta quanto professora, de realmente ir plantando. E aí, quem sabe, algum dia a gente colhe.

J: Há algo que você queira acrescentar e que não foi contemplado neste roteiro?

WIM2: Eu acredito que não, eu acredito que foi tudo bem contemplado.

J: Ok, então eu gostaria de mais uma vez te agradecer por toda a atenção em relação e por todo o carinho com que conduziu o nosso diálogo. Muito obrigada!

WIM2: Obrigada também!

Apêndice E – Íntegra da entrevista (WIM 3)

J: Eu gostaria de te agradecer por toda a atenção em relação ao estudo. Sua idade?

WIM3: 32 anos.

J: Data de nascimento?

WIM3: 1º/06/1990.

J: Gênero?

WIM3: Feminino.

J: Cidade de nascimento?

WIM3: Rio do Sul, Santa Catarina.

J: Cidade de residência?

WIM3: Jaraguá do Sul, Santa Catarina.

J: Cor da pele?

WIM3: Branca.

J: Nível de escolaridade?

WIM3: Superior completo.

J: Cursado em qual instituição?

WIM3: Católica de Santa Catarina.

J: Em qual curso?

WIM3: Direito.

J: Atual ocupação?

WIM3: Eu sou servidora pública do município de Jaraguá do Sul.

J: Considerando o atual salário mínimo de R\$ 1320,00 – sinta-se à vontade para falar em valores brutos ou em faixas salariais – como você aponta a sua atual renda média familiar?

WIM3: Familiar, considerando o meu esposo também?

J: Isso, se você mora com mais pessoas, então as considere também.

WIM3: Eu posso te falar aproximado, assim?

J: Claro, fique à vontade.

WIM3: É... Dá mais de R\$ 12.000,00, acima de R\$ 12.000,00.

J: Agora eu gostaria que você pensasse nos membros da sua família que moravam com você na infância. Quem eram eles?

WIM3: Meu pai, minha mãe e minhas duas irmãs.

J: Certo, então pra cada um deles a gente vai fazer uma caracterização de nível de escolaridade e de ocupação. Começando pela sua mãe, nível de escolaridade?

WIM3: A minha mãe ela concluiu o Ensino Médio só.

J: Ocupação?

WIM3: Ela sempre trabalhou em casa, assim, sempre foi do lar.

J: E o seu pai?

WIM3: Meu pai também fez Ensino Médio completo, ele tem cursos técnicos que ele fez, né? Mas não faculdade. E o meu pai se aposentou quando eu era bem jovem, eu era bem pequenininha, mas ele era bancário.

J: Certo, suas duas irmãs?

WIM3: Elas têm Superior completo.

J: As duas?

WIM3: Sim.

J: Certo, a ocupação delas?

WIM3: A minha irmã mais velha é empresária e a minha irmã do meio é oficial de justiça.

J: Ok, então a gente encerra, assim, a primeira do roteiro de entrevista e inicia as questões mais dissertativas. Então pra começar, eu gostaria que você me falasse um pouco da sua trajetória no xadrez, desde a iniciação, passando pelo alcance do título internacional na modalidade até os dias atuais. Fique bastante à vontade, eu estou aqui pra te ouvir!

WIM3: Eu comecei a minha carreira bem cedo, o meu pai era jogador de xadrez e quando eu tinha 1 ano e 8 meses ele me ensinou a colocar as peças no lugar, na posição inicial. Então foi uma coisa, assim, bem cedo, da qual eu não tenho memória – ao não ser os registros de fotos – e aí depois o meu pai não insistiu pra que eu aprendesse. E aí com 6 anos eu pedi pra ele porque eu sempre via tabuleiro em casa, ele tinha os troféus dele também, né? E aí despertou a minha curiosidade, então com 6 anos foi quando eu aprendi mesmo, assim. E aí eu comecei a treinar com ele, meu pai era jogador, assim. Era um bom jogador de xadrez, ele foi campeão estadual aqui 2 vezes adulto, né? Então ele tem uma boa noção de xadrez. Então eu comecei a estudar com ele, mas na época ele era bancário, então eu tinha pouco contato, só a noite que eu tinha treininhos rápidos. Então eu comecei a ir no clube de xadrez de Rio do Sul 1 ou 2 vezes por semana pra treinar com pessoal, tinha um professor lá também. Aí eu participei de algumas competições escolares, bem regionais mesmo, porque aí eu não tinha esse suporte do meu pai porque ele não conseguia, até porque eu era muito pequenininha e eu não sabia se isso ia continuar ou não, né? E aí com 8 anos, que foi quando o meu pai se aposentou, eu consegui ir pra torneios. O primeiro torneio que eu joguei foi um estadual Sub-10 – na minha época não tinha Sub-8, então a gente tinha que jogar o Sub-10 – e eu acabei ficando campeã deste torneio, né? E ali foi um momento bem importante porque era um grande feito pra mim e toda a minha família também, né? Os meus pais sempre estiveram bem envolvidos, além do meu pai me treinar, a minha mãe sempre ia junto. E aí – eu nem sei como é hoje em dia, mas naquela época você ganhava vaga pra ir pro Brasileiro, então tinham algumas condições assim – eu já logo fui jogar

o Brasileiro Sub-10 e aí eu fui vice, o que foi também um resultado bom. E aí eu tinha vaga para o Pan-Americano, então eu já fui jogar o Pan-Americano aquele ano e fui pro Mundial também. E aí o Pan eu acho que fiquei em 11º, o que foi uma pancada, digamos assim [risos]. Primeiro porque eu não tinha noção nenhuma de torneio e segundo porque eu tinha tido experiências boas até então e aí chegou no Pan-Americano e foi bem mais tenso, assim. E aí no Mundial nem se fala porque eu fui muito mal, assim. O Mundial tinha um nível totalmente diferente e essa diferença que a gente acha que é pouca, mas eu tinha 8 anos, então na verdade deveria estar no Sub-8, né? Então eu acho que eu fiquei, assim, bem pro final, senão entre as últimas do Mundial, né? Só que eu ganhei um troféuzinho no Mundial, troféu de mais nova de todo o torneio, então aquilo pra mim eu acho que foi uma coisa bem importante do momento que eu tenho na memória de ter subido no palco do Mundial, ter experimentado. E o troféu ele veio todo grafado com o meu nome, então foi bem especial mesmo, assim. Dá aquele sentimento assim de “nossa, eu acho que eu quero fazer isso”, né? De continuar, e tem aquela expectativa de criança também, né? E aí o trabalho continuou, então eu tinha muito suporte do meu pai que era o meu treinador e ele levava muito à sério e fazia eu levar à sério os treinhos que eu tinha com ele. Claro, era bem de acordo com a minha idade, então no início eu treinava 1 hora por dia, depois ele foi aumentando um pouco. Só que eu tinha o horário de treino que era bem certo, então eu vinha da escola, almoçava e a primeira coisa que eu fazia era o treino, não eram as coisas da escola, era sempre o xadrez. Então eu tinha aquela disciplina que ele foi me criando desde pequenininha, então isso me ajudou muito porque depois quando eu estava mais velha no xadrez, eu tinha essa facilidade de ter a disciplina, de saber que eu tinha que estudar mesmo sem vontade às vezes. Então essa minha trajetória foi com o meu pai durante vários anos e ele me ajudou muito, assim, porque como pai ele tinha uma força além do que ele sabia pra me ajudar, ao mesmo tempo que a gente conflitava porque ele era o meu pai. Então, não sabia ser pai às vezes. Quando era pra ser pai, era técnico. E aí a minha mãe – que sempre ia junto – era quem fazia esse meio de campo ali, né? Mas essa parte era bem difícil e eu acho que com a adolescência ela foi aflorando porque aí a gente fica mais corajoso de enfrentar, de não aceitar determinadas coisas, né? E aí começou a conflitar muito e acho também que o nível começou a ficar muito parecido entre eu e ele, né? E aí foi quando eu pedi para que ele não fosse mais o meu treinador, com ele eu achava

que eu não ia conseguir mais ou então achasse outra pessoa. Mais ou menos com uns 15 anos foi essa decisão, mas nesse período, mesmo treinando com o meu pai, eu tinha sido Campeã Brasileira de categorias, eu tinha tido já resultados que eram bons. Mesmo naquele conhecimento ali do meu pai que depois eu vi que era muito limitado, ele não tinha muita técnica, mas era tudo o que a gente podia. Hoje eu vejo que eu não sei como eu cheguei a conseguir. Pra tu ter uma ideia, como tu conhece o xadrez, o pai não tinha nenhuma preparação de aberturas, sabe? Nenhuma, assim. Eu praticamente não sabia o que eu fazia, eu sabia mais ou menos pra onde iam as peças, o que era o plano do jogo, mas não tinha uma ordem ou algo estudado porque o meu pai não tinha conhecimento na época, não tinha computador, não tinha *internet*. Então a gente meio que lia dos livros, copiava uma ideia, mas não tinha nada, assim. Era mesmo uma força de jogo, de virar a partida, eu acabava ganhando nos trancos e barrancos [risos]. E aí foi quando eu ganhei Brasileiros, eu fui campeã do Sub-10 – eu acho que só o Sub-12 que eu não fui campeã brasileira –, o Sub-14 eu ganhei... E uma coisa legal que eu achava é que ele queria me colocar em categorias sempre acima do meu nível, né? E às vezes até me botar a jogar entre os homens. Então hoje, falar isso, é meio uma coisa que todo mundo faz isso, mas na minha época não se fazia isso. E além do que onde eu morava – em um lugar pequeno, a gente não tinha tanta oportunidade de jogar em São Paulo, por exemplo – isso era ainda mais inovador, sabe? Então “ah, hoje eu vou botar ela pra jogar”... Nossa, quantas vezes eu joguei Sub-18 feminino, Sub-20 e eu tinha 10, 12 anos, assim, né? Mas ele me forçava a jogar sempre com os melhores e até entre os homens. E isso me ajudou muito também, né? E então eu acho que consegui muitas coisas com ele até chegar nesse período dos 15 anos, mais ou menos, que foi quando a gente começou a procurar outros treinadores. E aí foi uma fase complicada também porque eu senti aquilo ali mal resolvido ou que faltava achar alguém e tal, né? E eu demorei um tempo nessa transição em que eu fiquei com meu pai e fiquei tentando outras pessoas. Tive aula com várias pessoas, eu fiquei meio perdida nessa época mas continuando a jogar. E ali com 17 ou 18 anos eu conheci o Álvaro em um Pan-Americano que eu fui jogar. E foi ali que ele aceitou ser o meu treinador, pra mim foi um divisor de águas quando ele surgiu e aí eu comecei a ver o xadrez de uma forma mais profissional. O Álvaro até brincava falando assim que eu era um diamante que não está lapidado. Bruto, sabe? [risos]. Hoje eu entendo o que ele queria dizer, eu tinha

bastante conhecimento que era a parte que o pai conseguia me passar. Mas eu não sabia nem o que eu fazia na abertura, não tinha nem ideia [risos]. Então é como se ele precisasse lapidar coisas básicas e, claro, melhorar sempre. Então ele me ajudou muito, ele veio com uma visão... E o jeito dele também com as meninas, eu acho que ele tem um jeito de saber lidar e pra mim foi bom porque ele é super confiante e eu sou super pessimista, sempre achando que vai dar errado [risos]. Eu não confio muito em mim e ele tem o jeito contrário, então foi uma parceria que deu bastante certo. E a gente treinava muito, tinha várias metas de estudo, a cada 6 meses a gente se encontrava e fazia um intensivo. Nossa, tinha todo um trabalho que partia dos dois, aí eu melhorei bastante, no primeiro ano com ele eu subi 100 pontos do meu *rating*. Já foi, assim, uma diferença e foi quando eu me tornei WMF, logo nesse ano que eu passei dos 2100. E aí a gente continuou trabalhando forte e eu nem vou saber te dizer como é que fiz as normas, mas eu cheguei a 2200 primeiro – porque pra ter o WMI precisa ter 2200 e as normas – e aí eu já tinha o *rating* mas não tinha as normas. Depois as normas vieram, mas aí eu já estava em um nível que eu estava de olho mais no Grande Mestre do que no WMI, né? Tanto é que eu concluí o WMI na Olimpíada que eu fiz 2 normas de Grande Mestre – porque a Olimpíada vale 2 normas, né? – e aí eu fiz a *performance* que eu precisava e aí de reflexo veio a última norma de WMI que eu precisava também, né? Então eu acabei me tornando WMI nesse mesmo pacote que veio um monte coisa, né? Mas aí eu já estava mais... Claro, WMI eu sempre pensei, sempre quis... Mas eu até me frustrei em um torneio que eu tinha ganho, um Zonal que eu fiquei até em 1º, mas ficaram 3 empatados. Tinha uma promessa que valia o título de WMI, então eu pensei “bom, agora veio e pronto”, né? Depois eu descobri que não tinha o título, aí me frustrei e eu não fiquei pensando mais nisso. E aí depois vieram as 2 normas de WGM e depois disso eu subi um pouco o *rating*, chegando bem perto dos 2300 que precisava também, né? E aí depois eu passei por uma busca por essa última norma de WGM, me frustrei algumas vezes... E aí eu comecei a cair o nível, mas pra mim eu achava que eu estava caindo o nível, assim, que foi no último ano que eu joguei efetivamente em 2015. E por várias questões internas, particulares, de situações, de decepção de não ter conseguido, sabe? Eu acho que tive duas grandes decepções de ter chego perto de fazer norma e não ter feito e aí vieram outras questões que eu precisava resolver. E em 2016 eu voltei a estudar, eu engravidei muito jovem, eu tinha 19 anos quando o meu filho nasceu, 19 pra

20, né? E aí eu segui jogando xadrez, na verdade cheguei no meu auge com o meu filho pequenininho, né? Foi quando eu me tornei a número 1 e passei um período como número 1 do Brasil, assim. Só que quando eu engravidei eu tinha interrompido uma faculdade, eu estava fazendo Psicologia já fazia 2 anos. Só que eu sabia que eu não ia dar conta com as viagens e o meu filho pequeno, então eu tinha que deixar algo pra trás que foi a faculdade. Então sempre ficou esse sonhozinho pra trás porque eu gostaria de me formar, de ter outra coisa, assim. Eu sempre fui bem estudiosa, então pra mim não há uma dificuldade de estudar. Eu comecei a me interessar pelo Direito e eu acabei entrando em 2016 pro Direito. E eu acabei indo pra esse mundo do Direito e vendo a necessidade que eu precisava de fazer estágio, de aprender o que eu estava fazendo e aí eu tive que ir deixando um pouquinho o xadrez de lado pra eu conseguir conciliar as coisas . E aí, aos poucos, o Direito foi substituindo, assim, né? Mais ou menos contei um monte de coisa agora! [risos].

J: Bacana, agora eu vou te perguntar sobre alguns pontos. Sinta-se à vontade para discorrer. O primeiro deles que me chamou bastante atenção foi a idade muito tenra em que você aprendeu a colocar as peças no lugar com o seu pai que, pelo o que eu entendi, também era um jogador. Eu sei que você era muito nova mas, no decorrer desta para a idade de 6 anos, quando você perguntou por aprender sobre a prática, como eram esses momentos? No que o seu pai te estimulava quando você era novinha? E me conta mais um pouquinho sobre esta história do seu pai jogador.

WIM3: Nessa época eu não tenho memória disso, sabe? Eu lembro exatamente onde o pai guardava o tabuleiro que era em uma sala que ele tinha o computador, né? Na época ter um computador era ter a sala do computador [risos]! E aí tinha um espaço embaixo, em uma prateleira ele deixava um tabuleiro que era de madeira, então ele ficava virado e tinha as pecinhas embaixo. Então de vez em quando eu bisbilhotava as coisas, mexia e brincava com aquilo. E aquelas peças eram peças que eram dele e que ele treinava. E ele aprendeu a jogar xadrez com o meu vô que mal sabia mexer as peças, ele ensinou tudo errado pro meu pai. Aí o meu pai logo pegou o jeito e tentou ver como fazia, aprendeu e começou a ganhar do meu vô. Só que meu vô era uma pessoa bem nervosa, assim. Meu pai sempre dizia que deixava ele ganhar pra ele continuar jogando com o meu pai [risos]. E aí teve um dia que o pai disse “não, hoje eu vou me testar e vou ganhar todas”. O meu pai ganhou e o meu vô ficou muito nervoso e ele jogou as peças no fogo! Eles

tinham fogão à lenha, né? Ele jogou no fogo, aí o meu vô saiu e o meu pai e a minha vó foram catar. E aí foram com essas peças que eu aprendi, né? Peças bem chamuscadas, o tabuleiro também, então tinha essa história engraçada [risos]. E aí o meu pai sempre foi autodidata, né? Ele aprendeu sozinho e aí tinha o clube de xadrez de Rio do Sul que tem muita história, é um clube bem antigo. Então já tinha o clube na época dele, só que era um jogo de elite, então só tinha gente... Médicos que jogavam, pessoal que era rico, assim. Então o pai, como não era, não era muito bem-vindo lá no clube e também porque ele era novo em relação aos outros. Então tinha toda uma situação, assim... Ele chegou a jogar, mas não deixaram ele integrar a equipe de Jogos Abertos. Ele já era melhor que todo mundo, mas não deixaram ele jogar, então ele teve que jogar... Uma vez ele jogou por Floripa, por Blumenau, porque eles não abriam, assim, né? E aí ele foi treinando sozinho mesmo, ele nunca teve um treinador. E aí ele chegou a ser 2 vezes campeão estadual aqui de Santa Catarina, ele foi jogar e aí, na época, classificava pra semifinal do Brasileiro, né? E aí ele foi jogar uma vez em Brasília e uma vez no Rio, mas aí ele não classificou, assim. Só que o pai passou em um concurso do banco com 18 anos, então pouco ele conseguia jogar por causa do trabalho. E também ele casou com a minha mãe, logo eles tiveram as minhas irmãs e então ele pouco seguiu. Só que quando veio eu – ele tinha ensinado pras minhas duas irmãs já e elas não se interessaram – foi, assim, o sonho que ele estava realizando também dele como jogador, assim, né? De poder viver tudo aquilo de novo e me acompanhar, né? Então foi bem especial pra ele também. E a gente sempre conta que a minha mãe teve uma gravidez de risco, ela não podia mais ter filhos e o meu pai queria ter porque ele queria ter um menino que jogasse xadrez, né? E aí veio outra menina, ele se frustrou, mas depois deu um pouco certo [risos]! Não sei se eu respondi a tua pergunta, se era isso.

J: Claro, fique bastante à vontade! Eu me interessei também por esses critérios um tanto quanto mais ocultos que pairavam sobre o clube de xadrez. Se não o mérito esportivo, o fato de que ele já jogava no nível dos outros jogadores, o que será que o interditava nesse local?

WIM3: Eu penso que era mais por ele ser novo, né? O pai conta que o pessoal era bem mais velho do que ele, então não aceitava muito a derrota, assim. Não queriam dar espaço pra ele, eu não sei te dizer exatamente os motivos, mas eu sei que várias vezes meio que boicotaram ele e ele acabou indo jogar por outras cidades.

J: E após esse período então de iniciação, aos 6 anos você comenta que pediu pra aprender. E nessa idade, você se lembra dos momentos, das práticas que você tinha, como ele te estimulava, como você se sentia?

WIM3: Eu lembro de ter pedido pra ele e ele ficou feliz também com isso de que uma filha, finalmente, e tal [risos]! E eu lembro que eu tinha essa situação com o pai de que ele chegava tarde em casa, ele trabalhava no banco e era em uma cidade vizinha. Então pra mim era tarde porque eu também dormia mais cedo, né? E aí quando ele chegava eu tinha esse momento dele com o xadrez, eu e ele, né? Que pra mim era gostoso, então ele ficava comigo na mesa de janta, assim, e jogando e tal. Às vezes eu me cansava, eu lembro de estar no colo da minha mãe também e ela junto, assim. Também lembro de ele me colocar pra jogar com as minhas irmãs pra testar as coisas que eu aprendia e com a minha mãe também porque ela acabou aprendendo junto comigo. Ela via as aulinhas do meu pai, então ele me botava pra jogar com ela. E ele daí sugeriu isso que eu fosse no clube – assim, “sugeriu”, as minhas irmãs mais velhas tinham que me levar no clube, elas não gostavam muito, mas elas tinham que me levar [risos] – e aí eu conseguia jogar com pessoas diferentes. Mas as aulinhas eu tinha com ele, então eu lembro de aprender com ele e da primeira pegadinha que ele me ensinou que foi aquele ataque Fegatello que você vai com o cavalo até dar um duplo, né? E aí eu tinha que testar e tentar fazer no clube depois, né? Mais ou menos essas lembranças, assim.

J: E antes de a gente falar um pouquinho sobre o clube, me conta um pouquinho sobre como era o convívio com as suas irmãs em relação ao xadrez.

WIM3: Eu tenho bastante diferença com as minhas irmãs de idade, né? A minha irmã mais velha é 10 anos mais velha e a outra é 8 anos. Então isso, na infância, dava muita diferença, praticamente eu era uma filha única porque enquanto eu tava na infância as minhas irmãs estavam começando a trabalhar ou a namorar, ir pra faculdade... Era uma época totalmente diferente uma da outra, então eu sempre tive verdadeira adoração pelas minhas irmãs. Até hoje eu sempre falo com muito orgulho sobre elas, só que elas tinham um certo ciúmes comigo porque o pai e a mãe sempre estavam mais próximos de mim e aí viajavam comigo... As duas acabavam ficando mais sozinhas, então tinha um pouco disso sim, até a gente comenta isso hoje e é um problema, né? Mas existia um pouco disso, então eu não tinha tanto esse convívio, assim, com elas. Hoje a gente tem a

idade e parece que ficou muito mais próximo e que a gente é muito amiga e muito unida, assim. Mas na época, essa diferença... Não tinha como ter uma amizade, uma parceria, então tinha essa dificuldade, digamos assim. Mas também não era que o convívio era ruim ou que a gente brigava porque os meus pais sempre prezaram pela família, mas existia um certo ciúmes, neste sentido, porque elas também eram jovens e tinham que lidar com essa situação.

J: E assim como você elas chegaram a frequentar o clube de xadrez, as competições?

WIM3: É, elas jogaram... A gente chegou a jogar, por exemplo, uns Jogos Escolares pela escola, mas foi em único ano que eu acho que a minha irmã estava no terceirão e eu estava entrando na escola. Então era muita diferença, sabe? Então a gente chegou a jogar juntas... Teve um torneio que o meu pai ainda trabalhava no banco que era um desses... Não era Jogos Abertos, mas era entre cidades que a minha irmã mais velha foi comigo, então ela jogou também. Elas sabiam jogar direito, então dava pra elas competirem sim. Mas elas não gostavam daquilo, faziam porque o pai pedia e porque ali no nível escolar também elas se saíam bem. Em comparação com os outros elas eram melhores, então foi mais ou menos ali a carreira delas, digamos assim [risos].

J: Então já nessa época dos 6 anos de idade os treinamentos eram focados em você?

WIM3: É, eu tinha esse suporte da minha família.

J: Entendi, e como foi essa passagem das aulas de xadrez familiares que até então você tinha com o seu pai para aquelas vivenciadas no clube de xadrez de Rio do Sul? O que você sentiu enquanto diferenças?

WIM3: Nesse início que eu ia pro clube, eu ia sozinha sem o meu pai. Eu achava bom porque eu podia jogar com outras crianças e encontrar gente do meu nível, gente nível acima, nível abaixo, então isso era bem interessante e eu gostava. Mas logo o meu pai se aposentou e ele sempre foi presidente do clube de xadrez, né? Desde aquela época em que ele jogava, depois que esse pessoal ali meio que sumiu, eles abandonaram o clube. E aí veio essa responsabilidade pro meu pai, então ele sempre foi o presidente do clube e sempre tentou manter ali o local – que deve ficar bem no centro da cidade – e então ele sempre fez um trabalho pra manter e pra que o clube sempre tivesse um professor, então foi sempre ele que lutou por isso. E depois que ele se aposentou, como eu tava

nisso do xadrez, ele acabou se envolvendo com a Fundação de Esporte de Rio do Sul pra dar aula também. Então o meu pai também dava aula no clube depois de um certo tempo, e aí ele virou o técnico de Rio do Sul. Então ele acabou formando vários alunos, o xadrez de Rio do Sul tinha um nível bom muito por causa dele, né? Até teve outras meninas que se saíram bem, a gente teve uma menina que chegou a ser vice-campeã brasileira, ela foi pro Pan-Americano, né? Então o meu pai conseguiu formar mais atletas, né? Mas aí comigo era o diferente porque comigo era todo dia, eu tinha o meu pai em casa e a parte do treino era sagrada. Então não tinha chorumelas, não tinha dor de barriga, não podia ter nada [risos]! E o meu pai tem um jeito com relação à nossa educação que sempre foi mais rígido. Ele sempre falava pra mim, eu era pequeninha e eu via essa frase ser martelada: “se você quer jogar xadrez, você vai levar à sério”. E era um compromisso que ele foi criando que eu fui entendendo que tinha que ser aquilo, se não eu não ia ter os resultados, né? Então eram bem sérios os treinos, então era o que não acontecia com o pessoal do clube. É claro que eles não tinham o meu pai em casa todos os dias, mas pra criança, naquela idade, levar tão à sério é difícil tu fisgar alguém que queira, né? Então foi isso aí, eu não sei se... Agora eu nem lembro o que tu perguntou [risos]!

J: Fique à vontade, a ideia é que seja um diálogo fluido [risos]! Nesse clube de xadrez eram práticas mais recreativas ou de fato você tinha também um professor?

WIM3: Tinha, tinha um professor e não era assim tão livre, ele tinha a rotina ali dele. Na verdade era tudo conselho do meu pai, ele escutava muito o meu pai também. Então ele fazia as partidas e depois a gente analisava elas, mais ou menos tinha essa rotina assim. Até depois, quando o meu pai dava aulas, eu não ia muito no clube, assim. Eu ia 1 vez na semana jogar com alguém, geralmente aí o meu pai prezava por fazer partidas pensadas. Então eu ia 1 vez, fazia uma partida pensada de 2 horas pra cada lado pra simular e ter jogado 1 vez, porque eu também... Pela cidade onde eu morava, a distância, eu não podia jogar tantos torneios, sabe? Então como a gente também não tinha *internet*, dificultava de estar jogando. Aqui em Santa Catarina tinha uma época que eles prezavam muito pelos torneios rápidos. Então, nossa! O meu pai ficava doido porque ele queria que eu jogasse torneios pensados e aí só tinha rápidos pra gente jogar, né? E ele acreditava que, de certa forma, isso afetava um pouco o meu jogo, isso de ser um xadrez diferente, um xadrez rápido, de estar influenciando. De repente estar lá em

um torneio pensando e tentar aplicar um golpe ou fazer uma pegadinha quando só cabe naquelas partidas rápidas, né? Então era mais complicado, então por isso é que ele prezava isso. Mas ele preferia que eu treinasse mais sozinha do que eu treinasse lá no clube onde dispersava um pouco mais, onde nem todo mundo levava tanto à sério. Então como ele era muito rígido, ele achava que qualquer coisa podia me distrair, então ele preferia que eu treinasse mais sozinha em casa, mesmo, com ele. E eu ia no clube 1 ou 2 vezes por semana, no máximo, assim.

J: E como você percebia essa certa rigidez nos treinamentos? Como é que você reagia a isso?

WIM3: Quando eu era criança eu não reagia, eu era muito quietinha e muito calada. Então eu aceitava muitas coisas, tudo o que o meu pai dizia, comandava, assim, né? Acabava fazendo do jeito dele mesmo, levando dessa forma bem à sério. Inclusive os torneios eram muito sérios pra mim, sabe? Então ele continuava essa rigidez no torneio, então quando eu ia viajar dificilmente a gente saía pra passear, por exemplo. Ao não ser que fosse um torneio muito longo, como na época era o Mundial que a gente tinha 1 ou 2 dias de folga, aí ele deixava no dia de folga eu brincar ou passear. Mas nos outros dias que tinha partida, era muita concentração, totalmente hotel e jogo. Então eu acho que isso também conflitou um pouco na adolescência porque aí a gente fica um pouco mais questionadora, assim, né? Não aceitar todas as coisas, assim. Claro, de certa forma eu entendia que eu tinha um certo diferencial em relação às meninas. Mas guardadas as proporções também, não era um diferencial, mas eu acabava também... Geralmente em Santa Catarina eu geralmente ganhava os torneios, era tudo muito sofrido, mas no final das contas eu percebia que todos os dias eu estava treinando, não tem tempo ruim e tempo bom. Então eu entendia que o pai tava fazendo do jeito dele, mas me trazia resultados também, né?

J: Você consegue se alongar um pouquinho mais sobre o que seria esse diferencial que você apresentava em relação às outras meninas?

WIM3: Eu nem acho que eu tenha um diferencial, assim, né? Eu acho que se existia alguma coisa de diferente era o quanto eu levava à sério o xadrez muito cedo, sabe? Às vezes as meninas acabam demorando, meninas ou meninos... Mas pela minha experiência, parece que os meninos eles focam mais em uma coisa, querem o xadrez...

Talvez pela cultura, eu não sei explicar o porquê, mas é mais fácil de perceber isso nos meninos do que nas meninas, né? Às vezes as meninas estão jogando por vários motivos que não são aqueles ligados ao foco no xadrez, ao amor pelo xadrez, sabe? Mas eu tinha esse foco, essa direção mais nítida na minha cabeça de que eu precisava... Tinha isso mais construído na minha cabeça, talvez sem muita noção, mas pelo jeito do meu pai levar as coisas eu sabia que eu tinha que focar e fazer aquilo daquele jeito, sabe? Então acho que se existia um diferencial, porque eu não vejo que eu tinha um diferencial, assim, de característica, sabe? Às vezes tem jogadores que a gente olha e vê que ele é especial, assim, né? Tipo, essa pessoa é muito inteligente, tem a memória muito boa, tem alguma coisa fora do comum e eu nunca me vi assim, eu sempre me vi muito normal, mas que trabalhava muito, sabe? E o trabalho com o meu pai era na vitória ou na derrota, então se eu ganhasse uma partida não significava que ele estava feliz, que eu tinha feito todas as coisas certas, significava que ia ter muito trabalho. Então sempre muito focada, muito focada no mesmo trabalho constante. Essa constância eu acho que ela dá um diferencial.

J: Eu fiquei muito interessada quando você comenta sobre essa diferença entre gêneros. Então, se não pelo amor ao xadrez, que motivos outros mais você acha que elas compartilham ao praticar a modalidade?

WIM3: Eu tenho até um certo receio de falar sobre isso porque parece até uma consideração meio machista, assim, sabe? Mas eu nem falo pela diferença de homem e mulher, nem nada disso, sabe? Mas pela experiência do que eu via nas meninas, tá? Às vezes... Como é que eu posso te dizer? [pausa]. Os meninos me pareciam mais competitivos, sabe? Ligados na competição, “eu quero ganhar”... E eu me via mais com esse jeito, eu sou muito competitiva, sabe? E isso é uma característica minha, se eu for jogar um jogo aqui com o meu filho eu jogo pra ganhar, qualquer coisa! [risos]. Então aí nisso eu me via mais parecida com os meninos, porque às vezes as meninas tinham um jeito mais disperso de jogar, sabe? De querer aproveitar as viagens, se deslumbrarem com isso, de me parecerem mais dispersas com a competição do que os meninos, sabe? Não sei te dizer exatamente agora como, assim, mas pela experiência dava pra ver a dispersão e o foco dos meninos, sabe? Parece que mais conectados com aquilo ali do que as meninas, né?

J: Então, aos 15 anos, parece ter havido uma passagem muito importante que foi o seu início com um treinador. Você pode comentar um pouquinho sobre as diferenças de treino que você vivenciava no âmbito familiar, no âmbito do clube de xadrez e agora com treinadores?

WIM3: Essa foi uma experiência diferente pra mim, parece que foi uma quebra de algo que tinha sido construído uma vida toda, um jeito de treinar que eu não conhecia outro, né? E ali eu fiz experiências com várias pessoas, inclusive com 2 pessoas que eram cubanas, então foi bem diferente, bem diferente mesmo, sabe? E eu peguei pessoas com jeitos muito diferentes do meu pai, muito, assim. Então era uma coisa meio que espontânea, eles tinham um jeito diferente de cobrar. Já com o meu pai eu era muito cobrada e com aquelas pessoas eu era, de repente, zero cobrada, né? Então foi bem interessante porque eu aprendi coisas com cada um deles, foi muito legal. Só que eu não encontrei aquela parceria que eu queria e que eu precisava de volta. Eu tinha todo esse acompanhamento do meu pai e é como se eu precisasse fazer um desmame, assim, porque estava grudada no meu pai. E às vezes mesmo sem vontade de treinar, eu ia treinar porque eu ficava de dar satisfação pro meu pai, então era uma cobrança e uma vivência totalmente diferente. Então eu ter alguém totalmente diferente do meu pai eu não sei se seria tão bom, assim, né? Então esse encontro com o Álvaro também veio mais a caber comigo, com o meu jeito, sabe? Porque ele é totalmente diferente do meu pai, o jeito dele também e ele me cobrava de um jeito bem diferente. Mas o interesse dele por mim, a vontade dele, a torcida dele pra que eu fosse bem ela era mais parecida com o meu pai. Então eu me sentia mais acolhida por ele. Adotada, digamos assim, né? Então tinha um pouco desse respaldo que eu não tinha até então encontrado nessa minha caminhada com os outros, de um interesse. Às vezes você pega uma pessoa que tem nome pra você treinar, como eu treinei com pessoas que eram muito boas, de nível muito alto... Mas eles não têm interesse de formar alguém, eles já são alguém, né? Então com o Álvaro eu tinha esse outro interesse dele também que era como se ele fosse do meu time, né? A torcida, assim.

J: Você comenta que esse treinador foi pra ti um divisor de águas e que esse treinamento tinha algumas características como um intensivo a cada 6 meses. Você consegue discorrer um pouquinho mais sobre quais atividades vocês faziam, como era a rotina de treinamento de vocês?

WIM3: Eu tinha uma rotina com o Álvaro que ele montava baseado no que eu precisava melhorar mais de imediato. Melhorar a gente precisa em tudo, né? [risos]. Mas eu tinha algumas coisas que precisava urgente trabalhar ou de repente vinha de um torneio e despertava alguma coisa que precisava ser feita ou mesmo véspera de torneio que precisava intensificar uma coisa ou outra. Então ele sempre montava treinos pra mim, pensando em mim, sabe? Não eram treinos padrões que passa pra todo mundo, mas eu sentia que era algo direcionado pra mim e pro meu estilo de jogo. As próprias aberturas que ele escolhia, né? Eu sei que ele tinha aberturas padrões que ele ensinava pra vários alunos, até porque ele vai acumulando um nível de estudo que vai servindo pra várias pessoas. Mas eu tinha aberturas que eram só minhas, só eu jogava, por exemplo. Então eu tinha aquilo adaptado pra mim também. E aí tinha os intensivos que a gente passava 1 semana juntos, geralmente ele vinha pra Rio do Sul e ficava na casa dos meus pais, até porque ele era praticamente da família. E aí a gente ficava o dia inteiro estudando juntos, o que era muito bom pra mim ter o presencial porque eu passava o ano sempre no *online* com ele, né? E aí geralmente ele escolhia um livro que a gente quase completava o livro. Se não completava, ele selecionava capítulos daquele livro. Ele sempre vinha com um material bem pronto e com partes que eram também bem dinâmicas, coisas que eu gostava de fazer. Parte de cálculo que eu gostava, posições que eu gostava de estudar, jogadores que eu gostava muito. Por exemplo, teve uma vez que eu lembro que ele trouxe... No último dia ele falou “hoje eu vou fazer o que você mais gosta que é ver as partidas do Kasparov”. Então ele selecionou tudo pra mim, como eu gostava, e a gente passou o dia estudando aquilo que eu mais gostava e a pessoa que eu mais admirava. Então eram treinamentos bem direcionados que eu gostava. Existia uma certa cobrança, mas ele sabia que eu era muito disciplinada, então eu fazia as coisas que ele me pedia. Mais ou menos isso, assim. Ele sempre indicava livros ou às vezes ele me emprestava. Ele me dava livros também e aí eu ia fazendo conforme ele ia encaixando. Mas era muito da iniciativa dele, as ideias do treinamento, assim.

J: Você comenta que nessa época jogava muito também em categorias acima e entre homens. Como era pra ti jogar nessas condições?

WIM3: Isso foi uma coisa que o meu pai começou quando eu era bem pequenininha, sabe? Então eu jogava torneios de categoria, mas tinha outros... Por exemplo, eu lembro que ele iniciou com os rápidos que tinha muitos desses em Rio do Sul, em Santa

Catarina. Então uma vez por mês tinha a edição de um rápido que era 21 minutos, eram 7 partidas em um sábado que terminava. E era sempre em uma cidade diferente, esse a gente sempre participava. E esse torneio já era misturado, já era uma categoria única e homens e mulheres juntos, né? Então eu já meio que fui me acostumando muito novinha a enfrentar homens. Acho que talvez no início eu estranhei um pouco porque além de eu ser mulher eu era muito pequeninha, né? Mas depois foi sendo natural pra mim, então eu lidava naturalmente com isso e acho que, com o passar do tempo, eu passei a me sentir mais à vontade de jogar os torneios com os homens do que com as meninas porque no feminino eu tinha uma pressão de sempre ser a número 1 ou estar entre as melhores e de todo mundo esperar que eu ganhasse ou ficasse ali entre as melhores. E no absoluto parece que eu tava solta, assim, sem ninguém criar muita expectativa sobre mim. Então às vezes acabava o meu nível indo mais acima do que eu jogava, assim, né? Eu acho que me sentia bem, a gente sentia que... Como é que eu posso dizer, não é um machismo, assim, mas tinha uma certa coisa de que ser menina... Dos outros sacanearem, “ah, você vai jogar com uma menina, se perder é de uma menina” ou de a pessoa sentar com uma postura diferente ou ela te menosprezar ou ela ficar com medo de “como é que vai dizer que eu perdi pra uma menina”, essas coisas você sente, né? Eu nunca sofri uma discriminação de alguém dizer algo de que eu sou mulher, mas sentia esse ar de às vezes chegar em uma partida... Mas isso sempre me motivou, sempre me deu forças pra, tipo assim, “eu vou te provar que eu sou menina mas eu gosto do mesmo jogo que você gosta”, sabe? Então eu sempre senti motivação, nesse sentido, e também de ganhar o respeito do outro, de saber “olha, eu também estudo esse jogo, não sei todas as coisas, também tô aprendendo, mas também tenho o que compartilhar”, sabe? Então eu sinto que muitas amizades eu ganhei assim, a pessoa chegou com essa postura, depois a gente jogou e pôde conversar sobre o jogo. E aí a pessoa vê “não, ela estuda, ela não tá aqui brincando”, né? Então isso era bom pra mim, eu achava bom. Então é isso, eu acho que eu estava sempre acostumada mesmo a jogar entre os homens. E da categoria acima também o pai começou muito cedo a me colocar pra jogar com as meninas acima. No começo foi difícil porque, acho que ainda mais no feminino você quer jogar uma categoria acima... Parece que, sei lá, tá se achando, vai jogar a sua categoria [risos]! Mas depois eu até comecei a ter resultados também, então foi legal pra mim, foi uma experiência boa.

J: Em relação ao alcance do título de WIM, você comenta que ele veio um pouco por acaso quando, na verdade, o título de WGM seria o objetivo. Ainda é?

WIM3: Eu acho que sempre fica no coração de não ter conseguido. Eu acho que eu achava que eu ia conseguir em algum momento, que isso ia acontecer naturalmente. Mas as coisas foram caminhando, talvez eu desanimei cedo demais, talvez eu tivesse feito diferente. Talvez, né? É o que a gente se pergunta. Acho que todas as meninas têm esse desejo de querer ter chego no ápice que seria o WGM, ainda mais quando você vive uma vida, assim como eu, de dedicação e ter chego muito próximo. Eu sinto que na época que a minha força estava um pouco mais estabilizada, que eu sentia que eu tava jogando pra aquele nível, eu podia ser, sabe? Acho que poderia acontecer, não ia ser uma coisa absurda, uma sorte, acho que tava meio natural. Então a gente se frustra de não conseguir [pausa]. Mas enfim, eu penso que hoje eu tenho outros sonhos também, eu não fico me martirizando por causa disso. Na época eu acho que eu fiquei bem triste e aí é isso o que eu falei, achava que ia acontecer e de repente eu me decepcionei e pensei “puxa, acho que não é pra mim mesmo”, né? Começa esses pensamentos assim e hoje eu tenho outros sonhos, outros objetivos, então eu não me vejo mais correndo atrás disso porque eu acho que agora não teria mais tempo de voltar naquele nível que eu tava. Mas fica, né? Fica uma dorzinha de não ter conseguido, uma frustração que aconteceu, né? Acho que como qualquer outra que a gente tem na vida, assim.

J: E junto a isso você comenta que em 2015 houve certo declínio no seu nível de jogo. Aos 19 anos também a maternidade... Comente um pouco sobre esse período.

WIM3: Eu fui mãe muito jovem e eu tive muito suporte dos meus pais pra eu continuar jogando. Foi um momento muito difícil, de muita incerteza. Ali com 19 anos eu tava treinando com o Álvaro e eu tinha subido 100 pontos de *rating*, então a perspectiva era “nossa, eu vou melhorar muito daqui pra frente” e de repente eu tô grávida, né? E como lidar com isso, hoje eu vejo como eu era criança pra lidar. Eu sei que hoje com 19 anos a gente olha e fala “meu Deus, era uma criança”! Mas além da idade a minha cabeça era muito de menina, eu era muito menina, sempre fui muito menina. Muito inocente, muito... E aquilo foi pesado pra mim, sabe? De lidar com aquela situação de não saber nem o que fazer, de tipo assim “será que eu vou seguir jogando xadrez agora que eu sou mãe, será que isso cabe, combina, como é que eu vou fazer?”. Perdida, assim, sabe?

Sem ter uma opinião própria de dizer “não, vou fazer isso, vou jogar” ou então dizer “não, não vou mais jogar”, meio que você não sabe nem decidir o que fazer, né? Óbvio que eu tinha um amor pelo xadrez – tenho – que era algo muito grande, então eu nem queria parar de jogar. Então eu tinha esse suporte dos meus pais que foi muito importante pra mim, se não eu não teria continuado, não teria conseguido continuar. Até naquele ano que o meu filho nasceu – nasceu em fevereiro, fiz 20 em junho – e aí tinha Olimpíada aquele ano e eu nem joguei as eliminatórias ali porque eu sabia que eu não ia, né? E aquilo ali já foi doído pra mim porque eu não participei. Mas eu continuei, meus pais deram suporte e quando ele era pequenininho eu tinha muito o apoio da minha mãe. E por ele ser bebê ele não entendia muito a minha ausência, falar que “a mãe tá, a mãe não tá”, então eu fui lidando como dava com aquilo ali. Mas à medida que ele foi crescendo, ele foi entendendo isso melhor, que eu não estava em alguns momentos e que estar com os avós não era a mesma coisa que estar com a mãe. Então isso foi ficando mais pesado, sabe? À medida que ele crescia e entendia. Ao mesmo tempo que em uma situação muito particular, o meu esposo também começou a viajar muito. Então os dois estavam viajando muito, de situações que às vezes eu estava em casa, às vezes ele e às vezes ninguém estava. Às vezes ficava quase que 1 mês sem se ver e aí o Davi, o meu filho, nessa loucura da gente viajando muito. Isso pesou muito de eu não estar e ver que o meu filho estava se perdendo com essa história, né? Ficou muito pesado pra mim e aí eu percebi que eu precisava desacelerar do xadrez, somado com outras coisas que foram acontecendo também com a questão financeira, sabe? Eu acabei perdendo a bolsa de São Paulo que eles não estavam mais investindo em Jogos Abertos, aí passaram a não pagar mais. A gente tinha o bolsa-atleta federal que era uma bolsa do governo federal que era uma coisa que eu contava todo ano porque eu sempre ficava entre as 3 no Brasileiro. Então a bolsa vinha automática e de um dia pro outro foi cortada, o xadrez começou a não fazer parte... Disseram que não era esporte olímpico, então vieram várias situaçãozinhas que foram pesando e desanimou, junto com as minhas frustrações de não ter conseguido a norma em 2 torneios específicos que eu não consegui. Então foi vindo um desânimo, uma pressão interna de o que fazer, como fazer, não saber lidar, sendo muito jovem ainda também a lidar com várias situações internas. Então eu acho que eu desanimei e acabei vendo isso no meu jogo, sabe? Vendo que eu não tava correspondendo ao que eu vinha jogando e isso foi me frustrando ainda

mais porque é fazer aquilo que você ama. Não conseguir fazer do jeito que fazia, né? E aí eu fui sentindo vontade de não jogar, tipo assim “ah, não quero jogar se eu for jogar desse jeito, não quero”, né? E aí fiquei repensando em várias coisas e aí apareceu o Direito pra fazer e aí foi caminhando mais ou menos dessa forma, assim, né?

J: Pra além dessa situação da maternidade e dessas condições financeiras que a gente conversou, houveram algumas outras interrupções, rupturas na sua trajetória ou esta se deu mais enquanto um processo contínuo?

WIM3: Foi mais um processo de vários fatores, não houve uma ruptura única, mas de várias coisas somadas. Eu acho que os dois torneios, em si, que eu joguei que foram a Olimpíada de 2014 e um Continental que foi no Brasil também. Foi um Continental absoluto, essas foram duas oportunidades que eu tive de fazer a norma e eu não consegui. Na Olimpíada de 2014 eu cheguei muito próximo, eu tive uma partida muito importante com uma jogadora muito forte em que se eu mantivesse apenas um empate, na última rodada eu ainda tinha chances de norma. Nas 2 últimas porque era a 9ª rodada e ainda tinha 2 rodadas... Mas como eu perdi, as minhas chances foram quase zero, eu não teria como porque aí você tem que jogar com jogadores de nível muito alto e ter um resultado, né? E aí com a derrota a gente caiu lá pra baixo, então a gente não pegaria um adversário tão forte e eu não iria conseguir tentar. E foi uma derrota muito doída porque eu não consegui jogar, foi como se eu tivesse perdido todo o meu conhecimento, tivessem me tirado, foi uma derrota rápida e feia, sabe? E eu fiquei muito frustrada com isso de não conseguir jogar. E depois no Continental que foi seguido, assim, um mês, foi um torneio que eu joguei super bem. Eu acho que fiz 7 pontos que era uma pontuação muito alta pro torneio, o campeão fez 8,5 pontos e eu fiz 7 pontos, então eu fui muito bem. Na última rodada quando eu ganho do Molina que é Mestre Internacional a minha *performance* é muito alta, mas o *rating* dos meus adversários não chegou na média que eu precisava. Então foi uma coisa que estava fora do meu controle e que eu não conseguia... E como essas chances eram raras pra mim, então eu sabia que eu precisava pegar a Olimpíada com toda a minha força e fazer aquilo acontecer porque eu não tinha as mesmas condições que as outras meninas, né? Eu não era solteira, eu era mãe, eu não podia ficar 3 meses na Europa, eu não podia participar dos mesmos torneios, eu não tinha nem condições de viajar dessa forma. Então ter uma Olimpíada na minha frente era a chance da minha vida, “é agora que eu faço ou só daqui 2 anos”, né?

Claro, eu tentei algumas vezes, mas as chances eram muito... Era muita pressão, “é a tua chance, se não daqui a pouco não vai ter mais”, né? Não era uma coisa assim “ah, vai acontecer, vai vir naturalmente”, não, né? Às vezes poderia demorar muito pra vir a próxima chance, então tudo isso era muita pressão pra aquilo acontecer, sabe? Então foram dois torneios bem frustrantes pra mim e ver aquilo passar, escorregar na minha mão... Então esses dois aí me marcaram e aí somado às outras coisas que eu te falei.

J: Pra ti, como se engendrou, como se constituiu o seu interesse pelo xadrez?

WIM3: Eu acho que ele tem muito a ver com o meu pai, com a minha história com ele. Mas depois eu criei uma paixão, um amor pelo xadrez e pelo conhecimento. Eu acho que esse desafio que o xadrez traz de você ter que sempre estudar, sempre ter que melhorar, sempre ter que... Você é o seu adversário, não é o outro que está na sua frente, é você superar você mesmo. Essa coisa infinita do xadrez é que eu sempre me apaixonei de você nunca saber tudo, de você achar que sabe uma coisa e, de repente, ver uma partida que você achava que você sabia que esse tipo de tema se aproveita dessa forma e, na verdade, não era assim, era de outro jeito. Então é muito instigante, apaixonante o xadrez e hoje eu vejo isso um pouco com o Direito que me instiga por ser uma área de um conhecimento infinito também de você ter que estudar sempre, melhorar sempre. Então tem isso parecido com o xadrez, digamos assim, que me desafia e eu acho que eu gosto disso, acho que eu criei essa paixão pelo xadrez. E como eu comecei muito novinha, praticamente as pessoas do xadrez viraram minha família! Então, muita gente que me agarrava, que me cobria às vezes vendo que eu precisava chorar, que eu precisava de um abraço, pela cobrança ali do meu pai, pela forma que ele lidava também. Então as pessoas me adotavam no meio do xadrez e aí você passa a vida conhecendo essas pessoas, então tudo isso vai te amarrando ali naquele ambiente, né?

J: E em relação à escola, houve algum tipo de contato com o xadrez nela?

WIM3: Não, na escola eu não tinha xadrez. Eu não tinha incentivo, até depois foi o meu pai que conseguiu colocar xadrez lá, ele é quem dava aula, depois eu ajudava ele. Depois ele foi passando essa missão pra outros alunos que ele tinha porque aí dava oportunidade pro pessoal às vezes estudar lá porque era escola particular e de dar aula. Então ele foi abrindo... Até hoje tem xadrez nessa escola porque o pai começou lá, né? Só que eles me incentivavam, eu ganhava bolsa na escola desde o 4º ano eu acho. Eu

ganhava bolsa e tinha um torneio que era das escolas da rede Sinodal que era essa minha escola particular, então eu sempre jogava, lutava muito. Pra cidade, como era uma cidade pequena, todo mundo me conhecia. Tinha uma televisão lá que era bem da região mesmo do Rio do Sul e das cidades pequeninhas... E essa televisão fica em Rio do Sul, eu até brinco, assim, como eles não têm muito assunto [risos]! Mentira, mas na minha época estava iniciando aquilo e o meu pai insistia às vezes até pra gente aparecer porque a gente precisava de patrocínio. Então desde muito pequeninha eu já ia dar entrevista, assim, lá! Então na cidade o pessoal me conhecia, hoje ainda quando eu vou lá o pessoal que é mais antigo lembra “ah, essa é a menina do xadrez” por causa dessa televisão, né? Então tinha toda uma pressão que meio que a cidade se obrigou a me ajudar, a escola também me deu a bolsa. Então algumas coisas eu conquistei por causa disso.

J: Essas aulas que você comentou na escola seriam curriculares, extracurriculares?

WIM3: O pai tinha aula no 1º ano, se era 1º ano ele dava aula como curricular, assim. E tinha a escolinha de xadrez que era opcional, daí. Mas ele conseguiu colocar, hoje eu não vou saber te dizer como é que eles fazem, eu acho que só tem escolinha. Mas ficou um bom tempo como grade curricular mesmo.

J: E nessa época você acumulava treinos com o seu pai em casa e na escola?

WIM3: Na escola eu ajudava o meu pai no período da tarde, de manhã ele dava aula sozinho eu acho que era 1 vez por semana. E eu ajudava ele porque sempre gostei muito de criança, então eu ia com ele e ajudava. Mas era bem... Ensinava a mexer as peças, era bem iniciante mesmo. E tinha a escolinha, depois eu ajudava ele também... Ficou um período da minha adolescência que eu ajudava ele a fazer isso, mas depois que ele saiu ou ele colocava os alunos dele pra ajudar ele também... Mas foi um período que eu ajudei ele ali.

J: Que peso você atribui ao investimento que você teve e ao investimento que outras pessoas tiveram na construção da sua habilidade no xadrez? O que é que você teve que abrir mão ou o que é que terceiros tiveram que abdicar pra construí-la?

WIM3: Eu acho que nesse sentido, assim, de família eu fui bem privilegiada de ter nos meus pais um suporte que eu via que não era comum. De ter os meus pais viajando

comigo, de ter o meu pai como treinador. Isso tinha pouquíssimos casos de ter alguém que tinha o treinador como pai, né? Então nesse sentido eu me sentia bem privilegiada de ter um investimento que era diferente, porque é como eu te falei, por mais que o pai não tivesse o conhecimento ou a didática, sabe? Ele não tinha a didática correta, talvez, mas ele tinha uma força de vontade que os outros treinadores nunca iam ter porque estava treinando a própria filha, né? Então era um diferencial, ao mesmo tempo que eu vejo disso, nesse ponto de que seria uma vantagem... Mas eu tinha as minhas dificuldades também, na mesma proporção que era bom, era ruim também. Eu tinha minhas frustrações aí no meu relacionamento com o meu pai. Enquanto eu via algumas das minhas adversárias, por exemplo, desde crianças terem treinadores famosos, de nome, eu não tinha essa oportunidade. E o fato de morar em uma cidade pequena, que além de pequena é distante... Então, na minha época, pra pegar avião tinha que ir até Florianópolis, que era quase 4 horas de viagem. Então pra eu sair de Santa Catarina era um evento, isso quando eu era criança. Então eu jogava muito aqui em Santa Catarina pelos custos, então eu não tinha esse contato com Mestre, com Grande Mestre. Eu praticamente conhecia poucos Grandes Mestres, assim. Essa oportunidade de ir viajar mais e fazer esse intercâmbio era mais difícil pra mim. Depois, quando eu virei adolescente, foi quando eu comecei a viajar um pouco sozinha, aí eu consegui mais, assim, fazer esse contato. Porque aí eu ia viajar e os custos eram só meus, digamos assim, aí criou essa oportunidade. Mas tinha essa diferença de investimento, digamos assim.

J: E em termos de expectativas, o que é que você tinha enquanto expectativas sobre si e o depósito das mesmas por terceiros?

WIM3: Eu tinha sonhos com o xadrez que eu achava distantes de mim, né? Eu sempre fui bastante pessimista, insegura também. Nunca fui muito nada confiante, isso sempre foi um defeito e é uma coisa que eu lido até hoje, é o meu jeito. Mas isso me atrapalhava algumas vezes e algumas vezes até você sonhava mais baixo, assim, né? Até eu conhecer o Álvaro, por exemplo, eu achava que eu nunca ia jogar uma Olimpíada, que era algo muito distante e que essas outras meninas estavam em um outro nível e que eu nunca ia chegar. Então eu achava isso muito longe, que poderia acontecer mas que ia demorar muitos anos. Depois, com o Álvaro, eu comecei a ver que isso era mais possível, então eu acho que eu nunca sonhei algo que eu não pudesse alcançar. Eu

acho que o que eu sonhei que eu não alcancei foi ser WGM, mas eu nunca fiz sonhos muito altos, eu sempre fui muito pé no chão até pelo meu jeito de ser pessimista mesmo. Mas eu acho que, em relação às pessoas, sempre teve muita expectativa. Meu pai sempre esperou muito, acho que todo mundo esperou essa questão do WGM eu sempre ouvi muita coisa de muita gente que eu tinha que tentar, que tinha que ser, que eu tava quase. Então, acho que com o tempo e em cada fase, as pessoas vão criando expectativas e vão esperando isso de você.

J: Ao longo da sua história, qual é a importância do xadrez na sua vida?

WIM3: Eu nem sei mensurar porque como eu iniciei muito novinha, eu sempre falo que não lembro da minha vida antes do xadrez. Como era a minha infância sem o xadrez, eu tenho poucas memórias e já confundo essas memórias comigo já jogando xadrez. Então, praticamente, fez parte de toda a minha vida e o xadrez mudou a minha história. As coisas que eu fiz, as pessoas que eu conheci, os lugares, a experiência de vida, tudo isso eu levo pra minha vida toda. Então eu nem sei diferenciar o xadrez da minha vida, parece que ele sempre teve junto comigo. Hoje eu construo uma vida sem o xadrez – não totalmente – mas construo uma vida nova, como se eu estivesse começando de novo, agora com novos desafios. Mas sempre com essa bagagem com o xadrez, com essa experiência, então sempre que eu vou contar algo da minha vida, sempre tem o xadrez no meio, né? Então eu acho que é indissociável eu e o xadrez, talvez um dia com outras histórias que eu tô construindo vai ser diferente, mas por enquanto é como se fosse uma vida única.

J: E o Davi, já foi iniciado à prática?

WIM3: O Davi já foi, o vô dele não ia perder tempo [risos]! Ele até se interessou, foi algumas vezes no clube. Eu fiz até uma camiseta pra ele com o nome dele e tudo, um uniforme, e ele ficou bem contente. Ele era bem pequenininho. Só que em 2018, no final de 2017, nós nos mudamos pra Jaraguá por conta do emprego do meu esposo e tudo a gente teve que mudar. Mas a minha família não é daqui, a gente não tem família aqui... Então ele ficava jogando xadrez nessa época, se interessando e aí o meu pai dava umas aulinhas pra ele em casa. E aí teve esse rompimento que pra gente foi bem duro porque a gente é muito família. Aí nós viemos pra cá e perdeu um pouco esse contato, eu confesso que eu não tenho essa paciência do meu pai de ensinar o xadrez, sabe?

Então eu procuro nem me envolver, tanto que eu tenho as coisas da escola com ele que eu tenho que cobrar, que eu tenho que ver. Então eu criar mais uma coisa que é de cobrança assim como é o xadrez, querendo ou não é uma coisa que você sabe, que você entende, então você quer mostrar “não, não faz assim, faz assim”. Então eu falei “ah, deixa isso ser uma coisa dele com o vô”, né? Então hoje ele tá grande, ele não pediu mais pelo xadrez. Ele se interessa muito por *videogame* porque o meu esposo também era muito do *videogame*, então eu acabei perdendo aí para esses jogos [risos]. Mas por enquanto ele não mostrou mais interesse, eu sinto que ele tem bastante orgulho de falar de mim, das coisas que ele ouve ou acha legal que bota o nome da mãe dele no *Google* e aparece fotos [risos]! Essas coisas de filho adolescente que já está aborrecido, mas o interesse ainda não veio [risos].

J: Para além destes que a gente já comentou, houveram temores, aflições, decepções ou dificuldades das quais você se lembre mais ao longo deste percurso?

WIM3: Tiveram muitos, muitos. Eu sempre falo, é até engraçado, no meu trabalho eles descobriram que eu já fui campeã brasileira, então eles falam... Eu trabalho com o pessoal do Direito, né? Eles falam “ah, isso aqui é fácil pra você porque você já foi campeã brasileira”. Eu falo “é, você só sabem das minhas vitórias, vocês não sabem das minhas derrotas” [risos]. E tiveram muitas derrotas e as derrotas eram muito doídas pra mim, eu sempre era de chorar muito, era tudo muito forte pra mim. Eu sempre botei muita força no que eu tava fazendo, muito amor, sabe? As coisas se confundiam ali e eu tinha uma vontade de vencer, de vencer eu mesma, assim. Eu nunca fui de ficar me comparando ou querer ser melhor que alguém, mas eu queria vencer eu mesma. Então tudo isso era doído pra mim, os torneios, às vezes... Às vezes eu tenho as lembranças de chegar em casa com os torneios frustrantes, sabe? Isso era pesado porque você cria muita expectativa, faz todo um caminho de chegada de treino, de investimento, de deixar o meu filho aqui. Cada vez que eu voltava eu pensava “será que isso tá valendo a pena”, né? Então essas dores eram constantes também, mas tinham as vitórias que compensavam, que eram boas. Mas tinham essas frustrações também, das derrotas, dos torneios. O que mais que tinha? Acho que é mais isso o que eu consigo lembrar, das expectativas, acho que essa parte do WGM foi mais dolorido e de períodos, né? Porque a gente também como atleta tem períodos que a gente vai bem, que a gente não vai bem, tem períodos de construção também que você tá treinando e não consegue ver o

resultado imediato, parece que você não consegue enxergar o que faz de errado e a coisa não vem tão pronta, assim, né? Eu me lembro da primeira Olimpíada que eu joguei em 2008 que eu tava muito animada pra jogar, pra mim era um sonho sendo realizado e eu tinha muita expectativa, tava treinando muito. Eu até lembro que eu fazia faculdade de Psicologia – eu gostava muito da faculdade – mas eu sempre levava um livro de xadrez, sempre levava e por vezes eu ficava mais preocupada em matar os problemas do que assistir aulas [risos]. Mas eu não fazia por mal, mas era de tanto que eu queria, sabe? E nessa Olimpíada eu fui muito mal, muito mal! Meus Deus, eu disse “nossa, o que é que eu fiz?”, eu não conseguia nem explicar o que é que eu tinha feito de errado ou o que eu tava fazendo errado, não tinha uma explicação, sabe? Então às vezes aquilo não vinha, na época que você tá estudando e tentando acertar, isso é frustrante de lidar. E aí eu contava com as pessoas, com o suporte dos amigos pra me manter firme no objetivo.

J: Neste mesmo sentido, houveram restrições, limitações ou algum tipo de proibição advinda da prática?

WIM3: Na caminhada, assim... Sempre tiveram coisas que vêm contra. Eu lembro quando eu era pequena e comecei a jogar, eu queria jogar todos os torneios possíveis. Eu joguei o meu primeiro Jogos Abertos aqui em Santa Catarina quando tinha 8 anos, eu fiz 1,5 pontos em 7, foi horrível mas considerando Jogos Abertos é muito difícil, né? E aí logo em seguida eles criaram uma regra que tinha que ter 12 anos pra jogar, depois tinha uma regra que podia jogar só 2 torneios destes Estaduais que tinha... Era sempre 4 torneios que tinha, o Estudantil, os Joguinhos Abertos, os Jogos Abertos e aí eles foram criando restrições, sabe? Então eu acho que essas limitações que acontecem e que você não tem o que fazer são coisas que parece que vem pra te boicotar. Isso acontece, sabe? Acontece com todo mundo eu acho, não dá pra se fazer de vítima porque todo mundo sofre com coisas assim, mas também acontece. Mas acho que a minha maior restrição particular, assim, foi a da vinda do meu filho. Por mais que eu consegui jogar muitas vezes, sempre tinha um sentimento de culpa de mãe de não estar em casa, se talvez eu deveria estar. Hoje eu vejo, conversando com as mães, que todas as mães têm esse dilema de “será que eu paro de trabalhar?”, “será que eu tô fazendo certo?”, “será que já boto na escola tão novo?”. Eu acho que toda mãe tem um certo dilema nesse sentido e eu tinha também esses dilemas, só que muito novinha então eu também não sabia bem lidar com isso e eu acabava daí me restringindo um pouco, não jogava torneios à

vontade. Então por conta dele eu freava um pouco, tentava jogar 1 torneio por mês, alguns torneios eram mais longos, então era difícil, assim. Então eu me policiava nesse sentido, eu tinha essa restrição que era uma coisa minha de não estar tão ausente assim, né?

J: O que o xadrez representa pra você?

WIM3: Eu acho que ele representa quase toda a minha história, é de uma importância muito grande. É como eu te falei, de não conseguir separar a minha vida do xadrez, sempre estar atrelada, assim, né? Óbvio que eu sempre fui muito sociável de ter uma vida social além do xadrez, de ter amigos outros que não só no xadrez. Mas a minha principal atividade da minha vida sempre esteve ligada com o xadrez, então ele tem muita importância pra mim.

J: Nós já falamos um pouquinho sobre a constituição do seu interesse. E o seu gosto, como você acha que se constituiu o seu gosto pelo xadrez?

WIM3: Eu acho que nesse momento ali que eu tive de crise com o meu pai, de ter um treinador novo foi um momento decisivo pra mim internamente de entender se era realmente o que eu gostava de fazer ou se era uma coisa que eu sempre aprendi desde sempre e não sabia fazer outra coisa, não tinha experimentado outra coisa, né? Eu acho que foi um momento que eu tinha mais consciência de que eu tinha que gostar daquilo, de que aquilo dependia mais de mim e que não podia ser uma coisa sempre oferecida pelo meu pai. Tinha que ser uma coisa da minha iniciativa, então eu acho que ali eu consegui ver se era realmente o que eu queria, sabe? Então, como foi um momento de muita transição, de ter um treinador e outro e ir mudando, eu também sofri isso no meu jogo. Então o meu jogo também desequilibrou, também foi um período que eu acabei indo pior nos torneios. Por exemplo, era uma época em que a Juliana Terao – que era a minha rival desde sempre – e eu tínhamos um certo equilíbrio de uma hora uma estar na frente, uma hora a outra. E esse período eu me lembro que a Juliana passou na frente e eu nem consegui alcançar ela de tão abaixo que eu fiquei da minha força, da transição que eu vivia. Então foi um momento que eu sofri dentro dos torneios também vendo que eu não estava conseguindo os resultados e tudo. Então foi ali que acho que eu parei pra pensar “eu gosto disso, eu quero mesmo de verdade?” e foi aí que eu pude tomar a minha decisão mais consciente. Por que achar que eu gostava eu sempre achava que eu

gostava, mas eu acho que também se confundia com o sentimento de criança, de ganhar, de ganhar troféu, de ir bem, né? E aí aquele momento me botou mais em xeque do que eu realmente queria.

J: A próxima pergunta envolve algo que a gente já tem conversado. Pelo o que eu consegui identificar sobre os membros da sua família que já têm contato com o xadrez são os seus pais, as suas irmãs e o seu avô. Pra além destes, há mais algum outro ou outra?

WIM3: Não, é só isso aí mesmo.

J: E em relação às outras atividades esportivas ou de lazer, o que você praticava pra além do xadrez na sua infância?

WIM3: Eu sempre fui muito dos esportes, eu tenho esse jeito de ser competitiva [risos]. Então eu sempre gostei muito, até hoje eu sou assim de gostar de esporte. Eu sempre pratiquei e eu sempre gostei muito. Eu lembro que como eu tinha essa rotina bem rígida com o meu pai, ele permitia que eu fizesse um esporte diferente em 1 dia por semana. Então durante o ano eu optava por uma modalidade pra treinar e ter alguma coisa diferente pra fazer. Eu acho que o que eu mais treinei foi basquete e futebol, que eu mais gostava. Mas eu já fiz de tudo, gostava de fazer tudo. Depois, mais velha, eu fiz vôlei e já pratiquei um monte de coisa.

J: E atualmente, você leva o xadrez como um *hobbie*? O divide com outras atividades também?

WIM3: Atualmente eu não estou conseguindo conciliar mais a minha carreira, eu iniciei uma carreira nova com o Direito e sinto que eu ainda estou engatinhando com o Direito e adquirindo conhecimento. Então é uma fase que demanda muito de mim, eu preciso investir nessa carreira também e eu não consigo mais conciliar o xadrez, né? E até assim por questão de gostar tanto que eu prefiro nem ficar sabendo se tem um torneio ou como estão as coisas porque é mais dolorido você estar afastada e ver as coisas acontecerem. Então eu tento focar no Direito mesmo e aproveitar esse momento que é uma outra fase da minha vida também. Mas eu continuo com laços com o xadrez, eu continuo jogando Jogos Abertos por Rio do Sul, então tem esse momento que eu encontro os amigos, de viver aquele clima de novo. Então ainda tenho esse laço com o xadrez.

J: A escola do seu curso superior, então inicialmente a Psicologia e depois o Direito, teve alguma relação com o xadrez?

WIM3: Na verdade eu sempre gostei do curso de Psicologia e na época que eu optei eu só optei porque o meu pai obrigava a gente a fazer faculdade e não tinha a escolha, né? Então eu tinha que optar por fazer um curso e eu não queria sair de casa também porque eu queria continuar jogando e tudo. Então aí eu optei por um curso que tinha na minha cidade que era Psicologia e eu acabei gostando, hoje até às vezes eu brinco que se eu tivesse me formado eu ia gostar no curso, de trabalhar na área, ia me ajudar de alguma forma. Então eu achava bem interessante, só que o xadrez era a minha paixão, não tinha nem comparação com a faculdade. E o Direito surgiu em uma época de muitas incertezas, de indecisões, do que eu ia fazer ou não e eu comecei olhar pra concursos públicos, sabe? Comecei a pensar nessa carreira e aí todo concurso que eu olhava ele envolvia o Direito. E eu comecei de certa forma estudar o Direito sozinha, né? A minha irmã é Oficial de Justiça e ela ama o Direito, então a gente sempre conversa muito e aí eu tenho muita influência dela também nessa escolha. E aí eu acabei entrando pra ver como seria, se eu ia gostar, se eu ia dar conta com o Davi pequeno. E eu fui entrando e me envolvendo com aquilo ali e gostando, né? Então eu acho que não tem uma relação com o xadrez, mas tem relação com gostar de estudar, de querer me formar mesmo e ter um outro curso que eu acabei, no fim, também gostando, né?

J: Fale um pouco sobre a carreira de uma jogadora de alto rendimento no xadrez brasileiro. Você se considera – ou na época em que era ativa – uma profissional?

WIM3: Eu me considerava porque eu vivia só de xadrez, tudo o que eu ganhava vinha do xadrez de salário, digamos assim, né? E eu vivia para o xadrez, então eu me dedicava na época, eu fazia faculdade, eu me dedicava 100% ao xadrez. Eu me considerava sim porque conseguia me sustentar com aquilo que eu ganhava e conseguia competir, né? E por essa dedicação ao xadrez eu achava que era uma profissional.

J: E a partir de quando, pra ti, se deu esse profissionalismo?

WIM3: Eu acho que foi a partir de quando veio o meu filho e aí eu tive que começar a pagar as minhas contas, né? Diferente de estar ali com o pai e com a mãe, a pensar no que eu ganhava, não só como uma bolsa que vinha e “tudo bem, eu tô ganhando mas eu

quero é jogar, quero investir em mim”, esse era o único pensamento que eu tinha. E depois que eu virei mãe tive uma outra preocupação com o dinheiro.

J: Ao longo de todo este percurso que diferenças você percebe entre o contexto nacional e aquele que você vivenciou no exterior?

WIM3: Eu acho que de um investimento que a gente não chegava nem perto de ter, né? Eu lembro de uma rodada que a gente brincou... Nós jogamos com a Rússia em 2012 e a gente ganhava um cachê de R\$ 1000,00 pra gente ir pra Olimpíada, mas era tudo pago, graças à Deus, né? Mas era um cachê de R\$ 1000,00 pra você estar lá naquele período ali e as meninas da Rússia estavam ganhando € 30.000 pra estar lá!

J: Nossa!

WIM3: E se elas fossem campeãs ganhavam mais um tanto disso, uma coisa assim. Então a gente brincava, assim... Claro, a gente não era do nível delas, todas elas eram campeãs mundiais, mas não tinha nem como comparar o investimento, o cuidado que era em relação a elas, a visão que era dada, a importância. No Brasil ninguém sabia que a gente tava na Olimpíada ou ninguém sabe que existe uma Olimpíada de xadrez, então é bem diferente.

J: De maneira geral, como você avalia a sua trajetória no xadrez?

WIM3: Hoje eu sinto muito orgulho, eu acho que na época que eu sai eu não tinha uma visão de um outro mundo que o Direito me deu de uma realidade normal, de pessoas que trabalham, que vivem uma vida de rotina. Trabalham, recebem, estudam... No xadrez a gente vive em um universo muito diferente, é um universo de muita viagem. É totalmente diferente a vida de um atleta se você comparar com a vida de um trabalhador comum. Então quando você tá dentro desse meio, às vezes você não consegue se enxergar e hoje, estando fora e iniciando uma carreira do início, sem ter nada... Eu sempre falo que eu tô engatinhando com o Direito, tenho que aprender, bater cabeça, tudo de novo, né? Como eu fiz com o xadrez desde o começo, agora eu tô fazendo com o Direito. Então essa visão me fez olhar pra trás e ver que “poxa, eu acho que cheguei longe”, sabe? No que eu podia... Hoje, pra eu chegar no Direito onde eu cheguei no xadrez eu acho que não vou conseguir [risos], se existir um comparativo. Então eu sinto muito orgulho da minha carreira, é claro que como eu te falei tem as frustrações, as

coisas que às vezes não passam, assim, sabe? Que você pensa que poderia ter feito diferente, assim, assado, né? Mas de modo geral eu acho que eu tenho que me orgulhar e são partes muito boas da minha vida, lembranças boas que eu tenho e sempre tento pensar como sendo uma experiência muito positiva. Apesar de não me dar conhecimento de vida pra minha carreira no Direito porque é uma carreira muito específica, mas ela te dá um conhecimento de cultura, de forma geral. Então ela tem as suas contribuições também, então eu vejo dessa forma, assim.

J: Em termos de atributos pessoais, o que você acha que uma pessoa precisa ter ou que seja importante que ela tenha pra exercer a modalidade?

WIM3: Hoje eu vejo que existem atributos que te ajudam no xadrez, existem pessoas que têm uma característica que parece que é boa pro xadrez, ela contribui. Mas às vezes tem pessoas que não aproveitam o talento que elas têm, essa característica, essa qualidade, exatamente, né? Então eu vejo que uma característica que serve pro xadrez, mas também pra qualquer outra coisa que você for fazer é a dedicação, eu acho que com muita dedicação e esforço você pode chegar muito longe, embora talvez não tenha uma característica, uma pré-disposição a algo que te levaria a ser o melhor jogador do mundo. Mas eu acho que essa é uma coisa muito importante, uma insistência, uma persistência que você tem que ter em tudo na vida e no xadrez não é diferente.

J: Destes atributos que você elencou, quais julga possuir?

WIM3: Eu acho que eu fui sempre muito dedicada, acho que essa era minha característica, se pudesse ter um diferencial. De ser muito dedicada... Talvez tivesse me dedicado mais, mas eu não vejo que eu tinha outro atributo ou uma característica especial pra jogar xadrez, até porque eu vejo que eu tenho muita dificuldade... Sempre tive muita dificuldade de memorizar, de aprender as coisas. Sempre foi na tentativa e no erro, no fazer de novo e de novo, nunca foi algo que “nossa, isso aqui eu pego muito fácil”. Não, sempre foi muito trabalho, né? Eu acho que é isso.

J: Você chegou a mencioná-lo, mas agora eu gostaria de te perguntar sobre o que você acha sobre a influência do talento na sua carreira?

WIM3: Eu não consigo me enxergar como alguém talentosa para o xadrez. Eu sempre me vejo como resultado de muito esforço, justamente por conhecer as minhas

dificuldades e não saber como superar elas. Por exemplo, eu te falei que eu tenho essa característica de ser bem pessimista e de não confiar em mim mesma, isso sempre foi muito desafiador pra mim. Isso em várias ocasiões me atrapalhou, pois eu ficava mais nervosa do que eu deveria e tirava o foco, às vezes. Parece que você se sabota às vezes dizendo “não sou capaz, não posso, não vou conseguir”, mas você tem que pensar outra coisa, tem que fazer. E eu lembro que uma das ajudas do Álvaro, nesse sentido, era que ele falava que não era psicólogo, mas ele entendia o que eu sofria e até, às vezes, se fazia como um psicólogo. Mas ele não podia me ajudar nisso, mas ele falava assim “nós vamos trabalhar o seu conhecimento até você chegar em um ponto que você vai confiar no que você estudou e vai te dar segurança”, né? E em algum momento eu senti isso, dentro das minhas limitações eu pude me agarrar nisso, eu tava confiante no que eu tava estudando. Então eu sabia que não ia perder uma partida tão fácil, pode acontecer mas dificilmente vão me ganhar tão fácil. Então eu tava confiante nisso, mas foi um período da minha vida porque eu sempre tive que lutar contra isso, né? Então eu vejo que era só o esforço mesmo, o trabalho contínuo pra me ajudar porque eu não tinha algo diferente em mim que me levasse “nossa, a menina deveria jogar xadrez porque ela é assim” [risos], eu não achava que eu tinha isso.

J: Considerando que a gente não tem WGM no Brasil, o que significou pra ti o alcance máximo do título internacional da modalidade?

WIM3: Isso significou muito pra mim, de ter alcançado o WMI você quis dizer, né?

J: Isso.

WIM3: Isso foi bem importante pra mim porque um dia eu sonhei com isso e eu queria muito um dia a chegar a ser mestre, né? Mas como eu te falei, quando isso aconteceu eu já tava de olho no Grande Mestre, né? Já tava próximo disso também, então isso veio como que naturalmente, eu sabia que isso ia acontecer. Não é nem querendo ser arrogante, mas eu já tinha força, eu já não diminuía mais dos 2200, então eu sabia que em algum momento isso ia acontecer. Mas com certeza pra mim foi muito importante porque era um dos meus objetivos mesmo, né?

J: Relacione as suas conquistas anteriores, quais você julga terem sido as principais como jogadora?

WIM3: Eu acho que ter ganho esses 4 Brasileiros adulto feminino pra mim foi bem importante porque eles vieram quase todos em uma época em que eu também era a número 1 do Brasil. Então eles me coroaram, assim, né? Foram conquistas importantes, as 2 normas de WGM foram importantes pra mim. Não é bem um título, mas foi um momento bem especial mesmo porque eu vinha de uma época que eu trabalhava muito pra isso e foi quando o WGM se tornou um pouco mais próximo. Eu acho que resultado em Pan-Americano que eu também fiquei em 3º no feminino em 2010 que foi o ano em que o meu filho nasceu, isso foi uma conquista pra mim. Acho que algo que me marcou foi ter ido pra minha primeira Olimpíada também, isso era um grande sonho que eu tinha. E também eu acho que alguns torneios no absoluto que eu ganhei que pra mim tiveram um gosto especial. São momentos que eu me orgulho de contar.

J: Bacana, já à guisa de finalização do roteiro, pra além dessas experiências que a gente já comentou relacionadas ao gênero no xadrez, algumas outras te marcaram?

WIM3: Em relação ao gênero?

J: Isso.

WIM3: Não, eu só sempre observei essa diferença que sempre existiu na minha época entre homem e mulher, assim, de nível, né? Eu sempre acompanhei essa diferença que era grande na minha época. Eu não sei explicar exatamente o porquê, mas isso acontecia. E depois eu peguei essa época que a gente jogava com os homens também que foi legal de viver essa fase também, mas sempre acompanhando essa diferença em relação, principalmente no Brasil... Por exemplo, o número 1 do Brasil a diferença de *rating* para o feminino sempre foi bem grande, acho que a gente conseguiu diminuir um pouco, mas ainda é bem grandona.

J: Daquela criança que iniciou no xadrez, o que ficou em quem você é hoje?

WIM3: Nossa! [pausa]. Meu Deus, nem sei te dizer isso, que pergunta, devia ter me preparado [risos]. Eu acho que o xadrez me ensinou muitas coisas que eu levo pra minha vida... [pausa]. Essa parte que eu aprendi com o meu pai de ser alguém dedicada é uma coisa que eu levo pra minha vida hoje com o Direito também, eu tenho o mesmo pensamento, a mesma certeza. Hoje eu faço com o Direito o que o meu pai fazia comigo, então eu vejo que eu tenho que estudar todos os dias e é isso o que eu me vejo

fazendo. E eu acho que eu me vejo um pouco podendo levar isso pro meu filho agora, né? Então, as minhas experiências de dizer pra ele, quando eu vejo ele tentar... Eu até vou chorar [voz embargada].

J: Fique à vontade!

WIM3: Quando eu vejo ele tentar a vida dele, né? Nos desafios que ele tem, por exemplo, ele começou a jogar futebol esse ano, então eu vejo as frustrações que ele tem, lições que ele tem, né? E eu consigo trazer algumas coisas do xadrez e mostrar pra ele, assim, “filho, a mãe fazia assim, eu também tinha medo, eu também achava que eu não ia conseguir, também treinava muito, muito e era muito insistente” [choro]. Então trazer essa experiência da minha vida pra vidinha dele, isso pra mim é bem importante de poder ensinar pra ele ver que a mãe dele também passou por essas coisas e em alguns momentos conseguiu se sair vitoriosa. Então isso é bem marcante pra mim, pra minha história de poder lembrar desses momentos e de me fortalecer como mulher frente aos meus desafios com o Direito, com a minha vida nova, né? Então a gente enfrenta os mesmos dilemas, as mesmas coisas, de forma diferente no seu contexto, mas as lições elas vão servindo sempre. Então isso ficou muito forte do xadrez pra hoje, né? Eu acho que eu sou a mesma menina competitiva, eu acho que ela existe ainda e acho que perseverante, assim, né? De fazer o meu trabalho silencioso assim como era com o xadrez. Quieta, sem ninguém saber, sem mostrar pra ninguém que tava sendo feito, às vezes difícil porque você está sozinha fazendo um trabalho que é bem sozinho e só teu, sem ninguém em volta. Então eu acho que continuo sendo essa menina de construir coisas aos pouquinhos e acho que são essas lições que ficam e que me ajudam hoje, sabe?

J: Excelente! Pra gente finalizar, eu deixei pro final pra ver se ele aparecia, mas o seu avô, que foi quem ensinou o seu pai, não surgiu muito nas suas falas. Por quê?

WIM3: É porque o meu avô [pausa]... É, eu vou chorar [choro]. Ele faleceu eu nem sei quantos anos já faz, mas o meu filho era pequenininho, acho foi em 2013 que ele faleceu. E a gente tinha muito amor por ele [pausa]. Ele é uma pessoa bem importante, sim. Ele era bem nervoso, mas ele era apaixonado pelos netos. Ele saía pela cidade e falava todos os países que eu tinha viajado, qual o torneio que eu ia jogar, então ele era bem orgulhoso nesse sentido. Bem família. E a gente sente muita falta dele, mas com relação

ao xadrez a carreira dele foi só aquela parte mesmo. Ele não se envolveu, não quis aprender mesmo com o meu pai depois que o meu pai sabia ensinar ele, ele não aprendeu, assim. Mas ele sempre fez parte dessa torcida, assim, digamos, né? De sempre se orgulhar muito, né?

J: Há algo que você queira acrescentar e que não foi contemplado neste roteiro?

WIM3: Pelo o que eu me lembro, agora, acho que não [risos]. Depois é que eu vou me lembrar, né? Mas até falando do meu avô ali que tu buscou, né? Até falei das minhas irmãs e tudo, essa relação com a minha família ela é muito forte. Todo mundo, por mais períodos... Que nem eu te falei no início, com as minhas irmãs talvez tenha sido um pouco difícil, mas eu tive uma rede de suporte, de amor. E mesmo elas, depois elas aprenderam a torcer, a estar junto, a se orgulhar. Então hoje, da mesma forma que eu falo delas, elas também falam de mim. Então eu tenho um privilégio muito grande, sim, da minha família. Foi sempre isso e graças à Deus eu tenho esse diferencial que sempre me sustentou, sabe. Acho que é isso.

J: Ok, então novamente eu gostaria de te agradecer por toda a atenção em relação à pesquisa e me colocar à disposição para quaisquer necessidades. Muito obrigada!

WIM3: Obrigada!

Apêndice F – Íntegra da entrevista (WIM 4)

J: Eu gostaria de te agradecer por toda a atenção em relação ao estudo. Sua idade?

WIM4: 31 anos.

J: Data de nascimento?

WIM4: 12/07/1991.

J: Gênero?

WIM4: Feminino.

J: Cidade de nascimento?

WIM4: Suzano.

J: Certo, cidade de residência?

WIM4: Suzano.

J: Cor da pele?

WIM4: Amarela.

J: Nível de escolaridade?

WIM4: Superior completo.

J: Cursado em qual instituição?

WIM4: Universidade de Mogi das Cruzes e Universidade Paulista.

J: Certo, em quais cursos?

WIM4: Administração de Empresas e Gestão de Tecnologia da Informação.

J: Certo, em qual delas você cursou cada um?

WIM4: Em Mogi das Cruzes foi Administração e na Universidade Paulista (UNIP) foi Gestão de TI.

J: Ótimo, atual ocupação?

WIM4: Enxadrista.

J: Certo, considerando o atual salário mínimo de R\$ 1320,00 – sinta-se à vontade para falar tanto em valores brutos quanto em faixas salariais – como você aponta a sua renda familiar mensal? Se você mora com mais pessoas, também as considere, se você mora sozinha, portanto é só a sua.

WIM4: Essa pergunta eu tenho que responder mesmo?

J: Fique à vontade caso você não queira respondê-la.

WIM4: Essa eu prefiro pular [risos].

J: Ok! Então agora eu gostaria que você pensasse um pouquinho nos membros da sua família durante a sua infância. Quem eram eles?

WIM4: Seria o meu pai, a minha mãe e o meu irmão.

J: Certo, então pra cada um deles a gente vai fazer uma caracterização de nível de escolaridade e de ocupação. Começando pela sua mãe, nível de escolaridade?

WIM4: Superior completo.

J: Ocupação?

WIM4: O que ela é hoje ou o que ela era?

J: O que ela é atualmente.

WIM4: Aposentada.

J: O mesmo para o seu pai?

WIM4: Superior completo e ocupação eu acho que pode por autônomo.

J: Certo, e para o seu irmão?

WIM4: Superior completo e ocupação [risos]... Ele faz várias coisas, eu não sei o que por. Sei lá, põe médico, eu não sei.

J: Ok, sem problemas! Então assim a gente encerra essa primeira fase do roteiro de caracterização e parte então para as questões um pouco mais dissertativas. Para iniciar, eu gostaria que você falasse um pouquinho sobre a sua trajetória no xadrez. Desde a iniciação, passando pelo alcance do título internacional da modalidade, até os dias atuais. Fique bastante à vontade, eu estou aqui para te ouvir.

WIM4: Eu comecei por causa do meu pai, ele primeiro... Ele era um aficionado do esporte, gostava muito, mas não no nível de competição. Mas mais de assistir, acompanhar, ler sobre, essas coisas, né? E aí quando nasceu o meu irmão, ele tinha acho que 4 pra 5 anos, ele começou a ensinar o meu irmão. O meu irmão é 1 ano mais velho do que eu – 1 ano e alguma coisinha – e aí ele logo iniciou, começou também xadrez por correspondência e tudo. Ele era bem pequenininho, nem sabia ler e aí o meu pai ajudava ele no xadrez por correspondência. E aí ele começou a ir pros torneios e a família inteira ia junto: minha mãe, meu pai, eu e meu irmão. A gente viajava bastante e normalmente eu ficava só assistindo, literalmente apoiada em cima da mesa. Eu ficava quase dentro do tabuleiro ali porque eu queria estar do lado dele assistindo, né? Mas eu

não sabia jogar nem nada e aí o meu irmão começou a se destacar, começou a ganhar troféus, começou a ganhar medalhas e a competição de irmãos entre a gente sempre foi muito forte porque a nossa idade ela é muito próxima. Então a competição entre a gente era sempre muito grande e ele tinha lá as medalhas, os troféus e eu não tinha nada, né? E aí aquilo ali começou a me surgir a vontade de querer aprender também. E aí eu falei pro meu pai que eu também queria aprender a jogar, que eu também queria ganhar troféu e aí ele falou que ia me ensinar. Ele me ensinou também quando eu tinha 4 pra 5 anos, também, igual o meu irmão. E aí com 5 anos ou menos até eu tava nos torneios. Todos que o meu irmão ia, eu acabava participando também e eu comecei dessa maneira. O nosso primeiro professor foi o nosso pai e conforme a gente foi evoluindo chegou em um momento que ele achou que a gente precisava de um professor porque já tinha passado um pouco do nível dele. O que ele podia ensinar, ele já tinha ensinado e aí a gente começou a fazer aulas com o Mestre FIDE Paulo Justi que ele é até autor de vários livros escolares. Hoje ele não joga mais, já é retirado do xadrez, mas na época ele era bem ativo. Meu pai trabalhava em São Bernardo, a gente morava em Suzano e nas folgas dele a gente ia pra São Bernardo pra treinar com esse professor. E aí a gente começou, o meu irmão começou a ganhar torneios e eu sempre no começo era só acompanhante mais do meu irmão, tudo o que ele fazia eu ia junto. Mas aí eu comecei a me destacar também porque eu ganhei o meu primeiro... Na época chamava Paulista Dente de Leite eu acho, acho que hoje não chama mais assim. Mas na época chamava Paulista Dente de Leite e aí eu ganhei o meu primeiro Paulista e aí o meu pai começou a prestar atenção em mim, né? O feminino naquela época ainda era um nicho menor do que é hoje, tinha muito poucas meninas. Em vários torneios que eu joguei eu era a única menina do torneio, mas pra mim isso nunca foi um problema porque eu estava sempre acompanhada da minha família toda. Aí eu ganhei esse torneio, o meu pai começou a olhar mais, as pessoas começaram a falar pra ele que eu tinha uma certa facilidade, um certo talento e ele começou a ouvir essas pessoas. E aí ele começou a me treinar mais também, ele lia os livros comigo, me ajudava a fazer as lições e aí eu comecei assim. E aí quando eu tinha... Acho que o meu primeiro Brasileiro eu fiquei em 3º lugar, acho que foi lá em Jaraguá do Sul. Acho que a campeã foi a Feliciano, a gente jogou nesse torneio e eu empatei com ela. E aí depois desse torneio eu acho que eu fui pra um Pan-Americano que foi em Bento Gonçalves, né? Foi o meu primeiro Pan-Americano, eu

não fui bem, assim, né? Talvez razoavelmente bem porque eu estava começando, mas no meu segundo Pan-Americano que foi na Argentina eu fiquei em 3º lugar que foi um Sub-10. E aí no ano seguinte, no meu terceiro Pan-Americano que também foi na Argentina eu fiquei em 1º lugar. E aí depois eu virei WMF por causa desse torneio, o Pan-Americano, porque quando você ganha o torneio você ganha o título direto, né? E aí depois eu ganhei mais 3 Pan-Americanos de categorias e quando eu tava no meu último ano Sub-20 eu ganhei o Sul-Americano feminino e aí eu virei WMI. E aí depois de 2017... 2017 eu virei MF, Mestre FIDE, e fui a primeira mulher brasileira a passar os 2300 de FIDE. E com isso eu tinha uma norma de WGM e hoje faltam 2 normas de WGM pra eu chegar no título.

J: Interessante, agora eu vou te fazer algumas questões pra gente se aprofundar um pouquinho com base naquilo que você me contou. Me conta um pouquinho sobre as práticas que você tinha com o seu pai nessa iniciação: o que é que vocês faziam, que tipo de sentimentos você vivenciava, como era pra ti aprender em tão tenra idade?

WIM4: Eu lembro que pra mim era sempre tudo uma brincadeira porque era uma coisa que a gente fazia em família. Era um momento que era de nós três, então acho que isso criou laços muito grandes. Até hoje o meu irmão e eu gostamos de jogar, hoje ele mora em São Luís e então a gente não se vê com tanta frequência, mas sempre quando ele vem pra cá ele quer jogar uns *blitz* comigo. Então ele sempre quer meio que se remeter àquela época da infância que a gente jogava bastante. E a época que eu tenho com o meu pai eu tenho boas recordações, eu lembro uma época que eu acho que ganhei um livro do Bobby Fischer e era um livro de exercícios. E aí eu lembro da gente resolvendo, minha vó tem um sítio e aí quando a gente ia pra lá a gente ficava a tarde inteira resolvendo esse livro, ele me ajudava porque eu não sabia ler ainda. Eu era tão pequena que nem sabia ler e aí ele falava o que tinha que fazer e aí eu resolvia os exercícios, mas era muito legal. E as viagens que a gente fazia pra poder ter aula... Porque depois do Justi a gente fez aula com o Matsuura. Só que o Matsuura ele morava lá em Piracicaba e é meio longe, né? Suzano pra Piracicaba deve dar quase 3 horas aí, umas 2 horas e pouco, sei lá. E aí era em 1 dia que a gente fazia a aula, ficava a tarde inteira e voltava pra casa super de noite. O meu pai perdia as folgas dele pra gente poder treinar e ele levava até Piracicaba. E eu lembro que a parte mais legal que eu gostava – eu até brinco com o Everaldo hoje – não era da aula em si – claro que a aula dele era

muito legal – mas eu era criança, a aula pra mim não era o mais importante. Mas lá em Piracicaba, depois da aula, a gente ia pra um restaurante lá e era um restaurante só de batata, eu adoro batata. E aí eu comia lá a batata e o restaurante dava aqueles desenhos pra criança pintar, né? Aí eu adorava esse restaurante porque eu ia lá, ficava comendo e pintando. E o Everaldo, enquanto a gente comia, ele contava as histórias. O Everaldo, não sei se você chegou a entrevistar ele, conhece ele o Matsuura?

J: Já, foi inclusive a minha entrevista mais longa [risos].

WIM4: Eu imagino porque ele tem muitas histórias, é uma pessoa muito culta, sabe falar de tudo. Então assunto com ele é o que nunca acaba, né? Então aí era muito legal, tanto que eu tenho várias recordações de várias histórias que ele contava na época. Pra mim era um momento mais divertido.

J: Certo, e você comenta então que o seu pai, embora seja um aficionado, era um amador?

WIM4: É, podemos dizer que ele pode ser considerado um amador. Ele até chegou a jogar alguns torneios, se você botar o nome dele lá vai aparecer na base alguns torneios que ele jogou. Mas ele não lidava muito bem com a derrota, então não é algo que todo mundo tá disposto, né? Perder, assim, não é todo mundo que se dá bem com isso, né? É um jogo, então tem esse fator de você perder e algumas pessoas não gostam muito de perder. E aí prefere ficar só olhando [risos].

J: Certo, e no ambiente familiar você já contava com livros, tabuleiros? Me conta mais um pouquinho sobre como era isso.

WIM4: Tinha livros, tinha tabuleiro mas eu nunca dei muita bola pros livros. Eu fazia muitos livros de tática, de exercícios, mas a parte de estudos sempre ficou mais com o meu irmão. O meu irmão, sempre, até hoje, ele é muito estudioso. E ele pegava os livros, lia por conta própria, mas eu era mais preguiçosa e não gostava muito da parte teórica, eu gostava mais da parte prática. Então quando era exercício eu gostava muito de fazer os livros, mas quando tinha que ler o meu pai tinha que pegar os livros e aí a gente tinha um momento de estudo. Eu não lembro quantas vezes na semana era, mas pelo menos 1 vez por semana a gente tinha o momento do lance do mestre que o meu pai pegava algum livro dele, ele lia... E também porque a maioria dos livros era ou em

inglês ou espanhol e na época, quando eu era criança, eu não sabia falar... Eu não sabia ler em inglês, eu não sabia ler em espanhol, então o meu pai meio que traduzia o livro pra mim e lia, aí eu estudava com ele.

J: Entendi, você comenta sobre uma competição entre irmãos. Como eram esses momentos de treinamento que o seu pai compartilhava entre você e ele?

WIM4: O meu irmão sempre foi mais autodidata eu acho, ele era mais independente nos estudos. Eu já era mais dependente e precisava de alguém pra estudar junto. Mas todo dia a gente jogava um pouquinho, eu e meu irmão, eu não gostava muito porque o meu irmão na maioria das vezes ganhava, né? Então eu era meio que o saco de pancada, mas eu gostava porque ele me ganhava, mas depois ele explicava o porquê eu tinha perdido. Então ele meio que me dava uma aula também, ele falava “ah, é porque você fez isso aqui, você fez isso errado de novo”, né? Então o meu irmão sempre foi meio que o meu professor junto com o meu pai também, a gente sempre tentava treinar junto.

J: O seu irmão chegou a participar de algumas competições oficiais? Conta um pouquinho sobre a trajetória dele.

WIM4: Sim, ele chegou a ter 2400, ele passou de 2400 de *rating* FIDE e fez uma norma de Mestre Internacional. Mas ele estava mais preocupado com a questão financeira, sempre foi mais preocupado com essa questão do que eu. Talvez por ser homem, não sei, talvez homens tenham essa preocupação maior do que as mulheres, não sei. E aí ele achava que xadrez era meio incerto, não via com muita clareza as oportunidades no xadrez e ele preferiu se dedicar a outras coisas. Ele é formado na Federal em Engenharia de Automação e Robótica, só que depois ele não gostou dessa área da Engenharia e aí ele resolveu ser médico e se formou na Federal de Medicina em São Luís. E agora é médico.

J: De onde você acha que se engendrou ou como se constituiu o seu interesse pelo xadrez?

WIM4: Eu diria que foi por causa do meu pai e do meu irmão, mas muito mais por causa do meu irmão ter se destacado e por ele ter ganhado os troféus. Porque talvez se ele não tivesse ganhado tanto troféu e se destacado... Porque logo cedo ele começou a ganhar Campeonato Paulista, deu simultânea bem criança, aquilo tudo, aquela atenção

que ele tava tendo chamou a atenção, a minha atenção, né? E eu falei “eu quero isso pra mim, eu também quero ganhar troféu e receber essa atenção que ele tá tendo”. E aí eu também me interessei pelo jogo, vi que aquilo ali poderia ser legal, porque até então eu só ficava brincando com as bonecas, tanto que tem várias fotos que eu tô lá no campeonato de xadrez com as bonecas, carregando as bonecas junto [risos].

J: Pensando em toda a sua trajetória, houve interrupções, rupturas no processo ou este se deu enquanto um percurso mais contínuo?

WIM4: Eu acho que eu nunca parei de jogar xadrez, se eu for olhar a base de partidas, pelo menos 1 torneio no ano eu devo ter jogado. Então eu posso dizer que eu nunca parei de jogar xadrez, mesmo quando eu estava na época das duas faculdades que eu fiz. Sempre tava emendando um torneio ou outro, sempre tava competindo, participando das Olimpíadas. Eu parei mesmo foi na pandemia, né? Mas porque realmente não tinha como jogar os torneios, eu não queria me arriscar também porque durante a pandemia eu engravidei, então eu achava meio perigoso pra mim. Então o tempo que eu fiquei mais sem jogar xadrez foi na pandemia, acho que 1 ano e meio sem jogar presencialmente. Mas, mesmo assim, eu não deixei de participar dos torneios *online*, tiveram vários torneios *online*, teve as 2 Olimpíadas *online*, eu participei das 2 Olimpíadas *online*. Lembro que eu não queria participar na segunda porque eu tinha acabado de ter o meu filho, na época ele devia estar com 5 meses eu acho, e eu fazia livre demanda com ele, amamentação livre demanda. Então pra mim era muito difícil porque quando você joga *online* nesses campeonatos oficiais você tem que ter uma câmera na frente e uma câmera do lado, são duas câmeras. Então eu ficava pensando como eu vou amamentar o menino e tem a câmera ali, né? Eu não me sentia confortável, por mais que não foi uma coisa que eu pedi pra organização, “talvez eu tenha que amamentar aqui”, porque você pode fazer isso. Mas eu não pedi pra eles porque eu não ia me sentir confortável de estar jogando com um monte de gente assistindo ao vivo e eu ter que amamentar. Eu não me senti à vontade, mas mesmo assim não parei de jogar.

J: Em relação aos seus primeiros contatos com o xadrez, você se lembra da idade da sua primeira competição oficial?

WIM4: Competição oficial você fala que seria uma competição da confederação ou que tipo de competição?

J: Institucionalizada, pode pensar em federações, confederações...

WIM4: Ah, eu não vou lembrar a idade, mas provavelmente foi com uns 5 anos, assim. Mas eu não vou lembrar qual foi porque eu jogava muitos torneios, em quase todo final de semana eu tava em algum torneio, a gente viajava bastante mesmo. Mas se eu perguntar pro meu pai talvez ele fale, ele tem uma pasta onde ele tem tudo, as classificações, ele imprimia tudo. Ele tem tudo documentado, mas eu não vou ter essa lembrança.

J: E na escola, havia a presença do xadrez?

WIM4: O xadrez foi bastante importante na escola porque a nossa família não era uma família que tinha muito dinheiro. Era uma família classe média normal que tem suas dificuldades, os pais fazem aquelas economias e trabalham, tentam dar o melhor pros filhos, então era uma família típica, assim. E aí a gente estudava em escola particular e graças ao xadrez a gente pagava... Era eu e o meu irmão na escola e a gente tinha acho que 50% de desconto cada um, então ficava uma mensalidade só e era graças ao xadrez porque a gente se destacava no xadrez, então eles davam esse desconto. Também teve uma época, quando a gente estava no colegial, que pra gente ganhar um pouquinho mais de desconto o meu pai começou a dar aula lá de xadrez. E aí 1 vez por semana, durante a folga dele – porque ele trabalhava a noite, eu acho que ele tinha mais folga, eu não sei direito como é que é, mas quando você trabalha a noite você tem umas folgas diferentes, né? – e aí em uma das folgas dele, por 1 vez na semana, ele dava aula na escola.

J: Vocês então chegaram a ter aulas com ele?

WIM4: Na escola?

J: Isso!

WIM4: Ah, não! Na escola não porque era pra iniciantes [risos]. Mas às vezes o meu pai pedia pra aparecer lá pra brincar com os colegas ou pra ajudar ele a corrigir lição. Então às vezes a gente aparecia lá pra ajudar o meu pai só, mas não pra fazer aula em si.

J: Entendi. Maior parte do seu nível de escolaridade foi cursado então enquanto bolsista em escolas particulares, é isso?

WIM4: Do colégio sim. A Universidade de Mogi das Cruzes não, mas eu pagava... As minhas duas foram particulares, né? A de Mogi das Cruzes eu pagava a minha mensalidade com o dinheiro que eu ganhava do xadrez. Com o dinheiro que eu ganhava eu conseguia pagar a minha mensalidade. E a outra eu ganhei a bolsa integral da UNIP porque eu representava a faculdade em campeonatos universitários, então essa eu não paguei, eu estudei de graça.

J: Pensando ainda no seu ciclo de Educação Básica, na sua época de colégio, como era o xadrez na sua escola? Havia aulas na grade curricular, era no formato extracurricular? Me conta um pouquinho.

WIM4: Era uma atividade extracurricular, era atividade extra, então fazia quem queria a tarde, 1 vez por semana.

J: Vocês tinham um professor, como eram essas aulas pra ti? Me fale um pouquinho sobre essa época.

WIM4: Com professor de xadrez?

J: Isso!

WIM4: Bom, o professor de xadrez era contratado particular que o meu pai pagava ele. Na época a gente teve o Matsuura que foi durante alguns anos, depois a gente começou a ter aulas com o Pelikian. Com o Pelikian eu acho que foram 8 anos que a gente teve aula. E a gente não fazia muitas aulas, normalmente era, no máximo, 1 vez por semana ou menos. Com o Everaldo era mais, assim... Talvez 2 vezes no mês que a gente ia lá em Piracicaba porque era muito custoso. Pro meu pai poder pagar essas aulas, ele tinha que abrir mão de outras coisas, ele deixava de usar esse dinheiro pra outras coisas pra investir no nosso treinamento. Então a gente não podia ter muitas aulas. Hoje eu sou treinadora de xadrez, dou aulas de xadrez e não é um investimento muito barato, principalmente quando você olha a renda da população brasileira. É um esporte caro se você for querer ter aulas, mesmo, de xadrez, né?

J: Que peso você atribui ao seu investimento pessoal na construção da sua habilidade no xadrez, do que é que você teve que abrir mão?

WIM4: Abrir mão acho que, por exemplo, foi de muitas festas... Tudo bem que eu não gosto muito de festas, mas sempre tinha algumas comemorações, aniversários ou algum encontro dos amigos. A galera combina de fazer um churrasco, de ir na casa de alguém e, por conta dos torneios, eu tive que abrir mão muito dessas questões sociais de você, assim, não ser considerada uma pessoa normal porque a nossa realidade é uma realidade muito à parte da realidade normal das pessoas. A gente não bate ponto, por exemplo, como a gente é autônomo, na maioria das vezes e tem os torneios, a gente tá sempre meio que em um mundo paralelo. Eu sempre tive a impressão que o meu calendário ele voa muito mais rápido do que o das pessoas, por exemplo, agora estamos em junho e pra mim o ano já acabou porque eu tenho evento até dezembro. Eu acabei de voltar de uma viagem e semana que vem eu já vou viajar de novo e assim vai. E aí passa muito rápido, o mês voa. Nós ainda estamos em junho mas, pra mim, quando chega o segundo semestre do ano o ano já acabou. Inclusive se colocar muitas coisas no calendário terão muitas coisas pra fazer. Mas eu acho que em âmbitos sociais seria isso mesmo, abrir mão dessas coisas normais das pessoas, reuniões familiares eu perdi muitas. Na minha família é muito normal “ah, a Juliana não tá, tudo bem, é normal, tá em algum torneio”.

J: E quando a gente pensa em terceiros, por exemplo, seus familiares, o que é que você acha que eles tiveram que ter enquanto investimento pessoal pra que você construísse a sua habilidade no xadrez?

WIM4: O meu pai, pessoalmente, eu acho que teve que abrir mão de muita coisa. Ele abriu mão dos dias de folga dele pra investir no nosso tempo de xadrez, às vezes abria mão das férias porque ele queria levar a gente pra alguma viagem de xadrez e queria acompanhar a gente, principalmente quando a gente era criança. A minha mãe também tinha que abrir mão, às vezes, das férias. A minha tia também ajudou muito porque às vezes o meu pai ou a minha mãe não podiam tirar férias e ir com a gente e a minha tia tinha mais flexibilidade no trabalho dela, então ela conseguia acompanhar a gente em alguns torneios. Meus avós também acompanharam a gente em muitos torneios porque às vezes quando era uma distância muito longa a minha mãe tinha medo de dirigir e meu avô pegava o carro e dirigia. E aí ia a família inteira, minha vó, minha mãe, eu e meu irmão. Então eu acho que a minha família eu posso dizer que eles sempre me apoiaram muito e até hoje eles me apoiam muito. Principalmente hoje que eu tenho o bebê, aí pra eu poder viajar eles têm que me ajudar se não, não dá e pra eu ter que

trabalhar também. Então eu acho que a minha família gosta muito porque está sempre me apoiando.

J: Quais expectativas você tinha sobre si?

WIM4: Quando?

J: Pode pensar em sua trajetória, então em diferentes épocas, desde a iniciação, especialização, até os dias atuais.

WIM4: Quando criança eu não tinha expectativa nenhuma, nunca... Não sei, meus pais nunca direcionaram – principalmente a minha mãe – a algo como “ah, você quer ser campeã do mundo”, eu nem sabia que isso poderia ser uma possibilidade. Eu só ia pros torneios e jogava, mas eu nunca ficava “ah, eu quero ser campeã pan-americana, eu quero ser campeã brasileira”. As coisas simplesmente aconteciam, mas eu não ficava pensando em termos de resultados, eu só ia lá e participava do torneio. Por exemplo, o meu primeiro Pan-Americano, quando eu ganhei, eu nem sabia o que era um Pan-Americano. A palavra Pan-Americano, eu não sabia o significado, eu não sabia o porquê que quando eu cheguei de viagem tinha um monte de gente no aeroporto com bandeira, *banner*, todo mundo feliz e eu não entendia o porquê do auê. Pra mim era só mais um torneio qualquer e eu não entendia a importância. Hoje, claro, eu sei a importância, mas na época eu era muito pequena, eu tinha 10 anos quando eu ganhei o meu primeiro Pan-Americano e realmente não tinha dimensão nenhuma. Então de expectativa eu nunca criei muitas expectativas.

J: Essa liberação de expectativas se estende às fases de especialização e aos dias atuais de sua carreira?

WIM4: Acho que hoje eu também não coloco muita expectativa porque eu acho que não é muito bom você criar muitas expectativas. Então tudo o que eu faço hoje eu considero como sendo um bônus de eu estar podendo fazer, principalmente depois que eu virei mãe. Eu não sei se você tem filhos ou não, mas quando você vira mãe o seu tempo meio que não é mais teu, você não é mais dona do seu tempo. Antes eu era dona de mim, eu fazia viagens e se eu não quisesse voltar pra casa eu não voltava, mas hoje eu não posso fazer isso, tenho responsabilidades. Tenho deveres e um serzinho que realmente

necessita da minha presença, então hoje tudo o que eu faço eu coloco como um bônus e a minha prioridade é o meu filho.

J: Ainda em relação às expectativas, você sentia ou sente o depósito delas por terceiros, por outras pessoas?

WIM4: Às vezes as pessoas colocam muita expectativa sobre mim, principalmente no período de 2017 quando eu virei Mestre FIDE e passei a barreira dos 2300. Mas eu nunca coloquei... Eu nunca adotei essas expectativas dos terceiros, eu nunca deixei eles colocarem essa expectativa toda em cima de mim porque eu acho que isso faz muito mal pra pessoa. Mas, sim, muitas pessoas sempre botaram muitas expectativas em cima de mim, mas eu nunca absorvi elas.

J: Você já comentou um pouquinho, mas se possível eu gostaria que você discorresse mais sobre como se deu a alteração da sua preparação e rotina de treinamento ao longo das suas fases de iniciação, principalmente, e especialização. O que é que você sentia de diferente?

WIM4: Bom, até mais ou menos a adolescência, uns 16 anos, todas as aulas que eu fazia, eu fazia em conjunto com o meu irmão. A gente sempre fez as aulas... Se o meu pai pagava a hora do professor, eu era tipo o chaveirinho, eu ia junto no pacote. Mas as aulas eram normalmente direcionadas ao meu irmão, eu meio que acompanhava. E aí depois eu comecei a fazer aulas sozinha quando eu comecei a ir pra Olimpíada, a primeira eu acho que foi em 2008 e o meu irmão já tava deixando meio que de lado o xadrez porque ele tava focando pra passar na faculdade e na época ele também se dedicava ao pôquer e tinha outras atividades, então ele foi se afastando um pouco do xadrez e foi ficando mais eu naquela época. Aí em 2018 foi quando eu comecei a ver que a Olimpíada é algo muito importante, nessa época eu comecei a ver a magnitude das coisas, a grandeza das coisas e a importância da Olimpíada. Então eu comecei a treinar mais por minha conta, porque até então aos meus 16, 17 anos eu nunca tinha estudado sozinha. Eu sempre fazia as aulas junto com o meu irmão, participava dos campeonatos, mas eu nunca tinha tentado e aberto um livro. Tanto que até hoje eu não terminei a tarefa que o Pelikian me deu quando a gente fez a primeira aula quando eu tinha 14 anos. Até hoje eu não terminei essa tarefa que era de terminar de ver um *match* lá e terminar o capítulo de um livro, até hoje eu não fiz a tarefa, então realmente estudar não

era a minha área [risos]. Mas depois de 2018 quando eu participei da minha primeira Olimpíada eu comecei a estudar mais por minha conta e depois que eu comecei a estudar mais mesmo foi a partir, mais ou menos, de 2018, 2017 que foi aí que eu vi que eu ia viver disso. Que ia começar a dar aula e aí quando eu comecei a dar a minha primeira aula eu comecei a perceber que eu precisava estudar. Não é você ser só um bom jogador, mas tem toda a questão da didática. Não adianta você ser um excelente jogador, mas se você não souber explicar e passar aquilo que você sabe pra quem está te escutando, quer dizer que você não é um bom professor. Então eu comecei a estudar muito sobre didática, essa parte, entendeu? De ensinar, comecei a ver coisas muito básicas de quando eu deveria ter estudado quando eu era criança e não estudei. E aí me fez falta nessa época que eu comecei a dar aula porque eu pulei algumas coisas. Pra mim era óbvio, mas pro meu aluno que tava aprendendo, não era nenhum pouco óbvio. Então eu tinha que pegar uma certa base que na verdade já era pra eu ter, mas eu não tinha porque eu não havia feito a tarefa e aí eu comecei a pegar mais isso lá pra 2017 mais ou menos.

J: Qual é a importância ocupada pelo xadrez ao longo da sua história?

WIM4: Acho que sempre... Acho que o xadrez até 2020 ele sempre esteve em primeiro lugar, o xadrez. Acho que ele caiu pra segundo lugar depois que o meu filho nasceu, aí o primeiro lugar é dele. Mas até então eu acho que sempre foi o primeiro lugar, se tinha uma coisa que eu gostasse muito, um show de uma banda que eu gostasse muito, mas ia ter um campeonato de alguma coisa, eu ia pro campeonato. Eu sempre escolhia o campeonato. “Ah, mas vai ter que fazer o quê”, mas vai ter o campeonato, então é o campeonato, eu não posso faltar do campeonato, no campeonato eu tenho que ir. Então o xadrez sempre esteve em primeiro lugar.

J: Houveram temores, aflições, decepções ou mesmo dificuldades ao longo deste percurso?

WIM4: Ah, com certeza! Enxadrista o que mais tem na vida são decepções [risos]. Então é algo muito difícil porque você precisa sempre estar achando alguma motivação pra você estar continuando porque... Igual agora eu fiz uma viagem que eu joguei 2 campeonatos e eu não fui bem, eu cai 30 pontos, entendeu? Isso é muita coisa, muita coisa, é 1 ano inteiro de trabalho perdido, digamos mais ou menos assim. Então dói

muito e aí você às vezes até fala que vai parar de jogar. Eu acho que eu já falei que eu ia parar de jogar umas 20 vezes já, mas eu sempre volto a jogar [risos]. Sempre tem as decepções no xadrez, eu acho que é o que mais tem, mas o importante é você aprender com essas decepções, né? Então toda vez que isso acontece você tem que recapitular, ver o que é que aconteceu, ver o que não deu certo, mudar o que tava ruim, tentar melhorar. Mas faz parte do processo, hoje eu lido muito melhor e também eu sempre me dei bem com isso porque eu nunca coloquei... O xadrez sempre esteve em primeiro lugar, mas eu sempre disse pra mim mesma que a vida é mais do que o xadrez. Então eu não posso achar que acabou a minha vida se o xadrez não existir. Apesar de eu sempre ter colocado ele em primeiro lugar, eu sempre também coloquei assim “não, se não tiver xadrez, eu arranjo alguma coisa pra fazer”. Porque eu via muitas pessoas próximas a mim de torneios, né? Colegas de torneios que sofriam e sofrem muito quando isso acontece, quando as decepções acontecem porque acontece muito e quando acontece normalmente é muito forte, muito pesado. Você chega e começa a chorar e fala que nunca mais quer jogar xadrez na sua vida, é um sentimento muito forte. Então eu sempre via aquilo e falava “não, eu não posso padecer nisso”, se não a pessoa fica doida, né? Você começa a perder os cabelos de tanto que você fica lá arrancando os cabelos durante a partida. E começa a fazer algumas coisas que são meio absurdas, então eu sempre falei que não queria isso pra mim. Então se não tiver xadrez, eu vou fazer outra coisa.

J: Neste mesmo sentido houveram algumas restrições, limitações ou mesmo proibições advindas da prática?

WIM4: Limitações, talvez, tenha sido a financeira porque realmente xadrez não é um esporte... Todo mundo fala que... Talvez, comparado aos outros esportes pode ser que ele seja mais barato, mas mesmo assim quando você coloca em um nível de competição, de alto rendimento, nenhum esporte vai ser barato porque você precisa se dedicar completamente ao seu treino, você precisa contratar um treinador, você precisa pagar as suas viagens. Porque conforme você vai crescendo, às vezes você começa a receber convites, você começa a fazer trabalhos... A maioria dos torneios que eu jogo eu não pago, geralmente se eu tenho que pagar são algumas exceções só, mas a maioria dos torneios que eu jogo no Brasil eu recebo o convite e eu não tenho que pagar. Às vezes

eu tenho que pagar a minha passagem, mas normalmente é tudo pago e às vezes tem um cachê pra você ir. Mas, onde é que eu tava, perdi o raciocínio? [pausa].

J: Falando das limitações financeiras, né?

WIM4: Ah, sim! Do suporte. E aí, por exemplo, hoje eu dou aulas, minha renda maior vem das aulas e se eu parar de dar aulas fica meio complicado pra mim porque eu não consigo pagar as minhas aulas do meu professor, por exemplo. Então eu dou aula pra eu poder fazer aula de xadrez. Agora se eu só fizesse o treinamento pra mim, talvez eu estudasse mais, mas é muito caro porque tem que pagar o professor e, pra isso, você tem que dar aula. E aí isso é uma limitação que acontece muito com a maioria dos atletas no país que não consegue se manter só pra ele, porque só pra você treinar você precisa acordar, trocar de roupa e só treinar, só praticar, só estudar, só respirar o seu treino. Só que isso não acontece porque a gente tem que pagar os boletos da vida, né? Então não tem como você manter o seu treino, ao não ser que você tenha patrocínio, que você receba uma bolsa, aí você pode se dedicar só ao treino, né?

J: O que o xadrez representa pra você?

WIM4: Pra mim ele é a minha vida porque tudo o que eu fiz até hoje eu consegui por causa do xadrez. Então eu diria que é a minha vida, mas eu não daria a minha vida pelo xadrez [risos]. Mas sou muito grata a ele porque me abriu muitas portas, muitas oportunidades.

J: A gente já falou um pouquinho sobre o seu interesse e agora eu gostaria de saber sobre o seu gosto. Como se constituiu o seu gosto pelo xadrez?

WIM4: O meu gosto pelo xadrez veio da competição, eu sou uma pessoa um pouco competitiva e ainda era justamente com o meu irmão, né? Então começou daí, pela competição.

J: Essa competição que começou a partir do seu irmão em ambiente familiar, em casa, se estendeu ao longo deste percurso por quais outros meios?

WIM4: Hoje o gosto pelo xadrez é mais porque é a minha profissão, é o meu ganha-pão, então eu tenho que ter gosto por aquilo que eu faço, se não vou fazer mal feito, não ser uma pessoa feliz. Então eu gosto muito... Não sei, eu não sei fazer outra coisa! Eu

gosto de estudar xadrez, eu gosto de ensinar xadrez, eu gosto de participar dos torneios, principalmente, de viajar, de jogar. Eu acho que a parte de viajar e conhecer novas culturas, novas pessoas, novos lugares é a parte que mais me atrai quando eu falo assim “por que é que eu gosto de jogar xadrez” pras pessoas, né? Acho que essa parte de conhecer o desconhecido é a parte que mais me atrai. Por exemplo, nessa última viagem eu conheci pessoas de lugares que eu nem sabia que existiam, tipo Ilha Martinica. Eu nunca nem tinha ouvido falar de Ilha Martinica que é uma ilhazinha minúscula do Caribe ali, eu conheci uma mulher no avião que era da Ilha Martinica. E eu gosto de conversar muito, no tempo que eu viajo eu converso com as pessoas que estão do lado, no avião. E, não sei! Eu conheci muitas pessoas, conheci a mulher da Colômbia e ela todo ano ia pra Havana que era pra onde eu estava saindo. E aí ela estava me contando a visão dela sobre Cuba, então eu tinha a minha visão sobre Cuba, eu tinha a visão dela sobre Cuba, eu tive a visão de um outro homem de outro voo que veio comigo que era cubano e foi morar no Chile e ele me contou porque ele saiu de Cuba e porque ele tava indo pra Cuba nesse voo. Conheci uma mulher que era de Cuba e que fazia *Uber* nos Estados Unidos, então esse negócio de conversar é uma parte do xadrez muito legal porque eu conheço muitas pessoas por causa dessas viagens, né?

J: Você comentou em uma das questões sobre o tamanho do apoio do familiar que teve e ainda tem durante a sua trajetória. Para além do seu pai e do seu irmão, existe na sua família outras pessoas que já tem contato com a prática?

WIM4: O meu marido ele sabe jogar, a gente se conheceu pelo xadrez, mas ele não é ex-jogador de xadrez. Eu diria que ele é igual o meu pai, um jogador bem amador. E só, nenhum outro familiar quis aprender a jogar. Recentemente a filha da prima da minha mãe me pediu um jogo de xadrez, aí eu presenteei ela com um tabuleiro, um jogo de xadrez, um livro de xadrez. Ela descobriu que eu jogo xadrez, porque eu não fico falando muito pras pessoas “olha, eu jogo xadrez, não sei o quê, eu sou a número 1 do Brasil, não sei o quê ou ganhei o Brasileiro, não sei o quê”. Não falo isso pras pessoas, as pessoas falam pra mim e eu falo “ah, legal” e tal, mas eu nunca fiquei falando. Então às vezes alguém da família descobre alguma coisa e aí surge um leve interesse. Por exemplo, meus primos nunca vi nenhum que se interessou por jogar xadrez. Meu pai tentou ensinar todos os meus primos e nenhum teve o interesse, teve até 2 primos meus que chegaram a jogar torneios que meu pai ensinou mas eles odiaram [risos]. E foi o

único que eles foram e nunca mais eles quiseram jogar xadrez. Mas na família ninguém sabe jogar, a minha mãe só sabe o nome das peças e sabe... Eu acho que ela não sabe montar o tabuleiro de xadrez, ela tá aprendendo com o meu filho agora que ele que fala pra ela, já que está com 2 anos, ele fala pra ela como é que monta o tabuleiro. Mas a minha mãe nunca teve interesse em aprender, ela sempre apoiou a participar dos torneios, levava, esperava, porque pra quem acompanha é muito chato. Tanto que meu marido foi em 2 torneios e ele nunca mais quis ir porque é muito chato pra quem não é do meio, né? Então a minha mãe, mesmo assim ela sempre ficou lá esperando acabar e me acompanhou.

J: O seu pai já chegou a comentar contigo, em algum momento, como ele aprendeu a jogar?

WIM4: Acho que ele tinha comentado, mas não é uma coisa que eu perguntei muitas vezes pra ele. Mas se eu não estou enganada, ele aprendeu na faculdade que ele tinha falado com algum amigo dele. Desde então ele gostou e aí na época saia em algum jornal uma matéria sobre xadrez, tinha uma coluna no jornal sobre xadrez e aí ele tem até os recortes que ele fazia e guardava. Ele gostava de ler bastante e também porque acho que por causa do Méquinho, né? O xadrez naquela época era mais falado do que hoje, porque o Méquinho na época era bem famoso, bastante famoso. Graças ao Méquinho, naquela época, muita gente aprendeu a jogar xadrez.

J: E o seu filho, já está tendo então os primeiros contatos?

WIM4: É, ele brinca mas dura 2 minutos no máximo, depois ele começa a tacar as peças na minha cabeça [risos]. Mas eu não forço ele, eu não forço. Mas enquanto eu tava fora agora ele jogou bastante xadrez com o pai dele, eles tentavam fazer todo dia uma sessãozinha, ele tem a mesinha dele e aí às vezes ele quer montar, ele pede pra montar. Ele já sabe o nome das peças, sabe montar mais ou menos, não 100%, mas já tá lá querendo. Mas ele sabe com o que eu trabalho, quando perguntam pra ele qual o trabalho da mamãe ele fala “a mamãe joga xadrez”, ele fala “xadrez”. Aí quando eu tô viajando e perguntam pra ele o que eu tô fazendo, ele fala “xadrez”.

J: Que gracinha! Para além do xadrez, antigamente você compartilhava o seu tempo livre com outras atividades esportivas, de lazer?

WIM4: Só pilates que eu faço até hoje, nunca parei o pilates e só. Eu gosto de cozinhar, gostava bastante de fazer algumas coisinhas na cozinha e ver bastante filme. Agora eu tenho saudades de ver filme porque eu quase não vejo mais e antes era o nosso *hobbie*, meu e do meu marido. A gente assistia pelo menos um filme na semana e agora é um filme no mês e olhe lá. Mas eu sempre fui uma pessoa muito caseira, não sou uma pessoa baladeira, nem nada, sempre gostei de coisas bem tranquilas. Como diz as minhas amigas, bem coisas de vovó, assim [risos].

J: Ok [risos]! A escolha do seu curso superior, na verdade dos dois, teve alguma relação com o xadrez?

WIM4: Não, a Administração eu fiz porque na época eu tinha acabado de terminar o colégio e como eu vivia muito tempo no mundo do xadrez eu nem sabia, pra você ter uma ideia, o que era vestibular. Eu não sabia o que era vestibular, tanto que o meu irmão perguntou “você não vai prestar vestibular não, menina”? e eu falei “o que é esse raio que todo mundo fica preocupado, meus colegas todos lá perdendo os cabelos por causa desse negócio de vestibular e eu nem sei o que é esse vestibular”. E aí ele olhou pra minha cara, ele achou que eu tava brincando e ele viu que eu falei sério e ele ficou realmente preocupado comigo na época porque eu realmente não sabia o que era vestibular. Eu acho que com 16 anos, mais ou menos, eu não sabia o que é que era vestibular porque eu nunca... Eu tava muito ligada, eu tava sempre nos torneios, assim. E aí a minha mãe, quando eu terminei o colégio... A minha mãe sempre muito ansiosa com as coisas, ela falou assim “então, você não vai fazer faculdade, não vai se matricular em alguma coisa?” e eu nem sabia que eu tinha que fazer faculdade, eu pensei que eu ia só jogar xadrez. “Não, não, você tem que fazer pelo menos 1 faculdade, filha minha não vai ficar sem fazer faculdade”. E aí, de última hora assim, já estavam acabando os prazos de se matricular na faculdade, aí eu falei “ah, então eu vou fazer Administração porque deve servir pra tudo”, eu pensei. Porque qualquer coisa você pode administrar depois, né? Na minha cabeça eu pensei assim, acho que eu tinha 17 anos, então era muito nova, não tinha ideia do que eu queria fazer. E aí eu fui pra Administração por causa disso, mas não porque tinha me chamado a atenção do que eu queria fazer, mas era porque eu precisava fazer alguma coisa, se não a minha mãe não ia me deixar em paz. Dependendo do meu pai eu não precisava fazer faculdade, o meu pai queria que eu viajasse, que eu tirasse um tempo pra ver o que eu realmente queria fazer.

Mas a Dona Neusa, minha mãe, sempre estava querendo as coisas na hora dela. Enfim, e aí eu fiz a faculdade. A outra eu tinha que escolher por causa da bolsa que eu ganhei pra representar a faculdade nos torneios e era uma coisa que me chamou mais a atenção. Eu gosto mais da área da Informática e eu achei que poderia ser útil caso eu fosse fazer alguma coisa, alguma plataforma de xadrez ou algo do tipo. Mas, por fim, acabou que nenhum dos dois eu me interessei, o estágio de Administração foi muito chato, isso de você ter que cumprir os horários é realmente muito difícil pra mim porque é uma coisa que nunca fez parte da minha vida. O único horário que eu sigo é o cronograma de torneio, é o único horário que eu sigo. Tanto que quando eu tô em casa o meu filho sempre chega atrasado na escola! [risos]. Ele sempre chega atrasado na escola porque aí eu sou a responsável de levar ele, né? E aí pra mim é muito difícil, então as professoras lá brincam que eu cheguei de viagem porque ele está atrasado na escola [risos].

J: Fale sobre a carreira de uma jogadora de alto rendimento no xadrez brasileiro. Você se considera uma profissional?

WIM4: Eu me considero uma profissional porque toda a minha renda vem do xadrez, todo meu dinheiro vem daí, então eu acho que eu posso me considerar uma profissional. Jogadora de alto rendimento eu não me considero porque eu não tenho preparação para tal, apesar das pessoas dizerem que sim. Talvez em um nível nacional, mas se você pegar o parâmetro mundial eu tô mais pra um nível amador de xadrez, então eu não me considero uma jogadora de alto rendimento, tá? Eu não tenho essa preparação pra fazer isso. Mas eu diria que não é fácil você viver de xadrez, hoje tem alguns nichos novos que surgiram que é o *streamer*, você trabalhar na *internet*. Se você tem um perfil pra isso eu acho que é uma boa sacada, por exemplo a Julia Alboreda hoje se dedica bastante a essa questão, a maioria dos Grandes Mestres, os mais novos, também. Mas, por exemplo, pra mim não é algo que me apetece muito essa questão de você se expor tanto. Às vezes ou outra... Hoje eu tive que abrir o meu *Instagram* que era fechado, mas eu tive que abrir por causa do meu patrocinador... E aí às vezes eu posto um *stories*, no máximo, mas eu não sou muito de ficar postando muita coisa, né? Mas eu diria que não é fácil, tem que gostar muito. É o que eu sempre brinco, eu não vou comprar um jatinho sendo enxadrista, mas é uma coisa que me faz muito feliz e eu consigo me sustentar com esse dinheiro que eu recebo com o xadrez. A gente não passa nenhuma necessidade, a gente vive melhor do que a população média brasileira. Então eu

pagando os meus boletos, conseguindo pagar as minhas contas, eu tô feliz, assim. Dinheiro pra mim nunca foi prioridade, eu sempre vi o dinheiro mais como uma questão que é necessária, é uma coisa que você precisa dele pra fazer as coisas que você gosta, pra poder pagar as suas contas, ter uma vida confortável. Mas não é uma coisa que eu vou ficar correndo atrás, que eu preciso comprar o carro do ano ou outras coisas. Mas, não sei, eu diria que não é fácil, você tem que gostar muito porque... Por exemplo, esse patrocinador que eu tenho é o meu único patrocinador e o único que eu tive em toda a minha vida, né? O primeiro e até agora o único, nunca tive outro patrocinador. Tive alguns que me ajudaram, me apoiaram pontualmente em alguns torneios. Eu fui número 1 do Brasil por 7 anos ininterruptos... 7 anos! E é muito difícil você conseguir patrocinador pra xadrez, hoje com os *streamers*, tá surgindo mais. Mas aí você também precisa dar a sua cara à tapa, você precisa estar se expondo, você precisa estar lá construindo a sua marca e também já não é uma coisa que é muito a minha área. Eu vivo mais das aulas que eu dou de xadrez, então se eu não fosse professora de xadrez, pra viver só jogando torneios, eu diria que no Brasil, pra uma jogadora mulher, é impossível. Não tem como você viver só jogando torneios, você precisa ter uma outra fonte que é dar aulas, dar palestras, essas coisas.

J: E a partir de quando você se sentiu profissional?

WIM4: Eu acho que profissional mesmo a partir de 2019 que foi quando eu comecei a viver só disso e a não fazer nada mais. Até então, até 2017 eu ainda pensava, às vezes, em parar de jogar xadrez. Eu tive bastante essa fase de ponderar se vale a pena, se não vale a pena. Consome muito o seu tempo, é um negócio que realmente consome muito o tempo, o tempo vai embora muito rápido no xadrez. E às vezes eu tive muitas outras questões de não saber se é possível viver disso, eu via os professores que eu tive de xadrez, por exemplo, o Pelikian, e era insano o trabalho dele, o ritmo de trabalho dele era insano e eu não queria aquilo pra mim. Dormia 4 horas por dia e trabalhava 20 horas, eu via aquilo e eu falava que a pessoa, daqui a pouco, o corpo padece, né? Como diz o meu irmão, eu sempre fui bicho-preguiça, então eu sempre quis uma qualidade de vida. Não sei, mas acho que foi mais ou menos por aí em 2019 que eu falei que eu tenho que me dedicar mais às minhas aulas.

J: Quais as principais diferenças que você nota entre o contexto enxadrístico nacional e o exterior que você já vivenciou?

WIM4: Calendário, né? Eles são mais organizados, o calendário dos torneios lá fora normalmente com 1 ano você já tem o calendário inteiro. Você tá lá em janeiro e você já tem o calendário até dezembro, isso facilita muito a sua organização, tanto a questão de organização pessoal quanto a organização de jogador pra você saber quais torneios que você vai nesse ano e aí você saber o período que você vai dar aula. Porque tem muitos jogadores que dão aula enquanto viajam, normalmente é muito difícil eu fazer isso de dar aula enquanto eu tô em um torneio. Eu dou aula quando, por exemplo, tem uma folga muito grande no cronograma do torneio que permite fazer isso. Mas, por exemplo, se eu tô na Olimpíada eu vou me dedicar, focar inteiramente na Olimpíada. Não vou pegar o pouco tempo livre pra dar aula, tem muitos jogadores que fazem isso porque quando você viaja pra um torneio meio que uma das suas rendas param porque se você não tá dando aula, não tá ganhando. E aí pra não perder isso muitos jogadores dão aula. Mas, por exemplo, o calendário aqui no Brasil é muito ruim, tem muitos torneios que são importantes, por exemplo, o Brasileiro no ano passado acho que saiu faltando 1 mês de antecedência. E isso é horrível pra você se planejar, ainda mais agora que eu tenho que fazer as férias junto com a minha família porque agora tem o bebê... Quando era só o eu e o meu marido era muito mais fácil, mas agora com o bebê são coisas mais pontuais e é muito difícil você se programar. Eu queria agora programar as férias pra dezembro e eu não posso comprar porque eu sei que vai ter torneio em dezembro, só que ainda não saiu o fôlder. Então eu sei que vai ter, mas eu ainda não tenho a data exata, provavelmente sai com 1 mês de antecedência, isso é horrível. Essa questão da organização, lá fora eu acho que é muito melhor que o Brasil. Bom, tem muito mais torneio lá fora do que no Brasil, é muito mais fácil você virar Grande Mestre jogando torneios lá fora do que no Brasil. Tanto que a maioria dos Grandes Mestres hoje do Brasil eles viajaram muito, se você olhar a época que eles não eram Grande Mestre eles viajaram muito, jogaram muitos torneios na Europa. Porque esse é o caminho se você quiser virar Grande Mestre, no Brasil é mais difícil. Hoje tá tendo muito mais torneios, tá tendo uma captação maior de patrocínios pra eventos de xadrez no Brasil. Tá melhorando, né? Mas ainda muito a passos de tartaruga, assim. Então eu vejo que as oportunidades geralmente estão mesmo mais lá fora, mas isso em quase todos os

esportes. Se você quiser ser um bom jogador de tênis, os melhores torneios de tênis vão estar na Europa, não vão estar no Brasil, na América do Sul. Você não ouve falar em torneios de tênis na América do Sul, você ouve falar em campeonatos nos Estados Unidos, em Londres, mas não no Brasil. Então não só no xadrez, mas na maioria dos esportes o nicho mesmo tá lá fora.

J: Como foi pra ti atingir, enquanto primeira mulher brasileira, o título de MF?

WIM4: Acho que uma responsabilidade, eu nunca tinha tido essa coisa de expectativa, mas a questão de responsabilidade de começar a ver que você é um espelho pras meninas. Porque aí eu comecei a receber muita mensagem de pais falando que eu era uma inspiração pras filhas e até então não tinha, eu já tinha sido Campeã Brasileira... Mas até então eu nunca tinha parado pra pensar “nossa, realmente é uma responsabilidade porque algumas meninas me pegam como um espelho”, né? Então eu acho que eu tive essa noção de que eu tinha que tomar mais cuidado com o que eu falava, com o que eu fazia, que tinha que dar o exemplo pra elas. Ainda mais porque o xadrez feminino ele tem um público muito pequeno, você tem maiores responsabilidades. Mas só da outra pergunta, pra adicionar também, que eu acho que a maior parte didática de material mesmo ou está em inglês ou está em espanhol. E claro que em russo, da escola soviética, as coisas mais antigas estão em russo. O material em português já começa por aí, são muito poucos livros que foram traduzidos ou livros que fizeram, os brasileiros fizeram. Se você pegar a biblioteca de xadrez, eu diria que 90% não está em português ou mais do que 90%, eu acho que português deve ser menos de 5% dos livros já lançados. Eu acho que de todos os livros que eu tenho aqui, eu devo ter cinco em português. Só. E o resto tudo em inglês ou em espanhol.

J: De maneira geral, como é que você avalia a sua trajetória no xadrez?

WIM4: Acho que ok, eu diria! Mas às vezes eu acho que poderia ter sido mais se eu tivesse me dedicado mais. Se eu tivesse feito as tarefas, se eu tivesse levado mais à sério. Mas eu também não me cobro porque eu nunca fui daquelas crianças que colocam os objetivos na parede e que falam “um dia eu vou ser campeão mundial” e não sei o quê, né? Eu nunca coloquei isso como objetivo pra mim, então eu também não posso me cobrar porque eu não corri atrás disso, mas eu também não fui instigada a fazer isso. Nunca os meus pais falaram “olha, você precisa se espelhar em alguém e quem sabe

chegar onde ela chegou”. Eu sei, os meus pais também não tinham muita informação. A informação de 20 anos atrás é completamente diferente de hoje, hoje é um mundo muito louco. A informação ela vem em avalanche em cima de você, você tem que ter um filtro porque é informação demais, é uma poluição de informação. Mas, talvez... Às vezes eu tenho essas coisa de “ah, se eu tivesse feito mais”, né? Mas eu não gosto muito de ficar remoendo o passado, então eu não penso muito [risos].

J: Ok! Quais atributos pessoais você julga importante para o exercício da modalidade?

WIM4: Eu acho que em primeiro lugar tem que ser a vontade de ganhar, a questão da competição. Eu acho que todo bom jogador de xadrez ou que teve algum destaque na modalidade é competitivo. Às vezes você gosta, mas só quer estudar. Igual o meu pai, gosta de acumular informação, história. Mas acho que pra você ser um bom jogador você precisa gostar de ganhar e não gostar de perder, obviamente, né? Você sempre quer ganhar e, se não ganhou, se perguntar o porquê é que não ganhou e assim isso leva você a querer evoluir. Porque é assim que você evolui, você erra, você aprende, você vai e faz de novo, se não der certo você aprende de novo... Então ter esse espírito de competição é que faz qualquer esporte. E ter a motivação pra você não desistir, porque muitas vezes você vai querer desistir e a persistência tem que estar sempre ali, você tem que ser sempre persistente. E também, é claro, acho que muito importante é o talento. Eu acho que às vezes ele é muito importante, mas o trabalho duro que você coloca ali diariamente, a consistência do seu treino é um item pra você chegar à excelência. Sem criar essa rotina de treino, é o que eu falo pros meus alunos, você não vai chegar onde você quer.

J: Destes atributos que você elencou, quais você julga possuir?

WIM4: Eu acho que o de competição, o de competição com certeza porque desde criança eu nunca gostei de ficar em último ou de não ganhar. Eu sempre queria ganhar, então acho que o de competir é o que estava maior em mim.

J: O que você pensa sobre a influência do talento na sua trajetória?

WIM4: Pra mim foi ruim o talento, pra mim eu acho que foi muito ruim porque eu ganhava muitos torneios, né? Por exemplo, na época que eu era criança, eu ganhava tudo o que eu jogava da minha categoria até que eu comecei a ver que eu achava que

não precisava estudar porque eu ganhava tudo, né? Então eu não via a necessidade de estudar, até que uma vez eu cai do cavalo porque eu joguei um Brasileiro que eu não ganhei. Ganhou uma menina lá que eu nunca tinha visto na vida e ela ganhou, né? Mas ela teve todo mérito dela, ela estudava e chega um momento em que você precisa estudar, né? Só que como eu ganhava muitos torneios... Era como se eu tivesse certeza que eu ia ganhar o torneio, eu ia no torneio e tinha a certeza que eu ia ganhar o torneio porque era uma coisa que acontecia e aconteceu por muitos anos na minha infância. Acho que aconteceu por uns 7 anos, foram 7 anos, mais ou menos. Então imagina isso na cabeça de uma criança, isso não é bom. Isso não é bom. As pessoas falam pra você que você precisa estudar, precisa melhorar, mas pra uma criança entender alguma coisa, falar é a mesma coisa que nada. Porque a criança precisa entender da maneira dela e aquilo não foi pra mim, eu acho que eu não entendia aquilo, então eu meio que achava que não precisava. Até que eu vi, quando eu não ganhei mais e achava natural que eu ia ganhar e não ganhei mais, aí eu realmente entendi o que as pessoas estavam falando que eu precisava estudar mais. Mas acho que o talento, pra mim, nesse quesito ele foi muito ruim. E aí a primeira vez que eu não ganhei, isso pra mim foi muito bom porque a competição ela é muito importante. Às vezes você se acomoda e quando tem alguém vindo atrás de você isso é muito bom porque isso te faz falar “opa, tem alguém que tá chegando muito perto de mim, eu preciso melhorar porque se não essa pessoa vai me alcançar”. E é assim que funciona o esporte, você tem que sempre estar tentando se superar e ver qual é o seu limite e até onde você pode chegar.

J: Considerando que não temos WGM no Brasil, o que significou o alcance do título de WIM pra você?

WIM4: O de WIM não muita coisa porque na época que eu consegui eu acho que eu já tinha muito a força desse título, então era meio que uma consequência conseguir. Mas pra mim foi muito bom porque quando você muda a sua titulação, você começa a ter alguns benefícios. Por exemplo, eu comecei a não pagar inscrições mais de campeonatos, então as inscrições de campeonatos deixaram de ser um peso, na maioria das vezes, né? Então eu não precisava mais ter esse custo, então foi muito bom pra mim. Por exemplo, se eu conseguir virar WGM vai abrir muito mais portas do que eu tenho hoje, porque começa a ter muito mais benefícios nos torneios. É o que você pode dar em troca pra organização, o título te permite dar muito mais pra organização do que o título

de WIM, então você consegue ao mesmo tempo ter mais benefícios. Mas na época eu fiquei feliz, mas não foi uma coisa, assim, muito... Eu acho que eu fiquei muito mais feliz quando eu virei MF, por exemplo.

J: O título de WGM é um objetivo pra ti?

WIM4: Eu diria mais um sonho do que um objetivo, porque pra ser um objetivo você tem que criar as metas, fazer tudo direitinho pra alcançar essas metas. Como hoje eu não consigo fazer isso, eu não tenho tempo, nem disponibilidade de tempo e nem financeira, eu não diria que eu vou colocar isso como um objetivo, mas sim como mais um sonho. Porque hoje tá mais pra sonho do que pra realidade, porque tá mais distante pra mim hoje.

J: Quais foram as suas principais conquistas enquanto jogadora?

WIM4: Bom, eu acho que foram os 4 Pan-Americanos que eu ganhei, ter representado o Brasil nas últimas 7 Olimpíadas presenciais e 2 Olimpíadas *online*, conseguir ser ainda uma jogadora de competição, além de ser professora, treinadora, ser também jogadora de competição que não é fácil, é muito estressante, eu diria. E conseguir fazer tudo o que eu faço, mesmo agora sendo mãe, tendo o Nico. E acho que também os Brasileiros que eu ganhei. Não tinha me dado conta disso, mas um amigo falou pra mim que em uma época eu fiquei 7 anos ininterruptos como número 1 do Brasil e eu não tinha percebido isso, foi um amigo meu que falou isso pra mim. E aí quando ele falou eu falei “nossa”! Eu não tinha noção porque eu não sou uma pessoa que sempre fica vendo as coisas que fez. Meu *marketing* pessoal, como diz a minha professora de Administração na época, era péssimo! Muito ruim, eu devia tirar nota 0 sempre. Eu realmente não sei vender o meu peixe, mas acho que seriam essas coisas.

J: Já à guisa de conclusão do nosso roteiro, para além das experiências que a gente já comentou relacionadas ao gênero no xadrez, você gostaria de trazer alguma outra que te marcou, que foi importante pra ti?

WIM4: As diferenças de gênero?

J: Em relação ao gênero, exatamente!

WIM4: Talvez, por exemplo, eu acho que na minha época e também na minha realidade era mais fácil, por exemplo, pro meu irmão fazer uma gira de torneios na Europa do que pra mim. Porque normalmente nessas viagens, a maioria tá no mesmo quarto, tirando um ou outro, a maioria não tem dinheiro. Então tudo o que você faz, você faz meio de um modo mais econômico possível. Isso quer dizer que você precisa dividir o quarto, o apartamento, as despesas. Sendo a única menina que queria fazer isso, não achando um outro par, uma outra menina pra fazer essa gira de torneios comigo, era meio difícil eu conseguir fazer essas viagens. Também por questão financeira, mas também pela questão de você ter a companhia, né? Porque eu não queria fazer isso sozinha, queria ter uma amiga pra fazer isso junto. Mas não tinha aquilo na minha época, a primeira vez que eu fiz isso foi em 2016 e não foi com brasileiras, foi com um projeto com outras meninas da América Latina. E depois em 2018 que a gente criou o projeto Damas em Ação que eu fui com as meninas. Mas isso eu já era muito adulta, na minha fase da adolescência que eu queria ter feito isso faltou ter esse grupo de contatos. Então talvez tenha sido uma falha minha, talvez devesse ter feito mais contatos nessa época com meninas de fora. Mas as minhas habilidades sociais naquela época não eram das melhores, eu fui desenvolvendo isso com os torneios de xadrez conforme eu fui amadurecendo. Mas, quando eu era mais nova, eu era muito tímida, era muito difícil eu falar com uma pessoa que eu não conhecesse. Eu melhorei muito, todo mundo que me conheceu bem novinha e me conhece até hoje fala que eu sou outra pessoa, né? Quem me conhece hoje não tem a noção, quem me conheceu pequena, criança e hoje me falando, fica super maravilhado porque antes eu simplesmente não abria a boca. Então acho que pra mim isso foi difícil, essa questão de você ter as companhias pra viajar. Com as outras questões de gênero eu não tive problema porque eu comecei muito cedo no xadrez, todo mundo me conhecia, conhecia minha família, então eu não tive essas questões.

J: Esse primeiro projeto que você comentou, antes do Damas em Ação, por acaso é o Rumo à Maestria?

WIM4: É, só que era o da América Latina, né? Então ele chamava WOM, que é da FIDE, e Rumo à Maestria.

J: Certo, você pode discorrer um pouquinho sobre a importância dele pra ti?

WIM4: Eu acho que foi muito importante porque foi primeiro onde eu vi que era possível, jogar torneios abertos fora do Brasil. Eu não sabia como que funcionava, eu não sabia como fazia pra se inscrever, eu não sabia como é que era. Então ter essa oportunidade de poder conhecer e ver que é simplesmente mais um torneio igual aos que eu jogo no Brasil, só que lá na Europa. Você tem que pegar o avião e ir. E talvez conheça uma pessoa aqui, uma pessoa ali que facilite a sua vida, mas meio que isso faz ver que é possível, não é uma coisa difícil de você conseguir fazer, mas que até então não estava ao meu alcance. E também conhecer mais pessoas, pra mim foi muito bom porque eu conheci bastante gente, fiz bastante contato. Melhorei muito o meu espanhol nessa viagem, muito mesmo. Até então eu só tinha curso básico de espanhol e depois dessa viagem o espanhol ficou muito... Não digo que eu sou fluente, mas eu digo que as pessoas falam que conseguem me entender tranquilamente, sem nenhum problema. E, claro, eu tive a experiência de ter aulas com um professor estrangeiro, então a aula era em espanhol. Eu era a única brasileira e aí todas as meninas cada uma era de um país diferente. Mas foi muito importante, me trouxe muita bagagem como jogadora.

J: E o Damas em Ação?

WIM4: O Damas em Ação não era pra ser um projeto, ter durado tantos anos. Na verdade era uma ideia que eu e a Julia Alboredo a gente queria jogar torneios na Europa porque a gente queria treinar pra Olimpíada nesse mesmo ano. E aí eu falei pra ela “tá, mas então se é pra treinar pra Olimpíada, faz mais sentido se a gente chamar todas as meninas que vão participar da Olimpíada”, né? E aí eu chamei as meninas, só que aí teve a questão financeira que a viagem ia ficar muito cara porque ia ter que pagar hotel, comida, avião. Ia ficar realmente muito caro e nem todas as meninas podiam arcar com todas as despesas, então a gente teve a ideia de criar uma rifa. E a gente criou uma rifa, vendeu camisetas, canetas. As pessoas adoraram porque eu acho que foi a primeira vez que viram um grupo de jogadoras se unirem pra conseguirem um objetivo em prol de elevar o nível técnico das jogadoras. Então a comunidade enxadrística gostou bastante porque nunca tinha visto isso. Porque até então no que eu conhecia de história do xadrez feminino, não era muito legal e também não era uma coisa que eu via como muito legal, que eu cresci. As informações eram mais difíceis naquela época e quando você conseguia informação parecia que as pessoas queriam guardar só pra elas. As informações, às vezes, de um campeonato que ia acontecer e de repente só tinha 6

jogadoras no campeonato e ninguém tinha falado pra ninguém. Então meio que “aquilo ali eu ganhei, mas também quem participou?”. Então quando a gente criou esse projeto a comunidade gostou bastante porque viu que as mulheres começaram a se unir mais. E aí depois a gente conseguiu arrecadar o dinheiro, a gente conseguiu pagar quase que 100% das nossas despesas – não foi 100%, mas foi quase 100% – e aí a gente queria retribuir e agradecer a comunidade enxadrística por essa ajuda – porque realmente a gente foi muito bem recebida pelo projeto – e a gente falou “tá, então vamos tentar ajudar o xadrez feminino de base”. A gente começou a arrecadar, a gente fez alguns eventos, arrecadou um certo dinheiro, não muito, mas a gente distribuiu pras meninas de categoria. E durou eu acho que até antes de eu dar à luz que foi em 2021, até o começo de 2021 o projeto tava andando. Mas aí como eu sai e as meninas também começaram a ter mais atividades, a Julia começou a fazer mais programas de *streamer*, meio que desandou o projeto. E também porque a gente não recebeu tanto *feedback* positivo depois que virou um projeto, eu acho que as pessoas gostavam mais de quando era pra ajudar a gente como jogadoras. E depois que virou um projeto a gente não recebeu muito *feedback* das jogadoras, a gente recebia mais *feedback* dos jogadores. Só que era um projeto voltado pra ajudar o xadrez feminino e a gente não recebia muito *feedback*. E isso meio que faz você se desmotivar, né? “Por que é que eu tô perdendo o meu tempo?”, porque era uma coisa filantrópica, não recebia nada e era um tempo que eu podia estar me dedicando a dar uma aula e fazer um dinheiro pra mim, mas eu tava dedicando ao projeto, sei lá, 6 horas do meu dia. Tinha dia que às vezes era o dia inteiro e eu não via *feedback* das meninas, então a gente meio que se desmotivou e agora o projeto está em *stand by*. Não acabou porque a gente oficialmente não desmanchou ele, mas ele está em *stand by* até a gente ver o que vai fazer com ele.

J: Para finalizar, daquela criança que iniciou no xadrez, o que ficou em quem você é hoje?

WIM4: O que ficou da criança? Eu acho que a felicidade de quando eu ganho um partida, eu acho que ela continua em mim [risos]. Sempre que eu ganho uma partida, pra mim, traz uma sensação muito boa. Acho que também o frio na barriga de quando você vai começar um torneio, sempre que eu tô em um torneio, na 1ª rodada, eu sempre sinto um friozinho na barriga de estrear nesses torneios. Então isso também nunca foi embora, mas a felicidade de você sempre conseguir ali ganhar uma partida de uma

maneira legal, que você fez uma combinação bonita ou que você achou uma ideia nova, uma ideia interessante, essa alegria também não foi embora.

J: Ok! Há algo que você queira acrescentar e que não foi contemplado neste roteiro?

WIM4: Eu acho que não, só isso. Obrigada pelo convite e boa sorte na sua pesquisa, quando sair você me manda pra eu poder ver e é isso. Eu espero que o xadrez continue crescendo do jeito que tá, na pandemia cresceu bastante. Que mais pessoas conheçam o jogo porque pra mim é um jogo muito legal em que as pessoas que não sabem jogar estão perdendo porque a maioria acha que não traz tantas emoções.

J: Formalmente eu gostaria de agradecê-la por toda a atenção em relação ao estudo e todo o carinho com que conduziu o nosso diálogo. Muito obrigada!

Apêndice G – Íntegra da entrevista (WIM 5)

J: Eu gostaria de agradecê-la por toda a atenção em relação ao estudo. Sua idade?

WIM5: 61 anos.

J: Data de nascimento?

WIM5: 22/03/1962.

J: Gênero?

WIM5: Feminino.

J: Cidade de nascimento?

WIM5: São Paulo, capital.

J: Ótimo, cidade de residência?

WIM5: Barueri, São Paulo.

J: Ok, cor da pele?

WIM5: Branca.

J: Ótimo, nível de escolaridade?

WIM5: Superior.

J: Ótimo, em relação às etapas anteriores do Ensino Superior, então a Educação Básica, a senhora cursou maior parte em ensino público ou privado?

WIM5: Totalmente em estudo público até o 3º colegial. A universidade também foi pública, foi a USP.

J: Isso, era exatamente o que eu ia perguntar. Então a senhora fez USP, em qual curso?

WIM5: Economia.

J: Atual ocupação?

WIM5: Olha eu tô entre enxadrista, árbitra de xadrez e corretora de imóveis. Eu não exerci, na verdade, a profissão de economista porque eu viajava demais.

J: Ok! Considerando o atual salário mínimo de R\$ 1320,00 – fique à vontade se quiser falar em valores brutos ou em faixas salariais – como a senhora caracteriza a sua renda familiar mensal?

WIM5: Pode salários? Mais ou menos uns 4.

J: Então agora eu queria que a senhora pensasse nos membros da sua família que moravam com você da infância. Quem eram eles?

WIM5: Meu pai, minha mãe, meu irmão e minha irmã.

J: Ótimo, então pra cada um deles a gente vai fazer uma caracterização de nível de escolaridade e de ocupação. Começando pela sua mãe, nível de escolaridade?

WIM5: Ela fez o ginásio e naquela época o curso de professora primária, não tinha acho que colegial. Foi direto pra esse de professora.

J: Ótimo, ocupação dela?

WIM5: Aposentada, ela foi professora, né? Ela se aposentou como professora primária.

J: Certo! O mesmo pro seu pai, nível de escolaridade?

WIM5: Eu acho que ele também só fez o ginásio porque não tinha colegial naquela época e depois ele entrou pra polícia militar. Ele é policial militar.

J: Atualmente ele exerce alguma ocupação?

WIM5: O meu pai faleceu.

J: Meus sentimentos! E em relação à sua irmã?

WIM5: Ela é advogada, cursou Superior.

J: Certo, e o seu irmão?

WIM5: Engenheiro, cursou Superior também. Ele fez pós, ele fez MBA em Administração nos Estados Unidos.

J: Ótimo, obrigada pelo complemento! Então assim a gente encerra essa primeira fase mais de caracterização e parte pras perguntas um pouco mais dissertativas do roteiro. Eu gostaria agora que a senhora me falasse um pouco sobre a sua trajetória, desde a iniciação ao xadrez, passando pelo alcance do título internacional da modalidade até os dias atuais. Fique bastante à vontade, eu estou aqui para ouvi-la!

WIM5: A gente começou – nós éramos em 3 irmãos, somos em 3 irmãos – com uma brincadeira com o meu pai em casa. Meu pai era policial militar, mas ele acabou sendo reformado porque ele era da cavalaria e teve uma queda do cavalo que tirou o ombro do lugar. Então ele foi reformado muito novo, né? E ele tinha um *QI* altíssimo, na verdade, ele trabalhou em várias empresas de energia elétrica e entendia tanto quanto um administrador, como um advogado porque ele teve uma boa formação na polícia militar, nesses cursos de Direito que a polícia dá. Então ele passava alguma parte do tempo em casa, às vezes trabalhava só 3 dias na semana, viajava pra outro estado, então ficava o final de semana em casa e sempre estava com os filhos ajudando e brincando. Então uma das brincadeiras era jogar xadrez e eu via os meus dois irmãos mais velhos jogando, eu sou a caçula, minha irmã tem 3 anos a mais e o meu irmão 6. Então inicialmente ele jogava com os meus dois irmãos, eu era toda metidinha, queria participar de tudo, muito elétrica e aí eu queria fazer parte daquela brincadeira. Falei pro meu pai “eu também quero aprender, quero jogar” e a gente começou a brincar em casa. Aí mais tarde a gente entrou em torneios escolares, pela escola mesmo que a gente representava. Minha irmã começou a ganhar título, meu irmão começou a ganhar título e eu também. Então a gente começou assim. E fora isso a gente morava no Tatuapé, praticamente a vida inteira, sai do Tatuapé e vim aqui pra Alphaville. E lá a gente tinha

um clube no Carrão que é um bairro perto, próximo e o meu pai ia com o meu irmão lá jogar e aí a gente acabava indo também. Então o nosso início foi mais ou menos assim. Depois fomos convidados a jogar Jogos Regionais por Pirassununga, tinha uma jogadora que chamava Marilda Berê que convidou a minha irmã, precisava de mais uma na equipe e a gente começou a competir mais sério. Aí passamos vários anos por Pirassununga, sem receber nada, somente porque a gente gostava e depois é que a gente começou, mais tarde – porque aí a gente já tava em um nível maior tanto de Paulista, Brasileiro e tudo – a receber algum tipo de salário por jogar xadrez, pra poder se dedicar ao esporte, na verdade, né? Então a trajetória foi mais ou menos assim, eu vi os meus irmãos sempre tendo bons resultados, o meu irmão foi campeão paulista e brasileiro juvenil, foi participar de Mundial Universitário por Equipes, jogou vários torneios. E aí a minha irmã também começou... O primeiro Campeonato Brasileiro Feminino que ela jogou só tinha uma faixa etária que era a absoluta, era totalmente aberto por idades e aí ela foi campeã no primeiro que jogou. Então eu sempre tive os dois como exemplo e como meta de alcançar os resultados. A gente viajava junto, jogava junto, então sempre foi mais fácil nesse sentido.

J: Ótimo, me conta um pouquinho sobre esse início familiar com vocês praticando em casa com o seu pai. Como eram essas brincadeiras, o que vocês faziam como práticas, quais eram os sentimentos vivenciados?

WIM5: Não era só xadrez, na verdade, né? A gente brincava de baralho, de vários jogos, de banco imobiliário, várias coisas. O meu pai sempre estava fazendo coisas diferentes com a gente, incentivando. E depois de uma época que ele percebeu que a gente jogava bem, a gente começou a sair e jogar no clube, essas coisas, a gente começou a treinar um pouco. Pra dizer a verdade a gente detestava porque com o meu pai era mais ou menos uma aula obrigatória, né? A gente não queria, a gente era criança e todo mundo queria era só brincar. E naquela época – pra vocês, hoje em dia, é meio difícil de entender isso – não havia *internet*, não havia nada. Havia pouquíssimos livros de xadrez no Brasil e eram em língua estrangeira, principalmente espanhol e em inglês. Então o meu pai lia os livros com a gente pra gente aprender, ele lia e a gente passava no tabuleiro e assim ia. Ele foi o nosso primeiro professor porque ele pegava os livros e ia lendo o que tinha nos livros, meu pai tinha um nível muito bom, mas ele não gostava

de competir, né? Então ele realmente só ajudou e apoiou, a gente sempre teve um super apoio da família, dos pais.

J: Que interessante, o seu pai já chegou alguma vez a comentar quem o ensinou a jogar xadrez?

WIM5: Quem o ensinou? Não, não me lembro disso.

J: Ok! E em relação aos seus irmãos, então vocês faziam brincadeiras em casa, não só com o xadrez, mas também com outros jogos. Como era a diferença entre essas brincadeiras iniciais e esses treinamentos que vocês fizeram logo em seguida quando já estavam se especializando? O que é que você sentia de diferença entre ambos?

WIM5: É porque não era mais uma brincadeira [risos]. Por isso é que a gente não gostava, porque não era mais uma brincadeira, já era uma coisa mais séria, tinha que ter um horário pra estudar. Então a gente já não gostava muito, a gente sabia que era interessante, que era bom, mas na época a gente não gostava disso, meio que reclamava pra começar, né? Depois que a gente começava a aula aí tudo bem, aí a gente gostava. Mas não era uma coisa que a gente preferisse fazer. Eu tô falando por mim, tá? Eu tô falando por mim.

J: Claro, entendi! Depois a senhora comenta sobre um início no clube de xadrez. Como era nesse ambiente, o que é que vocês faziam por lá?

WIM5: Então, na nossa época havia muitas poucas mulheres jogando. Você imagina, eu comecei a jogar o primeiro torneio com 10 anos de idade em 72, né? Então praticamente não havia mulheres jogando, eram raríssimas. Nesse clube de xadrez do Carrão nós éramos as únicas, eu e a minha irmã éramos as únicas. E sempre um ambiente masculino, o pessoal não gostava de jogar com mulher e perder, principalmente... Ninguém gostava! Isso em geral sempre foi, até hoje é, a gente ouve os Grandes Mestres fazendo esse tipo de comentário “eu nunca perdi pra mulher, eu nunca vou perder pra mulher” e enfim. Então o meu pai sempre acompanhou a gente e depois quando a gente começou a jogar torneios no clube de xadrez foi pior ainda. O Clube de Xadrez de São Paulo você sabe que é a zona de prostituição, a pior zona, boca do lixo de São Paulo, então ele sempre foi com a gente, nunca a gente foi sozinha pra esses torneios nesse começo. Mas sempre teve, meio assim, aquele olhar diferente, mulher

participando, piadinha com os rapazes que perdiam da gente. Dava até dó, coitados, eram massacrados. Hoje em dia já tá todo mundo acostumado porque as meninas estão jogando sempre torneios absolutos, com bons resultados. Então é mais aceitável, eles começam aceitando, mas antigamente era terrível.

J: E em relação à sua iniciação com o seu pai, mais ou menos em que idade ela se deu?

WIM5: Eu devia ter uns 6 anos mais ou menos. 6, 7, por aí.

J: E depois dessa fase inicial, como se deu a sua especialização até a conquista do título de Mestre Internacional Feminina?

WIM5: Naquela época os grandes jogadores... Havia poucos Mestres Internacionais e só tinha o Méquinho de Grande Mestre, né? E o Herman Claudius é uma pessoa que sempre foi muito amiga da gente e a gente começou a ter aulas com ele. Porque é isso o que eu te falei, não tinha muito material, então às vezes a gente começava a analisar a partida e a gente sempre via a análise de mestres que é completamente diferente do nível da gente. Então a gente sabia que a gente precisava melhorar e essa foi uma maneira que a gente encontrou, treinar com ele. Mas sempre assim, aulas presenciais, não havia *internet*.

J: Entendi, e como se deu, de fato, a conquista do título de Mestre Internacional Feminina? A senhora se lembra do contexto, do torneio?

WIM5: Com certeza [risos]! O meu pai, na verdade, ele faleceu em 83, ele tinha 49 anos e morreu muito cedo, morreu de câncer. E esse título de Mestre Internacional foi obtido em um Zonal Sul-Americano que teve aqui em São Paulo. Antigamente a gente tinha o Zonal Sul-Americano que classificava pro Mundial Feminino Individual. Ele classificava pro Interzonal e aí do Interzonal saiam jogadores que jogavam *matches* pra jogar com a campeã mundial, né? Então esse Sul-Americano foi em São Paulo e eu e a Regina Ribeiro ficamos em 2º lugar, empatadas, vice-campeãs e naquela época dava o título direto, foi em 1985. A gente tinha a Ruth Ribeiro como Mestre Internacional, a Jussara já era Mestre Internacional também e acho que a Maria Cristina também já era, eu não tenho certeza, mas eu acho que ela já era sim. Então a gente conquistar isso foi maravilhoso, né? Imagina, conquistar ainda aqui no Brasil o título de Mestre Internacional foi maravilhoso. Agora uma das coisas que eu senti quando conquistei o

título de Mestre Internacional – eu sempre comento isso – é que daquele momento pra frente eu era o espelho. Até aquele momento eu mirava nas outras, eu queria ser como as outras e naquele momento eu senti que eu era o espelho e que eu tinha uma responsabilidade na maneira de atuar e na maneira de ajudar outras jogadoras a chegar ao título, a se desenvolver. Então naquele momento eu pensei “bom, agora eu sou espelho pros outros, eu preciso realmente ser uma profissional, ser bem ética pra dar o exemplo pros outros”.

J: Certamente, foi uma conquista histórica relevante! Como se constituiu o seu interesse pelo xadrez?

WIM5: Então, na verdade é isso, foi um jogo, uma brincadeira. Um desafio, na verdade. É um jogo que está te desafiando o tempo todo.

J: Em relação a toda sua trajetória, houveram interrupções, rupturas no percurso ou este se deu enquanto um processo mais contínuo?

WIM5: Eu acho que uma das interrupções foi quando o meu pai faleceu que eu não quis jogar campeonatos no ano seguinte, não participei de Campeonato Brasileiro. E a outra foi na época da pandemia, praticamente. E outros tipos de interrupção foram, mais assim, de treinamento, na verdade. Porque tem épocas que você tem outras coisas na cabeça, você tá na faculdade, você tá com outros projetos que você tem que levar e não dá pra treinar tanto como profissional como em outras épocas que você tem que se dedicar mais. Mas interrupção mesmo eu acho que foi só esse ano do meu pai em 83 e a pandemia só. Eu estou só há 41 anos jogando [risos].

J: Bacana tem toda uma história!

WIM5: 51 anos, erreí a conta [risos].

J: Imagina, fique à vontade! Em relação à sua época de colégio, houve contato com o xadrez na escola?

WIM5: Não, na época não tinha... Não era esporte na escola.

J: Ok! Que peso a senhora atribui ao seu investimento pessoal, ou seja, daquilo que precisou abrir mão pra construir a sua habilidade no xadrez?

WIM5: Habilidade ou a carreira?

J: Pode entender como preferir, habilidade, carreira...

WIM5: É, a habilidade, na verdade, eu diria que eu sou mais dom do que estudo, digamos assim. Mas o que eu acabei largando por causa da minha carreira acho que foi uns 85% da minha vida. Foi pra me dedicar à carreira, né?

J: E outras pessoas, o que elas tiveram que abrir mão em relação à sua carreira?

WIM5: Eu acho que seria mais o meu pai e a minha mãe que se dedicaram. O meu pai por acompanhar e ajudar e a minha mãe nunca quis jogar muito, coitada! Ela sofria – sempre acompanhava a gente – com os 3 filhos jogando, né? Mas ela sempre torceu muito, muitas vezes viajava junto com a gente. Então realmente... A ausência da gente também, porque nos anos que a gente competia mais, tipo 200 dias por ano a gente tava competindo ou viajando. Então realmente é bem complicado pra família.

J: E quando a gente fala de expectativas, que expectativas a senhora tinha sobre si própria?

WIM5: Olha, sei lá, eu acho que focava em ser uma boa jogadora, em conquistar o título de Mestre Internacional. De Grande Mestre sempre foi muito difícil, né? A gente provavelmente vai chegar lá nas suas perguntas, mas atualmente o meu objetivo é jogar o Mundial Sênior e ter um bom resultado [risos]. É o meu objetivo atual.

J: E o depósito de expectativas por outras pessoas, havia?

WIM5: Ah, sempre! Principalmente... Quando a gente começou a ganhar muito, ter muitos resultados, “nossa, você não ganhou, você está mal, hein? E não sei o quê, você tem que ganhar, hein”. E fica aquela coisa, todo mundo fazendo comentário depreciativo porque você tem que ganhar, você tem que ser boa porque você tem muito resultado. Ninguém leva em conta todo o esforço que você fez e você faz pra conseguir todo aquele resultado. Então essa é a expectativa dos outros.

J: Ao longo deste percurso – então pense na sua iniciação, depois na sua especialização, até a obtenção do título – como foi se transformando a sua rotina de preparação e de treinamento?

WIM5: Foi aumentando, né? Foi aumentando, é isso o que eu te falei, naquela época a gente não tinha muito como treinar. Foi mais participar de torneios, né? Começou a jogar mais torneios, jogar torneios de homens pra tentar progredir. E foi aí que a gente passou pra aula com o Herman Claudius. E foi isso aí, foi um aumento realmente mais de participação em torneios porque não tinha muito material, muita coisa. Naquela época também tinha o Informador – não sei se ainda é do seu tempo – e saía um livro a cada 6 meses, uma edição com as melhores partidas daqueles 6 meses, novidades, problemas. E levava uns 2 meses pra chegar por navio aqui no Brasil, então era tudo muito complicado, então não tinha como evoluir muito rápido. Como eu falei, tinha poucos livros, então essa foi a complicação.

J: Qual é a importância ocupada pelo xadrez ao longo da sua história?

WIM5: Você diz proporcionalmente à minha vida?

J: Sim, pode entender em relação a isso.

WIM5: Era o caso, do jeito que eu segui a minha vida, eu acho que 80% da minha vida foi o xadrez. E mesmo faculdade, escola, tudo, eu levei paralelamente ao xadrez, então pode-se dizer isso.

J: Ao longo deste percurso houveram temores, aflições, decepções ou mesmo dificuldades?

WIM5: Muitas [risos]! Sempre, né? Porque você tenta ter bons resultados e aí você leva uma boa época e um bom tempo sem ter. Eu via a minha irmã conseguindo vários títulos e eu não conseguia. Ela... Eu fui tendo que aprender, na verdade, uma evolução. Em uma época, por exemplo, em um torneio ela comentou comigo “olha, você perdeu uma partida mal – ou tava ganha e perdi ou era um resultado não esperado e tudo – e vê se não afunda porque você normalmente se deixa derrubar quando é assim”. Então dali pra frente eu comecei a trabalhar isso, na verdade era por isso que a minha irmã ia super bem nos torneios e eu ia mal. Porque se eu tivesse uma derrota inesperada ou se durante uma partida eu estivesse melhor e perdesse eu levava isso por muito tempo, eu não reagia. E uma das coisas que me marcou bastante foi a primeira vez que eu joguei um Campeonato Sul-Americano e não classifiquei pro Mundial. A primeira vez que eu tentei classificar pro Mundial eu não consegui. Eu fiquei empatada com a Tatiana Ratcu

no Campeonato Brasileiro e a gente teve que jogar um *match*. Naquela época eu acho que a Tatiana ainda não tinha sido campeã brasileira e não era mestre, se eu não me engano. Mas eu já sabia que ela era uma jogadora fortíssima, então por mim eu já sabia que era um *match* difícil, né? E me dediquei demais, foi eu acho a época que eu mais estudei xadrez na minha vida, tipo 6 horas por dia e fazia preparo físico. Todo esse preparo, só que assim... Eu não sei se foi realmente doença ou se foi psicológico, mas quando chegou 1 dia antes do torneio eu comecei a... Deixa eu pensar, deixa eu ver se eu tô confundindo os torneios [pausa].

J: Claro!

WIM5: Não, eu acho que esse foi com a Paula Delai. Vamos lá, eu perdi esse torneio pra Ratcu e não classifiquei pro Interzonal que é o classificatório pro Campeonato Mundial. E na época, é aquele negócio, né? Todo mundo fala “ah, você já tá velha, você já não dá mais, agora é a jovem que vai na frente”. É aquilo que eu te comentei, quando você tá lá em cima, todo mundo só atira a pedra, a maior parte só atira a pedra e não vê o esforço. E eu já sabia, já respeitava muito a Tatiana e enfim. Aí realmente isso me marcou bastante e eu realmente fui conseguir superar isso – quantos anos depois, deixa eu ver aqui, foi em 95 – só em 99 quando eu ganhei e fui pro Mundial. Então quer dizer que ficou um negócio atravessado em mim, dolorido por 4 anos. E você imagina, né? Até eu conseguir ir pro Mundial, então é bem complicado. Não, foi com a Ratcu mesmo, eu já lembrei o que aconteceu. Com a Paula foi outra coisa, foi a minha sobrinha que foi internada no hospital. Então, quando chegou um dia antes do *match*, eu comecei a ter vômito e diarreia, vômito e diarreia, vômito e diarreia. Eu acho que possivelmente eu peguei algum tipo de virose ou uma doença, então também ficou... Então com o xadrez, por ser um esporte individual, você se analisa demais, você tem que se analisar demais. Então, assim, uma coisa que eu analisei foi “será que isso aí foi psicológico ou será que foi doença mesmo”, né? Então você fica trabalhando isso, fica trabalhando que você perdeu o *match*, fica trabalhando tudo na tua cabeça. Eu fiquei 4 anos mastigando isso daí até eu conseguir realmente ir pro Mundial. Então essa foi realmente uma coisa que me derrubou bastante [risos].

J: Interessante! Neste mesmo sentido, houveram restrições, limitações ou algum tipo de proibição advindas da prática?

WIM5: Proibição... Eu acho assim, a gente teve muito problema por ser mulher... Confederação, muita política, tem muita proteção, digamos assim, pros homens. Desde nova eu não joguei... O único Campeonato Mundial Juvenil Feminino, o primeiro Campeonato Mundial Juvenil Feminino que eu tinha direito a jogar que foi o último que eu teria idade – naquela época não tinha abaixo do Juvenil, não tinha essas faixas de idade que há agora – eu só fiquei sabendo quando já estava sendo jogado o Mundial. Ou seja, a federação não quis me avisar porque sabia que talvez teria que arranjar passagem e alguma coisa e não avisou. Então, assim, te derruba, né? Porque naquela época eu já competia bastante. Então essa foi a minha primeira grande experiência de terem atrapalhado a carreira. Depois, quando foi a Olimpíada da Grécia em 84 eles diziam que não tinha dinheiro pra levar a equipe masculina e a feminina – eu não lembro se era 6 e 4, né? – só que eles levaram 10 pessoas, eles levaram técnico, eles levaram capitão da equipe masculina, levaram não sei quem pra ir pra FIDE. E na verdade eles podiam ter levado a equipe masculina e a feminina, né? Então não levaram, não tinham dinheiro e não levaram. E aí foi uma corrida atrás pra tentar conseguir a passagem e o Herbert Carvalho conseguiu uma... Falar com o Mário Covas, né? Ele era governador de São Paulo, fazer uma reunião com ele. E aí o Mário Covas – que era enxadrista também, ele adorava xadrez – ele apoiou e deu a passagem pra mim e pra Jussara que éramos de São Paulo. Aí a Regina Ribeiro arranhou lá em Santa Catarina e a Norma Snitkowsky do Rio pagou a passagem dela. E a Jussara foi lá e ganhou a medalha olímpica, então a gente vê que realmente o pessoal não tá nem aí pro feminino. Depois na Olimpíada de Yerevan também tinha um problema de dinheiro da passagem e aí cada jogador pagou a sua, foi uma corrida na última hora que todo mundo pagou. Depois de 2 anos que eu fui receber a minha de volta porque eu descobri que uns jogadores tinham pago a passagem deles com cartão de crédito em parcelas e a confederação pagava cada parcela pra eles. Aí quando eu descobri isso eu falei “ué, vocês pagaram o masculino e não reembolsaram o feminino”, né? Então aí, 2 anos depois e depois de muita briga, eles reembolsaram. Os jogadores do masculino tinham bolsa pra jogar as Olimpíadas e a gente não sabia, eles não estavam lá de graça, né? E a gente foi saber porque um jogador de outro país comentou com a gente “ah, eles recebem tanto de bolsa” e a gente “como, eles recebem bolsa”, né? E aí o cara percebeu que ele tinha falado besteira e assim a gente começou a cobrar. Daí foi que começaram a pagar bolsa, o feminino eu acho que nunca foi um

valor igual ao do masculino, a nossa bolsa sempre foi menor. Então são coisas que eles não falam pra gente, né? E já chegaram a comentar claramente pra gente “joga uma jogadora contra a outra” pra gente ser desunida e não ter força pra não pedir nada, entendeu? Então é assim, o feminino sempre foi isso. Essas dificuldades para além de competir, além de ter um nível razoavelmente diferente era isso daí [risos].

J: Em relação a esses problemas por ser mulher, enquanto árbitra, a senhora vivencia outros tipos de ocasiões, de situações?

WIM5: Problemas diferentes por ser mulher de jogar xadrez?

J: Mais relacionados à função de árbitra, seriam parecidos, semelhantes?

WIM5: Igualzinho, igualzinho, até hoje eu tenho. Eu sou Árbitra Internacional há muitos anos e até hoje eu sinto, quando eu sou árbitra principal, que tem alguns árbitros homens que não aceitam serem, digamos assim, mandados. Você tem uma hierarquia e você fala “não, eu quero que faça desse jeito, eu preciso isso, preciso daquilo” e eles não aceitam. E isso de eu ter que chegar pro outro Árbitro Internacional que trabalhava comigo e perguntar “é só comigo que eu falo e ele não faz? Porque não é possível, eu falo pra ele fazer as coisas e ele não faz. Ele olha pra mim e não faz na minha cara. É só comigo?”. E ele falou “não, é mais com você, comigo também mas é muito pouco, mas eu acho que você por ser mulher é mais complicado”. Então isso existe até hoje, estou te falando, é recente, de agora. Então é bem complicado.

J: Além de mais de 80% da sua vida, o que o xadrez representa pra senhora?

WIM5: São muitas boas recordações, na verdade eu acabei viajando o mundo inteiro, conheci mais de 40 países, muita amizade. Então praticamente é a minha vida, representa muito da minha vida. E fora a facilidade também que ele proporciona nas outras áreas, a gente sabe os benefícios que o xadrez traz, né? A gente, na verdade, usa todo o preparo físico e psicológico do xadrez pra outras áreas também.

J: A senhora poderia discorrer um pouquinho sobre quais benefícios são estes?

WIM5: Concentração, preparo psicológico, tentar prever o que vai acontecer, o que o adversário vai fazer. Aliás, a gente aprende que a gente não consegue prever tudo, né? Porque às vezes em uma partida você analisa, analisa, analisa e quando o cara joga o

lance você fala “nossa, por que é que eu não pensei nisso”, né? Uma coisa tão lógica, assim. Então aprender a se autoanalisar também e isso é bom e é ruim porque muitas vezes você vai ver que você falha, mas na verdade é bom pra você se construir, se conhecer e tentar progredir. É uma coisa que te ajuda muito, me ajudou a desenvolver outras línguas e muitas amizades, então foi sempre muito bom.

J: Bacana, e em relação ao seu gosto, como a senhora acha que se constituiu o gosto pelo xadrez?

WIM5: Eu gosto muito, não gosto de treinar, eu gosto de jogar e competir. Na verdade eu acho que competir é muito desafiador, eu gosto muito e gosto muito de xadrez, eu acho muito lógico. Eu também tenho uma facilidade com matemática, com xadrez, então é uma coisa que eu gosto de fazer.

J: Além do seu pai, do seu irmão e da sua irmã, existe na sua família mais alguém que tenha experiência com o xadrez?

WIM5: De competição só os filhos da minha irmã andaram jogando alguns torneios, são mais os meus sobrinhos mesmo porque o resto não quis se dedicar ao xadrez. Nenhum outro tipo de parente também.

J: E se a gente pensar apenas em conhecimento, não precisa competir, outras pessoas da sua família conhecem xadrez?

WIM5: Primos, talvez sim. Sim, primos sim.

J: Se a gente pensar no seu tempo livre, antigamente pra além do xadrez a senhora compartilhava ele com outras atividades esportivas ou de lazer?

WIM5: Eu já fiz dança de salão, já fiz yoga. Um pouco de natação, hidroginástica, caminhada. São outros tipos de esporte, né? Lazer eu gosto muito de mexer com planta, artesanato, algumas coisas desse tipo. Música eu gosto também.

J: A senhora toca algum instrumento?

WIM5: Eu toquei piano, vários anos quando eu era pequena. Mas aí na hora que a professora particular falou assim “bom, daqui pra frente é o conservatório” aí eu falei “não, não é isso o que eu quero da minha vida”, então parei.

J: Bacana! A escolha do seu curso superior na universidade teve relação com o xadrez?

WIM5: Nenhuma, nenhuma. Na verdade foi um caminho tortuoso, na verdade eu queria ser... O primeiro vestibular que eu fiz foi pra Engenharia, o segundo pra Engenharia, o terceiro pra Arquitetura. Não entrei em nenhum dos três – porque eu só tentei USP, né? – e aí um amigo nosso comentou com o meu pai “não, ela tem jeito de economista, ela pensa como economista”. Aí resolvi prestar Economia e entrei. E aí eu fiz Economia [risos].

J: Bacana!

WIM5: Na verdade no meu 3º colegial, acho que no 2º ou 3º colegiais... Era estadual, né? Que eu te comentei e naquela época eles implantaram mais um Técnico, né? E eu tive muita aula da área de Arquitetura e Engenharia. Então eu gostei da área, eu queria essa área... Meu irmão já era engenheiro, eu queria exercer Engenharia Civil e não entrei. Uma vez eu passei pra segunda fase, mas não passei. Depois aí eu falei “acho que vou ser arquiteta” e também não passei e foi aí que eu resolvi ir pra Economia. Não teve nada com o xadrez não.

J: Bacana! E na universidade, tinha treinos de xadrez, competições?

WIM5: Treinos não, eu cheguei a competir por equipes e individuais pela FEA, pela faculdade.

J: Apenas à título então de representar a faculdade, é isso?

WIM5: Sim, eu nem lembro... Pra dizer a verdade eu nem lembro, eu acho que era entre faculdades de Economia, entre alguma coisa da USP. Foram alguns torneios... Deixa eu ver, 82 a 85, só 30 e poucos anos atrás, enfim [risos].

J: Fale sobre a carreira de uma jogadora de alto rendimento no xadrez brasileiro. A senhora se considera uma profissional?

WIM5: Sim, me dediquei muito, estudei muito e recebia pra isso, então sou profissional de xadrez.

J: E a partir de quando a senhora sentiu esse profissionalismo?

WIM5: Na verdade foi mais, quando eu te falei, quando eu consegui o título de Mestre Internacional que foi aí quando eu senti que realmente deveria ser extremamente profissional. E quando a gente começou a receber pra participar, começou a ganhar um dinheiro porque a gente dedicava muito tempo a isso e foi um salário. Imagina, nem tinha prêmio feminino naquela época, a gente pagava as viagens, pagava a estadia, hotel, tudo e fora o tempo que a gente perdia, né? Então quando começou a receber pra competir aí sim a gente já sabia que era profissional mesmo, aí começou a carreira. Aí a gente tinha responsabilidade, não era só jogar porque a gente gostava.

J: Ser WGM ainda é um objetivo pra senhora?

WIM5: Ainda é, até por isso que eu quero competir no Mundial Sênior que eu acho que atualmente é a única chance que eu tenho porque pela idade realmente precisa ter um preparo físico, estudar muito, dedicar muitas horas e no momento eu não tô conseguindo pra conseguir esse título, tipo, jogando vários torneios na Europa, não está sendo possível. Então o meu objetivo por enquanto é ganhar o Mundial, é um objetivo bem longe de ser alcançado, mas a gente tem que ter objetivo na vida. Não tô dizendo que eu quero ser porque eu me considero fresca, porque eu acho que eu vou conseguir, mas é porque a gente tem que colocar um objetivo na vida pra trabalhar e chegar lá, né? Então ainda passa na minha cabeça sim, mas com certeza vai ter várias outras Grandes Mestres brasileiras antes de mim.

J: Olha, que interessante! O que faz a senhora pensar que hoje em dia as meninas conseguirão esse título antes?

WIM5: Bom, primeiro é que elas estão se dedicando muito. Segundo é porque hoje em dia está muito mais fácil se preparar, elas estão jogando muitos torneios masculinos puxados e estão jogando fora do país. Várias já chegaram bem perto, a Vanessa Feliciano já chegou muito perto e agora a Terao tá quase lá, a Julia Alboreda tá quase lá. Essas duas com certeza vão ser Grandes Mestres em pouco tempo, tá faltando muito pouco.

J: Ficamos na torcida para que sim!

WIM5: Com certeza!

J: Considerando toda a sua experiência e bagagem no exterior, que diferenças a senhora percebe entre o xadrez nacional e aquele que a senhora vivenciou em todas as suas viagens?

WIM5: Nossa, é muito diferente. Eu passei por essa época dos países comunistas e não comunistas, os países comunistas têm um histórico de xadrez muito forte. Cuba era um deles, que era e escola russa, a partir da Iugoslávia lá da Europa. São vários países que eram comunistas e que tinham uma escola muito forte. E a gente vê o que eu vi lá em Cuba e vi em outros países, desde novos eles já têm escolas pra vários esportes, mas pra xadrez também é muito profissional. Lá na Rússia eles pegam jogadores mais fortes que já treinam com antigos campeões mundiais, com Grandes Mestres. Eles têm um método muito profissional, muito fácil, já tem o caminho das pedras pra chegar lá, o tipo de treinamento, os tipos de campeonatos mais difíceis. Aqui no Brasil a gente não tem... Agora que tá começando a ter alguns torneios mais fortes, fechados, que podem dar títulos e tudo, né? Mas assim, a gente vê que todo mundo tem que ir pra fora realmente que é onde tem esse profissionalismo e torneios mais fortes na Europa. Então é o caminho, é se dedicar um tempo pra competir lá fora. É um outro nível de escola, eu vou te dar um exemplo de que a gente jogou uma Olimpíada, ainda tinha os países comunistas e o Brasil jogava a última rodada da Olimpíada contra a Inglaterra e a Inglaterra estava disputando o título com a União Soviética. E aí a União Soviética chegou com um dossiê de cada jogador, viu com que cor que os brasileiros jogavam, a equipe masculina. Tal jogador vai jogar de pretas contra tal jogador, dossiê do seu adversário é esse, um bloco impresso com 50 partidas. Não tinha nem impressora, devia ser aquele carbono que a gente passava, enfim. Chegaram com o dossiê de cada jogador pros brasileiros, ou seja, eles tinham isso como parte do xadrez dele e a gente era tudo... [risos]. Brasileiro lá chegando sem preparo nenhum e chegando lá, né? Então assim, é um outro nível, hoje em dia eu acho que a China tem isso e ninguém sabe exatamente qual o método da China que chegou tão longe. Mas é outra escola, outro jeito de aprender.

J: Certo, interessante essa disputa entre países capitalistas e comunistas, né? No xadrez a gente sabe que teve o *match* do século nessa época, isso chegou a te influenciar em algum momento na sua trajetória?

WIM5: Sim! Você não imagina, naquela época a gente ficava sabendo o resultado ouvindo na rádio o resultado das partidas que era o jeito que a gente conseguia saber porque não tinha *internet*. Então ouvíamos na rádio dizendo “acaba de ser campeão mundial” e não sei o quê, porque não tinha notícia. Mas obviamente foi muito noticiado, na época, aqui no Brasil. Foi uma das grandes coberturas sobre xadrez que a gente teve.

J: Interessante! A senhora percebe alguma diferença entre como o xadrez circulava entre as mídias, entre as pessoas na época desse *match* do século e em outras épocas?

WIM5: Sim! Foi muito divulgado, pra gente que já praticava e ninguém queria saber de xadrez, não tinha quase notícia nenhuma, né? Foi muito divulgado, foi bastante divulgado. Todo mundo sempre fala até hoje, também muito se fala do Méquinho, o Interzonal que o Méquinho jogou, o Grande Mestre. E tudo isso se fala demais, sempre! Até hoje todo mundo pergunta “e aquele jogador, era o Méquinho? Como é que ele tá, como é que ele não tá?”. Então isso teve muita divulgação e foi uma coisa que marcou bastante na época. E criou um clima, a primeira vez que eu fui pra Rússia eu fiquei pensando “nossa, como é que será que é lá, comunista, como é que será que é”, louca pra conhecer como é que era, como é que eram os jogadores. Realmente na cabeça da gente a gente montou uma imagem de como seria.

J: E como seria essa imagem?

WIM5: Ah, de ser uma coisa com a polícia, bem efetiva, ninguém podia falar nada. Isso a gente viu acontecer em Cuba, mas enfim. Naquela época, você imagina, você pisar em um país comunista pra quem nunca tinha ido, a gente só ouvia falar do comunismo, de como era a repressão. Então eu fiquei bem curiosa pelo xadrez da Rússia.

J: Interessante! De maneira geral, como a senhora avalia a sua trajetória?

WIM5: Digamos assim, deu um salto quando eu consegui o título de mestra. Bom, eu participei de 15 Olimpíadas jogando, sou a recordista brasileira, então se você pensar nisso são mais de 30 anos jogando pelo Brasil. Teve altos e baixos, problemas pessoais, tem várias coisas que vão influenciando em que há épocas que você tá mais dedicada, menos dedicada. Mas eu acho que um grande salto foi quando eu tinha mais ou menos 40 anos que eu consegui ser campeã paulista, brasileira e sul-americana. Eram todos ao mesmo

tempo e eu consegui um patrocínio da Saraiva, né? Então eu tinha como me dedicar e estudar, então foi ali quando eu cheguei no meu auge, digamos assim.

J: Quais atributos pessoas a senhora julga serem importantes pra exercer a modalidade?

WIM5: Muita concentração. Agora dedicação é como em todos os outros esportes, na verdade não é com o xadrez. Mas o xadrez realmente tem uma dedicação muito grande não só em termos de estudo, de prática, como de preparação física. Precisa ter um bom preparo físico, pra comentar com você, na Olimpíada a partida era a tarde, por exemplo, 2 ou 3 da tarde. Então a gente levanta de manhã, toma o café, pegava os boletins porque na época havia os boletins impressos porque não tinha os programas de xadrez. Ia lá, estudava a adversária e já tava praticamente na hora do almoço. Ou eu ia caminhar, eu gosto de caminhar pra dar uma relaxada e uma concentrada e aí você vai jogar. Então nos primeiros dias você levanta às 8 horas da manhã, vai tomar café. No segundo dia já é 8, 8 e meia. No quarto dia você já não tá aguentando, levanta às 9. No quinto e sexto dia você tá tão cansada que você levanta por obrigação porque sabe que tem que se preparar e tem que tomar o café da manhã. Então há um desgaste físico e psicológico muito grande, tem estudos aí que comparam uma partida de xadrez de nível de campeões, assim, de jogadores de alto nível, que é o desgaste de uma luta de boxe de 16 *rounds*, né? Então não é que a gente tá sentada lá que não tá gastando nada – você sabe porque você é jogadora – então precisa ter um preparo e uma dedicação muito grande. Então eu acho que pra xadrez você tem que ter preparo físico e, como nos outros esportes, o psicológico, precisa gostar e precisa gostar de desafios. Precisa gostar de se analisar, porque é como eu comentei, por ser um esporte individual você não tem como jogar uma derrota nas costas de outra pessoa. Então “ah, a gente perdeu porque aquele jogador deixou, jogou muito mal, desequilibrou a equipe”. Não, você sabe que o erro foi seu ou foi falta de treinamento ou foi um erro mesmo seu ou foi falta de concentração ou foi falta de preparo. Então você tem que estar se analisando o tempo todo pra crescer no xadrez.

J: Certo, destes atributos que a senhora elencou, quais julga possuir?

WIM5: Acho que todos [risos]. Pra eu estar aqui até hoje eu acho que todos, foi mais o preparo físico que eu não me dediquei tanto. E eu não comentei, mas tem que ter muita garra pra jogar. Realmente, muita vontade. E isso eu acredito que tenha.

J: Ok! Considerando que a gente não tem WGM ainda no Brasil, o que significou pra ti o alcance máximo do título internacional da modalidade?

WIM5: Ser mestra, você diz?

J: Isso!

WIM5: Foi o máximo, eu acho que eu era a 4^a jogadora a conseguir o título. Na época era o máximo que a gente podia pensar em conquistar e alcançar, porque realmente havia a possibilidade do Grande Mestre, mas a gente sabia que tava muito longe disso. Então realmente foi tudo, foi se sentir no auge do que você queria conquistar e chegar lá.

J: Bacana, e o que a senhora pensa sobre a influência do talento na sua carreira?

WIM5: Eu acho que é 90% da minha carreira, eu sou mais talento do que dedicação, estudo.

J: O que significaria ser mais talento?

WIM5: Pra chegar onde eu cheguei sem estudar tanto como eu deveria ter estudado é porque eu tinha mais talento do que dedicação, é isso o que eu quis dizer. Alguma coisa mais inata.

J: Entendi, bacana! Quais foram, pra senhora, as principais conquistas da sua carreira?

WIM5: Bom, primeiro o título de Mestre. Campeonato Paulista, Brasileiro todos foram importantes, Sul-Americano principalmente depois de não ter ido pra aquele Sul-Americano que eu comentei com você. Queria muito ganhar o Sul-Americano e ganhei 2 vezes em seguida e fui pra 2 Mundiais. E jogar 15 Olimpíadas, sem dúvida, também é fantástico. Ir pra primeira, na verdade, eu tava classificada pra outra. Antes de jogar a minha primeira em 82 na Suíça eu tava classificada pra jogar uma que teve em 80 na Argentina, mas aí houve um problema com uma das jogadoras da equipe que recebia lances. É uma jogadora famosa com treinador famoso, não sei se você sabe dessa história, eu não vou citar nomes. E aí o meu pai não quis que eu fosse porque ele achava que a minha carreira tinha que ser correta, então ele falou “você não vai participar de uma equipe que passa lance pra uma jogadora e ponto”. Aí eu deixei de ir pra minha primeira olimpíada, então, na verdade, quando eu fui pra primeira foi muito sensacional,

uma experiência maravilhosa. E era o que a gente tinha como objetivo naquela época, jogar uma Olimpíada pelo Brasil.

J: Já à guisa de finalização do nosso roteiro...

WIM5: Posso só fazer um complemento? Quando eu fui campeã brasileira de volta, deixa eu olhar aqui porque eu já até deixei o currículo do lado porque se tratando de xadrez eu já tô até velhinha. Eu fui campeã brasileira em 91, 98, 2002 e 2008. Fui várias vezes vice-campeã, tive o azar de jogar com a Ratcu, com um monte de jogadora forte, com a Jussara, com a Regina Ribeiro. Então, assim, eu fui muitas vezes vice-campeã, eu fui 6 vezes vice-campeã. Quando foi em 2008, eu tinha sido campeã em 2002 e já falavam pra mim que eu estava em fim de carreira, “você já está mal, você já está no final da sua carreira, já está acabada e já está na hora de parar de jogar xadrez”. E quando eu conquistei em 2008 foi um sabor muito especial, de calar a boca de muita gente, de falar “ah, é? Tá na hora de eu parar? Então tá bom!” e eu fui campeã brasileira de novo. Então esse foi outro ponto marcante da minha carreira pessoal, uma conquista que eu queria muito e foi importante na época.

J: Bacana, obrigada por complementar! Além destas situações que a gente já comentou, tiveram outras vivências relacionadas ao gênero que a senhora queira trazer?

WIM5: Sempre tem uma experiência de um torneio que você não gosta de alguma coisa que te fazem ou que a confederação faz ou deixa de fazer. Como levar pra Olimpíada um capitão que não falava outra língua fora o português, e aí quando você recebia uma proposta de empate e perguntava pro capitão, com o meu tempo correndo, “posso aceitar”? O cara fica olhando pro tabuleiro e não sabe o que falar porque ele não tinha conhecimento suficiente, aí eu acabei resolvendo e respondi e ponto porque o meu tempo tava correndo e tava com pouco tempo. Então coisas assim desse tipo, muitas ocorreram! E você se sentir com muita raiva de não ser bem tratada porque você era uma mulher e outras coisas. Na última Olimpíada eu fui como árbitra, eu fui pra Chennai como árbitra e era uma coisa que desde a primeira vez que eu não classifiquei pra Olimpíada eu fiquei tentando. Eu já era Árbitra Internacional e sempre chegava em uma barreira que era aquela aqui do Brasil que eles indicavam um Árbitro Internacional por política que era de um estado que ia fazer um voto pra eles serem reeleitos na próxima eleição, queriam alguma compensação. É como eu te digo desse caso, ele era

um caso lá do Nordeste que não entendia coisa nenhuma, não falava coisa nenhuma e era capitão da equipe, não tinha a mínima condição de ser capitão da equipe. Aliás, acho que desde pouquíssimo tempo a gente teve um capitão que realmente entendesse e treinasse a gente, mas enfim. Perdi o raciocínio, meu Deus! O que é que eu tava falando?

J: Das questões de gênero...

WIM5: Ah, da arbitragem! Tentei vários anos, aí tem que passar pela indicação da sua confederação, da FIDE América, tentei muitos anos e não consegui. E no ano anterior de Chennai que foi em 2021 a FIDE resolveu a começar a ver quem tinha interesse, eles começaram a fazer uma chamada de interesse pra ver quem tinha interesse em arbitrar e quais torneios. Aí sim eles pegam por méritos e pegam mulheres também, então aí sim eu consegui finalmente arbitrar uma Olimpíada. Mas até então, por ser mulher e não ter nenhuma força política, eu não era realmente convidada. Então isso também foi muito importante pra mim, foi um marco na minha carreira não como jogadora, mas como árbitra estar arbitrando uma Olimpíada mundial de xadrez.

J: Que interessante, como foi essa experiência pra ti?

WIM5: Bem diferente pra quem está do outro lado [risos]. A gente tinha vários outros árbitros lá, tipo 200, porque é 1 pra cada *match*, né? E você fica responsável por aquele seu *match*, por 4 partidas que parece que é pouco mas você tem que estar ligadíssima o tempo todo pra ver se eles cometem algum erro, alguma coisa, né? Tem que tomar a decisão e você sabe que essa decisão pode influir no resultado, é um nível muito maior de responsabilidade. Eu já tinha sentido, eu tinha arbitrado aqui no Brasil o *Grand Slam* no Ibirapuera, tinha só os jogadores... Era o Carlsen, o Fabiano Caruana, esses jogadorzinhos fracos que estavam disputando, era classificatório pra quem ia desafiar o campeão mundial. O Carlsen não era campeão mundial naquela época, o Aronian estava jogando, então foi um torneio fechadíssimo no Ibirapuera. Não sei se você chegou a assistir, ficava em um vidro separado, os jogadores ficavam em um vidro. Nesse torneio eu me senti arbitrando uma semifinal da Copa do Mundo, eu sabia que o mundo inteiro tava olhando porque naquela época já estava transmitindo. Então você fica com uma responsabilidade grande, é um peso do mundo inteiro estar te observando, se você fizer uma besteira vai ser a nível mundial. Então essa já tinha sido a grande experiência que

eu tinha tido, então arbitrar a Olimpíada foi super igual, uma responsabilidade muito grande.

J: Bacana! Pra finalizar o nosso roteiro, daquela criança que iniciou no xadrez, o que ficou em quem a senhora é hoje?

WIM5: Ainda acho que continua a mesma característica de ter garra e de não saber perder, de não gostar de perder [risos]. Até pouco tempo atrás eu ainda choro quando perco uma partida, às vezes, ainda existe isso. É claro que é muito menos e quando é um resultado muito importante, tipo um Sul-Americano... Esse Sul-Americano que eu perdi, mas as características principais são essas mesmo. Muita vontade, muita garra e não saber perder e não gostar de perder e querer lutar, sabe? É isso.

J: Ótimo! Há algo que a senhora queira acrescentar e que não foi contemplado neste roteiro?

WIM5: Eu acho que agora que eu tava falando da arbitragem... Você não me perguntou por que é que eu fui ser árbitra, né? Na verdade a gente já jogava xadrez, tinha pouquíssimos árbitros e às vezes eles comentavam “não, isso aqui é assim por causa disso, isso aqui é assim por causa daquilo” e a gente não tinha onde consultar porque não tinha *internet* e não havia mulheres árbitras. Então pra competir, a gente queria ter um conhecimento maior. A minha irmã é advogada, então imagina. Então aí a gente começou a estudar e foi por complementação de renda porque se a gente tava vivendo de xadrez... É como eu te falei, eu me formei economista, mas como eu viajava demais, competia demais... Eu até fiz algumas provas, fui chamada pra um banco ali, pra uma outra etapa, fui passando das etapas pra estágio pra aprovação. Só que aí era um Jogos Abertos do Interior que eu ganhava pra jogar, então o dia coincidiu e eu falei “não, eu também não quero parar de competir, então não vou”. Então não comecei a trabalhar, você imagina, fiz Economia na USP e eu até sinto pena de ter pego a vaga de outra pessoa em um concurso público e não ter trabalhado na área, né? Mas aí como eu me tornei profissional jogando xadrez, tinha que ter um complemento porque a gente sempre ganhou muito mal pelo xadrez, infelizmente, no Brasil. E aí a gente começou a arbitrar pra ganhar dinheiro também e aí foi isso, só um complemento também.

J: Ótimo complemento, agradeço sobremaneira pela gentileza! Então eu gostaria de novamente te agradecer por toda a atenção em relação à entrevista e por todo o carinho com que conduziu este nosso diálogo. Muito obrigada!

WIM5: Se você puder ficar ainda mais um pouquinho...

J: Claro!

WIM5: Tenho alguns detalhes importantes. Eu recomendo sim que a pessoa compita porque ajuda muito o xadrez, ajuda em tudo na vida. A gente brinca que é o mini tabuleiro da vida que você aprende sobre seus atos, o que é que vai ter de consequências, de responsabilidades, você se socializa. Tem muita gente que consegue subir de classe social, tem muita gente que é envergonhada e começa a ter amigos, quem não tinha tem a chance de ter amigos. Então eu recomendo, sem dúvidas, que todo mundo jogue xadrez. E a gente teve uma experiência interessante agora no *Floripa Chess Open* que eles fizeram uma reunião com as jogadoras, não sei se você ficou sabendo. Teve um encontro que inclusive foi patrocinado pela FIDE, foi oficial, eles ganharam pra fazer esse tipo de encontro. E eu fiquei meio assombrada com algumas coisas que falaram, várias mulheres falaram, várias jogadoras falaram que elas tiveram problemas de assédio tanto físico quanto mental, né? Então elas tinham treinadores pra competir e aí ficavam chantageando e fazendo pressão psicológica porque perdia, porque isso e por aquilo. Tratando mal, tratando diferente dos homens. Algumas tiveram problemas sexuais, entre outros. Então isso foi uma coisa que me marcou muito porque foram várias jogadoras que estavam lá que falaram isso publicamente, na frente de todo mundo, e outras me falaram no particular “ah, também aconteceu isso comigo”. E uma coisa importante que também foi discutida lá foi que eles falaram que devia ter mais técnica mulher acompanhando, a gente devia ter mais mulheres técnicas, né? Porque os pais não ficam tranquilos de deixar as meninas viajarem, menores de idade, com técnicos homens até por saber de outras histórias também, por receio. Mas a gente vê isso não só no xadrez, a gente viu na natação, na ginástica olímpica e em todos os esportes. Então eu só queria comentar isso que é importante, então talvez pra essas jogadoras novas que queiram ter uma carreira, sempre tomar um pouco de cuidado com isso e falar. Não aguentar, não se fechar e achar que   um problema – que   o que acaba acontecendo com todas – que   culpa delas, n ? Começar a comentar, a colocar pra fora

e não deixar isso acontecer, tem que falar e pronto. E aí ter mais força com outras junto é mais fácil. Eu acho que é só isso que é importante, graças a Deus nunca aconteceu isso comigo, mas é o que eu digo: o meu pai acompanhava a gente sempre enquanto a gente era menor, e aí depois a gente também já sabia se virar. Mas é complicado para uma carreira de mulher, talvez isso seja uma das coisas que a gente muito viu, muita jogadora quando entrava na faculdade largava a profissão porque monetariamente não tinha sentido, talvez até por isso a gente não tenha Grandes Mestres, né? Porque imagina pra um pai, você estar com a filha lá em uma profissão e ela largar pra competir. Imagina, há alguns anos atrás era impossível, hoje em dia já é um esporte que está coberto pela *internet*, tem tudo. Então é uma profissão bonita ou a jogadora vive transmitindo, a Julia Alboreda vive transmitindo, tem um canal e todo mundo acha bonito, mas há alguns anos atrás falar que ia parar de estudar pra jogar xadrez era complicado. Eu acho que é isso, são esses os pontos mais importantes.

J: Claro! Já à guisa de conclusão, esses problemas de assédio, em algum momento, foram presentes também em sua carreira?

WIM5: Não, é como eu te disse, o meu pai sempre tava junto e depois quando tava maior a gente já tinha a capacidade de dizer não, né? De não deixar, logo cortar essas coisas.

J: Ótimo, agradeço sobremaneira pelo complemento! Há mais algo que a senhora deseje dizer e que não foi contemplado nesta entrevista?

WIM5: Não, eu acho que a única coisa que a gente já falou é que eu tô torcendo pra gente ter logo novas Grandes Mestres, que comece a aparecer um monte de Grande Mestre por aí!

J: Ok, ficamos na torcida! Então, desta maneira, eu finalizo a agradecendo novamente. Muito obrigada!

WIM5: Imagina, de nada! Agradeço a chance também de falar um pouco sobre o xadrez feminino no Brasil.

J: Eu é quem agradeço!

Apêndice H – Íntegra da entrevista (WIM 6)

J: Eu gostaria de te agradecer, mais uma vez, em relação à toda a atenção pelo estudo. Sua idade?

WIM6: 43 anos.

J: Data de nascimento?

WIM6: 08/09/1979, daqui a pouco eu viro 44 [risos].

J: Excelente! Gênero?

WIM6: Feminino.

J: Ok! Cidade de nascimento?

WIM6: São Paulo.

J: Cidade de residência?

WIM6: Cingapura.

J: Cor da pele?

WIM6: Branca, quais são as opções, geralmente?

J: É uma opção aberta justamente pra que você se sinta à vontade para autodeclarar.

WIM6: Tá bom, então branca, sei lá [risos].

J: Ok! Nível de escolaridade?

WIM6: Eu terminei o mestrado, então pós-graduação, né?

J: Isso! Pensando nas etapas anteriores da Educação Básica, você cursou a maior parte em ensino público ou privado?

WIM6: Privado, só a faculdade em ensino público.

J: Perfeito, em relação ao Ensino Superior, cursou em qual instituição?

WIM6: Universidade de São Paulo.

J: Ótimo, qual curso?

WIM6: Administração.

J: Excelente! Atual ocupação?

WIM6: Eu sou empreendedora.

J: Ok! Considerando hoje o salário mínimo no Brasil de R\$ 1320,00, como você caracteriza a sua renda média familiar? Pode ficar à vontade para falar tanto em valores brutos quanto em faixas salariais.

WIM6: É complicado porque a gente ganha em dinheiro exterior, então se fizer a conversão... Vish, eu nem sei quanto é que tá a moeda, precisa converter? Pode falar acima de um valor?

J: Claro!

WIM6: Eu não sei quanto que seria, mas vamos falar acima de R\$ 50.000.

J: Agora eu gostaria que você pensasse nos membros da família que moravam com você na infância. Quem eram eles?

WIM6: Minha mãe, meu pai e meu irmão.

J: Ótimo, então pra cada um deles nós faremos uma caracterização em relação ao nível de escolaridade e de ocupação. Então começando pela sua mãe, nível de escolaridade?

WIM6: Eu acho que ela chegou a terminar o Secundário. Secundário como se fala em português?

J: É Secundário mesmo, é uma linguagem mais antiga, né?

WIM6: Secundário [risos]! Porque antigamente era Ginásio, ela só não fez faculdade.

J: Ótimo, ocupação dela?

WIM6: Desde que eu nasci ela nunca trabalhou, então ela sempre foi dona de casa, do lar, não sei como é que fala. *Houselife*! [risos].

J: Ok! O mesmo para o seu pai?

WIM6: O meu pai também não fez faculdade, ele terminou o Secundário. Ele trabalhou a vida inteira em uma empresa só por 30 anos na área de Processamento de Dados e

alguma coisa assim. Depois ele se aposentou, mas continuou trabalhando em algumas coisas menores.

J: Ok! E agora o seu irmão?

WIM6: O meu irmão ele fez faculdade, ele fez também Universidade de São Paulo. Ele fez Engenharia na POLI e hoje em dia ele é fiscal da Receita, ele passou naquele concurso que é disputado e vive a vida das 9 às 5 trabalhando como fiscal da Receita.

J: Excelente! Então assim a gente encerra essa fase inicial do roteiro e parte pras questões um pouco mais dissertativas. Pra começar então eu gostaria que você me falasse um pouco da sua trajetória, desde a iniciação, passando pelo alcance do título internacional na modalidade até os dias atuais. Sinta-se bastante à vontade para se alongar, eu estou aqui para te ouvir.

WIM6: Eu acho que vou fazer pela ordem cronológica que é mais fácil. Eu vou começar então sobre o porquê eu aprendi a jogar xadrez ou comecei a jogar xadrez. O meu pai, apesar de não ter feito faculdade, ele sempre foi uma pessoa que acreditou muito na educação. Ele tinha uma paixão enorme pelo desenvolvimento intelectual, então os *hobbies* dele eram, praticamente, leitura – ele lia muito! –, ele amava xadrez, gostava de ópera, música clássica. O passatempo dele era fazer palavra-cruzada, então na vida dele ele acreditava que as pessoas conseguiriam fazer muito mais voltado pro intelecto. Então como o xadrez é um jogo que mexe com isso, ele era apaixonado pelo jogo. E claro que ele ensinou tanto eu como o meu irmão desde pequeninhos, então quando a gente tinha 5 anos no meu caso e o meu irmão 4 anos, ele começou com os movimentos das peças. Era uma rotina que eu lembro, quando ele chegava do trabalho – acho que enquanto a minha mãe fazia o jantar – ele colocava o xadrez e punha a gente lá perto dele pra começar a ensinar. Não era todo dia, mas algumas vezes por semana. E a nossa impressão, tanto minha quanto do meu irmão era que xadrez era uma coisa chata no começo porque ele jogava também no clube... Mas as pessoas que jogavam xadrez que a gente conhecia eram todos ou da idade do meu pai ou pessoas muito mais velhas. E a gente não conhecia crianças que jogavam, né? Então o meu pai foi insistindo, nós dois aprendemos o básico com ele, a mexer as peças, mas até então muito pouco treinamento mais organizado. Aí o meu irmão ele era muito talentoso, uma pessoa extremamente inteligente, porém ele não curti tanto e acabou escolhendo outras coisas. E no meu caso

eu era uma pessoa que talvez... Uma criança que queria agradar muito e eu sabia que ele ia ficar muito feliz se eu jogasse xadrez com ele. Então ele me levava nos fins de semana no clube onde ele jogava com os amigos e ele descobriu uma escolinha de xadrez que ficava perto de onde a gente morava. Então todo domingo era meio que uma rotina de pai e filha, a gente ia lá – acho que a aula era das 10 às 11 horas da manhã – e eu fazia aula enquanto ele ficava lá lendo ou estudando ou acompanhando a aula. Aí acabava a aula e a gente ia almoçar em um dos restaurantes italianos – era uma região que tinha muitas, muitas cantinas italianas – e aí a gente ia experimentando. Nessa época eu já tinha, mais ou menos, uns 8 anos, então eu já tinha um conhecimento um pouco maior do que é o jogo e foi assim, né? Eu ainda não amava o xadrez, eu não curtia tanto. Um dia, quando eu tava nessa escolinha, o meu professor que dava aula regularmente não podia por algum motivo e veio um outro professor que era o Jefferson Pelikian. Ele veio substituir e foi a primeira vez que eu tive contato com ele. E aí ele ficou um pouco impressionado porque eu já sabia jogar e eu era uma pessoa muito concentrada. Então ele começou a olhar que para uma criança eu tinha algumas características que, talvez, ele observou e falou “de repente ela pode treinar mais e, se ela gostar, fazer parte até de um clube”. Esse era o Clube Paulistano que tinha muitas outras crianças que também jogavam. Mas ainda assim, pra mim, o xadrez não era nada sério e nessa época eu não quis investir, eu até... Eu acho que ele chegou a oferecer pra eu ir conhecer o clube, mas eu não quis. Lembro eu falando pra mim que já bastava ir domingo com o meu pai pra aquela 1 hora [risos]. Então no comecinho não era o que era a minha paixão. Aí passaram vários anos, eu não sei se eu cheguei a parar de ir pras aulas, mas eu fui por bastante tempo. Aí acho que eu cheguei a parar, mas eu tava mais ou menos com uns 11 aninhos quando eu fui acompanhar o meu pai em uma outra competição que era o Interclubes. Em São Paulo tem um campeonato que os clubes de São Paulo competem – talvez acho que você conheça ou já escutou falar – e era um torneio bem grande, tinha acho que 4 tabuleiros e todos os clubes podiam ter vários times: A, B, C, categoria especial. E aí eu fui com o meu pai que tava jogando na época eu acho que pelo Clube Sírio, mas super amador, o dele era a última categoria lá porque o meu pai nunca foi um bom jogador, ele foi um apaixonado pelo xadrez, mas não um bom jogador. Aí eu fui e nesse dia eu descobri que tinha muitas crianças que jogavam xadrez. Aí o Pelikian tava lá – porque como esse era um campeonato que tinha muitas

pessoas no meio – e ele falou pra mim “eu quero te apresentar uma menina que é mais ou menos da sua idade pra ela te contar um pouco sobre o que é o xadrez”. Aí ele apresentou uma menina chamada Marina Ramos – eu não sei se você escutou porque talvez ela não jogue mais – e aí ela tinha acabado de voltar de um Campeonato Mundial na Polônia, se eu não me engano. Aí ela veio me contar “não, porque eu acabei de voltar e a gente viaja e tem tanta criança e tal” e pra mim aquilo era uma surpresa gigantesca, “como assim tem Campeonato Mundial? Como assim tem tanta criança jogando? Como assim o mundo não é só o meu pai com os amigos?”. E aí de novo o Pelikian me convidou e disse “você não quer tentar, agora que você conheceu que tem a Marina” e aí acho que ele falou de outras pessoas que estavam lá, outras meninas. Mas com a Marina foi a primeira pessoa que eu conversei mais profundo e aí eu falei “ah, tá bom, vou tentar, parece que é legal!”. E aí eu recebi o convite e fui pra um clube chamado Paulistano que era onde o Pelikian, naquela época, dava aula. Aí nesse Clube Paulistano eles estavam organizando, se eu não me engano em 1991 – a minha memória talvez falhe um pouco nos anos – um Campeonato Pan-Americano de crianças. E aí como eles eram os organizadores, eles podiam colocar pessoas extras porque naquela época – eu não sei como é agora – os campeonatos eram muito rigorosos. Você tinha que jogar o campeonato do seu estado, então você jogava o Paulista e só os 3 primeiros – ou sei lá, alguns 6 primeiros, eu não lembro o número – do teu estado iam pro Brasileiro. Aí você jogava o Brasileiro e acho que só os 2 primeiros do Brasileiro iam pro Pan-Americano ou só o 1º do Brasileiro ia pro Pan-Americano. E depois você jogava o Pan-Americano e aí o 1º do Pan-Americano ia pro Mundial e o 1º de cada país também ia pro Mundial. Tudo era muito restrito, não era uma coisa aberta que eu acho que depois mudou e no Brasil talvez seja assim, no mundo seja assim. As pessoas podem disputar esses campeonatos sem classificar. E aí eu fui pra esse Pan-Americano que tinha as melhores do Brasil e as melhores da América do Sul sem, praticamente, nenhum treinamento. Tudo o que eu aprendi foi com o meu pai e naquelas aulinhas de domingo, mas sem nem ter jogado um campeonato antes. E o meu primeiro campeonato, como já era esperado, foi um desastre! Eu não lembro se eu fiquei em último ou penúltimo, não lembro. Eram poucas meninas porque como eu falei só se classificavam poucos países. E eu lembro que eu perdia, perdia, perdia e eu falava “nossa!” porque eu achava no fundinho que jogava bem porque eu fazia aula e o meu pai jogava, mas eu não tinha a

menor noção. Aí eu percebi que eu precisava estudar, mas eu falei “nossa, interessante! Eu acho que gosto disso! Essa primeira competição, esse mundo de ter outras crianças jogando e conhecendo gente” e aí eu comecei a treinar. E aí foi muito interessante porque em 92 – que foi logo o ano seguinte, por memória – eu acabei ganhando o Paulista e o Brasileiro duas categorias acima da minha. Eu ainda tava na categoria *under twelve* e eu ganhei a *under sixteen*, alguma coisa assim. E foi a primeira vez que eu fui pro Mundial, eu fui pro Campeonato Mundial na Alemanha em Duisburg e, de novo, fui lá acho que duas categorias acima da minha, era ridículo! Ou uma categoria acima da minha, talvez eu fosse *under fourteen* e ganhei o *under sixteen*, não era duas, eram dois anos. E aí quando eu ganhei o Campeonato Brasileiro que eu fui pra lá eu, de novo, fui muito mal. Eu acho que – memória – tinham 52 jogadoras do mundo inteiro e eu fiquei em 48º. Então não fiquei em último [risos]! Mas aquilo me deu uma vontade incrível, eu lembro que eu voltei desse campeonato falando assim “eu vou ser a melhor jogadora do Brasil”. E aí foi interessante porque tem algumas outras memórias que eu tenho dessa época porque nesse meio tempo eu acabei conhecendo a Joara. Eu lembro que ela foi em um campeonato lá no Clube Homs – que era um outro clube de São Paulo que a gente frequentava e que tinha xadrez – e o meu pai falou assim “Tati, Tati! Eu preciso te apresentar alguém muito importante”, isso antes de eu ter ganhado esse primeiro Brasileiro em 92. Memória, né? Aí ele falou assim “olha, ela é a Joara Chaves, irmãs Chaves são as irmãs mais importantes do xadrez atualmente, elas ganham todos os campeonatos, elas vão pro Mundial!”. Aí eu falei “será que um dia eu vou ser como ela? Será que um dia eu vou conseguir jogar xadrez tão bem assim?” [risos]. Eu lembro que na minha cabecinha tinha essas memórias, esses *flashes*, aí eu fiquei “nossa, que legal, uma mulher que joga tão bem!”. E eu nem sei se tem foto, talvez se eu for procurar deve ter foto lá, mas não tinha câmera eletrônica então talvez tenha que procurar no papel, o meu pai deve ter pedido pra tirar. E aí depois que eu voltei da Alemanha – agora voltando à história da Alemanha – eu praticamente viciiei em xadrez, foi uma virada. Eu ia pro treinamento praticamente todos os dias. Aí o Pelikian dava as aulas, então eu chegava antes da minha aula, ficava depois da minha aula, ficava assistindo a aula de outras crianças. Eu amava fazer combinação, combinação... Eu acho que você deve conhecer, mas eu vou explicar que são aqueles livrinhos que a gente tinha – porque tudo era papel, não existia computador tão frequente e tão fácil – e eu andava com aqueles

livrinhos pra tudo quanto é lugar. Onde eu ia eu tava fazendo combinações, eu lembro que eu terminei o livro de 1001 combinações e eu fiquei super orgulhosa, eu fiz todas e eu não vi as respostas, eu tinha que fazer. Mas isso foi ao longo do tempo, não foi assim logo depois que eu voltei do Mundial. Mas o fato é que eu fiquei muito determinada a ser a melhor jogadora do Brasil e eu não media esforços, tanto é que a minha mãe virava e falava assim “você tem que sair um pouco, você só tem 13, 14 anos, vai brincar com as suas amigas” e eu “não”. Aí eu larguei o balé, larguei o *jazz*, larguei o sapateado, tudo essas outras coisas que eu fazia até os 12 anos. Mas depois eu realmente... Eu fazia só escola e xadrez, praticamente. Talvez eu fazia uma natação obrigada, mas não lembro. Eu só lembro que eu sai de tudo o que eu fazia e era só escola e xadrez. E foi muito intenso, mas foi muito *enjoyable*, foi muito prazeroso porque eu gostava demais e tinha um grupo muito legal no Paulistano. E o Pelikian era um técnico que era divertido, então fazia rir e tudo. Então você ia lá e não ficava naquele ambiente sério, um pouco isolado, era muito bacana. E aí foi torneio atrás de torneio que eu comecei a ganhar. No ano que vem foi 93, em 94 foi quando eu ganhei o primeiro Campeonato Nacional empatada com a Palas Atenas que, na época... Não, empatada com a Joara ou com a Palas? Vish Maria... [pausa]. Olha, eu vou ter que ver nos *recordings* depois, foi uma das duas. Eu ganhei, talvez, depois eu vejo, mas eu acho que foi a Palas. É que eu também empatei com a Joara em algum outro, mas eu acho que nesse daí foi a Palas. E aí no final eu ganhei e me tornei a mais nova campeã brasileira de todos os tempos. Quando eu empatei com ela no Campeonato Nacional eu tinha 14 anos, mas quando foi o desempate eu acho que eu tinha 15, alguma coisa assim. Mas é fácil de descobrir, é só olhar as datas no final. E foi algo muito legal, mas foi algo também que... Depois que eu ganhei, até eu ganhar os Brasileiros... Aí eu comecei a ganhar alguns Pan-Americanos, os Nacionais de categoria, eu fui ganhando muita coisa. Aí chegou nessa idade de 15 anos que eu virei praticamente a melhor do Brasil tão cedo e com pouco tempo de estudo, mas eu coloquei muita pressão em mim. Então eu comecei a ter uma fase no xadrez que parou de ser tão prazeroso quanto esses primeiros anos que eu tava chegando no meu objetivo e começou uma cobrança ruim. Então é uma parte da minha carreira que eu olharia de novo se eu pudesse voltar ao tempo pra entender melhor. Você quer que eu continue falando depois disso ou paro um pouco?

J: Fique à vontade!

WIM6: Posso continuar? Eu sinto que eu tô falando sem parar [risos].

J: Imagina!

WIM6: Continua?

J: Por favor!

WIM6: E aí então eu senti que foi nessa época que... Hoje em dia, com o conhecimento que eu tenho, se eu tivesse os meus filhos no mundo do esporte competindo em um nível já alto, nacional, eu teria dado um suporte psicológico. Eu acho que na minha época isso não era uma coisa importante, então os meus pais não viam a necessidade de colocar alguém pra me ajudar. O Pelikian virava um pouco de psicólogo e de *coach*, mas ele não tinha o preparo profissional pra ser um psicólogo o tempo inteiro lá quando eu precisava. Então eu acho que eu comecei a ter muito receio de perder o título, de ser a melhor jogadora, eu comecei a ter muito receio de perder. E aí isso atrapalhou um pouco o meu prazer pelo xadrez, mas eu continuei ganhando muita coisa, continuei na carreira. Com 15 anos eu ganhei o Interzonal que dava o título de Mestre Internacional. Eu fui pro Campeonato Mundial que na época não era da minha idade, era geral. Então eu fui pra Moldávia jogar esse campeonato com as melhores do mundo e aí ganhei de uma Grande Mestre com 15 anos, 16 anos, eu era muito novinha. Ela era uma das melhores do mundo, o nome dela era Elina Danielian, foi meu primeiro *match* e todo mundo “uau, quem é essa brasileira, quem não sei o quê!”. No final eu acabei perdendo muitas outras porque eu ainda era muito imatura, eu tinha muito pouco tempo de xadrez. Muitas destas mulheres que estavam no topo jogam desde que eram pequenininhas, né? E foi muito bom nessa época que eu aproveitei até não sentir a cobrança. Mas a outra coisa que eu acredito que aconteceu é que eu coloquei um objetivo muito, talvez, pequeno. O que é que eu quero dizer com pequeno? Eu nunca tive a ambição de ser a melhor do mundo, eu sempre tive a ambição de ser a melhor do Brasil. Eu nunca tive a ambição de ser a melhor do Brasil no absoluto na minha idade, eu sempre tive de ser entre as mulheres, em geral, do Brasil. Eu acho que isso também limitou porque quando eu cheguei nisso muito cedo, tava bom pra mim. “Ah, tá bom, agora eu só preciso manter”. Eu até tentei, depois que eu fiz 16 anos – isso foi uma coisa interessante – eu comecei a parar de jogar só com mulher, então eu comecei a jogar os campeonatos de categoria no absoluto, tanto é que tem alguns *gaps* nos meus

títulos nessa fase. Porque eu ganhava tão fácil no feminino... Não tão fácil, tinha alguma disputa, mas é que eu comecei a ganhar quase todos, então o Pelikian falou assim “não, você precisa começar a jogar no absoluto”. E aí eu melhorei também, teve até um pouco mais tarde campeonatos que eu tive uma *performance* excelente. E aí chegou uma época, quando eu terminei o colegial, em que eu tinha que tomar uma decisão de começar a faculdade ou ficar no xadrez. Aí eu acho que você termina o colegial no Brasil, o secundário com 16, 17 anos... É isso, 17, né? E aí eu lembro que os meus pais queriam muito que eu fizesse faculdade, aí eu falei pra eles que eu não tava preparada, que eu não sabia o que eu queria e que eu queria testar a vida de xadrez. Eles estavam preocupados financeiramente porque apesar de eu já ter uma renda desde os 14 anos quando eu ganhei e fiquei representando a cidade de Osasco... A cidade de Osasco me deu muito suporte, então era o Paulistano e Osasco que foram incríveis! São pessoas também que se você quiser nomes, eu posso providenciar. Das pessoas que me incentivaram muito e me deram muito suporte durante toda a minha carreira. Mas eu falei pros meus pais que era uma única chance que tenho de tentar e eu vou tentar. E aí a minha mãe, inclusive, me inscreveu em um vestibular da USP. Ela falou assim “não, você vai fazer”, mas eu falei “mas mãe, eu não sei nem que curso” e ela “ah, mas fala alguns”. Eu falei “ah, sei lá, Jornalismo”, porque aí eu consigo ficar jogando xadrez e fazendo umas matérias por aí [risos]. Aí ela falou “tá bom, vou fazer Jornalismo pra você” e aí ela me inscreveu sendo que eu não queria fazer. Aí na prova da FUVEST da 1ª fase – tinha 2 etapas, era dividido em matérias, na época, né? Acho que tinha 4 matérias em dias diferentes – eu tive uma decisão cruel: ir em um campeonato ou fazer a prova? Aí os meus pais “não, você tem que ir fazer a prova” e eu falei “vou ir ao campeonato”. Aí eu peguei, não fui na prova, fui no campeonato e perdi a prova. Eu fiz uma das provas, das duas eu fiz uma, mas aí se você bomba ou se você não faz o mínimo de pontos não tem como, mesmo se você gabaritar a outra prova você não consegue. Aí eu falei pra eles “não adianta, vou jogar só xadrez”. Aí por 2 anos eu joguei xadrez em tempo integral, então eu dediquei e foram 2 anos de muitas descobertas de todos os lados. Tanto que eu cheguei a morar na Europa um tempo, na época – se eu não me engano em 98 – por 3 ou 4 meses. Eu fui, na verdade, jogar 2 campeonatos na Espanha, aí eu conheci uma menina da minha idade que jogava xadrez também – e que eu ainda mantenho contato com ela – e aí o treinador dela falou “ué,

por que é que você não vem morar aqui com a gente na Espanha um tempo e aí vocês duas jogam, praticam?”. E aí como eu já era Mestre e falava espanhol um pouquinho ali eu falei “tá bom!”. Aí eu liguei pro meu pai e pra minha mãe e falei “oh, eu já tô com 18 anos – porque eu já tinha 18, tinha acabado de fazer – e eu tô indo morar na Espanha por um tempo” e eles “não, como assim? Como vocês vão fazer?”. E eu falei “não, eu vou morar na casa de não sei quem, eu vou comer não sei aonde, eu tenho um pouco de dinheiro do meu salário” e aí eles ficaram desesperados, mas eu falei assim “não, é o que eu quero e então eu vou fazer”. Aí então eu tive a experiência de jogar campeonatos lá, de conhecer muitas pessoas, ver como era o mundo na Europa. E aí eu fui descobrindo que talvez, aos poucos, eu não queria muito o xadrez pro resto da minha vida. Eu descobri que era uma vida um pouco solitária, era uma vida que você precisava de muita rotina, de disciplina, porque... Quando eu tinha lá a rotina do Paulistano com os amiguinhos, eu tinha a parte social. Mas uma vez que eu comecei a estudar... Por exemplo, a menina que eu tava praticando, ela tava estudando, ela tava fazendo a faculdade dela ou os estudos, então ela tinha pouco tempo pra jogar comigo. Eu não, eu tinha o tempo inteiro pra jogar, e aí eu percebi que não era muito o que eu queria fazer pro resto da vida. E eu já tinha atingido o auge no Brasil e mesmo assim o salário era um salário que se eu não desse aula eu não ia conseguir sobreviver do jeito que eu queria. Então eu precisava dar aula, eu tentei dar aula por um tempo. Eu fui colunista, escrevi artigos pra uma revista que eu acho era a Lance. Tinha umas outras revistas também que eu virava, mexia e escrevia, mas não era o que eu queria. Dar aula e ser jogadora era muito irregular, você tinha que ganhar os prêmios. Aí quando foi em 99 eu resolvi que talvez eu fosse realmente querer estudar, mudar de carreira. Aí eu comecei a fazer cursinho, em 99 eu fiz cursinho e em 2000 eu entrei na USP. E foi muito interessante porque durante o meu tempo escolar eu não estudava muito, eu só jogava xadrez. A escola me dava muita liberdade pra faltar, então às vezes eu faltava muito, muito, muito, muito e mesmo assim eu só fazia as provas e passava e pronto. E aí foi até uma surpresa ter passado na USP porque era super competitivo e eu me dediquei muito ao xadrez, mas eu acho que a disciplina que você tem de estudar xadrez, a forma como você se concentra e desenvolve ajudou muito nesse meu ano de cursinho que foi em 99 pra passar na faculdade. E aí depois que eu passei na faculdade em 2000 eu joguei mais 1 ano, mas aí na faculdade era muito rigoroso com presença, com não liberar, só em

casos muito extremos e aí eu tive que tomar a minha decisão de parar. E quando eu parei, parei de vez, parei 100%. Eu jogava um pouquinho na faculdade pra representar a faculdade, mas nada mais. E aí eu me dediquei aos estudos e infelizmente eu nunca mais joguei nenhum campeonato depois de 2000 oficial, eu nunca mais estudei xadrez, eu nunca mais me envolvi em nada com o xadrez. E aí é isso, depois disso é vida pós-xadrez que eu não sei se é uma outra pergunta, então eu vou dar uma pausa aqui [risos].

J: Ok! Muito obrigada pelo desenrolar de toda a história. Agora eu vou fazer algumas questões no sentido de aprofundar alguns pontos desta trajetória que você me contou. Para começar, eu gostaria muito de saber como eram essas práticas familiares com o seu pai, essas iniciais. O que é que vocês faziam, quais eram os sentimentos vivenciados? Me conta um pouquinho sobre como era essa rotina dentro de casa.

WIM6: Meu pai era uma pessoa incrível! Como ele tinha a vontade – eu acho que era um pouco da frustração de ele ter nascido de uma família muito pobre, sem o pai que morreu quando ele era muito novinho – de passar pras crianças algo que ele nunca teve. E aí a nossa rotina familiar era quando ele chegava do trabalho – mais ou menos umas 6 horas da tarde – e sempre se envolvia com a gente, mas muito do que ele fazia era pra desenvolver o nosso intelectual. Era jogo da memória, era o xadrez, era quebra-cabeça, era ler livro, era batalha naval, era jogar... Era uma família de muitos jogos! A minha mãe adorava jogar, então a família se reunia por 1 hora ou um pouquinho mais pra fazer jogos. Claro que isso evoluiu, né? No comecinho, quando a gente tinha 5 ou 4 anos, era pouquinho porque nossa atenção era pequena, então a gente também brincava. Mas ao longo do tempo era essa a memória que eu tenho, nós 4 sempre jogando alguma coisa. E quando a gente não tava jogando lá em casa, a gente frequentava um clube que era o Clube Homs ou o Clube Sírio que o meu pai jogava xadrez e lá também estava sempre envolvido com jogos. A minha mãe jogava o baralho dela, o meu pai jogava sinuca ou *snooker*, não sei como é que fala em português. Aí ele também envolvia a gente, então a gente jogava campeonato de *snooker* também, eu e o meu pai, meu irmão. Mas nunca muito pros esportes, assim. Só o futebol que era uma coisa do meu pai e do meu irmão, mas nada muito físico, ele não gostava que eu fazia ginástica, dança tudo bem, eu fiz durante um período. Mas era uma rotina muito gostosa enquanto família, com muita atenção nas crianças e muito envolvimento dessa parte intelectual com jogos que estimulassem a gente.

J: Logo em seguida você comenta da passagem para o clube de xadrez. Quais as principais diferenças entre as práticas que você fazia dentro de casa e as práticas que você lá encontrava?

WIM6: Meu pai ele era muito amador no xadrez, então quando ele tava em casa e ensinava a gente xadrez... Ele conhecia muito pouco, mas ele amava! Sabe quando a coisa é arte no xadrez? “Olha que lance maravilhoso!”, aí ele narrava o lance, mas ele não sabia nem explicar o porquê era maravilhoso. Mas ele achava tudo muito lindo, “olha que genial essa pessoa!”, era uma coisa romântica. E aí quando eu comecei a jogar com o Pelikian era muito mais prático, né? “Olha, tem a abertura, vamos começar pelos finais, se você não souber ganhar o jogo no final, não adianta você saber a abertura. Então, no começo, eu vou te deixar muito solta na abertura pra você pensar, mas vamos aprender sobre o final. Vamos fazer os jogos clássicos!”. Aí ele começou a indicar livros, então eu tinha que seguir a rotina dele, era o livro do Larsen, Pachman... Alguns livros lá que seguia na época, hoje em dia talvez nem faça muito sentido. Então é uma coisa muito mais estruturada, não era uma coisa da arte, da beleza, da paixão. Era uma coisa assim “olha, tem que estudar!” e mais divertido também porque como tinha todas as crianças lá no Paulistano aí tinha um pouco de campeonato, tinha um pouco de brincadeira, de risada, de tudo! Aprendizado também.

J: Bacana! Você comentar que foi a mais nova campeã de todos os tempos. Qual o peso disso pra ti?

WIM6: Até chegar lá não tinha peso nenhum, porque quando você tá disputando algo que você não tem ainda... Então você tá do lado de quem vai se provar, mas uma vez que eu ganhei o campeonato, parecia que eu precisava defender. Primeiro que eu recebi muita atenção na mídia, “nossa, Tatiana do xadrez!”, “ah, a campeã brasileira mais nova!” e aí tinha reportagem e tinha muita coisa acontecendo. E começou nesse momento a pressão que eu não deveria ter, mas aí eu não queria mais perder. Eu fiquei muito tempo sem perder pra uma mulher no Brasil, empatava ou ganhava. Mas a pressão não foi saudável, então, como eu comentei, se eu voltasse ao tempo eu teria, de repente... Se meus pais tivessem um pouco mais de atenção, teriam dado um suporte psicológico um pouco melhor. Mas é uma coisa minha, outras pessoas talvez não passem por isso.

J: Certo! Em seguida você comenta de uma retirada de 2 anos na Europa. Você pode discorrer um pouquinho sobre o que fazia por lá, qual era sua rotina de treinamento, os eventos?

WIM6: Só uma pequena correção, na verdade eu fiquei 4 meses na Europa, nos Estados Unidos e depois eu voltei pro Brasil. Foi 2 anos sem estudar faculdade ou sem fazer escola, jogando xadrez. Mas nesse período de 2 anos foram só 4 meses morando fora, o resto foi viajando bastante. Eu viajava pra Europa muito, mas voltava. Aí essa rotina desses 2 anos, né? Foram 2 anos um pouco difíceis porque enquanto eu tava na Europa tava divertido, tinha gente pra estudar, gente pra fazer troca, tava em um ambiente novo, explorando, viajando, conhecendo. Quando depois eu voltei pro Brasil, eu me senti um pouco sozinha porque era uma rotina de estudos de 8 horas, mais ou menos e uma rotina de estudo solitária porque eu não podia mais ter tantas horas de aula com um professor. Então eu tinha ainda aula com o Pelikian, eu comecei a ter aulas com o Gilberto Milos, mas eram, não sei, 2, 3 horas... Sei lá, no máximo 5 horas por semana de aula, o resto era tudo treinamento pessoal e jogar campeonato. Então eu passava muito tempo sozinha, muito tempo. Aí eu percebi que eu tinha que fazer exercício físico porque se você fica sentada por muito tempo... Eu sentia que tinha alguma coisa que tava faltando, então eu comecei a fazer academia na época. Mas passava muito tempo só comigo mesmo, quando eu não estava nas aulas. E já não tinha mais o treinamento em conjunto, então era uma aula que era eu e o professor, eu e o treinador. E aí todo fim de semana era campeonato, às vezes eu viajava pra muitos campeonatos e não conseguia ter muita rotina. Eu queria estudar inglês, então o que eu fiz, né? Eu comecei a estudar inglês quando eu tinha 15 anos em uma escolinha de inglês, mas faltava um monte. Eu queria ter depois namorado, mas era complicadíssimo porque eu tava viajando e não conseguia conciliar. Eu queria fazer algum curso que não fosse da área de xadrez, mas não batiam as datas, eu sempre estava faltando. Então eu comecei a sentir um pouco de solidão, um pouco de dificuldade de ter uma rotina que pra mim, na época, acho que era importante junto com outras coisas e comecei a sentir a pressão de que agora que eu tava me dedicando só ao xadrez eu precisava virar Grande Mestre ou eu precisava ter um resultado muito maior. E apesar de eu ter tido resultados bons, na época eu cheguei a ter um *rating* que, no feminino e na época em 98, era 2265 – é o que eu tenho até hoje – e era muito alto, porque o *rating* inflaciona, né? Quando você explode, ainda mais com

tanta gente jogando e com a *internet*, com mais campeonatos... Talvez o *rating* de 2700 no passado, hoje são 2800, não sei. Mas na época 2265 era muito legal, mas faltava a norma de Grande Mestre que nunca veio, era bem mais complicado ter normas naquela época porque não tinha tanto campeonato, você tinha que viajar muito pra Europa, tinha várias restrições. Então começou a também ser um pouco frustrante eu não ver a evolução que eu vi no começo, porque nos primeiros anos da minha carreira no xadrez eu cresci muito e tive muito resultado e muito rápido. E aí chegou nessa fase que eu só estudava, eu não tinha a mesma velocidade de virar Grande Mestre e estar entre as melhores do mundo. Então foi uma fase meio complicada e foi uma fase de decisão. Mas eu curtia, eu gostava, eu fazia 8 horas porque eu tinha prazer, eu tinha muita curiosidade, eu tinha paixão. Mas começou a diminuir muito.

J: Bacana! E como foi pra ti essa retirada um pouco abrupta em relação à sua carreira na modalidade nos anos 2000?

WIM6: Em 2000 eu ainda joguei, joguei a Olimpíada na Turquia, joguei o Brasileiro. Eu fui campeã brasileira depois de tanto tempo, porque por 2 anos eu não joguei. Alívio, assim, porque foi difícil tomar a decisão. Foi muito difícil tomar a decisão de que eu ia parar, e aí uma vez que eu parei eu tomei a decisão definitiva e todo mundo me questionava “mas, você não gosta de xadrez? Por que é que você não faz xadrez?”. E tinha uma coisa minha muito estranha que eu tenho que lidar com isso até hoje, eu tenho... Como dizer isso? Tudo o que eu faço eu quero fazer o meu máximo, então quando eu comecei a faculdade eu queria ser a melhor aluna da faculdade. Eu queria entrar na melhor faculdade que era a USP, eu queria ser a melhor aluna da USP e não tinha como. Se eu jogasse xadrez não tinha como, no final eu me formei em número 2, não me formei em número 1. De todos os alunos que se formaram no ano de 2004 da Faculdade de Administração da USP, eu me formei em número 2. Mas tudo bem, às vezes não... Foram muitos anos de estudo, enquanto a galera ia fazer um monte de festas, viagens, eu tinha a noção de que eu precisava estudar. Então na época eu também queria estudar francês, aí fui fazer francês e fiz muitas outras coisas. Eu explorei muitos... Durante a faculdade eu resolvi que eu queria retribuir à sociedade porque tinha uma parte de mim que achava que o xadrez não me permitia retribuir à sociedade, ajudar os outros. Então assim que eu entrei na faculdade, nos primeiros 6 meses, eu dava aula em uma favela em São Paulo chamada Paraisópolis pra crianças carentes.

Então toda semana eu ia passar uma tarde da semana com eles. Aí esse projeto teve dificuldade por causa de complicações da favela. Aí eu resolvi, com um grupo de outros 5 ou 6 estudantes, fundar e começar uma instituição social *not for profit* que ajudava estudantes a entrar na faculdade. O nome chama Cursinho FEA-USP, então eu fui uma das fundadoras, nós fomos o primeiro ano. Era muito trabalho, começar uma coisa do zero de contratar professor. E aí eu lembro que a gente não tinha nome, ninguém conhecia a gente e aí íamos pra lugares em São Paulo conversar com os jovens de escolas públicas, visitava. Foi o maior projeto de orgulho que eu tenho na minha vida, eu acho que mais do que a minha conquista no xadrez, foi ter fundado esse Cursinho FEA-USP que, até hoje e depois de 23 anos, existe e já ajudou milhares de pessoas. É um cursinho que ainda, se eu não me engano, é gratuito. A gente cobrava uma taxa muito pequena pelo material e eu e mais esses 5 amigos que começamos. Então não tinha espaço o xadrez na minha vida, eu precisava me dedicar a esse projeto, eu queria aprender outras línguas, eu queria ir bem na faculdade. Comecei a namorar, que é o meu marido, no primeiro semestre da faculdade. Então eu não ia conseguir me dedicar a jogar xadrez, então eu preferi parar de vez por conta de todas essas questões.

J: Interessante! De onde se engendrou, ou seja, como se constituiu o seu interesse pelo xadrez?

WIM6: Claramente pelo meu pai, eu acho que hoje sendo mãe e pai eu observo isso muito. As crianças acabam fazendo ou pelo menos aprendendo os *hobbies* que os pais têm. Então é difícil fugir disso, eu até falo pro Fabiano, meu marido, a gente precisa incentivar coisas que a gente não conhece ou não curte, mas eles precisam aprender. Mas no final acaba sendo as mesmas coisas que a gente faz ou curte. E pra mim era muito nítido, então a questão de jogar o xadrez era o desafio intelectual que na minha casa sempre foi colocado como algo muito importante. A educação, a questão do desenvolvimento cognitivo e agradar o meu pai. Então também tinha um peso grande isso na época.

J: Pensando em toda a sua trajetória, além dessas que você já comentou, houveram interrupções, rupturas no percurso ou este se deu mais enquanto um processo contínuo?

WIM6: Você diz de parar de jogar xadrez?

J: Isso, de interrupções de sua trajetória.

WIM6: Eu acho que dos 12 anos ou dos 11, mais ou menos com 11 que eu comecei a jogar profissionalmente, mais sério, até os 20 que foi quando eu parei, eu não tive interrupções. Eu não pensei em parar, mas eu fui uma pessoa que sofria muito com derrota, eu não sabia perder, eu não sabia lidar com a derrota e eu não tinha – como é que fala em português – o *bounceback*. Como é que fala quando você volta rápido, quando você tem uma derrota...

J: Resiliência?

WIM6: É, talvez a resiliência. É, é isso. Vou dar um exemplo, na época eu, o Giovanni e o Rafael éramos os 3 da mesma idade praticamente. Eu acho que o Giovanni é de 78 e eu e o Rafael de 79. E nós crescemos jogamos juntos todos os campeonatos, eu no feminino e eles no absoluto, eles ganhando tudo no absoluto e eu meio que ganhando tudo no feminino. Então nós éramos meio que as 3 estrelas do xadrez. Eu perdia uma partida e ia chorando, era um drama, eu perdia o apetite, ficava mal. Aí tinha que vir minha mãe me consolar, vinha o Pelikian me consolar, era um fardo porque eu não admitia perder e eu tinha uma ambição muito grande. Aí o Rafael e o Giovanni eles perdiam partidas, ficavam bravos, mas logo depois de 2 horas ou estavam dando risadas ou estavam tentando entender o porquê eles perderam, já preparando pro próximo jogo. Então eu acho que essa parte de quando você pergunta de interrupção de trajetória, eu nunca abandonei o xadrez, mas em alguns momentos eu tive muitos... Principalmente os Mundiais, eu tava indo muito bem. Geralmente eu ia bem nos Mundiais e aí acabava perdendo 1 ou 2 partidas no final e não chegava nos *top three*. E isso teve um peso, eu não cheguei a parar em nenhum momento, não cheguei a pensar em parar mas me afetava. Eu não sei se eu chegava a pensar em desistir, mas eu sofria.

J: Ok! Na época de colégio você contava com o xadrez no ambiente da escola?

WIM6: Não, não tinha xadrez na escola que eu estudei. Eu estudei em uma escola muito pequena e essa escola eu nem sei se existe mais. Mas como eu era uma estrela, eles usavam um pouco a Tatiana como promoção, tinha faixa com o meu nome lá no portão da escola quando eu ganhava campeonatos importantes. Então a escola me dava muita liberdade de jogar fora, mas dentro da escola não tinha um professor de xadrez, não

tinha um campeonato de xadrez, não tinha outras crianças que jogavam xadrez. Então eu nunca tive isso no ambiente escolar. Por 1 ano, quando eu fiz o 1º colegial, eu mudei pra uma outra escola porque eu ganhei uma bolsa. Como eu jogava xadrez a outra escola queria dar a bolsa pra eu poder representar a escola, mas eles eram muito rigorosos. Então tudo o que eu tinha na primeira escola que era poder faltar, só fazer as provas, nessa nova escola eu não podia porque eles falavam assim “tudo bem que você joga xadrez, mas é mais importante o estudo, a sua carreira de enxadrista é secundária”. Aí depois de 1 ano eu resolvi que eu não queria mais essa escola, mesmo sendo uma das melhores escolas lá de São Paulo, e aí eu voltei pra escola que podia só fazer prova praticamente ou aparecer lá de vez em quando [risos].

J: Certo! Que peso você atribui ao investimento pessoal que teve pra construir a sua habilidade no xadrez, ou seja, do que é que você precisou abrir mão?

WIM6: Eu acho que abri mão de muita coisa da infância. Da infância não, da adolescência, né? Então eu tenho essa memória que eu saia muito pouco, eu não tinha essa questão de ter muitas amigas e amigos que adolescentes têm porque você acaba tendo seus grupos, saindo. Então eu tinha uma amiga na escola, uma amiga ali no clube, mas eu não participava muito dos grupos. No xadrez eu tinha amigos e amigas porque era o meu mundo, mas a vida social foi muito sacrificada. Mas eu, na verdade, olho pra trás e não sei como é possível fazer sem isso, sem sacrifícios. Então as pessoas, hoje em dia, talvez achem ou quando você olha pra um atleta que se destaca, “ah, porque a pessoa é muito talentosa, a pessoa é muito acima da média”, eu não concordo com isso. Na verdade, por trás, tem muito sacrifício. Financeiramente, meus pais sempre foram de classe média ou classe média baixa e no começo da minha carreira – principalmente no primeiro ano quando eu fui pra Alemanha – o meu pai usou as reservas pra pagar a passagem, pediu dinheiro emprestado pra família, teve gente que ajudou lá, deu caixinha, teve vaquinha pra eu ir viajar. Mas por sorte, logo depois eu comecei a ganhar muita coisa, eu consegui patrocínio, então a cidade de Osasco pagava minhas viagens internacionais, o Clube Paulistano pagava o treinamento. Tive alguns outros patrocínios pequenos por aqui e por ali, tinha salário e aí essa parte eu não precisei sacrificar tanto, a parte financeira. A parte financeira foi só no comecinho, nos primeiros 1 ou 2 anos. Mas o maior sacrifício foi na vida pessoal e eu era tão radical em algumas coisas que eu lembro que eu achava um absurdo que menino podia só colocar uma camiseta e um

short e ir jogar o xadrez e as meninas já começavam – na época, com 15 ou 16 anos – a ter que fazer o cabelo, aí tinha gente que ia maquiada pra jogar xadrez e a roupa, aí se trocava, se preocupava. Aí teve uma época que eu comecei a me vestir até como um menino, era ridículo, eu olho as fotos de hoje e falo “meu Deus, que vergonha!”. Porque eu não me importava, não namorava muito, nem tinha muito... Meu primeiro namorado eu fui ter com 18 anos, inclusive meu primeiro namorado foi o Giovanni que era do xadrez [risos]. Mas isso quando eu tava com 17, 18 anos, até lá nem pensava nisso, não tava muito interessada.

J: Entendi! E em relação ao investimento de outras pessoas, o que é que terceiros tiveram que abrir mão pra construir a sua habilidade?

WIM6: Eu acho que quem mais abriu mão foi a minha mãe que me acompanhou durante toda a parte do xadrez. Mas pra ela não era abrir mão, pra ela era uma vida incrível que tava se abrindo porque ela viajava comigo, ela conhecia outras pessoas, ela é muito sociável. Então como ela ficava em casa como dona de casa que tinha uma rotina sempre de cozinhar, lavar, passar e essas coisas, ela acabou sacrificando isso pra ficar comigo. Eu não acho que foi um sacrifício, mas eu tenho que reconhecer que ela tava fazendo coisas por mim ao invés de fazer coisas por ela. O meu pai sacrificou muito a parte financeira no começo pra me ajudar e ele também sacrificou o tempo dele porque quando tava no Brasil, em São Paulo, ele era mais a pessoa que me levava pra cá e pra lá, pras aulas e tudo mais. E a minha mãe era quando a gente viajava, porque muito do xadrez era em fim de semana, eu jogava campeonato no sábado, no domingo, aí era o meu pai que levava. Então os dois fizeram muito por mim na família e é óbvio que tem as pessoas de fora como o Pelikian que foi um, o Wagner Madeira de Osasco brigou muito pra eu conseguir as coisas, ele e o Antônio Resende que eram de Osasco. Eu tive depois o treinamento com o Milos – que não foi um sacrifício pra ele porque ele ganhava – que também se dedicou a me ajudar. Acho que é isso, assim.

J: Ok! Quais expectativas você tinha sobre si?

WIM6: Elas eram muito altas, a expectativa era que eu não podia errar, não podia perder. E aí eu ficava muito brava quando eu não conseguia, de repente, ver um lance que parecia tão fácil ou me enrolava no tempo com alguma partida ganha e acabava perdendo ou deixava escapar uma oportunidade. Então a expectativa é que eu não queria

perder e que eu queria ganhar tudo e ser a melhor. E é uma expectativa irrealista porque, na verdade, a expectativa de um atleta deveria muito ser... Sei lá, no meu caso, deveria estar muito mais apaixonada pelo jogo independente do resultado. E eu acho que a expectativa que eu tinha, como eu estudava tanto, e eu sei, eu tinha certeza que eu estudava muito mais do que qualquer outra mulher no Brasil porque eu tinha uma estamina, uma vontade incrível, uma determinação que pouca gente eu acho que tinha na época. Então consequentemente eu não aceitava derrota ou esse tipo de coisa.

J: E em relação às expectativas de terceiros, você sentia que depositavam sobre si?

WIM6: A relação mais nítida era com o meu pai, mais do que qualquer outra pessoa. Então o meu pai ele era... Era muito engraçado, o humor dele variava com o meu resultado no xadrez. Então se eu ganhava um campeonato era “vamos comemorar!”, então pedia pizza que era algo especial lá em casa, pizza não sei de que lugar. E ligava pra família e contava pro irmão e contava pra esse, contava pra aquele, era uma alegria geral. Mas quando eu perdia um campeonato ou não conseguia algum objetivo que eu tinha colocado pra mim, “ah, mas essa vida é muito complicada, os políticos no Brasil, esse país...”. Começava a reclamar até de outras coisas, mas eu sabia que no fundo era uma insatisfação, era uma tristeza. Então eu acho que essa relação minha, com o xadrez e com o meu pai foi uma relação muito forte. Eu acho que muitos atletas têm isso, uma pessoa que acaba sendo a pessoa que traz e que acaba tendo essa relação. Não são todos, mas eu acho que existe isso mais comumente do que se pensa.

J: Quais as principais clivagens que você sentiu na transformação da sua rotina de preparação e de treinamento ao longo deste percurso?

WIM6: O que é clivagem?

J: Quais as principais diferenças, as principais mudanças?

WIM6: Acho que no começo, quando eu treinava com o Pelikian, era muito um jogo mais voltado a como ganhar de outras meninas, então até as aberturas que a gente escolhia eram aberturas que muitas vezes tinham uma ciladinha ou que tinha alguma coisa que apresentava uma chance maior de ganhar. E aí, ao passar do tempo, eu percebi que com esse tipo de treinamento eu não ia muito longe, mas ao mesmo tempo eu tinha a lealdade ao Pelikian porque ele sempre foi o meu treinador desde o começo, então eu

tinha muito receio de mudar. E eu acho que eu deveria ter tido outros treinadores pra poder ver outras perspectivas, mas aí eu tive a chance de ter depois o Milos como professor e ter também no exterior alguns outros Grandes Mestres quando eu tava viajando. E aí eu tive a diferença de como pensar, de como ver. Não digo que... Digamos assim, com o Pelikian eu acho que ele fez um trabalho excelente e eu cheguei onde eu cheguei por causa dele, mas eu acho que pro próximo nível eu precisava destes treinadores que iam trazer outras formas de pensar como o Milos e outros Grandes Mestres. Mas ao mesmo tempo eu nunca deixei de ter aula com o Pelikian, eu acho que ele foi uma pessoa super importante na minha carreira, sou super agradecida por ele porque eu não sei se seria diferente com outro treinador. Mas o fato de ele ter a paixão por ensinar, de ser uma pessoa completamente dedicada e também divertida a forma com que ele ensinava, tornou o xadrez mais fácil. E no final ficou um pouco mais pesado porque pra você crescer um pouquinho, quando você já tá em um nível maior, você precisa colocar muito mais esforço do que no começo. No começo você estuda isso e você cresce isso [gesticulando tamanhos iguais], aí você vai estudando isso e vai crescendo um pouco menos [gesticulando de um tamanho maior para um menor], vai estudando isso e cresce um pouco [gesticulando de um tamanho maior ainda para um menor ainda]. Então chega um momento em que você não vê tanto resultado e você tem que trabalhar em coisas que, às vezes, pra você são mais difíceis de evoluir naquela parte.

J: Qual a importância ocupada pelo xadrez ao longo da sua história?

WIM6: O xadrez, apesar de eu ter parado, se eu pudesse voltar eu faria tudo de novo. Eu acho que é um esporte que me deu não só a chance de conhecer o mundo – o que eu achei incrível – mas muita satisfação, muito prazer. Enquanto eu joguei eu desenvolvi habilidades importantíssimas pra vida que é a determinação. Então eu acho que o fato de eu ter depois passado em uma universidade boa foi porque eu sabia me concentrar, sabia estudar, eu sabia também como não desistir porque em uma competição – como em qualquer outra parte da vida – você precisa ir até o final. Então o xadrez sempre foi uma referência e até hoje eu falo do xadrez com muito carinho e às vezes eu fico pensando se eu deveria voltar ou não. Agora é difícil, né? O meu filho, por um bom tempo, queria muito jogar, mas eu percebi que ensinar filho é complicado [risos]. Então o meu marido é que acabou ensinando ele mais do que eu porque ele era mais paciente,

eu chegava e falava “mas você não consegue ver isso, é tão fácil!”, tadinho! Mas o meu nível de xadrez hoje em dia é muito baixo, eu teria que estudar pelo menos um bom tempo pra conseguir jogar uma partida.

J: Neste percurso houveram temores, aflições, decepções ou mesmo dificuldades?

WIM6: Acho que eu já comentei um pouco sobre isso de a derrota representar muito. Uma das partidas mais marcantes foi quando eu estava jogando o Campeonato Mundial na Índia, era o Campeonato Juvenil e eu estava indo muito bem. Eu estava jogando nas primeiras mesas, eu acho que eu estava – por memória, eu não consigo lembrar exatamente – com 6,5 em 7 ou 6,5 em 8 e estava indo super bem, era um campeonato de 11 ou 13 rodadas, eu não lembro muito bem, mas acho que eram 11 rodadas na época. Então eu tava muito em cima, eu joguei essa partida que foi uma partida de muitas horas e no final dessa partida estava praticamente empatado. Mas muito equilibrado, muito empatado e depois de 6 horas e meia eu cometo um erro ridículo, a coisa mais ridícula e eu levo meio que um xeque-mate no meio do tabuleiro que era quase impossível. E aquilo foi um momento muito marcante porque se eu empatasse essa partida ou ganhasse – muito provavelmente eu ia empatar – eu estaria muito próxima de acontecer uma coisa incrível no feminino, né? Primeiro de chegar perto da norma de Grande Mestre porque aquele campeonato me daria chance e segundo de chegar entre as primeiras do mundo *under twenty* que é o juvenil e conquistar algo que até hoje eu não tenho que é o reconhecimento no Mundial. A melhor colocação que eu tinha tido até então no Mundial era 6º lugar que não era... É bom, mas não é o ideal, eu queria ficar entre as três primeiras. E aquilo me destruiu, eu fui pro quarto e eu lembro que eu não consegui recuperar, eu acho que eu perdi todas as partidas até a final. Acho que ganhei 1 ou 2, 1 no final, assim. Acabei fazendo acho que 7,5 em 11, mas fiquei... Nem lembro direito, eu preciso pegar os resultados, mas a história eu lembro que foi de perder essa partida decisiva. Então foi um baque bem grande.

J: Ok! Neste mesmo sentido houveram restrições, limitações ou mesmo proibições advindas da prática?

WIM6: Eu tive as restrições, os sacrifícios em questão de vida social, mas eu não... Eu acabei parando de fazer muitas outras coisas pra jogar o xadrez, mas eu não senti, na época, que eu tava tendo nenhuma proibição. Eu podia ter escolhas, então foi uma

escolha minha jogar. Eu lembro que eu fazia os sacrifícios que eu fiz consciente, tanto na parte social quanto não fazer mais a dança, o balé e as outras coisas que eu também gostava. Mas nada imposto por fora, sabe? Nada do tipo o meu pai falando “se você não jogar xadrez não vai receber isso”, não teve nenhum tipo de coerção ou ameaça nesse sentido. Então por isso eu sou muito grata de o meu pai nunca ter colocado desta forma porque eu sei que tem atletas em outros esportes que passam por coisas assim que não deveriam, né?

J: O que o xadrez representa pra você?

WIM6: Toda vez que eu penso no xadrez tem a parte de eu me sentir muito orgulhosa. Orgulhosa do que eu alcancei, orgulho também do que eu representei na minha época pras meninas, eu lembro que por várias ocasiões eu fui convidada pra falar em escolas, pra jogar simultâneas, pra fazer entrevistas porque tinha todo um estereótipo de jogadora de xadrez que eu quebrava. O pessoal falava “ah, mas eu achava que jogadora de xadrez tinha óculos fundo de garrafa e era tímida, não falava”. Estereótipo terrível, né? Então eu quebrava um pouco desse estereótipo na época, então acho que esse legado de na minha época ter crescido e influenciado muitas outras pessoas ou meninas foi muito legal. Eu acho que também o xadrez representou o que eu entendo na vida por qualquer coisa que você queira alcançar, não adianta ficar sentado, você precisa fazer acontecer. Então ele me deu um exemplo na vida do que é a realidade se você quer ser bom em qualquer coisa que você escolher. Eu acho que por muito tempo foi a minha grande paixão, por isso que eu não precisava de namorado [risos]. Olha, não coloca umas coisas dessas na entrevista, na tese [risos]. Mas eu acho que foi uma grande paixão na vida, ocupou um espaço muito importante de algo que era um estímulo intelectual, era um prazer. Mas no final a parte psicológica pesou um pouco contra.

J: Ok! Há algumas fases em que você comenta que não amava o xadrez. Neste sentido, pra ti, como se constituiu o gosto pela modalidade?

WIM6: Ele foi um gosto que veio um pouco de estímulo externo. Então eu acho que tem o começo que era o estímulo externo, então quando eu conhecia as crianças que jogavam xadrez, eu recebendo o cumprimento do meu pai, do Pelikian... Esse foi o começo, mas depois que eu comecei a entender o jogo, o jogo em si era fascinante, então o estímulo vinha muito interno, daquela coisa muito pessoal de “meu Deus, olha

que legal essa combinação!”. Eu ficava fascinada, viciada em achar soluções pros problemas, em pensar em um jogo, em achar um lance, entender as partidas, compreender como é que funcionava. Então vinha muito do desafio, então tiveram essas duas etapas, assim.

J: Para além do seu pai e do seu irmão, existe na sua família que tenha tido experiência com o xadrez?

WIM6: A minha mãe sabe jogar, ela tentou ser árbitra de xadrez uma época porque ela pensou “já que eu tô viajando com você o tempo inteiro, de repente eu posso também ganhar um dinheirinho e me ocupar”, né? Mas ela não conseguiu porque ela não tem o conhecimento do jogo o suficiente e não rolou. Ela tentou fazer lá o curso, a prova, mas não deu. Mas não, não tem mais ninguém na minha família direta ou na minha família um pouco mais estendida que jogue xadrez. Só mesmo o meu pai e meu irmão, meu irmão no comecinho até ganhou um Brasileiro, foi jogar na França, foi jogar em alguns outros lugares, acho que na Argentina, mas ele desistiu muito cedo.

J: Para além do xadrez e das atividades que você já mencionou como, por exemplo, o balé, o *jazz* e o sapateado, você compartilhava a prática da modalidade com outras atividades esportivas ou de lazer no seu tempo livre?

WIM6: No comecinho eu ainda fazia o balé, o *jazz* e o sapateado, eu acho que eu fiz isso em paralelo talvez por uns 2 anos no começo. E depois eu parei tudo, então a minha memória é que só mais pra frente eu comecei a fazer academia, quando eu já tava com uns 18 anos que eu parei de estudar, mas a minha memória é que eu não fazia mais nada, era só xadrez mesmo [risos]. Só um segundo, eu vou pegar um papel porque o meu nariz está escorrendo [pausa]. Desculpa, voltei!

J: Imagina! E atualmente, você leva o xadrez como um *hobbie*, o compartilha com outras práticas?

WIM6: Não, eu não levo o xadrez como um *hobbie* e não o compartilho com outras práticas. A explicação é que depois que eu parei eu descobri que se eu não consigo me dedicar totalmente à alguma coisa, eu acho que não valeria a pena tentar. Uma época eu comecei a jogar um pouco na *internet*, aí até curti, mas não foi por muito tempo,

realmente foi um 8 ou 80 na minha vida. Agora, infelizmente, o 8, mas enquanto eu jogava xadrez era 80, só fazia isso.

J: A escolha do seu curso superior na universidade teve relação com o xadrez?

WIM6: Talvez, indiretamente. O que eu percebi é o seguinte, vou ser super honesta e nem sei se é uma razão nobre. Mas a minha família, em si, não era uma família que tinha muitos bens ou dinheiro, eu vim de uma família muito simples. Tive uma criação que nada faltou, nunca senti restrição de comida. A gente morava em um apartamento pequenininho nós 4, em um bairro bom de São Paulo. Mas eu sentia que a minha escolha de carreira era uma escolha mais financeira do que o que eu queria fazer, porque eu já tinha encontrado a minha paixão. Já tinha feito xadrez o tempo inteiro e agora eu ia escolher alguma coisa que... Tinha duas razões, a primeira delas é porque era uma carreira que eu conseguiria ter recompensa financeira rápido porque Administração você consegue fazer estágio logo no 1º ou 2º ano e dali pra frente você já começa a trabalhar em empresa e é muito fácil. Se você escolhe uma carreira como Medicina, por exemplo, é uma dedicação por muitos anos antes de você ter algum retorno financeiro e você precisa investir muito nisso, então esse era um fator. E o outro fator é que eu nunca tinha parado muito pra pensar no que eu queria fazer, e quando chegou a época de escolher uma carreira, eu falei assim “eu vou escolher uma coisa que eu postergo a minha decisão”. Porque a Administração é tão abrangente, aí daqui 4 anos que eu vou terminar o curso, de repente se eu gostar de *marketing* eu faço *marketing*, se eu gostar de empreendedorismo eu faço... O que for eu posso demorar pra escolher porque eu realmente não sabia muito o que eu queria.

J: Fale sobre a carreira de uma jogadora de alto rendimento no xadrez brasileiro. Principalmente na época em que era mais ativa, você se considerava uma profissional?

WIM6: Sim, eu me considerava uma profissional do xadrez naquela época. Era a minha profissão, eu colocava enxadrista. E era o que me sustentava, eu ajudava a pagar as contas de casa, foi o que me ajudou a ter o primeiro carro. Mais pra frente, quando eu entrei na faculdade, eu fiz um programa *exchange*, de intercâmbio que foi com o meu dinheiro que eu juntei. Foi muito importante pra mim, muito importante, apesar de nunca ter sido um fator durante a carreira no xadrez. Eu nunca fiz o xadrez por dinheiro, isso é uma coisa que é fato, eu não tinha a razão que eu queria fazer xadrez porque eu ia

ter um salário e eu já tinha um salário desde os 15 anos, desde cedo. Mesmo porque quem gerenciava o meu dinheiro desde cedo era mais o meu pai e eu não me importava muito porque ajudava a família. Mas... [pausa]. O que eu ia falar? Esqueci, qual foi a pergunta de novo? [risos].

J: Se você se considera uma profissional do xadrez.

WIM6: Ah, sim! Eu me considerava uma profissional, mas era uma profissional porque eu queria ser a melhor e ganhar, mas não pela parte financeira. Era essa a minha conclusão.

J: Ok! E a partir de quando, pra ti, veio esse senso de profissionalismo?

WIM6: Eu acho que quando eu decidi, até um pouco mais pra frente, parar. Quando eu tinha 16 eu tava acabando o colegial, o 3º colegial e eu queria parar pra jogar xadrez eternamente. Meu objetivo não era parar só por 2 anos como eu parei, eu queria jogar xadrez profissionalmente. Então, pra mim a decisão ali era de me tornar uma profissional de xadrez pro resto da vida. E foi o pavor do meu pai, porque apesar de ele ter incentivado muito, ele sabe como o xadrez no Brasil é complicadíssimo, né? Hoje em dia tem muita gente que vive bem porque consegue dar muita aula, tem aula *online*, você não está restrito a ir dar uma aula particular aqui, uma aula particular ali. E você pode jogar muito campeonato *online* ganhando dinheiro, então você tá em campeonatos o tempo inteiro. Antes não, você tinha que viajar, perder 2 semanas e isso se não ganhasse aquele prêmio, aí você não complementou sua renda. Então o profissional de xadrez de antes é muito diferente do profissional de xadrez de agora, era bem mais sofrido.

J: Que diferenças você percebe entre o contexto enxadrístico nacional e aquele vivenciado no exterior?

WIM6: É a mesma coisa que comparar, às vezes, um país como a Rússia... No feminino tinha a Geórgia, tinha a China ou Ucrânia, países do leste Europeu. Pra mim é a mesma coisa que comparar Cingapura jogando futebol com o Brasil jogando futebol. São vários os fatores, primeiro a quantidade de pessoas que jogam. Hoje, no Brasil, é infinitamente maior do que era na nossa época, eu acho que o xadrez popularizou muito comparado ao fim da década de 90 e 2000. Então a quantidade ela é uma questão importante, eu

acredito. A outra é que quando você tá lá e observa os seus pares, eles começam jogando em um nível muito maior. Então todos os amiguinhos já jogam xadrez melhor porque têm na família e eles aprendem desde cedo por meio de uma forma mais correta de pensar, então o nível naturalmente cresce. É que nem jogar futebol, no Brasil você tá em qualquer clube ou qualquer bairro, até na favela você tem lá um campinho, então você tá treinando o tempo inteiro, então você tá exposto àquele esporte muito frequentemente. Então é a quantidade de pessoas, a exposição e depois também a chance de treinar com pessoas que tenham conhecimento muito maior, então os Mestres, Grandes Mestres. E o apoio que o país dá, então você tem um reconhecimento maior do esporte. Então você via o Brasil daquela época em que o xadrez não era um esporte que recebia tanto incentivo e você ia na Europa... Até na Índia, na época, tava crescendo e você percebia que era uma coisa muito mais importante, tanto é que eu joguei um Mundial no Brasil e tinha, sei lá, meia dúzia de pessoas indo assistir, tirando os pais e tirando o pessoal que tava lá mesmo pelos atletas. Aí você vai em um país como a Índia, eu joguei um Mundial lá e nossa senhora! Eu saía e qualquer jogadora que saía tinha fila de gente pedindo autógrafo, era lotado. Às vezes eles tinham que separar a multidão um pouco porque vinha muita gente assistir e você fala “olha a diferença!”. Quando você jogar no exterior e o país reconhece o esporte como algo mais nacional, que tem uma expressividade maior e um país como o Brasil que na época o xadrez era um pouco... Não sei como é agora, se melhorou muito, mas na época era ainda um esporte não muito em foco.

J: Ok! De maneira geral, como é que você avalia a sua trajetória no xadrez?

WIM6: Eu acho que pelas condições... Por exemplo, por estar no Brasil, por ter começado um pouco mais tarde do que muitas outras crianças... Porque mesmo que eu aprendi a jogar com 5, 6 anos, a aulinha que eu fazia uma vez por semana ou o xadrez que eu tinha em casa não representavam muito para o que eu viria a conquistar. Então a trajetória que eu sinto foi que foi uma trajetória rápida, uma trajetória que teve muitos altos – principalmente no começo – e alguns baixos, como no final de eu não ter conseguido a norma de Grande Mestre ou ter chegado ao *rating* de 2300 que na época era o meu objetivo, né? Mas no geral eu acho que foi uma trajetória bem sucedida. E por muito tempo eu bati muitos recordes no Brasil, eu fiquei por muito tempo como a mais nova – eu acho que até hoje ainda sou – campeã de todos os tempos do absoluto

feminino. Eu acho que demorou muito tempo pra alguém bater meu *rating*, mesmo meu *rating* sendo lá de... Então no Brasil a trajetória foi uma trajetória bem representativa, bem importante, como exemplo que é possível pra quem quiser chegar com muita dedicação e suporte.

J: Quais atributos pessoais você acredita serem importantes pra exercer a modalidade? O que é desejável que uma pessoa tenha pra jogar xadrez?

WIM6: Tem coisas que eu acho que se desenvolvem e tem coisas que eu acho que você precisa ter. Eu acho que algumas pessoas, mesmo se jogassem outros esportes ou fizessem outras carreiras, elas iam apresentar os mesmos atributos. Então quais são esses atributos que ajudam em qualquer esporte ou em qualquer carreira? É a determinação, você colocar um objetivo e você entender o que precisa ser feito pra aquele objetivo. Então é algo importantíssimo na carreira, você ter uma concentração incrível porque o xadrez... Principalmente na época que eu jogava que os jogos podiam ser mais longos até 7 horas, hoje em dia acho que tá mais dinâmico, o tempo é diferente, você vai ganhando acumulado, incremental. Desculpa! [assoando o nariz]. Você precisa também ter uma... Eu acho que existe um talento natural, mas eu não sei como explicar isso, mas tem que ter uma capacidade intelectual pra você conseguir absorver o xadrez, entender, um clique. Você precisa processar padrão e isso é uma coisa interessantíssima que eu observei na minha vida e eu não sabia. Por exemplo, quando eu comecei a fazer outras carreiras e outras profissões – eu vou dar exemplos muito bobos – eu fiz um mestrado e em uma das aulas era uma dinâmica grande com todos os estudantes do mestrado. Tinha, sei lá, 40 estudantes e a gente como time tinha que resolver *puzzles*, quebra-cabeças e outros desafios e era assim, quando você resolvia o teu, você podia começar a ajudar outros. E aí eu percebi que naturalmente eu tinha um olho pra padrão, eu olhava alguma coisa e eu conseguia. No final das contas, meio que eu fui ajudando todo mundo a resolver até que no final todo mundo ficou “nossa!” e foi uma coisa natural que não era muito nítido pra mim no começo, aí eu falei “como eu consegui?”. Um outro exemplo bobo, mas só pra falar, né? A gente teve uma outra brincadeira quando eu tava trabalhando no banco que era um time muito grande. Aí todos os gerentes do time tinham que colocar uma foto deles quando eles eram muito pequenininhos – de bebês, de talvez 6 meses até 1 ano ou 2 – e aí todos os funcionários na época – eu ainda tava como analista – tinham que adivinhar de quem era a foto. E era

muito difícil porque quando você olha a foto de criança você precisa ter uma visão pra olhar e falar “nossa, de quem é isso?” e as crianças mudam muito, né? E de não sei quantas pessoas do time – eu não me lembro o número, mas devia ser 50 pessoas – eu fui a única que consegui descobrir todos os bebês em todas as caras. Porque eu acho que existe uma forma que existe um padrão, eu via que eu conseguia identificar algumas coisas. Então algumas coisas que logo depois na vida eu percebi “nossa, eu acho que eu tenho esse talento que eu não sabia ou eu desenvolvi isso com o xadrez”. E eu acho que o xadrez ele é muito sobre você entender padrões, “esse jogo, nessa posição, tem esses padrões e é mais ou menos por aí que vai a estratégia”, “esse jogo tem esse padrão”. E o que mais, o padrão... O talento, pra mim, é esse negócio de você entender os padrões, entender rapidamente o jogo. Tem a questão da concentração, da determinação e o que mais? Ah, a parte estratégica que é óbvia, você conseguir entender qual é o impacto do que você tá fazendo agora no futuro. E isso transmite também na minha carreira e em outras partes da minha vida também.

J: Destes atributos pessoais que você elencou, quais você julga possuir?

WIM6: Eu acho que eu falei todos que eu acho que eu possuo [risos]. Mas em diferentes graus e também, ao longo da vida, em diferentes formas. Mas a determinação, a concentração, a identificação de padrões, talvez o pensamento estratégico, eu acho que um pouco de tudo eu tenho aqui. Mas talvez não tanto como outras pessoas que são as melhores do mundo. Memória, memória! Eu esqueci de falar memória, eu falei “nossa, tem alguma coisa que eu tô esquecendo”, mas memória é super importante. Eu também acho que eu tinha uma memória muito boa, agora com a idade tá caindo [risos]. Mas eu tinha uma memória incrível, incrível!

J: Ok! Você meio que já antecipou a minha próxima pergunta que seria a sua percepção sobre a influência do talento na sua carreira?

WIM6: Então, o talento era uma parte que, apesar de ser importante, era pequena. Na verdade eu acho que é muito mais esse esforço, é muito mais esses outros atributos. Você consegue se colocar um objetivo? Você consegue focar nesse objetivo? Você consegue lidar com toda a parte emocional? Eu acho que isso aí eu também não coloquei, agora que eu tô falando eu tô lembrando de mais atributos. Poder se manter calmo em uma posição em que você não esteja bem. Então o talento que é a parte

natural que talvez te dê um começo de vantagem ele só vai acontecer, só vai se transformar em algo importante ou em um resultado se você tiver toda essa outra dedicação, determinação, esforço e vier acompanhado da memória. É difícil definir talento, né? O que é o talento pro jogo? Mas, em geral, o talento eu acho que vem quando você observa crianças da mesma idade, que começaram mais ou menos na mesma época e você dá a mesma aula. E aí você vê a resposta como daria, “uau, essa criança eu falei as mesmas coisas e ela já entendeu três passos à frente, já posso avançar mais rápido”, “essa criança não entendeu nada, nem adianta eu começar” [risos]. Então existe uma coisa ali natural que você não sabe explicar, mas que a pessoa avança.

J: Considerando que a gente não tem WGM no Brasil, o que significou o título de WIM na modalidade pra ti?

WIM6: Olha, vou ser muito sincera. Eu achei que foi uma conquista importantíssima mas eu confesso – vou confessar em rede nacional aqui na tese de doutorado – que eu achei que eu não sei se foi merecido. Explico o porquê: porque eu ganhei o título de Mestre Internacional por ganhar um campeonato chamado Interzonal Sul-Americano. E aí esse Interzonal Sul-Americano dava a chance de ir pro Mundial e qualquer pessoa que ganhasse esse Interzonal Sul-Americano ganhava o título. Só que o nosso Interzonal na época foi meio que dividido, antes eu acho que era um Interzonal com meio que todos os países da América do Sul ou América Central. Era muito difícil, mas quando eu fui jogar tinha uma divisão, então o nosso Interzonal era Brasil, Peru, Bolívia, Paraguai, Colômbia, sei lá eu. Os países que na época eram muito piores que o Brasil, então eu ganhei o campeonato e ganhei o título, mas... Você precisava ter um *rating* eu acho também, só podia... Tinha duas combinações, eu acho que era 2200, eu não lembro essa parte, tem que pesquisar. Mas você tinha que ter o *rating* e você tinha que ganhar esse campeonato. Mas eu achei que não foi muito de mérito, sabe? Eu acho que quando você faz as normas, você ganha os campeonatos, ganha os títulos dessa forma é mais valioso. Mas na época era regra, eu ganhei, fiquei super feliz, representou pra mim algo importantíssimo porque eu também fui uma das mais novas brasileiras a ter esse título, eu não sei se a mais nova, talvez tenha sido. Então foi uma conquista muito importante, mas... Lá no fundinho, eu não sei se eu merecia [risos].

J: Ok! Quais foram as principais conquistas na sua carreira como jogadora?

WIM6: Principais conquistas... Eu acho que foi o primeiro Brasileiro que eu ganhei que foi uma conquista incrível. Eu lembro da volta da viagem – foi em Brasília – que eu nem acreditava! Não acreditava que eu tinha ganhado, que eu tinha vencido o campeonato, mesmo empatada em primeiro lugar, era uma coisa surreal. Eu lembro que eu viajava no ônibus e falava “será que aconteceu mesmo? Será que eu fui campeã?”, eu era tão novinha! Então esse foi um momento muito marcante na carreira. Aí o momento de jogar as Olimpíadas também foi bem marcante porque é um campeonato que você conhece todos os jogadores do mundo, os melhores, você tem a chance de jogar com alguns deles. E uma das Olimpíadas eu fui bem, em 2000. Acho que outros momentos... Ah, todos os títulos que eu ganhava foram parte de momentos marcantes da carreira.

J: Ok! Já à guisa de conclusão do roteiro de entrevista, para além destas que a gente já comentou, houveram outras experiências relacionadas ao gênero no xadrez que você queira trazer?

WIM6: Eu gostaria de comentar, sim. Eu acho que é uma questão muito importante, né? Quando você tá fora do meio do xadrez, as pessoas perguntam “mas por que é que tem diferença entre mulher e homem, se é um jogo intelectual? Se é um jogo que qualquer um pode jogar?”. Não tem nada físico que define, né? E pra mim há explicações claras, mas são opiniões pessoais baseadas em absolutamente nada além da minha opinião e observação, então nada científico. A primeira é bem óbvia, uma cultura de xadrez entre o sexo masculino é muito mais dominante do que com o sexo feminino. Pelo menos na minha época, eu tô falando de quando eu cresci, de quando eu joguei, eu não sei se hoje é a mesma coisa. Mas pra cada 10 meninos que jogavam, 1 menina jogava. Então você já tinha a quantidade que é importantíssima pra definir, depois, a qualidade. Aí quando você joga com menina e só joga com menina, você tem um nível muito menor. É o que eu comentei lá do futebol, se você tá jogando em Cingapura só com cingapurianos, o teu nível de futebol – por mais que você jogue a mesma quantidade que alguém que tá jogando no Brasil que tem um nível muito maior – acaba ficando um pouco pra trás. Porque uma parte importantíssima de desenvolver a tua habilidade é a competição e o nível dos seus adversários. Então, se você só joga com meninas e as meninas são poucas e jogam em um nível muito mais baixo, a tua chance de melhorar é menor, mesmo que você jogue as mesmas 5 horas que um menino tá jogando por semana. Aí outra questão que eu acho que eu vejo muito é a forma de encarar um pouco a vida, assim.

Infelizmente eu acho que – talvez esteja mudando – a menina é criada ainda – ou era muito criada – pra um dia ter filhos e se preocupar com a casa e talvez não exista essa vontade interna de competir que um menino tem. Muito cedo o menino é incentivado a competir, mesmo que isso não seja algo explícito, então muito disso vem implícito e passa de geração em geração sem mesmo os pais saberem que estão influenciando as crianças desta forma. Então a menina ela acaba, quando chega na adolescência, por exemplo, em muitos casos se preocupando com questões – como eu comentei – como a aparência e outras questões que talvez tirem o foco do xadrez. E aí é difícil comparar a habilidade da mulher com a do homem quando as questões sociais e emocionais são tão diferentes. Eu gosto muito do caso da Judit que foi treinada desde o começo pra jogar só com o sexo masculino. Ela é da minha época, a gente jogava os torneios de categorias juntas, ela é um pouquinho mais velha. Então eu acompanhei ela jogando e ela não jogava com mulher, nunca jogou campeonato feminino de categoria. O *under sixteen* ela jogava já com os meninos, o absoluto, sempre jogou e ela desenvolveu super bem. Mas eu vejo muito poucas meninas fazendo isso porque existe a questão de você também querer um resultado mais fácil. E se você só joga com as meninas, você consegue ter reconhecimento, o título, né? E ter uma carreira mais rápida. Então seria muito bom fazer testes em que uma geração inteira não tenha diferenciação entre absoluto e feminino, começando com crianças pequenas e ver o que acontece. Mas mesmo assim existe a questão que eu comentei do viés de como meninas são criadas e meninos. Acho que é isso.

J: Pra finalizar, daquela criança que iniciou no xadrez, o que ficou em quem você é hoje?

WIM6: Eu acho que... Essa pergunta é difícil, você terminou com a pergunta mais difícil [risos]. O que ficou? Ah, muita coisa! Eu acho que o xadrez definiu muito de quem eu sou, foi uma parte importantíssima da minha vida por muitos anos que eu fiz. Então o fato de eu ter conquistado algo que eu me coloquei como objetivo, isso é muito marcante pra mim, eu me orgulho. Até hoje, quando eu penso, “mas que legal, que legal que eu consegui algo tão importante que representou bastante pra muita gente no Brasil, ainda mais pras meninas da época”! E isso virou um pouco de um jeito de encarar a vida e de viver até hoje, sabendo que o esforço e a dedicação é o que mais conta pra ter bons

resultados. Acho que essa questão é o que mais ficou, esse orgulho e entender os sacrifícios e o esforço necessários pra conquistar qualquer coisa na vida.

J: Há algo que você queira acrescentar e que não foi contemplado neste roteiro?

WIM6: Eu acho que uma questão muito importante que eu comentei brevemente... Pra qualquer jogador ou jogadora que esteja querendo desenvolver uma carreira é muito importante ter uma rede de suporte. Bons treinadores, pessoas que você jogue, suporte psicológico se você tá competindo mais frequentemente que talvez não seja tão reconhecido, não era tão reconhecido antigamente. E o agradecimento às pessoas que fizeram parte da minha carreira que foram muitas e é difícil lembrar de tantas. E a outra coisa assim que eu vejo é que o xadrez ele ajuda muito no desenvolvimento, por exemplo, de crianças que precisam, de repente, de algo pra sair da televisão, sair do vídeo, sair do *video game*. Então eu acho que as pessoas que hoje jogam xadrez e que querem levar o xadrez pra outros lugares... Trabalhar com a Educação Infantil é bem importante e também olhar o xadrez como uma forma de projeto social em muitos aspectos. Como eu falei, na época que eu joguei eu achava que jogava xadrez, mas não contribuía com a sociedade. E há formas de jogar xadrez e contribuir com a sociedade usando o xadrez, e acho que a educação é uma delas.

J: Sem dúvidas! Há mais algum ponto que você deseja contemplar?

WIM6: Não, eu acho que eu falei bastante, você foi muito paciente [risos]. Como você decora depois tudo isso, porque você pega 1 hora e meia, 2 horas com tanta gente. Como você resume?

J: É um desafio! Gostaria de te agradecer por toda a atenção em relação ao estudo e por todo o carinho com que conduziu o nosso diálogo. Muito obrigada!

WIM6: Obrigada você por ajudar a identificar quais são os grandes fatores que são importantes pro xadrez nacional. Espero que você tenha uma ótima carreira, eu não sei se depois você vai querer continuar dando aula, mas acho que trabalhar com a educação faz toda a diferença. Então parabéns por tudo o que você tá conquistando!

J: Com certeza, eu quem agradeço!

Apêndice I – Íntegra da entrevista (WIM 7)

J: Eu gostaria de agradecê-la por toda a atenção em relação ao estudo. Sua idade?

WIM7: 61 anos, vou fazer 62 no final do ano.

J: Data de nascimento?

WIM7: 19/12/1961.

J: Gênero?

WIM7: Feminino.

J: Cidade de nascimento?

WIM7: Rio de Janeiro.

J: Cidade de residência?

WIM7: Blumenau.

J: Cor da pele?

WIM7: Eu sou preta.

J: Nível de escolaridade?

WIM7: Superior completo.

J: Excelente, as etapas anteriores da sua Educação Básica foram realizadas maior parte em ensino público ou privado?

WIM7: Em ensino público todo o tempo.

J: Ótimo! Qual a instituição que a senhora cursou o Ensino Superior?

WIM7: É na FURB, a FURB é uma faculdade que é público-privada.

J: Em qual curso?

WIM7: Educação Física.

J: Atual ocupação?

WIM7: Aposentada, mas eu continuo dando aula de xadrez.

J: Excelente! Considerando o atual salário mínimo de R\$ 1320,00 – fique à vontade para falar em valores brutos ou em faixas salariais – como a senhora caracteriza a sua renda média familiar mensal?

WIM7: 5 salários.

J: Agora eu gostaria que a senhora pensasse nos membros da sua família que moravam contigo durante a infância. Quem eram eles?

WIM7: Mãe, pai e mais 5 irmãos.

J: Excelente! Então para cada um deles faremos uma caracterização em termos de nível de escolaridade e de ocupação. Começando pela sua mãe, nível de escolaridade e ocupação?

WIM7: A mãe era Primário e doméstica. Boleira. Boleira que fala, né? Doceira.

J: Ótimo! O mesmo pro seu pai?

WIM7: O meu pai era Ginásio e militar.

J: Excelente! Agora vamos fazer o mesmo pra cada um dos 5 irmãos. Se a senhora preferir começar pelo mais novo...

WIM7: O mais novo é Ensino Médio e falecida.

J: Ótimo, o segundo irmão na fratria?

WIM7: O segundo é Ensino Médio. É... Não sei o que ele faz. Aposentado? Pode ser.

J: Ok! O terceiro?

WIM7: O terceiro sou eu, é Superior.

J: Excelente! O quarto irmão?

WIM7: A quarta é Mestre. É Ensino Superior com Mestrado, professora.

J: Excelente! E o quinto?

WIM7: A quinta é Superior e falecida.

J: Ótimo! E o sexto?

WIIM7: Tem Ensino Fundamental.

J: Onde a senhora se encaixa nesta ordem dos seus irmãos?

WIM7: Eu sou a terceira.

J: Certo, muito obrigada! Então assim a gente encerra essa fase inicial de maior caracterização e inicia as questões um pouco mais dissertativas. Pra começar então, eu gostaria que a senhora falasse sobre a sua trajetória esportiva, desde a sua iniciação ao xadrez, passando pelo alcance do título internacional na modalidade, até os dias atuais. Sinta-se bastante tranquila para se alongar, eu estou aqui para te ouvir.

WIM7: Eu comecei a jogar xadrez acho que foi por uma dessas coincidências da vida depois de assistir um programa de entrevistas do Fábio Cavalcante e aí, por curiosidade, eu quis saber o que significava xadrez quando ele disse que nós tínhamos o Méquinho e tínhamos o Pelé. Eu queria saber que jogo era aquele que ele dizia que era jogo de gente inteligente e que jogo era aquele que colocava o Pelé e o Méquinho como os reis dos reis. O Pelé já era rei, então ele colocou o Méquinho no mesmo patamar. E aí quando eu vi o jogo na enciclopédia eu na mesma hora desenhei as pecinhas e eu quis aprender. Aí eu desenhei o tabuleiro, desenhei as peças e já achava que jogava, né? Pouco tempo depois um vizinho ganhou de presente de aniversário um jogo e ele me chamou, ele disse que... É porque até aí todos sabiam que eu jogava xadrez com o meu tabuleirinho de papel e eles pediram pra eu ensinar pra eles [risos]. E aí eu fui ensinar, mal sabia as regras! Em terra de cego, quem tem olho é rei, né? [risos]. Aí eu comecei a ensinar pra eles e aí eu gostava tanto de xadrez que o meu pai, quando eu completei 12 anos em dezembro – eu tinha 11 quando eu mexia no papelzinho – o meu pai deu de presente de aniversário o jogo. E depois ele, nos sebos da vida, acabou comprando um livro de xadrez, o Aprenda a Jogar Xadrez Corretamente e aí eu comecei com as primeiras lições. Aí um vizinho, logo depois nas férias, apareceu um vizinho novo na rua e ele sabia jogar. Aí ele ensinou umas coisinhas sobre centro, eu me lembro perfeitamente, aí ele ganhava de todo mundo. Depois quando começaram as aulas – ali com 12 – eu passei o ano inteiro jogando com eles ali na rua, com os vizinhos, e quando eu completei 13 anos apareceu na escola uma professora de português. Aí eu sempre

levava o xadrez pra escola, eu deixava sempre em cima da mesa, acho que era pra impressionar mesmo. Aí deixei o jogo em cima da mesa, ela chegou e entrou na sala e falou “você joga xadrez?”, “sim!”, “joga bem?”, “sim, jogo muito bem!” e aí ela falou assim “então arruma o tabuleiro porque a casa da direita tem que ser branca!”. Aí eu “puxa vida!” [risos], eu falei “nossa, o que é que é isso!” [risos]. Bom, enfim! Aí ela chegou e falou “olha Regina, eu tô vendo que você gosta de xadrez mesmo, então você pode vir jogar comigo se você quiser toda terça-feira. Eu tenho um tempo vago antes de começar a aula, uma janela, e aí se você quiser você vem jogar”. Aí eu comecei a jogar toda terça-feira, eu ia pra escola mais cedo e ficava jogando com ela. Só que eu sempre perdia. Aí um dia passando por uma papelaria eu vi um tabuleiro grande – o meu tabuleiro era pequeno – e eu vi um livro de xadrez, era o Xadrez Básico. Aí eu juntei dinheiro um tempo, uns 3 meses. Fiquei juntando, juntando dinheiro. Sabe esse dinheiro que o pai dá pra merenda ou que a mãe dá pra ajudar alguma coisa, ela era doceira, né? Enfim, aí juntei e acabei comprando o Xadrez Básico e um tabuleiro. Aí comecei a estudar o Xadrez Básico e quando foi no final eu consegui ganhar dela [risos]. Quando eu penso hoje que eu ganhei dela foi em uma cilada ainda, Mate de Legal, eu nunca vou esquecer. Enfim, quando eu ganhei dela eu achava que tava pronta pra ir pro mundo, né? No ano seguinte eu continuei levando o xadrez pra escola pra ensinar pros meus amigos, meus colegas. Aí nisso a diretora chegou e falou “olha, tem uma menina aí que vive com o tabuleiro debaixo do braço”. Meu apelido era Méquinha, né? Me chamavam de Méquinha. Aí “inscreve essa menina aí nos jogos do Rio de Janeiro”. Me inscreveram e aí eu fui pra fase regional. Aí eu ganhei a fase regional e eu acabei chegando na fase final. Foi a primeira vez que eu saí, por exemplo, do meu bairro por minha conta, sabe? Foi interessante! E aí eu fui pra final e na final eu me lembro que eu fiquei em 2º, né? Eu fiquei em 2º e quem ganhou foi um jogador federado. Só que nessa trajetória de ficar nesses dois dias indo pros torneios eu acabei conhecendo o Sílvio Resende que foi o coordenador – e depois ficou meu amigo – e uma professora, orientadora e psicóloga de um projeto em uma outra escola, ela tinha levado os alunos. E aí essa professora me convidou pra ir no projeto dessa escola que era em Bangu. Aí eu fui e lá eu joguei um pouquinho mais... Se bem que eu não joguei tanto xadrez, eu acabei me interessando por música porque ela fazia parte, era regente de um coral e de um grupo de flauta doce. Foi aí que eu comecei a tocar flauta doce. Aí depois desse

primeiro contato com a música eu já tava indo pro Ensino Médio e no Ensino Médio, ali com 15 anos – eu faço aniversário em dezembro – eu quis entrar pra banda. Aí eu me lembro que com 15 anos eu participei de um torneio que eu li em um revista – o meu pai gostava de ler a Revista Manchete, então de vez em quando ele comprava – e aí tinha uma coluna que era do Valério Andrade que anunciava um torneio aberto lá na Tonelero, eu acho que era Tonelero o nome da rua. E aí eu me inscrevi, liguei pro número de inscrição e me inscrevi. Me inscrevi e fui pra esse torneio, o torneio era em Copacabana. O nome do clube era Olímpico Clube. Eu sei que eu sai de Campo Grande, quer dizer, Campo Grande... Era um outro bairro, era um sub-bairro. Eu peguei ônibus até o Campo Grande, aí em Campo Grande eu peguei um frescão pra ir de Campo Grande até Copacabana. Aí eu joguei esse torneio e nesse torneio eu era a única menina e eu acabei jogando bem porque na última rodada o diretor do torneio – Antônio Carlos? José Carlos! – ele colocou uma faixa – eu me lembro perfeitamente que ele colocou uma faixa – “Regina Ribeiro disputa a 19ª posição”. Eram 94 participantes e aí eu fiquei toda... E eu perdi a última rodada, aí eu fiquei em 36º eu acho. Mas eles me deram uma medalha e essa medalha foi entregue em um outro... Não foi entregue no dia como hoje em dia que tem a premiação no dia, né? Lá era assim, era uma cerimônia em um outro local e em um outro dia com um coquetel, foi no prédio da Manchete porque o torneio era da Manchete. Aí eu fui lá no edifício da Manchete lá na Glória e recebi lá a medalha, ele me deu um livro também de presente. Aí enfim, eu fiquei toda empolgada! Aí nisso ele me convidou pra fazer parte desse Olímpico e jogar o Interclubes, aí foi a primeira vez que eu participei de um Interclubes [áudio cortado devido à instabilidade no sinal da *internet*]. E o que aconteceu depois foi que o Sílvio Resende fez uma seletiva – eu tinha 15 anos, 15 ou 16 – pros Jogos Escolares Brasileiros (JEBs) e eu ganhei a seletiva. E com essa seletiva eu iria pra Brasília, alguma coisa assim. Enfim, só que eu não tinha carteira de identidade e aí ele falou que eu não poderia ir. Aí eu falei “tá!” e aí nisso eu fui correndo falar com o meu pai e eu falei “pai, eu preciso da identidade”, então a gente correu pra fazer. Aí eu levei o protocolo pra ele e aí ele falou “com o protocolo não pode, tem que ser o original”. Aí eu falei “então tá, tudo bem!”. Aí o tempo passou, eu fui jogar o Campeonato Carioca Juvenil e nesse Campeonato Carioca Juvenil eu reencontrei lá um jogador que tinha participado da seletiva. Aí ele veio me perguntar por que é que eu não tinha ido, aí eu falei pra ele que eu não tinha ido

porque eu não tinha a identidade e não aceitaram o protocolo. Aí ele falou “mas eu fui com o protocolo, eu também não tinha”. Aí aquilo me jogou um balde de água fria e eu falei assim “xadrez não é o meu mundo não, eu não quero saber disso”. Aí eu acabei me desinteressando por torneios, não quis mais saber. Mas eu continuei jogando em Campo Grande com os meus amigos, eu tinha um amigo que eu jogava praticamente todo dia, a gente continuou estudando o Xadrez Básico. Aí continuávamos lendo o meu único livro – só tinha dois livros, o Xadrez Básico e o Aprenda Xadrez Corretamente – e jogávamos. Nisso eu conheci um pessoal de Campo Grande, um era o Tenente Sobrinho e ele reunia na casa dele uns militares e amigos pra jogar xadrez e às vezes eu virava a noite lá [risos]. E aconteceu assim, um dia andando eu ia pro meu cursinho de inglês, aí eu passei e vi uma mesa de xadrez lá na casa dele. Aí eu bati e perguntei se tinha alguém que jogava xadrez [risos]. Aí ele me chamou “vem, eu jogo xadrez!” e aí eu comecei. Nessa casa eu joguei por muito tempo, aí eu ia a noite jogar com eles, mas não jogava mais torneios. Aí quando eu estava com 17 anos, no último ano do Ensino Médio, aquela professora, orientadora e psicóloga do projeto mandou mensagem – não tinha telefone – pra minha escola, né? Pra que eu participasse de um torneio da Fundação Roberto Marinho, o torneio Cuca Legal. Porque como ela trabalhava em escola e sabia que eu estudava nessa escola no Ensino Médio, ela ligou pra escola. Aí falou com o diretor e me chamaram lá na sala “olha, tem uma professora que tá indicando você pra ir participar!”. Aí em um primeiro momento eu disse que não queria, né? Eu falei que não, “eu não jogo mais torneios, eu só jogo xadrez com o meu amigo aqui, não quero mais saber de torneios, não quero nada”. Aí ela insistiu lá com o diretor e eu falei “não, não”, mas eu fiquei meio assim... Aí eu falei com o meu amigo que eu jogava quase todo dia “olha Paulo, o negócio é o seguinte: tem esse torneio, eu vou se você for. Porque a gente nunca jogou um torneio, eu quero ficar na sua frente” [risos]. “Se você for eu vou, aí eu vou ganhar de você lá no torneio!” e quando a gente jogava era equilibrado, uma hora eu ganhava, outra hora ele ganhava, mas eu falei “no torneio eu vou ganhar de você!”. Aí ele topou, aí a gente foi pra esse torneio, era o Torneio Cuca Legal. Aí quando eu cheguei lá no torneio – foi no Maracanãzinho – eu tive a surpresa que eu não poderia jogar com ele porque era dividido o masculino e o feminino. Aí eu não quis jogar e falei “tchau, né? Eu vou embora! O que é que eu tô fazendo aqui? Não vou poder...”. Aí entrou essa professora, essa psicóloga que veio

falar comigo “você já está aqui, joga!” e não sei o quê e eu tinha muita consideração por ela. Aí eu falei “mas não me interessa, eu vim pra jogar com o meu amigo, não tem sentido eu jogar!”. Aí ela chegou, me convenceu e eu acabei jogando e aí foi o meu primeiro torneio feminino. Aí acho que eram 11 participantes e eu fiz 10,5... Não, 9,5, né? É, isso! E ela me pediu, na última rodada, pra empatar com a menina lá, isso eu nunca vou esquecer. Aí chamou a atenção porque eu ganhei todas as partidas praticamente, com exceção da última. E quem estava nesse torneio? O árbitro! Era o árbitro que tava naquele torneio lá no Olímpico. Entendeu que coincidência?

J: Entendi!

WIM7: Ele chegou e falou pro coordenador desse projeto – que era o projeto Cuca Legal – “olha, você devia pegar essa menina aí pro seu projeto”. Ele deve ter contado alguma história e aí esse coordenador que era o Amâncio Carvalho veio falar comigo lá no torneio. Mal terminou o torneio e ele veio falar comigo “olha, nós gostaríamos que você fizesse parte do projeto de iniciação esportiva e a gente quer que você represente o Esporte Clube Garnier nos campeonatos femininos”. Aí eu fiquei meio assim, né? Mas aí quando ele falou que ia me dar o emprego e eu ia dar aula de xadrez e iam me pagar um salário mínimo eu falei “vocês vão me pagar pra dar aula de xadrez e em contrapartida eu jogar torneios femininos?” [risos]. Aí eu aceitei, aceitei na hora, né? Aí eu comecei a dar aula nesse projeto e joguei ali um pouco depois, né? Antes mesmo de começar a dar aula porque eu já joguei... Deve ter sido em novembro, aí em dezembro eu já tava jogando o Campeonato Carioca e aí nesse Carioca que foi a minha primeira competição oficial... Foi bem rápido, né? Eu classifiquei pro Campeonato Estadual. Então na linha do tempo, seria: com 17 eu joguei o Cuca Legal, aí em dezembro eu completei 18 anos e já joguei o Campeonato Carioca e me classifiquei pro Campeonato Estadual. No Estadual classificavam 5 jogadoras pro Brasileiro, aí eu me classifiquei pro Brasileiro e fui representar esse projeto. O Brasileiro foi em Laguna e aí nesse Brasileiro eu fiquei em 8º ali das... Eu não sei se eram 28 participantes ou 36, eu não me lembro ao certo. E aí eu fiquei empolgada, né? “Puxa vida!”. Quando eu voltei pro Rio eu gostei, “ah, vou jogar campeonato feminino porque eu estava ganhando dinheiro, eu dava aula de xadrez” e não era todo dia, né? Eu não trabalhava todo dia. E aí nesse Brasileiro foi a primeira vez que eu sai do estado. E aí eles me deram, pra vir pra Santa Catarina, a passagem de avião, aí já foi a primeira vez que eu andei de avião. Então,

“opa!”, eu falei “então tá, né?”. Aí eu voltei pro Rio, comecei a estudar mais e aí eu já ganhei o Campeonato Carioca, aí eu ganhei na sequência o Campeonato Estadual e classifiquei pro Brasileiro de novo que foi em Laguna de novo. E aí nesse Brasileiro eu bati na trave, eu fiquei em 3º lugar. Em 1º ficou a Lígia, em 2º foi a Jussara Chaves e eu fiquei em 3º e falei “opa!”. E aí eu tinha perdido pra Jussara porque eu não dominava o tema do par de bispos. Quando eu voltei pro Rio de Janeiro, meu, eu só estudava os livros lá... Por isso que eu sou fã até hoje do par de bispos, né? Eu fiquei só no par de bispos [áudio cortado devido à instabilidade no sinal da *internet*]. E nunca mais vou perder com par de bispos! Aí eu classifiquei de novo, joguei aquelas sequências pro Brasileiro e aí o Brasileiro foi em 82 – valia vaga para a Olimpíada – e eu terminei empatada com a Jussara Chaves em 82. E eu ganhei dela sabe como? Com a vantagem do par de bispos [risos]. Só que nós ficamos empatadas na pontuação porque eu perdi pra Lígia e ela ganhou, alguma coisa assim. Não teve o desempate, não tinha nada dessa coisa do confronto direto, ela ganhava também. O primeiro critério de desempate era *match*, naquela época o Brasileiro era *match* o critério de desempate. Aí não teve esse *match* em 82. Aí em 83 não teve Campeonato Brasileiro e ficamos empatadas, a CBX nunca fez o *match*. E aí quando foi em 84 eu joguei o Brasileiro e fiquei em 1º, foi no Paraná. Aí comecei, em 84 ganhei o Brasileiro, aí em 85 eu ganhei o Brasileiro. Em 85 teve um Sul-Americano em São Paulo e foi aí que eu consegui... Eu fiquei empatada de 2º a 4º, ficamos empatadas eu, a Joara e a Beatriz Marinello que hoje vive nos Estados Unidos e é chilena. Aí a Joara acho que ficou em 2º, aí a Beatriz em 3º e eu fiquei em 4º, as 3 empatadas. Aí o Sul-Americano dava o título direto pra 2ª colocada ou dava pras 3 primeiras, se ficasse empatada... E foi aí que eu consegui o título de Mestre Internacional. Aí a minha vida já era só xadrez, isso também porque em 82, após eu ir pra Olimpíada – porque em 82 valeu vaga pra Olimpíada e aí eu fui pra Olimpíada –... Aí éramos a Jussara, a Lígia, a Ruth Cardoso e eu. Quando eu voltei da Olimpíada... Desculpa, não tinha a Lígia não, era a Joara, a Jussara, a Ruth Cardoso e eu. É, é isso mesmo! A Lígia já tinha abandonado o xadrez. Então quando eu voltei da Olimpíada tinha um telegrama na minha casa “olha, gostaríamos que você viesse a Blumenau, tem um PTA no Aeroporto, te aguardamos!”. Era só chegar lá, pegar o avião e “pá!” [risos]. Eu voltei foi em uma terça-feira, na quinta-feira era a data do PTA de eu ir pra Blumenau e na sexta-feira seria o meu aniversário de 21 anos. Aceitei na hora, né?

Aceitei e aí eu cheguei em Blumenau na quinta-feira à noite, aí na sexta já teve festa [gesticulando aspas] do meu aniversário. Aí no sábado eu fui entrevistada pelos dirigentes e aí eles me contrataram. No Rio eu fazia isso, eu continuava trabalhando lá na iniciação esportiva do projeto Cuca Legal, mas aí eles me chamaram pra trabalhar em Blumenau pra dar aula de xadrez. Porque em um primeiro momento eu recusei, eu falei assim “por que é que eu vou deixar o Rio de Janeiro se eu estou na universidade dos meus sonhos – eu fazia Letras na UERJ – e estudo alemão, estudo música e tá bom, né? Eu não tenho o porquê”. Mas aí eles falaram “olha, você vem pra Blumenau, você pode estudar alemão aqui, nós vamos te pagar, te dar casa e comida”. Eu falei “hã?” e eles “pra você continuar fazendo o que faz lá no Rio de Janeiro que é ensinar na escola”. Aí eu fiquei pensando “puxa vida, de novo vão me pagar, eu vou ficar jogando e ainda vão me apoiar nos eventos, ainda vão me pagar pra participar de Jogos Abertos”. Aí eu falei “essa vidinha mais ou menos”, né? [risos]. Aí eu falei assim “eu vou dar um tempo do Rio de Janeiro”, mas claro, eu consultei na época uma mentora minha, a Teresa de Oliveira, minha professora de música e ela não teve dúvida, ela chegou e disse “Regina, vai! Se apareceu a oportunidade”. E ainda por cima porque Blumenau tem uma das melhores professores de flauta doce do Brasil. Aí eu fiquei assim, arregalei os olhos, né? Eu falei assim “eu vou pra Blumenau e vou estudar música com uma das melhores do Brasil”. O xadrez foi em segundo, mas tudo bem. Aí eu vim, no final das contas eu não consegui vaga com essa professora. Mas aí a cidade honrou e pagou a minha escola, pagou o meu curso de música, pagou a minha faculdade, eu fiz transferência, né? Aí eu morava no prédio dos atletas e tinha comida também e ainda me pagavam, né? Eu não queria mais nada da vida. E isso pra eu ensinar xadrez. Aí eu vim em 83, foi bem em uma quarta-feira de cinzas, cheguei aqui, eu e a minha bicicleta e logo depois a minha mesa de xadrez. E aí nesse primeiro ano em 83 nem teve Jogos Abertos porque foi um ano terrível da enchente, né? Então não teve a competição. Só que eu só jogava xadrez em 83, aí em 84 foi quando eu ganhei o Brasileiro lá no Paraná. Aí 85 foi lá em São Paulo e eu só viajava, só ficava jogando xadrez e dando aula de monitora. Não era todo dia que eu dava aula, era a minha vidinha mais ou menos de ir ao clube, dar aula no contraturno em uma escola. Aí foi! Em 85 sempre só jogava torneios e em 85 eu recebi uma proposta pra ir pra – acho que era Santos – alguma cidade de São Paulo. Teve um movimento aqui na cidade que eu falei “olha, eu recebi uma proposta pra ir pra São

Paulo, eles tem Jogos Abertos lá” e aí falaram assim “o que é que a gente pode fazer?”. Aí eu dei uma série de entrevistas e acabou aparecendo um patrocinador pra mim porque quando eu recebi a proposta pra ir pra outra cidade eles reavaliaram quanto eu ganhava e ainda tinha mais o patrocinador. Aí foi assim que a Cremer me patrocinou 10 anos, então eu acho que sou recordista em patrocínio no Brasil. Essa foi uma empresa que me patrocinou por 10 anos e aí era assim, eu recebia acho que era o equivalente a 1 salário mínimo por mês, alguma coisa. E eles davam uma passagem internacional por ano, olha só! E quando tinha algum torneio, alguma coisa que eu pedia inscrição, um torneio mais caro, aí eles pagavam também. Então era um patrocínio bom, né? Aí eu só jogava xadrez, estudava. Aí eu fiquei em 86, 87 e em 88 assim e em 89 já mudou um pouquinho porque aí eu comecei a dar aula em uma escola particular mesmo. Foi aí que começou o meu compromisso mesmo porque antes eu dava aula no clube, ficava à disposição lá pra dar aula pra escolinha da própria Fundação. Mas aí a partir de 89 o colégio do qual eu faço parte ainda me contratou com carteira assinada, eu não acreditei, né? “Puxa vida, vão assinar a minha carteira pra eu dar aula de xadrez? Não acreditei, né?”. Aí eu [áudio cortado devido à instabilidade no sinal da *internet*]... Há 34 anos nessa escola, 34 anos ali dando aula na mesma escola. Aí a gente montou esse projeto da escolinha do Bom Jesus – que hoje é Bom Jesus, antes era Colégio Franciscano Santo Antônio – e aí eu comecei dando aula nessa escola e aí dava aula também no clube, na escolinha. Aí tempo depois continuei jogando os campeonatos, só que depois de anos eu não consegui mais ir pra Olimpíada, eu acho que a minha última Olimpíada foi em 2010. Então até 2010 eu estava mais ativa, posso dizer, e depois de 2010 eu não tive mais o mesmo desempenho. Mas eu voltei mais pra atividade escolar mesmo. Em 2003 – foi a partir de 2003 – que eu também por conta do patrocínio lá da Cremer tinha uma contrapartida que eu tinha que dar pra empresa. Eles me patrocinavam, mas eu tinha que ir lá na empresa uma ou duas vezes por semana, eu não me lembro, na associação e ficar à disposição dos funcionários para ensinar xadrez. Então tinha isso também, tive alguns alunos nessa fase. E a partir desse envolvimento com a empresa, eu ia almoçar – “imagina que patrocínio bom, meu Deus do céu!” – e além de toda a ajuda mensal, a passagem, eu ainda podia almoçar lá todo dia na empresa junto com os funcionários. Então eu pegava a minha bicicleta e ia lá almoçar, né? Aí eu fiz amizade com um monte de gente, então foi um período muito bom da minha vida. E com essa

intimidade com a empresa – eu conhecia secretária, o fulano, o ciclano – eu acabei envolvendo a empresa em eventos, então eu comecei a organizar. Então eu me lembro que o primeiro Campeonato de Menores foi aqui em Blumenau, né? O Campeonato Catarinense Sub-8, Sub-10, eu comecei a organizar esses campeonatos aqui na cidade com o apoio da Cremer. Foi quando eu virei organizadora, também, de eventos. Comecei a trabalhar nisso também. Aí sempre tava fazendo alguma coisa e comecei também – quando acabou o patrocínio da Cremer ali depois de 10 anos, foi de 86 a 95 – ... E aí o que aconteceu foi que eu conheci um outro patrocinador, mas pra um projeto social. Então em 96 nós iniciamos o que se chamava “Projeto Ceval de Xadrez nas Escolas” que durou 5 anos. Então eu lembro perfeitamente que eu fui até o Rio de Janeiro e conversei bastante com o Sílvio Resende. “Sílvio, eu queria uma orientação” e aí ele me orientou. Aí eu montei o projeto e apresentei pra Ceval e a Ceval apoiou durante 5 anos. E aí começou uma transformação também porque além de eu dar aula e organizar os eventos catarinenses de menores... Dava aula na escola particular, dava aula em uma outra escola por conta da SME, no clube. E aí apareceu essa oportunidade de iniciar um projeto social porque eu tinha uma ideia que era a seguinte, né? Eu trabalhava numa escola particular, mas neste ano a escola sempre ganhava as medalhas, o colégio particular ganhava. E teve um ano que eu trabalhei em 2 escolas particulares e ficou dividido, exatamente dividido as medalhas de ouro entre as duas escolas. E aí aquilo me incomodava, eu falei “puxa, tá errado! Eu não vim pra Blumenau...”, eu me lembro até que eu cheguei a falar com o frei. E ainda por cima essa escola que eu dou aula ganhou todas as medalhas de ouro, todas! E aí nesse ano eu fiquei com muita vergonha, eu falei assim “eu não vim pra Blumenau pra isso”, né? Aí surgiu essa ideia do projeto e eu falei um dia, em um almoço, pra um empresário “eu tenho certeza”... Porque até então eu era campeã brasileira, então o pessoal “olha, a Regina Ribeiro, coisa e tal”! Aí eu dou aula em um colégio particular, coisa e tal e eu falei assim “eu tenho certeza que se tivesse xadrez na escola pública nas mesmas condições que tem o colégio particular, as crianças do município iam arrebentar!” [risos]. Aí o empresário chegou e falou “manda um projeto” e foi aí que eu fiz esse projeto, elaborei esse projeto e a gente iniciou um projeto que durou 5 anos. E não deu outra, no primeiro ano a escola já bateu de frente com a escola particular e no segundo ano já superou. O projeto durou 5 anos e desse projeto a gente foi ampliando. Foi ampliando no primeiro ano, no

segundo um pouquinho mais, no terceiro a gente passou... O projeto Ceval tinha um polo nessa escola onde iniciou, mas aí a gente implementou um polo em uma outra escola. Então esse projeto começou a rodar nas escolas, aí nesse projeto que a gente apresentou pra empresa eram várias ações. Uma ação era a gente passar nas escolas 1 vez por mês e ficar 1 semana na escola, aí eu tinha os monitores e a gente ficava 1 semana com o jogo gigante na escola, botava xadrez no pátio da escola. Aí a gente fez o Circuito Ceval de Xadrez como atividade regular ao longo do ano, oficinas de capacitação pros professores e uma série de atividades com esse projeto. Ampliou mesmo, mas foram 5 anos e aí o empresário chegou e falou “olha, você só tem 5 anos na verdade porque em 5 anos a Ceval vai acabar”. É que aí a Ceval virou Bunge e quando virou Bunge eles até cogitaram continuar o projeto, mas não poderia ser naqueles moldes. Eles falaram que só poderia ser um projeto que fosse em nível estadual ou regional porque o valor do projeto não valia a pena. Como a Bunge é uma empresa – é uma baita organização aí, é uma *holding* – então eu me lembro que um camarada falou pra mim assim “olha, só pro analista olhar o seu projeto já é o valor do projeto todo”, entendeu? Então não vale a pena nem levar, nem mandar o projeto. Só se fosse alguma coisa muito grande. Aquilo era muito pouco dinheiro pra gente envolver tantos profissionais, ir pra São Paulo, enfim. Aí acabou o projeto, mesmo nesse ano eles foram bem bacanas porque eles ainda me patrocinaram mais 1 ano, eu ainda fui pra Olimpíada usando Bunge, um casaco Bunge. E depois quando acabou esse projeto também teve uma mudança no xadrez da cidade com os eventos e coisa tal. Mais torneios, mais professores. Só pra você ter ideia, teve um salto... A gente chegou a fazer até um gráfico que saltou de 200 desse período do programa Ceval de 5 anos pra 1200 atletas inscritos nos Jogos da Primavera. Foi um envolvimento das escolas muito grande, né? E quando acabou o projeto Ceval aí a gente começou... Eu já tinha alguns parceiros nesses projetos, como a Fernanda... Aí a gente iniciou um projeto com a livraria Alemã porque eu tinha o entendimento que o xadrez [áudio cortado devido à instabilidade no sinal da *internet*]... Aí eu fui lá na livraria Alemã que era perto da minha casa, falei com o dono “ah, vamos iniciar um projetinho de xadrez aqui na livraria, trazer as crianças pra livraria”. Aí acabamos organizando o Circuito da Livraria Alemã, a gente fazia torneios também, foi bem legal. Tinha o sábado que a gente dava aula pra quem quisesse e, enfim, eu comecei com essa história de projetos. Um pouco depois eu comecei um

projeto... Porque os meninos tomavam conta, sempre, das aulas, né? Aí eu sentia que devia ter um projeto voltado pras meninas. Foi aí que eu comecei um projeto que... Como eu era técnica de xadrez feminino, eu achava que tinha que ter um nome, aí a gente criou o projeto das Bluluzinhas. Aí a gente começou “papo de Bluluzinhas, camisas das Bluluzinhas, ações pras Bluluzinhas”, fazia até... Uma das atividades era o encontro das Bluluzinhas, noite das Bluluzinhas, sendo estas ações sempre voltadas pro feminino. Torneio das Bluluzinhas, a gente fez algum tempo Bluluzinhas e convidados. O treinamento era exclusivo, técnico só pras Bluluzinhas. Foi um período que a gente cresceu bastante, a gente formou algumas campeãs, mas como grupo. Deu essa sensação de grupo mesmo e estão aí, as Bluluzinhas estão aí até hoje e estão completando 20 anos de Bluluzinhas. E, enfim! Com essa história toda de ficar dando aula e organizar eu realmente deixei um pouco o xadrez competitivo, né? E também o óbvio, né? Foi ficando cada vez mais difícil manter, as novas gerações vieram muito fortes, as jogadoras. A partir da Tatiana Ratcu, né? Quando chegou a Tatiana Ratcu no pedaço aí levou todo mundo [risos]. Aí depois da Tatiana Ratcu veio a Vanessa Feliciano que levou todo mundo por anos. Porque saiu a Ratcu, foi estudar fora, morar fora e veio a Feliciano que dominou tudo. Aí a Feliciano saiu e pronto, veio a Juliana Terao pra dominar tudo. E aí tá aí, né? Juliana Terao, Julia Alboreda e Kathiê, ou seja, as mais velhas não têm vez não [risos]. Essa geração nova aí tá muito forte, né? E aí não tem como, tem que trabalhar. Hoje eu vejo um pouco que até... Eu só jogava torneios, estudava e enfim! Era uma vida só de xadrez mesmo. E hoje eu vejo “puxa, que inveja! Eles estão lá em Caiobá jogando torneio de 1 semana!”. Já foi o tempo que eu conseguia ficar 1 semana em algum lugar, hoje não tem como não, é impossível. Só a semana dos Jogos Abertos, então é mais difícil sair pra ficar jogando torneios, né? Enfim! Bom, aí é isso, né? Nessa história toda, até 2010, eu participei de 10 Olimpíadas, o meu melhor resultado foi em 92 nas Filipinas onde eu fiquei em 3º lugar jogando no 3º tabuleiro. Foi muito bacana, muito lindo receber a medalha lá. Foi o ano que o Sunye recebeu a medalha de ouro dele também, foi bem legal, sabe? E eu era muito fominha de xadrez, pra você ter ideia quando foi na Olimpíada seguinte em 94 que foi em Moscou era pra eu ficar em 3º também, sabia? Eu podia ter ficado em 3º, eu fiquei em 4º lugar acho. Se eu tivesse deixado de jogar na última rodada eu ficaria com a medalha. Mas eu tava jogando tão direitinho que eu falei “eu não!”, eu não admitia não jogar uma rodada pra

pensar em uma medalha. Burra, na verdade, né? Você fala “meu, que burra, a medalha é muito mais importante, né?”. A história não vai lembrar que eu simplesmente tentei ganhar pra melhorar a posição do Brasil em algumas colocações. Eu só lamento um pouco, assim, no sentido de que eu não teria me escalado. Se eu fosse a técnica, eu não teria me escalado. Essa visão eu acho que ainda falta pro Brasil, pro brasileiro de uma maneira geral, da parte histórica. Não se trata da minha vontade, se trata do que acontece. Era um evento que poderia ter feito a diferença, né? Ganhar 2 medalhas, né? Mas eu só via uma coisa, eu só via xadrez e só queria jogar, eu era muito fominha. Mas eu teria deixado de jogar na última se fosse hoje e isso não pensando em mim, mas também pela história mesmo, sabe? Mas enfim, isso foi aí em 94 e eu acho que uma das minhas grandes burrices foi essa. Mas foi legal, Moscou... Foi uma coisa muito legal participar das Olimpíadas e uma coisa que me atraiu muito nessa trajetória toda foi poder viajar, né? A cada 2 anos a Olimpíada era em um país, então eu tive a oportunidade de jogar em um monte de países. E a gente ia pra Olimpíada e comprava passagem... E depois da Olimpíada não ia bate e volta, sabe? A gente acabava ficando e depois da Olimpíada a gente sempre ia pra algum lugar pra jogar outros torneios. Então cada vez que eu ia pra uma Olimpíada, eu aproveitava o bilhete pra jogar. Entende? Então eu acabei jogando outros torneios depois da Olimpíada, foi uma experiência bem legal essa de poder participar de eventos internacionais. Então até hoje eu defendo também que... E hoje o Brasileiro está assim que ele dá a vaga direto pra Olimpíada, porque se fosse com o critério... Aquele critério que eu acho que foi por quase uns 10 anos... A CBX usou como critério o *rating performance*. O *rating performance* era aquele que dava a melhor média, aí as jogadoras jogavam várias competições nacionais e internacionais e, de acordo com o rendimento delas nestes torneios, selecionavam os 4 melhores torneios e mandavam pra CBX. Aí a maior média... As 4 jogadoras com a melhor média iam pras Olimpíadas e eu fui uma combatente feroz desse sistema porque eu falei assim “olha, eu achei que esse sistema atrasa o xadrez feminino em pelo menos uns 10 anos!” e acho que eu tenho razão mesmo, até hoje. Eu ainda falei o porquê, seriam as mesmas jogadoras que iriam sempre pra Olimpíada. Por exemplo, eu achava que eu iria sempre pra Olimpíada porque eu poderia jogar um torneio na hora que eu quisesse. Então se precisasse de mais um torneio, eu vou pra Europa e jogo um torneio usando o meu crédito lá da Cremer. Eu vou lá e jogo um torneio. “Ah, eu quero jogar

um torneio lá no Rio de Janeiro”, eu saia daqui e ia lá jogar um torneio aberto e podia jogar mais torneios, certo? E aí as jogadoras... Então esse sistema ia facilitar a vida de jogadoras que tinham condições pra jogar os torneios, ao passo que como eu entrei a primeira vez, lá em 82... O Brasileiro dava a vaga, então quando eu classifiquei aquilo mudou a minha vida, classificar pra ir pra Olimpíada. Então eu imagino o seguinte, as jogadoras que tiveram oportunidades sem ter condições financeiras, tiveram a oportunidade de jogar uma Olimpíada. E o Brasileiro [áudio cortado devido à instabilidade no sinal da *internet*]... Sabe? E aí durante 10 anos ele não deu oportunidade nenhuma, eram as mesmas jogadoras. Éramos eu, a Joara, a Jussara e aí a Palas, só que o detalhe era que a Palas era daqui de Blumenau também, jogava Jogos Abertos. Enfim, aí a gente ficou por muito tempo sendo o mesmo grupo sempre, sem abrir. E tinham muitas jogadoras muito talentosas que poderiam já ter ido pra uma Olimpíada. Mas depois acabou mudando e quando mudou o sistema aí abriu as portas, por isso que eu gosto desse sistema como é hoje, ainda que não dê todas as vagas, né? Mas já foi uma abertura, logo lá, depois que abriu, eles darem 2 vagas pro Campeonato Brasileiro. Era a campeã do ano mais a campeã do ano anterior e mais 3 por *performance*. Então já abriu bastante, né? Então... Aí é isso! Foi uma luta aí, né? O que mais que teve? Da Olimpíada... Aí a minha vida foi só isso mesmo de jogar, dar aula de xadrez, organizar os eventos. Foram alguns eventos, aqui em Blumenau, bastante importantes, de referência. Teve um que foi o Campeonato Pan-Americano, foi a primeira vez que a gente bateu o recorde de participação também, foi um evento muito bom aqui na cidade. A gente realizou 2 Brasileiros aqui também. Aí nessa trajetória toda eu acabei chegando na meta que era conseguir 20 títulos de Jogos Abertos. Deu, né? Já encerrei carreira também [risos]. Aí hoje eu tô assim, sou presidente do Clube de Xadrez de Blumenau, na segunda gestão tentando melhorar a estrutura pra dar mais apoio pros jogadores e a gente tá tentando organizar – ainda não dá pra organizar eventos no xadrez pensado – eventos rápidos, a gente tá tentando buscar a excelência. Eu sempre briguei pra que as inscrições fossem acessíveis porque eu acho que hoje as inscrições são muito altas. Então nos eventos que eu organizo é o contrário, né? Então eu procuro organizar com um valor simbólico, até a anuidade do clube é um valor simbólico de R\$ 150,00. A gente ainda tem como contrapartida pro associado pagar 50% do valor das inscrições dos eventos organizados pelo clube [risos], sempre

buscando facilitar. Eu gosto muito de torneios onde todos saiam felizes, crianças principalmente. Então eu gosto de organizar torneios com premiação boa, medalha bonita, troféu bonito e muitos brindes, então nos nossos torneios a gente chega a mais de 50 brindes. E aí agora a gente tá entrando em um nível de começar com a premiação, né? Todos os torneios a gente procura distribuir melhor, né? Tendo esse entendimento de que a gente precisa começar a distribuir melhor a premiação, antigamente os torneios... Ainda tem uns torneios que o 1º ganha tanto e o 10º, sabe? Fica muito longe, sabe? Então é distribuir melhor a premiação e, por exemplo, a gente tem um torneio aqui que as categorias ganham a mesma coisa. Todas as categorias, então se o valor é R\$ 400,00, é R\$ 400,00 pra cada categoria, distribui dentro da categoria, nada de... Uma hora a gente vai ter um torneio de R\$ 60.000,00, mas são R\$ 15.000,00 pra cada categoria, entendeu? Aí distribui entre as categorias, eu gosto de torneios assim. Joguei, das minhas memórias, foram 2 torneios nos Estados Unidos que eu ganhei a categoria abaixo de 2000 que eles chamam de *Expert*. Eu ganhei o *US Open* em 86, nunca vou esquecer também porque foi o Spassky que me entregou o troféu daquele torneio. Um outro que eu não vou esquecer foi o *Las Vegas Open* que eu ganhei a categoria. E quando eu digo que ganhei a categoria não é feminino não, ganhando por *rating* mesmo, sabe? Então foram duas vitórias de absoluto que foram bem marcantes, né? Até porque geralmente na última você tem que acertar um Mestre, né? [risos]. Então há coisas assim, aí é legal porque eu tenho umas vivências muito boas pra mim. Então o xadrez sempre abriu portas, a partir do momento que eu entrei, também não sai mais. Aí, enfim, quando eu mudei pra Blumenau eu acabei migrando pra Educação Física, no Rio eu fazia Letras. Mas quando eu mudei pra cá e como eu vivia na casa dos atletas e era tudo professor de Educação Física, estudante de Educação Física... E como era o início do xadrez escolar, eu tinha o entendimento que o xadrez tinha que passar pelos professores de Educação Física. Então quando eu entrei pro curso de Educação Física, eu acabei levando o xadrez. Porque aí a professora do curso falou “olha, Regina, você pode fazer uma exibição”. Então como eu sou colega, né? Olha, sou só colega agora, né? Aí eu “olha, leva o xadrez pra escola, você vai sentir a diferença”. Então quem morava comigo já começou a levar o xadrez pra escola. Aí eu tinha esse sentimento de que era porque eu era também da área, entendeu? Sabe? “Eu sou da área, eu sou da área”, porque os professores de Educação Física sempre tinham uma resistência contra

enxadristas. E ainda tinha aquela coisa de que professor não pensa, né? Professor de Educação Física só quer saber de malhar, né? Então eles não queriam saber de pensar, e aí como eu tô na Educação Física, eu tô dando moral porque eu penso pra burro [risos]. Daí houve essa preocupação, “você pensam assim que xadrez é difícil, é chato porque vocês não conhecem. Na hora que você começar a ensinar xadrez pras criancinhas, que você ver o desenvolvimento delas, você vai mudar de ideia rapidinho!”. Então às vezes quando eu falava... Tinha uma amiga minha que foi trabalhar em uma escola e aí ela começou a levar o jogo. Levou o jogo de xadrez, ensinou e meu, não queria mais nada, né? Aí começou a dar, o desenvolvimento é muito rápido. Então aqui nós tivemos vários casos de professores de Educação Física em Blumenau só ensinarem. Você só precisar ensinar a movimentação e mandar pros torneios, deixa que depois, no clube, a gente... Então é isso, tem uns projetos muito bonitos de professores de Educação Física. Aqui na cidade a gente tem pelo menos uns 22 professores que dão no contraturno, isso é legal. Claro, tem muito ainda o que avançar no sentido de estar mais organizado, sabe? Porque uma coisa é “eu faço isso e faço aquilo”, mas a gente, pra tudo, a gente precisa de um projeto institucional, sabe? Isso eu ainda sinto falta, mas de tudo, né? Por isso, por exemplo, que eu fiquei empolgada agora – parece difícil, mas é importante – com o projeto do selo da CBX. Já é um primeiro passo, a CBX lançou agora um selo... Como é que chama? É um selo pra quem faz xadrez. Então é uma instituição [áudio cortado devido à instabilidade no sinal da *internet*]... Que vai, como é que chama? Carimbar um projeto. Então eu acho importante esse tipo de coisa, hoje eu acho importante, por exemplo, que tenha os Jovens Talentos, esse lá da confederação. Pode não funcionar naquelas maravilhas, mas só de saber que reúne futuros Mestres ali, já começa, entendeu? Então a gente tem que começar uma estrutura, né? Então pras cidades é a mesma coisa, eu vi alguns projetos iniciarem nas cidades, mas eles não andarem. E mesmo o projeto institucional porque eu imagino que tenha que ter os dois, tem que casar, né? Teve cidade que montou o projeto, mas não andou porque não tinha professor, então o projeto morre. Tem que manter a motivação, tem que ter eventos. Mas aqui a gente tá andando, mas a gente não tem ainda o projeto institucional mesmo, a gente tem o xadrez no contraturno da escola mas porque esse xadrez ele faz parte do institucional de todas as modalidades. Não é só o xadrez, então tem o contraturno pra todas as modalidades, o xadrez se inclui ali. Da mesma forma com que tem 20, 30

professores pra futsal, mas tem 20, 30 professores pra xadrez. Tem vôlei, entendeu? Esse é um projeto bacana e é institucional, mas eu sinto falta de um específico para xadrez. Mas eu imagino que pra isso começar a gente primeiro tem que passar pela academia, enquanto não tiver dentro do curso de Educação Física ou na universidade mais xadrez, a gente não vai ter essa formação pra ir pra escola, entende? Então às vezes existem cobranças pra que se tenha esse institucional, mas não tem gente formada pra isso, sabe? Então existem cobranças e a gente diz “pera aí”, né? Não adianta querer que o governo institua o xadrez “ah, vamos implantar o xadrez nas escolas do Brasil”. Eu falaria assim “vocês estão viajando”, né? Porque como é que você quer implantar o xadrez no Brasil se a gente no curso de Educação Física não tem xadrez, na universidade não tem xadrez e quer colocar o xadrez nas escolas? Não dá, né? Entendeu? Não dá! Então a gente tá indo em um processo que tem muito xadrez nas escolas, mas muito é por conta de projetos isolados. Tem bastante projeto de xadrez isolado e por conta do xadrez nas escolas particulares. Tem muito, eu acho que praticamente tudo quanto é escola particular tem xadrez, aqui pelo menos a maioria tem xadrez nas escolas particulares. Então a gente tá indo por aí, mas uma hora a gente vai ganhar esse espaço dentro dos cursos, né? Vamos ver se uma hora a gente consegue, né? Mas aí, de novo, não basta ter jogador de xadrez pra ter o curso dentro da universidade, quem é que vai dar a aula? Se o enxadrista ele não quer saber de dar aula? Ele forma mas cadê esse enxadrista, né? Então muitas vezes quem lida com o xadrez quer ir pra outras áreas, a gente tá em um processo ainda pra essa formação. Mas é questão de tempo, o importante é que a gente avançou bastante e enfim. E o Brasil vai se fortalecendo. Eu sou uma leitora de tudo o que está na rede, onde tem projeto eu tô ali de butuca vendo, “opa, opa, opa!”. Pra ver o que funciona, o que não funciona, fazer as leituras. Aí eu tenho visto que muitos professores de projetos que dão certo são professores de Educação Física. Se você for olhar todos que tem por aí, é tudo professor de Educação Física, no Brasil todo. Entende? Pra mim um professor de Educação Física ele é o profissional pra isso porque ele é motivador, ele estuda pra isso também de dar o básico, motivar a criança e caminhar. Então esse é o papel dele, um dos papeis, né? Então é muito mais do que quando surgem essas críticas “ah, professor de Educação Física não sabe jogar, não sei o quê” e eu digo “olha, eu acho que não passa por aí não pra gente avançar, sabe?”. Não é essa a qualificação que a gente precisa, a gente precisa

primeiro do professor, esse que vai formar. E depois é cada um no seu lugar, entendeu? Aí a gente tem que avançar com outras estruturas, entende? Uma hora a gente vai ter uma estrutura que é dessa formativa, uma outra estrutura que é de aperfeiçoamento, até chegar no rendimento e no alto rendimento. Eu acho que é por aí, mas enfim! Essa é a minha batalha aí e no xadrez feminino é continuar... Continuar, né? Estimulando... Eu não falei, mas antes de falar do xadrez feminino, tem o Xadrez para Crianças... Das obras, né? Olha, tem aqui, talvez você não conheça. Olha! [mostrando o livro].

J: Ah, eu tenho a coleção aqui em casa também!

WIM7: Esse aqui é fruto dos 5 anos de Ceval porque eu sempre tive o entendimento que o livro tinha que ser... Isso por causa da Educação Física, né? Na Educação Física tem uma que é a adaptação ao meio líquido que a gente vai pegar a criança e ela tem que brincar na água. Então eu falei “puxa vida, só tem livro chato de iniciação no xadrez!”. Eu não conhecia um livro, era tudo livro chato, chato e chato, uma letrinha e pouco texto. Então eu achava que tinha que ser livro colorido, mas com conteúdo, porque também tinha livro que não tinha nada, né? E aí esse livro surgiu depois do projeto da Ceval que a gente foi pra livraria Alemã – e eu conheci o dono da livraria Alemã – e ele tinha editora. Ele era dono de uma editora, a Todolivro. E eu falei pra ele um dia “olha só, você não tem esses livros aí de mercado, de R\$ 1,00? A gente podia fazer um livro de xadrez de R\$ 1,00! R\$ 1,00 ou R\$ 2,00, ia ser bem legal ter uns livretinhos!”. Aí a Fernanda que é a coautora e professora de Educação Física também... Aí eu “Fer, vamos fazer um livro com o preço de R\$ 1,00 pra Todolivro?” e aí a gente fez um projeto mesmo e apresentou pra ele que topou. Aí “tá, vamos fazer!”. O esboço era o seguinte: seriam 6 livros, 6 peças, 1 livro pra cada peça. Eu falei “Fer, a gente vai fazer isso em 2 horas, é só botar a peça, como é que ela anda e tchau, é R\$ 1,00!”. Mas quando ele autorizou lá a gente mandou um projeto com 10 livros, seriam 10 livretos. Era um pra cada peça, aí tinha um que ia ser pro tabuleiro... Aí a gente conversou e falou “ah, vamos mudar o projeto! Ao invés de nós fazermos um livreto, um pra cada peça, nós vamos fazer 10 livretos. Só que a gente tem que colocar o mínimo de conteúdo ou pouco texto, mas muito conteúdo ou conteúdo mínimo pra pessoa trabalhar”, sabe? Então a gente conseguiu desse jeito com os 10 livretos colocar assim... Sabe? Abertura, meio jogo e final, sabe? Aí ficou bem bacana, eu gosto bastante. Claro, a gente queria ter tido tempo pra ampliar com atividades, mas cumpriu com o seu papel, sabe? Aí

depois, anos mais tarde, veio essa coleção lá do Bom Jesus porque eu iniciei um projeto que era *Chess in English* também. Entre as minhas loucuras eu cheguei pro diretor e falei “vamos fazer o *Chess in English*!” porque eu entendia que não tinha nada de bilíngue. Ainda não tinha nada, na escola, dessa história de bilíngue. Mas eu já tinha o entendimento de que no xadrez a gente faz isso naturalmente, entendeu? A gente acaba lendo o espanhol, acaba lendo outra língua naturalmente, sabe? Aí eu falei pra ele e foi bem legal e o que é que aconteceu? Quando entrou a escola bilíngue nesse grupo que eu estou há anos, eles colocaram o xadrez na grade, entendeu? Só que eles queriam que tivesse um material próprio e eu indiquei, eu falei “não, eu recomendo livro pra vocês! Posso eu recomendar o livro e vocês podem traduzir também!”. Mas não, a minha chefe lá, a poderosa, ela falou “não, Regina, você fez um livro e a gente quer que o Bom Jesus também tenha um livro” e aí eu falei “não, eu não fiz o livro sozinha”. Aí eu fui atrás da Fernanda, a Fernanda não tinha tempo. Aí eu convidei a professora Ângela – que é minha parceira também, ela tá sempre dando xadrez, é professora de Educação Física e bastante criativa também – que topou. “Mas a gente precisa de alguém Ângela porque nós duas a gente vai ficar só viajando no livro” e aí eu já sei quem pode ser porque como tinha que ser alguma coisa pra entregar pra eles, a gente precisa de alguém que dominasse o *Word*, *Excel* e essas coisas de computador pra organizar os arquivos e poder mandar tudo. Aí a gente convidou a Andressa também pra ser parceira nossa no livro. Aí a gente marcava, a Andressa era toda certinha e a gente marcava hora pra começar, iniciar a elaboração do livro. E aí foi um projeto muito legal, muito bacana e eu falei assim “eu só vou topa se o livro puder ser melhor que o outro”, né? E aí eu exagerei, confesso que eu exagerei! Hoje eu tenho o entendimento que eu exagerei, mas foi bem legal o processo todo das ilustrações. Um dia eu acho que o pessoal vai ver a riqueza de ilustrações, sabe? Porque foi tudo muito minucioso, tudo muito pensado, sabe? E a gente pegou um cara bem talentoso. Mas hoje você vê que os livros estão assim, qualquer coisa, sabe? Mas em compensação os *softwares* melhoraram, então você já vê os detalhes. Então você não vê os detalhes pro livro de iniciação, o pessoal faz apostilas e sai vendendo, né? Mas em compensação os aplicativos, os programas estão cada vez melhores, com detalhes, sabe? Então acho que é bem bacana acompanhar essa evolução. Mas tô aí ainda nessa luta de entender o processo de aprendizagem com os menores. Agora eu tô trabalhando com pequenos, com 4, 5 e 6 anos. Então é

diferente, sabe? Eu sempre trabalhei com 7 pra cima e agora com os menores é um outro tipo de entendimento, de acompanhar a evolução, enfim. Ainda tô nessa de que precisa de material porque é o tipo de... Quando a gente fez aqueles livros eu tinha o entendimento de que a gente precisa trabalhar com maturidade, entende? De vez em quando eu falo pros autores, pra quem escreve, “olha só, nós precisamos de livros técnicos mas pra maturidade, porque geralmente os livros técnicos são livros pra um grau de maturidade alto”. Então, ou seja, um livro de finais de torres ele é um livro pra um adulto ou pra uma criança que tá muito avançada intelectualmente, sabe? Criança como adulto pequeno, sabe? E as crianças, eu tenho esse entendimento também, que por mais que ela seja forte no xadrez, ela tem que brincar. E muito do material que está por aí não pensa que é uma criança, sabe? Eles tratam um jogador forte, criança, como se ele fosse um adulto e ele é criança. Então o xadrez ele acaba tirando essa parte da infância, ali da pré-adolescência. Então eu tenho muito cuidado com os meus alunos de separar, entender que eles estão jogando xadrez em um certo nível, mas tem a maturidade. Eles têm que brincar, têm que passar por todos os processos, né? E os livros, pra mim, deveriam acompanhar isso também. Você imagina a Alice no País das Maravilhas apresentando partidas exuberantes, entendeu? Contando histórias, né? E aí com o nível técnico mais alto você fala “puxa vida, legal!”, né? Então por isso é que nesses 3 livros da editora Bom Jesus a gente colocou ali com fadinha pras crianças. Depois lá o detetive lá pros marmanjos porque aí você vai acompanhando, com 10 anos eles não querem saber de fadinha não. Mas eles gostam de desafios, coisas assim mais misteriosas. Porque se você vai com um livro muito técnico aí eles ficam “ah, ah...”. Então tudo é desafio, eu sempre trabalhei assim pra desafiar. Então é isso! Ah, o xadrez feminino está aí entre essas lutas. Eu, logo no início – achei até estranho quando eu joguei o meu primeiro torneio feminino lá com 17 anos – quando vim pra Blumenau eu tinha o entendimento de que não devia separar as turmas, que era todo mundo junto, meninos e meninas, e que os torneios também... Mas depois, embora eu jogasse os torneios femininos – eu jogava muito torneio aberto – eu no início não entendia bem o porquê, mas a partir do momento que eu comecei a dar aula, a trabalhar com meninas e meninos, eu vi que tem que ter projetos, sabe? Tem que ter projetos voltados para o público feminino. Eu acho que é importante que tenha a competição separada, aí eu defendo também que tenha uma competição feminina, mas da mesma forma eu defendo

que tenha uma competição masculina, por isso que eu gosto muito dos Jogos Abertos aqui de Santa Catarina. Tem uma competição que é feminina e tem uma competição que é masculina. Pode vir a ter uma competição que seja mista, tudo bem. Agora a história do absoluto que tem que acabar com o feminino eu sou terminantemente contra, ainda que tenha todos esses estudos ou qualquer coisa que... E por quê? Quando eu jogo, eu que sou adulta, eu tenho o entendimento de que eu posso treinar com qualquer um porque claro, pra mim tá tudo igual. Mas eu também tenho o entendimento de que quando eu tô com o feminino eu tenho um outro tipo de relação, eu posso falar coisas que eu não vou falar se tiver homem na sala. E da mesma forma os meninos também falam coisas que são coisas entre meninos. Então a gente não precisa tirar isso, eles também precisam ter uma certa liberdade. Então eu noto bastante, como eu dou aula pra meninos, que os meninos têm uma idade que eles não têm o filtro. Eles vão falar que eles não querem saber se tem menina na sala, eles só falam, eles só agem. Só que a menina ela não tá treinada pra ouvir, então ela se sente mal e aí ela não quer, às vezes ela não quer. Entende? Aí é um problema de educação, é um problema de cultura, entendeu? Mas enquanto a gente não resolve esse problemão cultural, a gente pode fazer... No início, por exemplo, agora eu dou aula pros pequeninhos e é muito diferente... Eu posso dar aula pros dois, mas o rendimento é outro quando eu dou só pra meninas. Aí com menina você começa a falar “bota a *Barbie* pra jogar xadrez que elas meu Deus do céu, jogam que é uma beleza! Vamos brincar!”. E o menino, quando tem uns meninos de 6 anos juntos, eles fazem críticas desde cedo, já pressionam desde cedo. “Joga, por que é que você não joga, joga logo!” e a menina não faz isso de ficar falando “joga logo, joga logo”, ela só para e contempla mesmo. Ela fica olhando, observando e os meninos pressionam. Então eu sinto, como professora, necessidade de ter essa dinâmica. Uma hora eu junto, uma hora eu separo, então eu vou trabalhando assim. “Tá preparado pra ser junto, então vamos lá, vamos juntos!”. E aí entra de novo o nível de maturidade, então estar junto depende muito de maturidade, então pra mim tudo é questão de ajustar, sabe? “Tá no mesmo nível, faz junto, não tem problema nenhum!”, entende? E aí pro feminino eu acho que tem que ter ações, mais ações mesmo... Eu sinto falta de ter torneios femininos, pra você ter ideia eu quis viajar pelo mundo, viajar por aí porque tinha um torneio feminino na França... Então às vezes eu via notícia que ia ter lá na França aquele torneio que reunia não sei quantas... Meu sonho era ir um dia pra esse

torneio, sabe? Que reunia todas as melhores jogadoras, o torneio acabou, não tem mais esse torneio. Mas, sabe, você... Enfim! Aí é isso, eu acho que tem que ter mais torneios e aí você vai jogando de acordo com os seus interesses, tanto torneios femininos quanto os torneios mistos e tá tudo bem. Hoje em dia eu faço muito torneio – a gente ainda não tem condições de fazer também torneios só femininos –... Mas a gente faz que é um projeto bem bacana no nosso clube que é fazer um torneio só e a gente premia separado. Então premia de 1º ao 6º o feminino e de 1º ao 6º o masculino, é assim que a gente faz. E aí a ideia é que no futuro a gente consiga... Só tem uma premiação pro absoluto, mas não tem porque não tem dinheiro, né? Mas aí na fase final a gente junta a pontuação e na fase final a gente premia os dois, sabe? Premia o masculino e premia o feminino, a gente faz uma geral do torneio e aí vão classificando pela pontuação. E aí na fase final dá pro masculino o prêmio de campeão e dá pro feminino. Aí é legal e eu gosto também, enquanto a gente não consegue a premiação igual, sabe? É uma questão também de tempo a gente conseguir essas coisas. E outra coisa importante que eu acho também é a gente evoluir no nível de treinamento, eu acho que a gente tem que evoluir no treinamento. Da mesma forma que são anos e anos homens treinando homens. Homens são especialistas, treinadores são especialistas em treinar meninos, certo? Nós temos que ter homens especialistas em treinar o feminino, entende? Então se você for fazer um levantamento, uma pesquisa – pode fazer uma pesquisa aí – sobre quem são os treinadores do feminino, dessas poderosas, se você for reparar, são os mesmos, eles são especialistas. Então são as atletas desses mesmos que são campeãs, entende? Então na hora que a gente tiver mais treinadores do feminino, a gente vai melhorar o treinamento feminino, então vamos ver se isso vai acontecer uma hora. Não fiz a pesquisa, mas eu acho que... Eu vi ontem que o Gurevich está treinando aquela americana de 13 anos que é Mestre Internacional. É o Gurevich e ele é um grande treinador! Depois eu vou investigar ainda pra ver... Que é um campo novo até pra treinadores se especializar em treinamento feminino. Se tem diferenças, como é que é, né? Eu acredito que tenha, o como abordar, visão, Psicologia, né? Tem que ter, as pessoas são diferentes, né? Da mesma forma o treinamento dos menores, entendeu? Mas enfim, é uma curiosidade que eu tenho em saber. E aí, você não tem curiosidade não de saber quais são... Eu tô tentando descobrir que material eu tenho que usar pro meu aluno de 5 anos chegar ao nível de competição quando ele tiver 8 anos. Como eu posso melhorar? O que eu tenho

que acelerar? O que eu tenho que respeitar? Entende? Então a experiência faz... Qual a diferença entre os técnicos? Eles já têm tanta experiência que eles conseguem selecionar o material adequado, entendeu? Então é mais ou menos por aí, eu imagino o seguinte: eu tive um grupo na mão, o grupo das Bluluzinhas que tem muitas meninas, mas tem que ter o quê? O material adequado, né? Porque são diferentes, mas a gente tem que ter um método, é isso o que a gente tem que ver, qual é o método pra gente chegar. Eu não vi ainda, por mais que falam que a China tem um método lá das campeãs mundiais, eu ainda acho que é exceção. Porque se fosse método, são tantas e milhares que seriam muitas jogadoras muito fortes e não é a verdade isso. São poucas jogadoras pro número de jogadoras mais fortes. Você já olhou isso? Na proporção? O que chega mais próximo do número seriam as russas, mas mesmo assim é pouco se for pensar no nível de excelência, então ainda é exceção. Então se você trabalha com motivação, “motiva, motiva e motiva!”, apaixonada como eu que não vê mais nada, você bota lá que não tem como, vai sair dali, né? Mas eu quero ver você botar 100 em uma escola e dessa escola você ter aquele padrão mínimo de competição, entende? Enfim, são coisas aí pra se trabalhar, mas no geral o que a gente espera é que a gente consiga em médio... Curto eu acho difícil [áudio cortado devido à instabilidade no sinal da *internet*]... Pra cada evento o mesmo número de mulheres nos eventos, então existe uma luta grande aí. Mas também eu não fico tão triste porque isso é em tudo, né? Então não é uma luta que é por conta do xadrez, é uma luta geral, sabe? Pra gente ampliar os nossos espaços, entende? A luta continua. É isso aí, eu acho que eu falei bastante, não devo ter falado de tudo.

J: Ótimo! Eu agradeço pela sua generosidade em sintetizar a sua história de vida. Gostaria de te perguntar, dado o avançar do horário e a extensão do roteiro de entrevista, se a senhora deseja continuar ou agendar um prolongamento pra um outro dia e horário? O que é possível também.

WIM7: Você que manda! Tem algum ponto que eu deixei de tocar?

J: Não, de maneira alguma! Apenas há alguns prolongamentos que fazem parte do roteiro de entrevista que são um pouco extensos. Então dado o avançar do horário, a minha pergunta é se a senhora deseja continuar ou se agendamos um segundo encontro.

WIM7: Não, pode ser um segundo.

J: Então está certo, nós agendamos e, por ora, eu gostaria de agradecê-la de novo por toda a gentileza em sintetizar a sua história de vida.

WIM7: Eu que te agradeço, pode contar comigo!

[Dia seguinte].

J: Gostaria de, mais uma vez, te agradecer por toda a atenção em relação ao estudo e retomar, então, o nosso roteiro de entrevista. Para iniciar, eu gostaria de te perguntar como se deu o seu interesse pelo xadrez?

WIM7: Foi a curiosidade mesmo, em um primeiro momento, e a mudança também de condição. Em um primeiro momento foi na rua quando eu aprendi e teve aquele impacto. E depois, quando o vizinho ganhou o xadrez. Então se alguém deu o xadrez pra ele – foi um presente nobre – e quando eles souberam que eu sabia, eu mudei. Porque até então as meninas não podiam participar das atividades dos meninos. E quando eu fui ensinar pra eles, mudou tudo, foi uma outra relação. Inclusive nos outros jogos porque a partir dali as meninas começaram a participar também dessas brincadeiras, então eu senti imediatamente essa mudança de comportamento geral. Uma outra mudança foi na questão da escola porque eu me lembro nitidamente e ainda tenho dor de lembrar que em uma cena remota da minha relação com a escola eu não podia ficar na frente da fila, embora eu fosse mais baixa. Eu tinha que ficar sempre no final da fila. E uma outra relação é que na escola eu não podia escolher nunca a carteira, eu ficava sempre lá atrás. E a partir do momento da minha relação com o xadrez, mudou. Agora eles criaram aquela coisa de que o xadrez é pra gente inteligente, e aí eu podia escolher. Nossa, aí eu aproveitei! Aproveitei mesmo, então essa condição também. Eu falei “nossa, eu vou continuar jogando xadrez porque as pessoas te olham de uma forma diferente”. E depois, nos torneios, mesmo sendo a única menina eu achava estranho, mas as pessoas olhavam com curiosidade, “por que ela se interessou por xadrez também?”. Mas teve um outro lado também que ao mesmo tempo que as pessoas olhavam que só tinha eu de menina, elas ignoravam também o fato de eu ser menina. E principalmente eu acho que ignoravam o fato de eu ser negra também. Porque nunca faziam referência também, então aí sabe aquela coisa que é um paradoxo, “eu sou negra e eu tenho que ficar no final da fila, mas agora eu não sou mais negra porque negro não joga xadrez”. Então como é possível? Então ignoram o fato de eu ser negra. E aí, já que

eu estava em uma situação confortável, eu fui sempre me sentindo confortável, então eu não tinha o menor problema. Aí depois eu fui convidada, ou seja, eu fui privilegiada, eu sinto sempre que o xadrez entrou na minha vida como um privilégio porque eu fui fazendo coisas que realmente... As meninas da minha condição naquela época não tinham o acesso, né? E eu fui passando, fui convidada pra jogar um torneio, fui convidada pra participar de um projeto. Aí quando eu quis entrar na banda, eu não tive a menor... Sabe? As coisas foram acontecendo, acontecendo e eu só fui andando e fazendo escolhas. E a questão da autoestima também, o xadrez ajudou muito com essa questão de lidar e de entender as problemáticas todas. Mesmo os problemas de condições da família, as relações familiares, então eu atribuo muito ao xadrez, isso me motivava muito. Depois as viagens me motivaram muito porque mesmo antes de eu jogar xadrez eu queria viajar. Eu queria ser poliglota, só pra você saber – eu não jogava xadrez ainda – mas eu queria ser poliglota. E eu queria viajar, tinha até um programa na época do Capitão Asa e era dentro de um avião. É o único programa infantil da televisão preto e branco, aí a gente podia ver. Ele era um capitão e tinha uma ajudante, então nos meus sonhos um dia eu queria ser a ajudante do Capitão Asa porque eu queria andar pelo mundo, sabe? Coisas assim, sabe? Qualquer programa que tinha de curiosidade eu tava sempre alerta assim porque nesse Capitão Asa ele fazia perguntas também, “você sabia?”, essas coisas. Aí eu ficava sempre curiosa pra aprender pra poder responder, sabe? Aí foi isso, tá aí um pouco da minha curiosidade quando ele falou – o Flávio Cavalcante – que o xadrez era coisa de gente inteligente e que tinha o Pelé e que tinha o Méquinho. Então eu sempre tive muitas motivações e esses privilégios me fizeram andar e me manter também. E depois me manter... Dando é que se recebe porque eu sou adepta da filosofia franciscana, então como o xadrez me deu muito, eu gosto de retribuir também. Passar, sabe? É isso.

J: Ótimo, com que idade a senhora assistiu esse programa de entrevistas sobre Pelé e Méquinho?

WIM7: Eu tinha 11 anos, eu ia fazer 12 ainda, então eu imagino que tenha sido em 73 e depois que ele ganhou o Interzonal. O Méquinho ganhou o Interzonal em 73, né?

J: Exato, é justamente essa a minha próxima pergunta. Como a circulação midiática de Méquinho e do *match* do século influenciaram a sua iniciação ao xadrez?

WIM7: Na verdade eu não soube nada, o Flávio Cavalcante não deu informações. Eu não sabia do Interzonal porque eu não sabia o que era xadrez. Eu só soube o que era xadrez a partir do que tava na enciclopédia e a enciclopédia Delta Larousse dizia sobre como jogar, que era um jogo milenar, coisas mesmo de enciclopédia. E aí à medida que eu fui entrando no mundo do xadrez é que eu fui descobrindo. Então eu não tinha ideia do que significava Méquinho, eu só sabia que o meu apelido era Méquinha. Mas eu não tinha dimensão do que era isso, só depois de jogadora mesmo, de ler livros e coisa e tal que eu fui ver a dimensão, sabe? E até mesmo a dimensão da entrevista dele, do que era o Interzonal. Mas como tinha também na revista Manchete, lá naquela coluna, eu achava que era muito importante, “puxa, tinha uma coluna de xadrez na revista”, né? Como era a revista de maior circulação, então eu também atribuía ao xadrez certa importância. Mas de notícias também não, mas também por conta do acesso. Você imagina que eu tô numa escola que meu Deus do céu, até hoje eu olho lá e a escola está caindo aos pedaços. Até hoje tá assim. Não tinha televisão, tinha televisão mas que era preto e branco e que tinha que dar tapa na televisão pra às vezes ela funcionar ou botar o cobertor pra ficar vendo. A outra coisa é que não tinha jornal, o meu pai não comprava jornal, não tinha isso de assinatura de jornal. Jornal era uma coisa pra quem podia, de vez em quando o meu pai comprava. Em um outro momento até foi que ele comprou essa Manchete, ele comprava de vez em quando. Se é que comprava, não sei se ganhava, não sei. Televisão eu não assistia, eu era muito nova. E ainda os programas que o meu pai assistia eram programas muito chatos, as crianças diziam. E ele não permitia que a gente assistisse as nossas coisas, só quando ele estivesse ausente. E a outra coisa é que no meu bairro não tinha xadrez, não tinha clube. Eu morava no subúrbio, então não tinha xadrez na escola. Eu fui a primeira a levar o xadrez pra escola, a coincidência foi um vizinho ganhar o tabuleiro. Agora eu fico imaginando se o vizinho não tivesse ganho um tabuleiro, se eu não tivesse ensinado... Sabe? Então as coisas foram acontecendo. E a coincidência depois do meu pai ver um tabuleiro lá, “vou levar um porque a minha filha tá doida”, né? Ele queria fazer uma média, eu acho que ele queria fazer uma média porque foi o primeiro presente que ele me deu [pausa]. O meu aniversário era em dezembro, então eu só ganhava presente que era coletivo, né? Presente que era pra natal ou então quando era presente de fim de ano que às vezes o quartel dava presente pras crianças. Então como éramos em 6, então “olha, eu não tenho

dinheiro pra dar pra todo mundo não. Compro um joguinho desses hoje que tem aí e vocês jogam juntos”. E olhe lá, hein? A minha mãe comprava era livro, a minha mãe adorava comprar livro em porta. E a minha mãe que comprou a Delta Larousse, e se a minha mãe não tivesse comprado a Delta Larousse à prestação? E aí, entende? Então eu atribuo muito à minha mãe, a minha mãe comprou uma outra coleção de porta também que depois foi onde eu li que o xadrez só perdia em livros publicados pra Filosofia. Se juntasse todos os livros de outros esportes, todos juntos, não chegava nem perto do número de livros publicados de xadrez. Essa foi uma informação que me impressionou demais. Eu ficava imaginando a força que tinha o futebol, a força que tinha esses coletivos que eram importantes, passavam na televisão e o xadrez tinha mais livro do que todo mundo. Tinha mais história, 2000 anos de história e isso tudo me impressionou demais. Eu não entendia o porquê todo mundo não jogava xadrez, aliás não entendo até hoje que com essas coisas as pessoas não... Uma coisa que é comum, é da humanidade, né? Eu acho que todo mundo deveria conhecer o básico, não precisa nem ser jogador, mas conhecer isso. É isso!

J: Ótimo!

WIM7: Devia estar nos conteúdos da escola, só isso. “Xadrez é isso”, só isso. Tinha que estar eu acho, quem sabe.

J: Excelente! Antes de ter contato com os seus vizinhos, nessa época em que a senhora descobria o xadrez pela enciclopédia, como e com quem a senhora praticava?

WIM7: Em um primeiro momento de mexer as peças, como eu via lá na enciclopédia, era com um irmão, meus irmãos. “Ah, finge que sabe” ou eu fingia que jogava comigo mesma. Só que eu ficava sozinha lá mexendo pra lá e pra cá que é o que normalmente um enxadrista faz, né? Então sem querer eu já fazia isso e depois quando o vizinho jogava com as vizinhas, então praticamente a gente jogava sempre ali. Mexer peça, né? Era a brincadeira da rua. Depois passou essa fase do xadrez porque aí veio outro jogo, pro coletivo, mas eu continuei também. Aí eu levava o xadrez pra escola, por isso que eu tinha que ensinar pra poder ter parceiros. Aí eu tive um amigo que jogava comigo, eu fui ensinando pra ter sempre um parceiro.

J: Excelente! Aos 12 anos a senhora comenta ter ganho um jogo de tabuleiro e peças de seu pai. Qual o envolvimento que ele tinha com o jogo? Ele já sabia jogar?

WIM7: Não, passava longe [risos]. Não sabia jogar, nem pai, nem mãe, nem ninguém da família. Ninguém nunca tinha ouvido falar de xadrez. Ele deu mesmo por conta do meu interesse e também porque com 12 anos, no meu aniversário, ele perguntou pra todos os filhos ali o que cada um queria. Tinha que pedir um presente e eu não pedi xadrez, tá? E eu me lembro que nessa com 12 anos ele perguntou o que eu queria fazer e eu falei assim “eu quero fazer um curso de inglês”. E aí ele começou a pagar um curso de inglês pra mim. O meu irmão pediu pra fazer um curso de... Eu não sei se tava começando informática ou programação, alguma coisinha assim, meu irmão quis fazer isso. O outro quis fazer outra coisa, entende? Então ele deu essa oportunidade pra que esses filhos mais velhos fizessem algumas coisas. Eu me lembro perfeitamente das minhas escolhas. E também como era um processo... O meu pai queria ficar bem com todo mundo porque tinha passado por um processo de separação na família, ele tinha ido embora e depois voltou. E quando voltou ele tava bonzinho, né? [risos]. Aí foi uma forma de agradar, sabe? Aí foi quando ele falou “vou dar um...” ou ele olhou e pensou “essa aí é muito viciada!”. Ficou com pena de mim mexendo aquele pedacinho de papelzinho pra lá e pra cá, né? E aí quando ele viu em alguma loja, eu acho que foi assim, né? Ele deve ter visto em alguma loja, passou e viu e tava nas condições dele, comprou e fez a surpresa, sabe? Como ele não tinha essa vivência com o xadrez, então não dá pra atribuir que ele planejou, sabe? Entende? “Ah, eu vou lá comprar um xadrez pra minha filha” porque o xadrez não fazia parte do universo dele, sabe? Então eu imagino que ele me via com o xadrez e quando ele entrou em alguma loja ou viu em uma papelaria, fez sentido pra ele. E aí ele teve a oportunidade, comprou e guardou pra me dar de presente de natal. De aniversário, na verdade, né? É, foi natal e aniversário porque era tudo junto sempre. E aí, claro, eu fiquei feliz da vida! E aí acabou o xadrez entrando no universo dele, e aí o que aconteceu? Depois, quando ele passou em um sebo, ele viu um livro de xadrez e comprou. “Olha o que eu achei no sebo”, aí ele trouxe o meu primeiro livro de xadrez que foi esse Aprenda a Jogar Xadrez Corretamente que foi um livro que ele falou que achou no sebo. Então de novo essas... Essa parte é muito interessante sobre como as coisas acabam, como é que chama? Convergindo, facilitando, te guiando pra aquilo. Conspirando, né? Então as coisas conspiraram, o

vizinho apareceu, o vizinho ganhou... Sabe? É conspiração e quando essas coisas acontecem comigo, isso no geral, eu tô atenta, entendeu? “Olha, tá conspirando, então esse é o caminho”, sabe? Então eu sou muito ligada nesses detalhes, a coincidência é um caminho que vai me guiando, então muitas das minhas decisões foram baseadas no que conspira.

J: Excelente! Na história de ontem contada sobre o protocolo, a senhora comenta que sentiu que o xadrez não era para ti. Pode discorrer um pouco mais sobre esse sentimento?

WIM7: Em um primeiro momento?

J: Isso!

WIM7: Eu não entendi o contexto que eu falei que não era pra mim.

J: Era na história do RG em que outro jogador foi aceito com um protocolo e a senhora não.

WIM7: Isso! Eu vou explicar, é que é o seguinte. Até então eu me dedicava muito ao xadrez, eu era muito apaixonada. E eu morava no subúrbio e fui participar de uma seletiva, então teve um esforço da minha parte e eu venci. Mas eu aceitei que eu não tinha o RG, tudo bem! Eu falei “ah, na boa!”, eu fui lá pro meu pai e falei “pai, eu não pude andar nesse processo porque eu não tinha a identidade”. Meu pai prontamente falou “vamos lá no ministério fazer a identidade”. Aí a gente fez, teve o protocolo e eu fui lá e apresentei o protocolo. Ele disse “não pode”, então não pode. É regra? Então tudo bem. Aí eu “tá bom!”, segui a minha vida e continuei a fazer as minhas coisas sem problema nenhum. Continuei com a mesma paixão, mesmo envolvimento. Fui jogar o campeonato e no campeonato, quando o meu amigo chegou e falou perguntando o porquê eu não fui, eu disse pra ele. Aí ele disse que ele foi com o protocolo, aí eu falei “puxa vida!”. Eu acho que aquilo me decepcionou, eu acho que essa é a palavra. Eu fiquei decepcionada porque eu fiquei me perguntando o porquê o protocolo serviu pra ele e não serviu pra mim. Aí eu vou ficar pensando que é porque eu sou menina... Na verdade eu ganhei uma seletiva em que eu era a única menina, eu ganhei dos meninos... Porque eu seria a única menina na delegação e isso seria um problema lá. Era porque era uma questão por eu ser preta, né? E outra coisa que não me foi dada foi uma

satisfação, aí claro eu relevei no sentido de que também eu morava no subúrbio e não tinha acesso fácil. Não tinha telefone... Então depois eu fiquei inculcada com isso, mas depois eu resolvi “como é que o outro ia me avisar?”, caso, né? Mas depois na boa, imagina! Mas eu naquele momento eu disse que eu não queria aquele mundo mais, sabe? Então eu não queria mais... Não jogar xadrez, eu não queria mais participar de eventos oficiais. E também neste mesmo torneio teve um outro evento, tá? Teve um outro evento que foi em uma partida que eu estava jogando com um menino – eu era a única menina – e ele disse que eu toquei na peça e eu não toquei na peça. Mas depois eu entendi também o que teoricamente ele ia me fazer que é aquela regra que hoje eu explico pros meus alunos: “se você toca na peça, é peça tocada, mas se você não toca na peça, não é tocada. Mas o árbitro pode entender que você fez o movimento de ir, então ele pode interpretar que a sua intenção ela te obriga a confirmar que você vai, mas você não tocou”. Mas a regra de hoje não tem, não é a intenção, é tocar mesmo. Enfim, então aquilo também me incomodou bastante e porque eu tava ganha na partida [risos]. Por que ele vai me obrigar a fazer um lance que eu perco a partida? Aí eu falei que não queria mais, eu não gostava dessas coisas e não queria mais fazer parte. Juntou tudo e eu falei “ah, não!”. Também como outras coisas depois acabaram me incomodando de uma maneira geral no xadrez, como venda de pontos, negócio de entregar pontos. Tudo isso me incomodava, eu não entendia porque tava lá na história que o xadrez era um jogo de nobres. Cumprimentava antes, cumprimentava depois, então eu não entendia algumas atitudes. Enfim! E aí eu cheguei a não querer mesmo por um tempo, eu jogava xadrez praticamente todo dia, mas eu não queria participar de torneios oficiais. Eu só queria ser feliz e jogar um jogo que eu adorava, aí foi isso. Por isso que eu disse que não era pra mim, aquele xadrez ali não era pra mim. Eu queria aquele xadrez com o meu amigo, lá da casa do tenente que tinha a casa que recebia os amigos, a gente virava a noite lá jogando xadrez. Esse xadrez da confraternização, do outro olhar e de estar apaixonado. Os apaixonados pelo xadrez, né? De contemplar. O xadrez contemplativo, de olhar a beleza, essas coisas. Então por isso que em 79 eu tive uma resistência de querer competir, a minha praia não era o xadrez competitivo, o xadrez competitivo não era pra mim. Era isso!

J: Ótimo! A docência faz parte desde os primórdios da sua trajetória. Quais desafios a senhora experienciou em sua primeira vez dando aulas pra um projeto social?

WIM7: Esse primeiro projeto foi baseado em uma... Primeiro que eu não fiz parte, a não ser do... Que eu considero ter feito parte do projeto social da Fundação Roberto Marinho. Embora eu tenha tido resistência de já jogar o torneio, mas quando eu me dei conta da grandeza, eu fiquei muito animada, né? Então eu fui contratada pra participar desse projeto social e ensinar xadrez. Então foi só alegria porque eu fiquei imaginando se eu tivesse tido a oportunidade, lá com 12 anos, que aquelas crianças ali do Colégio Pedro II estavam tendo porque aquilo era um sonho! Era um salão que tinha 50 mesas de xadrez e tinha uma biblioteca à disposição e tinha instrutores à disposição pra ensinar. Então nesse primeiro projeto que eu fui integrante, não fui mentora, foi só alegria. Eu queria que aquilo tivesse em tudo quanto é canto, então eu não tinha dificuldade, eu ia pra lá feliz e saia feliz, né? Então eu acredito que foi um projeto que fez diferença pra muita gente. De vez em quando a gente comenta, quando encontra a turma daquela época, quem passou por ali e o que faz hoje. Tem muita gente que passou por ali e o xadrez abriu caminhos, abriu portas a partir do momento em que começou a jogar xadrez. E depois que eu sai de lá... Ou seja, revelada por um projeto social e vir pra uma cidade e tentar fazer algo parecido, isso foi um desafio. Porque eu cheguei em uma cidade onde a gente contava nos dedos. Dedos! [gesticulando com as duas mãos]. Usando as duas mãos, não tinham alunos inscritos nos Jogos da Primavera. E a gente poder transformar isso, então em um primeiro momento não tinha como eu ficar lá no clube esperando, como foi. Em um primeiro momento eu fiquei lá no clube e aumentou realmente o número de participantes nos jogos, né? E eu fui lá em uma escola, e essa escola participou dos jogos. Então onde eu tinha uma ação imediata, então esses iam pra participar dos jogos, então teve um aumento. Mas eu entendia que isso não era suficiente porque, de qualquer forma, quem tinha esse acesso ao xadrez – à sala do clube ou ao fato de eu estar ali e ser campeã brasileira e já ter alguma experiência – eram pessoas privilegiadas. E eu tinha o entendimento que no social você tinha que abrir geral, mais pessoas tinham que ter o acesso. Daí veio o desafio [áudio cortado devido à instabilidade no sinal da *internet*]... Claro que alguém ouviu, né? Porque eu também se não tivesse dito naquele almoço que os alunos de uma escola municipal ganhariam dos alunos de uma escola particular, talvez não... Foi um desafio sem querer! Se eu não tivesse feito esse comentário, talvez não tivesse chamado a atenção do empresário pra ajudar, pra ele pedir “olha, manda um projeto, vamos levar lá pra escola,

pra essa escola” que era na verdade uma escola que levava o nome do pai dele, né? E ele quis ajudar. A outra coisa importante também foi que quando eu tive essa noção de que pra ampliar o xadrez as escolas teriam que ter xadrez... E isso poderia partir das escolas particulares. Então a gente tinha que criar um público e como é que isso se deu? A partir do momento que o clube estava perto de uma escola particular. E a partir do momento também que eu estava no curso de Educação Física. Porque o professor que primeiro deu a oportunidade pro xadrez entrar na escola dele, era um professor de Educação Física. E ele era o coordenador de Educação Física de uma escola importante. Então ele mandava os alunos pro clube e aí os alunos dele tinham acesso e iam pros Jogos da Primavera. E com excelência! Em um segundo momento, “opa, eu não vou mandar os alunos lá pro clube”, ele pediu pra que eu passasse o xadrez dentro da escola. E também a partir do momento que eu me ofereci pra passar por todos os alunos, “olha, eu vou lá e dou uma aula experimental pra todo mundo sem custos, não vai ter custos! Vamos fazer isso?” e aí ele topou, entende? Então foi uma visão dele, ele tinha tanta visão que ele colocou todos os filhos dele pra fazer xadrez, mesmo sem competir. Os filhos dele não competiram no xadrez, né? Mas ele fazia questão que os filhos tivessem, dentro da formação, o xadrez. E a partir desse envolvimento desse professor, a outra escola também... Chamou a atenção pra que outra escola – no caso a escola que eu estou hoje que é o Bom Jesus – quisesse também a partir de uma professora de Educação Física também. Aí eu falei “não, vamos colocar também na nossa escola”, mas a diferença foi que essa escola já contratou, já deu um passo a mais que a outra escola não conseguiu dar, entendeu? Então aí uma terceira também, e aí foi, né? Aí começa a rede, né? E daí, tudo bem, entramos nas principais escolas particulares da cidade, o clube estava aberto, tinha alunos de escolas municipais também, mas ainda não era suficiente. Então a partir desse projeto social da Ceval, pronto! Aí houve uma ampliação a partir da escola que é diferente também... Eu fui contratada pra estimular a prática do xadrez técnico, pra difundir. A própria estrutura da Fundação ela tem escolinhas de xadrez, as modalidades têm escolinhas de iniciação. Mas aí é aberto a qualquer aluno de qualquer escola, mas o xadrez – assim como outras modalidades – tem o entendimento que precisa estar primeiro na escola e a escola encaminhar, né? Aí o que é que acontecia, como o futebol já faz parte do cotidiano da escola, vôlei faz parte... As outras modalidades já faziam parte do cotidiano da escola, mas o xadrez não fazia parte. Então

as escolas não mandavam alunos pra escolinha da SME. Então eu tentei fazer o inverso, a gente tem que ir primeiro pra escola e criar uma necessidade dentro da escola, entende? E aí aparecem os interessados e esses interessados procuram o clube, foi mais ou menos por aí. Daí surgiu esse projeto da Ceval, porque como não fui eu que tive a ideia, eu só lancei o desafio. Na verdade o projeto foi encomendado, “Regina, você pode elaborar um projeto assim...”. Um outro projeto que eu coordenei também foi mais ou menos a mesma história, eu não cheguei a pegar um projeto, bater na porta e vender o projeto. Eu falando, falando, falando dá um estalo em alguém “o que eu posso fazer pra ajudar? Dá pra fazer um projeto?”. Porque também tem como, quando você tá vendendo alguma coisa que você quer fazer aquilo... Mas se você pega um projeto e apresenta, o outro não te dá o dinheiro. Mas se você trabalha para que ele tenha a ideia, aí o projeto sai. Existe uma técnica na venda que é também assim, sabe? [risos].

J: A senhora comenta que em igualdade de condições, o xadrez advindo da escola pública seria promissor. Pode se alongar um pouco mais sobre essa fala ou sobre quais condições seriam estas?

WIM7: Eu tenho o entendimento de que os alunos da escola particular eles têm uma concorrência muito grande. O xadrez concorre com vôlei, basquete... Tem escolinha de tudo nas escolas particulares. E a outra coisa é que os pais levam pras atividades que os alunos se interessam. Se o aluno faz inglês, o pai leva pro inglês. Se o aluno faz natação, o pai leva pra natação. Tem a mãe, tem o pai, o motorista ou o tio e o avô, alguém vai levar. Então eles têm outra realidade. E quando eles falam assim “ah, eu não quero mais fazer natação”, dependendo da família, já muda pra outra. Eles têm essa facilidade de mudar. “Ah, o pai não gostou disso”, vai lá e troca. Aí o que é que acontece? Na hora que eles vão competir, o pai fala “ah, perdeu, faz parte!” e parte pra outra, “vamos pra outra, vamos viajar”, acaba distraindo. Meio que passa a mão na cabeça, dá um abraço, “pô, legal!”. Quando isso acontece e aí eu vou dizer o seguinte... O xadrez entrou na minha vida, eu vi a transformação e o que acontece? Não tem nada lá, na minha escola não tem nada, então quando aparece alguma coisa que é boa, a pessoa agarra. Ela vai fazer qualquer coisa pra... Ou foi a banda, sabe? Ela vai fazer o possível, ela vai se dedicar ao máximo pra aproveitar aquela oportunidade. Porque não aparece assim, olha! “Ah, apareceu a aula ali”, não vai aparecer a outra se eu não quiser. É aquilo e pronto, então você tem que se dedicar ao máximo. E na hora de competir tem essa diferença.

Quando a criança lá do município ela vai competir, ela pode não ter muito conhecimento, mas se o outro entregar uma peça, ela toma a peça. Ela não vai se distrair, ela vai ficar alerta porque o tempo inteiro ela tem que estar alerta pra tudo. Meio que disputa mesmo, como a gente cresceu, disputando tudo. Bobeou dançou, sabe? É a luta da rua, né? Bobeou, dança. Então na hora de jogar, fica esperto. Então eu tinha esse entendimento e na hora da moleza também. “Ah, não vou porque eu faço corpo mole”. Eu às vezes usava isso até nos treinamentos, “puxa vida, eu pra jogar uma partida viajava 3 horas! Ia lá, perdia, voltava e seguia, ia no dia seguinte de novo”. E o outro às vezes, quando perde uma partida, diz “vou embora, estou triste, não quero mais jogar!”. Mas com pobre não tem isso não, a criança que está na escola pública e que às vezes não tem condições, “não, tem que lutar até o final”. A lei é mais dura mesmo, ela é mais dura. E isso faz diferença na hora da competição, faz muita diferença. Por isso é que eu falo bastante sobre isso com os pais, eu dou aula em escola particular e quando vem criança reclamar. Pai vem reclamar que tá jogando e que tá calor, que tá frio, tá jogando que é longe. Enfim, só reclamação! Aí eu fico contando os causos pra gente que tá reclamando, “eu quero saber o seguinte, a gente não pode jogar só nas condições favoráveis, a gente tem que jogar em condições adversas, porque a gente tem que resolver problemas, tem que dar o melhor!”. Tem gente que às vezes chega na sala, hoje ainda, “ah, eu não consigo jogar porque tá barulho!”. “Você é que tem problema, que barulho, eu não tô ouvindo nada! Eu quero ver você ser um médico, um dia, estar se formando, estar andando pra daqui a pouco se formar e poder ser um médico, se você tiver que fazer uma intervenção no meio de uma batalha! Vai estar barulho e aí, você vai fazer o que?”. “Ah, está barulho e eu não consigo me concentrar?”, “isso é treinamento!”. Então às vezes eu falo “pai, por favor, fica dando fonezinho pro silêncio, deixa trabalhar em condições adversas também!”. Então a minha sala de xadrez é isso aqui, quem sai daqui pode ter certeza que vai sair guerreiro [risos]. Então nesse sentido, sabe? Eu entendia que os jogadores das escolas municipais – entendo ainda – que eles são mais aguerridos, viu? A diferença que dá muita diferença é a diferença técnica. Dá pra fazer um estudo também, eu sempre fiquei curiosa pra pegar e fazer, que seria o seguinte: com as mesmas condições, o que acontece? Eu vou dizer pra você, eu dou aula de tênis de mesa. Os meus alunos me tem e eu dou técnica de jogo, não a técnica de jogada, mas a técnica do pensamento de jogo. A lógica, eu dou muita lógica. E a outra

coisa, o diferencial que faz você ser diferente do outro, que faz você superar o outro... E quando eu vejo eu falo pra eles “olha, tá vendo a raquete? Faz diferença. Se você tem condições de comprar uma raquete que vai dar um spinzão, compra! Porque faz diferença. Você vai jogar com um menino que tem uma raquete fuleira!”. É claro que faz diferença o material, agora o menino só vai te vencer se ele tiver uma qualidade técnica muito grande que supere essa condição do material. Se não, se for no mano a mano, o material faz diferença. Que é a diferença na hora da sapatilha, “eu corro tanto quanto você, mas se você tiver uma sapatilha que é melhor, ela vai te dar um décimo, um diferencialzinho”. Então, em condições de igualdade, a força do guerreiro vai mais longe. O espírito mais aguerrido é óbvio que vai!

J: Ótimo!

WIM7: Não é questão de talento, ser aguerrido não tem nada a ver com talento. Tanto em escola pública, quanto em particular, apareceu muita gente que, meu Deus do céu, poderia voar.

J: Excelente, nós vamos chegar no talento! Considerando que a docência te acompanha desde longa data, o que a senhora compreende por ensinar?

WIM7: Eu acabei entrando de forma natural, “tá, se eu quero ter alguém pra jogar comigo, eu vou ensinar pra alguém, eu ensino e vou ter um parceiro”. E depois acabou entrando por uma questão de trabalho mesmo, embora não tenha sido o meu primeiro desejo de profissão. O meu primeiro desejo de profissão não foi ensinar, foi mais como as coisas foram acontecendo. E em um segundo momento foi por escolha mesmo, quando eu decidi “ah, eu vou ser professora”, porque sendo professora eu podia escolher os dias de trabalho. Porque aquela minha professora lá dos 13 anos ela só trabalhava – eu tinha esse entendimento – de terça-feira. Eu falava “meu, ela só trabalha de terça-feira”, olha a minha ignorância, né? Mas aí depois ela trabalhava em outras escolas, mas de qualquer forma ela só trabalhava a tarde, então era uma escolha porque aí o professor pode escolher o turno em que trabalha. E aí isso me impressionou, eu falei “puxa vida, eu nunca vou trabalhar o dia inteiro, eu posso escolher!”. Então eu gostava muito de coisas que eu pudesse fazer as escolhas, sem ter a ver com dinheiro. Se eu quero ganhar mais dinheiro tudo bem, eu posso trabalhar mais. Mas se pra eu ser feliz eu quero trabalhar só a tarde, então eu vou trabalhar só a tarde. Foi mais ou menos

assim, mas eu usei como parâmetro ser professor, né? Então já me atraiu também. E a outra coisa foi também porque eu fui contratada pra dar aulas de xadrez. No início eu dava porque eu fui contratada mesmo, antes eu dava porque eu queria ter um parceiro. Mas a partir do momento que eu virei jogadora eu queria jogar xadrez e depois eu acabei dando aula mas também por uma... Vou até contar, né? Já que eu tô contando tudo. Eu queria ser muito boa jogadora, eu queria ser campeã brasileira, eu queria viajar, eu tava treinando, mas eu não tive acesso a treinadores. Ninguém se ofereceu pra me treinar, eu não tive esse acesso. E eu jogava torneios, mas um dia [áudio cortado devido à instabilidade no sinal da *internet*]... “Você nunca vai ser campeã do mundo”, chegou pra mim e disse “você não vai ser”.

J: Desculpa, cortou o áudio. Quem disse isso?

WIM7: Ah, eu não vou te dizer, é uma pessoa conhecida.

J: Ah, ok! Me desculpa.

WIM7: Mas me impressionou muito porque ele disse que eu não ia ser campeã internacional, sabe? Não ia chegar perto de chegar em um Mundial, né?

J: Claro!

WIM7: Porque ele disse o seguinte que pra ser tinha que ter um fanatismo que eu não tinha. Eu adorava xadrez, mas eu não era capaz de fazer qualquer coisa por xadrez. Eu não era capaz de infringir regras, eu ensinava pro outro, eu contava tudo pra todo mundo, eu compartilhava as coisas. Então quando ele falou... E além do que eu não tinha as condições financeiras pra bancar o processo, entende? Então no caminho que eu tava indo, esquece, não tem como, porque eu não tinha os acessos. Mesmo sendo já campeã brasileira, mesmo morando... Eu acho que o que ele quis dizer era isso, eu não tinha treinador, eu não tinha o suporte que leva alguém a ser campeão do mundo, por exemplo. Não tem um campeão do mundo, pelo menos no xadrez, que tenha sido campeão por acaso. Ninguém é assim “ah, eu jogo xadrez e vou lá”, tem toda uma história, tem algo que sustenta. Então aquilo me desiludiu, então “puxa, vida!”. Então um pouco dessa desilusão eu acabei “tá, eu não posso ser uma campeã mundial, mas eu posso difundir o xadrez”. Então eu passei a me dedicar um pouco mais a ensinar também, entendeu? A formar pessoas que quisessem, que fossem apaixonadas como eu

era. Um pouco foi isso, então ensinar acabou sendo a minha profissão. E depois quando eu escolhi o curso também, embora eu tenha escolhido o curso não pra dar aula de Educação Física, eu escolhi o curso pra estar perto do xadrez, para que o xadrez estivesse perto daquilo que eu acreditava que era o xadrez na escola. Embora eu gostasse das outras modalidades e gostasse do entendimento de jogos, eu gosto muito da questão estratégica dos jogos, as manobras, essas coisas assim. Então foi um pouco por causa disso, poderia até ter me dedicado mais a essas outras experiências, mas eu acabei “não, deixa que o xadrez já é um campo enorme”. E depois é a questão de... Sabe o acomodado, né? Já toma um tempo, você acaba “não, deixa eu fazer isso aqui e tentar fazer com excelência”, né? Aí eu aumentei o meu número de livros, sempre procurei material pra passar pros alunos. Fui montando, era o que eu podia. E a outra coisa é que, por mais que você sonhe, o outro não está à sua disposição. Eu queria fazer uma coisa muito maior, mas nem sempre eu tive aquela sorte lá do empresário que acreditou no projeto porque poderia ter aparecido – talvez da parte dele – uma avaliação, mas também porque eu não tive acesso. “Olha, dá pra continuar o projeto em um outro patamar”, né? Por que sabe o que eu entendo? É o seguinte, a gente faz esse trabalho de base, mas a gente tem que ter outras estruturas pra receber o que vem da base. Então isso acontece demais, os professores eles trabalham aí forma, forma, forma... Tem muita criança que joga xadrez, mas depois não tem uma outra estrutura de suporte e depois outra. Então a gente tem que avançar nessas outras estruturas, sabe? Hoje eu ainda falo, “gente, por mais que a gente coloque o xadrez nas escolas, a escola não é clube”. E aí, o clube tem condições de absorver? Nós temos que montar uma estrutura para que o clube consiga absorver. Aí tem o clube, tem um monte de clube em Santa Catarina, então a gente tem que ver se a federação tem estrutura pra absorver e por aí vai. Então a gente tem que ir criando essas estruturas e tem que ir formando pessoas pra esse comando e isso não é fácil. Eu acho que essa é uma das maiores dificuldades. Um dos maiores desafios meus foi sempre procurar motivar o professor pra que eles dessem aulas de xadrez, não é à toa que eu tenho que motivar professor porque o professor vai... Eu falo “não, ensina só seis movimentos aqui, é só isso que tem que ensinar, não precisa fazer mais nada”. “Eu só preciso que você coloque lá no seu programa de conteúdos o xadrez, coloca o xadrez e o que é, já ajuda”, entende? É de pouquinho em pouquinho, isso acontece bem aqui na cidade. A gente tem muita gente que conhece, pode não jogar,

mas sabe do que se trata. E isso leva tempo, então esse ensinar não passa às vezes só por ensinar a mexer peça, sabe? A gente tem que ir ensinando, ir divulgando e aí você acaba fazendo outras coisas que não apenas o ser mais técnico da modalidade. Porque pra mim também tem diferença entre você ensinar e você ser técnico, hoje eu até falo “gente, tem que contratar um técnico, tem que contratar um instrutor, tem que contratar um professor”. Então é isso aí.

J: Na eminência da criação do projeto Bluluzinhas a senhora comenta ter identificado comportamentos diferentes entre meninos e meninas em sala de aula. Para a senhora, como educadora, a que essa diferença se deve?

WIM7: Pra mim é cultural, sinceramente. Há a naturalização de coisas, a gente tem que desconstruir. A gente tem que entrar em um processo que eu acho que essa palavra tinha que fazer parte, temos que desconstruir algumas coisas. E até mesmo algumas coisas no xadrez a gente consegue, tem conseguido. Uma delas foi a questão do tabuleiro, lembra que antigamente o tabuleiro era branco e preto? Desconstruiu, hoje quando a gente joga em um tabuleiro que é verde e roxo, a gente não tá nem aí. Tirou dessa coisa que é branco e preto, as peças é a mesma coisa. Joga-se com peça colorida, peça... Então quando eu explico lá as crianças entendem bem isso, não faz diferença nenhuma. Lembram que é claro e escuro e quando a gente pensa não tem cor, né? Quando a gente tá imaginando não é isso, não vê cor. Então primeiro passa por essa desconstrução, mas aí tem a naturalização que é “meninas gostam de rosa e meninos gostam de azul”. Quer dizer, não sei nem se gostam, tem menino que não gosta, né? Mas naturalmente as pessoas vão lá e dão rosa ou dão azul. E a outra coisa, “meninas gostam de boneca e meninos gostam de carrinho”, tá? Aí vem a outra naturalização, “as meninas vão cuidar do bebê e os meninos vão desmontar o carro”, certo? E quando os meninos pegam a boneca, o que eles fazem? Arrancam a cabeça da boneca, corta a boneca pra saber o que tem dentro. E quando as meninas pegam o carrinho, elas não desmontam o carrinho, elas só querem passear no carrinho, botar a boneca em cima do carrinho [risos]. Enfim, são coisas que vêm vindo, então alguns comportamentos acabam indo pra sala. Então eu imagino que a gente tenha que, pra desconstruir... Não pode largar isso, simplesmente não vai ter como jogar esse senso comum, essa coisa fora. A gente tem que aproveitar, só que não tem como aproveitar com os dois juntos porque naturalmente o menino chama a menina de burra. Naturalmente o menino pressiona a menina, “joga, joga,

joga!”. Ou seja, aí na hora que você tá ensinando, o professor tem que ficar chamando atenção o tempo inteiro e ele tem que desconstruir. Só que isso toma tempo e a gente não tem todo o tempo do mundo pra fazer essa desconstrução. Quando os dois já estão no mesmo nível, “tá meu amor, se pressionou eu te pressiono”. Que é como eu me sentia, eu tava em um nível lá que tô tendo aula “faz lance camarada!”. Eu tenho elementos pra poder ir e combater, entende? Mas em uma sala de aula, quando o menino já é estimulado a competir, ele leva muita vantagem. E as meninas às vezes não querem competir e eles não entendem porque é que as meninas não querem competir. E na sala, mesmo assim, tem menina que não quer jogar. Eu dou aula mas tem menina que não quer jogar, ela só quer aprender a jogar xadrez. E eu tenho que ter esse entendimento de ficar trabalhando porque ela não quer competir e eu tenho que respeitar isso. Então às vezes toma muito tempo, então quando você separa os grupos aí fica muito mais fácil. Quer competir? Vai lá, chama o outro, não faço esse enfrentamento. Quando tem que fazer o enfrentamento eu faço também, mas quando eu sinto que não dá, eu separo, entende? Porque é mais fácil fazer a desconstrução usando aquilo que ela tem, “ah, vamos ensinar xadrez pra Barbie, ela vai ficar feliz da vida!” ou fazendo perguntas “e aí, o que é que tem dentro da Barbie? Já cortou a cabeça dela pra saber o que é que tem dentro?”, “você já botou não sei o quê?”. Você consegue ir trabalhando, “ah, vamos cuidar sim muito bem dela, ela tá bonita, né?”, com as meninas. “Então olha a beleza das partidas!” e na própria linguagem também. Às vezes eu busco com as meninas ser mais delicada e com os meninos você pode dar um aperto dele, dar bronca. É diferente e, claro, tudo dentro da sua maturidade e tem outros aspectos também. Então o tempo todo você tem que estar pisando em ovos, o professor ele pisa muito em ovos. Ele dá e ele cuida. Agora mesmo eu fui dar aula em uma escolinha e tinha um menino de 5 pra 6 anos. A professora chegou e quando o menino falou que não queria ir, “eu não quero fazer xadrez hoje”. Ela pegou o menino e falou “vem aqui!” e ela foi, assim, dura com ele. “Esse seu comportamento...” porque o menino não queria fazer porque o pai ou a mãe disseram que ele não ia mais fazer. Aí ela pegou e “olha, o seu pai não mandou bilhete, a sua mãe não mandou bilhete e você tá dizendo isso. Como eles não mandaram bilhete, você tem que ir pra aula. Tá aqui, olha, tem que ir. E você tem mentido, você mente aqui, você mente ali e eu não vou tolerar isso de novo, então você vai agora mesmo e pronto”. O menino saiu dali, foi pra aula de xadrez e foi ótimo na

aula, perfeito! E depois eu fui conversar com ela “nossa!”. E aí ela falou assim “olha, eu sou a bruxa aqui, quem é a professora ela vai dar um jeito, mas eu preciso fazer isso porque ele precisa ter uma referência se não o pai vai dizer pra ele, se ele começar a chorar, ou o pai vai ser duro, a mãe”, então a criança tem que ter umas referências também [áudio cortado devido à instabilidade no sinal da *internet*]. Da questão das meninas é isso e são experimentos também, ninguém é o dono da verdade porque depende também do grupo. Por mais que se defenda que todos fiquem juntos, na minha experiência, sinceramente... E olha que eu pergunto, tá? Agora mesmo eu perguntei pras meninas, eu vou assumir agora as Bluluzinhas de novo com aula toda semana e aí eu perguntei pra elas se elas preferem – porque tinha até um pai na sala da última vez que eu fui, o pai não pode ficar – porque papo de Bluluzinhas morre com as Bluluzinhas, né? – E aí não podia nem o pai, ele ficou meio assim, né? “Vou deixar minha filha” e aí eu conto também umas coisas “vocês sabiam que fofoca faz bem pra inteligência?”. “Não, não sabia não!” e aí já se derretem, né? Como é que eu vou fazer um negócio desse com menino? Então às vezes você tem que fazer coisas que não dá, né? Enfim, aí eu perguntei pra elas se elas queriam que os meninos fizessem juntos. Elas foram unânimes em “não, não, a gente prefere fazer o nosso encontro aqui na boa”. Agora se for perguntar, em uma outra aula, por exemplo, se você for perguntar em um nível de excelência – que aí é outra coisa, né? – se você quer fazer junto, eles não tão nem aí se é homem ou se é mulher. Quem é jogador não tá nem aí, estão ali única e exclusivamente pela excelência. Se a excelência é homem, se é mulher, se é... Não importa isso, o que importa é a excelência.

J: Excelente! Considerando a sua trajetória, durante todos esses anos houveram interrupções, rupturas no percurso ou este se deu enquanto um processo mais contínuo?

WIM7: No ensinar não, no ensinar sempre foi de uma escola que eu estou na mesma há 34 anos. Só que teve um período que eu fiquei quase 6 meses fora, fui nos Estados Unidos também. Foi 5 meses e meio eu acho, mas quando voltei pra Blumenau eu tava de novo na escola.

J: Pode pensar na sua carreira como jogadora.

WIM7: Na minha carreira enquanto jogadora eu fui até... Parada não teve por causa de Jogos Abertos, até hoje eu sou jogadora de Jogos Abertos, então todo ano eu tô jogando.

O que teve diminuição foi na intensidade de participação de torneios, então teve realmente uma parada a partir do momento em que a Cremer não mais me patrocinou. Então aí teve uma parada. Quando teve a entrada do projeto social com a Ceval eu entendia que era a Ceval que tava bancando um projeto e eu era paga, eu não trabalhava de graça. Então eu entendia que eu tinha que dedicar à prioridade que era o social, entende? Então nesse momento eu dei uma parada, mas claro, sem tirar a responsabilidade de ser jogadora representante dos Jogos Abertos. Então eu jogava o que era possível, estudava o que era possível pra poder ter o resultado em Jogos Abertos. Agora, com o tempo, claro, o nível vai aumentando, as referências também do que a gente fazia acabaram indo pras outras cidades, teve essa explosão toda. Hoje é difícil manter título, aqui é muito difícil, tem projetos muito bons. E que bom, né? É o arcabouço saindo fortalecido nesse processo todo. Mas interrupção mesmo nunca teve, eu comemorei 50 anos. Eu nem posso dizer que o período que eu não joguei os torneios ali em 70 e... Olha, em 79 eu voltei, então eu não joguei. Em 79 foi só no final [áudio cortado devido à instabilidade no sinal da *internet*]... Foi em 78, no caso, né? Ou seja, no meu segundo ano de Ensino Médio e no meu terceiro, então não chegou a dar 2 anos completos. E não dá nem pra dizer que foi uma interrupção porque eu jogava praticamente todo dia lá. Tava jogando com o meu vizinho, então há 50 anos. Por isso é que eu considero que eu estou comemorando 50 anos de xadrez, 73 até agora em 2023.

J: Ótimo! Que peso a senhora atribui ao investimento pessoal que teve para construir a sua habilidade no xadrez? Do que a senhora teve que abrir mão?

WIM7: Eu abri mão de um sonho, é verdade. O meu sonho era ser solista da orquestra sinfônica brasileira. “Ô, essa pensa, hein!” [risos], era um sonho. E, claro, foi um sonho que foi a partir do xadrez, eu só descobri a música a partir do xadrez. Mas era o que eu queria, através do trompete. A partir do momento que eu entrei na banda da escola eu queria, mas não dependia só de mim, eu só queria também porque faltava talento. Além do talento, vem todas aquelas coisas que contribuem, ou seja, ter tido uma vivência musical, estar perto das pessoas, ter acesso aos instrumentos, enfim! Tudo aquilo que eu não tive, então como eu só tinha o sonho... Eu cheguei até a trabalhar, né? Mas quando apareceu o xadrez, na primeira oportunidade esse sonho já era. Porque um dos meus sonhos que era conhecer a neve, o xadrez já estava realizando. Então eu acho que era esse, então eu não tive que abrir mão, não foi bem isso. Eu já comecei trabalhando com

o xadrez, eu já comecei, na verdade, alguém me pagando pra eu fazer uma coisa que eu gostava. Mas aconteceu uma outra coisa antes disso, porque quando eu completei o Ensino Médio eu fiz a experiência de trabalho, sabe? Aí eu fui lá, fiz todo aquele processo, fui no jornal, peguei os anúncios e fui lá me apresentar pra trabalhar. E eu arrumei um emprego, eu trabalhei durante 3 meses, foi com 17 pra 18. Então eu trabalhei, eu fazia moldes de aparelhos, tá na minha carteira lá nas experiências essa empresa. Depois de 3 meses acabou o meu tempo de experiência e eles queriam me contratar. Aí naquele dia eu sabia que não era o que eu queria. Não trabalhar, mas lembra que eu falei que eu queria escolher, fazer as minhas escolhas? Eu queria ser professora pra poder escolher os meus horários. Eu pegava ônibus, trem pra poder ir pra esse trabalho. E depois eu passava o dia inteiro andando, fazendo moldes. Então eu vi coisas que eu não gostei, tem muita coisa que eu não gostei de pessoas, de lugares, andei muito pelo Rio de Janeiro. Porque eu ia na casa das pessoas, sabe? Então também foi um momento muito duro onde eu constatei a discriminação, foi um momento assim que eu “olha, é isso aí”, né? Então quando eu voltei pra esse trabalho eu falei “eu não quero fazer isso” e eles queriam me contratar ainda, eu ganhando mais. Eu falei “sinto muito, mas não quero, eu não quero trabalhar, não é isso o que eu quero pra minha vida não”. Pegar trem, sofrer *bullying* no trem [áudio cortado devido à instabilidade no sinal da *internet*]... Trem cheio, né? Enfrentar uma hora de trem em pé com concorrência pra entrar em um vagão, ônibus cheio, acordar cedo. Se eu tenho chance de fazer escolha, então com certeza essa é uma que eu não quero pra minha vida. Sabe aquilo que eu comentei antes de você ser guerreira e ir atrás? Então eu vou fazer os meus bolinhos... Ah, isso eu não contei pra você ainda, “deixa eu fazer minhas cocadinhas, os meus bolinhos, fazer outras coisa”, né? Ah, eu não contei essa parte! [risos].

J: Fiquei curiosa agora! Isso foi antes da senhora fazer Letras?

WIM7: É porque foi quando eu ainda tava terminando o Ensino Médio. Quando você tá terminando, nas férias, você arruma um trabalho pra saber o que você quer da vida, né?

J: Ok!

WIM7: Então foi ali.

J: Entendi, e outras pessoas? Quando a gente pensa nos seus familiares, por exemplo, ou mesmo amigos, mentores... O que é que elas tiveram que abrir mão para que a sua habilidade fosse construída no xadrez?

WIM7: De abrir mão eu não me lembro de nada, nem da família. A família muito pelo contrário. Do pai ele só estimulou, ele não tinha carro. Mas não dando o não, até o pai tentou “você não vai” e eu falei assim “eu vou”. Eu desacatei, eu entendo que eu desacatei, mas eu tinha um argumento muito forte, eu falava assim “pai, quem joga xadrez é muito responsável, pode confiar!” [risos]. “Pode confiar, pai! Confia!”. E ainda dei a opção “o que é que o senhor prefere, que eu vá jogar xadrez ou que eu vá pro bailinho ali na esquina? O que é que o senhor prefere, que eu fique jogando aqui ou que eu fique, olha aí!”. Eu posso usar o exemplo dos meus irmãos que têm filhos, que ficam engravidando meninas aí. “E aí, é isso que prefere, que eu seja uma grávida dentro de casa?”. Então eu era muito... Enfim! Então eu não tive, da parte da minha mãe, a minha mãe sempre orava por mim. Então “mãe, ora por mim!”, ela mandava essa força. Ela deu o que ela podia, só de comprar livros, ela deu esse exemplo, deu essa oportunidade pra todos os filhos. Quem leu, leu. Quem não leu, paciência! Mas eu sempre acreditei em influências externas, eu tinha esse discurso até lá em casa, “santo de casa às vezes não faz milagre, mas da rua, meu Deus do céu!”. Então eu tive muita sorte, eu considero que aquela professora ter aparecido no meu caminho foi uma dádiva! Depois ter aparecido aquela orientadora da outra escola foi uma dádiva! Um dia apareceu no meu curso de inglês um professor que dava a maior força, ele chegou pra mim um belo dia e falou “olha, você sai lá da coisa e vem pra cá, faz o curso de inglês, se esforça, mas você ainda é um diamante que precisa ser lapidado”. Mas ele quis dizer... Quando ele falou aquilo eu me achei o máximo, não tava lá o valor na vitrine. E aí eu entendi a metáfora, era que eu tinha potencial e eu precisava trabalhar nessa lapidação. Para lapidar tem que ser um especialista, se não acaba com a pedra, entende? Então foram sempre pessoas... Ter tido a sorte! Lembra a visão do Salomão, sabe o árbitro? Ele era meu fã, ele me deu o primeiro livro depois do Almeida Soares que me deu no dia do torneio, o Salomão um dia me deu um livro de xadrez, uma enciclopédia, “toma aqui, vai estudar xadrez!”. Do nada, “toma aqui pra você!”. Ele foi aquela pessoa do “leva essa menina aqui pro seu projeto”, entende? E o outro aceitou a sugestão dele. Então, ou seja, algumas pessoas tiveram esse olhar mais atento pra uma menina faminta. A minha

mentora, sabe aquela mentora que falou “vai pra Blumenau!”, porque eu consultei. Ela fez uma coisa que eu contei em uma outra entrevista... Ela fez uma coisa muito legal. Não, eu não contei isso ainda não. Quando eu fui pra minha primeira Olimpíada – essa eu não contei em público ainda – você acredita que ela ligou pro hotel onde eu tava do Rio de Janeiro – ela era a minha professora de música – pra dar uma força? Quando eu fui pra Europa eu fui com \$200 dólares. Foi a primeira Olimpíada, gastando \$200 dólares. Daí ela falou assim, “você tem que aproveitar essas experiências aí”. A Olimpíada durava 17 dias, essa você não sabia. Então dava tempo de a carta chegar e voltar. Você mandar um cartão pra uma pessoa no Brasil e a pessoa ainda achar você de volta. E a Teresa, ela chegou e mandou uma resposta pra mim que... Eu tinha conhecido o Antônio Villar, um estudioso que você deve conhecer lá de Brasília que foi outra pessoa que apareceu no meu caminho. E se não fosse o Villar ter aparecido no meu caminho? Eu acho que ele nem se dá conta, porque naquela primeira Olimpíada ele me deu os caminhos pra eu conseguir ficar na Europa por 1 mês. Ele me levou no albergue e aí eu fiz o cartão, ele foi comigo até a Basiléia me mostrar o caminho do albergue direitinho. E depois disso... Só que eu recebi mensagens dessa minha professora, “vá para Munique porque lá tem uma Regina” que tinha sido uma aluna dela e morava na Alemanha. “Vá pra lá que ela vai te receber e te dar 300 marcos”, não me lembro muito bem a quantia. “E isso é pra você ir pra *Salzburg* que é a cidade do Mozart”, olha que legal! Ela me mandou dinheiro pra que eu fosse até *Salzburg* conhecer a cidade do Mozart. E eu fiz isso e foi uma aventura, a primeira aventura foi encontrar a Regina em Munique, já é uma outra história, né? Eu encontrei pessoas boas nesse meu caminho todo. A Helenita Hoffman! A Helenita Hoffman era diretora de xadrez feminino, teve um ano – eu acho que foi no meu terceiro Brasileiro – que ela chegou e falou “você vai pro Brasileiro sim, a gente vai pagar a sua passagem!”, a federação ia pagar, não sei como. Enfim, mas ela sempre dava um jeito, sempre me dava uma força também. Aí eu fui encontrando pessoas boas, então as pessoas não abriram mão, pelo menos eu não me lembro de ninguém que tenha dito que abriu mão pra eu fazer, sabe? Pelo contrário, as pessoas deram aquilo que podiam, se doaram. Eu só não ganhei isso de vir um poderoso “vem cá que eu vi que você gosta de xadrez, eu vou te dar aula, vem cá!”. É isso aí.

J: Enquanto jogadora, quais expectativas você tinha sobre si?

WIM7: Primeiro que foi um mundo novo enquanto jogadora. Enquanto jogadora, pra mim, estar no meio era algo que fazia me sentir parte, sabe? Quando você começa a jogar xadrez – não importa se você vai ser jogador forte ou não – você já tá em um mundo que é mágico, você já se sente parte de uma coisa que é grandiosa. Eu acho que isso já é uma das riquezas, você já ganha um prêmio por aprender, já faz parte, não importa, jogando ou não jogando. E depois quando você começa a participar e conhecer as pessoas [áudio cortado devido à instabilidade no sinal da *internet*]... Então até hoje eu digo que o xadrez ele é uma atividade que inclui pessoas, é uma atividade de inclusão porque quando você senta pra jogar você não tá nem aí se o outro é isso ou é aquilo, se tá assim ou tá assado. Você quer saber é do jogo e você quer saber dessa troca. Sabe, essa troca? “Porque a partida é coisa e tal”. Então o resto não importa pro outro, tá? Então você joga branco, preto, rico, pobre, jovem, velho... Entendeu? Porque não faz tanta diferença pra quem joga, o que importa é o jogo em si, a excelência. Então isso já me atraía bastante porque enquanto eu jogava eu não me sentia preterida e nada. As coisas acontecem no mano a mano fora, fora das outras coisas. Então isso já me manteve ali querendo fazer parte desse mundo mesmo. Aí o que mais? Não concluí o que você perguntou, desculpa!

J: Imagina! Eu perguntei quais expectativas a senhora tinha sobre si mesma.

WIM7: Isso mesmo! Eu tinha essas, mas eu queria jogar bem, eu queria ter a compreensão melhor do jogo. E é claro, eu fui até certo ponto porque posso dizer que fui autodidata mesmo, eu tive acesso aos livros lá nesse projeto. Eu lia os dali e depois os livros que eu comprava, então eu posso dizer que não tive essa orientação externa que pudesse me guiar. Então eu tinha uma expectativa, mas eu sabia que tinha essa limitação, mas à medida que eu fui avançando nesse meu jeito de ser... Eu poderia dizer que eu pudesse ter sido empreendedora e o estilo de jogo mostra isso. Se você for olhar minhas partidas lá do início você viria que eu jogava peão de rei [risos]. Eu queria dar mate, eu queria ganhar e queria dar mate, era assim, era bastante agressiva. Depois eu já mudei, quando eu mudei pra peão de dama eu já tava mais conformada. Eu tenho impressão até que eu mudei o repertório depois do outro dizer que eu não ia mais longe, entende? Aí eu falei “deixa eu jogar algo mais tranquilo assim, ficar na minha”, né? Perdi aquele espírito mais de querer brigar também com coisas que eu vi ao longo... Coisas da política que não andava, gestão... Aí eu fiquei mais, diria que afrouxei, parei.

Parei de ser tão cricri, porque eu questionava muito as coisas, era meio cricrizinha. Hoje eu me vejo assim. Mas de expectativa, claro, enquanto eu tava ganhando e ganhando eu tive a ambição – tanto que eu quis jogar no exterior, fui fazer essa experiência – e cheguei a fazer um último teste que foi fazer um triangular. Eu fui pros Estados Unidos, depois pra Europa e fiquei jogando. Mas depois eu vi que em um determinado momento eu tive que fazer uma escolha. E tive opção, tá? Eu poderia, por exemplo, ter escolhido ficar jogando xadrez nos Estados Unidos. Só que eu teria que largar uma vida aqui. Só que eu tinha um outro entendimento de vida. Aí eu me lembrei também dele de que eu não era fanática o suficiente pra largar o país, sabe? Eu amo xadrez, mas eu não vou largar pra viver lá. E a outra é que eu tinha um projeto aqui que tava em andamento e eu não ia largar isso, essa construção. Nessa fala teve uma coisa muito importante de um amigo meu, ele chegou e falou [áudio cortado devido à instabilidade no sinal da *internet*]... Trabalhar pra ganhar dinheiro, né? E ele seguiu pra ser rico, ganhar dinheiro. Aí ele chegou pra mim e falou assim “as pessoas são 3 tipos de pessoas, são as pessoas que trabalham pra si, ela é mais importante, ela vai fazer de tudo pra atingir aquele objetivo, existe ela e mais nada, vai como um trator. Aí existe a pessoa que vai trabalhar pra família, ela vai constituir a família dela e a família dela é o mundo dela, ela vai fazer qualquer coisa pra manter essa família. E existe a terceira pessoa que ela vai pra comunidade como um todo, ela faz qualquer coisa pro coletivo. Agora você tem que ver onde é que você tá, se é você, se é a sua família ou se é a comunidade. Na hora que você se enquadrar, aí vai ficar mais fácil você fazer as escolhas”. Então eu entendia que se eu escolhesse xadrez e ficasse lá só pra jogar, eu estaria me escolhendo e aquilo não ia me deixar feliz, eu não tava feliz. Aí eu preferi fazer o trabalho mais voltado pro coletivo, entende? Aí dar aula é coletivo, fazer projeto é coletivo. Eu não escolhi a família porque eu tava longe também e porque eu já tinha escolhido, na verdade, quando eu saí do Rio de Janeiro, eu saí de perto da família. Então eu não era essa pessoa que... Então, enfim! É por aí. Então o que eu esperava? O que eu esperava era isso, ser feliz fazendo coisas que eu gosto e ganhando o mínimo pra sobreviver. Porque eu tive a oportunidade também de escolher ser empreendedora, ganhar dinheiro. Eu poderia ter ido pra outro... Eu tive a oportunidade de fazer a escolha de estar no meio musical porque eu fiz parte de uma banda e fiz parte de um grupo. Mas eu saí do grupo por causa do xadrez, eu poderia ter continuado no meio musical também.

J: E em relação às expectativas de outras pessoas, a senhora sentia que depositavam sobre si?

WIM7: A única coisa – que também não era mais importante pra mim – era que eu queria ir pro Brasileiro e eu queria jogar o melhor. Não que ser campeã fosse o mais importante, mas dar o melhor. Mas à medida em que – por exemplo, nos Jogos Abertos aqui da cidade – você vai ganhando parece fácil. Então quando você ganha uma vez, ganha duas vezes, ganha três vezes e ganha quatro vezes, parece que as pessoas acabam te desqualificando. “Ah!”, sabe? Aí o que você faz pra ela não é nada, é fchinha, sabe? Então de certa forma eu sentia isso e quem já tava no meio não dava o valor devido. Enxadrista, mesmo, olha o meio e fala “não, e coisa e tal”, né? E da questão do feminino, eles olham realmente pro feminino e eles não respeitam, entendeu? Então eu sempre sentia que jogadores não respeitam o xadrez feminino. Eles só respeitam quando eles são vencidos. Então “ah, é campeã brasileira”, mas é “ah, é campeã brasileira feminina”, entende? Por isso que eu também defendo que tenha... Eu quero dizer pra ele “tá, você é campeão brasileiro masculino” [risos]. Ia ficar igual, dá no mesmo. Então quando você põe esse patamar do absoluto e ele tá na frente, ele te desqualifica. Porque quando você vê outra modalidade “é campeão de vôlei, é campeão de vôlei masculino”, então você não desqualifica. Eu não vejo falar, sabe? Nada! São modalidades distintas, cada uma tem as suas características, mas eu não vejo essa desqualificação por quem joga mal ou joga bem. São só coisas diferentes, nesse sentido.

J: Ótimo! E em relação à sua rotina de preparação e treinamento, como ela foi se transformando desde a sua iniciação, especialização e até o alto rendimento?

WIM7: Lá no início, quando eu ganhei o Aprenda a Jogar Xadrez Corretamente, eu pegava o livro e ficava lendo, só que eu não tinha muito o entendimento do que significavam aquelas coisas. Sabe aquela coisa de ficar lendo, não entende, mas faz a diferença? Como é que eu falo pros meus alunos? Eu falo assim “quem tem plano ganha de alguém que não tem plano, se você tem alguma ideia isso vai prevalecer diante de quem não tem ideia porque você vai lançar uma ideia, então se é a única ideia, vamos trabalhar com aquela ideia”. Então eu só tinha aquele livro, então o fato de eu ter um livro já era um diferencial. “Ô, ela é boa porque ela tem um livro de xadrez!” [risos], então você vai fazendo essa construção. Depois veio o Xadrez Básico, então eu comecei

a ler ali, tanto que eu fui ganhar lá da professora com uma ciladinha lá do Xadrez Básico. Mas sem jogar torneios aquele conteúdo não faz sentido porque só vai fazer sentido se você está em uma vivência que tem enfrentamentos. Então com aquele meu pouco conhecimento que eu só ganhava daquele meu grupo que tava ali, não tem como. Tanto que eu só fui desafiada quando eu fiquei perdida em uma final lá pro menino dessa seletiva dos Jogos Estudantis da Primavera, quando eu fiquei em 2º e perdi pra um jogador que era federado. Aí eu vi “puxa, vida!”, esse livro que eu tinha não era suficiente. E eu acabei caindo em uma... Eu me lembro até hoje que estava no livro e eu não estudei o livro direito. Por mais que você leia o livro, se você não tem a aplicação dele, “tá!”. Tem que ter a vivência pra ir fazendo... Enfim! Aí quando eu entrei... Mas também eu não tinha acesso a livros pois eles eram muito caros. Então eu fui ter acesso a livros quando eu fui no projeto lá da Fundação Roberto Marinho porque quando eu entrei eu fiquei deslumbrada. Aí o que eu tinha lido lá no livro que a mamãe comprou fazia sentido: quantos livros tinham ali, né? Olha quanto livro! Não chegava perto, mas era muito pra minha realidade. Então ali eu comecei a ter contato, mas a partir do momento em que eu comecei a participar do Campeonato Carioca, Campeonato Estadual e depois o Brasileiro, aí você vai lendo e o livro vai fazendo sentido também. Aí o que é que eu fazia? Como eu ia pra Fundação dar aula de xadrez, eu acabava – depois da aula ou nos intervalos quando não tinha alunos – pegando o livro e estudando ali. Mas aí vem aquela história, o planejamento, nada! Porque ninguém nunca chegou pra mim e falou “olha Regina, estuda isso aqui bonitinho porque tá no planejamento”, isso eu não tive. Foi meio o que vinha. “Ah, vou estudar aqui estratégia aqui porque dizem que estratégia faz parte, vou estudar aqui um livro de tática”, mas nada como é hoje que você faz um planejamento de treinamento, estudo de partidas, lê os clássicos. Então eu não tive nada disso, eu fui meio de supetão. Aí como eu perdi lá no par de bispos, quando eu voltei eu fui procurar em tudo quanto é livro que tinha o tema do par de bispos pra estudar. Então foi um pouco assim, meio da necessidade. “Ah, puxa vida, eu vou estudar uma abertura e começava a ler lá”, mas foi sem esse planejamento. Quando eu vim pra Blumenau aí as coisas mudaram um pouquinho mais porque eu morava no prédio dos atletas e eu não tinha que pegar ônibus, trem. Eu não tinha que pegar, não tinha mais aquilo de ser longe, tudo é perto. Então eu morava ali, eu almoçava e jantava no prédio dos atletas. E eu tinha a minha mesa de xadrez ali e já

tinha comprado livros, já tinha começado a comprar livros, então eu podia fazer uma rotina. Então eu peguei “ah, eu vou ler a coleção do Grau e sentava”. Aí eu marcava direitinho, eu pegava livro e “nestes 2 meses eu vou me dedicar a isso, neste outro vou me dedicar a isso” e comecei a estudar mais... Aí acho que eu tive uma evolução quando eu vim pra Blumenau, porque aí eu ganhei o Brasileiro de 84, de 85 e em 86, por pouco eu não ganhei. Imagino que foi um pouco psicológico, também eu acho, também atribuo a isso. Mas fui vice-campeã, fui pra Olimpíada, né? Então já dei uma crescida assim, uma evolução. Aí depois, claro, depois acabou. Em 90 eu acho que foi, de 90 pra frente já foi tudo mais desastroso. Foi em 89 que eu comecei a trabalhar, né? Em 89 eu comecei a dar aula e aí mudou um pouco, já não era... O estudo era mais voltado pras aulas, enquanto eu tava dando aula eu tava estudando. Então foram menos torneios, então já teve uma queda. E também porque com a evolução... Ou seja, eu cresci mas a estrutura não me acompanhou. Eu não tinha estrutura de apoio, eu tinha toda a minha vontade, cheguei em um ponto de ser tricampeã brasileira, mas eu não tive... Por exemplo, “quem vai me treinar pra eu dar mais um salto?”. Fui pra Olimpíada, tô lá, mas quem vai... Sabe? A gente não tem essa estrutura, até hoje não tem, né? “Ah, chegou lá, e aí?”, eu mostrei que eu podia, que eu tinha potencial, mas cadê a estrutura de suporte pra eu avançar? Então isso eu não tive. Então ali começa aquela canseira, “o que é que eu tô fazendo aqui? Deixa eu ir cuidar...”. E também chega a idade, a essa altura eu já tô com... Eu comecei a dar aula, antes eu só jogava xadrez e era patrocinada. Sim, mas isso não é suficiente pra você comprar uma casa, comprar um carro. Você tem que começar a trabalhar, tem que começar a dar aula em uma escola, dar outra aula. Então são outras coisas que você tem que se preocupar, também tem isso. Por que as mulheres não estão...? Mas não são só as mulheres não, tem essa pergunta, mas não é porque são mulheres não. Eu acho que o homem também, quando ele chega, ele também, né? É porque ele tem coisas que ele precisa fazer e realmente não... Aí o xadrez não é compatível.

J: Qual a importância ocupada pelo xadrez ao longo da sua história?

WIM7: A importância na minha vida? Toda! Na verdade o xadrez foi uma mola de estudo em todas as coisas que aconteceram. Todas elas são advindas do xadrez, têm a referência do xadrez. Então mesmo quando eu tive essa vivência musical, mas foi através do xadrez. Então todas as outras vivências que eu tenho foram a partir do

xadrez. Amigos do xadrez, mas outros amigos que são de outras áreas... Mas eu falo “puxa, vida!”, como eu tava no xadrez eu acabei conhecendo a música. Então foi xadrez a minha vida inteira. Eu só tive uma experiência [áudio cortado devido à instabilidade no sinal da *internet*]... Com 17 anos, fora isso o meu trabalho foi sempre dar aula de xadrez. Então eu não tenho outra experiência em outra área, então eu não posso nem falar nada. Às vezes eu tenho vontade, eu poderia ter feito isso, mas eu acho que faltou um pouco de coragem. Em algum momento eu quis fazer, sabe o que eu quis fazer? Eu quis fazer Direito. É, mas nesse momento que eu quis fazer Direito era um momento que eu ainda tava indo pra Olimpíada, ou seja, foi até 2010. Então como eu ainda tinha esse negócio de ficar viajando, isso aí atrapalha muito. Aí eu teria que parar, então aquilo eu já não quis, eu tinha que parar com o xadrez pra me dedicar como todo mundo faz. E quando eu vejo aí o pessoal que para, as meninas que pararam... Pensa em todas as jogadoras boas que pararam pra terminar, todas aí, se for pensar! A Ellen parou, a Taís parou, todo mundo parou pra seguir na academia ou seguir em um propósito. Giovanni parou, depois volta, pode até voltar. Mas o momento que eu tive o *feeling* pra chegar e fazer isso, eu falei “ah, eu não consigo”. Eu não consegui parar porque tinha esse movimento e tinha essa questão da relação com o projeto. E seria da mesma forma com aquela dúvida lá de antes que eu teria que pensar em mim, abandonar alguma coisa, abandonar o coletivo por um tempo. Então eu não consegui, ficou pra trás. Então esses desejos foi quando você falou de abrir mão, no caso de eu abrir mão... Mas também não foi nada que tenha me dado dor [risos]. Eu procurei sempre pensar “eu vivo é pra ser feliz, pra resolver problema, mas é pra tá bem. Eu não vim aqui pra... Eu, hein?”. Então é isso aí, 50 anos realmente vividos com o xadrez. Agora que eu tô saindo um pouco.

J: Ótimo! Ao longo deste percurso houveram temores, aflições, decepções ou mesmo dificuldades pra além destas que a gente já comentou?

WIM7: Ah, sempre tem dores! Tem coisas que... Mas são coisas que você releva, você “ah, deixa”, né? Eu sempre falo que sigo, eu vou ficar... Eu, hein? Pensando lá que “ah, a CBX não me mandou pra aquele campeonato lá, ah o fulano não...”. Não dá pra ficar pensando essas coisas, não cabe. Pelo menos não cabe em mim eu ficar amargurada porque “ah, lá no Pan-Americano o camarada me expulsou”. Não dá, né? Eu acho que você tem que... “Olha só, se alguém fez alguma coisa ruim – isso eu falo pros meus

alunos – é igual partida de xadrez. Lance ruim, o que acontece? Se você fizer um lance ruim, o que é que vai acontecer em cima de um lance ruim? A chance de você perder é muito grande. Agora se o outro fizer um lance ruim e você fizer um lance bom o que é que vai acontecer? Você vai aproveitar o erro, tem mais chances de ganhar a partida!”. Então quando alguém fizer alguma coisa ruim, faça coisas boas, é só isso! Responda sempre com coisas boas, então é esse espírito que eu procuro carregar. Mas “ah...”, coisa boa, eu vou procurar fazer uma coisa boa. Então quando alguém me desestimula, deixa eu fazer alguma coisa boa, né? Eu não posso deixar que aquela carga me afete, entende? “Deixa eu fazer uma coisa boa que eu já... E releva!”, sabe? Segue e pronto [risos].

J: Excelente! Neste mesmo sentido houveram restrições, limitações ou mesmo proibições advindas do exercício da prática?

WIM7: Não, o que assim... Eu só tive muitas ideias, até algumas pessoas fogem de mim porque eu fico com muita ideia e ter ideia dá trabalho. E muitas vezes dá trabalho pros outros, às vezes a gente tem ideia mas não tem condições de executar, então outras pessoas é que têm condições de executar. Muitas vezes eu tenho a ideia mas eu não tenho a técnica pra executar coisas. Mas quando você lança a ideia, o outro vem e trabalha. Então na questão de projetos isso acontece bastante, você fala “puxa, vamos fazer alguma coisa?”, “tá, e aí, quem vai trabalhar? Eu posso ter o espírito de voluntário, mas e o outro, tem?”. Então às vezes você dá uma ideia e não é fácil concretizar, sabe? Então eu tive muitas ideias que eu acho que seriam boas, principalmente pra escola, e muitas realmente não foram adiante. Um dia o meu chefe chegou e falou “não adianta você vir aqui, sua ideia é muito boa, gostei da sua ideia, mas nós temos uma hierarquia”. Então se você tá dentro da escola, existe uma hierarquia, “eu posso chegar aqui e meter a caneta aqui, mas o fato de eu meter a caneta não quer dizer que vai funcionar, mesmo eu sabendo que a sua ideia é excelente. O que acontece é o seguinte, você tem que levar a sua ideia lá pro seu coordenador porque se o seu coordenador comprar a ideia, ele vai assumir o compromisso e ele vai tentar vender a ideia pro superior dele”. E por aí vai, então quando você segue essa ordem, a coisa flui porque todos ficaram envolvidos. “Então se você vender pra mim, pode ter certeza que se ele não comprar a ideia, alguém vai sabotar nesse caminho”. Cara, foi a melhor aula que eu tive [risos]. Muito boa! Nesse lado de compreensão, de ter o entendimento disso tudo e

coisa e tal. Hoje em dia eu posso até soltar, mas eu não espero nada, por mais que tenha uma ideia boa, legal, “opa, pra resolver!”, eu vou lá no meu chefe, no meu supervisor direto. “E aí, vamos nessa? Tá afim?”, se não passou dele eu nem me esquento mais, nem esquento porque eu sei que não vai, sabe? Uma coisa assim. Mas de outra coisa que eu me lembre... Aquela coisa que eu te falei, pelo menos no momento agora que eu tô tão... Sabe, de coisas do passado que vão e que não... Pode ser que em algum momento eu lembre de alguma coisa assim de dor. O xadrez me deu tanta alegria, ele tem me dado tanta alegria que... Não, eu tive uma dor recente com o xadrez, exatamente, mas tudo bem. Foi uma dor recente, mas é uma questão de formação, né? A dor é a seguinte, vou até compartilhar. Eu tenho 50 anos de xadrez, então eu tenho uma vivência de coisas de projetos, de coisas que muitos ainda vão passar. Então é a mesma coisa, quando o professor pergunta pra mim às vezes se o projeto vai dar certo, eu falo pra ele “ih, já tô com...”. Claro, com essa experiência eu digo se vai ou não vai, o que é que tá faltando, pra dar orientação. E agora eu sou presidente do clube, então é uma outra área pra mim, é completamente diferente. Então lidar com jogador não é fácil, hoje eu tenho a experiência e a vivência que eu tenho tanto respeito por quem é gestor de instituição. Antes eu fui sempre jogadora, agora quando eu vejo como o jogador é e ter sido jogador como eu era, eu fico “não é fácil!”. E nas nossas reuniões eu vou tentando buscar condições pra melhorar a vida dos jogadores, mas quando entra pai que chega e desqualifica completamente os seus 50 anos de experiência e pensa no xadrez como se fosse [áudio cortado devido à instabilidade no sinal da *internet*]... Que tá trabalhando 8 horas, isso me dá um desânimo. Isso me faz perguntar o que é que eu tô fazendo aqui porque ele não vai ter o entendimento do que eu tô passando. Ele vai pensar “eu ganho tanto, eu tenho que trabalhar 8 horas e enfim!” e ele não vai entender nunca o porquê ter um Grande Mestre faz diferença na cidade. Ainda que ele não faça nada, só de morar na cidade. Então às vezes um pai não tem isso, daí quando eu falo pra ele que tô pagando, que eu vou dar uma ajuda de custo pra pessoa ele não entende e acha que é injusto. E ele simplesmente não acredita, só confia, mas ele não tem a vivência... Porque a vivência dele é de outra área. Então essas lutas assim é que você fala assim “puxa, vida!”, dá vontade realmente de não querer mais. Mas só isso, são coisas que tem que passar, é o tipo de vivência. Mas hoje eu tenho muito mais respeito e valorizo muito mais qualquer dirigente, qualquer um que dirige. E mesmo aquele que

fica 40 anos lá, entende? Pensa no nosso ex-presidente que tava sei lá quantos anos aí dirigindo. Não sai, né? Pensa que tem modalidade aí que o cara tá há 30 anos como presidente. E hoje eu sou dirigente e eu tenho esse entendimento até do porquê que o camarada tá lá. Eu acho muito interessante, aí eu respeito, eu falo “nossa!”.

J: Excelente! O que o xadrez representa pra você?

WIM7: Eu acho que o xadrez... Eu posso dizer... Ele meio que salvou, eu poderia dizer. Quando eu faço um paralelo de lá do que eu tinha, lá da rua, das meninas da rua, o que são. Quando eu penso que eu entrei em uma modalidade que ela me deu oportunidades, por isso que eu falo “opa!”, né? Eu penso que o xadrez foi uma dádiva, eu penso no xadrez como uma dádiva mesmo. Foi acho que uma das coisas mais importantes o que o xadrez deu. De compreensão também, porque essa é a parte mais legal de o xadrez ter contribuído para que eu entendesse como as coisas funcionam. Não resultados, nem tô falando de resultados. Me deu oportunidade de viajar, me deu coisas materiais. Mas essas amizades, essas construções e a compreensão também, sabe? Porque, por exemplo, eu era pra ter sido uma adolescente revoltada porque eu não entendia muitas coisas, mas a partir do xadrez eu comecei a entender. De você entender as lutas, como as coisas funcionam e aí de você se enquadrar. Então eu fui sempre assim “eu entendo, eu tô aqui!”, né? Então eu fui dando o meu jeito, lutando as minhas batalhas de acordo com o entendimento que eu tenho do contexto. Então o xadrez eu acho que me deu isso de entender. E além disso eu vejo o xadrez também como um instrumento... Porque muitos alunos e muitas alunas passaram por dificuldades. Por exemplo, essa crise externa do adolescente, é mais difícil um adolescente do xadrez ter crise ou ele passa mais tranquilamente que outros que não jogam xadrez, tá? Então hoje quando eu vejo os depoimentos, por exemplo, muitos pais se separaram de alunos. Eles separam e quando separam – inclusive teve na minha vida também a separação de pais – a gente tem alguma coisa que nos acolhe. Então quando o pai lá da minha aluna separou eu falei “ih, você tá no xadrez!”. E ela tem aquele grupo, tem aquela modalidade que tá acolhida ali, então ela não tá sozinha, entende? Ela não tá perdida “o que é que eu faço da minha vida?”. “Ah, vai jogar xadrez!”, vamos, sabe? Então eu sempre senti que quem joga tem esse conforto que de certa forma ele é... Quem joga xadrez é parceiro de alguma forma. Ele é adversário, mas no xadrez é parceiro. Às vezes eu falo “olha, xadrez é uma obra, a partida é uma obra, só que essa obra não é você que faz, ela é construída por duas

pessoas. Então você depende do outro, e como você depende do outro, o outro é seu parceiro. Ao mesmo tempo que ele é seu adversário, ele é parceiro na construção da obra. Por isso é que tem de ser cordial com ele, você vai construir como?”. Eu acho que as amizades no xadrez são sólidas, por mais que brigue, enfrente, ganhe, mas você... Então ele deu muito, ele é muito importante nessa construção toda da minha formação. Então é um referencial e tanto.

J: Excelente! E em relação ao seu gosto, como ele se constituiu em relação ao xadrez?

WIM7: Bom, eu era muito agressiva, mas o que eu tenho de... Desde os livros que eu ganhei, o primeiro livro lá que ele me deu, mas eu não entendia nada. Era bispo e cavalo aquele livro de finais. Então ficou ali naquilo de eu gostar de finais e quando eu comecei a estudar... No início eu era muito agressiva com o Xadrez Básico, mas quando eu comecei a estudar eu fiquei encantada com o Capablanca. Então o Capablanca era o meu referencial e eu gostava da história, aquela história de ele aprender olhando, ele não ter tido... Sabe? Ele não teve o professor, eu ficava olhando... Tá, mas no final teve porque ele era meio rico e pôde ficar viajando por aí. Mas lá naquele início, quando eu não sabia de tudo... Mas ficou aquilo, sapeando, olhando, aprendeu, tinha talento e enfim. Então eu gosto disso. Daí comecei a estudar muito final, gostava de simplificar, estudar finais. Mas eu diria que deixei de ser... No início, quando eu era mais jovem, eu gostava das partidas mais violentas. Mas muito por causa do meu temperamento de ir atrás, “ah, eu vou pra Europa com \$200 dólares e seja o que Deus quiser!”, então esse é um espírito de “vamos pro mundo!”. Então você faz essa construção do xadrez mais agressivo. Mas a partir do momento que você fica “deixa eu pensar em umas coisas, tentar administrar”. No momento que você para e tem que administrar, esquece! Aí você já parte pra um... Aí muda um pouco, aí você muda o repertório, fica mais posicional pra ter mais controle. Então que é a história, o xadrez posicional é um jogo de controle, no xadrez agressivo você não sabe o que vai acontecer. Você não sabe o que acontece em uma partida do Fier, mas se você olhar pra vida do camarada você vê que ele não para. Se ele tiver que parar, “tem que ficar aqui, é *settled down*”, esquece! Vamos ver se ele vai soltar a peça no ar, se ele não vai querer ter o controle. Então essa é a parte rica da construção do jogador, a vida reflete. A vida dele vai acabar refletindo o que acontece no tabuleiro, acho que nem é ao contrário, eu acho que é a vida mesmo. Então até hoje eu tentei jogar... Agora tem uma outra coisa, mesmo nas minhas partidas eu

sempre noto que eu vou no posicional, mas quando ataca, quando o outro vem, você vai pra cima. Se alguém vem e você tem a oportunidade, você contra-ataca com violência. Então faz parte também da sobrevivência. Mas se você tem uma oportunidade, tem uma vantagem, troca tudo e vai na paz. Simplifica! [risos]. Dá pra contar muitas histórias assim quando você observa os jogadores como eu tô vendo agora o Neuris. O Neuris Delgado, Grande Mestre, mora em Blumenau. Eu sei a história dele de vida, então eu assisti uma partida dele ontem, ele jogando com o El Debs. Eu já vi partidas do Neuris que você não entende o que está acontecendo e quando eu vi a partida, aí dá pra refletir, sabe? Nas vivências, “olha como o camarada tá tranquilo, administrando” porque depende, ele precisa da consistência, entende? Porque precisa trabalhar, então tem muito disso, então às vezes o jogador ele não pode arriscar. Então essa construção vem muito por essa minha trajetória também. Se você for reparar no xadrez feminino, na trajetória das jogadoras, elas começam a atacar e o resultado delas é surpreendente. É só olhar, vai olhar as partidas das jogadoras. A Vanessa Feliciano, a Ratcu, a Juliana... Quando é que a Juliana começou a ganhar? A Juliana Terao. Olha a trajetória dela também no feminino, quando você começa. Vê a Kathiê, meu Deus do céu! E aí com o tempo... Vê a Alboredo, vai ver todo mundo. E aí de repente, depois, vai dando aquele “deixa eu dar uma acalmadazinha”, né? [risos].

J: Ok!

WIM7: Com exceção, só tem uma jogadora que eu vejo que eu acho que não passa por aí não. Que é uma que começa com uma violência e termina com uma violência brutal que é a Polgár. A Judit Polgár ela teve... Mas também, eu não sei se ela teve tempo, eu não fiz a análise do tempo da carreira dela, entendeu? Porque ela veio em uma... E quando ela chegou lá no *top*, quando ela chegou atirando... Mas ela se manteria tanto que ela chegou lá entre os 10 do mundo violenta, ela conseguiu se manter violenta? Não, entendeu? Eu acredito que se ela tivesse – porque ela chegou entre os 10 – ido violenta e tivesse conseguido se manter violenta, aí... Mas não conseguiu, e aí no que conseguiu, começou a cair, cair e cair... Aí, “opa! Deixa eu encerrar a minha carreira aqui, vou cuidar da minha família, dos meus filhos”, porque não é fácil, entendeu? Enfim!

J: Ótimo!

WIM7: É outra pesquisa também! [risos].

J: Sairemos com várias questões de pesquisa! [risos].

WIM7: Quando eu fico olhando os projetos... Eu vou dizer uma coisa, eu não gosto quando falam que o Brasil é atrasado, eu não gosto quando falam que a gente tá... Eu falo “puxa, pra falar isso vocês sabem das condições dos outros? Sabem? Não dá pra comparar, a gente não pode ficar comparando”. Então quando eu falo assim “ah, tá! Porque a Hungria tem as 3 irmãs, mas eu acho que o fato de ter tido as 3 irmãs isso não melhorou a condição do xadrez feminino no país”. Pode ter melhorado pra elas e pra 1 ou 2 ali pertinho delas, mas em uma condição geral? Cadê a condição? Cadê o coletivo? Então eu acredito na exceção desde que essa exceção faça alguma coisa pro coletivo. “Eu não vou me sentir bem se eu não tiver algum retorno pra comunidade”. Eu acho que eu me empenhei ao máximo, eu dei o máximo pra trabalhar pelo próximo. E agora eu respeito hoje as irmãs, além do individual – óbvio que elas são referências – mas pro coletivo, o que elas estão fazendo hoje. Porque tem o projeto em andamento, a contribuição que a Susan deu lá pro projeto americano agora vai retornar a contribuição ao pai dela. E deu pros americanos por dinheiro, mas deu. Então nessas coisas eu acredito porque aí todo mundo ganha, com dinheiro ou sem dinheiro, mas tá dando. Da chinesa eu ainda não... Dá pra construir uma academia... A Hou Yifan, trabalhou, trabalhou, trabalhou, mas cadê a contribuição dela direta? Mas eu acredito que com o exemplo dela dê uma referência coletiva pras mulheres de uma maneira geral, mas quero ver dar pro feminino especificamente. Não só uma referência como jogadora, porque como ela jogou os torneios absolutos e a referência dela fica ali... Então fica muito longe de um projeto. “Olha, eu vou criar um projeto feminino porque eu entendo quais são as condições, dificuldades de um ou de outro, vou ter o projeto”, eu acho que isso precisa ter. E eu acredito muito em fundação, uma hora pode ser que uma delas resolva abrir fundações. Fundações de apoio ainda falta, eu acho.

J: Ótimo! Existe na sua família, para além dos seus irmãos, pelo o que eu entendi, alguém que tenha experiência com o xadrez?

WIM7: Na minha família ninguém, ninguém joga. Não, ninguém joga mesmo [risos]. Pode saber que tem o bispo, que tem o cavalo. Ao não ser o meu sobrinho que é apaixonado por xadrez, mora em São Paulo e ama xadrez, ele entende que o xadrez

ajudou de alguma forma. Mas aprendeu aqui, por causa da tia, né? Mas não joga torneios, é apenas um apaixonado. Aí tem um sobrinho agora lá no Rio de Janeiro que eu sei que gosta de xadrez, de vez em quando joga um torneio. Mas lá de casa... Todos tiveram a oportunidade a partir do meu interesse, mas ninguém... Nada! Ninguém se interessou, eu não me lembro nunca de ter jogado uma partida com um irmão. Ao não ser aquela lá de brincadeira com o papelzinho que eu tô jogando pelos dois. Mas eu não tenho essa lembrança de ter jogado com... Que coisa! Não tenho essa lembrança, mas também não tenho a lembrança de depois de ser já professora, experiente e campeã eu ter tentado ensinar pra qualquer um também. Também não tenho, mas eu tenho um irmão que lá no Rio de Janeiro ele tentou fazer alguns projetos de xadrez. Ele trabalha em uma prefeitura, aí o projeto que aparecer é aquele que vai atrás de recursos, sabe? Isso eu sei, mas jogador não.

J: Ok! Além do xadrez e da música, pelo o que eu pude identificar, a senhora praticou outras atividades esportivas ou de lazer?

WIM7: A oportunidade que eu tive foi aqui em Blumenau, como eu morava no meio de atletas eu queria me meter em tudo. As minhas amigas e companheiras de quarto iam treinar atletismo e aí a pista era atrás... Era uma complexo, então era pertinho, então elas iam treinar e eu ia junto. Aí eu ia correr lá, fazer as atividades e quando tinha festival de velocidade aí eu ia também. Eu não podia competir com elas oficialmente, mas ali nas atividades pra promover, às vezes eu competia no festival de velocidade. E aí tinha o tênis de mesa, foi aqui também em Blumenau e aí eu tive a oportunidade de começar a bater bola. Hoje eu dou aulas de tênis de mesa também, sou apaixonada por tênis de mesa. Eu vejo todo dia vídeo, eu fico assim, aficionada! Sabe aquele jogo de ter que parar, pensar, estudar a jogada, né? Mas eu não tive essa oportunidade de treinamento, mas eu gostaria de ter tido essa oportunidade também. Lá, quando a gente brincava, enquanto eu crescia, eu gostava. Mas eu não tinha acesso, então enfim! São essas coisas. A impressão que eu tenho é a seguinte: como eu me sinto, né? Se a minha escola fosse a escola que eu dou aula hoje ou fosse como na cidade que eu tô hoje, aquilo que aparecesse eu... Foi xadrez, mas poderia ter sido qualquer coisa, entende? O xadrez apareceu na minha vida, mas se tivesse aparecido outra coisa, qualquer atividade que tivesse alguma coisa pra excelência, eu iria. Porque com música, quando apareceu, eu queria logo. Tanto que eu fui atrás de professor, fui atrás de como comprar instrumento,

arrumar instrumento, fui fazer concursos. Eu era muito atirada, muito... Só que tinha que ir achando pessoas, no caso do xadrez as coisas foram conspirando. De música foi até certo ponto, não foi mais porque eu tive que fazer a escolha também, ou era um ou era outro. Infelizmente não tinha como me manter.

J: Certo! E atualmente, com o que a senhora compartilha o seu tempo livre?

WIM7: Eu? Eu jogo tênis de mesa e quando eu tô de bobeira, antes eu tava jogando umas partidinhas remotas [risos]. Mas basicamente hoje, de atividade assim, é tênis de mesa. Aí claro, eu vou ver filme, vou ao mercado. Adoro o mercado por lazer, também! Ficar olhando [risos].

J: Ótimo! A escolha dos seus dois cursos superiores na universidade teve relação com o xadrez?

WIM7: Acho que teve mais, não necessariamente com o xadrez. Fazer Letras, né? Porque teve a influência da professora, mas não foi especificamente desta professora, foi no geral. Foi referência, mas outras foram referências no sentido de “meu, olha aqui, professor trabalha duas, três vezes por semana, de escolha”, né? Mas também porque essa professora teve influência porque eu jogava xadrez, mas os meus melhores anos de Língua Portuguesa foram neste ano com esta professora também. Mas foi mais porque eu escolhi Letras porque eu queria ser poliglota, como eu tinha comentado antes. Então o caminho mais fácil era [áudio cortado devido à instabilidade no sinal da *internet*]... Eu escolhi Letras e alemão, entendeu? Mas foi um projeto que só ficou ali também. E a outra coisa era porque antes de dar aula... Sabe o que eu queria fazer? Eu queria ser redatora de jornal [risos]. Eu queria escrever editorial, queria trabalhar... Porque quando eu era criança eu gostava de escrever, eu escrevia lá umas coisas. Mas acabou o sonho no dia que teve uma tragédia, eu não quis mais escrever lá porque o meu irmão pegou o meu caderno de escritos. Eu não tinha privacidade, entende? E se eu não tinha privacidade, eu não podia escrever. Aí passou! Mas mesmo assim ficou a ideia de escrever pra jornal um dia, contar coisas. Mas depois também morreu, eu falei “vish, dá muito trabalho!”. Mas depois foi mesmo pra escolher os dias de trabalho. Eu acho que o mais forte na minha lembrança foi isso de não poder trabalhar todo dia ou trabalhar quando fosse conveniente. E de ensinar também porque eu já tava ensinando xadrez quando eu fiz Letras, eu já era monitora desse projeto. Mas aí Educação Física foi

porque eu caí em um quarto que só tinha estudante de Educação Física, estudante e professor de Educação Física. E como eu ia começar a dar aula em escola, com a convivência com elas eu falei “ah, o caminho é a Educação Física! Esse é o caminho mais fácil pra multiplicar!”. E também porque eu via como elas davam aula, eu acho que o professor de Educação, pra mim, é perfeito pra dar aula. Pra mim ele dá aula muito melhor, é só ver quem trabalhou... Fernanda, Ângela, sabe? Porque é com o jogo, mexe com o jogo, então leva as crianças, estimula. Enfim! E aquela coisa de dar todas as atividades, dar um leque de oportunidades. Agora, também dá pesquisa isso... Quando em um primeiro momento o pai ensina ou a mãe ensina. Hoje, por exemplo, eu falo muito pras mães pra elas ensinarem, elas deviam ensinar xadrez pras filhas, não o pai. Porque nessas minhas andanças e também nessas leituras, olha só! Quando você lê uma biografia, quando falam em xadrez, “quem ensinou o xadrez?”, você vê alguma mulher? Olha a Simone, essas poderosas, quando elas escrevem lá a biografia e falam que um dia aprenderam xadrez, quem sentou com elas pra ensinar xadrez? Geralmente é o pai. Quem ensina pro filho? O pai. Então muitas vezes a atividade intelectual... Quem escreve? O pai. Embora seja às vezes a mulher que escreva as cartas, adora escrever uma carta. Então, enfim! Elas deviam ensinar xadrez porque é uma memória muito forte a memória do ensinar xadrez. Então pra mim todas as mães deviam ensinar xadrez pras filhas e pros filhos porque um dia eles vão dizer lá “quem me ensinou foi uma mulher”.

J: Fale sobre a carreira de uma jogadora de alto rendimento no xadrez brasileiro. A senhora se considera uma profissional?

WIM7: Na verdade eu acho que eu sou profissional de dar aula de xadrez. Mas se for profissional de xadrez mesmo, não. Eu não me considero no sentido de que... Talvez eu tenha sido ali na época da Cremer, eu tinha o entendimento de que eu era patrocinada, então eu tinha uma rotina e um planejamento de torneios. Então eu fazia tudo bonitinho, estudava, jogava, buscava o resultado. Então pra mim é isso, a partir do momento que você não faz planejamento de nada, não prepara, então já deixa de ser. Ao não ser que me paguem pra representar a cidade, aí eu vou lá. Mas como não é... Como é que chama? Eu não vivo desse pagamento, até o momento que eu vivia exclusivamente, até ali eu me considerava profissional. “Ah, sou paga pra representar a cidade, a cidade me paga”, eu consigo viver, então eu tenho que jogar, estudar e me preparar como os atletas fazem. O meu ganha-pão é em cima do meu rendimento no jogo, eu tenho o

entendimento que se eu não tivesse tido os resultados lá nos Jogos Abertos, a cidade teria me mandado embora. E aí o ensinar foi só “tá aqui, ensina!”, foi só pra justificar o fato de eu ter vindo. “Ah, ela também vai ensinar”, entende? Mas o motivo da minha contratação – a gente não vai dizer isso, eu não digo – não foi pra ensinar xadrez pra comunidade. O motivo foi ter uma jogadora pra que a cidade fosse competitiva nos jogos, aí pra justificar isso “também vai ampliar e coisa e tal”. Então pra mim isso é muito claro, só que com o tempo eu acho que a coisa... Eu ganho mais dando aula, entende? Então não era mais importante... Eu posso parar de jogar, eu vou viver de dar aula de xadrez, como professora. Aí muda um pouco a relação, mas também muda esse compromisso de fazer essa planejamento. Mas aí você não é mais profissional como jogadora, você é profissional de xadrez. Pra mim tem diferença, quem vive de xadrez é profissional de xadrez. Eu vivo de xadrez, então se você considerar isso, então sim, eu sou profissional de xadrez. Mas não sou jogadora profissional. Atualmente, entendeu a diferença?

J: Excelente, entendi! Considerando toda a sua bagagem, que diferenças a senhora percebe entre o contexto enxadrístico brasileiro e o que vivenciou no exterior?

WIM7: Justamente, porque eu viajei bastante e eu gosto de fazer esse comparativo. Principalmente por tantas Olimpíadas, o Brasil acho que tinha tudo pra andar, mas as estruturas não acompanharam. E aí você vê países que andaram em termos de resultados. Então a própria China, quando eu joguei em 82 não era potência e nem nada e hoje olha quantas Olimpíadas, né? O mais próximo aqui que a gente pode ver é o Peru, o que é que era o Peru naquele tempo e o que é o Peru hoje? Teve uma campeã mundial, um campeão mundial, os irmãos. Quando vem aqui pros países sul-americanos tem a própria Argentina, ainda que a Argentina hoje, por mais que tenha um projeto... Tem uma história muito rica de xadrez, grandes jogadores, mas parece que não vinga, não consegue esse destaque no mundo. Ou seja, o que é que tá faltando? Tem a tradição, tem os projetos, e aí, o que é que falta? Não sei, não tô lá dentro. No comparativo com o Brasil... Mas teve um resultado melhor das jogadoras. Mas se for no histórico, é nada se você olha a lista de todas as jogadoras, o Brasil tá na frente. Claro, se você for comparar os históricos. Os Estados Unidos, quando eu estive lá em 86, não era nada. A gente ganhou dos Estados Unidos algumas vezes em Olimpíadas [risos]. Aí de repente! Mas tudo a partir de uma construção e eu por acaso até vivenciei isso. Até atribuo essa

mudança do xadrez escolar americano desde a ida da Beatriz, aquela que eu citei lá, a Marinello pros Estados Unidos, né? Acho que também ela não foi reconhecida ainda, vamos ver quando vão reconhecer. A partir do momento que ela assumiu o xadrez escolar nos Estados Unidos, meu Deus do céu! Foi outra coisa, então pra mim foi um antes e um depois. E a outra coisa, claro, foi quem recebeu os dissidentes russos. Todos iam pros Estados Unidos, entendeu? Se tivesse havido essa migração pro Brasil você imagina como seria! Imagina se tivesse vindo tanto russo pra cá, por que é que não escolheram o Brasil? Então eles escolheram o sonho americano, mas se tivessem vindo pra cá, nós teríamos uma outra realidade. Enfim! A gente não deu essa abertura pra que eles viessem pra cá, por isso é que eu ainda tô na torcida pra que isso aconteça porque tem que ter esse intercâmbio também. Bom, eu acho que a gente não está a passos largos, mas a gente tá andando. E eu acho que a gente, não parece pra muitos, mas o que acontece aqui é... Só vou dar esse exemplo aqui do estado, eu não conheço em nenhum outro lugar do mundo que tenha uma estrutura como os Jogos Abertos daqui. E eu acompanhei toda a evolução do nível dos Jogos Abertos aqui. No meu tempo o xadrez feminino tinha 3 equipes, hoje já tem, sei lá, 12. Mas a estrutura em si das cidades terem, dos projetos, de pagar equipes, de pagar um técnico. Eu tô aqui em Blumenau, o Renan tá ali em Jaraguá, o Marcão tá em Lages, entendeu? Eu não conheço, né? Então isso é muito bom, isso é uma referência. Mas isso não é publicado, então é um belo de um projeto. Mas mesmo os Jogos Abertos de São Paulo serviram de referência pra Santa Catarina. Tem os Jogos Abertos do Paraná que tem xadrez. Então isso é muita coisa, o que acontece muito com o xadrez aqui no Brasil é que a gente não tá organizado o suficiente ainda. Porque na hora que tiver essa organização de saber tudo o que acontece, meu Deus do céu, vai sair muita coisa! Porque existem muitos projetos isolados, quanta gente boa tem por aí fazendo projetos isolados. Mas quem sabe que aqui em Blumenau tem 22 professores dando xadrez nas escolas? Quem sabe lá tem um projeto em Guaramirim que tem um professor meu tocando? A gente não tem ainda esse banco de dados. Na hora que tiver “ah, mexeu as peças, banco de dados!”, “ah, participou de torneios, banco de dados!”, aí você consegue trabalhar. Mesmo o professor de Educação Física, na hora que tiver em sua formação, “tem? Coloca no banco de dados!”. “O nível? Ah, põe lá!”, entendeu? Com tudo isso a gente vai avançar,

eu só vejo que tem como. E a outra coisa é quando tiver tudo isso que tiver números que você pode consultar... Como é que chama o poderoso lá da FIDE, jornalista?

J: Leontxo García?

WIM7: O Leontxo mandou mensagem pra mim!

J: Ah, é? [risos].

WIM7: Aham! O meu nome chegou nele, não sei como. Sabe o que é que ele queria? É porque ele não conseguiu os dados da CBX, ele queria botar o Brasil no mapa nessa pesquisa que a FIDE fez. Aí tinha “quantas cidades, quantos jogadores, quantas escolas”, cadê? Onde tá isso? Precisava destes dados pra colocar lá no levantamento de base deles. Aí ele queria saber pelo menos alguma coisa e eu só posso dar o que tá mais próximo de mim, nem do estado eu consigo. Porque qualquer tipo de levantamento tem que ter fonte. Eu vou dar o quê, o meu nome? [risos]. Então tem que ter uma estrutura, uma instituição... Daqui a pouco a universidade vai fazer uma pesquisa e vai ter de fato, aí a gente pode falar. Mas eu falei “ah, não tem! Eu sei que tem, mas eu vou chutar?”. Por isso é que eu não confio naqueles 100.000 lá do Paraná, quem foi? Da onde vieram aqueles 100.000, cadê os dados? É uma potência, quando eu fico vendo, sei lá, que o Brasil distribuiu 30.000 jogos. Tá, alguém fabricou, cadê os jogos? Onde? Em que cidades? Aí sabe esse controle dos dados, não tem, então não adianta nada. Essas coisas eu tenho também, e aí? Mas hoje eu vou ser bem sincera, eu gostaria de ter feito sabe o quê? Ter anotado, por que é que alguém lá não me orientou que é da tua área aí de pesquisa? “Você tá indo pros jogos, pega o caderninho e só anota o seu nome, nome do torneio, quantos participantes”. Só isso, não precisa mais nada, só número. Jogou os Brasileiros, joguei, sei lá 35 Campeonatos Brasileiros, não precisa botar todos os resultados, só coloca os seus e onde, quando, classificação. Sabe? Coisas assim. Já poderia até fazer um... Como é que chama lá?

J: Um longitudinal?

WIM7: Não podia assim fazer de rendimento, das coisas? Por isso é que eu sou fã do Adauto Nóbrega lá com o *Brasil Base*. Não poderia ser um site oficial? Não poderia estar instituído ali dentro e a pessoa só ir alimentando? Todo mundo mandando os dados pra ele e ele não ficar há anos mendigando pra que pessoas mandem coisas pra

ele poder ter aquilo que tá ali? E o projeto nem é reconhecido, eu fico doida com essas coisas. É a única fonte que a gente tem, são coisas assim que a gente precisa avançar. Avançou muito nisso, por isso é que eu gosto lá... Na FIDE, você começa a fuçar, aí você acha lá até a ata. Então esse nível de organização, porque aí anda a modalidade, a modalidade fica organizada. E aí os projetos começam a surgir a partir dos números, político só quer saber de número. Então a gente não anda, embora já tenha tantos milhares de anos, porque não temos dados. Falta material, é muito livro mas ficou muito no livro técnico. Mas e aí, cadê os livros de dados dos torneios? Eu vou falar uma coisa bem simples, todos os nossos torneios daqui têm relatório. Pelo menos enquanto eu sou presidente e os projetos. Agora pergunta cadê os relatórios de tudo quanto é torneio que sai por aí? Tudo tá baseado no *Chess-Results*, se não fosse ele que foi uma benção... Então muitas coisas eu pesquiso só fuçando no *Chess-Results*, mal sabe o cara que criou que aquilo é um... Mas e se um dia o cara tirar tudo do ar? O cara falar “ah, não quero mais”, cadê? Cadê a instituição que tem o que fica? Enfim! São as minhas preocupações futuras, mas eu não tenho dor de cabeça por causa disso não, eu só fico divagando e vendo as coisas. Então o *Chess-Results*, *Lichess*... Que maravilha, que coisa boa! *Google Meet* é outra coisa boa e todas essas coisas como ajudaram o xadrez, né? Porque isso deu abertura pro xadrez remoto, então muito do que hoje tem de excelência passa pelo remoto.

J: Isso! Já nos encaminhando pra parte final do roteiro, de maneira geral, como a senhora avalia a sua trajetória no xadrez?

WIM7: Eu não sei o que poderia ser melhor, eu acho que o melhor está por vir! [risos]. Tudo é melhor, de acordo com a teoria que eu sempre segui e que também me ajudou bastante no xadrez. Foi a partir de um livro que eu li que se chama “Cândido, ou o Otimismo”. Nós estamos no melhor dos mundos possíveis e no melhor dos mundos possíveis tudo caminha da melhor forma, o melhor é o que te acontece. Então isso das coisas conspirarem, eu acredito muito nisso que as coisas conspiram e elas conspiraram pra que eu estivesse aqui. Eu não tenho do que lastimar, eu acho que pensar em 50 anos! Eu sou muito privilegiada. Aí me perguntam “tá, eu aprendi com 11, eu fui tendo os acessos, melhorei minha condição na escola, autoestima, aquela coisa do xadrez de socialização porque eu era mais fechada, até de falar porque eu não falava muito, hoje eu falo pelos cotovelos!” [risos]. Interesse por livro estrangeiro, acho que até o xadrez

dar esse entendimento de que... Não é difícil, é que você não sabe. Então eu tive uma vida bastante tranquila nesse sentido, eu costumo dizer que a gente falava que era uma vidinha mais ou menos a partir do xadrez. Tem essas dificuldades da derrota, de lidar com os olhares, a condição de – mas que eu sofria antes, depois eu não sofri mais – não poder escolher um lugar na carteira ou estar na fila. Mas o xadrez acaba te dando uma compreensão geral, sigamos! Vamos em frente! E a questão das lutas, você escolhe as suas lutas também e você é o gestor da sua vida. Eu gosto muito dessas lições do xadrez, a própria questão hierárquica do xadrez também me atrai bastante de você entender como as instituições são constituídas a partir das relações, a importância, quem é quem e dentro da partida. Então eu fazia essas analogias com a vida, o contexto da sua vida é interessante e o dos outros também. Então eu acho que eu tive essa vidinha mais ou menos, não posso reclamar. Ter tido vitórias e derrotas, as dores de derrotas, algumas foram... Promover a dama e perder o título do Brasileiro foi duro, né? Fazendo lance impossível! Que dor que dá, tá na tua mão, tá ganho, aí você vai lá e faz um lance impossível e perde a partida. Não dá, né? Mas são dores que te fortalecem! E ter viajado e ter tido tantos amigos, pessoas tão boas. Ter realizado projetos, ter contribuído pro próximo, fazer parte dessa construção comunitária, eu acho que isso eu acho legal. Então eu só agradeço, eu sou eternamente grata ao xadrez e às pessoas que colaboraram de alguma forma em todo esse processo: às minhas professoras, professores, os amigos do xadrez que foram os que me deram uma força sempre. Eu tenho amizades muito boas do xadrez. Os apoiadores, eu também posso dizer que a Cremer, “olha, pega essa neguinha aí e vamos lá, vamos patrocinar!” [risos]. E não foi 1 ano, foram 10 anos! Ou seja, alguma coisa boa eu devia ter. E também a escola porque estar lá há 34 anos é porque deve ter alguma qualidade. Então eu fico feliz também de poder colaborar sempre.

J: Ótimo! Falando em qualidades, quais atributos pessoais a senhora acredita serem importantes pra exercer a modalidade? O que é bom que uma pessoa tenha?

WIM7: Primeiro é o espírito competitivo, aguentar que tem dor e que você tem que trabalhar isso. É um sentimento de saber que você nunca vai ser bom o suficiente. É lidar com isso porque é muita informação, tem sempre algo diferente e vai ter sempre, do outro lado, alguém que quer te derrotar mesmo, quer provar que as suas ideias não são as melhores [áudio cortado devido à instabilidade no sinal da *internet*]... Mas a

qualidade principal é a resiliência. Mas aí fora a resiliência, é claro, é a força de vontade aplicada na disciplina que também não é fácil você manter uma rotina. Eu acho essa a parte mais difícil até, mas aí mesmo assim isso tudo, pra mim, passa por treinamento. Eu acho que qualquer pessoa pode ser treinada. Hoje mesmo eu estava vendo que é treinamento, e este treinamento passa por ter na sua formação uma pessoa capacitada. E aí você, professora de Educação Física, sabe que tem a carga. Então eu falo que muito dos nossos treinadores não são treinadores ainda porque eles não passaram por experiências relacionadas ao estudo da carga. Então eu acredito que a gente vai melhorar muito quando tiver essa preocupação das dosagens.

J: Destes atributos que a senhora elencou, quais a senhora julga possuir?

WIM7: O meu eu acho que é a resiliência, embora eu não tenha tido tanta oportunidade... “Pô, eu levei tanta pancada que eu vou ter que...”, entende? Mas eu sempre tive essa consciência de que é uma modalidade muito dura. Mas como eu sempre senti a vida dura, então eu sempre procurei dar o máximo ali nas partidas. Então essa qualidade de ser aguerrida e a outra é acreditar, mesmo, nas suas causas, seguir um propósito. Eu não vou dizer a qualidade da rotina porque faltou mesmo, a disciplina. Eu gostaria de ter tido mais disciplina, mas disciplina vai a partir do momento que você tem o material e o planejamento. Seguir rotina sem o planejamento não adianta. Vem de orientação, vem de conhecimento. Por exemplo, eu gostaria de ter tido uma professora de Educação Física no meu caminho e a professora de Educação Física que eu me lembro foi a que deu o handebol, né? Que não foi nem handebol, não tinha quadra! [risos]. A gente ficava brincando de jogar a bola de um lado pro outro. Ou seja, passa muito pela escola e pela formação do professor, as vivências dele e tudo isso. Mas uma dessas qualidades é a resiliência pra mim, mas também a força de vontade.

J: O que significou o alcance do título de Mestre Internacional Feminina pra ti?

WIM7: Bom, primeiro foi uma surpresa. Foi muito importante porque te colocou em um outro patamar, sabe aquela coisa que um dia você quer ser Mestre e de repente você vai jogar um Sul-Americano? Vish, aconteceu! Não foi da forma como você... De repente você pensou que vai acontecer quando você ganha a competição, aí você vai ser Mestre porque ganhou aquele Sul-Americano ou Mestre porque ganhou as normas. Mas foi uma surpresa muito boa, eu aproveitei bastante nessa parte. Agora ele foi mais

importante na hora dos benefícios até um certo Campeonato Brasileiro que as Mestres Internacionais tinham hospedagem e alimentação. E depois que isso acabou, também ficou meio assim, “puxa, Mestre pra quê?”. E depois voltou de novo quando eles falaram que Mestre Internacional não paga inscrição nos torneios. Em uma época acabou, mas hoje voltou, eles colocam nos torneios que WMI... Então já existe esse movimento de valorização dos títulos que eu acho muito bom. Então quando eles colocam Candidato a Mestre, como é que é? Mestre Nacional eu acho ótimo porque você vai dando categorias e você tá lá, né? Ou seja, de certa forma acaba qualificando, então eu não vejo... As pessoas ficam fazendo críticas porque a CBX sai dando... Deixa dar, entendeu? Porque vai botando categoriais e aí a pessoa que é Mestre está lá, você tem que chegar lá. E ele vai ter um desafio, sabe? E a gente precisa de desafios, entende? Claro, por algum tempo eu sonhei ser Grande Mestre, mas eu já tinha o entendimento que não ia dar, não tem como porque pra ser Grande Mestre tem que ter o planejamento, tem que jogar os torneios, tem que ter até quem organize os torneios pra você ser Grande Mestre. Tem que ter os facilitadores, só querer não adianta nada. Você pode só estudar e não ser suficiente. Às vezes eu falo pros pais que chegam lá achando que o filho vai ter aula de xadrez e que o filho vai ser campeão. O filho pode ser excelente, dominar muito, mas não quer dizer que ele vai ser campeão. Depende de outros fatores, então tem que entender que tem também outros fatores envolvidos. Tem que estudar pelo prazer do aprender, entender. As outras coisas vêm com outras coisas junto, então é um conjunto de fatores. No caso, se você me perguntar, eu vou dizer que tem a pessoa, esse querer. Aí, claro, vem a estrutura familiar. Aí vem a estrutura escolar que dá suporte, das entidades na verdade. E o poder público ou a iniciativa privada. Se você consegue fazer todo mundo trabalhar, se tiver projetos comuns, você vai de vento em popa. Então às vezes não depende só de você.

J: O que a senhora pensa sobre a influência do talento na sua carreira?

WIM7: Eu não vejo talento porque eu nunca ouvi alguém dizer que eu fosse talentosa. Eu não tenho essa memória, “olha, você é muito talentosa!”. Eu não vejo que eu construí partidas que demonstrem uma força que “nossa, sacrifiquei, calculei...”. Muitos atribuem o talento – que eu nem sei se deveria ser assim – aos recursos que o outro usa na partida. “Ah, você ganhou uma partida!”, “tá, pode ter acontecido, às vezes as coisas podem ter conspirado”, eu vou acreditar se aquilo é regular. Se você joga torneios

durante o ano e em um ano você tem partidas espetaculares, com tanta regularidade, então você é realmente fora da média. Hoje as partidas são técnicas, né? O que é que vai diferenciar da técnica, onde tá o talento? O talento pra mim está em você achar uma solução em uma situação adversa, buscar algum recurso, enfim. Agora quando as partidas são técnicas, cadê o talento? Então o talento está nessa força que se tem de transformar a informação, a caixinha e você ir lá buscar. Essa qualidade de você pegar aquilo que tá lá e juntar pro resultado. Então teria que ver esse conceito do que é o talento, mas não me vejo como uma jogadora talentosa. Mas como uma trabalhadora, eu persegui um sonho e aproveitei as oportunidades. E outra coisa, eu joguei com aquilo que eu tinha de informação, dando o máximo. Joguei também, muitas vezes, com as qualidades de jogo das jogadoras. Você joga em cima dos pontos fracos que muitas vezes são pontos fracos da jogadora, não necessariamente do jogo. Muitas vezes a escolha do repertório é em cima do outro, você não vai jogar, por exemplo, uma posição mais agressiva, um gambito, com uma jogadora que é agressiva. Então aí é qualidade sua, é estratégia, eu vejo assim.

J: Excelente! Já estamos nos encaminhando pras perguntas finais. Relacione as suas principais conquistas e eu sei que este é um ano de várias marcas. Então, se a senhora quiser, este é um espaço para relacioná-las.

WIM7: Faz 50 anos desde que eu aprendi a jogar. Faz 40 anos que eu tô morando em Blumenau, cheguei em 83. São 20 anos de Bluluzinhas, um projeto feminino que eu acredito de xadrez. Faz 10 anos da Liga Brasileira de Xadrez Feminino, uma ideia que a gente tentou tocar e que agora tem tudo pra continuar. Tem 5 anos do projeto MEXE que eu falei pouco ali, mas é o Movimento Educacional de Xadrez Escolar que também foi um projeto bem bacana que acabou indo pra Caravana Barriga-Verde, não sei se você chegou a ouvir falar. Eu acabei migrando, continuo com o MEXE – porque não tenho um patrocinador – mas continuo com as mesmas ideias e aí acabou indo pra esse projeto da Caravana que eu acho que é um projeto bem bacana que facilita a ida de mais jogadores pros eventos. É essa a ideia geral, reunir pessoas e uma colaborar com a outra dando o sentido de que se você trocar informações, isso fortalece o grupo. Então o grupo foi bem grande pro Brasileiro Escolar, mas por quê? “Ah, comprou passagem aérea – agora a gente faz caravana aérea – passa informação que está tendo o pacote”, “ah, promoção hoje, coloca no grupo!”, “quem tá indo de carro, quanto?”, “qual é o

hotel mais barato”. Tudo isso são informações que, se compartilhadas, facilitam a vida. E a partir do grupo não fica um ou outro perguntando, é a mesma pergunta cuja resposta pode servir pra todos, acaba facilitando a vida de todo mundo. E quando alguém vê que o outro tá indo, ele fica motivado também, um motiva o outro e vê que é possível colaborar. “Ah, você tá fazendo uma vaquinha, tá fazendo uma rifa?”, “ah, sua ideia é boa, puxa, eu posso fazer aqui!”, então a gente tem que compartilhar mais. E aí ajuda todo mundo, esse é o sentido. Então tem 5 anos do projeto MEXE, esse ano foi um ano que eu gostei bastante porque fizeram homenagens aqui, foi uma surpresa, foi muito legal a homenagem destes 50 anos. Reuniu pessoas destes anos todos, foi um grupo bem bacana, foi bastante emocionante. E no geral eu vivo de conquistas dos alunos, esse ano eu tô completando 34 anos de Bom Jesus, ano que vem 35 anos. Eu não sei ainda o que vou fazer, se vou fazer um livro, vou pensar, de todo mundo que passou. Os alunos a cada ano vão conquistando coisas, desde que eu estou em Blumenau, agora já são 5 Mestres FIDE, né? Este ano o Nathan, embora não tenha sido meu aluno direto, mas acabou passando por mim por causa do projeto. Ele é Mestre Internacional. A Gabi Feller ganhou o Brasileiro, a Juliana escolheu como projeto de vida viver em Blumenau a partir da história que nós temos aqui. Foi campeã brasileira, uma novata, ganhou o Brasileiro e teve outros resultados excelentes. Uma outra coisa legal é que da mesma escola são 4 alunos que vão pro Pan-Americano e 5 do clube vão pro Pan-Americano em Chicago, eu acho que é muito legal saber disso. E a questão do clube também, a gente tá assumindo novamente a presidência, é mais um desafio. Esse ano a gente melhorou o nível de premiação, de brindes e das condições do torneio mesmo, estar em um espaço melhor. Ampliou os apoiadores, não entrou dinheiro, mas entrou isso que nos dá visibilidade e que melhora as condições. Então a gente tem que fazer isso, organizar mais torneios. E é um desafio manter qualidade, mas também é um desafio manter pessoas voluntárias. A gente quer encaminhar pra dar cachê ou pra pagar a arbitragem, pra conseguir dar o melhor pra todos. E não passa em só dar o melhor pros jogadores, tem que dar o melhor pra arbitragem, o melhor pra quem tá organizando nos bastidores. Então isso tudo é um processo e a gente tá tentando dar mais visibilidade pro xadrez. Eu acho que de uma maneira geral, muitas cidades estão conseguindo, o xadrez aos pouquinhos ele tá ganhando visibilidade, mas a gente precisa de mais pesquisas. Eu vi que tem muito trabalho acadêmico de xadrez, mas a gente tem que divulgar porque

eles estão em umas caixinhas. Então até quando eu vi no grupo lá que a gente tem que criar o *site*, a gente tem que mudar, fazer o povo ler isso. A gente tem que dar mais visibilidade pro xadrez e pensar que o xadrez é um excelente campo de pesquisa. E dar o crédito do que ele já fez por tantas outras atividades. Mesmo lá quando ele foi pesquisa na ação dos computadores, a gente tem que ter mais. Eu acho que se dá pouco crédito, nesse ponto o pessoal do xadrez é falastrão em algumas coisas, mas não é o estudioso de outras. Então a gente precisa ter pessoas do xadrez que [áudio cortado devido à instabilidade no sinal da *internet*]... “Tá aqui, tá comprovado, isso é científico!”, né? E que seja jogador mesmo, que entenda, ter mais pessoas que entendam de xadrez. Enfim!

J: Ótimo! Para além das vivências relacionadas ao gênero que a gente já comentou, há outras que a senhora gostaria de trazer?

WIM7: Eu acho que quando a gente pensa em xadrez de excelência, a gente não pensa em gênero. O xadrez de excelência não tem gênero, mas quando a gente pensa em [áudio cortado devido à instabilidade no sinal da *internet*]... É bom ter, sabe? Mas qualquer classificação, qualquer coisa. Eu acho bom ter, assim [áudio cortado devido à instabilidade no sinal da *internet*]... Eu não tenho que dizer que aquele torneio é melhor ou pior, o torneio absoluto é melhor que o torneio feminino ou o masculino é melhor que o absoluto. E é engraçado que ninguém faz isso... Tem os Jogos da Medicina, alguém consegue dizer que os Jogos da Medicina são melhores do que os Jogos Juristas? Os jogos nacionais? Tem, não tem? Fazem essa comparação? Não fazem! E aí quando parte pra questão de gênero tem que ficar fazendo? Não tem gente, não tem que nada, a gente só tá seguindo. Por isso que eu disse que eu gosto, no caso... O absoluto seria a excelência, eu não gosto muito da palavra absoluto. Deus é absoluto e ponto, o resto é... Mas eu gosto da excelência, todo mundo joga, qualquer um, de qualquer nível, de qualquer coisa. Você quer ser melhor ali e pronto, você tá dando o melhor de si e isso é a sua excelência. Não posso dar mais do que eu tenho, do que eu posso dar. Mas do que eu posso dar pra mim basta, neste momento. A partir disso eu vou buscar mais, mais qualificação.

J: Excelente! Enquanto última questão, daquela criança que iniciou no xadrez, o que ficou em quem a senhora é hoje?

WIM7: Eu fico olhando pra uma foto que tem e que eu postei um dia desses daquela menina sorridente, eu acho que eu sorria mais. Hoje eu falo mais do que eu sorrio [risos]. Pra mim é o mesmo olhar, de buscar, procurar coisas. Eu tô o tempo todo de butuca, aproveitando oportunidades. Eu vou fazer 62 anos e parece que eu tô ali ainda... Só quando você para, “ah, não dá tempo mais de fazer isso, tem que dar uma corridinha”, né? Tem aquela coisa de ainda acreditar que vai dar certo, sabe? Sabe acreditar que vai dar certo? Acreditar que você tem que fazer coisas boas, que você faz diferença com o seu pingadinho. “Faça sua parte!”, é a primeira coisa antes de você ficar de butuca, faz alguma coisa. Ao invés de ficar jogando pedra lá no teto do vizinho, faz uma coisa boa aí. Não é que você não vai jogar pedra, a gente gosta de provocar. E mesmo quando você joga pedra lá no outro, você tá estimulando alguma coisa também. Ou seja, não é ruim também porque você acaba provocando. O movimento é que vai fazer a gente crescer, melhorar, se não a gente fica acomodado, entendeu?

J: Excelente! Por fim, há algo que a senhora queira acrescentar e que não foi contemplado neste roteiro?

WIM7: Ah, só vou lembrar outro dia! Com certeza deve ter alguma coisa porque são só 50 anos! [risos]. Claro que são duas histórias, uma história que é do Rio e tem o momento que eu saí do projeto. Mas eu acho que o valor do projeto! Eu acredito muito em projetos sociais e acho que a gente ainda tem muito pouco. E a outra coisa é que ainda é muito pouco divulgado, são muitos projetos e esses projetos são muito pouco divulgados ou pouco valorizados. Eu vibro quando eu vejo uma ação das professoras lá em São Paulo ou da Regina, eu vibro! Às vezes não são jogadoras campeãs, mas só de ver que elas ensinaram pras crianças, deram oportunidade. Então as vivências... Eu dou muito valor! A Cris no Rio Grande do Sul, aí tem em Minas... Então são muitas pessoas que acabaram saindo ou saem e não estão na escrita, o projeto não tá lá que ela é uma referência. Então sempre foram de referência pra mim. Tem muitos, tem muitos!

J: Excelente! Então neste sentido eu gostaria de reforçar os meus agradecimentos por toda a atenção em relação à pesquisa e todo o carinho com que a senhora conduziu o nosso diálogo. Muito obrigada!

WIM7: Eu te agradeço, você me arrancou muitas coisas que eu acho que eu nunca falei, né? Às vezes a gente conta a mesma coisa de uma outra forma também.

J: Claro, sem dúvidas!

WIM7: Eu quem te agradeço e parabenizo porque eu acho que esse trabalho que você tá fazendo é muito importante. São esses registros que cada vez mais vão dar credibilidade e somar à essa história fantástica que nós temos. Nós temos uma história bastante rica, é muita coisa pra ser registrada ainda, é muita coisa. É pra servir de referência pra futuras gerações também!

J: Sem dúvidas, trabalhamos pra isso! Muito obrigada!

WIM7: Sucesso! Precisando de qualquer coisa, pode dar um toque.

J: Pode deixar, obrigada!

Apêndice J – Íntegra da entrevista (WIM 8)

J: Eu gostaria de agradecê-la por toda a atenção em relação ao estudo. Qual é a sua idade?

WIM8: Atualmente 46 anos.

J: Excelente! Data de nascimento?

WIM8: 21/02/1978.

J: Ok! Gênero?

WIM8: Feminino.

J: Cidade de nascimento?

WIM8: Manaus, no estado do Amazonas, Brasil.

J: Ótimo! Cidade de residência?

WIM8: Nova York, Estados Unidos.

J: Ok! Cor da pele?

WIM8: Sou *mix*! Deve ver misturado, não sei [risos].

J: Ok! Nível de escolaridade?

WIM8: Mestrado em Finanças.

J: Ótimo! As etapas anteriores do ciclo da sua Educação Básica foram cursadas em sua maior parte em ensino público ou privado?

WIM8: Tudo ensino público, tanto no Brasil como nos Estados Unidos. Ah, perdão! *High school*, o meu segundo grau no Brasil que eu não sei o nome que eles dão hoje... *High school* no Brasil? Foi em bolsa através das portas que o xadrez abriu em escola particular.

J: Ótimo! O Ensino Superior foi cursado em qual instituição?

WIM8: Nos Estados Unidos, em Nova York, em uma universidade pública, *Lima College*.

J: Excelente! Em qual curso?

WIM8: Eu fiz Sociologia com – eles chamam de *minor* – em Educação Infantil. E fiz o mestrado em Finanças.

J: Olha que interessante, você fez Sociologia! O nosso estudo tem o referencial teórico-metodológico de Pierre Bourdieu, provavelmente você deve conhecer! [risos].

WIM8: Com certeza! [risos].

J: Bacana! Atual ocupação?

WIM8: Professora de xadrez e organizadora de eventos de xadrez.

J: Certo! Considerando o salário mínimo de R\$ 1320,00 no Brasil, como é que você caracteriza a sua renda média família mensal?

WIM8: A minha... Mensal... Bom, eu na verdade trabalho no que eles chamam de *part-time* que não é o tempo integral porque decidi dedicar muito tempo aos meus filhos porque tenho pequenos de 7 e 8 anos de idade. Então eles demandam bastante tempo pra educação e para tudo no geral, então eu decidi fazer o xadrez como um trabalho que não é integral. Então eu não estou trabalhando *full-time*, integralmente, porque decidi dedicar esse tempo às crianças. Então a minha média de salário anual, por essa questão do tempo que não é integral que eu faço, é de \$50.000 dólares ao ano. O que pro *status* de vida americano não é... Só 25%, 50% vai pro custo geral de vida que a gente tem

aqui. Mas foi o que eu decidi na questão financeira, dedicar mais tempo às crianças do que fazer dinheiro.

J: Ótimo, muito obrigada! Agora eu gostaria que você se lembrasse dos membros da sua família que faziam parte da sua vivência durante a infância. Quem eram eles?

WIM8: Membros da minha família que faziam parte durante a infância... Que contribuíram com o meu crescimento no xadrez ou com o meu crescimento pessoal?

J: É mais simples, seria a sua família nuclear.

WIM8: Ah, ok! Você tá falando da minha mãe, da minha irmã... Eu pensei que tinha que ser algo relacionado com o xadrez [risos].

J: Ainda não! [risos].

WIM8: Mãe solteira... Minha mãe nos criou muito cedo, aos 18, 19 anos, então mãe solteira. Coisa muito recorrente no Brasil, ainda não mudou muito isso. Minha irmã é de outro casamento da minha mãe, criados pelos avós. Por toda uma comunidade porque, como se diz, uma criança não se cria sozinha, necessita toda uma comunidade pra isso. Então realmente a minha mãe tinha que trabalhar pela questão financeira e nós éramos criados e monitorados pelos avós, por primos, por tias, por tudo isso.

J: Ótimo! Então pra cada um deles, ou seja, pra sua mãe, pra sua irmã e pros seus avós a gente vai fazer uma caracterização socioeconômica de nível de escolaridade e ocupação. Então começando pela sua mãe, nível de escolaridade e ocupação?

WIM8: A minha mãe chegou a terminar o Segundo Grau e ela trabalhava com Administração, tipo uma secretária.

J: Ótimo! O mesmo pra sua irmã?

WIM8: Na época minha irmã era 5 anos mais nova do que eu. Então fazia escola, eu acho que ela finalizou somente até o Segundo Grau. É assim que chama no Brasil? Eu fico meio perdida nos termos hoje.

J: Isso, é isso mesmo!

WIM8: Ainda chama Segundo Grau?

J: É uma linguagem mais antiga, hoje em dia é o Ensino Médio.

WIM8: Ensino Médio! Finalizou o Ensino Médio, mas casou muito jovem porque também foi uma mãe adolescente, mais jovem do que a minha mãe até, aos 15 anos eu acho. E a minha vó eu acho que não deve ter terminado... Ou deve, não sei se terminou o Ensino Médio. Teve muitos filhos, 11 filhos ou um pouquinho mais, então ela ficava em casa cuidando dos filhos e netos e fazendo trabalhos do tipo lavando roupas pra pessoas que contratavam ela na mão, o que é uma coisa impressionante pra ela ter uma renda. E o meu vô trabalhou... Eu acho que o meu avô nem sequer sabia ler, eu acho que sim, eu acho que o meu avô nem sabia ler e trabalhou toda uma vida como obreiro de obras. E praticamente é isso! Pra manter toda uma família.

J: Excelente! Então assim a gente termina essa primeira fase de caracterização e parte pra segunda fase do roteiro de questões um pouco mais dissertativas. Então pra começar eu gostaria que você me falasse um pouco sobre a sua trajetória no xadrez, desde a iniciação, passando pelo título internacional na modalidade, até os dias atuais. Fique bastante à vontade para se alongar, eu estou aqui para te ouvir!

WIM8: Ok! O início no xadrez chegou pra mim de uma forma que foi no bairro que nós morávamos, existia como um hábito, era muito divertido. Aos domingos fechava a rua e trazia o esporte, trazia diferentes brincadeiras. E em um desses domingos chegou o xadrez, o meu tio – que era casado com a minha tia na época – era um político, Raimundo Gama Nonato. Tio Nato! [risos]. Ele trouxe o xadrez junto com um grupo de amigos, eles jogavam damas e aí alguém ensinou eles a jogar xadrez e eles ficaram fascinados. Trouxeram pro bairro e acho que a garotada inteira aprendeu, eu tenho vários primos, tipo 10 primos ou mais que todos eles aprenderam. Havia muita garotada da mesma idade na época e coincidentemente, quando todo mundo aprendeu, todo mundo ficou brincando e dando mate pastor um no outro [risos]... Esse era o nosso objetivo de jogar xadrez, era dar o mate pastor. E até que o meu tio descobriu uma federação de xadrez que era também em um clube de xadrez chamado Luz Esporte Clube que era uma sede doada... Não era doada, eram os portugueses que tinham esse local. E tinha uma sala dedicada ao xadrez e eles permitiram criar uma federação de xadrez nessa sala e criar um clube. Faziam torneios, faziam eventos e o pessoal patrocinava esse clube que eram os senhores portugueses com muitos recursos

financeiros, eles estavam lá todo sábado e domingo jogando xadrez entre eles, tinha até uma mesinha especial pra eles. Então foi aí que eu conheci o xadrez, no clube indo mais todos os sábados e domingos. Até hoje eu falo pros meus alunos que eu durei tipo 1 ano inteiro indo pra lá, jogando com adultos na maioria das vezes e eu não lembro de ter sequer ganho uma só partida. Então eu sempre falo pra eles, “você acham que eu desisti do xadrez, apesar de passar o ano inteiro sem faltar um domingo, sem faltar um sábado, das 3 da tarde até 8, 9 da noite lá jogando xadrez e perdendo, perdendo, perdendo?”. Então nessa questão o clube me ajudou muito porque eu tava nesse ambiente todo o tempo, dedicando muitas horas. Mas também não havia jogadores de xadrez que tinham algum tipo de título, tinha um *rating*, mas era um *rating* máximo de 1500, 1800 e talvez era esse *rating*, nem sequer eles... Mas havia um grupo muito jovem que estava lendo livros, aprendendo, tratando de melhorar e aí eu tinha acesso, de vez em quando, a alguns treinamentos que eles faziam pra essa garotada. Mas eu tava muito abaixo do nível. Mas o clube de xadrez, através do presidente da época e organizador de torneios José Francisco Magalhães Neto, doutor Magalhães, me proporcionou a oportunidade de seguir no xadrez e melhorar.

J: Ótimo!

WIM8: Ah, até o título? Ah, tá! Faltou, essa é a primeira parte... Nesse período nós tínhamos pouco acesso à livros de xadrez, à informação. Estamos em Manaus, estamos no Amazonas. Então de vez em quando eles conseguiam trazer ao clube alguém que estava visitando Manaus. Então nós tínhamos muito pouco acesso aos treinamentos de xadrez e havia acesso, entre eles, de livros de espanhol. Mas pra quem não falava espanhol e quem mal falava português, ler em espanhol era muito complicado. Era complicado essa questão do treinamento, mas o que eu fazia muito era tática, eu lembro que eu pegava livro de xadrez e fazia muita tática. E não lia muita literatura do xadrez, mas houve um livro só que eu lembro que todo mundo leu no clube que era o Xadrez Básico. Até hoje eu lembro, era um vermelhinho na época, outros tinham outras cores, mas eu lembro do meu vermelhinho. Mas era muito um xadrez básico realmente, era bem básico, mas colaborou pro meu interesse pelo xadrez. Logo em seguida, aos 10 pros 11 anos – eu comecei xadrez de 9 pra 10 anos – eu joguei o Campeonato do Amazonas entre crianças e ganhei, qualifiquei para um Brasileiro. Joguei o Brasileiro uma categoria acima por equivocação e fiquei em 2º, mas não sei por qual razão eles me

deram a oportunidade de representar o Brasil na Romênia como vice-campeã. Não sei o que aconteceu, mas foi oferecida a vaga e eu fui. Então a partir daí nós tínhamos pessoas dentro do clube de xadrez que tinham certa conexão com grupos políticos em Manaus e eles começaram a pedir apoio financeiro pro governo ajudar nas passagens, alguma ajuda de custo. Coisa que não acontecia essa ajuda de custo, era mais entre os jogadores mesmo que faziam vaquinha pra me ajudar e eu poder viajar. Nisso eu comecei a jogar os Pan-Americanos, os Brasileiros, comecei a ganhar os Pan-Americanos, os Brasileiros de categorias e foram aparecendo oportunidades de patrocinadores. E com essa oportunidade de patrocinadores eu pude ter acesso a treinadores de xadrez de São Paulo. Então foi aí que eu pude ir melhorando, ganhei o meu título de Mestre FIDE através destes torneios promocionais que eles fazem do Pan-Americano. E depois finalizei o meu Ensino Médio em Manaus e decidi me mudar pra São Paulo porque eu jogava por São Caetano, então já tinha certa independência financeira para poder morar em São Paulo, jogar e fazer alguns eventos aqui e ali por São Caetano. Então decidi me dedicar ao xadrez e depois, em 97, decidi me mudar pra outro país porque eu queria me tornar Grande Mestre. Eu tinha três opções: Espanha, Rússia ou Cuba, eu optei por Rússia. Mas na época era um período muito turbulento na Rússia, então o meu chefe e coordenador de xadrez da equipe de São Caetano, saudoso amigo Lélío Sarcedo... Ele era Mestre Internacional de damas, então ele tinha conexão com todos os Grandes Mestres, com todo mundo na Rússia. Então ele recebeu a notícia de que eu não deveria ir porque era jovem e mulher e era muito perigoso ir pra Rússia. Então nós estávamos já na mesma equipe que tinha a Grande Mestre Vivian Ramon, então a Vivian morava em Cuba e nós fizemos a conexão para ir à Cuba. E aí eu fui à Cuba – no meio ou finalizando 1997 – estudar xadrez, contratei treinadores lá. Foi a primeira vez que realmente eu vivi em um ambiente do xadrez, mas em um ambiente onde as pessoas realmente respiravam e tudo isso era realmente xadrez, não tinha outra vida pra eles poderem ter algum tipo de vida fora disso. Dentro de Cuba eles tinham que ter um título de xadrez, então dava a oportunidade pra gente viajar e tudo mais. Então eu morei em Cuba, treinei com um grupo... Tive a oportunidade até de participar de muitas atividades que tinha o Grande Mestre Leinier, a maioria dos Grandes Mestres, Neuris Delgado, todos éramos jovens... Lázaro Bruzón, todos ainda não eram Grandes Mestres e eu tive a oportunidade de treinar com eles na época. Então eu tava no caminho certo

para me tornar Grande Mestre, mas pelo fato de eu... Nesse período eu me tornei Mestre Internacional através de um Pan-Americano de xadrez e tava no caminho pra ser Grande Mestre, mas senti a frustração aos 19, 20 anos de que eu não estava fazendo nada pra minha vida. “Ok! Xadrez, grande coisa”, não sentia que eu estava fazendo muito progresso na vida, então decidi voltar pro Brasil e fazer faculdade. Eu, realmente, por falta de certo guia da minha família – porque minha família fez, no máximo, o Ensino Médio com a minha mãe –, nunca houve aquela cobrança de fazer faculdade, de que o xadrez é um caminho, mas você também tem que dedicar. Você pode fazer as duas coisas ao mesmo tempo – até hoje eu acredito nisso –, você pode fazer qualquer esporte e também dedicar ao acadêmico. Mas eu senti esse vazio de que o acadêmico faltava na minha vida – apesar que eu nunca tive certa influência ou a minha mãe e a minha família nunca impuseram isso na minha vida –, mas eu senti isso e por essa razão eu deixei o xadrez de lado e decidi seguir a minha vida pra tentar fazer faculdade. Eu não consegui, a frustração foi tão grande com o xadrez que eu jogava xadrez esporadicamente, mas não era mais aquela paixão com o objetivo de ser Grande Mestre. Simplesmente chegou um ponto em que eu realmente... Eu tava no caminho certo em Cuba, mas em algum momento houve essa frustração em relação a isso. Também houve muitos problemas políticos, falta de ajuda da nossa federação brasileira de xadrez. Então houve muita frustração em tudo isso, houve muito conflito interno e conflito externo e basicamente eu desisti do sonho de ser Grande Mestre.

J: Ótimo! Neste sentido eu vou te fazer algumas questões pra gente aprofundar alguns pontos desta trajetória que você me contou. Eu gostaria de saber um pouco mais sobre como eram essas práticas iniciais antes da sua entrada no clube de xadrez. Eram com o seu tio, eram no bairro? O que é que vocês faziam, quais os sentimentos vivenciados?

WIM8: Era super legal, era algo novo pra gente e xadrez é fascinante! Você vê essas peças e é uma coisa fascinante. É um mistério quando você não tem ideia das estratégias, da tática, então é algo muito fascinante. E nós todos, até o meu tio, havíamos aprendido xadrez de ouvido, ou seja, alguém falou que é assim que move as peças. Só pra você ter uma ideia, não existia livros, não existia vídeos, não havia informação. Então nessa questão aí eram nossas práticas e nossas brincadeiras entre primos, vizinhos. Era realmente como eu falei, tentando dar mate pastor um no outro, era praticamente isso de diferentes formas. O que significa que nós aprendemos xadrez

incorretamente, criamos muitos maus hábitos por não entender a questão do princípio da abertura de controlar o centro, desenvolver as peças menores e rocar, segurança do rei. Então nós não tínhamos ideia, tudo o que nós fazíamos era mover peão e trazer a dama pra fora. Então realmente eu, pra mim, foi muitos anos pra entender que isso não era xadrez. Por isso que eu sempre falo que xadrez, piano, instrumento, você tem que aprender da forma correta porque depois que você cria maus hábitos vai durar anos pra você soltar esses maus hábitos. Até eu chegar em Cuba o meu treinador falava “você entende que o peão não volta mais, no momento em que você moveu esse peãozinho, você já criou debilidades” e eu não conseguia entender isso. E eu já era Mestre FIDE, já estava me tornando Mestre Internacional e tinha uma força tática muito alta, mas estratégica muito baixa. Eu era muito boa no final, mas muito ruim... Não final, eu era muito boa na tática e no meio-jogo, nessa questão de finalização tática, de cálculo, mas eu tinha muita debilidade na questão do meio-jogo e do final. Então pra mim xadrez era atacar e tudo ou nada, e isso não é xadrez. Então pra mim foi um processo até os 18, 19 anos bem chocante porque eu tive que reaprender a estudar, reaprender a jogar xadrez corretamente e entender xadrez da forma correta. Método russo, né? Eles usam lá. Então no Brasil eu lembro que nós tivemos a oportunidade de contratar treinadores, através de patrocinadores, mas os treinadores no Brasil não dão muita ênfase – pelo menos os que eu treinei – nessa questão da estratégia, de estudar. Eu lembro que teve um treinador que até hoje eu fico abismada só de lembrar o absurdo de passar 3, 4 horas memorizando aberturas onde eu tinha uma debilidade, um buraco grande no meio-jogo e no final. Então realmente até hoje eu não consigo entender e o pessoal falava “puxa, você estuda tanto xadrez, por que não melhora?”, “nunca vou melhorar, eu tô memorizando abertura!”. Eu não entendia o porquê eu não melhorava e era realmente essa questão que eu tava dedicando tempo ao xadrez, mas da forma incorreta. E direcionada por um Mestre Internacional de xadrez, o que é o mais chocante de tudo.

J: Ok! O seu tio, que foi com quem você primeiramente aprendeu, já tinha algum envolvimento com o xadrez?

WIM8: Não, ele jogava damas de *hobbie* e aprendeu a jogar xadrez no parque – como ele jogava damas e de vez em quando ele passava pelo parque –, mas jogava damas e alguém ensinou ele a jogar xadrez. Foi o senhor Torres, saudoso senhor Torres. E acho que ele o ensinou a jogar xadrez, ele ficou fascinado e trouxe o xadrez. Nós todos

jogávamos damas, ele ensinava pro grupo inteiro e gostava muito de participar da comunidade, dessa questão e tudo. Mas o xadrez foi algo que contagiou realmente muita gente e pra mim foi a única coisa que realmente eu sentia paixão. E até hoje! [risos]. Ele aprendeu a jogar xadrez de ouvido, alguém falou. Não foi de livro, de nenhuma informação, foi de alguém falar. Tanto é que havia muitas regras... Por exemplo, rocar, nós rocávamos tocando a torre. E até em um torneio nacional que eu joguei, eu fiz isso e perdi o roque porque não sabia nem sequer essa questão da regra. Jogando campeonato nacional! Tudo isso aí não deveria acontecer em campeonato nacional, mas era realmente falta de formação.

J: Bacana! Quais eram as principais diferenças que você sentiu entre a prática que tinha então no seu bairro com os vizinhos, com o seu tio e a prática que vivenciou ao longo de sua entrada no clube de xadrez?

WIM8: Foi uma diferença muito grande, primeiro porque nós realmente mal sabíamos jogar corretamente com as peças. Nós realmente dávamos muita ênfase somente ao mate pastor, então nós não tínhamos qualquer tipo de estratégia. Quando eu cheguei no clube eles estavam mais avançados porque eles entendiam que era importante estudar tática, fazer tática, então eu comecei a fazer. Eles entendiam o princípio da abertura um pouquinho mais, apesar que eu já tinha criado esse hábito por muitos anos de atacar, atacar muito com o peão, criar muita debilidade, trazer a dama no jogo. É difícil quando você tá só em um ambiente onde as pessoas estão jogando, aprendendo, mas eles não têm aquele conhecimento pra te ensinar tão profundamente o que é que você pode fazer pra melhorar, esses erros que você tá fazendo. Então não existia essa questão de ter um guia, não era muito profundo, era muito básico. Mas esse muito básico me ajudou a ser campeã brasileira, a ser campeã pan-americana... Na raça mesmo porque não tinha muito conhecimento [risos].

J: Ok! Você comenta de uma migração para São Paulo. O que é que essa transformação de lugar te trouxe, que diferenças você pôde vivenciar?

WIM8: No momento em que eu fui contratada pra jogar por São Caetano... Eu terminei o meu Ensino Médio e como não havia nenhum tipo de expectativa ou guia da minha família que eu deveria fazer faculdade, então eu decidi me dedicar totalmente ao xadrez. Erro total, eu amo xadrez, dou aula de xadrez, essa é a minha vida, mas eu acho que

você pode fazer as duas coisas, você pode fazer xadrez e dedicar ao teu acadêmico. Então eu realmente tive essa decisão, fui morar em São Paulo, morei no centro da cidade próximo ao Clube de Xadrez de São Paulo. Nós tínhamos na equipe a Grande Mestre Vivian Ramon, então no período que ela vinha pro Brasil pra jogar por São Caetano ela passava tipo 3 meses no Brasil fazendo um tipo de promoções do xadrez pra São Caetano. Então nesse período nós morávamos juntas e aí nós treinávamos, então foi a primeira vez – apesar que eu já tinha treinado com Grande Mestre e Mestre Internacional no Brasil muito fortes – que eu senti que eu estava estudando xadrez corretamente porque ela tava trazendo o Método Russo que eles trabalham e eu senti que tava entendendo melhor xadrez, eu tava trabalhando a compreensão de se estudar melhor xadrez corretamente. Então dos 9 anos pros 18 anos fazendo tudo errado, praticamente, né? E mesmo assim ganhava torneios, mas, como eu falo, ganhava por questão tática, não por entender xadrez.

J: Ótimo! E em relação a essa segunda migração pra Cuba, quais as principais diferenças que você percebeu?

WIM8: Pois é, em Cuba você entra em um ambiente lá e no momento que você entra em um ambiente de xadrez, todo mundo é totalmente dedicado ao xadrez. Não fazem nada que não seja focado em melhorar a questão técnica do xadrez. Então eu fui à Cuba através da Vivian, através do instituto do ISLA na época, eu acho que hoje ainda deve ter... Então nós tínhamos um treinador e também havia eventos que nós participávamos. Havia o treinamento da juventude que eram os talentos de Cuba na época, então eu tive oportunidade de fazer muitos treinamentos junto com o que hoje, em sua maioria, são Grandes Mestres. No passado, na época não eram... Acho que eram Mestres, mas não eram Grandes Mestres. Então hoje todos são Grandes Mestres porque eu treinei na época, tanto as meninas quanto os meninos. Então eu transpirava xadrez e tudo era relacionado ao xadrez, foi uma época muito legal na minha vida. Se eu tivesse continuado, se não tivesse acontecido tanta coisa interna e externa... Só com o ambiente de Cuba, só com o treinamento e estrutura que eu tinha em Cuba, era suficiente pra ser Grande Mestre em 2 anos ou menos. Mas desisti no meio do caminho.

J: Bacana! Pra ti, como é que se deu o seu interesse pelo xadrez?

WIM8: Através desse grupo, do meu tio, dos meus primos, dos meus vizinhos. Nós íamos em bandos gigantes pra esse clube de xadrez quando ele descobriu que existia esse clube em Manaus. Então foi algo... Chegamos, pela primeira vez, em uma caravana com 20, 25 crianças e meu tio e outros adultos levando a gente. Andando, a pé, porque não tínhamos dinheiro pro transporte. Então nós chegávamos em caravanas, andando a pé por, sei lá, deixa eu pensar aqui... 30 minutos caminhando pro clube. E nessa questão ajudou bastante pra mim manter o interesse pelo xadrez, esse ambiente de sábado e domingo no clube, pra mim foi algo importantíssimo pra continuar com o xadrez. Mas a partir do momento que eu vi o xadrez bateu aquele amor à primeira vista, aquela paixão.

J: Ótimo! E na escola, havia o contato com a prática?

WIM8: Na escola em Manaus nós não tínhamos xadrez, nenhum tipo de xadrez. Não lembro de nenhuma escola, nós não tínhamos xadrez nas escolas. Nada! Nenhum tipo de ambiente de xadrez. O ambiente meu era praticamente somente – depois que eu melhorei o meu nível e passei dos meus primos, do meu tio e dos meus vizinhos – o clube de xadrez.

J: Ótimo! Considerando todo o seu percurso, houveram interrupções, rupturas ou a sua carreira se deu mais enquanto um processo contínuo?

WIM8: Foi contínuo, a única parte que houve interrupção foi quando eu voltei de Cuba pro Brasil que foi em 2000 e que eu decidi que eu não ia mais seguir com o xadrez como meu principal foco, que eu ia fazer outras coisas na minha vida e que eu ia ter o xadrez como um *hobbie*, mais que outras coisas. Mas nesse período também foi o período em que eu ainda jogava... Porque eu ainda recebia um salário pelo clube de São Caetano, então eu ainda participava dos Jogos Regionais e dos Jogos Abertos por São Caetano. E nesse período foram os últimos torneios que eu oficialmente jogava. E aí eu fui em um ou outro Campeonato Brasileiro Feminino, mas era assim, esporádico! Eu jogava um ou dois torneios ao ano e não estudava nada de xadrez. Eu pude ser campeã brasileira duas vezes nesse período, mas não havia mais aquele sonho, aquele objetivo de dedicar minha vida e ser Grande Mestra. Nesse período já não era mais o meu objetivo principal, como eu tava contratada por São Caetano eu participava, se tinha a oportunidade de jogar um Campeonato Brasileiro eu participava e mais nada. Não era

uma coisa... Joguei uma Olimpíada nesse período porque fui campeã brasileira, mas não era uma coisa realmente que era o meu objetivo em geral.

J: Que peso você atribui ao investimento pessoal que teve pra construir a sua habilidade no xadrez? Ou seja, do que é que você abriu mão?

WIM8: Olha, a questão financeira e socioeconômica na minha vida... A família não tinha... Nós éramos de uma família muito humilde de muitos poucos recursos financeiros, então não havia muita opção pra fazer qualquer outra coisa ao não ser xadrez que era praticamente grátis. Então realmente eu creio que deva ter aberto mão porque eu me dediquei muito ao xadrez, mas porque eu realmente não tinha opção financeira, não tinha muita opção. Mas o xadrez, na verdade, abriu as portas pra mim quando eu comecei a ter um certo destaque, o xadrez começou a abrir as portas de treinamentos, de físico... Nós tínhamos um local que era como uma vila olímpica, então eles abriram uma salinha de xadrez lá e eu ia treinar, eles tinham lá um treinador com *rating* de 1500, 1600. Era um treinador que não tinha tanto pra oferecer, mas tinha um ambiente pra gente fazer outros esportes, então eu aproveitava que tava indo e depois da aula ia pra lá, treinava um pouquinho de xadrez, jogava um pouquinho de xadrez e ia fazer natação, ia fazer tênis de mesa e ia fazer outras coisas por outros interesses, mas mais por *hobbie* do que qualquer outra coisa. Então na verdade o xadrez foi abrindo portas na minha vida, o fato de eu ter chegado nos Estados Unidos foi através do xadrez porque houve uma oportunidade de uma bolsa de estudos através do xadrez. Então o xadrez, na verdade, me abriu portas. Não me trouxe fortunas financeiras, mas me trouxe muitas alegrias pessoais e me deu muita oportunidade de viver, de viajar, de conhecer pessoas e muita coisa nessa questão.

J: Ótimo! Como era pra ti essa condição de ser bolsista?

WIM8: Eu abusava deles, eles realmente me davam uma liberdade impressionante em relação a faltar das aulas, ausências e faziam muita recomposição de material, de prova, de teste, de tudo. Na verdade eu era uma privilegiada e me ajudaram bastante nessa questão. Hoje em dia não é tão fácil você fazer algo assim, muitas poucas escolas querem abrir mão da questão acadêmica pra dar prioridade à questão da *performance* atlética. Eles me ajudavam muito, eu tinha tutores, me ajudou bastante. O xadrez, realmente, foi algo assim que... E aparecia tutores a todo tempo, eram amigos do xadrez,

“ah, tá ruim nessa matéria, vamos lá! Vem pra cá, passa 3 horas aqui comigo, passa 5 horas aqui comigo, vamos estudar!”. Então o xadrez ele sempre, através do ambiente... Eu sempre tive esse apoio infinito em toda a questão pra eu poder seguir com o xadrez. Então a nossa comunidade do xadrez do Amazonas era muito unida nessa questão, estavam muito dedicados a me ajudar e eu sou eternamente grata, agradecida a todos eles.

J: Excelente! E quando a gente pensa em terceiros, o que é que outras pessoas tiveram que abrir mão ou tiveram que investir em você?

WIM8: Interessante essa pergunta! É difícil responder por terceiros, eu consigo responder por mim, mas por terceiros eu não saberia realmente. Eu sei que o professor Magalhães ele dedicou muito tempo da vida dele a organizar torneios de xadrez, a dar treinamento pra juventude, a viajar com a gente, a tirar dinheiro do bolso dele pra poder viajar com a gente. Então ele fez muitos sacrifícios pessoais pra poder nos ajudar e principalmente a mim, eu era uma das principais beneficiadas da generosidade do professor Magalhães. Outra pessoa também que doou o seu tempo e o seu recurso financeiro foi o doutor Aníbal Lobo que viajava comigo pra torneios internacionais já que a minha mãe não podia viajar e eu não tinha recursos. Havia passagem do governo que oferecia uma passagem pra acompanhante e pra mim, mas não tinha quem viajasse porque viagens internacionais custam dinheiro. Então o doutor Aníbal hoje eu considero um padrinho na minha vida, ele fazia isso, fazia sacrifício financeiro, ele deixava reservado um período do trabalho pra poder viajar pros torneios que requeriam um adulto que me acompanhasse. Então pra mim isso é algo impressionante, até hoje eu sou eternamente agradecida aos dois e nutro uma amizade muito grande com os dois. Tem o meu tio Nonato também, ele sacrificou bastante também, todos os sábados e domingos ele tava lá. Ele tinha paixão pelo xadrez, mas muito ele fazia também pra me ajudar, pra me levar. Mas esse também realmente fez muitos sacrifícios pessoais pra estar lá todo sábado e domingo.

J: Ótimo! Que expectativas você tinha sobre si?

WIM8: Relacionadas ao xadrez? Eu queria ser Grande Mestre, esse era o meu objetivo, essa era a minha expectativa e eu acreditava claramente que eu ia ser Grande Mestre. Então o meu objetivo era ser a primeira Grande Mestre, eu tava no caminho certo, o

duro é que houveram tanto problemas internos e externos que realmente me desviaram do caminho. Mas hoje em dia se eu tivesse a mentalidade que eu tenho hoje e tivesse tido essa oportunidade que eu tive no passado eu não desistiria, eu continuaria. Então realmente essa era a minha expectativa, me tornar a primeira Grande Mestre do Brasil.

J: Excelente! E o depósito de expectativas por outras pessoas, você sentia que havia?

WIM8: Eu acho que sempre, esse é um título excepcional, até hoje ninguém ainda teve tão próximo de chegar. Ainda não oficialmente, ainda não tem no Brasil. Então foi uma frustração muito grande realmente eu ter desistido, então pra eles também, pro pessoal que no início... Mas assim, eu já tinha o título de Mestre Internacional, então isso já era uma coisa excepcional pro estado do Amazonas porque até hoje eu acho que nós não temos nenhum Mestre Internacional no xadrez de Manaus. Então eu ainda mantenho um título muito alto, muito grande. Títulos Pan-Americanos, títulos Brasileiros, fui duas vezes campeã brasileira feminina no geral, não só por categoria, mas geral. Então realmente essa questão dos títulos e conquistas é excepcional comparado a como eu vim e como foi a minha trajetória. Mas houve mais pressão minha a mim mesma do que de fora com relação a mim nessa questão da expectativa.

J: Bacana! Como se dava e foi se transformando a sua rotina de preparação e treinamento?

WIM8: Em que período? [risos].

J: Pode pensar durante toda a trajetória, então na iniciação, especialização e alto rendimento.

WIM8: No início nunca houve treinamento relacionado a livros, como eu falei. Nós não tínhamos vídeos no *YouTube*, então realmente essa questão aí no início e até hoje foi muito prático. Foi jogar muita partida de xadrez no clube de xadrez e períodos que eu fazia livros de tática. Foi um período muito longo nessa questão, por isso eu criei tantos maus hábitos que eu falo até hoje. Até chegar Cuba que o meu treinador falou “é uma coisa tão simples, tão lógica”. Hoje meus aluninhos de 6, 7 anos já entendem a importância do princípio da abertura, mas principalmente não ficar movendo tantos peões e trazer a dama. Pros meus alunos hoje eu dou uma mão se eles quiserem trazer a dama pra um mate pastor, mas realmente eles aprendem como defender contra o mate

pastor, mas não criam esse hábito de tratarem... Então eu explico a diferença pra eles do que é uma teoria do xadrez e do que são os princípios da abertura porque muitas vezes o princípio vai ser quebrado se esse princípio é apoiado pela teoria da abertura. Então eu explico muito cedo, muitos deles nem... Eu não vou profundamente, mas eles entendem que eles têm que ir pelo caminho dos princípios das aberturas ao invés de estar movendo tanto com os peões e atrasando o seu desenvolvimento das peças. Mas realmente isso pra mim foi muitos anos de muito maus hábitos jogando Pan-Americanos, Campeonatos Mundiais, Campeonatos Nacionais, eventos e ainda fazendo... Eu até me surpreendo quando eu olho pra trás e vejo algumas partidas que estão na *internet* e não me lembro como eu cheguei à conclusão desta jogada. Tem partida que eu ainda fico impressionada que eu conseguia fazer boas partidas sem ter esse... Realmente eu fui reaprender ou aprender no período que eu fui morar em Cuba já com uma idade um pouquinho mais avançada.

J: Ótimo! Qual a importância ocupada pelo xadrez ao longo da sua história?

WIM8: O xadrez é o principal. Houve um período que eu não queria saber de xadrez, o período que eu jogava xadrez por uma questão de obrigação porque eu tinha um contrato com a cidade de São Caetano. E também, por conta deste contrato, eu precisava estar de uma forma ou de outra em forma porque nós tínhamos que manter o título de campeãs. Então era basicamente um período dos 21 aos 24 anos... Mais ou menos 3 anos, de uma forma ou de outra, eu via como uma obrigação, mais do que outra coisa, de trabalho. Depois já decidi que o xadrez não ia ser parte da minha vida como jogadora e casei, tive minha primeira filha aos 25 anos, então o xadrez realmente ficou totalmente pro segundo plano como jogadora. E aí nesse período eu tive contato com a mãe do *Josh Waitzkin* do livro *Searching for Bobby Fischer*, não sei como é a tradução pro português e não sei se você viu.

J: É o que deu origem ao filme, né?

WIM8: Como?

J: É o que deu origem ao filme *Lances Inocentes*.

WIM8: *Lances Inocentes*! Esse era o nome do filme. Josh esteve em Manaus quando eu tinha acabado de jogar o Campeonato Brasileiro e havia sido campeã, isso acho que foi

em 2004. E aí eu tava recentemente ajeitando as minhas coisas pra vir morar em Nova York, então um amigo em comum que era o Luís Almeida, saudoso, amigo querido que já hoje não está conosco! Ele me ligou falando “Tatiana, aqui está o menino do Lances Inocentes, do *Searching for Bobby Fischer* e eu gostaria que você os conhecesse porque você vai para Nova York e eles moram em Nova York, nunca se sabe se há qualquer oportunidade no xadrez pra você”. Eu falei “beleza, marca aí o nosso *dinner*, o nosso jantar!”. E fui, conheci o Josh, conheci o pai, ele falou “sabe o quê, minha mãe tem um programa de xadrez em *New Jersey*, vou falar com ela pra ela te contratar. Eu falei “legal, mas você sabe que o meu inglês é horrível”, “não se preocupa, você vai!”. E eu falava muito pouco em inglês, aí eu lembro que a mãe me falou muitas vezes... Me ligou quando eu cheguei em Nova York, “cheguei em Nova York, liga pra ela” e beleza! Cheguei em Nova York, liguei pra ela e ela falou “vem jantar aqui” e eu a conheci. Ela falou “eu tenho um programa e tem um professor que está indo pra outra área, então se você quiser você pode vir fazer um período com a gente pra ver se funciona ou não” e aí fiquei com ela por um bom tempo nessa escola de xadrez que de manhã era no currículo, era aula pra 1ª e 2ª série na grade da educação deles e a tarde era a parte do *after-school*, do programa depois da escola. Então foi um dos melhores programas de *New Jersey* em *Princeton*, próximo da faculdade de *Princeton*. Era uma escola particular onde as crianças pagam uma mensalidade anual de \$30.000 dólares, então era uma escola de uma classe de pessoas muito ricas. Mas nós conseguimos fazer um programa muito legal lá e eu pude viajar com eles pra Campeonatos Nacionais, Campeonatos Locais, Campeonatos Estaduais e fizemos um programa muito famoso pra todo o estado de *New Jersey*. Eu acho que eu vou ter que deixar você! [risos]. Eu tô recebendo aqui uma mensagem que eu preciso sair correndo, mas vamos continuar amanhã?

J: Claro, muito obrigada! Até amanhã!

[Dia seguinte].

J: Mais uma vez eu a agradeço pela disponibilidade em continuar o nosso diálogo! Dando sequência às questões, eu gostaria de te perguntar se durante a sua trajetória houveram temores, aflições, decepções ou mesmo dificuldades no caminho.

WIM8: Desde o início sempre, ou seja, tive origens muito humildes, a minha família realmente tinha condições financeiras muito limitadas. Então a questão é que tínhamos que ficar correndo atrás de patrocinadores, muitas vezes não chegava um patrocinar a tempo, não tinha como viajar. Mas havia muita dificuldade pra viajar, participar de torneios que não tinha jeito de participar e também treinamentos. O treinamento é a parte principal, no Amazonas eu não tinha acesso a treinadores de boa qualidade. Então nessa questão do início eu acho que eu persisti mais por ter pego paixão pelo xadrez e por ter tido esse ambiente do clube que eles sempre me apoiaram. Mas, assim, por muitos anos eu não tive acesso a um treinador de xadrez, houve falta de uma ajuda técnica nessa questão. Desistir sempre passava pela cabeça, mas realmente a maior decepção pra mim foi por todos os problemas do xadrez feminino que existiam no Brasil, nós ainda tínhamos uma barreira muito grande política. Havia muitos conflitos com a federação brasileira de xadrez, não havia apoio que deveria ser algo básico e eu disse “não, eles não tinham nenhum interesse de promover o xadrez feminino”. Então essa foi uma das frustrações mais grandes que eu tive e um dos atritos maiores que eu tive na minha carreira do xadrez e a luta final pra eu decidir também deixar o xadrez como jogadora profissional.

J: Ótimo! Neste mesmo sentido houveram restrições, limitações ou proibições advindas da prática?

WIM8: Relacionado à questão política sim, eu sempre fui muito de falar, fui muito de reivindicar meus direitos e isso você não vê muito no xadrez feminino. Então eu requisitei muito meus direitos e por essa questão fui... Meu título de Mestre Internacional nunca foi reivindicado pela federação brasileira de xadrez aos cuidados de Darcy Lima que até hoje tem autoridade sob o xadrez brasileiro, ele nunca solicitou e não tinha nenhum interesse em fazer essa solicitação. Antes dele também havia essa questão muito forte porque foram muitos anos que eu tive o direito de ter o meu título homologado e não foi homologado até 2012. Uma americana amiga tinha uma certa influência na FIDE, ela olhou os meus documentos e fez o meu pedido de homologação independente, não foi através da federação brasileira. Eu achava um absurdo que, como brasileira, a minha federação não queria pedir a homologação. Então foi uma questão realmente política, eu falava, reivindicava. Eu jogava alguns campeonatos junto com os meninos, Campeonatos Continentais, e os garotos tinham uma premiação em R\$

10.000,00 em dinheiro e o mesmo torneio tinha, pro feminino, R\$ 0,00. Então isso era um absurdo! Como você vai ter R\$ 10.000,00 de premiação em um torneio que é dedicado ao absoluto e ter R\$ 0,00 para o xadrez feminino? Então tudo isso aí realmente... Eu joguei um Campeonato Brasileiro que foi também realizado em São Caetano, todo mundo jogou, eu ganhei e o Darcy Lima cancelou o torneio [risos]. Eu vim de Cuba para São Caetano, o nosso saudoso Lélío organizou o torneio, jogaram todas as melhores jogadoras femininas como a Regina, a Jussara, todo mundo jogou e foi cancelado o torneio principalmente porque ele decidiu. Foi anunciado o campeonato, todo mundo foi jogar o Campeonato Brasileiro Feminino, eu ganhei e ele cancelou o torneio, ele decidiu fazer outro torneio. Então tudo isso você vai adicionando, não é só um episódio, eram vários episódios que era uma disputa pessoal que ele tinha contra mim. Eu falava, eu realmente não ficava calada, eu acreditava que eu tinha os meus direitos. Deveriam nos apoiar, nós deveríamos ter muito mais acesso a treinamento, muito mais acesso a preparações pra gente poder representar o Brasil da forma correta e nós não tínhamos. Nós não tínhamos bolsa do governo de Brasília, todo mundo tinha, até damas, e o xadrez não tem, pelo menos na época não tinha porque eles tinham fechado as portas pro xadrez do Brasil porque havia muita corrupção. Então realmente é frustrante e até hoje eu acredito que a maioria das coisas que acontecem no Brasil é por amor ao xadrez, não é por uma questão que a federação está fazendo algo. Na época pra mim era árduo, hoje eu já falo e eles já sabem claramente quem atrasou o xadrez no Brasil e infelizmente seguimos na mesma situação praticamente.

J: Certo! O que o xadrez representa pra você?

WIM8: O xadrez é minha vida [risos]. Eu sempre falo que o xadrez abriu todas as portas, todas as minhas melhores amigas são do xadrez, meu esposo, meus filhos, eu conheci ele através de um clube de xadrez em Miami. Então realmente se eu não tivesse nesse clube de xadrez eu não teria conhecido o pai dos meus filhos. Viagens, oportunidades de conhecer países, de morar nos Estados Unidos, todas essas oportunidades vieram através do xadrez. Então eu sou eternamente agradecida ao xadrez porque eu vim de uma família muito humilde e graças à Deus através do esporte, através do xadrez eu pude avançar, melhorar, fazer progressos na minha vida pessoal e profissional.

J: Ótimo! Como se constituiu o seu gosto pelo xadrez?

WIM8: Eu acho que foi paixão à primeira vista realmente, xadrez eu acho fantástico. Eu me emociono em ver partidas, eu vejo o xadrez como uma arte, eu vejo o xadrez como tudo: ciência, arte, esporte. Eu acho que o xadrez contribuiu muito para a minha formação acadêmica, mesmo que eu tenha dedicado pouco tempo ainda quando eu estava fazendo o meu estudo básico, o Ensino Médio. Mas por ter criado – depois de um certo tempo quando eu aprendi a estudar xadrez – o hábito de ler livros de xadrez, me ajudou a criar essa disciplina de quando eu decidi ir pra faculdade, fazer o meu mestrado. Fiz a faculdade nos Estados Unidos e terminei em um período que quase todos os americanos terminam, em 4 anos. Fiz o meu mestrado em 1 ano, ao invés de 2 eu fiz em 1 ano. A disciplina que o xadrez me trouxe foi transferida para os meus estudos, a minha disciplina de estudos no xadrez foi transferida pra minha vida acadêmica. Então o xadrez é a minha vida, eu sou completamente agradecida por essa oportunidade que me abriu muitas portas e é algo fundamental na minha vida.

J: Além do seu tio, existe mais alguém da sua família que tenha tido experiência com o xadrez?

WIM8: Todos os meus primos aprenderam a jogar xadrez, meus outros tios também. Todos visitaram o clube de xadrez, como eu falei pra você nós chegávamos em caravanas no Luz Esporte Clube. Mas somente o meu tio Nonato foi quem realmente persistiu e continuou, então ele foi a pessoa principal que continuou me levando. Todo mundo continuou no campinho e só nós dois continuamos neste percurso. Ele ama esporte, hoje ele é *coach* no futebol e professor de Física, então ele sempre foi um mentor. Pra mim foi o meu primeiro mentor, o meu principal mentor. Mas hoje ele é uma pessoa dedicada à mentoria e a ajudar a melhorar qualidade de vida dos jovens através do esporte.

J: Excelente! Além do xadrez, naquela época, você compartilhava o seu tempo livre com outras atividades esportivas ou de lazer?

WIM8: No início não porque foram muitos anos em que eu simplesmente só ia de sábado e domingo para o *chess club*. Houve um período da minha vida durante a adolescência que coincidiu que eles abriram o Clube Olímpico em Manaus. Quando eles

abriram, também abriram uma sala de xadrez, então nesse período da adolescência eu pude ir à sala de xadrez que nós tínhamos lá e aproveitava para fazer outros esportes. Fazia natação, fazia tênis de mesa, fazia atletismo. Não era uma questão de tempo dedicado a estes esportes porque não era como o xadrez, era apenas para ajudar a minha *performance* no xadrez. Até mesmo nessa época eu ainda não tinha muito acesso a treinador de xadrez, então nós tínhamos essa salinha, havia professores que eles contratavam que eram rapazes, pessoas jovens que tinham certo ofício no xadrez, mas não tinham nenhum nível técnico que passasse de 1700, 1800 de *rating*. Então nesse período da adolescência eu me dediquei muito ao esporte. Quando eu cheguei em Cuba, como eu estava na busca de ser Mestre Internacional e depois Grande Mestre, meu treinador de xadrez me direcionou para fazer esporte também, para trabalhar a questão física. Como nessa época eu tava fazendo esporte de alto rendimento e competia em alto rendimento a todo tempo, então ele achava que eu precisava também ter uma preparação física de alto rendimento. Então em Cuba eu estudava xadrez bastante e corretamente e, ao mesmo tempo, eu fazia todos os dias a minha preparação física. Eu ia correr todos os dias no ginásio lá, então foi muito bom, muito legal. Com uma boa preparação física eu pude melhorar o meu nível e entendimento de xadrez.

J: Ótimo! E atualmente, para além de levar o xadrez como profissão no ramo educacional, o considera um *hobbie*?

WIM8: Atualmente eu sou totalmente dedicada como *coach*, como treinadora. Eu tenho uma escola chamada *Chesskiddo* e nessa escola eu tenho alunos no estado de Nova York e *New Jersey*. E também organizo torneios, então o xadrez hoje pra mim é mais ajudar a garotada a amar o xadrez, a preparar para torneios locais, regionais, estaduais. Mas também usar o xadrez como uma ferramenta de conexão, de questão cultural. Então eu faço muita atividade relacionada ao xadrez para promover o xadrez para a criançada, o meu foco são crianças.

J: Excelente! A escolha do seu curso superior na universidade teve relação com o xadrez?

WIM8: Sim, eu fui à universidade com o objetivo de me especializar em Educação Infantil pra ser usado no xadrez. Na verdade eu fui pra faculdade pra poder exercer a carreira na universidade, mas o xadrez não permitiu [risos]. Então eu decidi continuar

trabalhando com o xadrez, trabalhei por muitos anos para outros programas de xadrez e hoje eu tenho o meu próprio programa onde eu vivo de xadrez nas escolas e eu também tenho xadrez no meu próprio local onde as crianças vêm receber aulas de xadrez.

J: Certo, fale um pouco sobre a carreira de uma jogadora de alto rendimento no xadrez brasileiro. Você se considerava uma profissional?

WIM8: Sim, ou seja, eu recebia salário para jogar pela equipe de São Caetano, então desse salário eu pude viver em Cuba sem problema. Era alto rendimento, mas ao mesmo tempo, no xadrez se você não está entre os melhores do mundo, você não tem como ganhar prêmios, premiação. É muito pouca a premiação pro xadrez... Hoje em dia já melhorou um pouquinho mais nessa questão, mas em geral você tem que ser *top 10, top 20* do mundo pra poder ir em torneios, ganhar prêmios e viver desses prêmios. Então, no meu caso, eu pude viver do xadrez porque eu tinha patrocinadores e porque eu tinha jogado pela equipe de São Caetano. Eu investi esse dinheiro no meu treinamento e por isso fui morar em Cuba, eu mesmo pagava. Havia uma parceria entre a cidade de São Caetano e o instituto ISLA, mas depois eu decidi sair desse acordo porque eu não estava muito feliz com os treinadores que eles tinham lá. Aí eu decidi morar sozinha em outra cidade, contratei eu mesma outro treinador e banqueei todo o meu treinamento físico e enxadrístico em outra cidade em Cuba. Mas praticamente eu era totalmente dedicada ao xadrez e estava realmente jogando os torneios. Era convidada, em Cuba, para o Memorial Capablanca, esses torneios locais, então eu estava já integrada ao grupo dos cubanos. Tanto é que todos os meus amigos na época... Nós fazíamos treinamentos em grupo, éramos adolescentes mas eu era, talvez, 3 anos mais velha que os demais, mas todos estes tornaram-se Grande Mestre. Todos, sem nenhuma exceção.

J: Ótimo! E a partir de quanto, pra ti, veio esse senso de profissionalismo?

WIM8: Eu acho que no momento em que eu terminei o Ensino Médio e eu fui contratada oficialmente pra representar a equipe de São Caetano, a minha vida foi dedicada ao xadrez a todo o tempo. Nessa época, quando eu fiz essa mudança de Manaus para São Paulo coincidiu que a equipe de São Caetano também contratou, como eu tinha falado antes, a Grande Mestre Vivian Ramon. Então ela foi a primeira treinadora que eu peguei e nós trabalhamos juntas por um período.

J: Excelente! Quais diferenças você percebe entre o contexto enxadrístico nacional e aqueles vivenciados por ti no exterior?

WIM8: Eu fui morar em Cuba porque a Vivian Ramon é cubana e foi o nosso *link*, a nossa decisão. A minha primeira opção era a Rússia porque eu adorava o idioma russo, eu queria aprender o russo e também porque eu estava decidida a me dedicar ao xadrez. Depois não deu certo pela questão política na época ir pra Rússia, então nós fomos pra Cuba por causa da Vivian. Mas em Cuba, pelo menos na época em que eu estive lá eu pude presenciar que eles tinham uma estrutura de classes de xadrez curriculares em todas as escolas. Depois que você pega aquela fase curricular, você joga os torneios locais, aí se você se destaca eles dão um acompanhamento na sua trajetória de vida no xadrez. Eles têm todo um acompanhamento “você se destacou, você é o campeão nacional, agora você vai ter acesso, independente de que estado você mora, a treinamentos com Grandes Mestre em um período tal com todo o grupo que está se destacando”, então eram selecionados. Nós tínhamos acesso a isso, coincidentemente, por causa da Vivian Ramon. Então a Vivian Ramon sempre teve influência no xadrez cubano, tanto é que hoje ela é a presidente, está no comando do xadrez, de ensino. Não sei se é da federação, eu acredito que seja, mas é uma questão mais educativa, ela sempre foi muito dedicada à questão da educação. Então a Vivian hoje ela está à frente do instituto do ISLA, então eles fazem muito essas coisas de treinamentos de jovens. Em Cuba, neste sentido, você tem um acompanhamento, não importa o estado que você mora, você vai, vão te dar estrutura. Tem local em Havana pra você receber alimentação, hospedagem e treinamento por um período de 10 dias ou mais, dependendo do que eles estão querendo realizar. E aí no caso desses adolescentes, eles também conseguem ficar em escolas internas que têm xadrez também. Eles têm aula regular, aí eles fazem esporte como se fosse uma vila olímpica, vivendo com grupos de todos os esportes. Mas eles têm seus treinadores, suas aulas normais e depois que terminam as aulas, continuam com o xadrez. E é totalmente integrado o país inteiro, tem uma comunicação entre as federações cubanas e a federação principal que busca os jogadores que são os campeões nacionais que, por sua vez, devem ser selecionados e receber o convite pra receber esses treinamentos. Os treinamentos são primordiais pra poder criar Mestres Internacionais e Grandes Mestres, no xadrez brasileiro tá faltando isso. Não tô dizendo sobre o sistema político e econômico de Cuba que é totalmente

diferente do Brasil, mas com uma estrutura assim, com uma federação brasileira voltada a esse treinamento básico da juventude e dos jovens, nós teríamos muitos Grandes Mestres porque nós temos um grupo muito grande de pessoas que gostam, amam o xadrez e teriam interesse de ter esse tipo de acesso. Então hoje nós não temos uma Grande Mestre Feminina por uma questão realmente de organização e política, nós não temos esse apoio no nosso sistema no Brasil. Mas eu aponto o dedo mais pra federação brasileira realmente.

J: Bacana! De maneira geral, como você avalia a sua trajetória no xadrez?

WIM8: De maneira geral eu acho que para você conseguir títulos de um certo nível de xadrez, em comparação, eu cheguei muito mais tarde. Mas eu comecei xadrez muito mais tarde e eu também tive muito menos apoios técnicos, muito menos acesso à questão técnica do xadrez pra poder melhorar o meu desempenho no tabuleiro. Então eu acho que eu sou um milagre no xadrez no mundo do Brasil, é algo que não era pra dar certo e deu, mas eu acho que deu certo mais pela questão da minha persistência e do meu amor pelo xadrez. Então é algo que realmente qualquer pessoa teria desistido [risos].

J: Ótimo! Quais atributos pessoais você acredita serem importantes para exercer a modalidade? O que é bom que uma pessoa tenha para praticar xadrez?

WIM8: Resiliência, isso é muito importante em toda a área que você faz. Disciplina realmente é algo que faz parte, isso você aplica em tudo o que você vai fazer na vida. Eu acho que é importante você trabalhar a criatividade, eu trabalho muito a minha criatividade na minha vida com os meus estudantes. Eu acho que a criatividade é algo que deve ser trabalhado a todo tempo. Eu dou muita aula de xadrez e trago muita coisa de fora pra você aplicar na sua vida em geral, você aplica no xadrez, mas você também pode aplicar em qualquer área que você faça da sua vida. Tem uma frase do Albert Einstein que ele fala “*imagination is more important than knowledge*”, conhece essa frase?

J: Já ouvi falar.

WIM8: Então ele acredita que a imaginação é mais importante que o conhecimento porque primeiro você imagina onde quer chegar, o que você quer obter e depois que

você já conhece, já tem uma ideia que quer chegar lá, então aí você começa a traçar a questão do conhecimento, do caminho, da rota que você vai traçar. Então eu acho que a imaginação é muito importante no xadrez, no geral. Precisa ser algo que você está diariamente trabalhando, eu falo isso pros alunos, é uma questão de treinamento diário você estar imaginando coisas incríveis e positivas para o ser humano. O que mais? Concentração, claro, é parte do xadrez e eu acho que resiliência, pois vai haver altos e baixos e você tem que seguir no caminho, não importa se você teve um bom dia ou um mau dia. Então eu acho que em geral o xadrez imita a vida, eu acredito muito nisso.

J: Destes atributos pessoais que você elencou, quais você julga possuir?

WIM8: Eu sou muito criativa, eu tenho uma imaginação muito fértil, sempre tive. Então isso me ajudou muito quando eu não tinha o conhecimento técnico do jogo e conseguia ganhar partidas só imaginando coisas loucas no tabuleiro e conseguia realizá-las [risos]. Então isso foi muito importante pra eu ganhar partidas que não deveria ter ganho pela questão realmente técnica. Sou muito resiliente, sou bem persistente nessa questão geral, tanto é que eu sempre falo pros meus alunos que estão chorando porque perderam uma partida, eu chego e conto essa história pra eles: “eu passei 1 ano inteiro no clube de xadrez entre adultos e nunca ganhei uma só partida, você acha que eu desisti do xadrez?” [risos]. Aí eles falam “não!” e eu falo “como é que você sabe que eu não desisti?”, “porque você está aqui!” e eu falo “pois é” [risos]. Mas aí tem um detalhe, tem pai que fala que ele está chorando, eu falo “deixa chorar, depois você usa toda essa raiva que você tem aí dentro pra estudar xadrez, pra fazer sua tática, pra analisar aquele probleminha que eu falei pra você” [risos]. “Sabe por que eu não sou Grande Mestre?”, eu falo pra eles... “Porque eu não chorava quando eu perdia, todos os meninos que eu conheci na vida que choravam depois de perder se tornaram Grande Mestre”. E esse é um fato, o Giovanni Vescovi, Grande Mestre, ele chorava e hoje ele é Grande Mestre e outros aí que eu via que choravam e hoje são Grandes Mestres. Então eles usavam toda essa raiva de perder no treinamento porque precisa, não adianta você ter todo o talento do mundo na área que for se você não dedicar um tempo ao treinamento correto, não existe sucesso. Então nas minhas aulas de xadrez eu quero muito que os meus estudantes eles amem o esporte, amem o xadrez e que eles possam usar o xadrez por toda a vida. Mas se já estão se dedicando ao xadrez, se já estão vindo à aula 1 vez na semana, 2 vezes na semana, por que não dedicar meia hora todos os dias ao seu próprio

treinamento e incluir o xadrez? Então eu acredito que essa disciplina e consistência de estar treinando 30 minutos, 15 minutos, todos os dias fazendo tática, ao longo do tempo, você vai receber esse pagamento de volta. Então se você, logo no início, já está se dedicando a vir fisicamente ao xadrez, por que não ter uma certa disciplina e dedicar também ao treinamento? Então essa é uma questão que eu sempre bato na tecla, o meu objetivo não é fazer campeões de xadrez, mas criar disciplina e criar bons hábitos através do xadrez. Eu dou aula de xadrez, mas ao mesmo tempo eu faço muita analogia com o xadrez e a vida porque elas podem usar o xadrez para poder chegar na área que elas decidirem fazer da vida.

J: Excelente! O que significou o alcance do título de Mestre Internacional Feminina pra ti?

WIM8: Este é um título que eu fui campeã na Argentina em 1997, a maioria do xadrez feminino no Brasil recebeu o título através dessa promoção que a FIDE faz, se você joga um torneio de um certo nível eles te dão esse título. Magnus Carlsen, muito deles ganharam esses títulos através dessas promoções, os primeiros títulos de xadrez. Então é algo assim que realmente é difícil ser *top 1* ou *top 3* de um Pan-Americano pra um brasileiro. Eu sempre faço essa analogia com a faculdade, estatisticamente falando é mais fácil você ter um título universitário do que ter um título de Mestre Internacional. É questão de estatística, é mais fácil você ser um *PhD* em qualquer área do que ser Grande Mestre. Pra mim é um orgulho ter esse título, eu hoje o dedico a ensinar crianças o máximo que eu puder e a promover o xadrez o máximo que eu puder. O xadrez foi uma ferramenta de inclusão na minha vida, me ajudou muito e eu tento fazer a mesma coisa nessa questão. O meu esposo é apaixonado por xadrez, trabalha em outra área mas me ajuda quando eu tenho um torneio e preciso de alguém pra ser diretor de torneio. E ele sempre observou na minha aula um menino que passou o ano inteiro assistindo aula, mas nunca falava com ninguém. Nas últimas semanas de aula nós pensamos o que poderíamos fazer para ajudá-lo, já estamos dando acesso às aulas de xadrez, ele está aqui no grupo com a criançada e em algum momento você vai ver que ele vai se soltar. Então nas últimas semanas o vimos pela primeira vez na vida conversando, rindo, sabendo que ele tem certa limitação social e nós ficamos muito felizes de ver essa criança feliz, interagindo com outras crianças, conversando. Ou seja, o xadrez, de uma forma ou de outra, ajuda nessa questão social. Então tudo o que eu

puder fazer nas minhas aulas de xadrez pra proporcionar esse tipo de melhoria pessoal para a juventude, eu vou fazer.

J: Ótimo! O que você pensa sobre a influência do talento na sua carreira?

WIM8: Talento... A pergunta é se o talento me ajudou, algo assim?

J: Isso!

WIM8: Eu acredito que o talento nasce com a pessoa, eu acredito realmente nessa questão e acredito que tem pessoas que têm facilidade de entender e melhorar o xadrez em um ritmo mais rápido que outras. Eu acho que essa habilidade natural realmente facilita a excelência se você adicionar ao treinamento disciplina. Eu acredito que devo ter um certo nível de talento para o estudo do xadrez na minha vida, mas eu tento não dar muita ênfase na questão do talento, pelo menos, com os meus alunos. Claro, eu vejo diferença entre os alunos, entre quem tem muita facilidade pra entender conceitos e aplicá-los e tem uns que você tem que explicar de muitas diferentes formas pra eles entenderem ou aplicarem na prática. Mas na minha vida, como enxadrista, eu acho que sim, eu fui muito abençoada em ter essa capacidade inata.

J: Excelente! Quais as suas principais conquistas como jogadora?

WIM8: Bom, primeiro o Campeonato Geral Brasileiro Feminino, ter esse título como a melhor jogadora do Brasil pra mim é algo fenomenal, fui 2 vezes campeã brasileira geral. Também o Pan-Americano, apesar que ele foi um título de categoria de menores, o maior foi o *under twenty*, abaixo de 20 anos que é realmente impressionante. Eu acho que é isso.

J: Ótimo! Já à guisa de finalização do nosso roteiro, para além das experiências que a gente já comentou, há outras vivências relacionadas ao gênero que você queira trazer?

WIM8: Não entendi a pergunta.

J: Se houveram experiências relacionadas ao gênero no xadrez que você queira trazer, fatos marcantes.

WIM8: Gênero no xadrez foi marcante pra mim porque eu era praticamente a única menina entre todos os rapazes no clube de xadrez, primeiramente. Eu era também a

única menina entre todos os rapazes do meu bairro que fizemos a caravana ao clube de xadrez [risos]. Nas minhas aulas de xadrez eu tenho entre 15 alunos em uma sala, 1 ou 2 meninas ou 15 alunos e 0 femininas. Eu tenho realmente aulas em que a maioria são meninos, então é marcante essa diferença no número de meninos e meninas. Se eu vejo uma menina que está interessada no xadrez eu faço tudo o que eu puder pra mantê-la nas minhas aulas. Tudo o que eu recebi no passado eu trato de oferecer às meninas que são muito poucas. Eu crio um ambiente pra que elas se sintam felizes e sintam que elas podem usar o xadrez pra fazer progressos na vida delas. Eu tento ajudá-las ao máximo no avanço delas da técnica.

J: Como educadora, a que você atribui essas diferenças de comportamentos entre meninos e meninas em suas aulas?

WIM8: Eu acho que realmente a diferença de número, a quantidade de estudantes... Eu recebo muito mais a participação de meninos nas minhas aulas do que meninas, é uma diferença muito grande. Sábado passado eu dei uma série de aulas onde em cada aula tinha uma média de 15 crianças em cada sala de aula e na primeira sala de aula, nenhuma menina. Na segunda sala de aula de 16 ou 17 crianças, nenhuma menina. Na terceira sala de aula com 14 ou 15 crianças, 2 meninas. Então realmente é um número absurdo de diferença nessa questão de gênero. Existe muita atração, menino vem muito mais fazer aulas do que as meninas. Então isso aí já dá um certo atraso nessa questão da diferenciação do nível da menina pelo fato de não haver tanta menina em sala de aula. É difícil, eu não sei como... Eu faço a minha parte em tentar mantê-las nas minhas aulas, então quando a menina chega na minha sala de aula, eu tento mantê-la o máximo de tempo possível.

J: Excelente! Daquela criança que iniciou no xadrez, o que ficou em quem você é hoje?

WIM8: Bom, a paixão pelo xadrez é a mesma! Pra eu poder dar as minhas aulas e fazer muita inovação em sala de aula, eu tenho que estudar xadrez e prepará-las, eu preparo exaustivamente as minhas aulas. De vez em quando até falam “você já sabe tudo isso!”. Sim, mas eu amo xadrez, então eu uso o momento de preparação de aula pra também estudar, pra também me aprofundar mais no xadrez. Então essa parte da paixão ainda é muito presente. A paixão é tão contagiante que eu tenho uma filha de 20 anos e antes ela não entendia como é possível. Ela decidiu não jogar xadrez e pra mim foi muito

frustrante quando ela tinha 7 aninhos e falou “mãe, eu vou ser uma cantora famosa! Eu vou dedicar o tempo que você quer eu dedique ao xadrez pra minha música. Então eu sinto muito, mas eu não vou mais jogar xadrez”. Então ela passou toda uma vida me vendo dedicar ao xadrez e hoje ela chegou à realização de que realmente é contagiante, tanto é que ela hoje joga xadrez por *hobbie* com amigos. Quando ela vê alguém jogando xadrez ela já manda fotos, ela sabe que essa é a minha paixão. Então essa paixão já passou até pra ela que sente a mesma emoção que eu sinto nessa questão de quando vejo alguém com algo relacionado ao xadrez. Então é contagiante quando você realmente ama, eu amo o que eu faço hoje e encontrei o meu propósito de vida nessa questão porque gosto de ensinar, gosto de ajudar. Eu lembro que eu fui muito ajudada, me ajudaram bastante na minha infância, então eu tento hoje pagar tudo isso que eu recebi.

J: Ótimo! Para finalizar, em relação aos seus filhos, eles têm algum contato com o xadrez?

WIM8: A menina de 20 anos ela está na faculdade e ela gosta de xadrez como *hobbie*, quando ela tem a oportunidade de jogar uma partida de xadrez ela joga. Os meus pequeninhos nós criamos certa... É algo que a nossa forma de educar como pais é dar a oportunidade pra eles de conhecerem diferentes esportes, mas não impomos. Mas queremos que eles tenham uma certa disciplina que o esporte credencia pra ter. Então hoje o pequeninho é um aficionado por futebol, ele tem 7 anos, então ele faz aulas durante a semana. Faz xadrez, mas xadrez comigo como algo muito informal, não em grupo e não em torneios ainda. Mas eu acredito muito ainda e falo “tá bom, você não quer jogar torneios ainda, não se sente preparado”. Mas pelo menos ele tem uma disciplina de finalizar tarefas do treinamento que eu dou pra ele, principalmente táticas. Então eles têm contato com o xadrez, mas não é ainda aquele contato de jogar torneios que eu adoraria que tivessem já, mas a paixão pelo xadrez ainda não é mais forte do que o meu desejo por eles fazerem xadrez. Então eu não imponho a minha paixão e o meu desejo deles fazerem xadrez neles. Vamos esperar, continuar ensinando e espero que floresça essa paixão porque eu adoraria levá-los pra torneios de xadrez e viajar com eles. Seria uma ótima oportunidade de viajar com eles, uma boa desculpa pra viajar [risos].

J: Excelente! Há algo que você queira acrescentar e que não foi contemplado neste roteiro?

WIM8: Sim, eu gostaria... Você viu a *The Queen's Gambit*? Como é a tradução no Brasil?

J: Assisti! A tradução no Brasil é O Gambito da Rainha.

WIM8: Gambito da Rainha ou Gambito da Dama?

J: Da Rainha, inclusive há uma discussão sobre isso!

WIM8: É mesmo? Não acredito, *oh my God*! Eu nunca uso rainha, em português se eu vou dar uma aula de xadrez no Brasil eu não uso rainha, eu uso dama. Não seria o Gambito da Dama?

J: Pois é!

WIM8: Eu pelo menos acredito nisso! Duas alunas minhas fizeram a audição para serem a garotinha, mas elas eram enxadristas e não passaram na audição. Elas não eram atrizes, eram somente enxadristas. Mas lembra a parte que ela chega ao topo e ela vai reconhecer o esforço do... Se não fosse aquele primeiro treinador que ela teve no xadrez, aquela primeira oportunidade que ela teve no xadrez, ela não teria chegado onde ela chegou. Então todas as portas que se abriram pra ela não teriam sido abertas se não fosse o xadrez, no momento do funeral que ela vai lá no porão e sente o impacto da ausência do treinador. Então, pra mim, eu gosto sempre de toda vez que eu dou uma entrevista agradecer infinitamente e dar bastante ênfase aos primeiros treinadores de xadrez que eu tive a oportunidade de ter. Raimundo Nonato, tio Nato, Magalhães, professor Magalhães, doutor Aníbal... Então essas pessoas realmente tiveram influência no meu início no xadrez, foram os meus mentores. Pra mim é importante dar essa ênfase para além de tudo o que eu falo na entrevista. O que mais? Eu acho que é tudo isso aí! Perfeito, então eu acho que essa era a parte principal que eu gostaria de adicionar!

J: Excelente, desta maneira e oficialmente eu a agradeço por toda a atenção em relação à pesquisa e todo o carinho com que conduziu o nosso diálogo. Muito obrigada!

WIM8: Obrigada!

Apêndice K – Íntegra da entrevista (WIM 9)

J: Eu gostaria de agradecê-la por toda a atenção em relação ao estudo. Sua idade?

WIM9: 63 anos.

J: Data de nascimento?

WIM9: 09/12/1959.

J: Gênero?

WIM9: Feminino.

J: Cidade de nascimento?

WIM9: São Paulo.

J: Cidade de residência?

WIM9: Aveiro, Portugal.

J: Cor da pele?

WIM9: Branca.

J: Nível de escolaridade?

WIM9: Superior completo.

J: Ótimo! As etapas anteriores da sua Educação Básica foram cursadas maior parte em ensino público ou privado?

WIM9: Sempre em ensino público.

J: Excelente! O Ensino Superior foi cursado em qual instituição?

WIM9: Faculdade de Direito da USP, Largo de São Francisco.

J: Ótimo! Qual a sua atual ocupação?

WIM9: Eu sou editora de livros, empresária.

J: Excelente! Considerando o salário mínimo de R\$ 1320,00 no Brasil – sinta-se à vontade para falar em valores brutos ou em faixas salariais – como a senhora caracteriza a sua renda média familiar mensal?

WIM9: Em salários mínimos você diz?

J: Pode ser!

WIM9: Acima de 10.

J: Agora eu gostaria que a senhora pensasse nos membros da sua família que faziam parte do seu cotidiano durante a infância. Quem era a sua família nuclear?

WIM9: Pai, mãe e dois irmãos.

J: Ótimo! Então pra cada um deles nós faremos uma caracterização em termos de nível de escolaridade e ocupação. Começando pela sua mãe, nível de escolaridade e ocupação?

WIM9: Magistério, ela está entre o Segundo Grau e o Superior. E foi professora de escola primária sempre.

J: O mesmo para o seu pai?

WIM9: O meu pai era o equivalente ao Ensino Superior que era o curso de oficial da Polícia Militar, ele era oficial da Polícia.

J: Excelente! Agora o mesmo para os seus dois irmãos?

WIM9: Os dois com cursos superiores, o irmão mais velho em Engenharia e a irmã mais nova em Economia e Administração.

J: Excelente! Ocupação de seus irmãos?

WIM9: Hoje são os dois aposentados.

J: Ok, muito obrigada! Então assim a gente encerra essa fase inicial do roteiro e parte pras questões um pouco mais dissertativas. Para iniciar, eu gostaria que a senhora me falasse sobre a sua trajetória esportiva no xadrez, desde a iniciação, passando pelo alcance do título internacional na modalidade, até os dias atuais. Sinta-se à vontade para se alongar, eu estou aqui para te ouvir.

WIM9: O roteiro, digamos, básico, é o do tempo. Eu comecei a jogar... O primeiro campeonato oficial que eu joguei foi em 1969, eu tinha de 9 pra 10 anos de idade. E jogo, basicamente, até hoje. São várias etapas, eu não sei se prefere marcar em tempo ou em resultados ou os dois juntos. Os pontos que eu acho que começam a ser de algum destaque são: em 76, quando eu tinha 16 anos, eu ganhei o Campeonato Brasileiro Feminino. Classifiquei pra Olimpíada, mas aí o Brasil não compareceu nessa Olimpíada. Depois, em 82, eu fui co-campeã sul-americana feminina e aí ganhei o título de Mestre Internacional Feminina. Depois, bom! Depois agora pro final, há 2 anos ou na temporada passada, eu ganhei o título de campeã veterana feminina aqui já em Portugal. Ao longo desse tempo todo eu participei de 9 Olimpíadas de Xadrez, 8 pelo Brasil e 1 por Portugal já. Curioso nisso foi o aspecto de que a última que eu joguei pelo Brasil foi em 94 e depois eu voltei a jogar no ano passado em 2022, depois de um longo intervalo de quase 30 anos eu retornei pra Olimpíada por outra equipe. Em termos de Olimpíada também o maior destaque foi em 84 quando eu ganhei a medalha de ouro no 3º tabuleiro feminino e que foi a primeira medalha de ouro no xadrez – seja no absoluto ou no feminino – do Brasil. Acho que são os principais destaques.

J: Ótimo! Vamos retornar então ao seu início, como se deram os seus primeiros contatos com a prática?

WIM9: Em família, o meu pai jogava, ensinou o meu irmão, jogava com ele e nós fomos aprendendo também as duas mais novas. A decisão de participar de campeonatos também veio um pouco pelo reflexo porque o meu irmão começou a jogar os campeonatos, teve bons resultados e daí eu também quis jogar campeonatos. E aí eu falo, especificamente, que o meu primeiro torneio foi um evento – que acho que ainda existe hoje, não estou certa – que era a Olimpíada Infanto-Juvenil de Xadrez da cidade de São Paulo que reunia estudantes de todos os colégios que se inscrevessem em um torneio de xadrez. A Olimpíada era um evento de vários esportes e aí tinha o torneio de xadrez. Ele já tinha ganho uma Olimpíada e eu também quis jogar a Olimpíada e assim foi o meu primeiro torneio. Bem no início era basicamente um torneio no ano que era essa Olimpíada Infanto-Juvenil.

J: Excelente! Com que idade se deu esse aprendizado com o seu pai?

WIM9: Eu não consigo nem precisar, mas como eu joguei o primeiro campeonato com 9, eu imagino que com 6 ou 7 anos ou alguma coisa assim. Eu não consigo precisar porque foi um aprendizado tão natural, não marcado, por atividade feita em casa que você está olhando e está aprendendo a jogar. Você aprende o movimento, aí você começa a brincar, a jogar também. Foi um aprendizado muito fluido.

J: Excelente! Como eram essas práticas, o que a senhora fazia com os seus irmãos, com o seu pai? Quais eram os sentimentos vivenciados?

WIM9: Não, no começo basicamente não era nem com os irmãos, a gente sempre jogou contra o meu pai. Era ele que jogava com cada um, era ele que explicava algumas ideias e só. O jogo entre irmãos era uma coisa muito rara.

J: Ok! Vocês enquanto irmãos não praticavam em ambiente familiar?

WIM9: Não, eu acho que todos são muito competitivos e aí acaba não sendo tão saudável competir um contra o outro, entre irmãos. Fica mais acirrado, talvez. Então eram todos muito competitivos, mas era uma prática muito lúdica. Como eu falei, a gente jogava pontualmente e aí jogava um torneio, um campeonato.

J: Ótimo! Qual a relação que o seu pai tinha com o xadrez, ele era um ex-jogador?

WIM9: Não, ele só gostava de jogar e gostava do jogo. Então praticamente ele nunca competiu, não gostava da competição, gostava do jogo.

J: Entendi, muito bacana! Como se constituiu o seu interesse pelo xadrez?

WIM9: Ele era basicamente o de competir, de vencer e também o de viajar. Então eram dois pontos meio ligados, eu queria competir, ganhar e sobretudo porque isso proporcionava outras atividades, outras viagens, outros torneios.

J: Ótimo! Na época de colégio a senhora contava com o xadrez na escola?

WIM9: Não, nunca. Isso é muito mais recente ou talvez existisse no nível de escolas particulares. Na escola pública, no caso, era dividido até a 4ª série e depois era o chamado Ginásio que era da 5ª à 8ª série. Da 5ª à 8ª, essa escola em particular que a gente cursou tinha um centro acadêmico que tinha xadrez. Mas o tinha como um jogo

pros alunos se divertirem, pra ficar jogando, brincando e pronto. Mas só, nunca teve aula de xadrez.

J: Ok! E quando a gente fala da sua adolescência, como foi a sua especialização no xadrez?

WIM9: Só jogando mesmo, estudando um pouco, praticando em casa. Só isso! Mas foi quando eu comecei a ser mais ativa, aí a frequência começa a ser maior de torneios que eu participava. Se bem que no começo, aos 9, eu jogava 1 torneio por ano, aos 14 ou 15 já era um pouco mais e depois de vencer o Brasileiro, mais ainda. Aí eu já comecei a jogar tanto Campeonato Estadual Feminino, como Campeonatos Escolares, como os Jogos Abertos do Interior e Campeonatos Brasileiros. Então eu já tinha uma frequência maior.

J: Excelente! Durante esta época da juventude o seu pai ainda era o seu principal professor?

WIM9: Sim, ele faleceu quando eu terminei a faculdade, até aí ele sempre tava acompanhando tudo.

J: Meus sentimentos! Durante o seu percurso houveram interrupções, rupturas ou este se deu mais enquanto um processo contínuo?

WIM9: Eu acho que a maior interrupção que teve foi depois de casada, com dois filhos e ainda sim eu competia, mas menos porque eu não queria me afastar pra viagens. E, finalmente, porque em determinado momento, por volta de 2011 ou coisa assim, eu já tinha definido que eu gostaria de me mudar de país e, portanto, de federação. Então eu restringi as atividades pra facilitar a transferência que acabou demorando mais do que esperava, mas aconteceu em 2020.

J: Ótimo! Como o contexto de embate entre países capitalistas e socialistas, mais representado no xadrez pelo *match* do século, influenciou a sua iniciação no xadrez?

WIM9: Eu acho que não especificamente, neste caso não. É como eu falei, o principal foi em 72 ou logo e eu já jogava xadrez antes, então foi interessante ver representado o esporte na mídia e tudo mais, mas isso já era uma coisa que eu acompanhava mesmo.

J: Ótimo! Neste mesmo sentido o fenômeno do Méquinho te influenciou?

WIM9: Nada, nada.

J: Ok, muito bem! Que peso a senhora atribui ao investimento pessoal que teve pra construir a sua habilidade no xadrez, ou seja, do que a senhora teve que abrir mão?

WIM9: Eu diria que o investimento foi basicamente só meu, foi pessoal. Nunca houve um investimento ou um apoio para o desenvolvimento do xadrez. O que eu tive como apoio financeiro já era depois de ter uma carreira consolidada e, aí sim, é a exploração da sua capacidade de competição. E, nesse sentido, sim! Eu me tornei profissional a partir de determinado ponto, deixa eu ver em que idade... Quando eu tava com uns 24 anos foi o primeiro contrato exclusivamente para jogar xadrez, mas nada disso, digamos, fez parte da minha formação.

J: Ok! E o que é que outras pessoas tiveram que investir em ti, ou seja, o que é que terceiros tiveram que abrir mão pra que a senhora construísse a sua habilidade no xadrez?

WIM9: Possivelmente meu pai, o tempo dele e só [risos]. O tempo e é basicamente isso.

J: Ok! Quais expectativas a senhora tinha sobre si mesma?

WIM9: Eu nunca planejei demais o futuro, eu tinha muito claro que eu gostaria de explorar essa vertente de ver até onde eu podia chegar para o meu limite e, sobretudo também, explorar essa questão de viajar, conhecer pessoas e lugares. Então basicamente era isso, mas eu nunca tracei exatamente uma trajetória, um ponto final, onde eu queria chegar, de qualquer forma.

J: Ótimo! E outras pessoas, a senhora sentia que depositavam expectativas sobre si?

WIM9: Nunca senti não. Nunca senti como uma pressão, uma expectativa não. Não!

J: Ok! Como se dava e foi se transformando, ao longo de sua trajetória, a sua rotina de preparação e treinamento?

WIM9: Ela foi sempre muito restrita, muito pequena porque – de novo eu volto a falar – o que me atrai no xadrez é o desafio da competição. Então o treinamento nunca me motivou muito. Teve, sim, alguma fase um pouco maior. Talvez aí por volta da época que eu venci o Brasileiro em perceber que eu poderia tentar outras instâncias, como o

Sul-Americano, Olimpíadas, um nível acima. Aí houve algum tempo de dedicação ao preparo. Mas, basicamente, foi isso. Não mais do que uns 5 ou 6 anos em que eu estudei e pouca coisa, tipo 2 horas por dia e nem todos os dias, nem tão regular assim! [risos].

J: Excelente! Qual é a importância que o xadrez ocupa ao longo de sua história?

WIM9: Ele é um eixo muito central no fim de tudo o que me aconteceu e segue acontecendo. Eu digo isso porque com o xadrez eu conheci mais de 40 países, fiz amizades em vários países e aprendi... Acabei utilizando alguns idiomas e, finalmente, eu conheci o meu marido em um clube de xadrez. Então acabei casando, digamos, ligado ao xadrez e nós desenvolvemos aí a vida conjugal também relacionada com o xadrez. Então, como eu falei, hoje eu tenho já há 20 anos, praticamente, há 19 anos uma editora de livros de xadrez com o meu marido, a Editora Solis, então a gente segue em uma atividade ligada ao xadrez que é a produção de livros, a comercialização e ainda assim indo em algumas competições. Então a gente tem amigos, um círculo de amizades que é do xadrez também. O assunto, muitas vezes, é xadrez. O trabalho acaba sendo xadrez. Acho que permeia, realmente, praticamente toda a minha vida que, como eu falei, começou antes dos 9 anos de idade e até hoje eu tenho atividade. Durante alguns anos, no Brasil, eu também fui empresária com empresas de organização de eventos de xadrez – a CTP – da qual eu me afastei depois que casei e tudo. Mas aí foi por dificuldade de conciliar porque eu já tinha um trabalho como advogada, então acabei me afastando da CTP. Mas trabalhei alguns anos com a organização de torneios, com a própria competição e depois com a editora de livros.

J: Bacana! Ao longo de todo o seu percurso, houveram temores, aflições, decepções ou mesmo dificuldades?

WIM9: Sempre tem, né? Sempre tem, claro! Como eu falei, a primeira, talvez, maior decepção foi a própria classificação pra uma Olimpíada que acabou não tendo representação do Brasil que foi a Olimpíada de Haifa em Israel em 76. Depois, eu tinha muito essa ânsia de participar de uma Olimpíada e ver como era isso. Depois, em 78, houve também uma grande decepção porque a confederação mudou o critério de convocação e eu acabei ficando fora. Então foi uma mudança forçada, um pouco direcionada a escolher a equipe e então mudou todo um padrão e um critério e eu fiquei de fora. Depois, a partir de 80, eu joguei todas as Olimpíadas até 94 – é a cada 2 anos –

com algumas decepções um pouco no caminho, mas enfim. E depois em 96 e em 98, embora classificada, eu já abri mão da classificação. Agradei, mas renunciei a vaga e isso porque eu já exercia a atividade como advogada, eu fui diretora jurídica da Editora e Livraria Saraiva por 14 anos quase e também nesse momento eu já estava casada e já tinha filho muito pequeno. Então eu conseguia conciliar com alguns torneios que eu jogava, mas já não tinha o mesmo interesse de me afastar da família e ficar longe competindo. E, finalmente, eu diria que a maior decepção, eventualmente, é ver que apesar de todos esses anos trabalhando com o xadrez, organizando eventos e tudo mais, nunca houve uma valorização dos torneios femininos. Então os Campeonatos Nacionais começaram a ter condições cada vez... Eu chamo de precárias – podem ter opiniões contrárias, é claro, e o pessoal da confederação, sobretudo, vai ter – e considero indevidas e injustas com o próprio xadrez feminino. E aí isso também acabou me afastando por um tempo, digamos rompendo mais o último laço que eu tinha de ligação emocional mesmo com todas as competições no Brasil.

J: Certo! Neste mesmo sentido, houveram restrições, limitações ou mesmo proibições advindas da prática?

WIM9: Não, acho que não. Não entendo bem qual tipo de restrição você estaria imaginando, mas não vejo.

J: Ok! O que o xadrez representa pra ti?

WIM9: É como eu falei, é um dos pilares básicos da minha própria vida. Foi como ela se desenvolveu toda e como segue desenvolvendo.

J: Ótimo! Pra senhora, como se constituiu o seu gosto pelo xadrez?

WIM9: É como eu falei, é muito focado, desde o início, em estar em família como um motivo de convivência e logo a seguir em competir, vencer, claro, e viajar. É o quadro mais simplificado da história.

J: Ok! Para além do seu pai e dos seus irmãos, existe mais alguém na sua família que tenha tido contato com o xadrez?

WIM9: Talvez os sobrinhos, os filhos aqui, mas só. Não mais do que isso.

J: Ótimo! Além do xadrez a senhora praticava outras atividades esportivas ou de lazer?

WIM9: Não.

J: E atualmente, a senhora o leva como *hobbie*?

WIM9: Sim, há muito tempo eu acho que já cumpri com o que era esperado e jogo quando eu quero e porque quero pra me divertir, digamos, mais do que tudo. Já não tão focada no resultado final, mas na diversão que o jogo permite.

J: Excelente! Em relação ao seu curso superior na universidade, ele teve relação com o xadrez?

WIM9: A entrada no curso talvez sim, a escolha me lembrou claramente por optar por Direito porque enxerguei na prática do Direito algo muito assemelhado a uma partida de xadrez. Então o processo judicial, basicamente, é como uma partida. Você tem que pensar no início, estar já com o seu objetivo final, posicionar estrategicamente todas as suas manifestações, provas, tudo o que você reunir. Então quando eu percebi a semelhança foi que eu me defini mesmo por esse curso. Nas opções mentais de adolescente eu tinha Medicina e Arquitetura. E me lembro claramente de desistir de tentar a Medicina porque eu não queria que comprometesse exatamente essa vida de competição, de viagem e de tudo o que se abria, já tava aberto. Então acho que influenciou um pouco.

J: Ótimo! Fale sobre a carreira de uma jogadora de alto rendimento do xadrez brasileiro. A senhora já até comentou, mas considerava-se uma profissional?

WIM9: Sim, por um bom tempo eu fui uma profissional, eu ganhava exatamente para jogar, representar uma determinada cidade, basicamente, nas competições estaduais, Jogos Regionais e Jogos Abertos. Mas é claro que eu representava em todo o resto, então, por exemplo, quando eu ganhei a medalha olímpica eu jogava por Santo André nessa época. Eu também recebi uma homenagem como cidadã e tudo mais em função do resultado desportivo. Mas fui profissional de xadrez entre os 24 anos, em 1984, até 1996, pelo menos. Depois, mais pontualmente, um ano ou outro eu até assinava com alguma cidade pra representar nesses dois jogos. Então, sim, fui profissional por um bom tempo. Mas era um outro nível de profissionalização, hoje você já vê as jogadoras com apoio pras viagens, com apoio pra treinamento, com professores contratados, então isso é um profissionalismo diferente do que o que a gente tinha há 30 ou 40 anos atrás.

J: Excelente! Agora eu fiquei curiosa, a senhora poderia caracterizar como era ser profissional na sua época?

WIM9: Era basicamente isso que eu falei, a gente assinava um contrato por 1 ano para representar uma certa cidade e quando eu falo uma certa eu representei 4 ou 5, pelo menos. Profissionalmente eu representei Santo André, depois Guarulhos, depois joguei por Sorocaba, joguei por Piracicaba. Então, basicamente, era pra representar essas cidades na competição maior estadual que eram os Jogos Abertos do Interior. E na classificatória pra eles eram os Jogos Regionais do Interior. Eu ganhei quase 20 vezes esses títulos, 20 anos, 18 de um, 16 ou 17, a conta vai sendo meio perdida. Mas fui campeã diversas vezes tanto de Jogos Regionais quanto de Jogos Abertos. E basicamente era isso, ser profissional era receber pra isso o ano inteiro, tinha que jogar e, claro, esperavam que você ganhasse. O seu salário era melhor a depender se você ia ganhar ou não. Esse era o profissionalismo, não estava ligado a treinamentos, não te garantiam nenhum apoio, tanto é assim que nessa Olimpíada – esse é talvez um dos fatos mais marcantes, né? – onde eu ganhei a medalha olímpica que eu falei que foi a primeira medalha brasileira, foi uma Olimpíada realizada na Grécia em 1984. Nessa altura eu já tinha sido campeã brasileira algumas vezes, então tinha uma situação, digamos, de reconhecimento que já era natural. Eu já tinha ganho o Sul-Americano, já tinha o título de Mestre e tudo mais. E a confederação da época, faltando cerca de 20 dias – talvez 1 mês, no máximo – decidiu que não ia mandar a equipe feminina porque não tinha verba pra isso. Mas ia mandar a equipe masculina acompanhada de capitão, técnico, dirigentes e não sei o quê. Basicamente na época as equipes eram formadas... A equipe masculina jogava com 4 tabuleiros e mais 1 reserva, então tinha que ter 5 jogadores na Olimpíada. A feminina jogava com 3 tabuleiros e 1 reserva, mais 4, daria 9. O que a confederação decidiu é que ela tinha 10 passagens e ia colocar todas elas à disposição da equipe masculina ou absoluta e que a equipe feminina não iria jogar uma Olimpíada. E aí a gente começou a se movimentar, eu conversei com o presidente e falei “bom, se nós conseguirmos ir por conta própria vocês inscrevem a gente, vocês reconhecem a participação?” e ele “ah, não! Se você conseguirem, tudo bem”. Então cada uma das jogadoras teve que ir atrás da sua passagem, a estadia é bancada pelo organizador do evento da Olimpíada. Então a gente ficou procurando patrocínios, propostas e acabamos conseguindo. No caso de São Paulo, com o prefeito da época que

era o Mário Covas e que era um jogador de xadrez, gostava muito de xadrez. Mas a gente conseguiu cerca de 1 semana antes da data de viagem, então foi um período super estressante, muito complicado porque nós fomos pegar a passagem quase que na véspera pra viajar. Eu tinha, na época, alguns processos judiciais em andamento, eu tive que arrumar gente pra ficar olhando eles e tudo, então foi super estressante pela falta de organização, de ter que ir atrás, conseguir tudo e viajamos pro torneio. E nesse torneio saiu a primeira medalha olímpica, então a gente não tinha nenhum apoio, não tinha de cidade e tudo mais, nessa época eu nem me lembro se eu já jogava... Já jogava por Santo André, mas eles não tinham como liberar uma verba, assim, faltando 15 ou 20 dias pra viagem, então a gente foi conseguir na prefeitura de São Paulo. Era um tempo muito mais complicado de profissionalismo! [risos].

J: Ótimo! E sobre a sua carreira enquanto árbitra, como ela se constituiu?

WIM9: Acho que foi um avanço meio que natural de estar na organização e querer trabalhar também com isso. Em um determinado momento eu fiz parte da Federação Paulista, fui a primeira diretora de xadrez feminino, foi criado o Departamento Feminino comigo. E aí foi um caminho meio natural porque eu já não estava satisfeita com a forma como os torneios eram organizados. Então a gente acabou criando uma empresa para organizar torneios e na época foi uma ruptura mesmo de padrão. Então o que hoje você já encontra mais naturalmente, digamos, era tão rústico antes que eu vou te dizer. Eu acho que a gente foi um dos primeiros torneios que colocou a placa com o nome dos jogadores na mesa ou uma mesa com uma toalha de tecido junto com o tabuleiro ou um lanche junto, uma água, uma mesa de um *buffet* ali pra se servirem. Um boletim de torneio de xadrez ao final, os nossos foram os primeiros torneios que tiveram isso. Então, assim, foi essa a busca e ser árbitra também me permitia ter maior autonomia nessas realizações, então foi um caminho natural conseguir também ser árbitra pra poder organizar os torneios da forma como eu achava que devia ser.

J: Excelente! Como coordenadora do Departamento Feminino da FPX e membro da Comissão Feminina da FIDE, quais foram os principais desafios enfrentados?

WIM9: Na federação eu não diria que tiveram muitos desafios, a gente tinha uma diretoria também muito esclarecida e que tinha interesse no xadrez feminino. Então eu conversava de igual pra igual com o Flávio Tonegutti que era o presidente nessa época,

tinha o diretor técnico que era o Antônio Pádua que também dava muita força pra que a gente também realizasse os torneios. O que eu mais me recordo da época, um pouco por sugestão minha mas também por eles quererem deixar tudo muito organizado, acho que foi a primeira vez que se organizou um caderno de encargos com as especificações de condições de cada torneio. Se alguém queria realizar um torneio, tinha que cumprir, no mínimo, aquelas condições. Isso acabou depois passando também pra Confederação Brasileira de Xadrez que por muito tempo teve esse tipo de documento, então você atendendo as especificações, você podia pleitear a realização do evento. Então eu acho que foi mais essa parte organizativa e ao mesmo tempo a atuação de realmente realizar eventos em um padrão que eu achava que era o que devia. Na FIDE eu fui nomeada, mas praticamente nenhuma participação porque a distância da época era muito grande. A distância física e a distância de comunicação, você não tinha *internet*, você não tinha como viajar pra Europa pra nenhuma reunião, pra nenhuma participação. Então, assim, a minha participação foi em uma Olimpíada que eu tava ali e se debatia isso de qual tipo de torneio deveria ter, quais as condições e pronto porque o meu próximo contato com essas jogadoras e participantes da FIDE foi só na outra Olimpíada. Então era mínimo, a gente chegou a organizar uma coisa que também na época não avançou que foi uma associação feminina de xadrez da América Latina junto com a Claudia Amura da Argentina e algumas jogadoras porque todas sentiam na pele esse tipo de desprezo, quase, das federações de seus países. Então na hora de você ter uma confirmação, de ter uma presença em um torneio, sempre havia dificuldade.

J: Excelente! Quais diferenças a senhora nota entre o contexto enxadrístico brasileiro e aqueles que a senhora vivenciou no exterior?

WIM9: Eu acho que é mais, talvez, desse tipo de apoio, de reconhecimento mesmo dos méritos e como uma história que deve influenciar os próximos passos. E um pouco da organização e apoio, quer dizer, na época entre os meus 20 e 30 poucos anos, você via por exemplo a Alemanha que tinha – como tem até hoje – uma competição que era a Bundesliga por clubes onde as equipes femininas também tinham importância, as jogadoras também tinham importância. Espanha, vários países tinham esse tipo de apoio e de reconhecimento, né? E no Brasil, pelo contrário – era uma das coisas que você perguntou, das decepções – não importou muito aonde eu cheguei, isso não teve repercussão. Então eu me lembro de alguns eventos e alguns momentos que acabaram

me desapontando e fazendo com que eu me voltasse pro Direito de novo. Porque você imagina, eu me formei aos 23 e comecei a exercer aos 32 só, eu fiquei todos esses anos basicamente só com o xadrez. Eu achava que era muito interessante, que era suficiente e tudo mais, mas eu me lembro marcantemente de duas coisas que aconteceram e me fizeram mudar um pouco o rumo. A primeira foi um Campeonato Brasileiro em que eu já era muito apegada a essa questão de você ter uma estrutura imparcial. Então se você tem uma forma de classificação ela tem que ser imparcial e funcionar pra quem se classificar, não importa, né? E nós chegamos pra disputar um Brasileiro que tinha uma jogadora que tava fora da forma de classificação, então exatamente porque eu batalhava por isso, se fosse na federação, em qualquer nível. A gente foi protestar – as paulistas, basicamente, as jogadoras –, nós fomos reclamar que não devia ser admitida aquela participação porque tinha toda uma regra de classificação e que tinha sido cumprida em São Paulo e nesse estado não e aí a resposta que eu ouvi foi “se você continuar protestando nós vamos te desligar do torneio, do Campeonato Brasileiro e você não vai ter a chance de se classificar pra Olimpíada”. Basicamente foi “ou você concorda com o que a gente faz ou você tá fora”, né? “Tá bom!”, joguei, me classifiquei pra Olimpíada, fui pra Olimpíada, mas esse foi um torneio exatamente no ciclo seguinte ao que eu tinha ganho a medalha. Quer dizer, você verificava isto, não adiantou ter o título de Mestre em 82 e não adiantou ter a medalha olímpica em 84, em 86 eu fui tratada desta forma. “Ou você faz do jeito que a gente quer o torneio ou você pode ir embora, vou te desligar, vou te afastar do torneio”. E a segunda vez foi já em 90, isso já dentro de uma Olimpíada em que eu discordando um pouco do capitão que não conhecia nenhuma jogadora, não era conhecido por nenhuma das jogadoras, mas achou que podia opinar sobre a minha forma de jogar. Então veio falar que talvez eu estivesse jogando com um pouco de medo da minha adversária e aquilo me ofendeu profundamente porque além de tudo não era uma questão de medo, eu joguei e ganhei uma partida muito rápida e joguei dentro do que eu sempre jogava. E aí fui reclamar com o chefe da delegação e falei “olha, esse capitão não tem condição de ficar acompanhando o feminino porque ele não conhece nenhuma das jogadoras! Apesar de eu ter esse percurso inteiro no xadrez, ele nem sequer sabe o que eu jogo e acha que deve dar palpites no que eu deva jogar ou eu jogo”. E aí a resposta de novo foi essa “esse é o capitão, você se comporte porque se não eu vou te desligar da delegação”. Então duas vezes isso, na verdade já

estabeleceram que eu não vou poder opinar sobre nada e se eu não posso ter uma participação maior, então eu não sei se eu quero estar dentro. Porque quando você cresce o que você anseia é poder contribuir mais, é poder melhorar mais, é poder participar mais. Aí teve um terceiro evento também muito marcante pra mim que, em uma altura, o Brasil ia mandar a primeira equipe pro Mundial de Jovens, pras crianças e tudo. Era um dos primeiros mundiais, nós tínhamos organizado pela empresa, eu e a Joara, pela CTP, a gente tinha organizado o primeiro Pan-Americano para jovens de 8, 10, 12, 14, 16, 18 anos. Fizemos esse evento grande e internacional no Brasil e tudo mais e acho que, se eu não me engano, foi um que o Vescovi saiu vice-campeão ou campeão e o Rafael Leitão... Eram pequenos, né? Tinham 8 anos, 10 anos. Mas enfim, a gente tinha essa experiência de ter tratado com toda essa criançada da América do Sul inteira e aí o Brasil ia mandar uma equipe pro Mundial. Eu fui convidada pra ser a acompanhante, a chefe da delegação pra estar atendendo a todas essas crianças. Só que isso coincidiria com o Campeonato Brasileiro Feminino que classificava pra Olimpíada e aí eu pleiteei, eu falei “olha, eu gostaria muito de ir porque é um torneio interessante, acho que é um caminho todo muito interessante o das crianças e tudo, eu gostaria de acompanhar, mas vai coincidir. A menos que vocês considerem que eu possa ser pré-classificada pra Olimpíada em função de todo o meu histórico e todos os meus resultados – e certamente eu era o maior *rating* da época feminino, todas as pontuações indicariam isso – e fica complicado eu escolher entre um e outro”. E aí o diretor da época falou “não, você tem que jogar o Brasileiro e classificar pra ir pra Olimpíada”, então eu falei “tá bem, então eu vou ficar, vou jogar, perfeito, não acompanho a equipe, a delegação brasileira”. Mas assim, todos esses pontos mostram que é indiferente o quanto você avança ou pelo menos era tratado indiferentemente. Nessa altura a equipe masculina já era convocada, “ah, não, a gente convoca porque são os melhores jogadores claramente, são 4 Grandes Mestres e eles é quem devem representar o Brasil”, mas na hora de valer isso pro feminino, “não, você tem que jogar o Brasileiro e se classificar. Então sempre teve esse tipo de desestímulo, de desincentivo. Então foi isso, quando chegou em 90 eu joguei essa Olimpíada mas já tinha meio que resolvido que ia me afastar um pouco, então a partir de 91 eu comecei a exercer mesmo a advocacia e joguei em 92 e em 94 já como uma atividade absolutamente de lazer. Então

eu tirava as minhas férias da empresa e ia jogar a Olimpíada, ia encontrar os amigos todos e pronto.

J: Ótimo! De maneira geral, como a senhora avalia a sua trajetória no xadrez?

WIM9: Eu acho que foi bastante vencedora, bastante positiva. Não tenho um levantamento de partidas ou de quantos torneios eu joguei, mas sei que foi muito representativa em várias áreas, em várias instâncias. Como eu falei eu passei desde o Campeonato Estadual que eu ganhei várias vezes, Campeonato Nacional, Campeonato Sul-Americano que eu ganhei também 2 ou 3 vezes e depois Olimpíadas que eu participei todas essas vezes, inclusive com medalhas e resultados altos. Como eu falei, entrei no campo agora já dos veteranos, então também com título aqui. Eu acho que foi bastante vencedora, bastante positiva.

J: Excelente! Quais atributos pessoais a senhora julga serem importantes pra exercer a modalidade? O que é desejável que uma pessoa tenha para jogar xadrez?

WIM9: Acho que o autoconhecimento pessoal de como você se sente em cada momento e em cada ponto de uma partida ou de uma competição. Ter um autocontrole forte de emoções, de você saber que a derrota de um dia não significa a derrota de um torneio e seguir como se nada tivesse acontecido. Acho que é isso, uma perseverança. Acho que são esses os principais. Ao mesmo tempo o xadrez molda, quer dizer você tem que ter um pouco isto, mas o xadrez acaba te ensinando a ter isto. Então acho que são essas as qualidades.

J: Ótimo! Destes atributos que a senhora elencou, quais julga possuir?

WIM9: No caso os três, eu só falei os que eu tenho [risos]. Os que me faltaram eu não sei, talvez assim... Eu procuro ser muito lógica, acho que sou bastante lógica na análise das coisas e isso ajuda, mas faltou uma persistência, uma coisa de determinação, sobretudo em treinamento e preparação. Ela surge só no tabuleiro pra mim, eu não penso que eu deveria estar me preparando muito pra aquele momento, a partir do momento em que eu estou em uma partida é que eu dedico essa intensidade toda, é o 100%. Mas uma falha grave é que eu não consigo preparar, é isso.

J: O que significou o alcance máximo, já que não temos WGM no Brasil, do título de Mestre Internacional Feminina pra ti?

WIM9: Pra mim foi uma realização pessoal muito grande, mesmo porque na época só havia 2 Mestres Internacionais, a Ruth Cardoso e a Maria Cristina Borges. Eu fui a terceira jovem – relativamente jovem porque eu estava com 22 anos – então era uma grande realização saber que eu estava em um patamar único dentro do xadrez brasileiro. E daí depois reforçado pela medalha olímpica depois de 2 anos em 84.

J: Excelente! O que a senhora pensa sobre a influência do talento na sua carreira?

WIM9: Acho que é grande porque, como eu falei, como sempre teve muito pouco estudo, eu só posso creditar ao talento e a um bocado de sorte [risos].

J: A senhora já comentou várias vezes mas, para ti, quais são as suas principais conquistas como jogadora?

WIM9: Eu acho que as minhas principais são realmente essas. A maior de todas é a medalha olímpica até porque foi uma Olimpíada em que o Brasil, além de tudo, ficou muito bem classificado. Nós ficamos em 9º lugar, de 9º à 17º de 40... Acho que de 42 ou 48 países. Então basicamente a gente tava logo atrás dos países socialistas que tinham um investimento muito maior no xadrez, nas equipes e sobretudo nas femininas. Então a gente ficou em 9º lugar e isso me orgulha muito, eu acho que talvez foi a melhor colocação do Brasil em uma Olimpíada. Aliás essa foi em 80, depois em 84 a gente também ficou bem classificado – não vou me lembrar qual era a classificação, mas era uma boa classificação – e, ao mesmo tempo, com o melhor resultado do 3º tabuleiro. Uma coisa que também me dá muito orgulho foi como eu cheguei nessa medalha olímpica, como foi o percurso. E essa é uma história bem interessante porque, como eu falei, foi uma equipe que foi montada às pressas por patrocínios próprios e que teve um detalhe porque, ao concordar que a gente fosse patrocinada, cada um tentou conseguir dentro da classificação que estava do Campeonato Nacional. Então quem tinha ganho em 1º, 2º, 3º e 4º, basicamente, eram as que deveriam ir. E uma das jogadoras que tava classificada não conseguiu o patrocínio, aí passaram pra uma outra, mas passaram do tipo “ela tem que resolver hoje mesmo se ela consegue ir ou não” e também meio que dificultaram, quer dizer, na verdade, não queriam muito que fosse. E quando a gente chega pra embarcar mesmo, pra ir jogar – e basicamente a gente tinha 3 jogadoras que tinham conseguido a passagem que era eu, a Joara em São Paulo e a Regina Ribeiro em Santa Catarina, as 3 primeiras mesmo do campeonato – surge uma jogadora do Rio de

Janeiro que estava classificada bem mais abaixo no Brasileiro dizendo que ia também. Que tinha sido indicada, inscrita pela confederação e pronto, quer dizer, aterrissou do nada, possivelmente meio que com tudo já engendrado ali, o presidente da confederação era também carioca na época e chegou. E, bom, isso não ficou bem pra nós, quer dizer, por um lado você tinha que respeitar a classificação do Brasileiro, mas, quando interessava, podia vir qualquer uma e quando vem qualquer uma vem uma do Rio de Janeiro que não tinha nada nas classificações. Eu me lembro claramente que tinha a Palas de Santa Catarina na frente, a Eliana de Souza de São Paulo que não tinha conseguido passagem e, de repente, desembarca alguém do Rio. Nós três nos reunimos e resolvemos, entre nós e resolvemos... Porque também não tinha apoio, a equipe não tinha técnico, não tinha capitão, não tinha nada, tinha as jogadoras que foram. E então nós resolvemos, entre nós três, que nós não íamos deixar essa jogadora jogar porque não era merecido, ela não tinha o direito de estar ali e enfim, a gente não ia deixar, em princípio, ela jogar. E assim nós fomos eu acho que até a 9ª ou 10ª rodada do torneio jogando todas sem nenhuma folga. E quando eu chego bem ali eu acho que na 8ª rodada, chega o Herman Claudius e fala “você está quase conseguindo uma medalha!. E aí eu falei “como assim medalha?”, eu nem sabia direito como era a classificação pra medalha, como era a minha pontuação porque eu tava jogando absolutamente, como eu falei, meio estressada por todo o período anterior, como foi esse desgaste de ter alguém de fora da equipe, tava bastante... Ele falou “não, você ganhou 8 partidas até agora”... Era isso? Eu acho que era isso, “você ganhou 8 partidas, está com 8 vitórias” e eu falei “não, mas eu perdi, logo na 2ª rodada eu perdi pra China” e ele falou “sim, mas você só perdeu essa e você ganhou todas as outras!”. Eu falei “puxa, não sabia, não tinha me atentado a isso!” [risos] e ele “e isso te dá direito a uma medalha”. O detalhe da coisa era que claramente, neste momento, já poucas jogadoras em cada tabuleiro estavam em condição de ganhar medalha. E comigo competindo, assim, indiretamente, estava a Nona Gaprindashvili, ex-campeã mundial e que sempre ganhava as medalhas individuais, além das de equipes, das Olimpíadas. E aí ele falou “a única pessoa que pode te alcançar é a Nona Gaprindashvili, vocês estão disputando e aí vai depender do resultado dela, se ela joga ou não joga mais partidas e ao mesmo tempo do seu resultado, se você joga ou não joga”. Eu falei “tá bom, se você tá acompanhando isso, me fala!” e ele falou “não, eu acho que se você quer tentar uma medalha, amanhã

jogamos não sei com quem e você devia sair da equipe porque é uma equipe muito forte que vai enfrentar”. Aí a gente reuniu de novo e “tá bem! Vai entrar a reserva e eu fico fora esperando e acompanhando o resultado da Nona Gaprindashvili pra ver como eu me colocava na disputa”. Aí na rodada seguinte – ela seguiu jogando e ganhando – a gente calculou tudo e a situação era: ou eu jogava aquela rodada ou provavelmente eu já perdia a chance da medalha de ouro. Eu teria, quando muito, a de prata. Mas jogando, se eu perdesse, eu podia ficar sem medalha ou só com a de bronze. Então era uma decisão “você joga pela medalha de ouro ou você garante uma medalha, parando de jogar, mas é uma de prata ou eventualmente bronze, algo assim”. E aí eu achei que era muito importante, muito significativo não só pra mim, mas pro xadrez feminino, pro xadrez brasileiro, eventualmente, ter uma medalha de ouro. Então eu resolvi arriscar e jogar, foi uma partida que eu joguei de pretas contra a Argentina e eu me lembro muito porque era um embate muito marcante pra gente que é da região, né? Então você jogava Sul-Americano com elas, eram jogadoras muito fortes e então eu fui escalada, era a última chance, eu tinha que jogar ali, não podia deixar passar mais uma rodada sem jogar. E joguei pelo ouro. Curiosamente, nesse mesmo *match* da Argentina, a jogadora do 1º tabuleiro, a Virginia, também tava jogando pelo ouro no 1º tabuleiro contra a Regina Ribeiro. Ela no 1º e eu pelo ouro no 3º, então era um *match* bem interessante. E aí, como eu falei, tive um pouco a sorte de ganhar e conseguir a medalha [risos]. Mas foi uma medalha que teve todo um trabalho, uns bastidores muito complicados. Essa é a minha maior conquista! A de ter decidido mesmo disputar, de ter conseguido a medalha de ouro. Então eu acho que talvez seja o ponto máximo para mim.

J: Excelente! Interessantíssima a história, obrigada por compartilhar. Já à guisa de finalização do roteiro de entrevista, quais vivências a senhora experienciou relacionadas ao gênero no xadrez que queira trazer?

WIM9: Acho que um pouco essas que eu já falei. Se em termos de tabuleiro, pra mim, sempre foi indiferente estar jogando contra homens ou contra mulheres – absolutamente indiferente – acho que nunca houve essa indiferença ou tratamento igualitário do lado dos organizadores e do lado dos dirigentes. Eu costumo exemplificar de uma forma prática, digamos, e isso você encontra em praticamente todo lugar do mundo. Então eu cheguei aqui em Portugal no Campeonato Feminino, por que é que eu ainda não joguei um torneio feminino? Um Nacional Feminino? Porque ele é sempre organizado de uma

forma diferente. Então o Nacional Feminino aqui, como o Nacional Feminino no Brasil, em geral, é organizado em um fim de semana com rodadas duplas – às vezes triplas no Brasil –, com horários não recomendados pela FIDE, então “vocês jogam às 9 horas da manhã, depois vocês jogam às 3 horas da tarde e, conforme o organizador, você joga de novo às 8 horas da noite”. Então eu acho que isso é um desprezo pelo próprio evento, “como se não houvesse nenhuma importância, eu tenho que fazer mesmo um campeonato feminino e vou fazer dessa forma”. E isso eu acho que é a maior distinção que você sente no jogo. Claro que existe uma questão de valorização, possivelmente... Hoje eu estou muito longe desse mercado profissional, por exemplo, do Brasil, mas acredito que ainda haja uma diferença de salários, quanto ganha uma jogadora e quanto ganha um jogador. Tem essa diferença de organização e, finalmente, até de estruturas. Enquanto eu pude influenciar e participava da confederação – isso foi em um tempo lá em que o Sunye era presidente – a gente tinha toda uma estrutura de classificação pra Olimpíada e eu participei ativamente do desenvolvimento. Ativamente, elaborar o regulamento de equipes e tudo mais. E a gente conseguiu no debate e tudo mais, eu consegui convencê-los que era importante não que a gente participasse exclusivamente do Campeonato Nacional, o resultado, era importante o resultado dos jogadores em um nível mundial. Se a gente queria que o xadrez feminino crescesse no Brasil, a gente tinha que colocar as jogadoras pra aprender fora do Brasil. Se não você tá sempre no mesmo grupo de trabalho, produção e crescimento e isso é limitante. Então a gente desenvolveu todo um sistema de classificação em que o que contavam eram as participações em torneios, os *ratings performances* em torneios e para favorecer a participação ainda dentro do Brasil, 1 ou 2 poderiam ser de nível nacional e os outros poderiam ser de nível internacional. Então tinha todo um sistema de pontuação pra você chegar à representação do Brasil e essa estrutura funcionou durante algum tempo e depois deixou de funcionar e, de novo, é uma coisa que eu chamo de muito precária porque não há um incentivo pra que você jogue fora do país – o que na época era feito exclusivamente às nossas custas, eu cheguei a jogar alguns torneio internacionais, joguei em Cuba, joguei na Suécia torneios fora da representação do Brasil, mas que eu sabia que eram importantes pro crescimento do nível do xadrez – e isso nunca teve nenhum impacto. Então preferem continuar comparando a posição final de uma jogadora em relação a um jogador ou a vários jogadores. E eu acho que a comparação

do que eu chamo de xadrez masculino com o xadrez feminino não pode ser exclusivamente em termos do que é chamado de qualidade técnica. Você tem basicamente duas práticas esportivas, obviamente limitadas ou definidas por características físicas, intelectuais, emocionais do sexo a que estão ligadas. Então basicamente comparando seria o mesmo que você falar que a ginástica artística masculina não é boa porque, claro, não vai ter o mesmo tipo de resultado estético do que a feminina porque o feminino é mais pré-disposto pra este tipo de atividade. Então eu acho que basicamente o que deveriam entender era isso, é o mesmo esporte enquanto base, mas cada um é uma prática esportiva e que deve ser respeitada da mesma forma. E isso eu acho que nunca se alcançou e não vai ser, provavelmente, na minha existência que eu vou enxergar isso muito claro. Em alguns lugares há, sim, torneios em que se trata de igual forma, mas eu acho que deveria ser a aspiração básica. Então é como eu estava falando, por exemplo, aqui em Portugal, no ano passado foi feito um Torneio Nacional Absoluto em que a final era junto com o Feminino. A final do absoluto era um *schuring* de 10 jogadores que jogavam 1 rodada por dia e a final do feminino que começava na mesma data terminou 4 dias antes porque foi um suíço com rodada dupla. E aí você fala, se você está jogando no mesmo lugar, no mesmo nível de torneio, por que é que você não dá a mesma condição? Então isso no Brasil eu já tinha me afastado dos Campeonatos Nacionais, como eu falei, em 2011 eu acho que foi o último Nacional que eu joguei porque já existia uma diferença muito grande nessas organizações. E eu acho que é uma questão mesmo de respeito que as jogadoras deveriam exigir. O único caso em que eu saí de um torneio e não joguei uma rodada foi em um protesto extremo – que foi em um Jogos Regionais ou Jogos Abertos – em que na última hora, no final da rodada do dia anterior, resolveram que o feminino ia jogar 2 rodadas no dia seguinte, a primeira às 9 da manhã. Enfim, eu falei “não, eu não jogo, isso não está no regulamento – não estava no regulamento que era todas as rodadas de tarde –, isso é falta de respeito porque vocês esperaram acabar a rodada pra programar a próxima – quer dizer, a equipe que tá na frente ou não tá, não sei o quê – e isso é um desrespeito total pelo xadrez feminino” e de novo foi dito “não, é assim que a gente organiza” [risos]. Então esse tipo de exigência eu acho que é o campo mais importante do desenvolvimento do xadrez feminino, sobretudo no Brasil, pelo o que eu vejo e sigo acompanhando, claro. É de você ter um nível de disputa equivalente ao do absoluto. Não quero jogo igual, nunca

pretendi isso, embora eu tenha ganho de muitos jogadores homens, mestres e não é esse o ponto. E tenho até resultados, se você olhar em termos de currículo, melhor do que muitos, mas não é esse o meu ponto. Eu quero comparar o jogo, eu quero comparar as condições de jogo.

J: Ótimo! Por fim, daquela criança que iniciou no xadrez, o que ficou em quem a senhora é hoje?

WIM9: Tudo! [risos]. Tudo, eu continuo sendo a mesma, talvez mais segura um pouco das minhas qualidades ou do talento nesse esporte. Mas tudo, é o mesmo jeito, a mesma vontade que eu tinha de competir e vencer em 69 continua até hoje.

J: Excelente! Há algo que a senhora queira acrescentar e que não foi contemplado neste roteiro?

WIM9: Não, não me recordo. Talvez o elogio ao que, apesar das dificuldades, as mulheres têm feito no xadrez. No xadrez brasileiro e tudo. Seja como você, inclusive em uma atividade científica, com uma abordagem científica do xadrez e que vai ser de difusão, de divulgação. Seja por meninas como a Taís, fazendo também toda uma divulgação, seja como a Juliana Terao, tendo resultados altos e também fazendo uma divulgação e participando da *internet*. Eu acho que é todo um novo caminho, um novo mundo que vocês estão explorando bem e fincando mesmo o pé cada vez em espaços maiores. A gente percebe que falta muito em relação à equiparação de tratamento, mas acho que o melhor é essa combatividade que eu tô vendo, esse interesse em desenvolver mesmo. É altamente elogioso!

J: Ótimo, eu quem agradeço! Muito obrigada, novamente, por toda a atenção e todo o carinho com que conduziu o nosso diálogo!

WIM9: O carinho foi seu, gostaria de ver o material final depois da tese mesmo. Eu sei que demora bastante, mas gostaria de ver isso, de poder divulgar um estudo que acho que é dos primeiros – senão o primeiro – que eu tenho notícia especificamente do xadrez feminino e é super importante isso!

J: Sem dúvidas! Eu defendo no ano que vem, em 2024, e tão logo puder disponibilizarei pra todas vocês que fizeram parte com tanto afinho deste estudo. Muito obrigada!

WIM9: Legal, eu é quem agradeço!

Apêndice L – Íntegra da entrevista (WIM 10)

J: Eu gostaria de agradecê-la por toda a atenção em relação ao estudo. Sua idade?

WIM10: 26 anos

J: Data de nascimento?

WIM10: 12/01/1997.

J: Gênero?

WIM10: Feminino.

J: Cidade de nascimento?

WIM10: São Paulo, capital.

J: Cidade de residência?

WIM10: Atualmente Osasco, mas em breve eu irei me mudar pra São José do Rio Preto.

J: Ótimo, obrigada pelo complemento! Cor da pele?

WIM10: Considero clara.

J: Nível de escolaridade?

WIM10: Superior Completo.

J: Ótimo! As etapas anteriores da sua Educação Básica foram cursadas em maior parte em ensino público ou privado?

WIM10: Privado, toda a minha escolaridade. Desde o começo até, inclusive, a faculdade foi privada também.

J: Ótimo! Ela foi cursada em qual instituição?

WIM10: Em uma instituição em São Paulo que se chama Instituto Presbiteriano Mackenzie.

J: Em qual curso?

WIM10: Química bacharelado, eu terminei o ano passado a minha graduação.

J: Ótimo! Sua atual ocupação?

WIM10: Hoje eu trabalho, na verdade, *full time* com o xadrez, seja como atleta profissional que, na verdade, é o principal hoje. Eu me dedico mais a ser atleta profissional do que a aulas ou outros meios. Mas basicamente é só o xadrez hoje, é 100% profissional.

J: Excelente! Considerando o atual salário mínimo de R\$ 1320,00 – sinta-se à vontade para falar em faixas salariais ou em valores brutos – como você caracteriza a sua renda média familiar mensal?

WIM10: Familiar? É que hoje, na verdade, eu tenho... Os meus pais são separados, né? Então, no momento, eu moro com o meu pai apenas e, assim, se for contar só o meu pai isolado eu acredito que seria, não sei, 2 a 3 salários mínimos.

J: Ótimo! A renda média inclui você também, e se a gente fizesse esse adicional?

WIM10: Aí melhoraria bastante, aí seria mais ou menos na faixa de uns 10 salários mínimos.

J: Excelente, obrigada pelo complemento! Agora eu gostaria que você pensasse nos membros da sua família que faziam parte do seu cotidiano na infância. Quem eram eles?

WIM10: Eu tenho um irmão mais novo, um pouquinho mais novo, ele é 3 anos mais novo do que eu e o meu pai e a minha mãe. Essa, na verdade, era a minha família completa por boa parte da minha infância e até o ano passado se mantinha assim.

J: Ótimo! Então pra cada um deles nós faremos uma caracterização em termos de nível de escolaridade e ocupação. Começando pela sua mãe, nível de escolaridade e ocupação?

WIM10: A minha mãe ela também tem o Superior Completo e ela é formada em TI.

J: Excelente! A ocupação dela também é na área?

WIM10: Também é na área, ela é gerente de TI hoje.

J: Ótimo! O mesmo para o seu pai?

WIM10: O meu pai também tem Superior Completo e ele trabalha como administrador de empresas. Na verdade essa é a formação dele, hoje ele trabalha mais na área de vendas.

J: Excelente! E para terminar, o seu irmão?

WIM10: O meu irmão ele só tem a escola, ele ainda não terminou o Ensino Superior Completo e a ocupação, na verdade, hoje ele é autônomo. Ele tem o próprio negócio e é com isso que ele tá trabalhando hoje.

J: Ótimo! Então a gente termina essa primeira fase do roteiro de maior caracterização socioeconômica sua e de sua família e parte pras questões mais dissertativas sobre a sua carreira. Pra começar eu gostaria que você me falasse sobre a sua trajetória esportiva no xadrez, desde a iniciação, passando pelo alcance do título internacional na modalidade, até os dias atuais. Sinta-se bastante à vontade para se alongar, eu estou aqui para te ouvir.

WIM10: Tá bom! Olha, a minha trajetória ela começou basicamente na escola porque eu estudava em uma escola particular de São Paulo que se chamava Colégio Albert Sabin. Na época que eu entrei, ingressei na escola que era uma das melhores escolas ali de São Paulo – particulares, no caso – e tinha ali um projeto de ensino de xadrez. Tanto é que o xadrez fazia parte da grade curricular, então o xadrez era uma matéria mesmo, assim como Matemática, assim como Geografia você tinha que passar nas provas e isso me despertou um interesse muito grande pelo fato de uma escola dar um valor tão grande pro ensino do xadrez desde o Ensino Fundamental até o Ensino Médio. E depois, até, além disso eles faziam um... Como a gente pode dizer, um treino à parte, um extracurricular. Então eu tinha contato com o xadrez desde os 5, 6 anos que foi quando eu entrei nessa escola e eu tive desde a curricular até a extracurricular que eu comecei a participar porque eu me interessei pelo jogo muito cedo. O que ajudava também é que o meu pai ele joga, ele é amador, mas ele também joga, então ele sabia o movimento das peças. Então eu chegava da escola e falava “olha pai, olha o que é que eu aprendi aqui!”, aí a gente jogava, aí ele me falava a opinião dele, a gente acabava discutindo e aí foi o meu primeiro contato. Só que eu lembro que nessa época, quando eu tinha essa

faixa de idade, uns 7 anos, o Álvaro Aranha que é um treinador muito conhecido aqui no Brasil ele despertou o interesse no meu xadrez porque ele viu que eu tinha um certo talento. E aí ele propôs pra minha família pra ele começar a me treinar. E aí foi como tudo começou, no caso, nesse cenário de competições porque no mais eu só tinha ali o contato com a escola, participava de torneios escolares, mas o maior contato mesmo foi quando eu comecei a ter aula com o Álvaro. Ele começou a me levar em competições mais renomadas como o Campeonato Paulista, Campeonato Brasileiro e foi aí que eu fui crescendo na modalidade e cada vez mais. A criança, você sabe que quando ela ganha uma medalha, o ânimo dela aumenta ainda mais. Então eu ganhava as minhas medalhinhas e ficava bastante animada. Mas é claro que o começo ele foi bem difícil, eu lembro que nos primeiros Brasileiros e nos primeiros Paulistas eu ficava em 10º, 12º, então não era que eu comecei a ganhar tudo de cara, no começo foi muito difícil. Mas mesmo assim eu sempre fui uma pessoa muito curiosa e eu sempre quis saber o porquê eu tava ficando em 12º, o que eu tava errando, então eu sempre tive muito a busca pelo conhecimento [áudio cortado devido à instabilidade no sinal da *internet*]. Esse foi um momento que quando eu terminei ali a escola, na verdade quando eu tinha uns 16, 17 anos, esse foi um momento mais crucial [áudio cortado devido à instabilidade no sinal da *internet*].

WIM10: Voltou?

J: Agora sim! Pra mim parou exatamente no momento em que você tava falando da escola e da sua curiosidade de saber o porquê em torneios você ia mal.

WIM10: Tudo bem, sem problemas, eu posso partir daí!

J: Pode ser? Então tá bom, obrigada viu!

WIM10: Imagina, eu é quem peço desculpa! Mas então nessa fase em que... Como eu falei, eu sempre fui uma pessoa muito curiosa, não é à toa que eu escolhi Química que também desperta muita curiosidade sobre o porquê das coisas acontecem, porque tal coisa misturando com tal coisa dá uma coisa. Então eu sempre fui muito curiosa nesse sentido e eu usei isso também pra melhorar a minha questão profissional como atleta. Então eu sempre queria entender o que eu estava errando, como eu podia melhorar e eu sempre fui atrás nesse sentido. Mas o momento decisivo que chegou na minha carreira

foi quando eu tive que escolher entre me dedicar 100% à Química ou tentar conciliar com o xadrez, tentar fazer meio a meio. E foi mais ou menos o caminho que eu acabei fazendo, eu optei por uma faculdade que foi um momento marcante na minha carreira... A primeira que eu entrei foi a Oswaldo Cruz que era uma faculdade em São Paulo que também era particular e ela era referência em Química e em Engenharia Química, era uma das melhores faculdades nesse ramo. E quando eu entrei nessa faculdade, eu me lembro que nesse mesmo ano, tentando conciliar as duas coisas, eu acabei me classificando pra minha primeira Olimpíada e isso foi em 2016. Eu fiquei muito feliz com isso, falei “puxa, eu tô fazendo aqui a graduação de Química que não é um curso fácil e ainda consegui me classificar pra Olimpíada”. Só que aí as coisas viraram de um jeito que eu não esperava porque eu tive que me ausentar por quase 1 mês pra ir pra Olimpíada – que foi em Baku no Azerbaijão – e quando eu voltei a faculdade não teve nenhuma compreensão de que eu fui pra Olimpíada representar o Brasil. E aí eu lembro que eu voltei – porque caiu bem na semana de provas finais – falando “puxa, como é que eu posso fazer pra recuperar?” e eu lembro até hoje que eles colocaram 6, 7 provas na minha mesa e falaram assim “você tem 5 horas pra terminar todas essas provas!”. E eram de matérias completamente diferentes, não era que eu ia fazer 5 provas de Cálculo IV, eu tava fazendo uma prova de Química Orgânica, depois do nada eu ia pra Cálculo III, depois eu tinha que fazer prova de Física. E aí eu lembro que eu enlouqueci esse dia, eu fiquei 5 horas em uma sala tentando fazer 6 provas. Obviamente não deu muito certo e aí nesse momento, em 2016 quando eu tinha acabado de entrar na faculdade, eu me coloquei a mesma dúvida “será que é isso o que eu quero?” porque eu já vi que é bem difícil conciliar as duas coisas e não é todo mundo que compreende. Só que aí curiosamente, por um sinal ou uma luz no fim do túnel, eu recebi uma proposta da faculdade em que eu me formei, do Instituto Presbiteriano Mackenzie e eles me convidaram pra estudar lá com bolsa e apoiando o xadrez porque essa faculdade é muito famosa por apoiar atletas, inclusive atletas olímpicos. O nadador Daniel Dias fazia parte também, vários outros atletas olímpicos também se graduaram lá. Então eu falei “bom, pode ser uma luz!” e aí eu acabei indo pra essa faculdade e foi, com certeza, a melhor escolha que eu fiz porque eles compreendiam. Então eu viajava pra competir, eles compreendiam. Claro que eles davam as provas normais, como qualquer outro aluno, mas eles davam um prazo normal pra você fazer uma prova, então eles davam um

tempo pra eu estudar e eu fazia as provas, aí eu consegui ir conciliando. E aí, finalmente, eu consegui completar a minha graduação no ano passado. Mas eu fiquei feliz de ter conseguido conciliar os dois por muito tempo, afinal foram 5 anos de graduação em que eu tentei conciliar Química... O estágio também porque teve uma época que chegou a conflitar tudo: estágio, o curso, classificar pra Olimpíada. Então teve um momento ali que eu tive que ter muita organização mesmo, se não eu não ia conseguir levar tudo. E aí, completando a graduação, hoje ficou mais tranquilo pra me dedicar ao xadrez, tanto profissionalmente quanto dando aulas também.

J: Ótimo! Neste sentido eu vou te fazer algumas perguntas pra aprofundar um pouco sobre essa trajetória que você acaba de me contar. Eu fiquei bastante curiosa sobre o seu pai que, então, era um amador e já conhecia xadrez. Antes da escola você já tinha contato com a modalidade em casa?

WIM10: Ele chegou a me ensinar o movimento das peças, mas eu sempre fui uma criança que gostava de fazer tudo e eu lembro que além de enxadrista amador, o meu pai também era músico e também amador. E eu lembro que desde criancinha o meu pai ia no conservatório tocar piano e eu ia acompanhar ele porque a minha escola era ali do lado do conservatório. No começo mesmo eu acabei me interessando mais pelo piano do que pelo xadrez em si. E aí começou a entrar outras coisas também porque eu sempre gostei muito de esporte, então o futebol foi algo que entrou bastante na minha vida também, ficou um tempo. Então no começo eu me interessei por tantas coisas que até eu filtrar e chegar a decidir que era o xadrez foi um processo que eu fui tomar uma decisão ali pelos 15 anos porque até lá eu levava os três comigo. Então eu jogava muito futebol, eu praticava muito xadrez e eu tocava muito piano também. E tudo isso foi o meu pai que me introduziu quando eu era criança pra mim e pro meu irmão, mas o meu irmão não gostou muito da ideia. O meu irmão até jogou xadrez até uns 8, 9 anos comigo, ele ia comigo nas competições, mas ele acabou parando e eu acabei seguindo esses três passos, mas aí eu acabei decidindo pelo xadrez mais pra frente. Mas foi ele que me ensinou tudo, desde os movimentos das peças até esse contato ali na escola.

J: Ótimo! E como eram essas práticas iniciais com o seu pai, o que é que vocês faziam, quais eram os sentimentos vivenciados?

WIM10: Era legal porque quando eu aprendia alguma coisa nova na escola, eu chegava em casa e mostrava pra ele. E, no mais, ele ensinava o que ele sabia, o movimento das peças, algumas aberturas básicas. E aí acontecia o inverso também, ele me ensinava as aberturas, eu chegava na escola e perguntava pro meu professor se era bom, se o meu pai não estava me enganando [risos]. E era esse o contato que a gente teve no começo, era bem legal!

J: Excelente! Pra ti, como é que se constituiu o seu interesse pelo xadrez?

WIM10: Eu sempre achei fantástico o xadrez ser infinito, pra começar. Não é um jogo que você pode zerar igual um *video game* que você tem ali as fases e, como eu falei, eu sempre fui uma pessoa muito curiosa. Então o fato de ser um esporte que você nunca pode decifrar é uma coisa curiosa porque sempre tem coisas novas surgindo. O que acontece na Química também que foi o curso que, curiosamente, eu escolhi. Porque a Química também é infinita, sempre tem coisas novas surgindo. E esse foi o meu maior interesse pelo xadrez porque me fascina o fato de que ele nunca acaba, então você sempre tem algo pra aprender. Então quando você acha que sabe de tudo, na verdade, você não sabe de nada, sempre tem mais coisas. Então por isso é que esse foi o meu maior interesse.

J: Ótimo! Me conte um pouco mais sobre o contato com o xadrez na escola, quais diferenças você percebia entre as aulas curriculares, por exemplo, e as extracurriculares?

WIM10: Eu tive um professor que me acompanhou por muito tempo, todo o tempo que eu estudei lá que é o Mestre Internacional Antônio Resende. Ele foi meu professor desde quando eu era criancinha até eu acabar me formando no Ensino Médio. E, assim, nas aulas curriculares a gente aprendia o básico – pelo menos, do que eu me lembro, mais no Ensino Fundamental – eu lembro que tinha o xadrez gigante na sala de xadrez. Tinha uma sala exclusiva de xadrez lá na escola e nessa sala tinha o xadrez gigante, era muito legal porque às vezes ele fazia competições. Mas o que eu me lembro mais na fase curricular era mais o movimento das peças, o valor, xeque-mate em 1 jogada. Agora na extracurricular já era uma preparação mais pra realmente quem quer competir, então tinha treinos mais sérios como, por exemplo, criar um repertório de aberturas pra você ter na competição. Então ali eu aprendia uma abertura de brancas, um abertura de

pretas e ali os exercícios que ele passava eram um pouco mais avançados. E o legal é que não tinha separação de gênero, não tinha separação de idade, era todo mundo junto. Então eu tinha lá 8 anos e entrava em uma sala extracurricular com gente do Ensino Médio. Então não tinha essa separação, isso me ajudou muito a crescer e realmente foi bem legal ter esse contato com pessoas mais fortes e os treinadores ali que eu tive a oportunidade.

J: Excelente! Por volta dos 5, 6 anos foi a idade em que você teve contato com o xadrez na escola ou em casa?

WIM10: Em casa mesmo o meu pai me apresentou quando eu tinha uns 5 anos, na escola foi ali perto de 6, 7. Em casa foi um pouquinho antes, mas eu não tinha conhecimento... Porque eu até me interessei, mas foi como eu falei, eu tinha muitos interesses além do xadrez quando eu era criança. Na época, o futebol e o piano me chamavam mais atenção, mas aí quando eu tive esse contato na escola – também na escola – aí realmente os meus olhos começaram a se abrir um pouco mais para o xadrez.

J: Ótimo! Você citou pelo menos dois Mestres que te introduziram ao xadrez, quais diferenças você percebia entre eles?

WIM10: No caso do Resende que foi ali na parte escolar eu acho que era um pouco mais abrangente, então ele tinha um método de treinamento que ele utilizava com os alunos pra competição. Só que no caso do Álvaro, como ele era um treinador particular, ele sabia mais ou menos as minhas feridas. Então no caso do Resende ele me ajudou no meu processo de formação porque ele me formou desde, entre aspas, do “zero” até eu começar a treinar e a competir. Só que no caso do Álvaro eu já comecei a treinar com ele quando eu já tinha essa base de formação do Resende, ele viu o que é que eu tinha de furos, digamos assim, pra melhorar e ele trabalhava nisso. Então era um treino mais específico, no caso do Álvaro, até porque ele era um treinador particular, então ele conseguia saber mais dos meus problemas, digamos assim, do que o Resende que era um treinador que treinava a equipe inteira. Então às vezes é difícil você perceber problemas pontuais e o Álvaro fazia esse papel, ele percebia os erros pontuais e me ajudava a evoluir.

J: Excelente! Então esta foi a sua iniciação, você deseja continuar falando sobre a sua especialização, ou seja, o seu caminho até o alcance dos títulos de Mestre Internacional Feminina e também Mestre FIDE.

WIM10: Sim, eu lembro que essa questão das titulações é algo que é muito difícil também no Brasil, é um tema que a gente pode falar mais sobre ele, porque pra quem não é do meio do xadrez às vezes não entende como a gente chega nas titulações. De um resumo, você precisa ter 3 requisitos – a gente chama de normas, mas quando a gente fala normas, nem todo mundo entende – pra você obter uma titulação. Então se eu tô começando hoje e quero ser Mestre, eu preciso ter 3 requisitos e geralmente esses requisitos são você ter *performance* em campeonatos internacionais ou campeonatos que tenham estrangeiros, pode até ser no Brasil, mas você precisa jogar com estrangeiro, então não adianta... Você não pode se tornar Mestre no xadrez sem enfrentar estrangeiros, digamos assim, com exceção do Mestre FIDE que eu vou já entrar em maiores detalhes. Mas isso é um obstáculo muito grande no Brasil porque você tem poucas oportunidades de torneios internacionais. Então isso é o que eu acho uma diferença muito grande quando falam... A gente vai até falar um pouco mais do Grande Mestre Feminino, mas só dando um pequeno *spoiler*, eu acho que é um dos principais problemas, a falta de oportunidade. Porque na Europa você tem torneio acontecendo a todo instante, a todo momento. Você tá ali em Portugal, você pega um voo de 1 hora e meia e já tá na Espanha, se você quiser, e assim por diante. É muito fácil você circular ali na Europa, então tem torneio o tempo todo. Agora pra gente, principalmente da América do Sul, é muito difícil... Na verdade é muito custoso você ir pra Europa pra conquistar os títulos, então são oportunidades muito pontuais que a gente tem. Curiosamente eu conquistei o título de Mestre Internacional Feminina o ano passado, eu atingi o 3º requisito no ano passado e curiosamente, dos 3 requisitos, 2 foram conquistados no Brasil, por incrível que pareça! Mas como eu falei, pode ser conquistado no Brasil, mas precisa ser torneios internacionais. Um deles foi o Mundial Universitário e o outro foi o Campeonato Continental. E aí o 3º e último eu conquistei na Espanha, em uma viagem que eu fiz no ano passado, e aí eu finalizei os 3 requisitos e conquistei o título de Mestre Internacional Feminina. E aí chegaram as Olimpíadas, eu tava com um *rating* de 2290 e eu precisava de 10 pontinhos pra chegar em 2300. Quando chega em 2300 você pode solicitar o Mestre FIDE absoluto que é um título que

tanto mulheres quanto homens podem ter. Essa é uma dúvida que muita gente tem também, mas as mulheres podem ter dupla titulação que é o meu caso e o caso da Juliana Terao também. Nós somos tanto Mestre Internacional Feminina que é considerado, entre aspas, um título “abaixo” do absoluto porque o Mestre FIDE você precisa chegar a 2300 de *rating*, de pontuação e o Mestre Internacional Feminina, 2250, então é um pouquinho a mais.

J: Ótimo! E como foi o seu percurso até lá, durante a adolescência quais foram as suas práticas, como foi a sua trajetória?

WIM10: Uma coisa curiosa é que eu nunca fui muito fã de leitura até, pelo menos, ali os 16, 17 anos eu não gostava muito de ler. É porque eu sempre também fui muito da área de Exatas, então eu sempre gostei da parte prática ali da coisa. Mas assim, chegou em um ponto no xadrez que eu realmente não tava mais evoluindo e foi justamente nessa época, depois que eu classifiquei pra Olimpíada, quando eu cheguei ali na faixa dos 2000, 2050 de *rating* e aí eu realmente empaquei. E eu me dei conta de que se eu não começasse a leitura, por mais difícil que fosse pra mim na época, eu não ia evoluir. Só que aí eu acabei, curiosamente, pegando muito gosto pela leitura, então era uma coisa que eu nunca tinha experimentado, mas quando eu experimentei eu vi que tava dando resultado, então foi algo que eu gostei. Então desde então – falando aí de datas, desde 2017 pra cá que foi a época que eu mais evolui – foi justamente através de leituras, então eu li bastante, eu li muitos livros mesmo de xadrez mas também, claro, eu nunca deixei a parte prática de lado, então eu sempre tinha o costume de jogar 1 ou 2 torneios por mês. Pelo menos nessa época, hoje em dia eu jogo um pouco menos, mas eu tinha mais ou menos essa meta.

J: Certo! Você julga então que o principal ponto de partida pro alcance dessas titulações foi a mudança do treinamento para a leitura?

WIM10: Isso! Porque no xadrez a gente fala muito de reconhecimento de padrão, isso acontece na prática quando você faz muitos exercícios de uma coisa. Quando você faz muitas equações, uma hora você vai pegar o esquema da coisa, né? No xadrez você tem esse reconhecimento de padrões também, quanto mais você lê, quanto mais você conhece, mais você se lembra na hora do jogo. Então você tá jogando e você fala “poxa, eu já vi isso aqui em algum lugar!” e aí você tem um guia, você tem uma instrução ali

de como seguir. Mas se você não lê, se você não tem esse conhecimento, como é que você vai saber ou, pelo menos, como é que você vai sentir por onde que é o caminho? Então pra você ter esse *feeling*, você precisa ler bastante porque se não você acaba usando muito a sua intuição, mas intuição também é algo que você trabalha tendo conhecimento. Então se você tá com o intuito de fazer alguma coisa é porque você já viu aquilo em algum lugar. Então quanto mais você conhece, mais eu acho que te ajuda, então eu acho que as leituras foram um ponto fundamental ali na minha evolução.

J: Excelente! Considerando toda a sua trajetória houveram interrupções, rupturas ou este se deu mais enquanto um processo contínuo?

WIM10: Olha, parar de jogar a gente sempre pensa às vezes quando tem uma sequência de torneios ruins ou quando tem muita coisa acumulada acontecendo como eu tive na época do estágio e da faculdade. Eu realmente tive essa dúvida, mas parar de jogar eu nunca parei, desde quando eu comecei ali da fase escolar, dos 7, 8 anos, eu nunca deixei de ver alguma coisa de xadrez, de participar de alguma competição, eu nunca parei por completo. Claro que teve momentos em que eu não estudei, mas não quer dizer que eu parei de jogar porque teve um mês em que eu realmente precisava focar na minha graduação. Então eu sempre fui muito correta nesse sentido de saber o tempo ideal pras coisas, então quando era semana de provas finais, eu só me dedicava a isso, eu nem via nada de xadrez. E automaticamente eu achava que não era um momento legal pra competir. Mas parar de jogar eu realmente nunca parei, então foi sempre um processo mais ou menos contínuo.

J: Ótimo! Que peso você atribui ao investimento pessoal que teve pra construir a sua habilidade no xadrez, ou seja, do que é que você teve que abrir mão?

WIM10: Olha, muita coisa! Pra se dedicar ao xadrez precisa, às vezes, impor uma carga horária de estudos, abrir mão de algumas coisas. Então o que eu mais sentia foi a parte da família porque na maioria das competições eu tava fora. Então, enfim, quando era aniversário de alguém, aniversário da minha mãe, aniversário do meu pai, às vezes eu estava fora não por escolha própria, mas porque as competições caíram nestas datas. Então a principal coisa que eu acho que o atleta abre mão – pelo menos eu posso falar no meu caso – é a questão da família. No caso do relacionamento não muito porque o

meu namorado joga xadrez, então a gente viaja junto pras competições, mas eu acho que a questão familiar ela pesa bastante aí nesse sentido.

J: Ótimo! E o que é que outras pessoas – familiares, amigos, mentores – tiveram que abrir mão pra que você construísse a sua carreira no xadrez?

WIM10: Olha, essa é uma pergunta bem interessante! No caso da minha família, a única pessoa que realmente apoiava a minha presença no xadrez desde criança era o meu pai. Então o meu pai sempre fez de tudo pra que eu pudesse ter aulas de xadrez que não era uma coisa barata, é um investimento. Então não era algo que ele tinha sobrando, mas o meu pai sempre se desdobrou, então eu acho que ele abriu mão de muita coisa pra fazer com que eu pudesse ter treinamento, participar das competições que também não eram baratas. Porque é muito difícil o atleta ter patrocínio aqui no Brasil, principalmente quando a gente fala de xadrez que não é um esporte muito popular aqui. Então desde criança o meu pai teve que desdobrar pra poder me levar pras competições e pra fazer com que eu tivesse treinamento. E os meus treinadores eu acho que também, da mesma forma, eles abriram mão pra que eu pudesse ter um treinamento mais único, específico, não sei usar exatamente as palavras. Mas eles abriram mão também do tempo deles, eu acho que todo mundo abriu mão do tempo ali pra me ajudar no processo de evolução.

J: Excelente! Quais expectativas você tinha sobre si mesma?

WIM10: Em que momento?

J: Pode pensar em todo o percurso de iniciação, especialização e alto rendimento.

WIM10: Quando eu tava na escola, na época escolar, eu não tinha muita expectativa. O meu principal objetivo era me divertir jogando xadrez. Só que eu acho que o que abriu realmente os meus olhos foi quando eu classifiquei pra minha primeira Olimpíada, pra mim era um sonho jogar uma Olimpíada de xadrez, mesmo ela sendo separada. Isso é algo que muita gente não sabe que ela é separada dos demais esportes, a gente tem uma Olimpíada só pro xadrez. Então foi algo que realmente eu falei “será que realmente não é um sinal pra eu dar uma investida um pouco maior nisso?”. E aí foi a época em que eu realmente comecei a me dedicar mais, então até eu entrar na faculdade, em 2016, era algo que eu gostava, mas eu não tinha certeza onde eu iria chegar. Mas quando eu classifiquei pra Olimpíada eu realmente percebi que eu poderia treinar um pouco mais,

me dedicar um pouco mais a isso e foi o que eu acabei fazendo. E aí eu acabei conquistando os meus primeiros Campeonatos Paulistas na época, os meus Brasileiros e aí eu comecei a me dedicar realmente ao alto rendimento. E aí, desde então, eu nunca parei, tanto é que eu conquistei o Brasileiro Adulto em 2021, o Brasileiro Universitário, então 2021 foi um ano muito bom pra mim na minha carreira porque, basicamente, ganhei muita coisa nesse ano. Então foi um ano que realmente me despertou muita felicidade [risos].

J: Bacana! E o depósito de expectativas por outras pessoas, você sentia que havia?

WIM10: Antigamente não, mas hoje em dia, como o mundo hoje tá muito tecnológico, você tem muita transmissão de eventos, naturalmente pras principais competições a gente tem a cobertura hoje em dia. Então principalmente pelo canal do Raffael Chess que é um *streamer* que ficou muito famoso ali por justamente levar o xadrez pra maior quantidade de pessoas possível, né? Isso automaticamente acabou acontecendo, então naturalmente tem uma pressão externa por parte do público, mas isso é algo que os atletas eu acho que não devem se preocupar tanto. Não é algo fácil de lidar, eu já trabalhei com *internet*. Até 2021 eu gerenciei a plataforma *Chess24* que é uma plataforma não só pra você jogar, mas transmitir eventos de xadrez e eu era ali a pioneira, eu era a diretora de xadrez do Brasil. Na verdade não do Brasil, mas do idioma português, então englobava Portugal, entre outros. E ali eu percebia que realmente era um meio um pouco tóxico, que realmente tinha essa pressão, tinha certos comentários, mas eu acho que no fim isso me deixou muito mais fortalecida. Então no começo foi um processo difícil de lidar, mas eu acho que eu fui amadurecendo com isso também.

J: Ótimo! E em relação à sua rotina de preparação e treinamento, como ela se dava e foi se transformando ao longo das fases?

WIM10: No começo, como toda criança, eu sempre... Na verdade não só criança, mas quando eu era adolescente também eu treinava o que eu gostava. Então no xadrez você tem que treinar muita coisa, desde a fase inicial que é a fase que você começa o jogo, a abertura, mas também a fase ali de como você segue, o meio-jogo e depois como é que você finaliza, os finais, então tem todo um processo. Só que eu sempre gostei de resolver exercícios, como eu falei, eu sempre fui das Exatas, então eu sempre gostei da parte prática, de pegar um livro que só tinha exercícios e ficar fazendo o dia inteiro, eu

poderia ficar horas e horas ali. É o que a gente fala no xadrez que é a parte prática que é você ver golpes, ameaçar rasteiras, então dessas coisas eu gostava bastante. Mas a parte que eu falei anteriormente de conceitos, de você conhecer mais padrões era a parte mais chata de estudar pra mim que era a parte estratégica. É você entender o porquê aquela peça tem que ir ali, o porquê você tem que fazer esse plano e é aí que vem a parte da leitura. Então, no começo, eu fazia praticamente só a parte prática até ali os 2000 de *rating*, eu não me preocupava com qualquer outra coisa. Mas, claro, aí chegou um momento em que eu comecei encontrar essas barreiras, não conseguia mais evoluir e aí eu tive que mudar totalmente o meu processo de treinamento. Desde então e até hoje eu costumo treinar todas as partes do jogo, é um treinamento bem completo. Eu divido, ao longo das semanas, mas envolve a parte de abertura, meio-jogo e final e também a parte prática.

J: Excelente! Qual a importância do xadrez ao longo de sua história?

WIM10: Olha, o xadrez, pra mim, foi tudo e em todos os sentidos porque na faculdade me ajudou muito a ter essa questão da tomada de decisão que é algo, no xadrez, que você precisa fazer a todo momento. Você tem ali segundos no relógio e você precisa tomar uma decisão, fazer coisas sob pressão porque no xadrez você joga com relógio, na maioria das competições, então a todo momento você tem que tomar uma decisão ali sob pressão. Então isso foi algo que me ajudou bastante no estágio, na própria faculdade ali quando a gente fazia trabalho em grupo, você tinha que tomar uma decisão e eu sempre falava alguma coisa. E também na questão de me organizar porque, como eu falei, em um momento eu cheguei a conciliar muita coisa ao mesmo tempo – xadrez, estágio – e se eu não conseguisse ter um mínimo de organização eu acho que eu não conseguiria lidar com tudo. E o xadrez me ajudou nisso porque eu sempre tive uma organização muito grande nos meus estudos de xadrez e acabou refletindo na faculdade também, eu acabei me organizando bastante também ali na faculdade.

J: Ótimo! Ao longo deste percurso houveram temores, aflições, decepções ou mesmo dificuldades?

WIM10: Ah, com certeza! Falando principalmente de dificuldades eu acho que é principalmente a parte da família porque, como eu falei, o único membro da minha família que realmente me apoiou foi o meu pai porque o resto não gostava muito que eu

jogasse xadrez. Então isso foi um empecilho muito grande porque ao invés de ter, digamos assim, uma renda da minha mãe mais a do meu pai me ajudando nas competições, era só o meu pai. Então isso reduzia muito as possibilidades de treino e de competição, então isso foi ficando em uma época muito difícil, foi uma época que eu acabei jogando menos torneios, tendo menos aulas. Mas aí quando eu fui crescendo, fui evoluindo, foi quando eu comecei a criar a minha própria renda dando aulas e fazendo outros projetos com o xadrez. Mas no começo a dificuldade era mais essa do apoio familiar. E teve muitos momentos – até hoje – que a gente tem torneios que não, que acha que não vai... Torneios frustrantes que acabam dando uma desanimada, mas como eu falei eu sempre tive esses lapsos de pensamento de querer parar de jogar, mas no fundo é o que a gente gosta. Assim como todo atleta, tem um momento que ele acha que as coisas não vão bem, mas às vezes é só respirar novos ares, ter um pouquinho de paciência e continuar treinando que eu acho que o resultado vem em algum momento.

J: Excelente! Neste mesmo sentido houveram restrições, proibições ou mesmo limitações advindas da prática?

WIM10: Não. No começo tinha um certo bloqueio por parte dos meus familiares porque a maior preocupação hoje, principalmente com o xadrez que não é um esporte muito falado – hoje é até mais do que uns anos atrás por conta do *boom* do Gambito da Rainha que teve um crescimento gigantesco no xadrez *online* e automaticamente no xadrez de um modo geral – mas a preocupação dos pais é realmente com a questão financeira eu acho porque pelo menos falando da minha família, a preocupação era “puxa, mas xadrez não dá dinheiro, foca em outra coisa”. Mas assim, eu sempre acho que é bom você ter um plano b, por isso que eu sempre fui à favor de você fazer uma graduação porque você nunca sabe ou não se vai dar certo a vida de um atleta, então é sempre bom você ter um diploma. Então por isso que eu sempre foquei mas, por exemplo, a minha primeira opção de faculdade era Educação Física, só que a minha família não aprovou, então aí eu fui pra Química. Então eu acho que esses são os medos de pais de atletas, de você ter uma renda ali. Então de bloqueio eu lembro que não, mas de não ser muito a favor, eu lembro que teve algumas vezes sim.

J: Certo! O que o xadrez representa pra você?

WIM10: Olha, o xadrez representa hoje tudo pra mim porque eu acho que não consigo ficar um dia sem ver alguma coisa do xadrez. Então sempre eu tô vendo algum vídeo, algum documentário ou mesmo estudando. Em momentos em que eu tinha muita coisa pra fazer da faculdade eu lembro que eu falava “vamos dar uma pausa, jogar umas partidas aqui de xadrez pra desestressar”, então o xadrez está presente em tudo, tanto em momentos de felicidade, quanto em momentos de estresse, é algo que faz parte realmente do meu cotidiano e eu me sinto muito bem fazendo.

J: Excelente! Pra ti como é que se constituiu o seu gosto pelo xadrez?

WIM10: Eu sempre gostei do âmbito de competição, eu sempre fui uma pessoa muito competitiva, então isso automaticamente sempre me despertou e no xadrez não é diferente. Porque no piano era diferente, no piano não tinha essa questão da competição, eu tocava mas falava “gente, eu tô tocando aqui por quê? Como é que eu vou saber se eu sou boa ou não?”. Mas no xadrez... No futebol também tinha muito isso, por isso é que por muito tempo eu continuei no futebol, você tinha essa questão da competição. Então eu sempre fui uma criança muito competitiva, mas é o que eu falei pra você, o que mais me despertou no xadrez foi essa curiosidade de ser uma coisa completamente infinita. Porque às vezes o melhor jogador do mundo comete erros e não entende o que tá acontecendo, então se nem ele entende, por que é que a gente vai entender? Isso foi algo sempre que me despertou profundo interesse pelo xadrez mais do que outros esportes. Então por mais que o futebol fosse algo mais físico, essa questão mental do xadrez sempre me chamou muita atenção porque eu tinha visto vários documentários que às vezes um atleta tecnicamente estava super bem preparado, mas mentalmente ele não estava e ele tinha uma das piores competições da vida dele. Mesmo ele estando 100% tecnicamente, mas mentalmente ele não tava bem e isso no xadrez é fundamental. Por isso que eu acho que é um diferencial muito grande dos outros esportes, além de ser individual, a carga fica toda em você, você também tem que lidar com outras coisas. Porque às vezes no futebol, não sei, o camisa 10 não tá em um bom dia, mas você tem outros 10 jogadores pra ajudar e fazer com que o time jogue bem ou ele é substituído. No xadrez é você e você, então por isso é que eu sempre achei um esporte bem desafiador.

J: Ótimo! Além do seu pai e do seu irmão existe na sua família mais alguém que tenha tido contato com o xadrez?

WIM10: Não. Contato eu acho que sim, talvez em algum momento. Mas contato seria totalmente o básico, o movimento das peças. Mas mais do que isso não.

J: Exatamente este contato, quem mais eram estas pessoas?

WIM10: Do contato com as peças? Eu lembro que os meus primos eles tinham contato, mas era também porque era introduzido na escola, mas algo muito básico. Mas não foi pelos pais.

J: Você meio que já comentou um pouquinho em relação à minha próxima pergunta, mas além do xadrez, da música e do futebol, você praticava outras atividades esportivas ou de lazer?

WIM10: Sim, é que eu gostei muito de vários esportes. O tênis é algo que eu faço até hoje também, tênis de campo. O tênis de mesa eu também gosto de jogar, mas eu gosto mais de tênis de campo que eu faço aula. E eu sempre achei importante você equilibrar as três coisas: a parte técnica, a parte mental e a parte física. Eu acho que pra um atleta de alto rendimento, essas três coisas precisam ter. Por experiência própria, como eu falei pra você, às vezes o mental e o técnico tava bom, mas o físico não tava bom. E aí o que é que acontece, no físico, no xadrez, às vezes você tem partidas muito longas e aí se você não estiver com o seu físico em dia, chega ali na 3ª, 4ª hora de jogo vai cansando e isso vai decaindo a sua produção durante as partidas. Por isso é que eu acho que o Magnus Carlsen que é o melhor jogador do mundo, em partes, além do ótimo xadrez que ele tem, mas também em parte é por isso, ele tem uma forma física muito em dia, trabalha muito a parte mental e é um excelente jogador de xadrez. Então eu sempre tentei trabalhar essas três [áudio cortado devido à instabilidade no sinal da *internet*].

J: Você consegue me ouvir?

WIM10: Consigo.

J: Ah, então tá! Deu um corte aqui pra mim, mas eu consegui entender o que você disse. De alguma maneira a escolha do seu curso superior na graduação teve relação com o xadrez?

WIM10: Olha, Química é um pouco diferente de tudo. Tá me ouvindo?

J: Sim!

WIM10: É que tá dando que eu perdi a conexão aqui.

J: Tá travando, mas eu tô conseguindo! [risos].

WIM10: Tá, deixa eu ver se eu consigo mudar aqui. Acho que agora vai!

J: Melhorou!

WIM10: Você pode repetir a pergunta, por gentileza? Acho que cortou aqui.

J: Claro, eu perguntei se a escolha do seu curso superior teve relação com o xadrez.

WIM10: Então, a Química ela é um pouco diferente do xadrez, mas a semelhança que eu consigo encontrar é o que eu tinha mencionado da questão de ser infinito porque a Química também é algo que sempre me despertou muito interesse porque sempre quando eu via na escola eu falava “gente, por que se eu misturar isso aqui com isso vai dar aquilo?”. E aí eu ficava sempre muito interessada em saber o porquê disso. E, claro, nos dois – tanto na Química quanto no xadrez – precisa estudar muito, então eu sempre tive essas duas coisas e sempre foi algo pesado em termos de estudo. Então eu acho que a única relação que eu vejo é essa da dificuldade dos dois porque são coisas que demandam bastante estudo, mas também essa parte de ser infinito mesmo e despertar totalmente a minha curiosidade.

J: Ótimo! Fale um pouco sobre a carreira de uma jogadora de xadrez em alto rendimento no xadrez brasileiro, você se considera profissional?

WIM10: Sim, me considero profissional, hoje eu me dedico totalmente ao xadrez. Então hoje eu tenho um patrocínio, desde o ano passado que me ajuda bastante a participar de competições. Como o xadrez não é um esporte muito visível, digamos assim, é muito difícil você só competir. Eu acho que, na verdade, eu conheço uma pessoa só que realmente só compete que é o Grande Mestre do Brasil Alexandr Fier. Ele realmente se dedica só à competição, mas todos os outros jogadores que eu conheço não conseguem se dedicar só a isso. Porque aí depende de você ganhar torneios e ter uma boa premiação, então realmente é um ramo muito escasso. Então normalmente os

enxadristas trabalham com outras coisas hoje, eles dão aulas, palestras, tudo pra ter essa renda pra poder competir. Então o patrocínio me ajudou muito nesse sentido porque hoje eu quase não dou aulas mais, foco totalmente ali nas competições.

J: Excelente! E a partir de quando, pra ti, veio esse senso de profissionalismo?

WIM10: Olha, no ano passado, pela primeira vez, eu tinha conquistado o posto de número 1 do *ranking* feminino, então isso foi algo que despertou certa responsabilidade pra mim e também o fato de eu ter participado das últimas 3 Olimpíadas representando o Brasil. Então somando todos esses fatores, como eu falei, 2021 foi um ano muito positivo pra mim em termos de títulos. E a graduação principalmente quando foi a época da pandemia, muita parte do meu curso eu acabei fazendo EAD. E na Química, como é algo muito prático, isso foi algo que foi me desmotivando também de certa forma porque às vezes a gente trabalhava algumas matérias que no laboratório eram um pouco mais fáceis de visualizar. Eu acabei desanimando da Química durante a pandemia e, pelo contrário, acabei me animando bastante com o xadrez. Então todas essas coisas fizeram com que o xadrez ficasse ali no topo.

J: Ótimo! Você desenvolveu e até hoje desenvolve uma das atividades mais eminentes deste xadrez pós-pandemia que é a de *streamer*. Pode falar mais um pouco sobre ela?

WIM10: Sim! Na pandemia, na verdade antes da pandemia eu trabalhava em uma empresa, como eu falei, que se chamava *Chess24* e que era uma empresa de transmissão de eventos. Então a gente transmitia os principais eventos que estavam acontecendo no mundo, só que a partir daí muita gente acabou começando a incentivar a criação de um canal, tanto no *YouTube* quando na *Twitch* que era uma plataforma mais conhecida de *streaming* também e aí na pandemia eu acabei abrindo um canal, ali em 2021. E foi uma coisa, como eu falei, que no início foi um pouco difícil porque eu não tinha a mínima noção de que a *internet* era um ambiente tóxico porque eu nunca tinha trabalhado com *internet* na verdade, não sabia o que eu poderia enfrentar. Eu achava que era um meio normal em que você posta um vídeo e todo mundo te apoia, mas principalmente por ser mulher eu acho que eu sofri muito no começo. Muito mesmo, eu cheguei a pensar em desistir várias vezes, de parar com essa criação de conteúdo. Mas isso foi algo que eu fui sabendo lidar, fui aprendendo, fui conversando, fui trabalhando e eu acho que hoje eu sou muito mais madura em relação a isso. Então é um desafio muito grande,

principalmente pras mulheres, porque eu pelo menos não vejo outra enxadrista fazendo isso que eu faço hoje, a questão do *streamer*, porque realmente tem um custo você se expor. Então eu acho que no começo é difícil, mas eu acho que vale a pena porque você consegue fazer com que o xadrez alcance mais pessoas.

J: Excelente! Você pode se alongar um pouco mais sobre os custos dessa exposição?

WIM10: Eu acho que basicamente hoje é como eu falei, antigamente quando a gente não tinha acesso à *internet* era muito difícil você conhecer os principais jogadores e jogadoras de xadrez. Talvez os mais famosos como o Méquinho, Rafael Leitão, Milos, os mais da antiga você até sabia falar, mas os talentos que estavam surgindo, ninguém sabia. Então hoje com a transmissão e cobertura de eventos o pessoal começou a ser o holofote, o centro das atenções. Então basicamente como eu sou a única mulher que faz isso hoje aqui no Brasil, enxadrista, eu acabei sendo o holofote no caso do público feminino. Então eu sou a pessoa que mais aparece ali nos lugares em qualquer coisa, seja falando de eventos, seja falando sobre mim. Então isso é realmente uma coisa que me incomodou e ainda me incomoda até hoje porque você vai pra uma competição e recebe mensagens ofensivas, não só pra mim mas a minha família também já recebeu mensagens ofensivas, então é algo que vai se escalando até um ponto que fica incontrolável. Então esse é o ponto mais negativo que eu vejo da *internet*, como eu falei, principalmente pelo fato de eu ser mulher também.

J: Ótimo! Considerando toda a sua bagagem, que diferenças você percebe entre o contexto enxadrístico nacional e aqueles vivenciados por ti no exterior?

WIM10: O que eu mais senti de diferença, como eu falei lá no começo, foram as oportunidades. Eu acho que na Europa você tem muito mais oportunidade do que no Brasil. A começar pelo idioma porque a maioria dos livros de xadrez você não encontra em português, são raríssimos os livros que você encontra em português de qualidade. O que eu conheço hoje é o Xadrez Básico que é bastante famoso, mas também tem uma notação antiga, né? O que nem todo mundo entende, então esse já é o primeiro obstáculo porque não é toda criança que nasce falando inglês, que nasce falando espanhol. Então a gente tem o primeiro obstáculo que é aprender um novo idioma, para aprender o livro, para aprender o xadrez, então a gente tem uma escala de dificuldades. Lá na Europa você não encontra esse problema, pelo menos não como a gente, então

esse é o primeiro fator. Outro é que você tem competições, como eu falei, em todo lugar e a todo momento. E competições de alto nível, então isso realmente... Por exemplo, eu joguei em 2020 um torneio que se chama Gibraltar, é um torneio famosíssimo, eu realmente investi muito pra jogar esse torneio porque jogam os melhores jogadores do mundo. Então, por exemplo, o Carlsen estava jogando o torneio, mas isso é uma oportunidade que... O Carlsen é o melhor jogador do mundo pra quem não sabe, mas é uma oportunidade única pra mim, mas pros Europeus talvez não seja única, talvez no próximo ano ele esteja lá novamente. Então também é uma questão cultural porque muitos países europeus têm o xadrez nas escolas e também têm um incentivo maior no próprio xadrez, então eles enxergam o xadrez com outros olhos. Na América do Sul, inclusive, até a Argentina é um país que tem se destacado bastante no xadrez, principalmente no xadrez de base. Então tem um novo nome do xadrez mundial que chama Faustino Oro e alcançou a titulação que eu alcancei no ano passado que é Mestre FIDE. Ele é o jogador mais jovem a alcançar na história essa titulação e ele é da Argentina, então o que é que isso chama a atenção? Que mesmo os países sul-americanos podem, sim, investir no xadrez de base porque tem muito talento escondido aí, mas aí precisa de oportunidade. E a número 1 do feminino na Argentina também é uma jogadora muito forte, acho que ela tem 16 anos e tem quase 2400 de *rating* FIDE. Então tem talento surgindo, o problema é achar esses talentos. Mas na Argentina aumentou muito o número de torneios. Então eu acho que na verdade o principal objetivo é esse, o idioma, como eu falei, português é um idioma difícil de achar em materiais de xadrez, mas também os torneios. Eu acho que tem poucos torneios, principalmente pra aqueles que querem se profissionalizar e conseguir titulação. Pra jogadores que querem simplesmente aprender xadrez e ser um jogador amador, eu acho que não tem nenhum problema. Mas quem quer realmente ali seguir a carreira no esporte, eu acho que tem esses obstáculos.

J: Ótimo! De maneira geral, como é que você avalia a sua trajetória no xadrez?

WIM10: Olha, eu acho que foi uma trajetória boa, mas tem alguns pontos que eu acho que poderiam melhorar. No começo eu acho que acabei evoluindo bastante rápido, eu tirei o meu *rating* FIDE com 12 anos que é uma idade relativamente boa, principalmente pra mulher que na época eu acho que não tinha muito. Eu tive um período de oscilação, principalmente na fase do Ensino Médio que foi aquela época que

eu realmente não sabia o que eu queria, estava me dedicando mais ao vestibular e aí realmente ali na fase de 2017 até 2021 eu acho que foi a fase em que eu realmente tive uma explosão e foi quando eu atingi o número 1 do Brasil. E aí hoje o que é mais difícil, na verdade, é você manter porque você pode até se esforçar e chegar à número 1, mas é muito mais difícil você ter motivação pra manter. Então às vezes você chega lá e você fala “mas e agora?”. Então é muito importante também que tenham outras meninas, como tem, pra digamos bater de frente a frente. Hoje a gente tem a Kathiê, tem a Juliana Terao, tem a Vanessa Feliciano que tá parada no momento, mas enfim, quando ela voltar também é uma grande candidata. Então tem jogadoras ali que se você piscar o olho tiram o seu posto, então também é uma motivação muito grande que é o que acontece hoje entre eu e a Juliana mais frequentemente. Então é algo que a gente acaba se motivando também.

J: Excelente! Ser Grande Mestre Feminina é um objetivo pra ti?

WIM10: Com certeza! Eu acho que esse é o maior objetivo no momento. Não que eu esteja fissurada nisso porque sempre tive a filosofia de que a titulação ela chega quando você tá pronta. Então você tem que se preparar, isso é o mais importante porque às vezes a gente pensa “puxa, eu quero ser Grande Mestre!”, mas a gente esquece que tem um processo longo até chegar lá. Então o meu objetivo hoje é tentar melhorar o máximo que eu conseguir em todos os aspectos do meu jogo e quando for o momento que eu achar que tiver pronta vai acontecer. Eu não fico pensando muito, mas com certeza é um objetivo não só meu, mas também das enxadristas que estão bem perto de conquistar que são a Juliana Terao e a própria Kathiê que eu também mencionei. Se eu não me engano essas são as duas que estão junto comigo buscando ali mais perto hoje em dia essa titulação.

J: Ótimo! Quais atributos pessoais você julga serem importantes pra exercer a modalidade, o que é que é bom que uma pessoa tenha pra jogar xadrez?

WIM10: Pra jogar xadrez e se desenvolver em alto rendimento eu acho que precisa ter muita organização porque não adianta você... Eu sempre gostei da filosofia de que qualidade é melhor do que quantidade, então não adianta você estudar 10 horas, mas não saber o que você tá estudando, às vezes as 10 horas foram inúteis. Então é bom você ter uma organização de tempo, estrutural, o que você quer estudar. Então

organização é algo que eu achei sempre muito importante, espírito competitivo eu acho que, na dosagem certa, também é muito bom se não você não tem ambição, você não tem objetivo. E no mais eu acho que principalmente hoje ter uma boa força mental porque, como eu falei pra você, a *internet* é algo que poluiu muito, os atletas – principalmente os profissionais – contam ali com pessoas que estão em todo o lado do mundo, no anonimato e te atacando o tempo todo, achando que você deve fazer isso, fazer aquilo. Então eu acho que trabalhar a parte mental, hoje em dia, é fundamental pra um atleta de alto rendimento.

J: Destes atributos pessoais que você elencou, quais você julga possuir?

WIM10: Eu acho que esses eu tenho trabalhado bastante. Na parte organizacional eu sempre fui muito organizada, a parte mental eu sempre trabalhei muito desde que eu comecei a trabalhar com *internet* foi algo que eu comecei a trabalhar e nunca mais parei, a parte psicológica. Eu trabalho com uma profissional da área desde 2021 e, no mais, eu sempre tive muita vontade de vencer, então isso foi algo que sempre me motivou a buscar lugares mais altos. Então hoje, como eu falei, a jornada ainda não acabou, eu quero ser Grande Mestre Feminina primeiro e, se tudo der certo, eu quero continuar a jornada até Grande Mestre no absoluto.

J: Ótimo! Considerando que não temos WGM no Brasil, o que significou o alcance máximo do título de Mestre Internacional Feminina – e no seu caso também de Mestre FIDE – pra você?

WIM10: Foi uma conquista muito grande, principalmente o Mestre FIDE absoluto porque essa titulação você só consegue atingir se em algum momento da sua vida você atingiu 2300 de *rating* FIDE. Então o fato de só duas mulheres na história do Brasil terem conseguido isso é algo que me deixou muito feliz. Então a Juliana Terao foi a primeira em 2017, se eu não me engano, eu tava presente no Campeonato Brasileiro quando ela ultrapassou a barreira dos 2300 e na Olimpíada do ano passado eu também ultrapassei essa barreira e acabei conquistando o título. O título de Mestre Internacional Feminina também é importante pra mim, mas o mais importante mesmo foi o Mestre FIDE absoluto porque é algo quase que único, só eu e a Juliana conseguimos conquistar hoje e eu acho que isso é um motivo de muita inspiração pra muitas meninas porque a

gente conseguiu títulos que os homens também podem conseguir que é sempre uma pergunta que muitos fazem dessa divisão e eu acho que é importante.

J: Ótimo! O que você pensa sobre a influência do talento na sua carreira?

WIM10: Eu acho que essa pergunta é sempre bem interessante porque muita gente fala de talento ou dedicação e eu sempre acho que o talento é a capacidade de você aprender. Então eu não acho que alguém nasce com talento e só com ele você consegue se transformar em um grande atleta, eu acho que precisa de muito esforço por trás disso. Talento é aquela pessoa que tem facilidade de aprender, nem todos têm. Nem todos têm tanto, mas eu sempre acho que todo mundo tem um pouco de talento. Mas eu acho que o talento, sem o esforço, acho que ele não chega em lugar nenhum. Então eu sempre acho que os dois precisam andar lado a lado.

J: Excelente! Pra ti, quais são as principais conquistas da sua carreira?

WIM10: Primeiro eu gosto sempre de mencionar todos os Campeonatos Brasileiros, mas principalmente o Campeonato Brasileiro Adulto que eu conquistei em 2021. Eu também lembro com bastante carinho dos campeonatos sul-americanos, eu fiquei como vice nos dois, mas eu lembro que eu tinha 15 anos e fiquei como vice no Sub-20, né? Então tinha atletas ali até 20 anos, eu tinha 15 e conquistei esses dois. E, no mais, os 2 Campeonatos Pan-Americanos que eu acho que fiquei bastante feliz também e a outra que marca bastante são as participações nas Olimpíadas, principalmente a última que eu acho que eu tive a melhor participação de toda a história das 3 que eu participei. E no mais eu acho que só. Ah, o Campeonato Mundial Universitário que foi o que eu conquistei a norma de Mestre Internacional, eu fiquei em 4º lugar no Campeonato Mundial, foi algo que eu lembrei também. Teria só como eu pegar uma águinha rapidinho?

J: Claro, fique à vontade! [pausa].

WIM10: Prontinho!

J: Ótimo! Já à guisa de conclusão do roteiro de entrevista, quais experiências relacionadas ao gênero você experienciou no xadrez que queira trazer?

WIM10: Esse é um assunto bem polêmico, eu particularmente nunca sofri nada nas competições porque eu já ouvi o relato de inúmeras mulheres que realmente sofreram preconceitos, mas também porque em boa parte da minha infância e da minha adolescência eu sempre fui acompanhada pelo meu pai nas competições. Então acho que ninguém ousava se aproximar do meu pai pra falar alguma coisa. Mas, como eu falei, na *internet* foi algo que eu sofri muito, principalmente quando eu tava gerenciando ali a plataforma do *Chess24* sempre surgiram comentários como “por que é que uma mulher tá fazendo isso?”, “coloca outro no lugar!”, aquela famosa frase de “lugar da mulher é na cozinha!”, então essas frases machistas sempre aconteceram. Mas, no mais, quando você olha as competições é nítido que você percebe um tom de machismo no ar, principalmente essa do Gaudium que terminou agora teve muitos comentários machistas no *chat* de que deveria separar o feminino do... Porque no xadrez não existe masculino, né? Pra começar, mas o comentário deles é que deveria separar o feminino do masculino porque as 3 mulheres participantes foram eliminadas na primeira fase. Mas eles não se dão conta de que a gente estava jogando com os melhores jogadores do Brasil, então surgem esses tipos de comentários que realmente desanimam. E muito se fala sobre essa divisão, no xadrez a gente tem o absoluto que é onde homens e mulheres podem jogar juntos e tem o feminino em que só as mulheres podem participar. Eu sempre fui muito a favor de existir a categoria feminina, então tem esse primeiro embate sobre se deve existir ou não porque é uma dúvida muito importante. Às vezes a gente fala “puxa, mas se as mulheres querem jogar igual aos homens, por que é que a gente tem a categoria feminina então?”. Mas é justamente por isso, se a gente não tivesse [áudio cortado devido à instabilidade no sinal da *internet*]... Mas principalmente as meninas que tão começando, então a gente tem muitas enxadristas de base, de 7 ou 8 anos, que a família não vai enviar, colocar ela em uma van e fazer ela participar de torneios com vários homens. Então é muito importante a criança ter esse contato com os torneios femininos no começo, então eu sempre apoiei a existência do xadrez feminino. Mas eu acho que à medida em que a atleta vai evoluindo, vai crescendo, eu acho importantíssimo participar de torneios absolutos. Então é por isso que no ano passado eu optei por jogar o Campeonato Brasileiro Absoluto ao invés do Campeonato Feminino – porque os dois eram na mesma data, então eu tive que fazer uma escolha – e eu acho que é importante pra você alcançar voos maiores. Mas, no mais, eu acho que o

objetivo maior é que um dia a quantidade de mulheres, tomara, seja igual a quantidade de homens jogando xadrez. Ainda que hoje a diferença seja muito grande, tanto em termos de titulações porque, se eu não me engano, eu fiz uma reportagem pro projeto Damas em Ação e eu lembro que os dados de 2021 eram que, no mundo, a gente tinha 1040 ou 1050 Grandes Mestres. Absolutos, homens. E no feminino tinham só 39. Então olha a diferença, de 1050 homens que têm a titulação máxima, só 40 mulheres. Mas também a quantidade de praticantes é absurdamente diferente, então acho que não tem como comparar isso no momento.

J: Excelente! Você pode se alongar um pouco sobre o projeto Damas em Ação?

WIM10: Sim, é um projeto que a gente iniciou com as atletas olímpicas da Olimpíada de, se eu não me engano, 2018. E a gente se reuniu pra criar esse projeto Damas em Ação que era um projeto, basicamente, pra incentivar o xadrez feminino no Brasil. Com foco no Brasil, mas se a gente conseguisse alcançar outros países, melhor ainda. Mas o nosso objetivo era fazer várias ações pra que pudesse alcançar o público feminino, então a gente deu muitas aulas pras meninas durante um ano, no outro ano a gente abriu um torneio *online* só exclusivo pro público feminino. Então na verdade foram várias ações que tinham como objetivo incentivar o xadrez feminino e, pra isso, nada melhor do que criar um grupo com as melhores enxadristas do Brasil pra incentivar. Só que hoje em dia o projeto tá um pouco parado porque a gente não teve muito retorno do público feminino, então isso foi algo que também foi desanimando de certa forma, mas o projeto segue de pé e a gente segue tentando incentivar ali as meninas.

J: Ótimo! Por fim, daquela criança que iniciou no xadrez, o que ficou em quem você é hoje?

WIM10: Olha, eu acho que ainda sou uma criança sonhadora, eu acho que os meus objetivos ainda não se concluíram, então a menina que era criança e sonhava em ser a número 1 do Brasil – eu consegui conquistar esse título no ano passado – ainda tem muito pela frente. Eu quero realmente conquistar o título de Grande Mestre, em longo prazo, e também quero ter vários... Quando eu realmente conseguir estabilizar a minha carreira e conquistar meus objetivos profissionais, eu quero realmente criar projetos de incentivo ao xadrez – começando nas escolas –, mas também queria criar projetos pessoais mesmo pra incentivar principalmente o público feminino.

J: Excelente! Há algo que você queira acrescentar e que não foi contemplado neste roteiro?

WIM10: Acho que não!

J: Então desta forma, mais uma vez, eu gostaria de te agradecer por toda a atenção em relação à pesquisa e todo o carinho com que conduziu o nosso diálogo. Muito obrigada!

WIM10: Eu que agradeço pelo convite, obrigada!

ANEXOS

Anexo A – Parecer consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP)



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Trajetórias de atletas de nacionalidade brasileira pertencentes ao quadro de títulos internacionais da modalidade xadrez: uma abordagem sociológica sobre a origem e constituição de disposições

Pesquisador: Jéssica dos Anjos Januário

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 51440721.2.0000.5404

Instituição Proponente: Faculdade de Educação Física

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.043.333

Apresentação do Projeto:

As informações contidas nos campos "Apresentação do Projeto", "Objetivo da Pesquisa" e "Avaliação dos Riscos e Benefícios" foram obtidas dos documentos apresentados para apreciação ética e das informações inseridas pelo Pesquisador Responsável do estudo na Plataforma Brasil

Introdução:

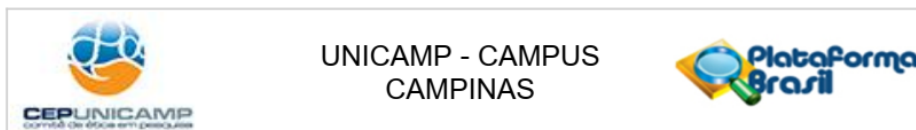
O esporte é um fenômeno sociocultural e, como tal, integra-se e transforma-se de acordo com a cultura e os costumes da sociedade em que se insere. Nela se estrutura, também a estruturando e, por ela, é estruturado.

Na configuração contemporânea, assume elasticidade semântica e formas heterogêneas de manifestação.

O campo social que o perpassa constitui-se a partir das relações de força que, entre conflitos e consensos, delineiam espaços de posições em que concorrem estruturas e agentes entre suas relativamente autônomas normas, regras e bens.

Interage com diversos campos sociais e constitui, ele próprio, o espaço relativamente autônomo em que concorrem normas, regras e capitais próprios do campo esportivo.

Endereço: Rua Tessália Vieira de Camargo, 126, 1º andar do Prédio I da Faculdade de Ciências Médicas
Bairro: Barão Geraldo **CEP:** 13.083-887
UF: SP **Município:** CAMPINAS
Telefone: (19)3521-8936 **Fax:** (19)3521-7187 **E-mail:** cep@unicamp.br



Continuação do Parecer: 5.043.333

Neste, por sua vez, se insere o subcampo esportivo do xadrez, o qual remonta seu pertencimento a esta esfera à própria emergência do campo durante a transição do século XIX para o XX.

Fruto de um processo em movimento e fundamentado em uma perspectiva de longo prazo, sua esportivização não se trata de uma questão apriorística e meramente conceitual, mas de um percurso estabelecido por sua história estrutural relativamente autônoma.

A lógica específica do subcampo enxadrístico é legatária ao esporte no que se refere às relações entre a modalidade, seus ambientes e sentidos.

Sendo o esporte – e por extensão, o xadrez – aquilo que se faz com ele, um dos desdobramentos possíveis entre a associação destas três esferas é a manifestação de alto rendimento desta prática.

No espaço de disputas do qual pertence esta prática, essencialmente meritocrático e cujo “dom” ou “talento” recebe quase sempre uma concepção substancialista, as relações entre a origem social dos indivíduos e a sua trajetória no esporte encontram-se, usualmente, ignoradas.

Neste sentido, a posição e os trunfos anteriormente adquiridos pelos agentes, sobretudo o cultural, propiciariam o acúmulo de uma herança decisiva para o alcance do sucesso esportivo.

Pautada em princípios como a alta seletividade, a meritocracia e a restrição, este segmento se distingue ao passo em que dissimula o seu direito de entrada e estabelece fronteiras entre os eleitos e aqueles que, destituídos dos ritos de consagração e legitimação disseminados pelo sistema, não conservam os limites constitutivos e propriedades que conformam a ordem de sua elite.

No subespaço enxadrístico, a classificação de grupos mais favorecidos conta com a outorga de títulos honoríficos que, por seu turno, atuam como ritos de instituição capazes de consagrar e legitimar a diferença, “fazendo-a existir enquanto diferença social, conhecida e reconhecida pelo agente investido e pelos demais”.

Ao concretizar uma série de mecanismos de seleção e de classificação, o esporte – sobretudo em alto rendimento – efetuará, assim, a distinção entre os detentores do capital herdado e aqueles que não o possuem, reforçando diferenças culturais, sociais e econômicas relativas aos processos educacionais reprodutores desta herança.

Vitalícias, tais honrarias concedem a estima, cortesia e respeito a quem as detém, tornando possível “com que alguns mantenham sua posição ou se conservem à distância enquanto outros se mantêm em seu lugar e se contentam com o que são, a serem o que têm de ser, privando-os

Endereço: Rua Tessália Vieira de Camargo, 126, 1º andar do Prédio I da Faculdade de Ciências Médicas
Bairro: Barão Geraldo **CEP:** 13.083-887
UF: SP **Município:** CAMPINAS
Telefone: (19)3521-8936 **Fax:** (19)3521-7187 **E-mail:** cep@unicamp.br



Continuação do Parecer: 5.043.333

assim da própria privação”.

No enxadrismo, é a Federação Internacional de Xadrez (FIDE) a instituição que controla a nível mundial a concessão oficial de certificações e orienta a existência de regras sistematizadas, atributo determinante da contextualização do esporte enquanto atividade cultural e da racionalidade com que o incorporam seus indivíduos.

Fundada em 20 de julho de 1924 em Paris, capital da França, a associação foi uma das primeiras de sua categoria ao lado de órgãos reguladores de modalidades esportivas como o críquete, a natação e o automobilismo.

Reconhecida desde 1999 pelo Comitê Olímpico Internacional (COI) como uma organização esportiva global, a federação conta com 190 países afiliados por meio de suas entidades nacionais de xadrez e dezenas de milhões de jogadores em todos os continentes sob o lema “gens una sumus”, expressão latina que denota “somos uma única família”.

A despeito desta máxima, ainda que o conjunto de pessoas adeptas à instituição possa ser considerado sob uma pretensa unidade, sua linhagem é heterogênea no que concerne às diferentes classes conformadas pelas oficiais titulações.

No tocante ao grupo social de atletas, as graduações são clivadas por uma classificação que se distingue entre absoluta, a qual admite a concorrência entre homens e mulheres e feminina, cuja posse se restringe somente a estas últimas.

São títulos absolutos, em ordem ascendente de sua relevância: Candidate Master (CM), FIDE Master (FM), International Master (IM) e Grandmaster (GM).

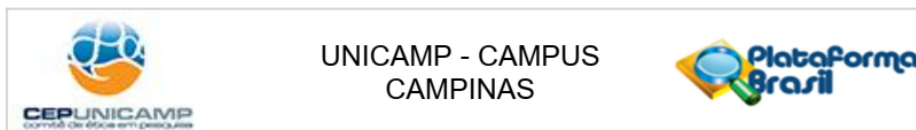
São títulos femininos, em crescente progressão: Woman Candidate Master (WCM), Woman FIDE Master (WFM), Woman International Master (WIM) e Woman Grandmaster (WGM).

Siglas que precedem o próprio nome e sobrenome de enxadristas, tais certificações são alcançadas por meio da participação em competições oficiais regidas pela federação internacional da modalidade. Nelas, para cada uma das graduações, requer-se a obtenção de pontuações específicas no ranking oficial de atletas e normas de desempenho ou de títulos, as quais são proporcionalmente sempre mais exigentes para a categoria absoluta em detrimento dos investimentos ao alçar certificações análogas no certame feminino.

Se colocadas em relação, considerando-se apenas o critério de pontos exigidos na listagem

Página 03 de

Endereço: Rua Tessália Vieira de Camargo, 126, 1º andar do Prédio I da Faculdade de Ciências Médicas
Bairro: Barão Geraldo **CEP:** 13.083-887
UF: SP **Município:** CAMPINAS
Telefone: (19)3521-8936 **Fax:** (19)3521-7187 **E-mail:** cep@unicamp.br



Continuação do Parecer: 5.043.333

internacional, são necessários 2200 pontos para Candidate Master (CM) e 2000 pontos para Woman Candidate Master (WCM); 2300 pontos para FIDE Master (FM) e 2100 pontos para Woman FIDE Master (WFM); 2400 pontos para International Master (IM) e 2200 pontos para Woman International Master (WIM); 2500 pontos para Grandmaster (GM) e 2300 pontos para Woman Grandmaster (WGM).

Posto isto, a obtenção da grande maestria por homens e mulheres enxadristas pode ser compreendida como a representação máxima do alcance de titulações que simbolizam o mais alto rendimento e distinção nesta modalidade.

De modo a ilustrar a raridade desta conquista, dados das estatísticas brasileiras disponibilizadas pela Federação Internacional de Xadrez (2021) demonstram que do universo de 18283 atletas pelos quais têm-se o registro ao longo de toda a história, apenas 14 enxadristas brasileiros, todos eles homens, atingiram este feito.

Mais do que números, no entanto, cada um destes indivíduos carrega consigo uma história, trama esta de ações e relações envolta por condições subjetivas e objetivas a serem exploradas e que os constituem enquanto seletor grupo a ser investigado.

A trajetória esportiva de Grandes Mestres brasileiros tem sido considerada objeto de estudo de recentes investigações na intersecção de perspectivas de análise nas áreas da Educação Física, Educação e Sociologia.

Entre seus aspectos socioculturais, a relação entre a origem social e o desempenho destes indivíduos tem se mostrado demarcada pela herança cultural familiar, acúmulo difuso e precoce de um repertório simbólico promissor em relação ao alcance de percursos prolongados e de relativo sucesso em determinado espaço social.

O vislumbre dos processos de transmissão e apropriação deste patrimônio e suas formas de manifestação nas disposições relacionadas à prática do xadrez traz, enquanto evidências, graus distintos de bens que não se fazem sempre unos, tampouco advindos de uma unificante influência transmissora e com ações unívocas sobre aquele que os herdam.

Ao invés disso, os indícios demonstram que as condições sociais vivenciadas pela família, os modos com que as mediações de sua transmissão se deram e o sentido com que cada um dos indivíduos a incorporou foram fatores que, dentre outros, variaram a tonalidade econômica, social e cultural de propriedades distintas de posses acumuladas por este grupo social.

Endereço: Rua Tessália Vieira de Camargo, 126, 1º andar do Prédio I da Faculdade de Ciências Médicas
Bairro: Barão Geraldo **CEP:** 13.083-887
UF: SP **Município:** CAMPINAS
Telefone: (19)3521-8936 **Fax:** (19)3521-7187 **E-mail:** cep@unicamp.br



Continuação do Parecer: 5.043.333

Considerando o contexto brasileiro, no entanto, mesmo entre o grupo de mais alto grau de distinção no que concerne aos enxadristas do país, uma exceção à regra pôde ser verificada a partir do indivíduo de mais recente entrada a este grupo.

Com disposições predominantemente originárias pela via escolar de aquisição, a conformação de seus trunfos contrariou a tônica da marca indelével da socialização primária familiar carregada, até então, por uma maioria de herdeiros.

Tal indicativo, por suposto, contribui para a elaboração de indagações acerca de como se originariam as disposições de grupos sociais detentores das diversas outras titulações para além da grande maestria. Afinal, entre dominantes e dominados, quais regras se colocam na ascendência deste jogo? Por que uns, não outros e, principalmente, a ausência de outras?

Considerando que a trajetória se inscreve de forma relacional à estrutura do campo e ao sistema de disposições dos agentes, faz-se importante atentar, a partir do exposto, a possíveis regularidades e irregularidades do subcampo enxadrístico no que se refere às conformações dos patrimônios que acumulam seus agentes em termos de como se apresentam as suas mais distintas hierarquias.

Colocando em xeque os seus próprios sistemas de classificações, bem como questionando-se sobre possíveis heterogeneidades no que tange à influência das disposições nas supostas homogêneas titulações outorgadas por este lócus, faz-se questão central deste estudo: como se constituem as trajetórias esportivas de enxadristas de nacionalidade brasileira detentores de titulações internacionais outorgadas no interior do alto rendimento do subcampo esportivo do xadrez?

Deste modo, desvelar como se originam e constituem as disposições relacionadas à prática do xadrez ao longo da trajetória esportiva de jogadores brasileiros titulados internacionalmente nas categorias absoluto e feminino faz-se questão relevante entre a elite desta modalidade.

O objetivo deste estudo consiste, assim, em investigar a origem e constituição das disposições relacionadas à prática do xadrez ao longo da trajetória esportiva de jogadores brasileiros pertencentes ao quadro de títulos internacionais – em suas categorias absoluto e feminino – da modalidade.

Espera-se oferecer subsídios socioculturais e pedagógicos sobre a origem e constituição dos processos sociais presentes no alcance do sucesso no esporte.

Endereço: Rua Tessália Vieira de Camargo, 126, 1º andar do Prédio I da Faculdade de Ciências Médicas
Bairro: Barão Geraldo **CEP:** 13.083-887
UF: SP **Município:** CAMPINAS
Telefone: (19)3521-8936 **Fax:** (19)3521-7187 **E-mail:** cep@unicamp.br



Continuação do Parecer: 5.043.333

Metodologia Proposta:

Grupo de participantes

O grupo de participantes será composto por jogadores de xadrez titulados internacionalmente nas categorias absoluto e feminino, sendo este o delineamento considerado de alto rendimento nesta modalidade.

Representativos do mais alto rendimento conquistado por um atleta no âmbito do xadrez brasileiro e detendo, assim, princípios de diferenciação expressos pelo maior volume e estrutura globais de capitais em relação à outras posições ocupadas neste espaço, o grupo de participantes deste estudo será composto por jogadores brasileiros pertencentes ao quadro de titulados internacionais da Federação Internacional de Xadrez (FIDE).

A quantidade de atletas será definida pelo cumprimento dos parâmetros elencados a seguir, sendo os critérios de escolha considerados para estes participantes, deste modo:

- a) possuir, durante o período de realização desta pesquisa (2018 a 2023), algum dos títulos internacionais outorgados pela federação que rege a modalidade esportiva; b) apresentar nacionalidade de origem brasileira;
- c) obter o aceite do termo de consentimento livre e esclarecido próprio das condições deste estudo.

Com a intenção de se obter uma prévia sobre a disponibilidade de participação deste grupo, o contato inicial com os participantes será realizado por meio do envio de informações referentes ao estudo em seus respectivos endereços eletrônicos disponibilizados por meio de contato direto com a pesquisadora principal deste estudo, a qual possui uma rede de relações vasta e extensa de pessoas na comunidade enxadrística que podem contribuir de modo a indicar o estudo aos participantes requeridos pela pesquisa.

Produção dos dados

Os dados serão produzidos por meio de entrevistas retrospectivas semiestruturadas e analisados por meio da Análise Temática Reflexiva.

O recurso às entrevistas retrospectivas semiestruturadas será adotado como forma de produção dos dados por meio de realizações remotas ou presenciais com cada um dos participantes.

Endereço: Rua Tessália Vieira de Camargo, 126, 1º andar do Prédio I da Faculdade de Ciências Médicas
Bairro: Barão Geraldo **CEP:** 13.083-887
UF: SP **Município:** CAMPINAS
Telefone: (19)3521-8936 **Fax:** (19)3521-7187 **E-mail:** cep@unicamp.br



Continuação do Parecer: 5.043.333

O roteiro semi-estruturado, a ser utilizado na entrevista, se encontra no 'Anexo A – Roteiro de Entrevista' do arquivo 'Projeto.docx', de 13/10/2021 17:17:47).

O roteiro inicial contempla questões fechadas e abertas com a finalidade de proporcionar tanto a praticidade da obtenção de dados socioeconômicos referentes aos participantes e às participantes e suas famílias quanto, em um segundo momento, a autorreflexão sobre a trajetória esportiva a partir da flexibilidade necessária para o aprofundamento de determinados temas conforme a sua emergência.

O agendamento dos encontros pessoais necessários para a produção dos dados por meio do procedimento da entrevista semiestruturada com cada um dos jogadores disponíveis será realizado a partir das sugestões de datas e locais propostos pelos participantes, de forma a assegurar a mínima interferência em suas atividades de treinamento e/ou de competição.

A identidade de cada um deles será preservada pelo desígnio aleatório de siglas e números para a representação das transcrições literais de seus discursos e dos excertos de suas falas utilizados ao longo do texto.

Todas as entrevistas serão gravadas em áudio com o auxílio de um gravador digital para posterior análise, garantindo a preservação do sigilo e anonimato destes dados.

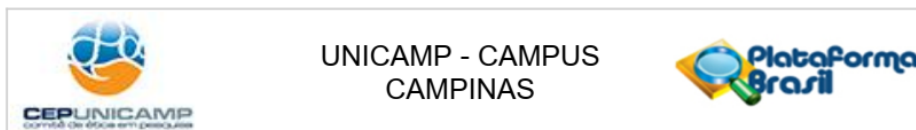
O retorno de uma cópia escrita da transcrição de cada depoimento, tão logo esta etapa seja finalizada, será garantido aos participantes para que estes tenham a oportunidade de rever e modificar as suas falas, caso assim as desejarem, compondo delas uma versão final.

Análise dos dados

A abordagem é orientada a uma pesquisa inteiramente qualitativa no que se refere aos seus aspectos filosóficos e procedimentais, compreendendo-a enquanto instância criativa, reflexa e cuja subjetividade do pesquisador é entendida como um recurso – ao invés de uma potencial ameaça – a produção do conhecimento.

Nesta perspectiva, o processo de significação e de produção de significados é sempre visto como

Endereço: Rua Tessália Vieira de Camargo, 126, 1º andar do Prédio I da Faculdade de Ciências Médicas			
Bairro: Barão Geraldo		CEP: 13.083-887	
UF: SP	Município: CAMPINAS		
Telefone: (19)3521-8936	Fax: (19)3521-7187	E-mail: cep@unicamp.br	



Continuação do Parecer: 5.043.333

fruto de um contexto, de uma posição e de uma situação que dão origem a narrativas criadas e interpretadas. A busca por uma verdade única, absoluta e que se encontra nas estranhas dos dados, assim, não seria interesse uma vez que se considera que não é neles capaz de ser encontrada.

Compreendendo os procedimentos metodológicos como indissociavelmente teóricos e práticos ao longo de todo o percurso que envolve o fazer científico, o qual transcende a mera deliberação pelo uso de um conjunto de técnicas incoerentes aos objetos empíricos enfrentados pelo pesquisador, este estudo se propõe a um pressuposto epistemológico amparado por uma abordagem sociológica qualitativa de pesquisa. Neste itinerário, assim, intenta-se contar com os fundamentos teórico-metodológicos da reflexividade reflexa bourdieusiana em resgate à pertinência de sua análise para a temática central aqui tratada.

A abordagem qualitativa de pesquisa será utilizada a fim de identificar e analisar em profundidade tal problemática. O referencial teórico-metodológico utilizado consistirá na obra do sociólogo francês Pierre Bourdieu.

A opção por uma abordagem qualitativa de estudo, por sua vez, tem por finalidade identificar e analisar com profundidade o espaço social ao qual propõe-se a investigar, bem como proporcionar a criação de categorias de análise que possam subsidiar a leitura e compreensão do tema.

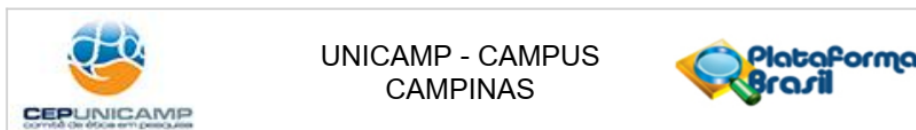
O processo de análise dos dados será realizado por meio dos procedimentos que compõem a Análise Temática Reflexiva.

Amplamente utilizada nas pesquisas qualitativas sobre o fenômeno esportivo, tal metodologia tem como finalidade identificar, analisar e reportar padrões temáticos no interior de determinada base de dados de modo a construir, por meio da reflexividade, conhecimento teórico e transparência, o corpus particular de interesse do estudo.

De fundamental importância nesta metodologia são as posições assumidas em relação à análise, sendo este um fazer recursivo e reflexivo sobre ambas as fases de codificação e o próprio processo de tomada de decisões.

Como expõem Braun, Clarke e Weate (2016), o exame de um dado quadro teórico traz consigo o que ele representa em termos de uma visão de mundo e de realidade, carregando uma série de

Endereço: Rua Tessália Vieira de Camargo, 126, 1º andar do Prédio I da Faculdade de Ciências Médicas
Bairro: Barão Geraldo **CEP:** 13.083-887
UF: SP **Município:** CAMPINAS
Telefone: (19)3521-8936 **Fax:** (19)3521-7187 **E-mail:** cep@unicamp.br



Continuação do Parecer: 5.043.333

postulados sobre a essência dos dados.

Uma apropriação adequada da Análise Temática Reflexiva, neste sentido, tornaria tais concepções transparentes.

A consciência de que toda decisão deve ser reconhecida pelo pesquisador como uma dentre uma gama de várias outras possíveis é, por si só, razão pela qual a clareza sobre o processo e a prática daquilo que se faz devem ser considerados relevantes.

A Análise Temática Reflexiva envolve um número de decisões que, como apontam Braun e Clarke (2019), devem ser consideradas antes que se inicie a análise dos dados de modo a estabelecer um diálogo entre questões que não necessariamente precisam ser limitadas a escolha de apenas um ou outro dos espectros propostos.

Dentre elas, encontram-se:

- a) Definição do tema: a origem e a constituição das disposições relacionadas à prática do xadrez será definido como tema central deste estudo, sendo este o eixo que sustentará a emergência de demais temas a ele relacionados.
- b) Uma rica descrição do conjunto de dados versus um relato detalhado de dado aspecto em particular: este estudo privilegiará um relato detalhado dos aspectos que se referem à origem e constituição das disposições relacionadas à prática do xadrez. Sem exclusão, se necessário, de uma descrição detalhada de aspectos latentes que sejam relevantes.
- c) Análise indutiva versus teórica: considerando o referencial teórico bourdieusiano com o qual conta o estudo, esta decisão se dará por uma análise de cunho teórico baseada nos conceitos e teoria do autor. Não se exclui, porém, a contribuição e possibilidade de apropriação de demais autores.
- d) Tema semântico versus latente: considerando tratar de um tema que só pode ser desvelado a partir de aspectos que lhe são ocultos, a opção por esta escolha será por uma análise de nível latente. Sem menosprezar, no entanto, que este é um processo de progressão contínuo durante o estudo e que envolverá, inicialmente, a descrição semântica para a elucidação de seus temas.
- e) Epistemologia essencialista/realista versus construcionista: com vista à produção do contexto sociocultural que tornou possível a trajetória esportiva dos participantes deste estudo, a opção construcionista será utilizada.

Critério de Inclusão:

A quantidade de atletas será definida pelo cumprimento dos parâmetros elencados a seguir, sendo

Endereço: Rua Tessália Vieira de Camargo, 126, 1º andar do Prédio I da Faculdade de Ciências Médicas
Bairro: Barão Geraldo **CEP:** 13.083-887
UF: SP **Município:** CAMPINAS
Telefone: (19)3521-8936 **Fax:** (19)3521-7187 **E-mail:** cep@unicamp.br



Continuação do Parecer: 5.043.333

os critérios de escolha considerados para estes participantes, deste modo:

- a) possuir, durante o período de realização desta pesquisa (2018 a 2023), algum dos títulos internacionais outorgados pela federação que rege a modalidade esportiva; b) apresentar nacionalidade de origem brasileira;
- c) obter o aceite do termo de consentimento livre e esclarecido próprio das condições deste estudo.

Tamanho da Amostra no Brasil: 14

Grupos em que serão divididos os participantes da pesquisa neste centro

- Mestre FIDE Feminina (WFM) (2) Entrevista
- Mestre FIDE (MF) (2) Entrevista
- Candidato a Mestre (CM) (2) Entrevista
- Grande Mestre Feminina (WGM) (2) Entrevista
- Mestre Internacional Feminina (WIM) (2) Entrevista
- Candidata a Mestre Feminina (WCM) (2) Entrevista
- Grande Mestre (GM) (2) Entrevista- Mestre Internacional (MI) (2) Entrevista

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Investigar a constituição das trajetórias esportivas de enxadristas de nacionalidade brasileira detentores de titulações internacionais outorgadas no interior do alto rendimento do subcampo esportivo do xadrez.

Objetivo Secundário:

- a) Analisar a relação entre a influência das condições sociais e as escolhas, valores e formas específicas de socialização presentes na trajetória esportiva de jogadores pertencentes ao alto rendimento do xadrez brasileiro;
- b) Explorar os processos sociais pelos quais a transmissão e apropriação das disposições relacionadas à prática do xadrez absoluto e feminino se originaram e constituíram ao longo da trajetória esportiva;
- c) Delinear os grupos de referências e as variadas modalidades de socialização decorrentes da interação de cada um dos jogadores com estruturas sociais e agentes detentores da cultura esportiva própria da modalidade do xadrez;
- d) Identificar categorias de análise que expressem ambas as particularidades e generalizações possíveis dentre as histórias de vida analisadas, compreendendo-as no alternar de leituras que

Endereço: Rua Tessália Vieira de Camargo, 126, 1º andar do Prédio I da Faculdade de Ciências Médicas
Bairro: Barão Geraldo **CEP:** 13.083-887
UF: SP **Município:** CAMPINAS
Telefone: (19)3521-8936 **Fax:** (19)3521-7187 **E-mail:** cep@unicamp.br



Continuação do Parecer: 5.043.333

privilegiem ora a sua singularidade e completude, ora o estabelecimento de possíveis relações que possam delinear entre si;

e) Oferecer subsídios teóricos-metodológicos que contribuam para a compreensão dos processos sociais pelos quais os desempenhos de alto rendimento se originam e constituem-se no campo esportivo brasileiro, elegendo o subcampo do xadrez em seu âmbito absoluto e feminino como caso representativo da heterogeneidade própria do fenômeno esportivo expressa na contemporaneidade do contexto brasileiro.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

(conforme informado pelo pesquisador)

Riscos:

Esta pesquisa não envolve riscos previsíveis relacionados à participação e não terá nenhum custo ou quaisquer compensações financeiras.

Durante as entrevistas, caso algum assunto seja delicado e cause desconforto, haverá a opção por não mais falar a respeito.

Não haverá insistência para a continuidade em momento algum, sendo possível o encerramento da entrevista quando o(a) participante desejar.

Benefícios:

Os benefícios relacionados à participação serão relativos à promoção de reflexões sobre as trajetórias de atletas de nacionalidade brasileira pertencentes ao quadro de títulos internacionais da modalidade xadrez. Além disso, poderá contribuir para aumentar o conhecimento científico na área de Educação Física e Esporte.

Os resultados poderão indicar possibilidades de melhorias quanto às formas de atuação e consequente promoção de transformações sociais referentes à origem e constituição dos processos sociais presentes no alcance do sucesso no esporte.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Título do projeto na folha de rosto - adequado

Nome do pesquisador responsável na folha de rosto - adequado

Nome da representante da unidade proponente (nome, função, carimbo) - adequado

Proposta de tese de doutoramento.

Equipe de Pesquisa:

- Jéssica dos Anjos Januário

Endereço: Rua Tessália Vieira de Camargo, 126, 1º andar do Prédio I da Faculdade de Ciências Médicas
Bairro: Barão Geraldo **CEP:** 13.083-887
UF: SP **Município:** CAMPINAS
Telefone: (19)3521-8936 **Fax:** (19)3521-7187 **E-mail:** cep@unicamp.br



Continuação do Parecer: 5.043.333

- Profa. Dra. Sílvia Cristina Franco Amaral
- Prof. Dr. Sérgio Settani Giglio

No campo 'cronograma' do documento gerado pela Plataforma Brasil, as entrevistas e coletas de dados estão previstas para os meses de janeiro a dezembro de 2022 - adequado

No campo 'orçamento' do documento gerado pela Plataforma Brasil, o pesquisador relata um orçamento de 'R\$850,00'. Esse orçamento é compatível com o orçamento de um projeto de pesquisa financiado pelo próprio pesquisador.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Linguagem acessível ao sujeito da pesquisa - adequado

Justificativa, objetivos e descrição de procedimentos - adequado

Desconfortos, riscos e benefícios - adequado

Garantia de esclarecimentos - adequado

Liberdade na recusa ou retirada do consentimento - adequado

Garantia de Sigilo - adequado

Menção sobre ressarcimento - ou não - de despesas - adequado

Menção sobre garantia de indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa - adequado

Menção ao TCLE assinado em duas vias - adequado

Menção ao CEP em caso de abusos ou reclamações de cunho ético - adequado

Nome e contato com o pesquisador da pesquisa - adequado

Rubrica do pesquisador e do voluntário em TCLEs com mais de uma página - adequado

Recomendações:

A Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (Conep), do Conselho Nacional de Saúde (CNS) orienta a adoção das diretrizes do Ministério da Saúde (MS) decorrentes da pandemia causada pelo Coronavírus SARS-CoV-2 (Covid-19), com o objetivo de minimizar os potenciais riscos à saúde e a integridade dos participantes de pesquisas e pesquisadores.

De acordo com carta circular da CONEP intitulada "ORIENTAÇÕES PARA CONDUÇÃO DE PESQUISAS E ATIVIDADE DOS CEP DURANTE A PANDEMIA PROVOCADA PELO CORONAVÍRUS SARS-COV-2 (COVID-19)" publicada em 09/05/2020, referente ao item II. "Orientações para Pesquisadores":

- Aconselha-se a adoção de medidas para a prevenção e gerenciamento de todas as atividades de

Endereço: Rua Tessália Vieira de Camargo, 126, 1º andar do Prédio I da Faculdade de Ciências Médicas
Bairro: Barão Geraldo **CEP:** 13.083-887
UF: SP **Município:** CAMPINAS
Telefone: (19)3521-8936 **Fax:** (19)3521-7187 **E-mail:** cep@unicamp.br



Continuação do Parecer: 5.043.333

pesquisa, garantindo-se as ações primordiais à saúde, minimizando prejuízos e potenciais riscos, além de prover cuidado e preservar a integridade e assistência dos participantes e da equipe de pesquisa.

- Em observância às dificuldades operacionais decorrentes de todas as medidas impostas pela pandemia do SARS-CoV-2 (COVID- 19), é necessário zelar pelo melhor interesse do participante da pesquisa, mantendo-o informado sobre as modificações do protocolo de pesquisa que possam afetá-lo, principalmente se houver ajuste na condução do estudo, cronograma ou plano de trabalho.

- Caso sejam necessários a suspensão, interrupção ou o cancelamento da pesquisa, em decorrência dos riscos imprevisíveis aos participantes da pesquisa, por causas diretas ou indiretas, caberá aos investigadores a submissão de notificação para apreciação do Sistema CEP/Conep.

- Nos casos de ensaios clínicos, é permitida, excepcionalmente, a tramitação de emendas concomitantes à implementação de modificações/alterações no protocolo de pesquisa, visando à segurança do participante da pesquisa, assim como dos demais envolvidos no contexto da pesquisa, evitando-se, ainda, quando aplicável, a interrupção no tratamento dos participantes da pesquisa. Eventualmente, na necessidade de modificar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), o pesquisador deverá proceder com o novo consentimento, o mais breve possível.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Após readequação do TCLE, todos os itens previstos pela Resolução 466/2012 foram contemplados.

Considerações Finais a critério do CEP:

- O participante da pesquisa deve receber uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, na íntegra, por ele assinado (quando aplicável).

- O participante da pesquisa tem a liberdade de recusar-se a participar ou de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma e sem prejuízo ao seu cuidado (quando aplicável).

- O pesquisador deve desenvolver a pesquisa conforme delineada no protocolo aprovado. Se o

Endereço: Rua Tessália Vieira de Camargo, 126, 1º andar do Prédio I da Faculdade de Ciências Médicas
Bairro: Barão Geraldo **CEP:** 13.083-887
UF: SP **Município:** CAMPINAS
Telefone: (19)3521-8936 **Fax:** (19)3521-7187 **E-mail:** cep@unicamp.br



Continuação do Parecer: 5.043.333

pesquisador considerar a descontinuação do estudo, esta deve ser justificada e somente ser realizada após análise das razões da descontinuidade pelo CEP que o aprovou. O pesquisador deve aguardar o parecer do CEP quanto à descontinuação, exceto quando perceber risco ou dano não previsto ao participante ou quando constatar a superioridade de uma estratégia diagnóstica ou terapêutica oferecida a um dos grupos da pesquisa, isto é, somente em caso de necessidade de ação imediata com intuito de proteger os participantes.

- O CEP deve ser informado de todos os efeitos adversos ou fatos relevantes que alterem o curso normal do estudo. É papel do pesquisador assegurar medidas imediatas adequadas frente a evento adverso grave ocorrido (mesmo que tenha sido em outro centro) e enviar notificação ao CEP e à Agência Nacional de Vigilância Sanitária – ANVISA – junto com seu posicionamento.

- Eventuais modificações ou emendas ao protocolo devem ser apresentadas ao CEP de forma clara e sucinta, identificando a parte do protocolo a ser modificada e suas justificativas e aguardando a aprovação do CEP para continuidade da pesquisa. Em caso de projetos do Grupo I ou II apresentados anteriormente à ANVISA, o pesquisador ou patrocinador deve enviá-las também à mesma, junto com o parecer aprovatório do CEP, para serem juntadas ao protocolo inicial.

- Relatórios parciais e final devem ser apresentados ao CEP, inicialmente seis meses após a data deste parecer de aprovação e ao término do estudo.

- Lembramos que segundo a Resolução 466/2012, item XI.2 letra e, "cabe ao pesquisador apresentar dados solicitados pelo CEP ou pela CONEP a qualquer momento".

- O pesquisador deve manter os dados da pesquisa em arquivo, físico ou digital, sob sua guarda e responsabilidade, por um período de 5 anos após o término da pesquisa.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_P	13/10/2021		Aceito

Endereço: Rua Tessália Vieira de Camargo, 126, 1º andar do Prédio I da Faculdade de Ciências Médicas
Bairro: Barão Geraldo **CEP:** 13.083-887
UF: SP **Município:** CAMPINAS
Telefone: (19)3521-8936 **Fax:** (19)3521-7187 **E-mail:** cep@unicamp.br



Continuação do Parecer: 5.043.333

Básicas do Projeto	ETO_1816990.pdf	17:23:08		Aceito
Outros	CartaResposta.doc	13/10/2021 17:22:23	Jéssica dos Anjos Januário	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto.docx	13/10/2021 17:17:47	Jéssica dos Anjos Januário	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.docx	13/10/2021 17:16:36	Jéssica dos Anjos Januário	Aceito
Orçamento	OrcamentoPDF.pdf	01/09/2021 09:44:13	Jéssica dos Anjos Januário	Aceito
Cronograma	CronogramaPDF.pdf	01/09/2021 09:43:38	Jéssica dos Anjos Januário	Aceito
Folha de Rosto	FolhadeRostoAssinada.pdf	01/09/2021 09:36:07	Jéssica dos Anjos Januário	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

CAMPINAS, 18 de Outubro de 2021

Assinado por:

Renata Maria dos Santos Celeghini
(Coordenador(a))

Endereço: Rua Tessália Vieira de Camargo, 126, 1º andar do Prédio I da Faculdade de Ciências Médicas
Bairro: Barão Geraldo **CEP:** 13.083-887
UF: SP **Município:** CAMPINAS
Telefone: (19)3521-8936 **Fax:** (19)3521-7187 **E-mail:** cep@unicamp.br